

SÉRIE COM MAIS DE 3 MILHÕES DE LIVROS VENDIDOS

BRENT WEEKS

CAMINHO DAS SOMBRAS

ANJO DA NOITE | LIVRO 1

O assassino perfeito
não tem vínculos,
apenas vítimas



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

CAMINHO
DAS
SOMBRAS





O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não

era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

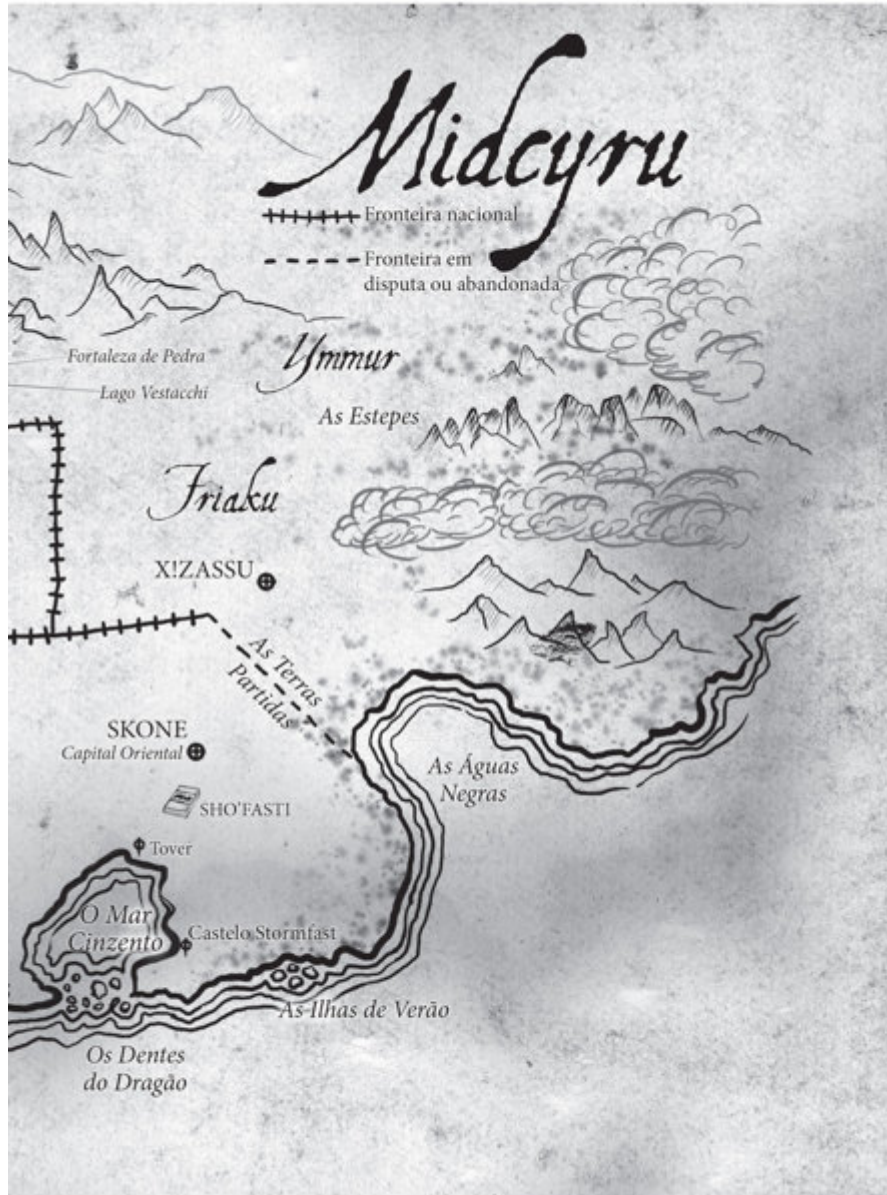
BRENT WEEKS
CAMINHO
DAS
SOMBRAS

ANJO DA NOITE | LIVRO 1



*Para Kristi: confidente, companheira,
melhor amiga, mulher.*







1

Agachado no beco, Azoth sentiu a lama fria por entre os dedos dos pés descalços. Olhou para o espaço estreito abaixo da parede e tomou coragem. O sol ainda demoraria muitas horas para nascer e a taberna estava às moscas. A maioria das tabernas da cidade tinha chão de terra batida, mas aquela parte das Tocas havia sido construída sobre um pântano. Como nem os bêbados mais determinados gostam de encher a cara com lama até os tornozelos, o estabelecimento fora erguido alguns centímetros sobre palafitas e o chão era feito de grossas varas de bambu.

Moedas às vezes caíam pelas frestas, mas o espaço inferior era baixo demais para a maioria das pessoas. Os grandes da guilda não cabiam e os pequenos eram medrosos demais para se espremerem naquela escuridão sufocante compartilhada com aranhas, baratas, ratos e o gato selvagem que pertencia ao dono. O pior de tudo era a pressão do bambu nas costas, que o esmagava toda vez que um cliente caminhava pela taberna. Durante um ano, aquele fora o lugar preferido de Azoth, mas ele não era mais tão pequeno como antigamente. Da última vez, ficara entalado e passara horas em pânico até começar a chover e o chão amolecer o suficiente para que pudesse escavar uma saída.

Aquele era o momento perfeito: o chão estava enlameado, não havia clientes e o gato tinha sumido. Além disso, Rato coletaria a taxa da guilda no dia seguinte e Azoth ainda não conseguira as quatro moedas de cobre, de modo que não lhe restava muita escolha. Rato não era um sujeito

compreensivo nem tinha noção da própria força. Muitos pequenos morreram depois de apanhar dele.

Empurrando de lado montinhos de lama, Azoth se deitou de bruços. A terra molhada encharcou sua túnica fina e imunda na mesma hora. Precisaria agir depressa. Era um menino magro e, se pegasse um resfriado, as chances de se curar não seriam lá muito boas.

Deslizou pelo escuro e começou a procurar um brilho metálico. Algumas lamparinas estavam acesas na taberna e a luz vazava pelas frestas, iluminando a lama e a água empoçada com retângulos alaranjados. A névoa do pântano subia pelos fachos, se condensava e caía, repetindo o movimento vezes sem conta. Teias de aranha se desfaziam no rosto de Azoth e ele sentiu uma ardência na nuca.

Parou na mesma hora. Não, era só sua imaginação. Expirou bem devagar. Algo reluziu na escuridão e ele catou a primeira moeda de cobre. Deslizou até a viga de pinho, sob a qual ficara entalado na vez anterior, e escavou a lama até o buraco se encher de água. Mesmo assim, a brecha continuou tão estreita que ele precisaria virar a cabeça de lado e se espremer para passar por baixo. Prendeu a respiração, enfiou a cara na água barrenta e começou a engatinhar bem devagar.

A cabeça e os ombros passaram, mas um pedaço de galho o agarrou na parte de trás da túnica, machucando suas costas e rasgando o tecido. Por pouco ele não gritou. Por um espaço mais largo entre duas varas de bambu, viu um homem sentado em frente ao balcão, bebendo. Nas Tocas, era essencial avaliar as pessoas. Mesmo quem tinha as mãos velozes, como Azoth, alguma hora acabava sendo pego. Todos os comerciantes batiam nos meninos da guilda que roubavam. Se quisessem ter alguma mercadoria para vender, eram obrigados a fazer isso. O pulo do gato estava em escolher aqueles que espancariam apenas o suficiente para você pensar duas vezes antes de roubá-los de novo; outros dariam a última surra de sua vida.

Havia algo de bondoso, triste e solitário naquela silhueta comprida. O homem devia andar pela casa dos 30, tinha uma barba loura desgrenhada e levava uma espada enorme presa na cintura.

– Como pôde me abandonar? – sussurrou ele, tão baixinho que Azoth mal conseguiu distinguir as palavras. Segurava uma caneca na mão esquerda, enquanto a direita envolvia algo que Azoth não conseguia ver. – Depois de tantos anos que passei a seu serviço, como pôde me abandonar agora? É por causa de Vonda?

Azoth sentiu uma coceira na batata da perna; ignorou-a. Era apenas sua imaginação outra vez. Levou a mão às costas para soltar a túnica. Precisava achar as moedas e sair logo dali.

Algo pesado caiu no chão acima dele e empurrou seu rosto para dentro d'água, expulsando o ar de seus pulmões. Ele arquejou e quase bebeu um pouco da água suja.

– Ora, Durzo Blint, você sempre me surpreende – disse o homem acima de Azoth. Não dava para vê-lo por entre as frestas, apenas sua adaga em punho. Devia ter pulado das vigas do telhado. – Também acho que as pessoas devem cumprir suas ameaças, mas devia ter visto Vonda quando ela compreendeu que você não iria salvá-la. Juro, eu quase chorei.

O homem comprido se virou. Sua voz saiu vagarosa, embargada:

– Eu matei seis homens hoje. Quer que sejam sete?

Azoth aos poucos entendeu do que estavam falando. O homem comprido era o derramador Durzo Blint. Um derramador era mais ou menos como um assassino... da mesma maneira que um tigre era mais ou menos como um filhote de gato. Entre os derramadores, Durzo Blint era *sem dúvida* o melhor. E, como costumava dizer o líder da guilda de Azoth, qualquer dúvida quanto a isso não durava muito.

E eu achei por um minuto que Durzo Blint tinha um ar bondoso!

A batata da perna de Azoth tornou a coçar. Não era sua imaginação. Algo estava subindo por dentro da sua calça. Parecia grande, mas não tanto quanto uma barata. O medo de Azoth identificou o peso: era uma aranha-lobo. O veneno daquele bicho liquefazia a carne humana em um círculo que aumentava lentamente. Mesmo com a ajuda de um curandeiro, um adulto picado perdia um dos membros na melhor das hipóteses. Um menino da guilda não teria a mesma sorte.

– Blint, com tudo o que você andou bebendo, vai ter sorte se não cortar a própria cabeça. Só durante o tempo que passei vigiando, você tomou...

– Oito canecas. E antes já tinha tomado quatro.

Azoth não se mexeu. Se unisse as pernas com um tranco para matar a aranha, a água chapinharia e os homens saberiam que ele estava ali. Ainda que Durzo Blint tivesse lhe parecido bondoso, aquela espada era grande à beça e Azoth sabia que não podia confiar em adultos.

– Você está blefando – disse o outro homem, mas o medo transpareceu em sua voz.

– Eu não blefo. Por que não convida seus amigos para entrar?

A aranha subiu pela parte interna da coxa de Azoth. Tremendo, ele ergueu a parte de trás da túnica e esticou o cós da calça, formando uma abertura e rezando para o animal sair por ali.

Acima dele, o homem da adaga levou dois dedos à boca e assobiou. Azoth não viu Durzo se mexer, mas o assobio terminou em um gorgolejo; instantes depois, um corpo desabou no chão. Houve gritos e as portas da frente e dos fundos da taberna se abriram de supetão. As tábuas se vergaram e deram pinotes. Concentrado em não sacudir a aranha, Azoth não se mexeu, nem mesmo quando outro corpo caiu e empurrou seu rosto de novo para dentro d'água.

O bicho rastejou pela bunda de Azoth e subiu no seu polegar. Bem devagar, o menino aproximou a mão para poder vê-lo. Seus temores estavam certos: era uma aranha-lobo, com as patas tão compridas quanto seu polegar. Ele a jogou longe e esfregou os dedos para se certificar de que não fora picado.

Estendeu a mão para o galho partido que prendia sua túnica e o quebrou. No súbito silêncio lá em cima, o barulho foi amplificado. A poucos metros, algo pingava das tábuas e formava uma poça. Estava escuro demais para ver o que era, mas bastava um pouco de imaginação para adivinhar.

Aquele silêncio era sinistro. Se qualquer um tivesse andado pelo piso, teria feito as tábuas gemerem e os bambus se vergarem. A luta inteira durara uns vinte segundos e Azoth tinha certeza de que ninguém saíra da taberna.

Será que haviam se matado até o último homem?

Sentiu frio e não foi só por causa da água. A morte não era algo raro nas Tocas, mas Azoth nunca tinha visto tantas pessoas morrerem com tamanha rapidez e facilidade.

Mesmo tomando um cuidado extra por causa da aranha, em poucos minutos conseguiu catar seis moedas de cobre. Se tivesse mais coragem, saquearia os cadáveres na taberna, mas não conseguia acreditar que Durzo Blint estivesse morto. Talvez o homem fosse mesmo um demônio, como as outras crianças alegavam. Talvez estivesse à espreita lá fora, esperando para matar Azoth por espioná-lo.

Com o peito contraído de medo, o menino se virou e rastejou em direção ao seu buraco. Seis moedas de cobre. Como a taxa eram só quatro, poderia comprar pão e dividir com Jarl e a Menina-Boneca no dia seguinte.

A 30 centímetros da abertura, algo brilhante cintilou bem em frente ao seu nariz. Estava tão perto que foi preciso alguns instantes para o objeto entrar em foco. Era a imensa espada de Blint fincada na lama, impedindo a fuga de Azoth.

Logo acima dele, do outro lado do bambu, o homem sussurrou:

– Nunca conte o que aconteceu aqui. Entendeu? Já fiz coisa pior do que matar crianças.

A espada desapareceu e Azoth partiu correndo noite adentro. Só parou quilômetros depois.



– **Q**uatro moedas de cobre! Quatro! Aqui não tem quatro!

O rosto de Rato estava tão vermelho de raiva que suas espinhas pareciam uma profusão de pontinhos brancos. Ele agarrou a túnica esfarrapada de Jarl e o ergueu do chão. Azoth baixou a cabeça. Não conseguia assistir àquilo.

– Quatro é isto aqui! – gritou Rato, perdigotos saindo de sua boca.

Quando ele deu um tapa na cara de Jarl, Azoth entendeu que aquilo era uma performance, não a surra, pois Rato com certeza estava batendo no amigo, mas o fazia com *a mão aberta*. Assim provocava mais barulho. Ele nem prestava atenção no garoto. Em vez disso, observava o resto da guilda, saboreando o medo que causava.

– Quem é o próximo? – perguntou, largando Jarl.

Azoth logo deu um passo à frente para Rato não chutar seu amigo. Aos 16 anos, o cobrador já tinha o tamanho de um homem feito e era gordo, o que o destacava entre os nascidos escravos.

Azoth estendeu suas quatro moedas de cobre.

– Oito, fedelho – disse Rato, pegando o dinheiro.

– Oito?

– Você tem que pagar pela Menina-Boneca também.

Azoth olhou em volta à procura de ajuda. Alguns dos grandes se remexeram e se entreolharam, mas ninguém disse nada.

– Ela é pequena demais – alegou Azoth. – Os pequenos só pagam taxas

depois dos 8 anos.

A atenção se transferiu para Menina-Boneca, sentada no chão de terra batida. Ela percebeu os olhares e se encolheu. Era minúscula, mas tinha olhos imensos. Por debaixo da sujeira, seus traços eram tão perfeitos quanto o apelido sugeria.

– Pois ela tem 8 anos para mim, a não ser que desminta – disse Rato com um olhar maldoso. – Então, Menina-Boneca? Se não falar, dou uma surra no seu namorado.

Os olhos dela ficaram ainda maiores e Rato riu. Azoth não protestou nem explicou que a garota era muda. Não adiantaria. Rato sabia. Todo mundo sabia. Mas Rato era o Punho. Só obedecia a Ja'laliel, que não estava ali.

Ele puxou Azoth mais para perto e baixou a voz.

– Azo, por que você não se junta aos meus meninos bonitos? Nunca mais vai precisar pagar taxas.

Azoth tentou falar, mas sua garganta estava tão contraída que ele só conseguiu ganir. Rato riu de novo e todos o acompanharam, alguns apreciando a humilhação, outros apenas com a intenção de deixá-lo de bom humor. Ódio percorria o corpo de Azoth. Odiava Rato, odiava a guilda, odiava a si mesmo.

Pigarreou para tentar falar outra vez. Rato o encarou e sorriu com desdém. Ele era grande, mas não burro. Sabia quanto pressionava Azoth. Sabia que ele desabaria de medo, igual a todos os outros.

Mas Azoth cuspiu um naco de catarro na sua cara.

– Vai se foder, seu rato gordo!

O silêncio aturdido pareceu durar para sempre. Um instante dourado de vitória. Azoth teve a impressão de ouvir queixos caindo. A sanidade estava começando a se apoderar dele outra vez quando o punho de Rato o acertou na orelha. O mundo se tornou um borrão quando ele caiu no chão. Compreendendo que estava prestes a morrer, Azoth piscou e olhou para seu inimigo, cujos cabelos negros reluziam feito um halo contra o sol do meio-dia.

– Rato! Rato, estou precisando de você.

Azoth rolou de bruços e viu Ja'laliel surgir pela porta da guilda. Embora não fizesse calor, sua pele pálida estava salpicada de suor. Ele tossiu de forma pouco saudável.

– Rato! Eu disse *agora*!

Rato enxugou o rosto. Sentir sua raiva arrefecer foi mais assustador do que vê-la se abrasar. Sua expressão desanuviou e ele sorriu para Azoth. Apenas sorriu.

* * *

– E aí, Jota-O? – disse Azoth.

– E aí, Azo? – respondeu Jarl, indo se juntar ao amigo e à Menina-Boneca. – Você é burro feito uma porta, sabia? Agora todo mundo vai chamar o cara de rato gordo pelas costas dele durante anos.

– Ele queria que eu virasse uma das meninas dele!

Os três estavam apoiados em um muro a vários quarteirões de distância, compartilhando o pão dormido comprado por Azoth. O aroma de pão no forno, embora menos intenso àquela hora do dia, disfarçava os cheiros do esgoto e do lixo que apodrecia nas margens do rio, além do forte odor rançoso de urina dos curtumes.

Enquanto a arquitetura ceurana era toda composta por bambus, divisórias e biombos de fibra de arroz, a cenária era mais grosseira, pesada, e faltava-lhe a simplicidade estudada do estilo ceurano. Enquanto a arquitetura alitaerana era toda de granito e madeira de pinho, a cenária era menos formidável e durável. Enquanto a arquitetura osseini era toda baseada em coruchéus e imensos arcos, as únicas construções cenárias com mais de dois andares eram alguns casarões nobres no lado leste. Os prédios cenários eram todos atarracados, úmidos, vagabundos e baixos, sobretudo nas Tocas. Um material que custasse o dobro do preço jamais seria usado, ainda que durasse quatro vezes mais. Os cenários não pensavam muito, pois

sua vida durava pouco. Suas construções muitas vezes tinham bambu e fibra de arroz, pois ambos cresciam ali perto, e também pinho e granito, encontrados não muito longe, mas não havia um estilo próprio. O país fora conquistado tantas vezes ao longo dos séculos que não havia muito de que se orgulhar além da própria sobrevivência. E nas Tocas não existia sequer esse orgulho.

Sem prestar muita atenção, Azoth partiu o pão em três pedaços e fez uma careta, pois um deles ficara desigual. Pôs um dos maiores em cima da perna e entregou o outro à Menina-Boneca, que o seguia como uma sombra. Estava prestes a entregar a parte pequena para Jarl quando viu o rosto da garota se franzir, desaprovador.

Azoth deu um suspiro e pegou o pedaço menor para si. Jarl nem reparou.

– Melhor virar uma das meninas dele do que morrer – disse Jarl.

– Não vou acabar igual a Bim.

– Azo, quando Ja'laliel comprar a avaliação dele, Rato vai virar o líder da nossa guilda. Você tem 11 anos. Ainda faltam cinco para a sua avaliação. Nunca vai sobreviver até lá. Em comparação com você, Rato vai fazer Bim parecer um cara de sorte.

– O que eu faço então, Jarl?

Em geral, aquela era a hora preferida de Azoth: calava a voz insistente da fome na companhia das duas pessoas que não precisava temer. Mas agora o pão tinha gosto de pó. Olhou na direção do mercado. A peixeira ainda não começara a bater no marido.

Jarl sorriu e os dentes brilharam, contrastando com sua pele negra de ladeshi.

– Se eu contar um segredo, vocês conseguem ficar de bico calado?

Azoth olhou para um lado, depois para o outro, e chegou mais perto de Jarl. O barulho alto de pão sendo mastigado ao seu lado o deteve.

– Bom, *eu* consigo. Não tenho tanta certeza em relação à Menina-Boneca.

Ambos se viraram para onde ela estava sentada, mordendo a ponta do

pão. A combinação das migalhas grudadas na sua cara com a expressão de ultraje os fez uivar de tanto rir.

Azoth esfregou a cabeça loura da menina e puxou-a mais para perto quando ela não desfez a careta. Ela tentou se soltar, mas logo desistiu e olhou para Jarl, curiosa. Ele ergueu a túnica e pegou um trapo que havia amarrado em volta do corpo.

– Eu não vou ser como os outros, Azo. Não vou simplesmente deixar a vida fazer de mim o que quiser. Eu vou me mandar.

No meio das dobras do trapo, havia uma dúzia de moedas de cobre, quatro de prata e algo que parecia impossível: dois gunders de ouro.

– Quatro anos. Faz quatro anos que estou economizando.

Ele pôs mais dois cobres dentro da faixa.

– Quer dizer que, todas as vezes que Rato bateu em você por não ter dinheiro, você já estava com isso?

Jarl sorriu e Azoth compreendeu. As surras eram um preço pequeno a pagar pela esperança. Depois de um tempo, a maioria das crianças da guilda se encolhia e deixava a vida surrá-las. Elas viravam animais. Ou então perdiam a cabeça, como Azoth, e acabavam sendo mortas.

Ao olhar para aquele tesouro, uma parte de Azoth quis bater em Jarl, pegar a faixa e sair correndo. Com aquele dinheiro, poderia ir embora, arrumar roupas para substituir seus andrajos e pagar a taxa de aprendiz em algum lugar, qualquer lugar. Talvez até com Durzo Blint, como tantas vezes tinha dito a Jarl e à Menina-Boneca que faria.

Então encarou a garotinha. Sabia como ela olharia para ele se roubasse aquela faixa cheia de vida.

– Se algum de nós consegue sair das Tocas, esse é você, Jarl. Você merece. Tem algum plano?

– Sempre. – Ele ergueu o rosto; seus olhos castanhos brilhavam. – Quero que você fique com o dinheiro, Azo. Assim que descobrirmos onde Durzo Blint mora, vamos tirar você daqui. Está bem?

Azoth encarou a pilha de moedas. Quatro anos. Dezenas de surras. Não só não sabia se faria o mesmo por Jarl, mas também havia pensado em

roubar do amigo. Não conseguiu conter as lágrimas, que rolaram quentes. Sentia muita vergonha. Sentia muito medo. De Rato. De Durzo Blint. O medo não o largava. Mas, se fosse embora, poderia ajudar Jarl. E Blint lhe ensinaria a matar.

Ergueu a vista para o amigo; não se atreveu a encarar a Menina-Boneca por medo do que poderia ver em seus grandes olhos castanhos.

– Eu aceito.

Já sabia quem iria matar primeiro.



Durzo Blint subiu no muro da pequena propriedade e observou o guarda passar. *O guarda perfeito*, pensou. Meio lento, sem imaginação e obediente. O homem deu seus 39 passos, parou na quina do muro, plantou sua alabarda no chão, coçou a barriga por baixo da túnica militar, olhou para todas as direções, então seguiu em frente.

Trinta e cinco. Trinta e seis. Durzo saiu da sombra do sujeito e se pendurou do outro lado da passarela. Segurou-se apenas pelas pontas dos dedos.

Agora. Soltou-se e aterrissou na grama bem na hora em que o guarda bateu com o cabo da alabarda na passarela de madeira. Duvidava que ele tivesse escutado, mas, no ofício de derramador, a paranoia era mãe da perfeição. O quintal era pequeno e a casa não parecia muito maior. Fora construída em estilo ceurano, com divisórias translúcidas feitas de arroz. As portas e os arcos eram feitos de cipreste-de-folha-caduca e cedro-branco, e um pinho local mais barato fora usado para a estrutura e o piso. Tratava-se de uma casa sem excessos, como todas as ceuranas, o que condizia com o passado militar e a personalidade ascética do general Agon. Mais do que isso: condizia com seu orçamento. Apesar dos seus muitos sucessos, o rei Davin não o recompensara bem; isso era parte do motivo pelo qual o derramador estava ali.

Durzo achou uma janela destrancada no primeiro andar. A esposa do general, uma mulher sem graça, dormia esparramada numa cama, roncando

baixinho. As cobertas ao lado dela estavam remexidas. O casal não era ceurano o suficiente para esteiras de palha, mas era pobre o suficiente para o colchão ser de palha, não de plumas.

O derramador entrou no quarto e usou seu Talento para suavizar o barulho dos passos no piso de tábuas.

Curioso. Um olhar rápido confirmou que o general não tinha apenas ido fazer uma visita conjugal noturna. Os dois de fato dividiam o quarto. Talvez ele fosse ainda mais pobre do que as pessoas pensavam.

Por baixo da máscara, a testa de Durzo se franziu. Era um detalhe que ele não precisava saber. Sacou a curta faca envenenada e andou até a cama. A mulher não sentiria nada.

Durzo parou. Ela estava virada *na direção* das cobertas mexidas. Dormia aninhada ao marido antes de ele se levantar. Não do outro lado da cama, como faria qualquer esposa que estivesse apenas cumprindo os deveres conjugais.

Aquela era uma união de amor. Depois do assassinato, Aleine Gunder planejava oferecer ao general um novo e rápido matrimônio com uma rica nobre. Mas aquele homem, que havia desposado por amor uma mulher malnascida, reagiria de modo bem diferente ao assassinato da esposa do que um que houvesse se casado por ambição.

Que idiota. O príncipe estava tão consumido pela ganância que pensava que todos também fossem assim. O derramador embainhou a faca e saiu para o corredor. Ainda faltava saber onde estava o general. E rápido.

– Maldição, homem! O rei Davin está à beira da morte. Eu ficaria espantado se ele durasse mais uma semana.

Quem quer que tivesse dito isso estava certo. O derramador havia ministrado a última dose de veneno ao rei naquela mesma noite. Quando o dia raiasse, Davin estaria morto, deixando um trono vago para ser disputado por um homem forte e justo e outro fraco e corrupto. O Sá'kagé do submundo tinha grande interesse nesse desfecho.

A voz tinha vindo do térreo. O derramador andou depressa até o fim do corredor. A casa era tão pequena que a sala de recepção funcionava também

como escritório. Podia agora ver perfeitamente os dois homens.

O general Brant Agon tinha uma barba grisalha, cabelos curtos e despenteados e um jeito brusco de se mover, sempre de olho em tudo. Era magro, musculoso, com pernas levemente arqueadas devido a uma vida inteira passada a cavalo.

O homem na frente dele era o duque Regnus Gyre. A cadeira de espaldar alto rangeu quando ele mudou de posição. Imenso, alto e largo, estava em boa forma. Suas mãos, enfeitadas com vários anéis, repousavam sobre a barriga.

Pelos Anjos da Noite, eu poderia matar os dois e acabar com os problemas dos Nove agora mesmo.

– Será que estamos nos enganando, Brant? – perguntou o duque Gyre.

O general hesitou.

– Duque...

– Não, Brant. Preciso da sua opinião como amigo, não como vassalo.

Durzo chegou mais perto. Sacou as facas devagar, tomando cuidado com as pontas envenenadas.

– Se não fizermos nada, Aleine Gunder se tornará rei – disse o general. – Ele é um homem fraco, sem caráter e sem fé. O Sa'kagé já manda nas Tocas; as patrulhas reais nem saem das ruas principais e você conhece os motivos pelos quais isso só tende a piorar. Os Jogos da Morte deixaram o Sa'kagé isolado. Aleine não tem força de vontade nem inclinação para enfrentá-lo agora, enquanto nós ainda podemos expulsá-los. Portanto, será que estamos nos enganando ao pensar que você seria um rei melhor? De jeito nenhum. O trono é seu por direito.

Blint quase sorriu. Os Nove do Sa'kagé, chefes do submundo, concordavam com cada palavra do que aqueles dois diziam; era por isso que Blint iria garantir que Regnus Gyre não se tornasse rei.

– E taticamente? Seria possível?

– Com um derramamento de sangue mínimo. O duque Wesseros está fora do país. Meu próprio regimento está na cidade. Os homens acreditam em você. Nós precisamos de um rei forte. De um rei bom. Precisamos de

você, Regnus.

O duque Gyre olhou para as próprias mãos.

– E a família de Aleine? Ela fará parte do “derramamento mínimo” de sangue?

O general respondeu em voz baixa:

– É a verdade que quer ouvir? Sim. Mesmo se não dermos essa ordem, um de nossos homens vai matá-los para proteger você, ainda que corra o risco de morrer enforcado. É quanto acreditam em você.

O duque Gyre deu um suspiro.

– A dúvida então é: será que o assassinato de alguns agora compensa o bem de muitos no futuro?

Quanto tempo faz que eu não tenho esse tipo de dilema? Durzo mal conseguiu conter o impulso irresistível de lançar as facas. Uma raiva repentina o abalava. *Por que estou me sentindo assim?*

Era Regnus. Aquele homem lhe lembrava outro rei a quem já servira. Um rei digno de ser chamado assim.

– Isso cabe a você responder, duque – respondeu o general Agon. – Mas, se me permite a pergunta, será que a questão é mesmo tão filosófica?

– Como assim?

– Você ainda ama Nalia, não ama?

Nalia era casada com Aleine. Regnus fez uma cara infeliz.

– Fui noivo dela por dez anos, Brant. Nós fomos o primeiro amor um do outro.

– Perdão, duque. Isso não é da minha...

– Não, Brant. Eu nunca falo sobre isso. Agora que preciso escolher entre ser um homem ou um rei, deixe-me falar. – Ele inspirou fundo. – Já faz quinze anos que o pai de Nalia rompeu nosso noivado e a casou com aquele cachorro. Eu deveria ter superado isso. E superei, exceto quando sou obrigado a vê-la com os filhos ou a imagino dividindo a cama com Aleine Gunder. A única alegria que o meu casamento me trouxe foi meu filho, Logan, e não acredito que o de Nalia tenha sido muito diferente.

– Considerando a natureza involuntária desses dois matrimônios,

duque, não seria possível você se divorciar de Catrinna e se casar com...?

Regnus fez que não com a cabeça.

– Enquanto os filhos da rainha estiverem vivos, serão sempre uma ameaça para o meu filho, quer eu os condene ao exílio ou os adote. O mais velho de Nalia está com 14 anos... idade suficiente para não esquecer que estava destinado ao trono.

– O direito está a seu favor, duque. Quem pode saber as respostas imprevisíveis que surgirão para esses problemas quando se sentar no trono?

Regnus meneou a cabeça, desanimado; obviamente o destino de centenas de milhares de vidas dependia dele. Só não sabia quanto seu destino também estava incluído nesse balaio. *Se ele estiver planejando uma rebelião, eu o mato, juro pelos Anjos da Noite. Agora sirvo apenas ao Sa'kagé. E a mim mesmo. Sempre a mim mesmo.*

– Que as gerações ainda por nascer me perdoem – disse Regnus Gyre, com lágrimas nos olhos. – Mas, Brant, não vou cometer assassinato por algo incerto. Não posso fazer isso. Vou jurar lealdade.

O derramador tornou a embainhar as facas, ignorando as sensações concomitantes de alívio e desespero que o dominaram.

É aquela maldita mulher. Ela me arruinou. Ela arruinou tudo.

Blint viu a emboscada a 50 passos de distância e caiu direto nela. Ainda faltava uma hora para o sol nascer e as únicas pessoas nas ruas sinuosas das Tocas eram os comerciantes embriagados que seguiam depressa para casa ao encontro das esposas.

A guilda – Dragão Negro, ele supôs, pelos símbolos – estava escondida após uma passagem estreita no beco, da qual os meninos podiam pular para bloquear as duas saídas da rua e também atacar dos telhados baixos.

Ele vinha fingindo ter um problema no joelho direito e havia puxado mais a capa em torno dos ombros e coberto bem o rosto com o capuz.

Quando se aproximou mancando da armadilha, um dos garotos mais velhos, um *grande*, como eram chamados, pulou no beco à sua frente e assobiou, brandindo um sabre enferrujado. Outras crianças cercaram o assassino.

– Quanta esperteza! – exclamou Durzo. – Vocês montam uma emboscada antes do raiar do dia, quando a maioria das outras guildas está dormindo, e conseguem surpreender as bolsas que passaram a noite inteira na rua com as putas. Esses homens não querem explicar às esposas nenhum hematoma causado por brigas, de modo que entregam as moedas. Nada mau. De quem foi a ideia?

– Do Azoth – respondeu um grande, apontando para trás do derramador.

– Cale essa boca, Roth! – ordenou o chefe da guilda.

O derramador olhou para o menino pequeno em cima do telhado. Ele segurava uma pedra e seus olhos azul-claros estavam concentrados e alertas. O garoto lhe pareceu familiar.

– Ah, agora vocês entregaram onde ele está – comentou Durzo.

– Cale a boca você também! – berrou o chefe da guilda, sacudindo o sabre para ele. – Passe a bolsa ou nós o matamos.

– Ja'laliel – disse um menino negro. – Ele chamou as vítimas de “bolsas”. Um comerciante não poderia saber que falamos assim. Ele é do Sa'kagé.

– Cale essa boca, Jarl! Nós precisamos dessas moedas. – Ja'laliel tossiu e cuspiu sangue. – Passe logo o...

– Não estou com tempo para isso. Saiam da frente – retrucou Durzo.

– Pode ir passando o...

O derramador se projetou para a frente e, com a mão esquerda, torceu a mão de Ja'laliel que segurava o sabre, girando o corpo dele com o mesmo movimento. Seu cotovelo direito acertou a têmpora do chefe da guilda, mas ele conteve o golpe para que não fosse mortal.

Antes mesmo de os meninos se mexerem, a briga terminou.

– Eu disse que não estava com tempo para isso – repetiu Durzo e tirou o capuz da cabeça.

Sabia que sua aparência não era lá grande coisa. Ele era magro, alto e tinha os traços marcados, cabelos louro-escuros e uma barba loura rala com leves cicatrizes. Pelo modo como os meninos recuaram, porém, poderia muito bem ter três cabeças.

– Durzo Blint – murmurou Roth.

Pedras caíram no chão. O nome se espalhou feito uma onda pelos meninos, em cujos olhos Blint pôde ver medo e assombro. Eles haviam acabado de tentar assaltar uma lenda.

Abriu um leve sorriso.

– Afiem esse troço. Só um amador deixa sua arma enferrujar.

Jogou o sabre em uma sarjeta entupida de esgoto. Então avançou por entre os meninos, que abriram caminho como se Blint fosse capaz de matar todos eles com apenas um toque.

Azoth ficou olhando o derramador caminhar para dentro da bruma do início da manhã e desaparecer no sorvedouro das Tocas, assim como tantas outras esperanças. Durzo Blint era tudo que ele não era: poderoso, perigoso, confiante, destemido. Parecia um deus. Olhou para a guilda inteira preparada para enfrentá-lo, inclusive os grandes como Roth, Ja'laliel e Rato, e achou graça. Graça! *Um dia*, jurou Azoth. Não se atreveu a terminar o pensamento, com medo de Blint sentir sua presunção, mas seu corpo inteiro ansiava por aquilo. *Um dia*.

Quando o derramador já estava longe o suficiente para perceber, Azoth foi atrás dele.



4

Os espancadores que protegiam a câmara subterrânea dos Nove olharam para Durzo de cara feia. Eram gêmeos e estavam entre os homens mais parrudos do Sa'kagé. Ambos tinham um raio tatuado na testa.

– Armas? – indagou um deles.

– Olá, Canhoto – cumprimentou Durzo enquanto entregava a espada, três adagas, os dardos presos ao pulso e várias pequenas bolas de vidro penduradas no braço.

– Eu sou o Canhoto – disse o outro gêmeo enquanto o revistava com gestos vigorosos.

– Dá para pegar mais leve? – pediu Durzo. – Nós sabemos que, se eu quisesse matar alguém aí dentro, poderia fazer isso com ou sem armas.

Canhoto enrubesceu.

– E também sabemos que eu quero enfiar esta bela espada...

– O que Canhoto quis dizer foi: por que você não finge que não é uma ameaça e nós fingimos que somos? – interrompeu Bernerd. – É só uma formalidade, Blint. Igual a dizer “tudo bem” para alguém na rua.

– Eu nunca fiz isso.

– Fiquei triste ao saber sobre Vonda – disse Bernerd. Durzo estacou e sentiu como se uma lança lhe retorcesse as entranhas. – Sério – acrescentou o homem grandalhão, segurando a porta. Olhou de relance para o irmão.

Parte de Durzo sabia que deveria dizer algo incisivo, ameaçador ou engraçado, mas sua língua parecia feita de chumbo.

– Mestre Blint? – insistiu Bernerd.

Recuperando o autocontrole, Durzo entrou na sala de reunião dos Nove sem erguer os olhos. Era um lugar feito para inspirar medo. Uma plataforma esculpida em vidro de fogo negro dominava o recinto. Sobre ela, nove cadeiras. Uma décima estava posicionada um pouco mais acima, como se fosse um trono. Diante delas havia apenas o piso vazio. As pessoas que os Nove interrogavam respondiam às perguntas em pé.

A sala tinha o formato de um retângulo estreito, porém comprido. O pé-direito era tão alto que desaparecia na escuridão. Isso dava aos depoentes a sensação de serem interrogados no inferno. O fato de as cadeiras, paredes e até mesmo o chão serem esculpidos com pequenos dragões, gárgulas e pessoas, todos se esgoelando, não ajudava em nada a aliviar esse efeito.

Mas Durzo entrou ali com uma familiaridade descontraída. A noite para ele não continha terror algum. As sombras acolhiam seus olhos, não lhe escondiam nada. *Pelo menos ainda tenho isso.*

Com exceção de Mama K, os Nove tinham o rosto coberto, embora a maioria soubesse que não podia esconder de Durzo sua identidade. Mais acima, sentado em seu trono, estava o Shinga, Pon Dradin, imóvel e calado como sempre.

– A mulher eshtá morta? – perguntou Corbin Fishill.

Era um homem bonito e elegante, com uma reputação cruel, sobretudo em relação às crianças das guildas que administrava. Por algum motivo, as risadas que sua língua presa poderia ter provocado eram sufocadas pela maldade sempre presente na sua expressão.

– A situação não é como imaginam – respondeu Durzo.

Fez-lhes um breve relatório. O rei logo estaria morto, mas os homens que o Sa'kagé temia que fossem sucedê-lo não tentariam assumir o poder. Logo, o trono ficaria com Aleine Gunder, que era fraco demais para ousar se meter com o Sa'kagé.

– Minha sugestão é fazer o príncipe promover o general Agon a general-chefe – concluiu ele. – Agon impediria o príncipe de consolidar seu poder, e se Khalidor tentar alguma coisa...

O diminuto ex-trafficante de escravos o interrompeu:

– Embora nós reconheçamos o seu... argumento em relação a Khalidor, mestre Blint, não vamos desperdiçar nosso capital político com um reles general.

– Não precisamos fazer isso – interveio Mama K. A Senhora dos Prazeres ainda era uma linda mulher, embora havia muitos anos já não fosse a mais famosa cortesã da cidade. – Podemos conseguir o que queremos fingindo que outra pessoa pediu. – Todos pararam para escutá-la. – O príncipe estava disposto a comprar o apoio do general com um casamento político. Então vamos dizer a ele que o preço de Agon é outro: uma nomeação política. O general jamais saberá e é pouco provável que o príncipe faça perguntas a respeito.

– E isso nos dá poder de barganha para reabrir a questão da escravidão – acrescentou o trafficante.

– Não vamos voltar a ser traficantes de escravos nem por cima do meu cadáver! – retrucou um homem.

Era grande, meio gordo, com bochechas pesadas, olhos miúdos e punhos cheios de cicatrizes dignos do mestre dos espancadores do Sa'kagé.

– Esha conversha pode eshperar. Blint não preshisha eshtar preshente – disse Corbin. Virou seus olhos de pálpebras pesadas para Durzo. – Voshê não matou hoje.

Deixou a afirmação no ar. Blint o encarou, recusando-se a aceitar a provocação.

– Ainda pode fashê-lo?

Palavras eram inúteis para homens como Corbin. Ele falava a língua da carne. Quando Durzo avançou em direção à plataforma, Corbin não se encolheu nem parou de encará-lo embora vários dos Nove tenham ficado claramente nervosos. Por baixo da calça de veludo de Fishill, Blint pôde ver seus músculos se contraírem.

Corbin desferiu um chute na direção do rosto de Durzo, mas este já havia se esquivado, dando um passo para trás e espetando uma agulha bem fundo na panturrilha de Fishill.

Um sino tocou e, segundos depois, Bernerd e Canhoto irromperam no recinto. Blint cruzou os braços e não fez qualquer movimento para se defender. Ele era um homem alto, mas seu corpo era todo constituído de massa magra e tendões. Canhoto atacou feito um cavalo de guerra. Durzo apenas estendeu os dois braços, com as mãos espalmadas. Quando o grandalhão trombou com Blint, o impossível aconteceu. Em vez de esmagá-lo, o ataque de Canhoto terminou na mesma hora.

Seu rosto parou primeiro, e o nariz se esborrachou na mão aberta de Durzo. Seu corpo se ergueu em paralelo ao piso, depois desabou no chão de pedra.

– Parem com isso! – gritou Corbin.

Bernerd estacou em frente a Durzo, então foi se ajoelhar junto ao irmão. Canhoto gemia e o sangue que saía de seu nariz enchia a boca de um rato esculpido no chão de pedra.

Com uma careta, Corbin tirou a agulha da panturrilha.

– O que é isso, Blint?

– Você quer saber se ainda sou capaz de matar? – Durzo pôs um pequeno vidro em frente a ele. – Se a agulha estiver envenenada, o antídoto é este. Mas, se não estiver, o antídoto vai matá-lo. A escolha é sua.

– Beba, Corbin – ordenou Pon Dradin. Era a primeira vez que o Shinga se pronunciava desde que Durzo havia entrado no recinto. – Sabe de uma coisa, Blint? Você seria um derramador mais estimado se não soubesse que é o melhor. Você é o melhor... mas quem dá as ordens aqui ainda sou eu. Da próxima vez que tocar um dos meus Nove, haverá consequências. Agora suma daqui!

Havia algo errado no túnel. Azoth já tinha entrado em outros antes, embora não se sentisse exatamente à vontade ao caminhar tateando pela densa escuridão. Aquele havia começado como qualquer outro: aberto de modo

grosseiro, naturalmente sinuoso e escuro. No entanto, à medida que mergulhava mais fundo na terra, as paredes foram ficando mais retas, e o chão, mais liso.

Mas isso era diferente, não errado. O que estava errado encontrava-se a um passo de distância de Azoth. Ele se agachou para descansar e pensar. Não se sentou. Uma pessoa só pode se sentar quando tem certeza de que não haverá nada de que seja preciso fugir.

Embora o ar ali embaixo estivesse pesado, não conseguiu farejar nada de peculiar. Quando semicerrava os olhos, tinha a impressão de estar vendo alguma coisa. O ar logo à frente estava mais fresco?

Então teve certeza de sentir o ar se mover. Um medo súbito varou seu corpo. Blint tinha passado por ali vinte minutos antes. Sem nenhuma tocha na mão. Na hora, Azoth não prestou atenção nisso. Mas agora estava começando a se lembrar das histórias.

Uma pequena lufada de ar rançoso soprou em sua bochecha. Azoth quase saiu correndo, mas não sabia em que direção era seguro correr. Não tinha nenhuma forma de se defender. Todas as armas ficavam com o Punho. Uma segunda lufada atingiu sua bochecha esquerda. *Que cheiro é esse? Alho?*

– Existem segredos neste mundo, garoto – disse uma voz. – Segredos como alarmes mágicos e a identidade dos Nove. Se der mais um passo, vai descobrir um desses segredos. Só que dois simpáticos espancadores com ordens para matar intrusos também vão descobrir você.

– Mestre Blint?

Azoth vasculhou a escuridão.

– Da próxima vez que seguir alguém, não seja tão furtivo. Chama atenção.

O que quer que aquilo significasse, não soava nada bom.

– Mestre Blint?

Azoth ouviu uma risada se afastar túnel acima. Levantou-se com um pulo e sentiu a esperança se esvaír com a gargalhada. Subiu correndo o túnel escuro.

– Espere!

Não houve resposta. Ele correu mais depressa. Seu pé enganchou em uma pedra e ele caiu com força, esfolando os joelhos e as mãos.

– Mestre Blint, espere! Eu quero ser seu aprendiz. Mestre Blint, por favor!

A voz falou logo acima dele, mas Azoth não conseguiu ver ninguém.

– Eu não aceito aprendizes. Siga seu rumo, garoto.

– Mas eu sou diferente! Farei qualquer coisa. Eu tenho dinheiro!

Não houve resposta. Blint havia sumido.

O silêncio doía e latejava ao mesmo ritmo dos cortes nos joelhos e nas palmas das mãos de Azoth. Mas não havia nada que ele pudesse fazer. Quis chorar, mas isso era coisa para bebês.

Voltou ao território do Dragão Negro quando o céu já estava clareando. Parte da Toca ainda tentava espantar o torpor da embriaguez. Os padeiros trabalhavam e os aprendizes de ferreiro acendiam o fogo das forjas. As crianças das guildas, as putas, os espancadores e os ladrões tinham ido dormir, enquanto os batedores de carteira, os farsantes, os desonestos e outros que trabalhavam durante o dia ainda não haviam acordado.

Em geral, os cheiros das Tocas eram suportáveis. O fedor invasivo dos currais pairava sobre os cheiros mais imediatos dos refugos humanos a escorrer por largas sarjetas até sujar ainda mais o rio Plith. O odor da vegetação putrefata dos mangues e das águas paradas do rio lento era somado ao aroma menos azedo do oceano quando uma brisa bem-vinda soprava e ao fedor dos mendigos adormecidos que nunca tinham tomado um banho na vida e podiam atacar uma criança de guilda sem outro motivo que não a raiva que sentiam do mundo. Pela primeira vez, em vez de associar aqueles cheiros ao seu lar, Azoth os associou à imundície. Rejeição e desespero eram os vapores que emanavam de cada ruína bolorenta e de cada montinho de merda que havia nas Tocas.

Aquele moinho abandonado, antes usado para descascamento de arroz, não era apenas um prédio vazio onde a guilda podia dormir. Era um sinal. Os moinhos da margem oeste seriam saqueados por aqueles cujo desespero

era maior que o medo dos espancadores que os donos do moinho pudessem contratar. Era tudo lixo e refugo. Azoth fazia parte disso.

Quando chegou à sede, meneou a cabeça para o sentinela e entrou sem se dar o trabalho de tentar passar despercebido. A guilda estava acostumada com crianças que se levantavam à noite para fazer xixi, então ninguém iria pensar que ele tinha saído. Se tentasse entrar de fininho, só chamaria atenção para si.

Talvez fosse esse o significado de furtivo.

Foi se deitar em seu lugar habitual junto à janela e se espremeu entre a Menina-Boneca e Jarl. Ali fazia frio, mas o chão era liso e não havia muitas farpas. Cutucou o amigo.

– Jota-O, você sabe o que quer dizer “furtivo”?

Mas Jarl grunhiu e rolou para o outro lado. Azoth tornou a cutucá-lo, mas ele não se mexeu. *Deve ter ido dormir tarde.*

Como todas as crianças da guilda, Azoth, Jarl e a Menina-Boneca dormiam juntos para se manterem aquecidos. Em geral, a garota ficava no meio, porque era pequena e friorenta, mas naquela noite Jarl e ela não estavam deitados perto um do outro.

A Menina-Boneca chegou mais perto, abraçou-o e apertou-o com força, e Azoth sentiu-se grato pelo seu calor. Uma preocupação continuava a roer sua cabeça por dentro, feito um rato, mas ele estava cansado demais. Adorreceu.



5

O pesadelo começou quando ele acordou.

– Bom dia – disse Rato. – Como vai o meu bostinha de sarjeta predileto?

O júbilo na sua expressão informou a Azoth que algo estava muito errado. Roth e Lábio Leporino ladeavam Rato, quase explodindo de tanta animação. A Menina-Boneca tinha sumido. Jarl também. Ja'laliel não estava por perto. Piscando por causa da luz que entrava pelo telhado furado da sede da guilda, Azoth ficou em pé e tentou se orientar. O resto da guilda tinha sumido; deviam ter ido trabalhar, catar restos ou simplesmente decidiram que agora seria uma boa hora para estar na rua.

Roth estava junto à porta dos fundos, e Lábio Leporino atrás de Rato, para o caso de Azoth correr na direção da porta da frente ou de alguma janela.

– Onde você estava ontem à noite? – perguntou Rato.

– Tive que mijar.

– Que mijada demorada. Perdeu toda a diversão.

Quando Rato falava assim, em um tom totalmente neutro, sem afetação nenhuma na voz, Azoth sentia um medo profundo, pois conhecia a violência. Tinha visto marinheiros assassinados, prostitutas com cicatrizes recentes, testemunhara um amigo morrer espancado por um ambulante. Nas Tocas, a crueldade andava de mãos dadas com a pobreza e a raiva. Mas a expressão morta nos olhos de Rato indicava que ele era mais louco do que Lábio Leporino, que tinha nascido sem parte da boca. Rato nascera sem

consciência.

– O que você fez? – perguntou Azoth.

– Roth?

Rato meneou o queixo para o grande.

O outro abriu a porta e disse “bom menino”, como quem se dirige a um cachorro, empurrando alguém para dentro. Era Jarl. Os lábios de seu amigo estavam inchados, seus dois olhos roxos de maneira que ele mal conseguia enxergar. Faltavam-lhe alguns dentes e havia crostas de sangue em seu rosto, perto de onde os cabelos tinham sido puxados com tanta força que o couro cabeludo havia sangrado.

Ele estava de vestido.

Azoth sentiu arrepios quentes e frios pela pele, e o sangue lhe subiu ao rosto. Não podia demonstrar fraqueza para Rato. Não podia se mexer. Virou-se para não vomitar.

Atrás dele, Jarl ganiu baixinho.

– Azo, por favor. Azo, não me vire as costas. Eu não queria...

Rato lhe deu um tabefe. Jarl caiu no chão e ficou imóvel.

– Jarl agora é meu – disse Rato. – Ele acha que pode lutar todas as noites. E vai mesmo. Durante algum tempo. – Rato sorriu. – Mas eu vou acabar levando a melhor. O tempo está do meu lado.

– Eu vou matar você. Eu juro que vou matar você – falou Azoth.

– Ah, você agora é aprendiz do mestre Blint?

Rato sorriu enquanto Azoth lançava um olhar na direção de Jarl, sentindo-se traído. O amigo baixou os olhos para o chão e seus ombros estremeeceram quando começou a chorar baixinho.

– Jarl nos contou tudo, em algum momento entre Roth e Davi, acho eu. Mas estou confuso. Se mestre Blint aceitou você como aprendiz, o que está fazendo aqui, Azo? Voltou para me matar?

As lágrimas de Jarl pararam de rolar e ele se virou, tentando encontrar o que dizer. Não havia nada a dizer.

– Ele não me quis – admitiu Azoth.

Os ombros de Jarl afundaram.

– Todo mundo sabe que ele não aceita aprendizes, seu burro! – vociferou Rato. – Então o negócio é o seguinte, Azo. Não sei o que você fez por Ja'laliel, mas ele me mandou não tocar em você e eu vou obedecer. Mais cedo ou mais tarde, porém, esta guilda vai ser minha.

– Mais cedo, acho eu – disse Roth, mexendo as sobrelhas para Azoth.

– Tenho grandes planos para a Dragão Negro, Azo, e não vou deixar você me atrapalhar.

– O que quer de mim? – A voz de Azoth saiu fina e esganiçada.

– Quero que você seja um herói. Quero que todo mundo que não se atreve a me enfrentar olhe para você e comece a ter esperança. E aí eu vou destruir tudo o que você tiver feito. Vou destruir tudo o que ama. Vou destruir você de forma tão completa que ninguém nunca mais vai se atrever a me desafiar. Então faça o seu melhor, faça o seu pior ou não faça nada. Eu vou vencer de qualquer forma. Sempre venço.

No dia seguinte, Azoth não pagou suas taxas. Torceu para Rato lhe bater. Só uma vez e ele cairia do pedestal, voltaria a ser apenas mais um menino da guilda. Só que Rato não fez nada. Esbravejou e disse palavrões com uma expressão risonha nos olhos, e mandou Azoth pagar o dobro na vez seguinte.

Ele não fez nada disso, claro. Apenas estendeu a mão vazia, como se já tivesse sido derrotado. Pouco importou. Rato esbravejou, acusou-o de desafiá-lo, mas não o tocou. E assim foi, a cada dia de pagamento das taxas. Aos poucos, Azoth voltou ao trabalho e começou a acumular moedas de cobre para pôr na sacola de Jarl.

Os dias que se seguiram foram terríveis: Rato não deixava Jarl falar com Azoth e, depois de algum tempo, Azoth achou que o amigo nem queria mais conversar com ele. O Jarl que ele conhecia foi desaparecendo aos poucos. Nem o fim da obrigação de usar o vestido adiantou alguma coisa.

As noites eram ainda piores. Rato abusava de Jarl sempre, enquanto o resto da guilda fingia não escutar. Azoth e a Menina-Boneca se encolhiam juntos no silêncio que depois era pontuado por um choro baixinho. Ele passava longas horas deitado de costas, planejando uma vingança complexa

que, sabia, jamais iria executar.

Tornou-se inconsequente e começou a xingar Rato abertamente, a questionar qualquer ordem que o outro desse e a defender qualquer um em quem ele batesse. Rato batia. Rato xingava de volta, mas sempre com aquele sorrisinho no olhar. Os pequenos e os perdedores da guilda começaram a se comportar com deferência em relação a Azoth e a encará-lo com olhos cheios de adoração.

Ele pôde sentir a guilda chegar a uma situação crítica no dia em que dois grandes lhe trouxeram o almoço e se sentaram com ele nos degraus em frente à casa. Aquilo foi uma revelação. Jamais acreditara que um dos grandes fosse segui-lo. Por que faziam isso? Ele não era nada. Então percebeu o próprio erro: nunca fizera planos para quando os grandes se juntassem a ele. Do outro lado do pátio, sentado com uma cara infeliz, Ja'laliel tossia sangue e exibia uma expressão desesperançosa.

Como sou burro. Rato estava esperando por aquilo. Havia planejado que Azoth se tornasse herói. Chegara até a avisá-lo. Aquilo não seria um golpe. Seria um expurgo.

– Pai, por favor, não vá.

Logan Gyre segurava o cavalo do pai, tentando conter as lágrimas e ignorando o frio que antecedia o nascer do sol.

– Não, deixe esses – disse o duque Gyre a Wendell North, seu intendente, que dava ordens a criados transportando baús com roupas. – Mas eu quero mil capas de lã despachadas daqui a uma semana. Use os nossos recursos e não peça reembolso. Não quero dar ao rei uma desculpa para recusar. – Ele afivelou e prendeu as manoplas nas costas. – Não sei qual é a condição atual das estrebarias da guarnição, mas gostaria de saber de Havermere quantos cavalos eles podem mandar antes do inverno.

– Isso será feito, milorde.

Criados corriam por todos os lados, levando provisões e mantimentos às carroças que iriam para o norte. Uma centena de cavaleiros de Gyre fazia seus últimos preparativos, verificando arreios, cavalos e armas. Criados que iriam deixar as famílias se despediam apressados.

O duque Gyre virou-se para Logan, e o simples fato de ver o pai usando a cota de malha fez lágrimas de orgulho e medo brotarem nos olhos do menino.

– Filho, você tem 12 anos.

– Eu posso combater. Até mestre Vorden reconhece que manejo a espada quase tão bem quanto os soldados.

– Logan, não o estou obrigando a ficar porque não acredito nas suas habilidades. É justamente porque acredito. O fato é que sua mãe precisa de você aqui mais do que eu de você nas montanhas.

– Mas eu quero ir com *você*.

– E eu não quero ir. O que está acontecendo não tem nada a ver com o que queremos.

– Jasin alegou que o Nove está tentando constranger você. Ele disse que é uma ofensa um duque receber um destacamento tão pequeno para comandar.

Logan não mencionou as outras coisas que Jasin tinha dito. Não se considerava um menino de pavio curto, mas havia entrado em meia dúzia de brigas nos três meses que se passaram desde que o rei Davin morrera e Aleine Gunder assumira o título de Aleine IX, conhecido de forma condescendente como “Nove”.

– E você, filho, o que acha?

– Não acho que você tenha medo de ninguém.

– Quer dizer que Jasin falou que eu estava com medo? É por isso que os seus dedos estão machucados?

Logan sorriu de repente. Era da mesma altura que o pai. Se ainda não tinha a mesma corpulência de Regnus Gyre, era apenas uma questão de tempo, segundo o mestre dos guardas Ren Vorden. Nunca perdera uma briga.

– Filho, não se engane: comandar a guarnição dos Ventos Uivantes é uma ofensa, mas é melhor do que o exílio ou a morte. Se eu ficar, o rei vai acabar me condenando a uma coisa ou outra. A cada verão, você irá treinar com meus homens, mas preciso de você aqui também. Durante metade do ano, você será os meus olhos e ouvidos em Cenária. Sua mãe...

– Acha o seu pai um tolo – completou Catrinna Gyre, surgindo de súbito atrás deles. – Regnus, se você subir nesse cavalo, eu nunca mais vou querer vê-lo.

Ela era filha de outra família ducal, os Graesin, e tinha os mesmos olhos verdes, traços delicados e temperamento forte dos parentes. Apesar do horário matinal, usava um lindo vestido de seda verde debruado de arminho, e seus cabelos escovados reluziam.

– Catrinna, não vamos ter essa conversa outra vez.

– Aquele chacal vai fazer você lutar contra a minha família, e você sabe muito bem disso. Destruir você ou eles... seja como for, quem sai ganhando é ele.

– Sua família está *aqui*, Catrinna. E eu já tomei a minha decisão.

A voz do duque Gyre soou com um tom forte de comando, que fez Logan querer se encolher e não chamar a atenção.

– Qual das suas putas você está levando?

– Não estou levando nenhuma das criadas, Catrinna, embora algumas delas vão ser difíceis de substituir. Estou deixando todas aqui por respeito à sua...

– Você acha que eu sou burra? Vai encontrar outras vadias por lá.

– Catrinna, entre em casa. Agora!

A mulher obedeceu e o duque a observou se afastar. Falou sem se virar na direção de Logan.

– Sua mãe... Há coisas que vou compartilhar com você quando estiver mais velho. Por ora, espero que a honre e seja lorde Gyre durante a minha ausência.

Logan arregalou os olhos. Seu pai lhe deu uma palmada no ombro.

– Isso não quer dizer que você pode faltar às aulas. Wendel ensinará

tudo de que precisa saber. Ele entende mais sobre administrar nossas terras do que eu, juro. Estarei a apenas quatro dias de distância a cavalo. Você tem uma mente rara, filho, e é por isso que precisa ficar. Esta cidade é um ninho de víboras. Há pessoas que desejam nos destruir. Sua mãe já viu indícios disso e ficou muito incomodada. Estou usando você, Logan. Queria não ter que fazer isso, mas você é a única peça que me resta para jogar. Surpreenda-os. Seja mais esperto, melhor, mais corajoso e mais rápido do que qualquer um. Não é um fardo justo para colocar nos seus ombros, mas sou obrigado a fazer isso. Estou contando com você. A Casa dos Gyre está contando com você. Todos os nossos dependentes e vassallos estão contando com você, talvez até o próprio reino.

O duque Gyre montou em seu imenso cavalo branco.

– Eu amo você, filho. Mas não me decepcione.



A escuridão estava tão próxima e fria quanto o abraço de um morto. Azoth se agachou junto ao muro do beco, torcendo para o vento noturno abafar as batidas trovejantes do seu coração. O quinto grande que havia se juntado a ele tinha roubado uma navalha do esconderijo de armas de Rato e Azoth segurava o metal fino com tanta força que sua mão chegava a doer.

Ainda não havia movimento algum no beco. Azoth cravou a lâmina no chão de terra batida do beco e levou as mãos às axilas para mantê-las aquecidas. Talvez não acontecesse nada por muitas horas. Pouco importava. Suas chances estavam se esgotando. Ele já havia perdido tempo demais.

Rato não era burro. Era cruel, mas tinha planos. Azoth, não. Fazia três meses que se debatia em seu próprio medo quando poderia estar planejando. O Punho havia declarado suas intenções. Isso facilitava bastante as coisas. Azoth sabia um pouco o que Rato tramava; tudo o que tinha de fazer era juntar os elementos. Agora podia se sentir entrando na pele do outro com demasiada facilidade, compreendendo os pensamentos do inimigo.

Um expurgo não é suficiente, pois me dará segurança por um ou dois anos. Outros chefes de guilda já mataram para conservar seu poder. Matar não me torna diferente. Azoth refletiu sobre essa ideia. As ambições de Rato não eram pequenas. Fazia três meses que ele vinha represando seu ódio. Por que se disporia a nem sequer bater em Azoth por três meses?

Destruição. Era a isso que a situação se resumia. Rato iria destruí-lo de maneira espetacular. Iria saciar a própria crueldade e aumentar seu poder.

Faria algo tão horrível que Azoth se tornaria uma história que as guildas passariam a contar. Talvez nem o matasse, apenas o aleijasse de algum modo horroroso para que todos que o encontrassem temessem Rato ainda mais.

Um barulho arrastado se fez ouvir no beco e Azoth se preparou. Devagar, bem devagar, sacou a navalha. O beco era apertado e se afinava tanto que um homem adulto podia tocar as paredes dos dois lados ao mesmo tempo. Azoth o havia escolhido justamente por esse motivo. Não deixaria sua presa escapar. Agora, porém, os prédios pareciam malévolos, esticando dedos ávidos um na direção do outro, apagando as estrelas, tentando pegá-lo. O vento murmurava nos telhados, contando histórias de assassinato.

Azoth tornou a ouvir o barulho e relaxou. Um velho rato cheio de cicatrizes emergiu de baixo de uma pilha de tábuas bolorentas e farejou o ar. Ele ficou parado enquanto o animal avançava com seu andar pesado. O rato farejou seus pés descalços, cutucou-os com o focinho úmido e, sem pressentir nenhum perigo, fez menção de começar a se alimentar.

Bem na hora em que o bicho ia morder, Azoth penetrou a navalha por trás de sua orelha. O animal deu um tranco, mas não guinchou. Azoth retirou o metal fino, satisfeito por ter sido sorrateiro. Tornou a olhar para o beco. Nada ainda.

Qual é o meu ponto fraco, afinal? O que eu faria para me destruir se fosse Rato?

Sentiu cócegas no pescoço e abanou a mão. *Malditos insetos.*

Insetos? Está gelado lá fora. Sua mão desceu do pescoço morna e pegajosa.

Azoth se virou e desferiu um golpe, mas a navalha saiu girando da sua mão quando alguma coisa acertou seu pulso.

Durzo Blint estava acorado a menos de meio metro de distância. Não disse nada. Apenas o encarou com olhos mais frios do que a noite.

Houve uma pausa comprida enquanto os dois se entreolhavam sem dizer nada.

– Você viu o rato – falou Azoth.

Uma sobrancelha se arqueou.

– Cortou-me no mesmo lugar em que eu o cortei. Estava me mostrando que é tão melhor do que eu quanto eu sou melhor do que o rato.

Um esboço de sorriso.

– Que menino de guilda mais estranho você é. Tão esperto e, ao mesmo tempo, tão estúpido.

Azoth olhou para a navalha, agora na mão de Durzo como por magia, e sentiu vergonha. Era *mesmo* estúpido. O que estava pensando? Que iria ameaçar um derramador? Em vez disso, disse:

– Eu vou ser seu aprendiz.

A mão aberta de Blint o acertou na cara e o arremessou contra a parede. A pedra arranhou seu rosto e ele caiu com força no chão. Quando se virou, Blint estava em pé acima dele.

– Me dê um bom motivo para não matá-lo.

Menina-Boneca. Essa não era apenas a resposta à pergunta de Blint, era o ponto fraco de Azoth. Era assim que Rato iria atacar. Uma onda de náusea o dominou. Primeiro Jarl, agora a Menina-Boneca.

– Pois deveria – disse Azoth.

Blint tornou a erguer uma sobrancelha.

– Você é o melhor derramador da cidade, mas não é o único – continuou Azoth. – E se não me aceitar como aprendiz nem me matar, vou treinar com Hu Gibbet ou Scarred Wrangle. Vou passar a vida treinando só para a hora em que tiver uma chance de atacá-lo. Vou esperar até você achar que eu me esqueci do dia de hoje. Vou esperar até você se esquecer da ameaça boba de um menino de guilda. Depois que eu virar mestre, você vai passar algum tempo se sobressaltando com sombras. Mas depois de se sobressaltar umas dez vezes sem eu estar lá, um dia não vai mais se assustar, e é nesse dia que estarei lá. Não me importo se me matar ao mesmo tempo. Eu troco a minha vida pela sua.

Os olhos de Durzo mal tiveram que mudar de expressão: de perigosos, mas bem-humorados, passaram a ser apenas perigosos. Mas Azoth nem os viu através das lágrimas que marejavam os próprios olhos. Viu apenas a

expressão vazia que tomara conta dos olhos de Jarl, e imaginou vê-la nos da Menina-Boneca. Imaginou seus gritos se Rato aparecesse para abusar dela todas as noites. Nas primeiras semanas ela iria berrar sem emitir nenhum som, e talvez se debatesse, talvez mordesse e arranhasse por algum tempo, mas depois não iria mais gritar, não iria oferecer qualquer resistência. Haveria apenas grunhidos e os ruídos de carne e do prazer de Rato. Igualzinho a Jarl.

– A sua vida é tão vazia assim, menino?

Vai ficar se você disser “não”.

– Eu quero ser igual a você.

– Ninguém quer ser igual a mim.

Blint sacou uma imensa espada negra e encostou o fio no pescoço de Azoth. Nesse instante, o menino não estava nem ligando se a lâmina bebesse seu sangue. A morte seria mais clemente do que ver a Menina-Boneca definhar bem diante dos seus olhos.

– Você gosta de machucar gente? – perguntou Blint.

– Não.

– Já matou alguém?

– Não.

– Então por que está desperdiçando o meu tempo?

Qual era o problema com ele? Será que estava mesmo falando sério? Não podia ser.

– Ouvi dizer que você não gosta. Que não é preciso gostar para ser bom.

– Quem lhe disse isso?

– Mama K. Ela disse que é essa a diferença entre você e alguns dos outros.

Blint franziu o cenho. Tirou um dente de alho de uma bolsinha e o atirou na boca. Enquanto mastigava, embainhou a espada.

– Tudo bem, garoto. Você quer ficar rico? Você é rápido, mas sabe dizer o que as pessoas na sua frente estão pensando e se lembrar de cinquenta coisas ao mesmo tempo? Tem talento com as mãos?

– Sim. Sim. Sim.

– Vire jogador de cartas, então.

Durzo riu. Mas Azoth, não. Olhou para os próprios pés.

– Eu não quero mais ter medo.

– Ja'laliel bate em você?

– Ele não é nada.

– Então quem é? – indagou Blint.

– Nosso Punho. Rato.

Por que era tão difícil dizer o nome dele?

– Ele agride você?

– A menos que... eu faça coisas com ele. – Isso soou fraco e Blint não disse nada, então Azoth arrematou: – Nunca mais vou deixar ninguém me bater. Nunca mais.

Blint não tirou os olhos de Azoth e deu-lhe tempo para piscar e se livrar das lágrimas. A lua cheia banhava a cidade com uma luz dourada.

– A velha puta pode ser linda – disse ele. – Apesar de tudo.

Azoth seguiu o olhar de Blint, mas não havia mais ninguém por perto. Uma bruma prateada se erguia do esterco quente nos currais e se enroscava em volta de velhos aquedutos quebrados. No escuro, ele não conseguia ver o símbolo da guilda Homem Sangrando que acabara de ser desenhado por cima do Dragão Negro, mas sabia que estava lá. Sua guilda vinha perdendo território de maneira regular desde que Ja'laliel caíra doente.

– O quê? – perguntou o menino.

– Esta cidade não tem outra cultura além da cultura de rua. Os prédios são de tijolo, reboco, pau a pique e bambu. Os títulos são alitaeranos, as roupas, caleanas, a música é feita com harpas sethi e liras lodricari... Até os malditos arrozais foram roubados de Ceura. Mas, se não se aproximar tanto nem olhá-la de muito de perto, às vezes ela é linda.

Azoth achou que entendia. Era preciso ter cuidado com o que se tocava e por onde se andava nas Tocas. Poças de vômito e outros fluidos corporais coalhavam o chão e as fogueiras alimentadas com esterco e o vapor gorduroso dos caldeirões de banha em constante fervura cobriam tudo com um brilho sebento cor de fuligem. Mas não soube o que responder. Não teve

sequer certeza de que Blint falava com ele.

– Você está quase lá, garoto. Mas eu nunca aceitei aprendizes e você não será exceção. – Ele fez uma pausa e ficou girando a navalha preguiçosamente entre os dedos. – Bem, a menos que faça uma coisa que não consegue fazer.

A esperança explodiu dentro do peito de Azoth pela primeira vez em meses.

– Qualquer coisa.

– Teria que ser sozinho. Ninguém mais poderia saber. Você precisaria bolar como, quando e onde. *Sozinho*.

– O que tenho que fazer? – indagou Azoth.

Pôde sentir os Anjos da Noite apertando os dedos em volta do seu estômago. Como soube o que Blint iria dizer em seguida? Ele pegou o rato morto e o jogou para Azoth.

– Mate o seu Rato e me traga uma prova. Você tem uma semana.



Solon Tofusin subiu Sidlin Way conduzindo a égua entre as mansões coloridas das grandes famílias de Cenária. Muitas das casas tinham menos de uma década. Outras eram mais antigas, mas tinham passado por reformas recentes. Os imóveis daquela rua eram qualitativamente diferentes de todo o resto da arquitetura cenária. Aquelas residências tinham sido construídas na esperança de que o dinheiro pudesse comprar cultura. Eram todas ostentatórias, e cada qual tentava superar as vizinhas com seu projeto exótico: loucuras de engenharia na forma de torres ladeshi ou parques recreativos friaki, mansões alitaeranas ou imitações em escala perfeita dos célebres palácios de verão ceuranos. Havia até algo que ele pensou reconhecer, por ter visto em um quadro, como um bulboso templo ymmuri, com bandeiras de prece e tudo. *Dinheiro do tráfico de escravos*, pensou.

O que o deixava consternado não era a escravidão. Na sua ilha, era algo corriqueiro. Mas não como fora por ali. Aquelas mansões tinham sido financiadas pela rinha e pela venda de bebês. Apesar de ser fora do caminho, ele havia passado pelas Tocas para ver que cara tinha a metade silenciosa da cidade que era agora o seu novo lar. A miséria que existia lá tornava aquela riqueza obscena.

Estava cansado. Embora não fosse alto, era largo – na barriga e, felizmente, mais ainda no peito e nos ombros. A égua era um bom animal, mas não chegava a ser um cavalo de guerra: trotava mais do que galopava.

As grandes propriedades surgiram ao longe, diferentes das outras pela

quantidade de terreno delimitada pelos muros. Enquanto as mansões eram bem imprensadas umas contra as outras, aqueles terrenos eram extensos. Em vez de grades rebuscadas, destacavam-se portões de pau-ferro protegidos por guardas, construídos havia muito tempo para defesa, não para decoração.

O portão da primeira propriedade exibia uma truta – o brasão dos Jadwin – folheada a ouro. Pela entrada de pedestres, Solon viu um exuberante jardim repleto de estátuas, algumas de mármore, outras revestidas de ouro. *Não é de espantar que eles tenham mais de dez guardas.* Eram todos profissionais e belos, o que dava crédito aos boatos sobre a duquesa.

Foi com grande alívio que ele passou adiante. Ele era um belo homem, de pele morena, olhos negros e cabelos ainda tão pretos quanto a noite intocada pelas sombras da aurora. Dividir casa com uma duquesa voraz, cujo marido se ausentava com frequência para longos compromissos, era um problema que ele dispensava.

Não que eu vá encontrar menos problemas para onde estou indo. Dorian, meu amigo, espero que essa sua ideia tenha sido genial. Não queria considerar a outra possibilidade.

– Meu nome é Solon Tofusin. Vim falar com lorde Gyre – disse assim que chegou diante do portão.

– O duque? – indagou o guarda, empurrando o capacete para trás e enxugando o suor da testa.

Esse homem é um simplório.

– Sim, o duque Gyre. – Cansado, Solon falou devagar e com mais ênfase do que necessário.

– É uma pena. Ele saiu.

Solon aguardou, mas o homem não deu mais detalhes. *Simplório não, retardado mesmo.*

– Lorde Gyre saiu?

– Não.

– Sei que, depois de milênios sendo saqueados, os ceuranos mais inteligentes se mudaram para o interior das terras e deixaram seus

antepassados no litoral. Sei que os piratas sethi atacaram a aldeia de seu povo e levaram embora todas as mulheres apresentáveis, de modo que não é culpa sua ter nascido burro e feio. Mas será que poderia tentar me explicar como lorde Gyre está e não está ao mesmo tempo? Pode usar palavras curtas.

Perversamente, o guarda fez cara de satisfeito.

– Não há marcas na sua pele nem argolas no seu rosto, e você não fala como um peixe. Além do mais, é gordo demais para um peixe. Deixe-me adivinhar: eles usaram você como oferenda, mas os deuses do mar não o quiseram e você acabou indo dar na praia, onde foi amamentado por uma troll que o confundiu com um de seus filhos.

– Ela era cega – disse Solon e, quando o homem riu, decidiu que gostava dele.

– O duque Gyre saiu pela manhã. Não vai mais voltar.

– Não vai mais voltar? Como assim, nunca mais?

– Quem sou eu para responder com precisão, mas acho que não, nunca mais, a menos que eu esteja enganado. Ele foi comandar a guarnição dos Ventos Uivantes.

– Mas você falou que lorde Gyre não saiu.

– O duque nomeou seu filho lorde Gyre até ele voltar.

– Coisa que nunca vai acontecer.

– Para um peixe, você até que tem um raciocínio rápido. Logan, o filho dele, agora é lorde Gyre.

Isso não é nada bom. Por mais que se esforçasse, Solon não conseguia se lembrar se Dorian tinha dito duque Gyre ou lorde Gyre. Nem considerara a possibilidade de a Casa dos Gyre ter dois chefes. Se a profecia estivesse relacionada ao duque, precisava pegar o cavalo e sair dali agora mesmo. Caso se referisse ao filho, porém, Solon estaria abandonando seu protegido na hora em que este mais precisava dele.

– Posso falar com lorde Gyre?

– Você sabe usar essa espada? – perguntou o guarda. – Se não souber, sugiro que a esconda.

– Como é?

– Não diga que não avisei. Venha comigo.

O guarda chamou um colega em cima do muro, que veio segurar o portão enquanto o ceurano conduzia Solon para dentro da propriedade. Um cavaliço se encarregou da égua e Tofusin ficou com a espada.

Era impossível não ficar impressionado. A propriedade dos Gyre tinha um ar de permanência e a sisudez de uma família muito antiga. Acantos margeavam o muro por dentro e por fora, plantados em uma terra vermelha que, Solon sabia, foi trazida de outra região. As plantas pontiagudas não foram escolhidas apenas para manter mendigos e ladrões longe do muro, mas por uma antiga associação com a nobreza alitaerana. A casa em si era igualmente intimidadora, toda feita de pedra pesada, amplos arcos e portas grossas, capazes de resistir a uma arma de cerco. O único detalhe em que a força havia chegado a um meio-termo com a beleza era a trepadeira de rosas vermelho-sangue que emoldurava todas as portas e janelas do térreo. Sua coloração perfeita se destacava contra o fundo de pedra negra e as janelas fechadas por barras de ferro.

Solon só prestou atenção no retinir de metal quando o guarda o fez passar pela entrada da mansão e dar a volta até os fundos do prédio. Ali, com uma vista para o Castelo de Cenária na outra margem do Plith, vários guardas assistiam a dois homens vestidos com armaduras de treino se enfrentarem. O menor recuava, andando para trás em círculos enquanto os golpes do maior choviam sobre seu escudo. O menor cambaleou e seu adversário arremeteu contra ele, imprensando-o com o escudo como se fosse um aríete. O homem ergueu a espada, mas o golpe seguinte o fez voar e o seguinte fez seu capacete ecoar feito um sino.

Logan Gyre tirou o capacete e riu ao estender a mão para ajudar o guarda a se levantar. Solon sentiu um peso no coração. *Aquele* era lorde Gyre? Um gigante em corpo de criança, com o rosto ainda rechonchudo de gordura infantil. Não podia ter mais de 14 anos, talvez menos. Solon pôde imaginar Dorian rindo. Dorian sabia que ele não gostava de crianças.

O guarda ceurano deu um passo à frente e se dirigiu em voz baixa a

lorde Gyre.

– Olá – disse o menino, virando-se para Solon. – Marcus me falou que você se considera um espadachim e tanto. É verdade?

Solon olhou para o ceurano, que lhe abriu um sorriso de satisfação. *O nome dele é Marcus?* Naquele país, até mesmo os nomes eram confusos. Sem dar a mínima para a origem das pessoas, nomes alitaeranos como Marcus ou Lucienne se misturavam livremente a nomes lodricari como Rodo ou Daydra, ceuranos como Hideo ou Shizumi e a cenários normais, como Aleine ou Felene. Os únicos nomes que a maioria das pessoas nunca usava para batizar os filhos eram de escravos comuns das Tocas, como Cicatriz ou Lábio Leporino.

– Eu sei me defender, lorde Gyre, mas desejo trocar palavras com o senhor, não golpes.

Se eu partir agora, minha velha égua e eu podemos chegar à guarnição em seis, talvez sete dias.

– Conversemos, então... mas depois de lutar. Marcus, vá pegar uma armadura de treino para ele.

Os homens pareceram gostar disso e Solon notou que amavam seu jovem senhor como se fosse o filho deles. Riam com demasiada facilidade, mimavam o rapaz. De repente, Logan havia se transformado em lorde Gyre e os homens ainda estavam fascinados com essa novidade.

– Não preciso de armadura – disse Solon.

Os risos cessaram e todos olharam para ele.

– Quer lutar sem armadura? – estranhou Logan.

– Não quero lutar, mas se essa for a sua vontade, acatarei... só não vou lutar com uma espada de treino.

Diante da possibilidade de ver aquele sethi baixinho lutar sem armadura contra o seu gigante, os homens deram vivas. Somente Marcus e um ou dois outros pareceram preocupados. Trajando uma grossa armadura, havia pouco risco de Logan sofrer algum ferimento sério, mesmo com uma espada afiada. Pelos olhos do rapaz, Solon viu que Logan também sabia disso. De repente, começou a ponderar se deveria ter sido tão atrevido com um

desconhecido, alguém que poderia muito bem estar mal-intencionado. Tornou a examinar o físico atarracado de Solon.

– Milorde, talvez fosse melhor... – começou Marcus.

– Tudo bem – disse Logan para Solon. Pôs o capacete na cabeça e fechou a viseira. Então empunhou a espada. – Estou pronto quando estiver.

Antes de Logan conseguir reagir, Solon enfiou os dedos na viseira e agarrou a parte que cobria o nariz. Puxou o rapaz para a frente e torceu. Logan desabou no chão com um grunhido. Solon tirou uma faca do cinto dele e a segurou junto ao olho do rapaz enquanto escorava com o joelho a lateral do capacete de Logan para mantê-la no lugar.

– Você se rende? – indagou Solon.

O rapaz respirava com dificuldade.

– Eu me rendo.

Solon o soltou, levantou-se e limpou a poeira da calça. Não se ofereceu para ajudar lorde Gyre a ficar em pé.

Os homens não deram um pio. Vários haviam sacado espadas, mas nenhum deles se adiantara. Era evidente que, se quisesse matar Logan, Solon já o teria feito. O mesmo pensamento rondou a cabeça dos guardas: o que duque Gyre teria feito com eles caso isso tivesse acontecido?

– Lorde Gyre, você é um rapaz tolo – disse Solon. – Um fanfarrão, exibindo-se para homens a quem um dia talvez tenha de pedir para morrerem em seu nome.

Ele disse duque Gyre. Com certeza Dorian disse duque Gyre. Mas me mandou para cá. Sem dúvida teria me mandado diretamente para a guarnição se estivesse se referindo ao duque. A profecia não era relacionada a mim. Dorian não poderia saber que eu iria me atrasar, que chegaria à cidade assim tão tarde. Ou poderia?

Logan tirou o capacete; estava com o rosto vermelho, mas não deixou o constrangimento se transformar em raiva.

– Eu... mereci ouvir isso. E mereci a surra que você acabou de me dar. Ou coisa pior. Peço desculpas. Atacar as visitas é uma péssima atitude para um anfitrião.

– Você sabe que eles estão perdendo de propósito, não sabe?

Logan fez uma cara consternada. Olhou para o guarda com quem estava lutando quando Solon havia chegado, em seguida para os próprios pés. Então, como se isso lhe custasse um grande esforço, encarou Solon.

– Estou vendo que diz a verdade. Embora isso me cause vergonha, agradeço.

Foi a vez de os seus homens ficarem envergonhados. Eles vinham deixando o rapaz vencer porque o amavam, e agora haviam feito seu senhor passar vexame. Não estavam apenas tristes, mas arrasados.

Como esse rapaz consegue suscitar tamanha lealdade? Será apenas lealdade ao seu pai? Ao observar Logan encarar sucessivamente seus homens, sustentando o olhar até cada um deles o encarar de volta e, em seguida, desviar os olhos, Solon duvidou que fosse isso. Logan deixou aquele silêncio difícil perdurar e crescer.

– Daqui a seis meses vou servir na guarnição do meu pai – disse Logan, dirigindo-se aos homens. – Não vou ficar sentado na segurança do castelo. Eu vou lutar, e muitos de vocês também. Mas, já que parecem pensar que treino é diversão, tudo bem. Podem ficar se divertindo e lutando até a meia-noite. Todos vocês. Amanhã começaremos a treinar. E os espero aqui uma hora antes de o sol raiar. Entenderam?

– Sim, senhor!

Logan se virou para Solon.

– Me desculpe, mestre Tofusin. Por tudo. Por favor, pode me chamar de Logan. Ficará para jantar, claro, mas posso pedir aos criados para lhe prepararem um quarto, também?

– Sim – respondeu Solon. – Acho que isso me agradaria.



Toda vez que o vürdmeister Neph Dada encontrava Rato, era em um lugar diferente. Quartos em estalagens, porões de oficinas de barcos, padarias, parques no lado leste da cidade e becos sem saída nas Tocas. Desde que percebera que Rato tinha medo do escuro, sempre se certificava de que os seus encontros fossem à noite.

Dessa vez, Neph observou Rato e seus guarda-costas adentrarem o pequeno e abarrotado cemitério antigo. Não estava tão escuro quanto gostaria: tabernas, casas de jogos e armazéns se amontoavam a menos de 30 passos dali. Rato não dispensou os guarda-costas de imediato. Assim como a maior parte das Tocas, o cemitério ficava menos de meio metro abaixo da linha d'água. Os Coelho, como eram conhecidos os que nasciam nas Tocas, enterravam seus mortos direto na lama. Se tivessem dinheiro ou vontade, construía sarcófagos. Anos antes, após alguma rebelião qualquer, imigrantes ignorantes haviam usado caixões, que acabaram flutuando até a superfície. Vários se quebraram e seu conteúdo fora devorado por cães selvagens.

Rato e seus guarda-costas estavam lívidos de tanto medo.

– Podem ir – disse o garoto por fim para seus grandes, catando distraído um crânio do chão e o atirando em cima de um deles.

O menino deu um passo para trás e o crânio, enfraquecido pela idade ou pela doença, se estilhaçou sobre uma pedra.

– Olá, menino – falou o vürdmeister no ouvido de Rato com uma voz

rascante.

O Punho se retraiu e Neph abriu seu sorriso desdentado; os cabelos brancos, compridos e ralos, caíam em um filete sebento até os ombros. Estava tão perto que Rato deu outro passo para trás.

– O que você quer? Por que me chamou aqui?

– Ah, petulância e filosofia reunidos em uma coisa só.

Neph arrastou os pés mais para perto. Havia crescido em Lodricar, a leste de Khalidor. Para os lodricari, homens que se distanciavam a ponto de não se poder sentir seu hálito estavam escondendo alguma coisa. Os comerciantes de Cenária obrigados a lidar com lodricari reclamavam muito disso, mas, quando havia moedas em jogo, não tinham vergonha de se aproximar. Neph, porém, não se aproximava assim por motivos culturais. Havia meio século que não morava mais em Lodricar. Ele fazia isso porque gostava de ver o desconforto de Rato.

– Ah! – exclamou, exalando uma lufada de hálito podre na cara do rapaz.

– O que foi? – indagou Rato, tentando não chegar para trás.

– Ainda não desisti de você, seu menino grande e burro. Às vezes, mesmo sem querer, você acaba aprendendo. Mas não é por isso que nos encontramos aqui. Está na hora de reagir, garoto! Seus inimigos já se uniram contra você, mas ainda não se organizaram.

– Como sabe?

– Sei mais do que você pensa, Rato Gordo.

Neph gargalhou e o rosto do garoto ficou coberto de perdigotos. O homem notou que Rato quase lhe bateu nessa hora; não era à toa que o menino havia se tornado o Punho da guilda. Mas é claro que ele jamais bateria em Neph Dada. O velho sabia que tinha um aspecto frágil, mas um vürdmeister tinha outras maneiras de se defender.

– Sabe quantos meninos o seu pai gerou? – indagou Neph.

Rato olhou para o cemitério em volta, como se Neph já não houvesse verificado se havia alguém escutando a sua conversa. O menino era burro mesmo. Burro, mas capaz de ser astuto, e totalmente sem escrúpulos. Além

do mais, Neph não tinha muita escolha. Quando chegara a Cenária, quatro meninos foram confiados aos seus cuidados. O mais promissor comera carne estragada no primeiro ano e morrera antes mesmo de Neph perceber que estava doente. Na mesma semana, o segundo fora morto em uma disputa de território entre guildas. Agora só havia dois.

– Pelas minhas últimas contas, Sua Santidade já gerou 132 meninos – continuou o velho. – A maioria era desprovida de talento e foi eliminada. Você é um dos seus 43 descendentes. Eu já lhe disse isso antes. O que não disse foi que cada um de vocês recebe uma incumbência, um teste para demonstrar ao seu pai que são úteis. Se passar, um dia quem sabe você mesmo pode vir a se tornar Deus-rei. Consegue adivinhar qual é a sua incumbência?

Os olhos miúdos de Rato brilharam com visões de opulência e esplendor. Neph lhe deu um tapa na cara.

– Qual é sua tarefa, menino?

Trêmulo de raiva, Rato esfregou a bochecha.

– Me tornar Shinga – falou, baixinho.

Bem, o menino mirava mais alto do que Neph poderia supor. Ótimo.

– Sua Santidade declarou que Cenária vai cair, assim como todas as terras meridionais. O único poder de verdade em Cenária é o Sa'kagé, então, sim, você vai se tornar Shinga. Vai entregar Cenária e tudo que ela contém ao seu pai... ou, mais provavelmente, vai fracassar e morrer, e quem fará isso será um dos seus irmãos.

– Há outros na cidade? – indagou Rato.

– Seu pai é um deus, mas as ferramentas dele são homens. E homens fracassam. Sua Santidade planeja com base nisso. Agora, meu pequeno futuro fracasso, que plano brilhante você tem para lidar com Azoth?

A raiva surgiu mais uma vez nos olhos de Rato, mas ele a controlou. Bastaria uma palavra de Neph e ele seria mais um cadáver boiando no Plith; ambos sabiam disso. Na verdade, Neph o estava testando. A crueldade era o maior trunfo de Rato; o vürdmeister já tinha visto sua sede de sangue intimidar meninos mais velhos que o poderiam ter matado. Mas isso de

nada valia se ele não conseguisse se conter.

– Vou matar Azoth – disse Rato. – Vou fazê-lo sangrar feito um...

– Se há algo que você não pode fazer é matá-lo. Se fizer isso, ele será esquecido e outro assumirá seu lugar. Ele precisa continuar vivo, mas neutralizado, para o mundo inteiro ver.

– Vou espancá-lo na frente de todo mundo. Vou quebrar as mãos dele e...

– E o que vai acontecer se os *lagartos* dele correrem em sua defesa?

– Eles... eles não fariam isso. São medrosos demais.

– Ao contrário de outros meninos que conheço, Azoth não é burro – retrucou Neph. – Entendeu o que estava acontecendo quando aqueles grandes foram falar com ele. Talvez planejasse isso desde o início. A primeira coisa que espera é você ficar com medo e tentar bater nele. De modo que terá um plano para isso.

Neph observou Rato entender que talvez viesse a perder o controle da guilda. Se isso acontecesse, perderia a vida.

– Mas você tem um plano – disse Rato. – Um jeito para eu destruí-lo, não tem?

– E talvez até compartilhe com você.

A hora estava chegando. Azoth podia sentir isso deitado no chão, cercado por seus lagartos, pela sua guilda. *Sua* guilda. Quinze pequenos e cinco grandes. Metade dos pequenos e um quarto dos grandes da Dragão Negro agora eram seus. Todos dormiam tranquilamente à sua volta, provavelmente até Texugo, que deveria estar só fingindo.

Azoth não dormia havia quatro dias. Na noite em que chegara em casa depois de falar com Blint – e em todas as noites desde então –, ficara acordado, planejando, duvidando, febril com a animação de imaginar uma vida sem Rato. E a luz da aurora sempre derretia seus planos junto com o

nevoeiro. De brincadeira, batizara de lagartos aqueles que tinham passado para o seu lado, pois eles com certeza não eram dragões, mas as crianças tinham adotado o apelido com orgulho, sem entender o desespero que denotava.

Durante o dia, Azoth tinha agido, dado ordens, organizado seus patéticos lagartos para que formassem uma força, feito qualquer coisa para não pensar em matar Rato. Quanto tempo ele esperaria? A hora do expurgo era agora. Todos esperavam para ver o que o Punho faria. Se não executasse algo logo, seus fiéis começariam a duvidar e ele perderia a guilda em um instante.

Azoth tinha dado ordens aos três pequenos em que mais confiava para que protegessem a Menina-Boneca o tempo inteiro. Depois, havia começado a ter dúvidas. Aquele não era um bom uso do poder que tinha. Precisava que aqueles pequenos lhe trouxessem informações: que escutassem os outros da guilda, que investigassem as outras guildas para ver se alguma das vizinhas gostaria que os lagartos se juntassem a elas. Além do mais, o que poderiam fazer três pequenos contra todos os grandes de Rato? Crianças de 8, 10 e 11 anos não conseguiriam deter adolescentes de 15 e 16 anos. Acabara incumbindo dois dos grandes de proteger a menina, e a mantinha perto de si todo o tempo.

Mas estava fraquejando. As noites insones começavam a cobrar o preço. Seu raciocínio estava confuso. Logo cometeria um erro estúpido. E tudo porque não tinha peito para matar Rato.

Poderia fazer isso naquela noite. Na verdade, seria fácil. Rato havia saído antes da meia-noite com dois grandes. Pegaria no sono imediatamente quando voltasse. O pilantra nunca tivera dificuldade para dormir. Azoth tinha a navalha e até uma faca de verdade que um dos grandes havia roubado. Só precisava se aproximar de Rato e enfiar a lâmina nele. Qualquer lugar na barriga daria conta do recado. Mesmo se os dragões fossem leais o suficiente para levá-lo até um curandeiro, com certeza roubariam todo seu dinheiro. Que curandeiro iria querer trabalhar de graça em um menino de guilda? Tudo o que Azoth precisava fazer era esperar cinco minutos depois

de Rato voltar, depois se levantar para ir mijar. Na volta, iria matá-lo.

Era o único jeito de a Menina-Boneca ficar segura.

Sabia o que significava se tornar um derramador. Tudo iria mudar. Derramadores eram facas no escuro. Azoth aprenderia a lutar, a matar. Mais do que aprender, iria executar. Blint esperaria que matasse. Aquilo o incomodava como um olhar da Menina-Boneca. Só que ele não pensava muito nas especificidades do ato de matar. Agarrava-se à imagem de Durzo Blint rindo da guilda inteira. Destemido. Alguém que queria *ser*.

Blint o levaria embora. Azoth não viraria chefe da Dragão Negro. Nem seria chefe de seus lagartos. Não queria que os pequenos o olhassem como se fosse um pai, nem que os grandes o fitassem como se ele soubesse o que estava fazendo, como se fosse mantê-los em segurança. Não conseguia sequer garantir a própria segurança. Ele era uma fraude. Caíra em uma cilada e eles não viam isso.

O barulho inconfundível da porta da frente se abrindo anunciou a chegada de Rato. Azoth sentiu tanto medo que teria sido capaz de chorar caso não houvesse dito a Texugo para ficar acordado. Não podia chorar na frente dos seus grandes. Tinha certeza de que Rato viria até ele, mandaria os grandes levantarem-no e levá-lo embora para sofrer alguma horrenda punição que faria a de Jarl parecer um afago. No entanto, como de costume, Rato adentrou seu harém, deitou-se e pegou no sono em segundos.

Derramadores não choravam. Eram matadores. As outras pessoas os temiam. Todo mundo no Sa'kagé os temia.

Se eu ficar aqui deitado e tentar pegar no sono outra vez, poderia dormir sem nada acontecer por mais uma noite ou uma semana, mas Rato vai vir me pegar. Ele vai destruir tudo.

Azoth tinha visto a expressão nos olhos do rival. Rato iria destruí-lo e não esperaria uma semana para fazer isso. *Ou isso, ou vou matá-lo primeiro.* Em sua mente, Azoth se via como herói, como um personagem saído da história de um bardo: o dinheiro de Jarl reembolsado, dinheiro suficiente para Ja'laliel poder comprar sua avaliação, todos na guilda o amando por ter matado Rato, e a Menina-Boneca falando pela primeira vez, com um brilho

de aprovação nos olhos, dizendo-lhe quanto ele era corajoso.

Era uma idiotice e ele não podia se dar ao luxo de ser idiota.

Precisava mijar. Levantou-se zangado e saiu pela porta dos fundos. Os guarda-costas de Rato, adormecidos, nem se mexeram quando ele passou.

O ar da noite estava frio e rançoso. Azoth vinha gastando a maior parte do dinheiro da coleta para alimentar seus lagartos. Naquele dia, havia comprado peixe. Os pequenos, sempre famintos, tinham comido as vísceras e adoecido. Enquanto sua urina formava um arco no beco, pensou que deveria ter mandado alguém ficar atento a isso. Era só mais uma coisa que deixara passar.

Ouviu um arrastar vindo lá de dentro e se virou, amarrando o cordão da calça. Quando espiou a escuridão, contudo, não viu nada. Estava perdendo a razão, sobressaltando-se com barulhos quando havia sessenta crianças de guilda aglomeradas dentro da casa, dormindo, gemendo com a barriga vazia, rolando uma por cima da outra.

De repente, sorriu e tocou a navalha. Podia até haver cem coisas que não conhecia e mil outras que não podia controlar, mas ele agora sabia o que precisava fazer.

Rato tinha que morrer; era simples assim. O que acontecesse com Azoth depois disso não tinha importância. Quer lhe agradecessem ou matassem, ele tinha que matar Rato antes de ele chegar à Menina-Boneca.

Estava tomada a decisão. Azoth escondeu a navalha junto ao pulso e entrou. Rato devia estar dormindo, imprensado no meio do seu harém. Só precisaria dar dois passos para fora do seu caminho. Fingiria tropeçar, para o caso de os grandes estarem olhando, e então cravaria a navalha na barriga dele. Iria golpeá-lo vezes sem conta, até Rato morrer ou ele próprio morrer.

A quatro passos de seu ataque, viu o lugar onde ele próprio dormia. Texugo estava deitado de costas no escuro, com uma fina linha traçada no pescoço, negra sobre a pele branca. Tinha os olhos abertos, mas não se mexia.

O lugar da Menina-Boneca estava vazio. Ela havia sumido, e Rato também.



Azoth ficou deitado no escuro, atordoado demais para chorar. Mesmo em seu choque súbito e cego, sabia que os grandes de Rato não podiam estar dormindo. Ele saíra por apenas um minuto e tinham levado a Menina-Boneca. Não lhe adiantaria coisa alguma acordar a guilda inteira. No escuro e na confusão, jamais saberia qual dos grandes de Rato estava faltando. E o que faria se soubesse? Mesmo se descobrisse, não saberia para onde tinham ido. Mesmo se soubesse para onde tinham ido, o que poderia fazer?

Ficou deitado no escuro, tropeçando nos próprios pensamentos, encarando o teto. Ele os havia escutado. Maldito fosse para todo o sempre. Tinha escutado o barulho e nem fora ver o que era.

Permaneceu imóvel, arrasado. A sentinela mudou. O sol nasceu. As crianças acordaram e ele continuou encarando o teto à espera que desabasse em cima dele. Azoth não teria conseguido se mexer nem se quisesse.

Ficou deitado na luz. Crianças guincharam, pequenos o puxaram gritando alguma coisa. Algo sobre Texugo. Alguém o sacudiu, mas ele estava muito longe. Só muito tempo depois acordou. Somente um barulho foi capaz de tirá-lo do transe: a risada de Rato.

Sentiu um arrepio e sentou-se, ereto. Ainda estava com a navalha na mão. Havia sangue seco no chão, mas mal reparou nisso. Ficou em pé e começou a andar em direção à porta.

Aquela risada terrível tornou a ecoar e Azoth começou a correr. No instante em que passou pela porta, viu com o canto do olho a sombra do

batente se alongar e avançar com um estalo. Foi tão rápido quanto o ataque de uma aranha, e igualmente eficaz. Trombou com a sombra como se tivesse se jogado contra uma parede. Ouviu um assobio na cabeça enquanto era puxado para trás, para dentro das sombras profundas entre o prédio da guilda e a ruína logo ao lado.

– Está tão ansioso assim pela morte, pequeno?

Azoth não conseguia sacudir a cabeça nem se soltar. A mão de ferro da sombra cobria seu rosto. Aos poucos, percebeu que era mestre Blint.

– Cinco dias, garoto. Você teve cinco dias para matá-lo.

Blint sussurrava no ouvido de Azoth e um leve cheiro de alho e cebolas exalava de seu hálito. Na sua frente, Rato falava com a guilda, rindo e fazendo-os rir junto com ele. Alguns dos lagartos estavam presentes e também gargalhavam, torcendo para não chamar a atenção do Punho.

Então já começou. O que quer que Azoth tivesse conseguido construir já estava ruindo. O resto dos lagartos havia sumido. Sem dúvida voltaram rastejando para ver o que acontecera. Azoth nem conseguiu sentir raiva deles. Nas Tocas, fazia-se o que fosse preciso para sobreviver. O fracasso não era deles, mas seu. Blint tinha razão: os grandes de Rato estavam prontos. O próprio Rato estava pronto. Se Azoth tivesse atacado ali, teria morrido. Ou coisa pior. Tivera tanto tempo para planejar e não fizera nada. Teria merecido aquela morte.

– Está calmo agora, garoto? – indagou Blint. – Ótimo, porque vou lhe mostrar o preço da sua hesitação.

Solon foi conduzido até a sala de jantar por um velho de costas vergadas vestindo um uniforme muito bem-passado com adornos dourados e o brasão dos Gyre: um falcão-gerifalte de asas abertas sobre um escudo negro. Nem khalidori, nem lodricari: esses animais só eram encontrados no Gelo. *Ou seja, são tão pouco nativos de Cenária quanto eu.*

O jantar foi servido no salão nobre, uma escolha estranha, na opinião de Solon. Não que o cômodo não fosse vistoso; pelo contrário, era até demais. Devia ser tão grande quanto o do Castelo de Cenária, enfeitado com tapeçarias, estandartes, escudos de inimigos mortos em outros tempos, imensas telas, estátuas de mármore ou folheadas a ouro, e um mural no teto representando uma cena do Alkestia. Em meio a toda essa grandiosidade, a mesa parecia diminuta, insignificante, muito embora tivesse 15 passos de comprimento.

– Lorde Solon Tofusin, da Casa de Tofusin, Busca-Ventos da Real Casa de Braaden do Império da Ilha de Seth – anunciou o velho.

Solon gostou do fato de o arauto saber ou então ter pesquisado os títulos adequados, embora Seth atualmente já quase não fosse um império. Avançou para cumprimentar lady Gyre.

A duquesa era uma mulher bonita, digna, com os olhos verde-escuros, a pele morena e a ossatura delicada da Casa de Graesin. Embora dona de um físico invejável, estava vestida de forma modesta pelos padrões de Cenária: decote fechado, bainha que quase chegava aos tornozelos esguios, o vestido cinza ajustado, porém sem chegar a ser justo.

– Bênçãos, milady – disse Solon, fazendo o cumprimento sethi tradicional, uma mesura com as mãos espalmadas. – Que o sol lhe sorria e todas as tormentas a encontrem no porto.

Aquilo era um exagero, mas três pessoas jantarem em um salão grande também não era?

Ela deu um muxoxo e nem se dignou a responder. Eles se sentaram e os criados trouxeram o primeiro prato: uma sopa de pato com erva-doce.

– Meu filho me alertou sobre quem o senhor é, mas o senhor fala bem e não achou necessário espetar qualquer metal no próprio rosto. E está vestido. Estou bastante satisfeita.

Ficou claro que a duquesa fora informada quanto à sorte do filho no combate com Solon e não gostara nada de ver Logan posto no seu devido lugar.

– É verdade, então? – indagou o rapaz. Estava sentado em uma das

cabeceiras da mesa, a mãe na outra, e Solon, infelizmente, no meio. – Os sethi viajam mesmo pelados em seus navios?

– Logan – disse Catrinna Gyre, ríspida.

– Não. Se me permite, lady Gyre, trata-se de um equívoco muito frequente. A nossa ilha fica na rota da corrente mais quente do Grande Mar, de modo que faz bastante calor por lá, mesmo no inverno. No verão, a temperatura é quase insuportável. Portanto, embora não usemos tanta roupa nem vestimentas tão pesadas quanto as pessoas daqui, temos nossos próprios padrões de modéstia.

– Modéstia? Está chamando de modestas as mulheres que correm seminuas por navios? – indagou lady Gyre.

Logan pareceu fascinado com essa possibilidade.

– Nem todas são modestas, claro. Mas, para nós, seios são tão eróticos quanto pescoços. Pode ser agradável beijá-los, mas não há motivo para...

– O senhor está passando dos limites!

– Por outro lado, uma mulher que mostra os tornozelos obviamente não está querendo descer do convés sozinha. Na realidade, lady Gyre... – Ele arqueou uma das sobrancelhas e fingiu olhar para os tornozelos dela, embora estivessem distantes demais e do outro lado da mesa. – As mulheres sethi a considerariam bem ousada.

O rosto de Catrinna Gyre empalideceu. Antes que ela pudesse dizer qualquer coisa, porém, Logan riu.

– Tornozelos? Tornozelos? Mas que... que bobagem! – Ele deu um assobio. – Belos tornozelos, mãe. – Tornou a rir.

Um criado chegou com o segundo prato, mas Solon nem o viu pousá-lo sobre a mesa. *Por que faço isso?* Não seria a primeira vez que sua língua afiada cortaria a própria garganta.

– Estou vendo que a sua falta de respeito não se limita a bater em lorde Gyre – disse a duquesa.

Agora ele é lorde Gyre. Então os homens não eram burros; não estavam tratando Logan como criança. Era ela quem devia ter dado a ordem de não baterem no rapaz durante os treinos.

– Mãe, ele nunca me faltou ao respeito. E tampouco quis faltar ao respeito com você. – Logan olhou para lady Gyre, em seguida para Solon, e nas duas vezes se deparou com olhares pétreos. – Quis, mestre Tofusin?

– Milady, meu pai certa vez me disse que não há nobres no campo de treinamento porque não há lordes no campo de batalha.

– Que bobagem – retrucou ela. – Um verdadeiro nobre é sempre nobre. Nós entendemos isso em Cenária.

– Mãe, o que ele está dizendo é que a espada do inimigo corta os nobres da mesma forma que os camponeses.

Lady Gyre ignorou o filho e perguntou:

– O que deseja de nós, mestre Tofusin?

Era uma pergunta grosseira para se fazer a um convidado. Além disso, dirigia-se a ele como se fosse um plebeu. Solon estava contando com a cortesia dos Gyre para ter tempo suficiente para poder responder justamente isso. Pensava que fosse observar e esperar, fazer todas as refeições com os Gyre e ter quinze dias ou um mês antes de anunciar qualquer intenção ou plano. Achava que poderia gostar do rapaz, mas aquela mulher, pelos deuses! Talvez fosse melhor ter enfrentado a sedutora Jadwin.

– Mãe, não acha que está sendo um pouco...?

Lady Gyre nem olhou para o filho; simplesmente ergueu a palma na direção dele e encarou Solon sem piscar.

Então é assim.

Logan não era apenas seu filho. Ainda que fosse apenas um garoto, era o superior de Catrinna de Gyre. Naquele gesto de desdém, Solon leu a história inteira da família. Ela ergueu a mão e o filho ainda era jovem o bastante, inexperiente o bastante para se calar como um bom filho, em vez de puni-la como um bom superior. Nesse desprezo, e no que ela havia exibido ao cumprimentá-lo, Solon viu por que o duque havia nomeado o filho na sua ausência. Gyre não podia confiar na capacidade de governar da própria mulher.

– Estou esperando – disse ela. Sua voz fria o fez se decidir.

Solon não gostava de crianças, mas odiava tiranos. Maldito seja você,

Dorian.

– Vim ser o conselheiro de lorde Gyre – falou, com um sorriso caloroso.

– Ah! De jeito nenhum.

– Mãe – falou Logan e um quê de dureza surgiu em sua voz.

– Não. Jamais! Na verdade, mestre Tofusin, gostaria que o senhor se retirasse.

– Mãe!

– Agora!

Solon não se moveu; agradecido por se lembrar de como os cenários empunhavam os talheres, apenas segurou a faca e o garfo de dois dentes acima do prato, obrigando-se a não fazer nenhum movimento.

– Quando é que a senhora vai deixar lorde Gyre agir como tal?

– Quando estiver pronto. Quando for mais velho. E não vou admitir ser questionada por um selvagem sethi que...

– Foi isso que o duque lhe ordenou ao nomear o filho na sua ausência? Que deixasse Logan mandar quando estivesse pronto? Meu pai certa vez me disse que obediência tardia na verdade é desobediência.

– Guardas! – chamou ela.

– Mãe! Pare com isso!

Logan se levantou tão de súbito que a cadeira atrás dele caiu no chão.

Os guardas já estavam a meio caminho da cadeira de Solon. De repente, se sentiram presos, travados. Entreolharam-se e diminuíram o passo, tentando em vão se aproximar sem fazer barulho, mas a cota de malha que vestiam tilintava a cada passo.

– Logan, conversaremos sobre isso depois – disse Catrinna Gyre. – Tallan, Bran, acompanhem esse homem até lá fora. Agora!

– O senhor de Gyre sou eu! Não toquem nele! – gritou Logan.

Os guardas estacaram. Os olhos de Catrinna luziram de fúria.

– Como se atreve a questionar a minha autoridade? Está contradizendo sua mãe na frente de um desconhecido? Você me envergonha, Logan Gyre. Envergonha sua família. Seu pai cometeu um erro terrível ao confiar em você.

Solon ficou nauseado e, pelo visto, Logan se sentiu pior ainda. Estava abalado, subitamente hesitante, prestes a ceder. *Que cobra! Ela destrói o que deveria proteger. Estilhaça a segurança do próprio filho.*

Logan olhou para Tallan e Bran. Os homens pareciam arrasados por estarem testemunhando sua humilhação. O rapaz pareceu diminuir de tamanho.

Preciso fazer alguma coisa.

– Lorde Gyre, meu senhor – disse Solon, levantando-se e atraindo o olhar de todos. – Eu sinto muitíssimo. Não quero abusar da sua hospitalidade. A última coisa que gostaria de ser é o motivo de um conflito familiar. De fato, passei dos limites e me dirigi à sua mãe com franqueza excessiva. Nem sempre... modero a verdade diante das sensibilidades cenárias. Lady Gyre, peço desculpas por qualquer ofensa que a senhora ou o seu senhor possam ter sentido. Lorde Gyre, sinto muito se acha que o tratei com leviandade, e naturalmente vou me retirar, se me der licença. – Uma leve ênfase em *se me der licença*.

Logan se empertigou.

– Não dou.

– Milorde? – Solon forçou uma expressão de surpresa.

– Encontrei neutralização demais e verdade de menos nesta casa. Mestre Tofusin, o senhor nada fez para me ofender. Gostaria que ficasse. E tenho certeza de que minha mãe fará o possível para que o senhor se sinta bem-vindo.

– Logan Gyre, você não vai... – começou Catrinna.

– Homens! – exclamou Logan aos guardas, alto o bastante para interrompê-la. – Lady Gyre está cansada e nervosa. Queiram acompanhá-la até seus aposentos. Gostaria que um de vocês ficasse de guarda na porta do seu quarto hoje à noite, caso ela precise de alguma coisa. Comeremos os três na sala de sempre pela manhã.

Solon adorou aquilo. Logan acabara de confinar a mãe aos próprios aposentos e de pôr um guarda na porta para não deixá-la sair até a manhã seguinte, tudo sem lhe dar a menor possibilidade de reclamar. *Esse garoto*

vai ser formidável!

Vai ser? Ele já é. E eu acabei de me acorrentar a ele. Não foi um pensamento confortável. Ele nem decidira ficar. Na verdade, meia hora antes decidira pensar por algumas semanas. Agora pertencia a Logan.

Você sabia que isso iria acontecer, Dorian? O amigo não acreditava em coincidências. Mas Solon nunca tivera a mesma fé. Agora, com ou sem fé, estava comprometido. Isso o fez sentir uma pressão no pescoço, como se estivesse usando um colar de escravo dois tamanhos menor que o devido.

O resto da excelente refeição foi feito em silêncio. Solon pediu licença a seu senhor e saiu à procura da estalagem mais próxima que servisse vinho sethi.



O rosto dela estava destruído. Azoth certo dia vira um homem levar um coice de um cavalo direto na cara. O sujeito morrera sufocado pelos dentes quebrados e pelo sangue. A situação da Menina-Boneca era ainda pior.

Azoth olhou para outro lado, mas Durzo o segurou pelos cabelos e obrigou-o a se virar.

– Olhe, seu maldito. Olhe. Foi isso que você fez, garoto. É esse o preço da hesitação. Quando eu digo “mate”, você mata. Não no dia seguinte, nem cinco dias depois. Você mata no mesmo segundo. Sem hesitação. Sem dúvidas. Sem titubear. Obediência. Entende essa palavra? Eu sou mais experiente. Você não sabe nada. Você não é nada. Você é isso que está na sua frente. Fraqueza. Imundície. Você é o sangue que agora borbulha do nariz dessa menina.

Soluços subiram pela garganta de Azoth. Ele se debateu e tentou virar as costas, mas as mãos de Durzo pareciam de aço.

– Não! Olhe! Foi isso que você fez. A culpa é sua! O fracasso é seu! Quem fez isso era para estar morto. Mortos não machucam ninguém. Mortos estão mortos. Não daqui a cinco dias... Mate no mesmo instante em que aceitar o serviço. Entendeu bem?

Azoth vomitou, mas mesmo assim Durzo continuou segurando seus cabelos, direcionando sua cabeça para que a Menina-Boneca não fosse atingida. Quando terminou, Durzo o girou para outro lado e o soltou. Mas Azoth tornou a se virar sem nem mesmo limpar a boca. Olhou para a

Menina-Boneca. Ela não duraria muito. Cada respiração era um esforço. O sangue empoçava, escorria, pingava e se derramava nos lençóis e no chão.

Ficou olhando até o rosto dela sumir, até só ver ângulos e curvas vermelhos onde antes havia aquela face bonita como a de uma boneca. Os traços rubros ficaram brancos feito um ferro em brasa e marcaram com fogo a sua memória. Ele não se mexeu, para que as cicatrizes na sua mente lhe dessem uma imagem perfeita do que havia feito, para que correspondessem às feridas dela.

Durzo não disse uma palavra sequer. Não tinha importância. A única coisa que importava era a menininha coberta de sangue deitada naqueles lençóis cobertos de sangue. Azoth sentiu algo dentro de si ruir e o ar sair de seu corpo. Uma parte sua ficou grata; uma parte sua deu vivas ao se sentir esmagado, compactado até se tornar insignificante, até deixar de existir. Era o que ele merecia.

Mas então aquilo passou. Ele piscou e percebeu que não havia lágrimas em seus olhos. Ele *não seria* esmagado. Algo nele se recusava a ser esmagado. Virou-se para Durzo.

– Se você a salvar, sou seu. Para sempre.

– Garoto, você não está entendendo. Você já fracassou. Além do mais, ela está morrendo. Não há nada que eu possa fazer. Ela agora não vale nada. Uma menina da rua vale exatamente o que consegue ganhar se prostituindo. Salvar a vida dela não é bondade. Ela não vai lhe agradecer por isso.

– Eu vou matá-lo – disse Azoth.

– Você já fracassou.

– Você me deu uma semana. Só cinco dias se passaram.

Durzo balançou a cabeça.

– Pelos Anjos da Noite! Que seja, então. Mas, se aparecer sem provas, eu acabo com você.

Azoth não respondeu. Já estava indo embora.

Ela não iria morrer depressa, mas iria morrer, isso era certo. Durzo não conseguiu evitar de sentir certa raiva profissional. Aquilo fora um trabalho desleixado, cruel. Com aqueles horríveis ferimentos no rosto, era evidente que a intenção fora deixá-la viva, mas com horrendas cicatrizes que a envergonhariam para sempre. Em vez disso, sua vida se esvaía aos chiados pelo nariz quebrado e cheio de sangue.

Não havia o que fazer por ela. Isso logo ficou claro. Já matara os dois grandes que a estavam vigiando depois da carnificina, mas desconfiava que nenhum deles fosse responsável pelos cortes. Ambos pareciam horrorizados demais com o mal para o qual tinham contribuído. Uma parte de Durzo que ainda conservava um resquício de decência exigia que ele fosse matar imediatamente o perverso responsável por aquilo, mas primeiro cuidaria da menina.

Ela estava deitada em um catre baixo em um de seus menores esconderijos nas Tocas. Ele a havia limpado da melhor maneira que conseguira. Sabia muito sobre preservar a vida; aprendera isso ao mesmo tempo que aprendera a matar. Era só uma questão de abordar a linha entre a vida e a morte pelo lado oposto. Logo ficou evidente que os ferimentos dela estavam além das suas capacidades. Ela havia sido chutada e sofria de hemorragia interna. Isso a mataria, mesmo que o sangue que estava perdendo pelo rosto não fosse o suficiente.

– A vida é vazia – disse ele à forma imóvel da menina. – Não tem valor nem significado. A vida é dor e sofrimento. Eu a estarei poupando se a deixar morrer. Você se tornará um monstro. As pessoas vão rir de você. Apontá-la com o dedo. Estremecer. Você vai entreouvir suas perguntas. Vai reconhecer a pena que elas só manifestam para se sentir bem. Vai ser uma curiosidade, uma aberração. Sua vida agora não vale nada.

Ele não tinha escolha. Precisava deixá-la morrer. Não era o mais justo a se fazer, mas era o mais gentil. *Não era o mais justo*. Esse pensamento, além da feiura e do sangue dela, o corroeram por dentro.

Talvez ele precisasse salvá-la. Pelo garoto. Talvez fosse justamente o incentivo que o faria agir. Mama K dizia que Azoth era gentil demais. Quem

sabe com aquilo ele aprendesse a agir primeiro, a agir depressa, a matar qualquer um que o ameaçasse. O garoto já tinha esperado demais. Fosse como fosse, era um risco. Ele havia jurado servir a Durzo caso ele a salvasse, mas de que serviria para um garoto ter aquele fardo por perto? Ela seria um lembrete vivo do seu fracasso.

Durzo não podia permitir que Azoth destruísse a si mesmo por causa de uma menina. Não iria permitir.

Os chiados o fizeram se decidir. Não iria matá-la nem era covarde a ponto de fugir e deixá-la morrer sozinha. Certo. Faria o que pudesse para salvá-la. Se ela morresse, não seria culpa sua. Se vivesse, lidaria com Azoth.

Mas quem diabo poderia salvar a menina?

Solon encarava a borra do sexto copo do intragável vinho tinto sethi. Qualquer fabricante de vinho honesto da ilha teria tido vergonha de servir aquele lixo, mesmo que fosse para comemorar a entrada na idade adulta de seu sobrinho menos querido. E a borra? Pelo menos metade do copo devia ser de borra. Alguém precisava avisar ao dono da estalagem que aquela bebida não fora feita para envelhecer. Era para ser servida em um ano, no máximo. E ao ar livre. Kaede não teria suportado.

Então ele disse isso ao dono da estalagem. E percebeu, pela expressão do sujeito, que já lhe falara isso. Pelo menos duas vezes.

Bom, que se dane. Estava pagando um bom dinheiro por um vinho ruim e torcendo para, dali a alguns copos, deixar de perceber quão era ruim. Mas não. Cada copo só o deixava um pouco mais irritado com a má qualidade da bebida. Por que alguém atravessaria o Grande Mar para transportar algo tão ruim? Será que chegavam a lucrar com aquilo?

Enquanto punha outra moeda de prata sobre o balcão, entendeu que só conseguiam lucrar por causa de bobos como ele, saudosos de casa. Pensar isso o deixou enjoado. Ou talvez tivesse sido o vinho. Algum dia precisaria

convencer lorde Gyre a investir em vinhos sethi.

Afundando mais um pouco na cadeira, acenou para pedir outro copo, ignorando os outros poucos clientes e o estalajadeiro entediado. Aquilo era de fato um exercício imperdoável de autocomiseração, do tipo que desejaria apagar de Logan Gyre se ele o visse se entregando a uma atitude tão juvenil. Solon tinha viajado tanto, e para quê? Lembrou-se de Dorian, daquele sorrisinho travesso que as garotas nunca se cansavam de admirar.

“Um reino está nas suas mãos, Solon.”

“E de que me importa Cenária? Fica a meio mundo daqui!”

“Eu por acaso disse que o reino era Cenária?” De novo aquele maldito sorriso, que então sumira. “Solon, você sabe que eu não pediria isso se houvesse outro jeito...”

“Você não está visualizando tudo. Tem que haver outro jeito. Pelo menos me diga o que devo fazer. Dorian, você sabe o que eu estaria abandonando. Sabe quanto vai me custar.”

“Sei, sim”, respondera Dorian, e seus traços de aristocrata exibiram a mesma dor que um grande senhor talvez sentisse ao mandar seus homens de encontro à morte para cumprir algum objetivo necessário. “Solon, ele precisa de você...”

Suas lembranças foram subitamente interrompidas pelo toque de uma adaga em suas costas. Ele se empertigou com um sobressalto e derramou sobre a mesa o conteúdo do sétimo copo.

– Já chega, amigo – disse uma voz baixa em seu ouvido. – Sei o que você é e preciso que venha comigo.

– Ou? – perguntou Solon, tonto. Quem poderia saber que ele estava ali?

– Exatamente. *Ou* – respondeu a pessoa num tom de quem acha graça.

– Ou o quê? Vai me matar na frente de cinco testemunhas?

Ele raramente bebia mais de dois copos de vinho de uma vez. Estava prejudicado demais para uma situação daquelas. Quem diabo era aquele homem?

– E dizem que você é inteligente. Se eu sei o que você é e, mesmo assim, o ameaço, acha que não tenho disposição para matá-lo?

Solon não teve resposta.

– E o que me impede de...

A adaga espetou suas costas.

– Chega de conversa. Você foi envenenado. Faça o que eu digo e lhe darei o antídoto. Isso responde ao resto das suas perguntas?

– Na verdade...

– Você vai saber que foi mesmo envenenado porque, a qualquer momento, o seu pescoço e as suas axilas vão começar a coçar.

– Raiz de ariamu? – indagou Solon, tentando pensar.

Será que aquele homem estava blefando? Por que blefaria?

– E algumas outras coisinhas. Último aviso.

O ombro de Solon começou a coçar. Maldição. Se fosse só raiz de ariamu, poderia dar um jeito, mas aquilo...

– O que quer?

– Vamos lá para fora. Não se vire nem diga nada.

Quase tremendo, Solon caminhou até a porta. O homem tinha dito “o que você é”, não “quem você é”. Poderia ter sido uma referência ao fato de ele ser sethi, mas seu outro comentário obviamente não era. Os sethi podiam ter boa ou má reputação por muitas coisas, mas a inteligência não era uma delas.

Mal havia pisado na rua quando sentiu a adaga espetar suas costas outra vez. A mão de alguém sacou uma espada da bainha.

– Isso não vai ser necessário – disse Solon. Seria sua imaginação ou seu pescoço estava coçando? – Só diga o que você quer.

O envenenador o fez dar a volta no prédio até onde dois cavalos aguardavam. Seguiram montados rumo ao sul, depois atravessaram a ponte Vanden. Foram engolidos pelas Tocas e, embora Solon não achasse que o homem estivesse fazendo curvas apenas para deixá-lo perdido, logo ficou. Maldição.

Por fim, pararam em frente a um pequeno casebre entre tantos outros. Solon desmontou do cavalo com dificuldade e seguiu o homem para dentro. O envenenador usava roupas escuras e uma volumosa capa preta

acinzentada com o capuz levantado. Solon só conseguia ver que ele era alto, atlético e provavelmente magro. O homem meneou a cabeça em direção à porta e Solon entrou.

Sentiu o cheiro de sangue na mesma hora. Uma menina pequena estava deitada em uma cama baixa, quase sem respirar; seu rosto era uma massa sanguinolenta. Solon se virou.

– Ela está morrendo. Não há nada que eu possa fazer.

– Eu fiz o que pude – disse o homem. – Agora faça você o que puder. Separei todos os instrumentos de que precisa.

– Não sei o que você pensa que sou, mas está enganado. Eu não sou um curandeiro!

– Se ela morrer, você também morre.

Solon sentiu sobre si o peso daqueles olhos. Então o envenenador virou as costas e foi embora. Ele olhou para a porta fechada e sentiu o desespero se erguer como ondas de escuridão. Então se sacudiu. Chega. E daí se estava cansado, ainda bêbado, envenenado, cheio de coceira e nunca tivesse sido grande coisa como curandeiro? Dorian tinha dito que alguém ali precisava dele, não tinha? Então com certeza Solon não podia morrer ainda.

A menos, é claro, que o simples fato de fazer Logan enfrentar a mãe tivesse sido sua única serventia.

Bem, é esse o problema das profecias, não é? Nunca se sabe. Ajoelhou-se ao lado da menina e começou a trabalhar.



Mama K cruzou as pernas do jeito distraído e provocante que só uma cortesã veterana seria capaz. Algumas pessoas tinham o hábito de nunca pararem quietas. O hábito dela era seduzir. Com um corpo que a maioria de suas meninas invejava, poderia passar por uma mulher de 30, mas não tinha vergonha da própria idade. Dera uma festa de arromba para comemorar os 40. Gwinvere Kirena fora a maior cortesã de sua época. Durzo sabia de uma dezena de duelos travados por sua causa, e pelo menos o mesmo número de grandes senhores a pedira em casamento, mas ela não se prendia a homem nenhum. Conhecia bem demais todos com quem andava.

– Esse tal de Azoth o deixa mesmo nervoso, não é? – perguntou Mama K.

– Não.

– Mentiroso.

Ela sorriu com seus lábios carnudos vermelhos e dentes perfeitos.

– O que foi que você me entregou? – indagou Durzo, sem real interesse.

Mas estava nervoso, *sim*. As coisas de repente tinham fugido do seu controle.

– Você estava olhando para os meus peitos. Só me olha como mulher quando está distraído e de guarda aberta. – Ela tornou a sorrir. – Não se preocupe... eu acho fofo.

– Você nunca dá uma folga?

– Você é um homem mais simples do que gosta de pensar, Durzo Blint.

Quando o mundo fica demais para você, só tem três refúgios. Quer que eu diga quais são, meu grande e forte derramador?

– É esse o tipo de conversa que você tem com seus clientes?

Foi um golpe baixo, mas era um comentário que uma puta devia ter escutado tantas vezes que, àquela altura, já teria uma boa couraça para se proteger.

Mama K nem pestanejou.

– Não. Mas eu me deitei uma vez com um barão de pau pequeno que gostava que eu fingisse ser sua enfermeira. Quando ele se comportava mal, eu...

– Me poupe.

Era uma pena fazê-la parar, mas ela teria continuado por dez minutos, sem deixar de fora nenhum detalhe.

– Então, o que você quer, Durzo? Agora está encarando suas mãos.

Ele estava *mesmo* encarando as próprias mãos. Gwinvere podia dar trabalho demais para o seu gosto, mas seus conselhos sempre eram bons. Ela era a pessoa mais observadora que conhecia, e muito mais inteligente do que ele.

– Quero saber o que fazer, Gwinvere.

Vários instantes de silêncio depois, ele ergueu os olhos das mãos.

– Em relação ao garoto? – perguntou ela.

– Não acho que ele tenha o que é necessário.

Quando Azoth dobrou a esquina, Rato estava sentado nos degraus em frente à porta dos fundos do que a guilda chamava de casa. Sentiu um aperto no coração ao vê-lo. Ele estava sozinho, à sua espera. Rodava uma espada curta sobre a ponta como se fosse um pião. Conforme ela girava, pontos de ferrugem se intercalavam com o reflexo da lua minguante no aço lustroso.

O rosto de Rato parecia tão mutável quanto o aço a rodopiar: em um instante o monstro que Azoth conhecia desde sempre, no outro uma criança grande e assustada. Avançou arrastando os pés, mais confuso e amedrontado do que tranquilizado por aquele vislumbre de humanidade. Já tinha visto demais.

Seguiu em meio ao fedor do beco que a guilda inteira usava como latrina. Não se deu o trabalho de prestar atenção onde pisava. Sentia-se oco. Quando ergueu os olhos, Roth estava em pé na sua frente com aquele sorriso conhecido e cruel nos lábios, e a espada enferrujada apontada para o seu pescoço.

– Já chegou perto o bastante – disse Rato.

Azoth se retraiu.

– Rato – falou e engoliu em seco.

– Não chegue mais perto. Você está com uma navalha. Me dê.

Azoth estava à beira das lágrimas. Tirou a navalha do cinto e a estendeu com o cabo para a frente.

– Por favor. Eu não quero morrer. Sinto muito. Faça o que quiser. Só não me machuque.

Rato pegou a navalha.

– Ele é inteligente, isso eu reconheço – disse Durzo. – Mas é preciso mais do que inteligência. Você o viu aqui com todas as outras crianças da guilda. Ele tem aquele...?

Ele estalou os dedos, sem conseguir encontrar a palavra certa.

– A maioria deles eu só vejo no inverno. Durante o resto do ano, dormem na rua. Eu lhes dou um teto, Durzo, não um lar.

– Mas você já o viu.

– Sim, vi. – E jamais conseguiria esquecê-lo.

– Gwinvere, ele é astuto?

Rato enfiou a navalha no cinto e revistou Azoth. Não encontrou nenhuma outra arma. Seu medo se dissipou e sobrou apenas exultação.

– Não machucar você?

Então lhe deu um tabefe com as costas da mão.

Foi quase ridículo. A força do golpe praticamente fez Azoth sair voando. Ele se estatelou no chão e se levantou devagar, com as mãos e os joelhos sangrando.

Como ele é pequeno! Como pude ter medo disso?

Os olhos de Azoth sangravam medo. Ele chorava e dava pequenos ganidos no escuro.

– Vou ter que machucar você – disse Rato. – Você me obrigou a isso. Eu não queria que fosse assim. Queria você comigo.

Estava fácil demais. Azoth já voltara para a guilda destruído. Rato não estava gostando daquilo. Queria fazer algo para sacramentar a humilhação do menino. Deu um passo à frente e o segurou pelos cabelos. Puxou-o até ele se ajoelhar, saboreando os gritinhos de dor.

Devia a Neph o que estava por vir. Não gostava mais de meninos do que de meninas, não especialmente. Não via muita diferença. Mas nunca teria pensado naquilo como arma se Neph não tivesse lhe dito o quanto ser violentado destruía o espírito de alguém.

Aquilo havia se tornado uma das suas práticas preferidas. Qualquer um podia assustar uma menina, mas os meninos da guilda o temiam mais do que jamais haviam temido qualquer um. Olhavam para Bim, Weese, Pod ou Jarl e se borravam. E quanto mais ele fazia aquilo, mais gostava. O simples fato de olhar para Azoth agora, ajoelhado, com os olhos redondos de tanto medo, deixou Rato excitado. Nada se igualava a ver o fogo do desafio arder com força e depois, depressa ou ao longo de muitas noites, morrer, arder outra vez, então morrer para sempre.

– Um derramador precisa se soltar – disse Durzo. – Aliás, precisa se abandonar. Para ser um derramador perfeito, tem que usar a pele perfeita para cada assassinato. Você entende isso, não entende, Gwinvere?

Ela tornou a cruzar as pernas compridas.

– Entender é o que diferencia as cortesãs das putas. Eu consigo saber como pensam todos os homens que passam pelas minhas portas. Se conheço um homem, sei como lhe agradar. Sei como manipulá-lo para que tente comprar meu amor e passe a competir com outros que tentam fazer o mesmo, mas sem ter ciúmes dos outros.

– Um derramador precisa conhecer suas vítimas desse jeito.

– E você não acha que Azoth seja capaz?

– Ah, não. Eu acho que ele é capaz. Mas depois que você conhece um homem ou uma mulher assim... depois que usa sua pele e caminha alguns quilômetros com ela, não pode evitar se apaixonar...

– Mas não é amor de verdade – disse Gwinvere baixinho.

– Quando você se apaixonou, é nessa hora que o derramador tem que matar.

– E é isso que Azoth não consegue fazer.

– Ele é molenga demais.

– Mesmo agora, depois do que aconteceu com a amiguinha dele?

– Mesmo agora.

– Você tinha razão – disse Azoth em meio às lágrimas. Ergueu os olhos para Rato em pé na sua frente, a lua lançando sua sombra sobre ele. – Sabia o que você queria. Eu também queria. Só que... só que eu não conseguia. Mas agora estou pronto.

Rato o encarou e um leve brilho desconfiado surgiu em seus olhos.

– Encontrei um lugar especial para nós dois... – Azoth se interrompeu. – Mas não faz mal. Pode ser aqui mesmo. Vamos aqui mesmo.

O olhar de Rato era duro, mas inescrutável. Azoth se levantou devagar e segurou Rato pelo quadril.

– Vamos fazer aqui mesmo, e pronto. A guilda inteira que nos ouça. Assim todo mundo vai saber.

Seu corpo inteiro estremecia, não havia como disfarçar. A repulsa o atravessava como se fosse um raio, mas ele manteve a expressão esperançosa e fingiu que aquele tremor era pura hesitação ingênua. *Eu não consigo. Não consigo. Ele que me mate. Qualquer coisa, menos...* Se pensasse, se refletisse sobre qualquer coisa por mais um segundo, estaria perdido.

Levou uma das mãos trêmulas até o rosto de Rato, em seguida ficou na ponta dos pés e lhe deu um beijo.

– Não – disse Rato, dando-lhe um tapa. – Vamos fazer do meu jeito.

– Para exercer seu ofício, um homem não pode valorizar nada, precisa sacrificar... – Durzo deixou a frase no ar.

– Tudo? – indagou Gwinvere. – Como você soube fazer isso tão bem? Minha irmã talvez tenha algo a dizer sobre essa questão.

– Vonda morreu porque não fiz isso – retrucou Durzo, sem cruzar olhares com Gwinvere.

Pela janela, a noite havia começado a afrouxar seu domínio sobre a cidade.

Ao ver Durzo ali, com seu semblante duro e marcado por cicatrizes irradiando um brilho amarelo e triste sob a luz das lamparinas, Gwinvere amoleceu.

– Você se apaixonou, Durzo. E daí? Nem todos os derramadores são imunes. O amor é um desvario.

– O amor é um fracasso. Perdi tudo porque fracassei.

– E o que vai fazer se Azoth fracassar? – Gwinvere quis saber.

– Deixá-lo morrer. Ou matá-lo.

– Você precisa dele – replicou ela com delicadeza. – Você mesmo me disse que ele vai atrair um ka’kari até você.

Antes que Durzo pudesse contestar, alguém bateu à porta.

– Entre – falou Mama K.

Uma das criadas de Gwinvere entrou, uma ex-cortesã, velha demais para os bordéis.

– Um menino quer falar com a senhora. O nome dele é Azoth.

– Mande-o entrar – disse Gwinvere.

Durzo olhou para ela.

– Que diabo ele está fazendo aqui?

– Não sei. – Gwinvere estava achando aquilo divertido. – Se for o tipo de menino que você vai conseguir transformar em derramador, não deve ser de todo desprovido de recursos.

– Maldição. Não faz nem três horas que me separei dele.

– E daí?

– Eu disse que o mataria se voltasse sem uma prova. Você sabe que não posso fazer ameaças vãs. – Durzo deu um suspiro. – Talvez você tivesse razão, mas agora não posso fazer mais nada.

– Ele não veio procurar você, Durzo. Veio falar comigo. Portanto, por que não faz aquele seu truquezinho das sombras e some?

– Meu “truquezinho das sombras”?

– *Agora*, Durzo.

A porta se abriu e um trapo de menino todo ensanguentado entrou. Mesmo naquele estado, porém, Gwinvere o teria reconhecido entre mil outros garotos de guilda. Aquele ali tinha fogo nos olhos. Mesmo com o rosto todo lanhado, com sangue escorrendo da boca e do nariz, mantinha as costas eretas. Fitou-a sem acanhamento algum. Era inteligente o suficiente para encará-la nos olhos, não no decote.

– Você vê mais do que a maioria, não é?

Não foi uma pergunta. O menino nem aquiesceu. Era jovem demais para

estar zombando da mania dela de fazer afirmações como se fossem perguntas, de modo que havia alguma outra coisa naquele olhar firme que lhe lançava.

É claro.

– E viu algo terrível, não foi?

Azoth apenas a encarou com aqueles olhos grandes; estava tremendo. Era um retrato da inocência crua que morria todo dia nas Tocas. Aquilo despertou em Mama K algo que pensava estar morto havia muito tempo. Sem precisar dizer nada, soube que poderia oferecer àquele menino um abraço de mãe, um lugar seguro. Poderia dar um refúgio até mesmo àquele filho das Tocas, que ninguém nunca pegara no colo na vida. Um olhar doce, um toque no rosto, uma palavra, e ele desabaria nos seus braços e choraria.

E o que Durzo vai fazer? Não fazia nem três meses que Vonda tinha morrido. Ele havia perdido mais do que uma amante com a sua morte, e Gwinvere não sabia se algum dia iria se recuperar. Será que ele vai entender que as lágrimas de Azoth não o tornam fraco?

Para ser honesta consigo mesma, Gwinvere sabia que abraçar Azoth não seria um gesto apenas por ele. Não conseguia se lembrar da última vez que havia abraçado alguém que não houvesse pagado por esse privilégio.

E o que Durzo vai fazer se vir amor de verdade agora? Será que isso vai torná-lo humano ou será que vai pensar que Azoth é fraco demais e matá-lo, em vez de reconhecer que precisa dele?

Levou apenas um segundo para decifrar o menino e avaliar suas alternativas. Havia coisas demais em jogo. Não conseguiu.

– Então, Azoth? – perguntou, cruzando os braços debaixo dos seios. – Quem você matou?

O rosto de Azoth ficou lívido. Ele piscou quando o medo de repente livrou seus olhos das lágrimas que ameaçavam rolar.

– Primeira morte, também – disse Mama K. – Muito bem.

– Não sei do que a senhora está falando – falou Azoth, rápido demais.

– Eu sei que cara tem um assassino. – A voz dela saiu ríspida. – Então, quem você matou?

- Tenho que falar com Durzo Blint. Por favor, onde ele está?
- Aqui mesmo – respondeu Blint atrás dele. Azoth se retraiu. – E, já que você me encontrou, é melhor alguém ter morrido.
- Ele... – Azoth olhou para Mama K; estava claro que não sabia se podia falar na frente dela – ... está morto.
- Cadê o corpo? – exigiu Blint.
- Está... no rio.
- Então não há prova. Muito conveniente.
- Aqui está sua prova! – gritou Azoth com uma fúria repentina e jogou em cima de Durzo o que estava segurando.
- Ele interceptou o objeto no ar.
- Você chama isto aqui de prova? – indagou Blint. Quando abriu a mão, Mama K viu que era uma orelha ensanguentada. – Eu chamo de orelha. Já viu algum homem morrer por ter perdido uma orelha, Gwin?
- Não me meta nessa história, Durzo Blint.
- Eu posso mostrar o corpo – disse Azoth.
- Você disse que está no rio.
- E está.
- Blint hesitou.
- Vá, Durzo! – exclamou Mama K. – Pelo menos isso você deve a ele.

O sol já estava acima do horizonte quando chegaram à oficina de barcos. Durzo entrou e em dez minutos, desenrolando uma das mangas molhadas. Não olhou para Azoth quando perguntou:

- Garoto, ele estava nu. Por acaso...?
- Passei a corda no pé dele antes de ele conseguir... Eu o matei antes.

Com um tom frio e distante, Azoth lhe contou tudo. A noite estava se esvaindo como um sonho ruim e ele não acreditava que tinha feito aquilo. Devia ter sido outra pessoa. Enquanto ele relatava sua história, Blint o

encarou de um jeito como ninguém nunca havia encarado. Devia ser pena. Azoth não soube direito. Nunca tinha visto pena antes.

– Menina-Boneca sobreviveu? – Azoth quis saber.

Durzo pôs as mãos nos ombros dele e o fitou nos olhos.

– Não sei. Ela estava muito mal. Encontrei a pessoa certa para tentar salvá-la. Garoto... – Blint desviou o olhar e piscou. – Vou dar mais uma chance para você.

– Outro teste? – Os ombros de Azoth afundaram. Sua voz saiu fraca. Ele nem conseguiu reunir energia para se mostrar ofendido. – Você não pode fazer isso. Eu obedeci.

– Chega de testes. Vou lhe dar mais uma chance para *reconsiderar*. Você fez tudo o que pedi, mas essa não é a vida que você deseja ter. Quer sair da rua? Eu posso dar um saco de moedas de prata para você e o colocarei como aprendiz de um fabricante de flechas ou de um herbalista no lado leste. Se vier comigo, terá que abrir mão de todo o resto. Quando começar a fazer o que faço, nunca mais será o mesmo. Vai ficar só. Vai ser diferente. Sempre. E isso não é o pior. Não quero amedrontá-lo. Bem, talvez queira. Mas não estou exagerando nem mentindo para você. O pior, garoto, é o seguinte: os relacionamentos são uma corda. O amor é uma força. Se você vier comigo, terá que desistir do amor. Sabe o que isso significa?

Azoth fez que não com a cabeça.

– Significa que você pode comer quantas mulheres quiser, mas nunca vai poder amar nenhuma. Não vou permitir que estrague a sua vida *por uma garota*. – A voz de Durzo se encheu de agressividade. Suas mãos pareciam garras nos ombros de Azoth e seus olhos eram os de um predador. – Entendeu?

– E a Menina-Boneca? – perguntou Azoth.

Devia estar cansado. Soube que mencionar o nome dela era um erro antes mesmo de concluir a pergunta.

– Você tem o quê, 10, 11 anos? Acha que a ama?

– Não. – *Tarde demais*.

– Se a menina sobreviver e você vier comigo, nunca mais poderá falar

com ela. Entendeu bem? Se aceitar ser aprendiz do meu fabricante de flechas ou do meu herbalista, poderá vê-la quanto quiser. Por favor, garoto, aceite. Talvez seja sua última chance de felicidade.

Felicidade? Eu só quero não sentir mais medo. Blint não sentia medo. As pessoas tinham medo dele. Sussurravam o nome dele com assombro.

– Se me seguir agora, pelos Anjos da Noite, você vai me *pertencer* – disse Blint. – Ou você vira derramador ou morre. O Sa'kagé não pode se dar ao luxo de agir de outra forma. A opção é esta: você fica e eu venho encontrá-lo daqui a alguns dias para levá-lo ao seu novo mestre.

Blint se levantou e limpou as mãos ainda úmidas, como se as estivesse lavando daquela questão. Virou-se abruptamente e adentrou as sombras de um beco.

Ao sair do nicho em que estava em pé, Azoth olhou para a rua em direção à sede da guilda, a cem passos dali. Talvez não precisasse ir com Blint agora. Tinha matado Rato. Talvez pudesse voltar e tudo ficaria bem.

Voltar para quê? Ainda sou pequeno demais para ser chefe da guilda. Ja'laliel ainda agoniza. Jarl e a Menina-Boneca estão mutilados. Azoth não teria uma acolhida de herói. Roth ou algum outro grande assumiria a liderança da guilda e ele tornaria a sentir medo. Nada mudaria.

Ele prometeu me tornar aprendiz! Sim, ele havia prometido, mas todo mundo sabia que não se podia confiar em adultos.

Blint ainda o deixava confuso. O modo como falava da Menina-Boneca não soava certo, mas Azoth tinha visto alguma coisa no derramador. Havia algo nele que se importava. Havia algo no lendário matador que desejava o melhor para Azoth.

O garoto não achava que a Menina-Boneca não valesse mais nada só porque agora não era bonita. Não sabia se conseguiria matar outra vez. Não sabia o que Blint faria com ele, nem por quê. No entanto, o que quer que tenha visto no derramador, tinha para ele muito mais valor do que todas as suas dúvidas.

Mais adiante na rua, Jarl saiu da sede da guilda. Viu Azoth e, mesmo de longe, sorriu, os dentes brancos a reluzir em contraste com a pele negra de

ladeshi. Pelo sangue nos degraus dos fundos e pela ausência de Rato, eles deviam ter concluído que o rapaz estava morto. Jarl acenou e começou a andar depressa na direção de Azoth sob o sol ofuscante.

Deu as costas ao melhor amigo e se atirou nos abraço das sombras.



– Bem-vindo ao lar.

Havia um tom de sarcasmo na voz de mestre Blint, mas Azoth não percebeu. A palavra *lar* era pura magia. Ele nunca tivera um na vida. A casa de Durzo Blint ficava enterrada bem fundo nas Tocas, sob as ruínas de um velho templo. A surpresa estava estampada no rosto de Azoth. Por fora, não parecia haver nada. Por dentro, havia vários cômodos, e nenhum deles era pequeno.

– Aqui você vai aprender a lutar – disse Blint, trancando, destrancando e tornando a trancar cada uma das três fechaduras da porta.

A sala era larga, extensa e estava abarrotada de equipamentos: alvos, protetores recheados com palha e todo tipo de arma de treino, vigas suspensas acima do chão, estranhos tripés com peças de madeira acopladas, cabos, cordas, ganchos, escadas.

– E vai aprender a usar tudo isso.

Apontou para as armas que cobriam as paredes, todas contornadas cuidadosamente com tinta branca. Eram de todos os tamanhos e formatos, de adagas a imensos cutelos. Retas ou curvas, com um ou dois fios, com um ou dois cabos, feitas com aço de diferentes cores e padrões. Havia espadas com ganchos, reentrâncias e farpas. E também clavas, malhos, machados, martelos de combate, porretes, bastões, varas, foices, lanças, fundas, dardos, garrotes, arcos curtos, arcos longos, balestras...

O cômodo seguinte era igualmente incrível. As paredes estavam cobertas

de disfarces e equipamentos, também cuidadosamente contornados, e mesas abarrotadas de livros e frascos. Era notável o número de marcadores em cada livro. Os vidros ocupavam uma mesa grande e estavam cheios de sementes, flores, folhas, fungos, líquidos e pós.

– Esses são os ingredientes para a maioria dos venenos do mundo. Assim que Mama K o alfabetizar, você vai ler e decorar o que estiver escrito nesses livros. Envenenar é uma arte. E você vai dominá-la.

– Sim, mestre.

– Daqui a alguns anos, quando seu Talento se desenvolver, vou ensiná-lo a usar magia.

– Magia?

A cada segundo que passava, Azoth se sentia mais exaurido.

– Acha que eu o aceitei por causa da sua carinha bonita? A magia é essencial para o que fazemos. Sem Talento, não há derramadores.

Azoth começou a cambalear, mas mestre Blint o segurou pela parte de trás da túnica esfarrapada antes de ele cair e o conduziu até o cômodo seguinte, onde havia apenas um leito rústico. Mas Blint não o deixou ali; em vez disso, levou-o até junto a uma pequena lareira.

– As primeiras mortes são difíceis – disse Blint. Parecia estar falando de muito longe. – Em algum momento desta semana, você provavelmente vai chorar. Faça isso quando eu não estiver por perto.

– Eu não vou chorar – prometeu Azoth.

– Claro. Agora durma.

– A vida é vazia. Quando tiramos uma vida, não estamos tirando nada de valor. Derramadores são matadores. É só isso que fazemos. É só isso que somos. Não há poesia no ofício da amargura – falou Durzo Blint.

Sentindo-se muito desajeitado, Azoth segurava uma espada pequena o suficiente para uma criança de 11 anos.

– Agora me ataque – ordenou Blint.

– O quê?

A lateral da espada de madeira de Blint acertou a cabeça de Azoth.

– Eu mando. Você obedece. Sem hesitação. Entendeu?

– Sim, mestre.

Azoth se levantou e pegou a espada. Coçou a cabeça.

– Ataque – repetiu Blint.

Azoth atacou de qualquer maneira. Blint se esquivou de seus golpes e o garoto caiu com a força dos próprios movimentos. Durante todo esse tempo, Durzo não parou de falar:

– Você não está produzindo arte, está produzindo cadáveres. Morto é morto. – Ele aparou um golpe depressa e a espada de Azoth saiu deslizando pelo chão. – Vá pegar. – Foi atrás de Azoth e tornou a enfrentá-lo. – Não brinque com suas vítimas. Não tente o belo arremate de um golpe só. Apunhale umas vinte vezes e deixe que eles desmaiem por causa da hemorragia, depois acabe com eles. Não tente fazer bonito. Você não está produzindo arte, está produzindo cadáveres.

E assim seguiram as aulas, ações físicas acompanhadas por um monólogo contínuo, cada qual resumida, demonstrada e resumida outra vez.

Na sala de venenos:

– Nunca prove o sabor da morte. Cada frasco que está aqui é a morte. Se estiver trabalhando com ela, você irá tocar pós, pastas e bálsamos. Nunca a lamba. Nunca a leve aos olhos. Vai lavar as mãos com álcool e depois com esta água, sempre na bacia que não é usada para mais nada e que só será esvaziada onde eu mostrar. Nunca prove o sabor da morte.

Na rua:

– Abrace as sombras... Respire o silêncio... Seja normal, seja invisível... Localize sua vítima... Conheça cada saída...

Quando Azoth errava, Blint não gritava. Quando o discípulo não bloqueava um golpe da maneira certa, recebia o que merecia no momento que a espada de madeira o acertava na canela. Se não conseguisse recitar a

lição do dia ou comentar sobre qualquer outra que Blint perguntasse, levava um cascudo para cada esquecimento.

Era tudo equilibrado, meticulosamente desferido, mas Azoth nunca relaxava. Se fracassasse um número excessivo de vezes, mestre Blint poderia facilmente matá-lo, da mesma forma descompromissada com que dava um cascudo. Azoth jamais saberia que havia fracassado até constatar que estava morrendo.

Mais de uma vez, quis desistir. Mas desistir era impossível. Mais de uma vez, quis matar Blint. Mas isso o levaria à morte, com certeza. Mais de uma vez, quis chorar. Mas havia jurado não fazê-lo, e não o fez.

* * *

– Mama K, quem é Vonda? – Azoth quis saber.

Depois das aulas de leitura, ela sempre tomava uma xícara de ootai antes de começarem a conversar sobre política, história e etiqueta da corte. Depois de treinar com Blint ao longo da manhã, Azoth passava as tardes estudando com ela. Vivia exausto e dolorido, mas dormia a noite inteira todas as noites e acordava quentinho, não tremendo. Os tormentos e a fraqueza debilitante da fome eram apenas lembranças.

Ele nunca reclamava. Se o fizesse, poderiam mandá-lo de volta.

Mama K demorou a responder.

– Essa é uma pergunta muito delicada.

– Isso quer dizer que você não vai me responder?

– Quer dizer que eu não *quero* responder. Mas vou, porque talvez um dia essa informação seja útil para você, e o homem que deveria contar não vai fazer isso. – Ela fechou os olhos por um instante. Quando tornou a falar, sua voz saiu sem entonação: – Vonda era namorada de Durzo. Ele tinha um tesouro e o Deus-rei de Khalidor o queria. Lembra-se do que lhe ensinei sobre Khalidor?

Azoth fez que sim com a cabeça. Mama K abriu os olhos e arqueou as

sobrancelhas. Ele fez uma careta, então começou a recitar:

– Khalidor é nosso vizinho do norte. Os khalidori sempre afirmaram que Cenária e a maior parte de Midcyru lhes pertencem, mas não conseguem tomá-las porque o pai de Logan está nos Ventos Uivantes.

– O desfiladeiro dos Ventos Uivantes é altamente defensável – ajudou Mama K. – E qual é o prêmio? – Quando Azoth a encarou com uma expressão vazia, ela mesma respondeu: – Khalidor poderia rodear a montanha pelo caminho mais longo, mas não faz isso. Por quê?

– Porque nós não valemos a pena e quem manda em tudo aqui é o Sa'kagé.

– Cenária é corrupta, o tesouro está vazio e os ceuranos nos saqueiam pelo sul... O Lae'knaught domina nossos territórios orientais e o ódio que ele tem pelos khalidori é ainda maior do que aquele que nutre pela maioria dos magos. Então, sim, nós não valemos a pena.

– Não foi isso que eu disse?

– Você estava correto, mas não por todos os motivos certos – retrucou ela e deu mais um gole no ootai.

Por um momento, Azoth pensou que ela havia negligenciado a primeira pergunta ou estava torcendo para ele ter se esquecido. Então ela tornou a falar:

– Para pegar o tesouro de Durzo, o Deus-Rei raptou Vonda e propôs uma troca: o tesouro pela vida dela. Durzo decidiu que o primeiro era mais importante e a deixou morrer. Só que uma coisa aconteceu e Durzo também o perdeu. Ou seja, Vonda morreu por nada.

– Você está brava com ele – disse Azoth.

A voz de Mama K não exibiu inflexão alguma e seus olhos pareciam mortos:

– Era um tesouro precioso, Azoth. Se eu fosse Durzo, talvez tivesse feito o mesmo. A não ser por um detalhe... – Ela desviou os olhos. – Vonda era minha irmã caçula.



Solon interceptou a ponta da alabarda com sua espada comprida e a desviou para o lado, em seguida se aproximou e chutou um dos homens de Logan na barriga. Alguns anos antes, aquele golpe teria chegado ao capacete. Deveria agradecer pelo simples fato de conseguir derrotar os guardas dos Gyre. Era nisso que dava ter um profeta e um mestre de armas brancas de segunda categoria como melhores amigos. *Feir teria muito a dizer sobre como engordei. Como fiquei gordo e lento.*

– Milorde – disse Wendel North, aproximando-se dos homens que lutavam.

Logan se afastou de uma luta que estava perdendo e Solon foi atrás. O intendente encarou Solon com um olhar inexpressivo, mas não reclamou da presença dele.

– Milorde, sua mãe acabou de chegar.

– Ah, é? Onde ela estava, Wendel, digo, mestre North? – indagou Logan.

Ele se saía bem com os guardas, mas agir como superior de um homem decerto encarregado de lhe dar palmadas poucas semanas antes estava além das suas capacidades. Ainda assim, Solon não se permitiu sorrir. Lady Gyre que minasse a autoridade do filho. Ele não iria se meter naquilo.

– Ela falou com a rainha.

– Por quê?

– Fez um pedido de tutela.

– O quê?!? – exclamou Solon.

– Ela pediu à Coroa para ser nomeada duquesa até o duque voltar, ou até milorde atingir a maioridade... que é de 21 anos neste país, mestre Tofusin.

– Mas meu pai me nomeou. Temos cartas que provam isso – protestou Logan. – O rei não pode interferir com as nomeações de uma casa nobre a menos que ela seja culpada de traição.

Nervoso, Wendel empurrou os óculos mais para cima do nariz.

– Isso não é de toda verdade, milorde.

Solon virou-se para os guardas que paravam de combater e chegavam mais perto.

– Voltem a treinar, seus cães!

Os homens obedeceram com um pulo.

– O rei pode nomear um tutor para um nobre menor de idade se o antigo chefe dessa casa não tiver tomado as providências necessárias – falou Wendel. – A questão pode ser resumida assim: seu pai deixou duas cópias da carta que o nomeia chefe da casa na sua ausência. Entregou uma para sua mãe e a outra para mim. Assim que fiquei sabendo para onde lady Catrinna estava indo, fui verificar minha cópia, que estava trancada em um cofre. Ela sumiu. Perdoe-me, lorde Gyre. – O intendente enrubesceu. – Juro que não tive participação nenhuma nisso. Pensei que só eu tivesse a chave.

– O que a rainha falou? – Solon quis saber.

Wendel pestanejou. Como Solon imaginava, ele sabia, mas não queria revelar a verdadeira extensão de sua rede de olhos e ouvidos. Após alguns instantes, o intendente enfim respondeu:

– A questão poderia ter sido conduzida com relativa facilidade, mas o rei não deixa a rainha tomar decisão alguma sem a sua participação. Ele a interrompeu no meio da conversa. Disse que iria avaliar a questão. Sinto muito. Não sei o que isso significa.

– Infelizmente, acho que sei – disse Solon.

– O quê? – perguntou Logan.

– Quem é o procurador da sua família?

– Eu perguntei primeiro.

- Garoto!
- Conde Rimbald Drake – respondeu Logan, meio emburrado.
- Isso significa que precisamos falar com o conde Drake. Agora!

- Preciso mesmo usar sapatos? – indagou Azoth.

Não gostava de andar calçado. Não dava para sentir o chão e saber se estava escorregadio. Além disso, sapatos apertavam.

- Não. Tudo bem encontrarmos o conde Drake com você de túnica de nobre e descalço – respondeu Durzo.

- Sério?

- Não.

Apesar de muitas vezes ter invejado os filhos de comerciantes e senhores nos mercados, Azoth nunca havia parado para pensar em como suas roupas eram desconfortáveis. Durzo era o seu mestre agora e ele já estava impaciente com o tempo que o aprendiz levava para se arrumar, de modo que o garoto não disse nada. Ainda tinha medo de o derramador mandá-lo embora.

Atravessaram a ponte Vanden até o lado leste da cidade. Para Azoth, aquilo foi uma revelação. Ele nunca sequer tentara cruzá-la e não acreditava nas crianças das guildas que diziam ter passado pelos guardas.

No lado leste do rio não havia ruínas nem prédios vazios. Não havia pedintes nas ruas. O cheiro era diferente, exótico, desconhecido. Azoth não conseguia nem sentir o fedor do estrume de gado dos currais. Até as sarjetas eram diferentes: só havia uma a cada três ruas, e nenhuma nas vias principais. As pessoas não jogavam a água suja e o esgoto pelas janelas nem deixavam que se acumulassem até escorrer aos poucos. Ali, todos transportavam seus dejetos até a rua da sarjeta e os descartavam para que escorressem em canais pelas ruas calçadas de pedra, de modo que era possível caminhar por elas. O mais alarmante de tudo, porém, era que as

peessoas tinham um cheiro errado. Homens não recendiam a suor nem a labuta. Quando uma mulher passava, exalava apenas um leve perfume, e não um aroma exagerado por baixo do qual se podia sentir os ranços de suor e de sexo. Quando Azoth perguntou a Blint sobre isso, o derramador respondeu apenas:

– Você vai mesmo dar um trabalho danado, não é?

Passaram por um prédio largo do qual emanava um vapor. As pessoas saíam de lá reluzentes e vestidas com perfeição. Azoth não perguntou nada.

– É uma casa de banhos – explicou Blint. – Mais uma importação ceurana. A única diferença é que aqui homens e mulheres tomam banho separadamente, a não ser na de Mama K, é claro.

A dona do Rapariga Embriagada cumprimentou Blint chamando-o de mestre Tului. Ele respondeu com sotaque e uma atitude cansada e mandou trazerem sua carruagem.

Quando já estavam a caminho, Azoth perguntou:

– Para onde estamos indo? Quem é o conde Drake?

– Um velho amigo, um nobre que precisa trabalhar para viver. Ele é procurador. – Quando Azoth fez cara de quem não entendia, mestre Blint explicou: – Um procurador é alguém que faz coisas piores dentro da lei do que a maioria dos malfeitores faz fora da lei. Mas ele é um homem bom. Vai me ajudar a tornar você útil.

– Mestre, Menina-Boneca está bem?

– Ela não é mais problema seu. Você não deve mais perguntar sobre ela.

– Um minuto transcorreu enquanto as ruas passavam. Por fim, Durzo respondeu: – Ela não está bem, mas vai viver.

E não disse mais nada até os dois serem conduzidos para dentro da minúscula propriedade do conde. Drake era um homem de aspecto bondoso e devia ter uns 40 anos. Usava um pincenê enfiado no bolso do colete e veio mancando fechar a porta atrás deles, indo se sentar depois atrás de uma escrivaninha ocupada por altas pilhas de papéis.

– Nunca pensei que você fosse aceitar um aprendiz, Durzo. Na verdade, acho que me lembro de você ter jurado que nunca aceitaria... e de maneira

bem enfática.

– E continuo acreditando em cada palavra que falei – retrucou Durzo, mal-humorado.

– Ah! Ou você está sendo incrivelmente sutil ou não está dizendo coisa com coisa – disse o conde com um sorriso e Azoth percebeu que era genuíno, sem maldade nem cálculo.

Mesmo sem querer, Durzo também sorriu.

– Eles estão sentindo sua falta, Ribold.

– É mesmo? Bem, já faz algum tempo que ninguém atira em mim.

Durzo riu e Azoth quase caiu da cadeira. Não pensava que o derramador fosse capaz de rir.

– Preciso da sua ajuda – afirmou Blint.

– Tudo que eu tenho é seu, Durzo.

– Quero recriar este garoto.

– O que tem em mente? – perguntou o conde, olhando para Azoth com um ar intrigado.

– Um nobre relativamente pobre. Do tipo que é convidado para eventos sociais, mas não chama atenção.

– Hummm – fez o conde. – O terceiro filho de um barão, nesse caso. Alto escalão de nobreza, mas sem importância nenhuma. Não, espere... Um barão oriental! Meus primos em terceiro grau moram a dois dias a cavalo depois de Havermere, e a maioria das terras deles foi confiscada pelo Lae'knaught, então, se você quiser uma identidade acima de qualquer suspeita, nós poderíamos fazer dele um Stern.

– Vai servir.

– E o primeiro nome? – perguntou Drake ao menino.

– Azoth.

– Não seu nome de verdade, filho – disse o conde. – Seu novo nome.

– Kylar – respondeu Durzo.

O conde pegou um papel em branco e pousou o pincenê no nariz.

– Como se escreve? K-I-L-E-R?

Durzo soletrou o nome. O conde sorriu.

– Antiga piada jaerana?

– Você me conhece – respondeu Blint.

– Não, Durzo. Acho que ninguém conhece você. Mesmo assim, é meio agourento, não acha?

– Combina bem com a nossa vida.

Pelo que devia ser a centésima vez, Azoth sentiu que não era apenas uma criança, mas um forasteiro. Por toda parte parecia haver segredos que ele não podia conhecer, mistérios que não podia compreender. Agora não eram só conversas em voz baixa com Mama K sobre algo chamado ka'kari, questões políticas ligadas ao Sa'kagé, intrigas da corte, magia ou criaturas do Gelo que, apesar de imaginárias, Durzo insistia que existiam, ou ainda referências a deuses e anjos que Blint não lhe esclarecia. Agora era o seu próprio nome. Azoth estava prestes a pedir uma explicação, mas os dois homens já estavam passando para outros assuntos.

– Para quando você precisa disso? O disfarce precisa ser consistente? – perguntou o conde.

– Precisa. E o quanto antes, melhor.

– Foi o que pensei. Vou criar um disfarce bom o bastante para que, a menos que os verdadeiros Stern apareçam por aqui, ninguém fique sabendo. É claro que você vai continuar com um problema razoavelmente importante. Vai ter que ensinar o menino a ser nobre.

– Ah, eu não vou.

– É claro que... – O conde se interrompeu e estalou a língua. – Entendi.

– Ele ajeitou o pincenê e olhou para Azoth. – Quando ele virá?

– Daqui a alguns meses, se durar até lá. Preciso ensinar algumas coisas primeiro. – Durzo olhou pela janela. – Quem é aquele?

– Ah – disse Drake. – Aquele é o jovem lorde Logan Gyre. Um rapaz que um dia dará um ótimo duque.

– Ele não, o sethi.

– Não sei. Nunca vi mais gordo. Parece um conselheiro.

Durzo praguejou. Segurou Azoth pela mão e praticamente o arrastou pela porta.

– Está pronto para obedecer? – perguntou.

Azoth aquiesceu depressa.

– Está vendo aquele menino?

– Você chama aquilo de menino? – retrucou o aprendiz.

O rapaz a quem o conde havia se referido como Logan Gyre usava uma capa verde debruada de preto, botas de couro preto enceradas e lustrosas, uma túnica de algodão e uma espada. Estava a 20 passos da porta. Tinha um rosto jovem, mas seu físico o fazia parecer anos mais velho. Era um rapaz imenso, já mais alto do que Azoth decerto jamais viria a ser e mais largo do que qualquer um que ele conhecesse, e não parecia gordo. Enquanto Azoth se sentia canhestro e desajeitado com as roupas que estava usando, Logan parecia à vontade, confiante, belo e nobre. O simples fato de olhar para ele fez o menino se sentir um maltrapilho.

– Puxe uma briga com ele. Distraia o sethi até eu conseguir sair.

– Logan! – chamou uma moça do andar superior.

– Serah! – respondeu o rapaz, olhando para cima.

Azoth olhou para mestre Blint, mas ele tinha sumido. Não houve tempo para dizer nada. Pouco importava se ele entendia ou não. Havia mistérios que ainda não tinha autorização para compreender. Podia apenas agir ou esperar, obedecer ou desobedecer.

O porteiro abriu a porta e Azoth deu um passo para trás da quina e se escondeu. Quando Logan entrou e ergueu os olhos para a escada, com um sorriso a lhe curvar os lábios, o menino tornou a dobrar a quina.

Os dois se esbarraram e ele caiu de costas no chão. Logan quase tropeçou em Azoth, que rolou para o lado e acabou levando um pisão na barriga.

– Uff!

Logan se segurou em um corrimão.

– Eu sinto muito...

– Seu gorila gordo! – Azoth se levantou cambaleante, segurando a barriga. – Seu merdinha de sarjeta desajeitado, seu...

Interrompeu-se ao perceber que os xingamentos que conhecia revelariam sua origem nas Tocas.

– Eu não... – começou Logan.

– O que está acontecendo? – perguntou a menina do alto da escada.

Lorde Gyre olhou para cima e uma expressão de culpa atravessou seu semblante.

Azoth lhe deu um soco no nariz. A cabeça do rapaz foi projetada para trás.

– Logan! – gritou o sethi.

Mas a expressão branda do rapaz havia desaparecido. Seu rosto agora era uma máscara, concentrada, porém sem fúria. Ele segurou a capa de Azoth e o ergueu do chão.

O menino entrou em pânico; começou a desferir socos a esmo, aos gritos, mas mal conseguiu roçar as bochechas e o queixo do rapaz.

– Logan!

– Pare com isso! – gritou Logan na cara de Azoth. – Pare com isso!

Azoth estava enlouquecido e a intensidade de Logan se transformou em fúria. Ele ergueu Azoth do chão com uma mão e enterrou a outra fechada na barriga do garoto, uma vez, depois outra. O ar foi expulso dos seus pulmões. Então um punho do tamanho de um martelo amassou seu nariz, cegando-o com lágrimas e dor. Em meio a gritos distantes e por um breve instante, sentiu que voava.

Até sua cabeça bater na madeira e o mundo explodir em um clarão.



Logan havia insistido em subir para ajudar a condessa a cuidar do jovem Kylar Stern. Estava constrangidíssimo e, ao que parecia, não apenas por ter perdido as estribeiras na frente da bela filha do conde. Para Solon, aqueles dez segundos foram muito instrutivos.

O conde Drake e Solon ficaram sozinhos. O conde o conduziu até seu escritório.

– Por que não se senta? – disse ele, acomodando-se atrás da mesa. – De onde o senhor é, mestre Tofusin?

Aquilo era uma cortesia ou uma armadilha? Solon deu uma risadinha.

– É a primeira vez que me fazem essa pergunta.

Ele indicou a si mesmo com um gesto que dizia: *É só olhar para a minha pele.*

– Não estou vendo nenhuma argola de clã, nenhuma cicatriz de onde uma teria sido removida – explicou o conde.

– Bem, nem todos os sethi usam argolas.

– Eu tinha quase certeza de que sim – disse o conde Drake.

– Que história é essa? O que está querendo saber?

– Estou curioso em relação a quem o senhor é, mestre Tofusin. Logan Gyre não é apenas um bom rapaz a quem considero um verdadeiro filho, mas também se tornou de repente chefe de uma das casas mais poderosas do país. Nunca vi nem ouvi falar na sua pessoa, e de repente o senhor é conselheiro dele? Parece-me um pouco estranho. Não ligo para o fato de o

senhor ser sethi. É só que passei um tempo em Hokkai e Tawgathu, e os únicos sethi que não furam as faces são os exilados que perderam seus clãs e famílias. Se o senhor fosse um exilado, teria as cicatrizes das argolas que foram arrancadas, mas não tem nenhuma.

– Seu conhecimento da nossa cultura é admirável, mas incompleto. Eu sou da Casa de Tofusin, Busca-Ventos da Casa Real. Meu pai servia em Shoçendi.

– Um embaixador na terra dos magos vermelhos?

– Sim. Os Shoçendi aceitam alunos do mundo todo. Como não tenho talento para a magia, fui educado entre os comerciantes e nobres, que não são tão tolerantes. Não ter as argolas tornou a vida um pouco mais fácil. Não é só isso, mas não acho que o resto da minha história seja da sua conta.

– Justo.

– O que o levou a Seth? – Solon quis saber.

– A escravidão. Antes de entrar de forma plena para o movimento que finalmente acabou com ela aqui, sete anos atrás, pensei que um caminho mais moderado pudesse funcionar. Fui a Hokkai ver se conseguia aprender maneiras de melhorar a vida dos escravos.

Pelo tamanho da sua casa, muito pequena para um nobre, mesmo um de baixa estirpe, Solon sabia que o conde Drake não era um dos traficantes de escravos que sentiam culpa com a fortuna recém-adquirida. Devia ter sido um verdadeiro defensor da abolição desde o início.

– Em Seth é totalmente diferente – falou. – O Ano da Alegria muda tudo.

– Sim, defendi essa ideia por aqui, a lei chegou a ser aprovada, mas o Sa'kagé a derrubou na hora com subornos. Em vez de todos os escravos serem libertados no sétimo ano, seriam libertados no sétimo ano a contar do início de seu cativeiro. Segundo o Sa'kagé, era mais simples assim e seria ridículo comprar um escravo no sexto ano e só ficar com ele por um mês ou uma semana. É claro que, na prática, quem mantinha os registros era o pessoal do Sa'kagé, então, enquanto no seu país o sétimo ano é cheio de comemorações e todos os escravos são libertados, aqui os anos passaram e os

escravos nunca viram a liberdade. Escravos pela vida toda. Apanharam, foram açoitados, cedidos para os Jogos da Morte, seus filhos foram vendidos.

– Crianças sendo vendidas. Realmente horrível – comentou Solon.

– O Sa'kagé alegou que era uma maneira de os filhos das prostitutas se redimirem. A teoria era boa, mas foi isso que deu origem a lugares como a Casa da Misericórdia. Desculpe, não devo falar nisso. Foram tempos sombrios. Esse menino não vai descer nunca?

– Talvez devêssemos começar. Não acho que o assunto possa esperar e, pelo jeito como Logan estava olhando para a sua filha, os dois talvez passem um tempo conversando.

O conde deu uma risadinha.

– Foi uma indireta?

– O duque Gyre sabe?

– Sabe. Nós somos amigos. Considerando as circunstâncias do próprio casamento, Regnus se recusa a controlar os flertes do filho.

– Não conheço as circunstâncias do casamento dele. Pode me esclarecer?
– pediu Solon.

– Não cabe a mim fazê-lo. De todo modo, um dia Logan e Serah se esquecerão dessa paixão juvenil. Qual é o problema, afinal?

– Catrinna Gyre.

– Cuidado – alertou o conde.

– O duque lhe deixou cartas nomeando o filho lorde Gyre na sua ausência?

– Ele falou no assunto, mas teve que ir embora às pressas. Disse que seu intendente as traria.

– Lady Gyre roubou as cartas e as destruiu. Depois foi procurar a rainha.

– Foi procurar *quem*? – O conde estava pasmo.

– É tão fora do comum assim?

– As duas não se gostam. O que houve?

– Lady Gyre pediu para ser tutora de Logan. O rei entreouveu a conversa. Entrou e disse que iria pensar no assunto. O que isso significa?

Drake tirou o pincenê e esfregou o osso do nariz.

– Que, se ele agir depressa, pode nomear um tutor para Logan.

– Catrinna Gyre seria capaz de cometer um erro desses? – perguntou Solon.

O conde suspirou.

– De um ponto de vista legal, o rei pode pôr quem ele quiser no lugar de Logan, contanto que seja um parente do rapaz, ou seja, qualquer nobre. Depois que tiver escolhido um tutor, nem mesmo Regnus vai poder revogar a nomeação. Catrinna acabou de entregar a Casa de Gyre de mão beijada para o rei.

– Mas o senhor é procurador do duque... e ele disse o que queria. Isso não tem peso nenhum?

– Se o rei se importasse, sim. Nas atuais circunstâncias, para salvar os Gyre, precisaríamos do pergaminho da família, do Grande Selo do duque e de uma disposição temerária para forjar um documento de Estado. O rei vai reunir sua corte daqui a meia hora. Imagino que esse seja o primeiro assunto da pauta. Não há tempo hábil.

Solon pigarreou e sacou um rolo grosso e um selo grande. O conde sorriu e arrancou o pergaminho da mão dele.

– Acho que estou começando a gostar do senhor, mestre Tofusin.

– Wendel North me ajudou com o texto – disse Solon. – Pensei que seria melhor deixar a assinatura e o selo ao seu encargo.

Drake remexeu nos papéis que estavam sobre a mesa, encontrou uma carta do duque e a pôs em cima da declaração de tutela. Com gestos rápidos e seguros, falsificou a assinatura de Gyre de modo perfeito. Então ergueu o rosto com um ar culpado.

– Digamos que é o resquício de uma juventude desregrada.

Solon despejou cera sobre o pergaminho.

– Nesse caso, um brinde à juventude desregrada.

– Da próxima vez, levante-se depois do golpe – disse Blint enquanto Azoth recuperava a consciência emitindo vários grunhidos.

– Acho que não vou me levantar nunca mais. Parece que alguém jogou minha cabeça contra uma parede.

Blint riu; era a segunda vez que Azoth o via fazer isso nos últimos tempos. Estava sentado na beirada da cama do aprendiz.

– Você se saiu bem. Eles acharam que ficou constrangido por ter sido derrubado na frente da filha do conde Drake, então concluíram que era um assunto inofensivo juvenil. O jovem lorde Gyre ficou consternado por ter batido em você... Parece que ele é um verdadeiro gigante gentil, que nunca perde a paciência. O fato de você ter mais ou menos um quarto do tamanho dele e de Serah ter ficado uma fera também contribuiu. Todos eles ficaram bem impressionados.

– Impressionados? Que bobagem.

– No mundo deles, as brigas têm regras, então brigar significa correr o risco de passar constrangimento, sentir dor ou, no pior dos casos, arriscar a própria aparência, no caso de se sair com o nariz quebrado ou com uma feia cicatriz. Não significa morrer nem matar. No mundo deles, você pode lutar contra um homem e depois virar seu amigo. Na verdade, você vai garantir que Logan se torne seu amigo. Só se pode sair de uma situação dessas com um grande amigo ou com um terrível inimigo. Entende isso, *Kylar*? Nós logo vamos começar a trabalhar juntos na sua nova identidade.

– Sim, mestre. Por que não quis que mestre Tofusin o visse? Foi por isso que me mandou brigar com Logan, não foi? Para proporcionar uma distração?

– Solon Tofusin é um mago. A maioria dos magos não consegue dizer se você tem Talento só de olhar. Por outro lado, a maior parte das magas consegue. Há disfarces para se proteger da visão delas que depois vou lhe ensinar, mas não tive tempo para isso e não queria subir até o primeiro andar e pular de uma janela.

Azoth não entendeu muito bem.

– Mas ele não age como um mago.

– E como poderia saber uma coisa dessas? – indagou Durzo.

– Ah...

Não achou que dizer “Ele não é igual aos magos das histórias” fosse agradar ao mestre.

– A verdade é que Solon não contou a ninguém que é mago, e você tampouco vai contar. Quando conhece os segredos de um homem, você tem poder contra ele. É a fraqueza dele. Todo homem tem uma, não importa se...

A voz de Blint se extinguiu e seu olhar se tornou subitamente distante e sem vida. Ele se levantou e foi embora sem dizer nada. Azoth fechou os olhos, confuso. Pensou em seu novo mestre. Pensou na guilda. Pensou se Ja'laliel teria conseguido comprar sua avaliação. Perguntou-se como estaria Jarl. Mais do que tudo, pensou na Menina-Boneca.

– E aí, Azo?

– E aí, Jota-O? – respondeu Azoth.

Embora tivesse dado a ênfase de sempre às palavras, sentiu uma parte de si morrer. Aquela seria uma de suas últimas saídas como Azoth. Em breve precisaria se tornar Kylar. Andaria e falaria de outro jeito. Nunca mais poderia visitar seus antigos bairros nas Tocas. Agora mesmo, via que o mundo anterior já estava morrendo, que nunca mais tornaria a estabelecer uma ligação com Jarl. Não por causa das mentiras que Kylar iria contar, mas por causa de Rato. Era diferente agora. E sempre seria.

Azoth e Jarl ficaram um bom tempo se entreolhando na sala de convivência da casa de Mama K. Era quase meia-noite e as crianças da guilda logo seriam enxotadas dali. Eles podiam entrar na sala de convivência, mas tinham permissão para pernoitar apenas no inverno. Ainda assim, só se obedecessem às suas ordens: nada de brigas, nada de roubos, transitar apenas pela cozinha e a sala de convivência, e não importunar os

adultos que aparecessem. Qualquer criança que violasse uma dessas regras fazia sua guilda inteira ser banida da casa de Mama K durante o inverno. Isso em geral significava uma sentença de morte para o contraventor, pois a guilda inteira teria que dormir no esgoto para se aquecer.

Apesar disso, o lugar vivia lotado. Havia uma lareira e um piso coberto por tapetes macios, que haviam sido limpos, mas agora exibiam as manchas deixadas por seus corpos imundos. Apesar dos estragos, Mama K nunca se zangava com eles e novos tapetes se materializavam de tantos em tantos meses. Havia cadeiras, bonecas, pilhas de jogos e outros brinquedos. Às vezes, Mama K até lhes trazia guloseimas. Ali eles jogavam, contavam vantagem e fofocavam livremente com qualquer um que estivesse presente, até mesmo integrantes de outros grupos. Era o único lugar em que as crianças de guilda tinham permissão para serem crianças. O único lugar seguro que conheciam.

Agora que Azoth estava ali outra vez, tudo se modificava. O que tão recentemente lhe parecia o suprassumo do luxo era agora apenas uma sala normal, com móveis utilitários e brinquedos simples, porque as crianças de guilda estragariam qualquer coisa melhor do que isso. Elas manchavam e quebravam tudo, não por maldade, mas por ignorância. O lugar era o mesmo; era Azoth que havia mudado.

Azoth – ou então Kylar, um dos dois – ficou assombrado com o fedor das crianças da guilda. Será que não sentiam o próprio cheiro? Será que não tinham vergonha ou o problema era ele, com vergonha do que tinha sido?

Como sempre fazia depois da aula de leitura com Mama K, Azoth fora procurar Jarl. Agora que estavam frente a frente, porém, nenhum dos dois conseguia encontrar nada para dizer.

– Preciso da sua ajuda – falou Azoth por fim.

Não havia como disfarçar o que ele queria. Não estava ali para visitar um amigo. Estava ali para fazer um serviço.

– Da minha ajuda?

– Preciso saber o que aconteceu com a Menina-Boneca. Onde ela está? E preciso saber o que anda acontecendo nas guildas.

– Imagino que você não tenha como saber.

– Não.

As guildas agora não faziam parte da sua vida. Nada era mais como antes.

– Seu mestre bateu em você? – perguntou Jarl, olhando para os dois olhos roxos de Azoth.

– Foi uma briga. Ele até bate em mim, mas não do mesmo jeito que... – Azoth não terminou a frase.

– Do mesmo jeito que Rato?

– Como ele vai? – indagou Azoth, tentando disfarçar.

– Por que você não me diz? Foi você que o matou.

Azoth abriu a boca, mas parou ao ver dois pequenos na antessala de Mama K.

– Blint fez você matar Rato para ver se você era capaz, não foi? – indagou Jarl em voz baixa.

– Não. Ficou doido?

Na mente, Azoth ouviu os ecos da voz de Durzo falando durante os treinos: “A notícia se espalha. A notícia sempre se espalha.”

Os olhos de Jarl se encheram de mágoa e ele passou um longo tempo sem dizer nada.

– Eu não deveria insistir, Azoth. Me desculpe. Deveria apenas agradecer. Rato... Rato me estragou, muito mesmo. Minha cabeça agora é uma confusão só. Eu o detestava, mas de vez em quando... Quando Rato sumiu e vi você indo embora com Blint... – Jarl piscou depressa e olhou para o outro lado. – Eu às vezes o odeio. Você me deixou sem ninguém. Mas isso não é certo. Você não fez nada de errado. Só quem fez foi Rato... e eu.

Azoth não soube o que dizer. Jarl tornou a piscar furiosamente.

– É melhor eu ficar calado. – Ele afastou as lágrimas dos olhos com os punhos fechados. – O que você quer?

Azoth sabia que deveria falar alguma coisa. Que deveria dar alguma garantia, só não sabia qual. Jarl era seu amigo... ainda era seu amigo, não era? Mas ele tinha mudado. Azoth também. Agora precisava ser Kylar, mas

em vez disso era apenas uma farsa dividida entre dois mundos, tentando se manter inteiro enquanto se separavam um do outro.

Seja lá qual fosse a tábua de salvação em que Azoth havia se segurado depois do cataclismo chamado Rato, uma coisa era certa: um abismo fora aberto entre Jarl e ele. Azoth tinha medo até de se aproximar desse abismo, não entendia o que era, não sabia nada exceto que ele o fazia se sentir sujo e amedrontado. Com aquela pergunta simples, Jarl permitiu que ele erguesse suas defesas; uma pergunta simples que podia ser respondida de modo simples, um problema que eles de fato poderiam resolver.

– A Menina-Boneca – disse Azoth.

Sentiu alívio ao se afastar do antigo amigo, e culpa por sentir alívio.

– Ah. Você sabe que ela foi...?

– Ela está bem agora?

– Está viva, mas não sei se vai aguentar. Todo mundo faz piada com a cara dela. Sem você por perto, não mais é a mesma. Estou dividindo minha comida com ela, mas a guilda está se desfazendo. As coisas estão muito ruins. Não temos comida suficiente.

A guilda. Não a nossa guilda. Azoth manteve o semblante impassível, recusando-se a demonstrar quanto aquilo o atingia. Não deveria ter atingido. Fora ele quem quisera sair, fora ele quem saíra, mas mesmo assim isso ainda o fazia se sentir vazio.

Vai ficar só. Vai ser diferente. Sempre.

– Ja'laliel está quase morto; nós descobrimos que Rato roubou o dinheiro que ele tinha guardado para a avaliação. E agora eles perderam a beira-mar para a Homem em Chamas, e outras guildas estão chegando perto.

– *Eles?*

O rosto de Jarl se contorceu.

– Se quer mesmo saber, eles me expulsaram da Dragão Negro. Expulsaram todos nós. Não queriam amantes do Rato, foi o que disseram.

– Vocês estão sem guilda? – perguntou Azoth.

Aquilo era um desastre. Crianças sem guilda se tornavam alvos fáceis para qualquer um. O fato de Jarl ter sobrevivido depois de ser expulso era

surpreendente, o fato de ter comida para dividir com a Menina-Boneca era impressionante, e o fato de se dispor a partilhá-la era comovente.

– Formamos um bando durante algum tempo. Eles nos chamam de Indesejados. Vou tentar entrar para a Dois Punhos, no lado norte. Eles talvez passem a controlar a feira de Durdun.

Esse era Jarl. Sempre tinha um plano.

– Eles estão dispostos a aceitar a Menina-Boneca também?

A resposta foi um silêncio culpado.

– Eu pedi, Azoth, mas eles não querem. Se você...

A boca de Jarl se abriu para dizer algo, mas se fechou logo depois.

– Não vou fazê-lo pedir, Jarl. Estava procurando você para devolver.

Azoth ergueu a túnica e desamarrou a faixa cheia de moedas. Estendeu-a para Jarl.

– Azoth... está duas vezes mais pesada do que antes.

– Eu vou cuidar da Menina-Boneca. Só peço umas duas semanas. Consegue cuidar dela até lá?

Os olhos de Jarl estavam marejados e Azoth temeu que os seus também ficassem. Eles haviam se chamado de Jarl e Azoth, não de Jota-O e Azo.

– Vou dizer a Mama K quanto você é esperto e ver se ela tem algum trabalho – disse Azoth. – Se as coisas não derem certo na Dois Punhos, sabe?

– Você faria isso por mim?

– Claro, Jota-O.

– Azo? – indagou Jarl.

– O quê?

Jarl hesitou, engoliu em seco.

– Eu queria tanto que...

– Eu também, Jarl. Eu também.



O preço da desobediência é a morte. Essas palavras passaram pela cabeça de Azoth diariamente enquanto ele planejava a sua.

Seu treinamento era árduo, mas não brutal. Nas guildas, um Punho batia para provar alguma coisa e, por um erro ou excesso de força, poderia deixá-lo aleijado para sempre. Mestre Blint nunca cometia erros. Azoth sofria exatamente quanto Durzo queria que ele sofresse. O que em geral era muito.

Mas e daí? Azoth fazia duas refeições por dia. Podia comer quanto quisesse e Blint aliviava a dor de seus músculos com exercícios todos os dias durante os treinos.

No início eram só palavrões e surras. Azoth não conseguia fazer nada direito. Mas palavrões eram apenas ar, e surras apenas dores passageiras. Blint jamais o deixaria aleijado. Caso decidisse matá-lo, entretanto, não haveria nada que o menino pudesse fazer para impedir.

Era o mais próximo da segurança que ele já havia chegado.

Em poucas semanas, descobriu que gostava dos treinos. Os combates, as práticas com armas sem fio, as corridas de obstáculos, até mesmo o ensino sobre as ervas. Aprender a ler com Mama K era difícil. *Mas e daí?* Duas horas de frustração por dia não eram nada. Azoth tinha uma vida boa.

Em um mês, percebeu que era talentoso. Não era algo óbvio, e se não estivesse tão atento a todas as mudanças de humor e reações de Blint jamais teria notado. Mas de vez em quando via uma leve cara de surpresa no rosto

dele ao dominar alguma técnica mais rapidamente do que o mestre esperava.

Isso o levou a se esforçar ainda mais na esperança de ver aquela cara não uma vez por semana, mas uma vez por dia. Mama K, por sua vez, obrigava-o a decifrar rabiscos por mais tempo do que ele conseguia conceber. Seu jeito de sorrir e de dizer exatamente a coisa certa o ajudavam a passar as horas. Palavras eram poder, afirmava ela. Palavras eram uma segunda espada para o homem que soubesse manejá-las.

Como ele precisaria delas para o mundo acreditar que era Kylar Stern, Mama K ajudou-o a moldar sua identidade alternativa, fazendo perguntas que outros nobres provavelmente lhe fariam, ajudando-o a inventar histórias inofensivas sobre a infância ao leste de Cenária e lhe ensinando etiqueta. O conde apresentaria o restante quando ele fosse morar com os Drake. Quando entrasse pela porta da família, afirmou ela, Azoth viraria Kylar para sempre. Blint continuaria seu treinamento em um esconderijo no lado leste da cidade. Mama K o encontraria em uma de suas casas no lado leste. Ele só voltaria às Tocas quando começasse a acompanhar Blint nos serviços.

Azoth estudava com afinco e sem reclamar, com exceção de uma única vez em que, revoltado com a própria estupidez, zunira um livro até o outro lado da sala. Passou uma semana sofrendo os tormentos do desagrado de Mama K, até lhe trazer flores que havia roubado e ela o perdoar.

Deixara bastante dinheiro com Jarl para cuidar da Menina-Boneca, mas o garoto não poderia simplesmente dar o dinheiro a ela; alguém o roubaria. O pior de tudo era que estava sozinha. Muda e desfigurada por uma terrível surra, também não fazia novos amigos.

O preço da desobediência é a morte, dissera mestre Blint. E o proibira de tornar a ver a Menina-Boneca. Para sempre.

Mama K contara que Durzo acabaria desenvolvendo afeto e confiança por ele, mas que, por enquanto, Azoth precisava acatar suas ordens como se fossem lei. Isso lhe deu esperança até ela explicar melhor: como a lei da rua, imutável e onipotente; não como a ridícula lei do rei. Uma pena, pois Azoth tinha que ver a Menina-Boneca uma última vez.

E a oportunidade apareceu. Mestre Blint tinha um serviço a fazer e o deixou sozinho, com uma lista de afazeres. Se fosse rápido, poderia concluir todos eles e ainda lhe restariam várias horas antes do compromisso com Mama K.

Atirou-se no trabalho com fúria. Tirou o pó da sala de armas, subindo em uma escada para chegar às fileiras mais altas e aos equipamentos que não conseguia alcançar. Verificou e limpou as armas de treino de madeira. Lubrificou e limpou as armas que Blint havia usado recentemente. Passou um tipo diferente de óleo nos alvos e nos bonecos de couro que Durzo o fazia atacar. Verificou as costuras daqueles que o próprio mestre chutara e, ao ver que várias estavam arrebentadas, costurou-as outra vez. Não era muito bom com a agulha, mas nesse caso, *apenas* nesse caso, Blint tolerava um trabalho que não fosse de todo perfeito. Varreu o chão e, como sempre, não jogou o pó na rua, mas dentro de um pequeno cesto. O mestre não queria que ele sáísse do esconderijo. Nunca, a menos que recebesse uma ordem explícita.

Pegou-se limpando uma das adagas de Durzo pela segunda vez. Era uma arma fina, comprida, com delicadas filigranas de ouro. Por casualidade ou pelo uso, o sangue havia coagulado em cada estreita reentrância da filigrana; Blint a havia usado recentemente e devia estar com pressa quando a embainhara. Então Azoth teve que usar a ponta de outra adaga fina para remover o sangue.

Deveria ter deixado a arma de molho e depois esfregado com vigor, mas aquela era a última tarefa da lista. Ainda faltavam três horas para o encontro com Mama K.

O que acontece se você não fizer nada?, perguntara-lhe Blint. *Nada. Isso tem um preço e uma liberdade terríveis, garoto. Lembre-se disso.*

O mestre estava falando sobre atacar quando a situação parecia arriscada, mas Azoth agora podia sentir o peso daquelas palavras.

Se eu fizer alguma coisa, qual é a pior coisa que poderia acontecer? Mestre Blint me matar. Isso era bem ruim. Mas a probabilidade de acontecer era baixa. Ao contrário de outros derramadores, que podiam passar a vida

inteira nas Tocas, Durzo só aceitava serviços de quem podia pagar seu preço. Isso em geral significava gente nobre. E sempre significava o lado leste. Portanto, estaria do lado oposto da cidade.

E a pior coisa que pode acontecer se eu não fizer nada? Menina-Boneca morrer.

Ele pousou a adaga com uma careta.

Encontrar a Menina-Boneca era mais fácil na teoria do que na prática. A guilda do Dragão Negro não existia mais. Havia desaparecido, simples assim. Kylar foi ao seu antigo território e descobriu que ela fora engolida pela Mão Vermelha, pela Homem em Chamas e pela Faca Enferrujada. Os antigos Dragões Negros rabiscados em prédios e aquedutos já estavam se apagando. Ele trouxera duas adagas, mas não precisou usá-las. Foi parado uma vez por alguns integrantes da Homem em Chamas, mas um dos grandes era seu antigo lagarto. Disse algumas palavras aos outros, que estavam prestes a tentar roubar Azoth, e isso os fez recuar. O ex-lagarto não lhe dirigiu a palavra.

Percorreu seu antigo território em zigue-zague, mas não encontrou a Menina-Boneca. Uma vez pensou ter visto Corbin Fishill, alguém que sempre soubera ser importante e que agora sabia ser um dos Nove, pois mestre Blint tinha lhe contado. Mas todas as crianças que viu mantiveram distância.

O tempo estava se esgotando quando Azoth finalmente pensou na velha padaria. Encontrou a Menina-Boneca lá, sozinha. Estava de costas para ele. Azoth parou, com medo de atrair sua atenção. Ela então se virou.

O sadismo de Rato era evidente. Um mês não tinha bastado para os ferimentos dela sararem. Bastara apenas para mostrar qual devia ter sido o aspecto de seu rosto nas últimas semanas, e qual seria o aspecto dele pelo resto da vida. Rato primeiro tinha lhe dado uma surra, só para deixá-la submissa e inconsciente. Depois tinha cortado seu rosto com uma faca.

Um corte profundo formava uma curva do canto do olho esquerdo até o canto da boca. A ferida havia sido costurada com dezenas de pequeninos pontos, mas a cicatriz repuxaria para sempre o canto da boca em um esgar

esquisito. A outra bochecha exibia um corte grande em forma de X, acompanhado por um X menor por cima dos lábios. Comer, sorrir, franzir a testa... qualquer movimento com a boca devia provocar uma dor excruciante. Um de seus olhos ainda estava inchado, e Azoth não teve certeza se a Menina-Boneca um dia tornaria a ver com ele. O resto dos ferimentos havia sumido: uma casquinha na testa, um leve círculo amarelado em volta do outro olho onde o hematoma clareava, e um nariz que devia ter sido retificado, porque Azoth tinha certeza de que Rato o quebrara.

Em suma, o rosto dela era um testemunho vivo da crueldade. A intenção era essa. Rato queria que todos que olhassem para a Menina-Boneca soubessem que ela não tinha apenas sofrido um acidente. Que todos soubessem que aquilo fora um ato voluntário. Por um instante, Azoth desejou que a morte de Rato tivesse sido ainda mais horrível.

Então o tempo pareceu andar outra vez. Ele encarou o rosto da amiga com uma expressão de horror visível. Os olhos dela, antes tão cheios de surpresa e súbita esperança, ficaram marejados. Ela escondeu o rosto e olhou para o outro lado, chorando em silêncio, com os ombros magros trêmulos.

Ele se sentou ao seu lado.

– Eu vim assim que consegui. Agora tenho um mestre e tive que desobedecer às ordens dele só para vir, mas não podia deixar você aqui. Foi bem ruim, não foi?

Ela começou a soluçar.

Ele não conseguia sequer imaginar os nomes dos quais a deviam ter xingado. Às vezes tinha vontade de matar todo mundo nas Tocas. Como podiam zombar da Menina-Boneca? Como podiam machucá-la? Ela só estava viva por milagre. Por milagre e por causa de Jarl, que devia ter arriscado a própria vida dezenas de vezes.

Azoth se aproximou e a puxou mais para perto. Ela se virou e se agarrou a ele como se as lágrimas fossem arrastá-la para longe. Ele a abraçou e chorou. E o tempo passou. Azoth teve a sensação de estar seco por dentro. Não soube quanto tempo havia passado abraçado com ela, mas soube que

foi muito.

– Tenho boas notícias – falou.

Ela ergueu para ele aqueles grandes olhos castanhos.

– Venha comigo.

A Menina-Boneca o seguiu; eles saíram das Tocas, cruzaram a ponte Vanden e chegaram à residência do conde Drake. Seus olhos se arregalaram quando eles se encaminharam para a casa, e mais ainda quando o porteiro abriu a porta e os deixou entrar.

O conde estava em seu escritório. Levantou-se para recebê-los e, por algum motivo, não demonstrou surpresa com o aspecto terrível da Menina-Boneca. Era uma pessoa melhor do que Azoth.

– Azoth explicou por que você está aqui, mocinha? – perguntou Drake.

O garoto viu que a escolha de seu nome era proposital. A Menina-Boneca fazia parte da vida *dele*; não faria parte da vida de Kylar. Não iria saber seu novo nome.

Pendurada em Azoth, a menina fez que não com a cabeça, tímida.

– Nós achamos uma família para você, Menina-Boneca – disse o conde.

– Eles querem que você seja a filha deles. Vão cuidar de você. Você nunca mais vai precisar dormir na rua. Eles trabalham em uma casa aqui no lado leste. Se não quiser, você nunca mais terá que voltar às Tocas.

É claro que foi um pouco mais complexo do que isso. Drake conhecia a tal família fazia algum tempo. Ao longo dos anos, já haviam recebido outros órfãos nascidos escravos, mas não tinham dinheiro para alimentar mais um. Então Azoth jurou pagar por ela com o próprio salário, já generoso, e que segundo mestre Blint iria aumentar à medida que ele se mostrasse mais útil. O conde não ficara muito contente por guardar um segredo de Durzo, mas acabara se mostrando disposto a ajudar depois que Azoth explicou o que havia acontecido.

Agarrada a Azoth, a Menina-Boneca ou não entendia ou não acreditava no que o conde acabara de dizer.

Drake se levantou.

– Bem, estou certo de que você deve querer dizer algumas coisas para ela,

e preciso voltar para o meu trabalho, então se me derem licença...

Ele os deixou a sós e a Menina-Boneca encarou Azoth com um olhar acusador.

– Você nunca foi burra – disse ele.

Apertou sua mão com força.

– Meu mestre me deu ordens para não vê-la. Hoje é a última vez que vamos nos encontrar. – Ela puxou sua mão com uma expressão beligerante.

– É, nunca mais. Eu não queria que fosse assim, mas ele me matará se descobrir que eu o desobedei. Por favor, não fique brava comigo.

Ela estava chorando outra vez e não havia nada que ele pudesse fazer.

– Preciso ir agora. Ele vai voltar a qualquer minuto. Sinto muito.

Desgrudou os olhos dela e deu um passo em direção à porta.

– Não me abandone.

Azoth sentiu uma lança de gelo se cravar em sua espinha. Ele se virou, incrédulo. Era a voz de uma garotinha, exatamente o que alguém esperaria ouvir se não soubesse que a Menina-Boneca era muda.

– Por favor – disse ela.

Era uma voz bonita. Soava incongruente com a máscara do rosto mutilado que Rato lhe deixara de herança. Os olhos de Azoth tornaram a se encher de lágrimas e ele saiu correndo pela porta... trombando com alguém alto e magro, como se houvesse esbarrado em uma pedra. Caiu sentado no chão e ergueu os olhos, horrorizado.

O rosto de mestre Blint estava roxo de fúria.

– Como se atreve? – gritou ele. – Depois de tudo o que fiz por você, você me desafia? Acabei de matar um dos Nove. E você, o que fez? Passou duas horas andando pelo lugar do assassinato, para todo mundo saber que o aprendiz de Blint esteve ali! Talvez tenha posto tudo a perder!

Ele suspendeu Azoth do chão como se fosse um filhote de gato e bateu nele. A túnica do menino se rasgou na mão de Blint e ele caiu para trás com a força do impacto. Durzo avançou de novo e, dessa vez, seu punho fechado acertou o maxilar de Azoth.

Seu rosto ricocheteou no chão e ele mal viu a Menina-Boneca voar para

cima do mestre enquanto a imensa espada negra saía da bainha.

– Não a machuque! – gritou Azoth.

Sem raciocinar, partiu para cima de Blint e agarrou a lâmina de Retribuição, a espada dele. Mas o mestre era uma força da natureza. Nem diminuiu a velocidade ao pegar a Menina-Boneca do chão e jogá-la no corredor. Trancou a porta, destrancou-a e tornou a trancá-la em rápida sucessão. Virou-se de volta para Azoth, mas, o que quer que estivesse prestes a bradar, morreu em sua garganta. A grande espada negra continuava presa às mãos de Azoth, cortando até o osso. Só que agora não estava mais negra. Agora a lâmina tinha um brilho azul.

Um fogo azul incandescente rodeou a mão de Azoth e fez uma queimação congelante penetrar seus dedos cortados, descer pelo fio da espada...

– Não, isso não! Isso é meu! – gritou Blint.

Jogou a espada para o lado como se fosse uma víbora, para longe de ambos. A fúria em seus olhos agora havia se transformado em uma ira absoluta, irracional. Azoth nem viu o primeiro golpe. Não entendeu como caiu no chão outra vez. Algo úmido e pegajoso atrapalhou sua visão.

O mundo então se dissolveu em pesados e repetidos golpes, em explosões de luz e dor, no hálito forte de alho de mestre Blint, em gritos distantes e batidas em uma porta que parecia cada vez mais distante.



Durzo olhou para a cerveja marrom cheia de espuma como se ali houvesse respostas. Não havia. Ele tinha que tomar uma decisão. A costumeira alegria forçada do bordel rodopiava à sua volta, mas ninguém o incomodou, fosse homem ou mulher. Talvez por causa de Retribuição desembainhada sobre a mesa à sua frente. Talvez apenas por causa da expressão em seu rosto.

Não a machuque! Era isso que Azoth tinha gritado. Como se Durzo fosse capaz de matar uma menina de 7 anos. Que tipo de monstro o garoto achava que ele fosse? Então se lembrou de lhe dar uma tremenda surra, de espancar aquela carne tenra de criança, de fazê-lo perder os sentidos até Drake derrubar a porta e contê-lo. Quase havia matado o conde por causa disso; estava completamente fora de si. Mas ele lhe lançara um daqueles olhares... maldito fosse Drake e seus malditos olhares santos.

Aquele azul incandescente. Maldição. Maldita fosse toda magia. Naquele clarão azul sobre Retribuição, sua espada, Durzo tinha visto a esperança morrer. Ela definhava desde a morte de Vonda, mas aquele azul fora uma porta que havia se fechado para sempre. Significava que Azoth era merecedor de uma forma que Durzo não era, como se todos os seus anos de serviços de nada valessem. O garoto estava tirando dele o que o tornava especial. O que restava para Durzo Blint?

Cinzas. Cinzas, sangue e nada mais.

De repente, Retribuição lhe pareceu uma zombaria. *Retribuição? Dar às pessoas o que elas merecem? Se eu fizesse mesmo isso, enfiaria essa maldita*

espada na minha própria garganta.

A última vez em que havia chegado tão perto da loucura fora na época da morte de Vonda, quatro meses e seis dias antes. Com um suspiro, fez a cerveja girar no copo, mas não a bebeu. Haveria tempo suficiente para isso mais tarde. Depois que tomasse a sua decisão, precisaria de uma dose. Precisaria de doze doses.

Ele bebia muito com Vonda. Isso deixava a irmã dela uma fera. A relação como um todo deixava Mama K uma fera, claro. Ela havia proibido Durzo de encontrar a inocente caçula. Havia proibido Vonda de encontrar o derramador. Tão inteligente em outros quesitos, Mama K provavelmente contribuía mais do que qualquer outra pessoa para fazer o relacionamento ganhar fôlego. Cercado por carne fácil, Durzo ficou subitamente intrigado com a irmã mais nova de Gwinvere. Quis descobrir se a parte da virgindade era uma farsa ou não.

Era. Ele ficara decepcionado, mas tentara disfarçar. De todo modo, isso era uma hipocrisia e a moça tinha diversos outros mistérios. Vonda nem sempre o tratava bem, mas pelo menos não o temia. Ele não achava que ela o compreendesse o suficiente para temê-lo. Parecia apenas deslizar pela superfície da vida, enquanto os outros tinham que mergulhar nas águas do esgoto. Durzo tampouco a compreendia, e isso o fascinava.

Quando seu caso começou, ele poderia ter guardado segredo. Do jeito que conhecia a agenda de Gwinvere, os dois poderiam ter passado anos se encontrando em segredo. Mesmo com a intuição de Mama K, Durzo sabia se mostrar inescrutável. Mas não fora assim que as coisas tinham acontecido. Vonda havia contado à irmã. Decerto anunciado logo, se Blint bem a conhecia. Talvez tivesse sido um pouco insensível, mas Vonda não sabia o que estava fazendo.

– Acabe com isso agora, Durzo Blint – Gwinvere tinha lhe dito, com toda a calma. – Ela vai destruir você. Eu amo a minha irmã, mas ela vai ser a sua ruína.

Eram só palavras. Palavras para ela conseguir o que queria, como sempre. Com todo o poder que tinha, ficava uma fera por não ser capaz de

governar a vida dos que realmente desejava governar.

Estava certa, claro. Talvez não da forma como havia falado, mas estava. Mama K sempre o entendera melhor do que qualquer outra pessoa. Ele a entendia também. Eram o espelho um do outro. Gwinvere Kirena teria sido perfeita para Blint se ele conseguisse amar o que via no espelho.

Por que estou pensando nisso? Isso faz parte do passado. Havia uma escolha a ser feita: criar o garoto e ter esperança ou matá-lo?

Esperança. Certo. Esperança são as mentiras que contamos a nós mesmos em relação ao futuro. Ele já tivera esperança. Já se atrevera a sonhar com uma vida diferente, mas quando havia chegado a hora...

– Pensativo, Gaelan Starfire? – perguntou um bardo ladeshi, sentando-se em frente a Durzo sem esperar ser convidado.

– Estou decidindo quem matar. Se me chamar assim outra vez, Aristarchos, vai para o topo da lista.

O bardo sorriu com a segurança de um homem que sabe ter dentes brancos e perfeitos. Pelos Anjos da Noite.

– Estamos muito curiosos em relação ao que vem acontecendo nos últimos meses.

– Você e a Sociedade podem ir para o inferno – disse Durzo.

– Acho que gosta dessa atenção, *Durzo Blint*. Se quisesse, estaríamos mortos. Ou será que você respeita mesmo esse tal código de retribuição? A sociedade tem debatido bastante essa questão.

– Vocês continuam brigando pelas mesmas questões, é? Não têm nada melhor para fazer? Falar, falar e falar. Por que não fazem alguma coisa produtiva, para variar?

– Estamos tentando, Durzo. Na verdade, é por isso que estou aqui. Quero ajudá-lo.

– Quanta gentileza.

– Você o perdeu, não foi? – indagou Aristarchos. – Perdeu-o ou ele o abandonou? As pedras escolhem mesmo os próprios mestres?

Durzo percebeu que girava a faca entre os dedos outra vez. Não para intimidar o ladeshi, embora tivesse conseguido. Precisava manter as mãos

ocupadas.

Não era nada. Ele parou.

– Vou dizer por que nunca fiquei amigo de nenhum de vocês, Aristarchos. Não sei se o seu circulozinho algum dia se interessou por mim ou apenas pelo meu poder. Certa vez, quase me deixei convencer a compartilhar alguns dos meus mistérios, mas entendi que, se compartilhasse com um de vocês, compartilharia com todos. Então me diga: por que eu daria tanto poder aos meus inimigos?

– É isso que viramos? – perguntou Aristarchos. – Inimigos? Nesse caso, por que não nos varrer da face da terra? Você é a melhor pessoa para fazer isso.

– Eu não mato sem motivo. O medo não basta pra me motivar. Talvez isso seja demais para você entender, mas posso ter poder sem usá-lo.

Aristarchos coçou o queixo.

– Nesse caso, você é um homem melhor do que pensávamos. Entendo agora por que foi escolhido. – Aristarchos se levantou. – Pois saiba de uma coisa, Durzo Blint. Estou longe de casa e não tenho os recursos que desejaria, mas darei toda a ajuda que puder. Saber que você julgou a causa justa me bastará como explicação. Tenha um bom dia.

O homem saiu do bordel sorrindo e piscando para as putas, que pareceram desapontadas por perder um cliente. O bardo usava seu charme como se fosse uma máscara, constatou Durzo.

As máscaras mudam, mas os mascarados permanecem os mesmos, não é? Durzo havia convivido com a escória da humanidade por tanto tempo que via imundície em qualquer coração. Sabia que a imundície existia. Havia escuridão até mesmo no coração de Ribold Drake. Só que o conde não deixava essa escuridão ditar suas ações, certo? Esse mascarado tinha mudado, ainda que fosse o único.

O medo não basta para me motivar, tinha dito ele... ao mesmo tempo que planejava assassinar uma criança. *Que espécie de monstro eu sou?*

Agora estava encurralado. Desesperadamente encurralado. Acabara de assassinar Corbin Fishill, cuja morte fora autorizada pelo Shinga e pelos

Nove. Ele vinha administrando as guildas como se estivesse em Khalidor, jogando uma contra a outra, incentivando uma guerra aberta e não fazendo nada para conter sua brutalidade. Os khalidori faziam isso na crença de que os melhores se destacariam naturalmente. Mas o Sa'kagé queria membros, não monstros.

Pior ainda: agora havia indícios de que Corbin estava trabalhando para Khalidor. Isso era imperdoável. Não o fato de aceitar o trabalho, mas de aceitá-lo sem avisar o resto dos Nove. A lealdade tinha de vir em primeiro lugar com o Sa'kagé.

A morte fora autorizada e justa. O que não significava que os amigos de Corbin fossem aceitá-la. Durzo já havia matado membros dos Nove, mas sempre tomava um cuidado especial para esconder quem fizera o trabalho. Agora Azoth tinha percorrido o local do assassinato pouco tempo antes de o serviço ser feito e bastante tempo depois. Um número suficiente de pessoas sabia ou supunha que Durzo o tornara seu aprendiz, e não poderia deixar de vincular as duas coisas. Um trabalho desleixado, diriam. Durzo Blint talvez esteja perdendo a mão.

Ser o melhor o tornava um alvo. Aparentar fraqueza dava a todos os derramadores de segunda categoria uma esperança de progredir. Azoth não podia saber isso, claro. Ainda não sabia tantas coisas... Mas Durzo tinha visto a própria morte naquele clarão azul na lâmina de Retribuição. Se deixasse o garoto viver, iria morrer. Mais cedo ou mais tarde.

Pronto, assim era. A economia divina. Para alguém viver, outro precisava morrer.

Durzo Blint tomou sua decisão e começou a beber.

* * *

– Mestre Blint não veio falar comigo.

– Não – disse Mama K.

– Já faz quatro dias. Você garantiu que ele não estava mais bravo – falou

Azoth, cerrando os punhos e olhando para a própria mão.

Podia jurar que a espada a havia atravessado, mas estava tudo bem. No entanto, vários outros lugares de seu corpo doíam, então ele não tinha apenas imaginado a surra.

– Três. E ele não está bravo. Beba isto.

– Não. Não quero mais esse troço. Faz eu me sentir pior ainda.

Ele se arrependeu das palavras assim que as pronunciou. As sobrancelhas de Mama K se arquearam e seu olhar se tornou frio. Ele estava envolto em cobertores e em um quarto de hóspedes da casa dela, mas, quando aqueles olhos viravam gelo, nada era capaz de esquentá-lo.

– Menino, vou contar uma história para você. Já ouviu falar na Cobra de Haran?

Azoth fez que não com a cabeça.

– A cobra tem sete cabeças, mas sempre que você corta uma, surgem outras duas no lugar.

– Sério? Isso existe mesmo?

– Não. Em Haran eles a chamam de Cobra de Ladesh. É uma lenda.

– Então por que está me falando sobre ela?

– Está sendo estúpido de propósito? – Como ele não respondeu, ela continuou: – Se me deixar terminar, vai ver que a história é uma analogia. Analogias são mentiras que os adultos contam.

– Por quê?

Não poder sair da cama tornava Azoth petulante.

– Por que uma pessoa mente? Porque mentiras são úteis. Agora beba seu remédio e cale a boca – disse Mama K.

Azoth sabia que estava abusando, então não perguntou mais nada. Tomou o líquido espesso com sabor de hortelã e anis.

– No momento, Azoth... *Kylar*, o Sa'kagé tem sua própria Cobra de Haran. Você sabe quem é Corbin Fishill?

Ele fez que sim. Corbin era o rapaz bonito e intimidador que às vezes aparecia para falar com Ja'laliel.

– Corbin era um dos Nove. Administrava as guildas de crianças.

– Era? – perguntou Azoth, quase guinchando. Ele não devia saber que Corbin era importante.

– Três dias atrás, Durzo o matou. Quando o tráfico de bebês terminou, o Sa'kagé teve uma oportunidade de recrutar seu próprio exército. Mas Corbin estava permitindo ou incentivando uma guerra entre guildas que vinha dizimando os nascidos escravos. Ele era um espião. O Sa'kagé achava que fosse um espião ceurano, mas agora havia a suspeita de que estava recebendo dinheiro de Khalidor. Os khalidori o pagavam com ouro ceurano, provavelmente para o caso de ele ser descoberto, e também para ele não começar a gastar o dinheiro na hora e chamar atenção para si.

Ela fez uma pausa e continuou:

– Agora que Corbin morreu, os pertences dele foram vasculhados e nada foi descoberto. Se ele era khalidori, era bem mais perigoso do que pensávamos e o Sa'kagé deveria tê-lo capturado e torturado até ter certeza, mas na época pareceu ser mais importante dar um exemplo do que acontece com quem administra mal os empreendimentos do Sa'kagé. O problema agora é maior. Não achamos que Corbin tenha exercido a função por tempo suficiente para cultivar qualquer lealdade a Khalidor nas guildas... crianças de rua não ligam muito para de onde vêm suas refeições. Mas o fato de Khalidor se esforçar para dominar as guildas nos informa que eles estão pensando a longo prazo.

– Como podem ter certeza de que ele não era só a pessoa mais fácil de ser subornada no Sa'kagé?

Mama K sorriu.

– Não podemos. Neste exato momento, Khalidor está sufocando algumas rebeliões, e as coisas não têm corrido nada bem para o lado deles. Mas o Deus-rei tem a reputação de nunca jogar para perder e o meu palpite é que ele acha que talvez demore anos até estar pronto para atacar o sul. Quando isso acontecer, Cenária cairá com o mais suave dos golpes. Se ele estiver controlando o Sa'kagé, dominar a cidade vai ser fácil. Nosso problema é que, se ele conseguiu recrutar um homem de cargo tão importante quanto Corbin, é bem possível que haja dezenas de outros. As

demais cabeças da cobra podem surgir a qualquer momento. Qualquer um da nossa confiança pode estar trabalhando para Khalidor.

– Por que isso é problema nosso? – perguntou Azoth.

– É problema nosso porque eu também sou um dos Nove, Kylar. Sou a Senhora dos Prazeres.

O queixo de Azoth caiu. Antes, o Sa'kagé sempre fora uma coisa perigosa, imensa e distante. Fazia sentido, pensou; todos sabiam que Mama K era ex-prostituta e rica. Mas ele nunca havia refletido sobre o assunto. Ser a Senhora dos Prazeres significava que ela controlava toda a prostituição em Cenária. Em última instância, todos os que praticavam esse ofício lhe deviam obediência.

Mama K sorriu.

– Além das suas atribuições mais... cansativas, minhas meninas também mantêm os ouvidos abertos. Você ficaria assombrado se soubesse como os homens podem se mostrar loquazes diante do que consideram uma reles puta desmiolada. Eu sou responsável pelos espões do Sa'kagé. Preciso saber o que Khalidor está fazendo. Se eu não souber, o Sa'kagé não sabe. Se não soubermos, o país pode cair. Acredite, não queremos Garoth Ursuul como nosso rei.

– Por que está me contando tudo isso? – indagou Azoth. – Eu não sou ninguém.

– Azoth não era ninguém. Você está prestes a virar Kylar Stern. E acho que é mais esperto do que Durzo quer admitir. Estou contando isso porque precisamos de você do nosso lado. Azoth foi burro por passear pela cidade no outro dia e isso talvez custe a sua vida ou a de Durzo. Se soubesse o que estava acontecendo, não teria ido às Tocas. Fez uma coisa errada, mas Durzo não deveria ter dado uma surra em você por ter tomado uma iniciativa. Na verdade, sem dúvida ele está arrependido, embora jamais vá pedir desculpas. Aquele homem não sabe reconhecer quando está errado. Precisamos que você seja mais do que um aprendiz, Kylar. Precisamos que seja um aliado. Está pronto para isso?

Kylar aquiesceu devagar.

- O que querem que eu faça?



Ao ser conduzido para dentro da propriedade dos Gyre, Kylar tentou se mostrar boquiaberto com as coisas certas. Segundo Mama K, Azoth teria se mostrado boquiaberto com qualquer objeto grande ou feito de ouro. Já o baronete Kylar Stern só se mostraria boquiaberto com o que fosse as duas coisas... e com as obras de arte. Logan desejava se desculpar pela surra e o primeiro trabalho de Kylar para o Sa'kagé era garantir que os dois ficassem amigos.

O porteiro o acompanhou até outro homem, mais bem-vestido; Kylar quase o cumprimentou como o duque Gyre, mas então se deu conta de que aquele devia ser o intendente. O sujeito o fez atravessar um espaçoso hall de entrada com uma escadaria dupla ao redor de uma imensa estátua de mármore que representava dois homens, gêmeos, enfrentando-se em combate. Ambos viam a mesma brecha na defesa do outro e se esticavam para atacar. Mama K lhe dissera que aquela era uma das esculturas mais famosas do mundo: *A ruína dos gêmeos Grasq*.

Segundo a história que ela havia contado, durante uma longa batalha, os irmãos Grasq tinham perdido cada um o fino tabardo, a única peça de roupa que os homens usavam por cima da cota de malha, responsável por identificá-los caso fossem separados de seus porta-estandartes. Embora tivessem se evitado em batalhas anteriores, os dois haviam de fato se matado. Na obra, estavam ambos nus, segurando apenas um escudo e uma espada. Por causa da posição do escudo, ambos viam pela primeira vez o

rosto do irmão no exato instante em que desferiam o golpe mortal.

O intendente fez Kylar subir as escadas e avançar por uma das compridas alas da residência. O corredor era mais largo do que a maioria dos becos nas Tocas. Os dois lados estavam abarrotados de bustos de mármore e quadros de homens falando, lutando, agarrando mulheres, de famílias se mudando, de mulheres aos prantos, de desfechos de batalhas e de monstros horríveis saindo de buracos no chão. Todos tinham pesadas molduras folheadas a ouro. A maioria era de tamanho grande. Como caminhava atrás do intendente, Kylar podia ficar boquiaberto à vontade, e assim o fez. Eles então pararam em frente a uma imensa porta. O homem bateu à porta com o cetro que trazia na mão e a abriu. O cômodo era uma biblioteca com dezenas de prateleiras em fileiras ordenadas e paredes cobertas por livros e pergaminhos até uma altura de dois andares.

– Milorde, o baronete Kylar Stern.

Logan Gyre se levantou de uma mesa sobre a qual estava aberto um pergaminho.

– Kylar! Eu estava mesmo terminando... Peguei este pergaminho emprestado de... Ah, esqueça. Seja bem-vindo!

– Obrigado por me convidar, duque Gyre. Sua propriedade é linda. A estátua dos gêmeos Grasq é de tirar o fôlego.

Estava recitando o que Mama K tinha lhe ensinado, mas agora com sinceridade.

– Por favor, me chame de Logan. Você é muito gentil. Gostou mesmo?

O “você é muito gentil” o entregou. Logan se esforçava tanto para ser adulto quanto Kylar. Kylar estava nervoso por ser uma farsa, mas o “duque” também se sentia assim. O título era grandioso e recente demais para ele fingir de modo convincente que estava à vontade. Por isso, Kylar deu uma resposta honesta:

– Na verdade, achei incrível. Só preferiria que eles não estivessem nus.

Logan deu uma gargalhada.

– Eu sei! Na maior parte do tempo não reparo mais nisso, mas de vez em quando entro pela porta e... tem dois homens nus imensos na minha casa.

Por causa dos meus novos deveres, estou encontrando de novo todos os dependentes e amigos do meu pai. Na verdade é uma oportunidade para as senhoras apresentarem suas filhas e torcerem para eu me apaixonar perdidamente. Estava cumprimentando uma senhora e a filha dela, não vou citar nomes, mas são mulheres lindas e muito pudicas, muito recatadas. Eu sou bem alto, certo? As duas tiveram que levantar bastante o rosto para me encarar nos olhos e, enquanto eu estava falando, no meio de uma história, a mãe começou a dar risadinhas e a filha adotou um ar de completo fascínio. Fiquei intrigado. Teria alguma coisa nos meus cabelos, na orelha ou algo assim? Por que as duas não paravam de olhar meio de lado...?

– Ah, não! – exclamou Kylar, rindo.

– Olhei por cima do ombro e vi... bem, o que eu vi, três vezes maior do que o tamanho natural, foi uma... genitália de mármore. Elas perceberam que eu tinha reparado que estavam olhando o tempo todo por cima do meu ombro, e percebi que era a primeira vez que a filha via um homem nu... e esqueci por completo a história que estava contando.

Os dois riram juntos e Kylar ficou profundamente agradecido por Logan ter lhe proporcionado contexto suficiente para entender o que significava “genitália”. Será que todos os nobres falavam daquele jeito? E se, na vez seguinte, Logan chegasse ao final da história sem dar o contexto? Lorde Gyre apontou para um retrato pendurado na biblioteca: um homem careca, de maxilar quadrado, vestido em um estilo desconhecido.

– Agradeço a ele por isso. Meu tataravô, o amante da arte.

Kylar sorriu, mas sentiu como se tivesse levado um tapa. Logan sabia coisas sobre o tataravô. Azoth nem sabia quem era o seu pai. Fez-se um silêncio e Kylar entendeu que era a sua vez de preenchê-lo.

– Eu, hã, ouvi dizer que os gêmeos Grasq na verdade se enfrentaram em seis batalhas.

– Você conhece a história deles? – indagou Logan. – Poucas pessoas da sua idade conhecem.

Um pouco tarde, Kylar se deu conta do risco de fingir ser amante da história para aquele rapaz que amava livros e era capaz de lê-los.

– Eu gosto muito de histórias antigas – respondeu. – Mas os meus pais na verdade não querem que eu “perca meu tempo enchendo a cabeça com histórias”.

– Você gosta mesmo? Aleine sempre começa a fingir que está roncando toda vez que eu falo em história. – *Aleine? Ah, Aleine Gunder, o príncipe Aleine Gunder X.* O mundo de Logan era mesmo diferente. – Olhe isto aqui. – Ele fez um gesto para Kylar se aproximar da mesa. – Aqui, leia esta parte.

Eu leria com prazer, se fosse alfabetizado. Kylar sentiu um aperto no coração. Seu disfarce ainda era muito frágil.

– Você está parecendo meus professores – falou, descartando a sugestão com um aceno. – Não quero passar uma hora lendo enquanto você fica sem fazer nada. Por que não me conta as melhores partes?

– Sinto que só eu estou falando – disse Logan, subitamente encabulado. – Desculpe. É meio grosseiro de minha parte.

Kylar deu de ombros.

– Não acho que esteja sendo grosseiro. É uma história nova, algo assim? Os olhos de Logan se acenderam e Kylar soube que estava seguro.

– Não, é o fim do Ciclo de Alkestia, logo antes da queda dos Sete Reinos. Meu pai está me fazendo estudar os grandes líderes do passado. No caso, o imperador Jorsin Alkestes, claro. Quando eles estavam sitiados no Monte Negro, seu braço direito, Ezra, o Louco... Bem, ali ainda não era o Monte Negro, e Ezra só foi se esconder na Mata de Ezra uns cinquenta anos depois... Enfim, Ezra talvez tenha sido o melhor mago que já existiu, perdendo apenas para o próprio Alkestes. Estavam eles sitiados no que é hoje o Monte Negro, e Ezra começou a produzir as coisas mais incríveis: os martelos de guerra de Oren Razin; armadilhas de fogo e raios que até mesmo soldados sem Talento conseguem usar; Curoch, a espada do poder; Iures, o bastão da lei; e por fim seis artefatos mágicos chamados ka’kari. Pareciam umas bolas incandescentes, mas os Seis Campeões podiam espremê-las e elas derretiam e cobriam seu corpo inteiro como uma segunda pele, conferindo-lhes poder sobre os elementos.

Ele pigarreou e prosseguiu:

– Arikus Daadrul ganhou uma pele de metal líquido prateado que o tornou imune às armas brancas. Corvaer Blackwell virou Corvaer, o Vermelho, mestre do fogo. Trace Arvagulania deixou de ser horrenda e passou a ser a mulher mais linda de sua época. Oren Razin ganhou a terra, passou a pesar 500 quilos e transformou a própria pele em pedra. Irenaea Blochwei recebeu o poder de tudo aquilo que é verde e brota. Shrad Marden recebeu a água e se tornou capaz de sugar o líquido do sangue de um homem. O que sempre me deixou curioso foi que Jorsin Alkestes era um grande líder. Ele reuniu muitas pessoas de Talento, várias delas difíceis e egoístas, pôs todas elas para trabalharem juntas, e *deu certo*. No fim, porém, ele ofendeu um de seus melhores amigos, Acaelus Thorne, e em vez de lhe dar um ka'kari entregou o artefato a Shrad Marden, de quem nem gostava. Você conhece Acaelus Thorne?

– Já ouvi esse nome – respondeu Kylar.

Era verdade. Às vezes as crianças das guildas se aglomeravam junto à janela de uma das tabernas quando um bardo aparecia, mas só conseguiam ouvir pedaços das histórias.

– Acaelus era um lutador incrível, mas chegava a ser tolo de tão nobre. Não tinha sutileza alguma. Detestava mentiras, política e magia, mas com uma espada na mão era capaz de atacar uma força inimiga sozinho se preciso fosse. Era tão maluco e tão bom que seus homens o seguiam aonde fosse. Mas ele dava grande importância à honra, e ver homens menos importantes serem honrados antes dele foi uma grave ofensa, que levou Acaelus a trair Jorsin. Como o imperador pôde não ver isso? Ele deveria saber que o estava ofendendo.

– Qual sua opinião sobre essa história? – perguntou Kylar.

Logan passou uma das mãos pelos cabelos.

– Deve ser alguma coisa bem sem graça. Todos estavam exaustos, famintos, sem conseguir raciocinar direito. Jorsin simplesmente cometeu um erro.

– E o que isso ensina sobre ser um líder? – Kylar tornou a indagar.

Logan fez uma cara de espanto.

- É importante comer legumes e verduras e dormir direito?
- É importante tratar bem seus subordinados, senão eles podem se virar contra você.
- Está me desafiando para um duelo, baronete Stern?
- Meu excelso duque, será um prazer derrotá-lo.



Kylar entrou esbaforido no esconderijo por causa da vitória. Conseguira acertar Logan três vezes, contra duas do adversário. Lorde Gyre lutava melhor, mas, como Mama K tinha comentado, também havia crescido 30 centímetros no ano anterior e ainda não estava acostumado com a nova estatura.

– Eu não só ganhei a amizade de Logan Gyre como o derrotei em uma luta.

Durzo nem ergueu os olhos do forno calcinador. Aumentou a intensidade da chama sob o pratinho de cobre.

– Ótimo. Nunca mais lute com ele. Agora me dê isso.

Magoado, Kylar pegou um cantil debaixo dos tubos sinuosos do alambique e lhe entregou. Durzo despejou a espessa mistura azul no calcinador. No início, a substância ficou ali, parada. Então pequenas bolhas começaram a se formar e, em instantes, a mistura estava em plena fervura.

– Por que não? – Kylar quis saber.

– Vá pegar a lavagem, garoto.

Kylar foi buscar o balde que servia de comida para o porco e o levou até a mesa.

– Nós lutamos de um jeito diferente daquele ensinado por qualquer um dos mestres espadachins desta cidade – explicou Blint. – Se você lutar com Logan, vai acabar adotando o seu estilo certinho e se tornando um lutador inútil, ou então vai revelar que está aprendendo algo totalmente diferente.

Kylar franziu as sobrancelhas para o fogo do calcinador. Seu mestre estava certo, claro. Mesmo que não estivesse, a palavra dele era lei. A mistura azul agora tinha virado um pó azul-escuro. Durzo tirou o pratinho de cobre de cima das chamas com um pegador grosso de lã e raspou o pó para dentro do balde de lavagem. Pegou outro pratinho de cobre, despejou nele um pouco mais da mistura azul e o pôs sobre o fogo, deixando o primeiro de lado para esfriar com o auxílio de uma grossa luva.

– Mestre, você sabe por que Jorsin Alkestes ofenderia seu melhor amigo não lhe dando um ka’kari?

– Talvez ele tenha feito perguntas demais.

– Logan disse que Acaelus Thorne era o mais honrado amigo de Jorsin, mas que o traiu e que isso levou à queda dos Sete Reinos.

– A maioria das pessoas não é forte o suficiente para compreender a vida, Kylar, de maneira que acredita em ilusões reconfortantes, como deuses, justiça ou a intrínseca bondade humana. Na guerra, essas ilusões não funcionam. A guerra quebra os homens. Deve ter sido isso que aconteceu com Acaelus.

– Tem certeza? – perguntou Kylar. A leitura de Logan tinha sido bem diferente.

– Certeza? – repetiu Blint, com desdém. – Não tenho certeza quanto ao que os nobres daqui fizeram sete anos atrás, quando aboliram a escravatura. Como alguém pode ter certeza sobre o que aconteceu centenas de anos atrás, tão longe daqui? Leve isso para o porco.

Kylar pegou a lavagem e levou até o animal que eles haviam comprado recentemente para os experimentos de Blint. Quando voltou, viu seu mestre olhando para ele como se estivesse prestes a dizer alguma coisa e ouviu um leve barulho de ar se deslocando. Uma chama pulou do pratinho de cobre atrás de Durzo. Antes de Kylar conseguir se encolher, Blint girou o corpo. Uma mão fantasma surgiu das mãos dele, pegou o prato de metal diretamente de cima do fogo e o pôs sobre a mesa. Então a mão sumiu. Tudo aconteceu tão depressa que Kylar não soube se tinha sido apenas sua imaginação ou não.

O prato fumegava e o pó azul agora era uma crosta preta – que Kylar não teve dúvidas de que logo estaria raspando até o cobre reluzir.

Blint disse um palavrão.

– Está vendo? A pessoa se envolve no passado e fica inútil no presente. Venha, vamos ver se aquele porco fedido continua vivo. Depois precisamos fazer alguma coisa com o seu cabelo.

O porco não continuava vivo e, depois da quantidade de veneno que havia ingerido, não era mais seguro comer sua carne. Kylar passou metade do dia esquartejando o bicho e enterrando os pedaços. Depois disso, o mestre esfregou em seus cabelos uma pasta de cheiro forte. A substância queimou seu couro cabeludo e Blint o obrigou a mantê-la por uma hora. Quando finalmente enxaguou os cabelos, Durzo lhe mostrou seu reflexo no vidro e ele mal conseguiu se reconhecer. Seus cabelos estavam louros platinados.

– Agradeça por ser jovem, senão eu precisaria passar a pasta nas suas sobrancelhas também – falou Blint. – Agora vista-se. Com as roupas de Azoth. Com a personalidade de Azoth.

– Eu vou com o senhor? Fazer um serviço?

– Vista-se.

– Entendo por que “peste cinzenta” custa 900 gunders. São necessários múltiplos venenos para imitar a doença – disse o nobre. – Mas 1.500 por um aparente suicídio? Ridículo. Basta esfaquear o sujeito e pôr a faca na mão dele.

– Que tal começarmos outra vez? – indagou mestre Blint, baixinho. – O senhor fala como se eu fosse o melhor derramador da cidade e eu falarei como se houvesse alguma chance neste mundo de eu aceitar o serviço.

A tensão pairava no primeiro andar da estalagem. O general Brant Agon não estava contente, mas respirou fundo e passou uma das mãos pelos

cabelos grisalhos.

– Por que forjar um suicídio custa 1.500 moedas de ouro?

– São necessários meses para forjar um suicídio de forma adequada – respondeu mestre Blint. – Tudo depende da história da vítima. Se for melancólica, o prazo pode diminuir para seis semanas. Se já tentou se matar antes, pode ser tão curto quanto uma semana. Eu arrumo um jeito de ter acesso a ela e administro poções especiais.

Azoth tentava prestar atenção, mas algo no fato de estar usando suas antigas roupas fazia as ilusões da semana anterior se estilhaçarem. Kylar e sua máscara de autoconfiança haviam desaparecido. Essa máscara, que enganara Logan e ele próprio por algum tempo, agora tinha caído. Ele era apenas Azoth. Fraco. Não entendia o que fazia ali, nem por quê, e estava com medo.

Blint seguiu falando sem nem ao menos olhar na sua direção.

– A vítima vai ficando deprimida, retraída, desconfiada. Os sintomas pioram aos poucos. Então quem sabe um bicho de estimação favorito morre. O alvo, já sensível e paranoico, logo começa a descontar nos amigos. Os amigos que vão visitá-lo, pelo menos os que aceitam comer e beber, vão ficando irritados na companhia da vítima. Eles brigam. Os amigos param de visitá-la. Às vezes o próprio alvo escreve o bilhete. Às vezes até comete suicídio mesmo, embora eu o monitore de perto para garantir que escolha um método adequado para o efeito desejado. Com o tempo, ninguém desconfia de nada. A própria família muitas vezes abafa os detalhes e elimina os poucos indícios existentes.

– Pelas barbas do alto rei, é possível uma coisa dessas? – perguntou o general.

– Possível? Sim. Difícil? Muito. É preciso um número considerável de venenos misturados... O senhor sabia que cada um reage de maneira diferente aos venenos? É preciso também uma grande quantidade do meu tempo. Se for necessário um bilhete, a correspondência e os diários da vítima são analisados para que não apenas a caligrafia, mas também o estilo de escrita e até mesmo determinadas escolhas de termos sejam idênticas. –

Durzo abriu um sorriso de predador. – O assassinato é uma arte, milorde, e eu sou o artista mais talentoso desta cidade.

– Quantos homens o senhor já matou?

– Digamos apenas que eu nunca fico ocioso.

O general mexeu na barba e encarou o orçamento que Durzo havia lhe passado; era óbvio que estava incomodado.

– Posso perguntar sobre outros, mestre Blint? – indagou, subitamente respeitoso.

– Prefiro que o senhor só pergunte sobre as mortes que estiver considerando seriamente.

– Por quê?

– Eu valorizo muito o segredo; sou obrigado a isso. Então não gosto de conversar sobre a minha metodologia. Para ser sincero, saber além da conta tende a assustar aqueles que contratam meus serviços. Tive um cliente algum tempo atrás que era muito orgulhoso das próprias defesas. Ele me perguntou como eu executaria um contrato para assassiná-lo. O sujeito me irritou tanto que eu expliquei. Depois disso, ele tentou fechar um acordo com outro derramador para me matar. Todos os profissionais de Cenária recusaram o trabalho. Ele acabou contratando um amador.

– O senhor se descreve como se fosse uma lenda – disse o general.

É claro que Durzo Blint era uma lenda! Quem iria contratá-lo se não soubesse disso? Ao mesmo tempo, era sinistro ouvi-lo falar sobre seu ofício com um nobre, com alguém no mesmo nível do conde Drake. Era como se os dois mundos de Azoth estivessem sendo imprensados um contra o outro de modo nada agradável. Ele sentia o mesmo assombro de Brant Agon.

Na guilda, Durzo era uma lenda porque tinha poder, porque as pessoas o temiam e porque nunca precisava temer ninguém. Fora isso que atraía Azoth. Aquele nobre, porém, estava assombrado por outros motivos. Para ele, Blint era uma criatura da noite, um homem capaz de profanar as coisas que o general prezava, de minar tudo aquilo que ele considerava seguro. Ele não parecia assustado, mas enojado.

– Não estou sugerindo que aterrorizo todos os derramadores da cidade.

– Mestre Blint sorriu. – O fato é que nós, profissionais, somos um grupo pequeno. Somos colegas; alguns de nós são até amigos. O segundo derramador que meu cliente procurou foi Scarred Wrable...

– Já ouvi falar nele – comentou Brant Agon. – Parece que é o segundo melhor assassino da cidade.

– Derramador – corrigiu Blint. – E é meu amigo. Contou para mim o que o tal cliente estava fazendo. Depois disso... bem, se uma metáfora militar funciona melhor para o senhor, seria como tentar uma pequena incursão em uma cidade que esperasse ser atacada. Ou seja, suicídio.

– Entendo. – O general ficou calado por alguns instantes, aparentemente surpreso com o fato de mestre Blint saber quem ele era, então de repente abriu um sorriso. – E o senhor também é um estrategista.

– Como assim?

– Não houve muita gente querendo matá-lo depois que começou a contar essa história, não é?

Mestre Blint abriu um largo sorriso. Azoth viu que aqueles dois se entendiam.

– Ninguém. Afinal de contas, a diplomacia é uma extensão da guerra.

– Em geral, a guerra é uma extensão da diplomacia – rebateu Brant Agon. – Mas concordo com o senhor. Certa vez me vi em desvantagem numérica, forçado a manter uma posição contra o Lae'knaught durante dois dias, até chegarem reforços. Tinha alguns prisioneiros, então os pus em posição vulnerável e disse aos soldados encarregados de vigiá-los que receberíamos apoio no raiar do dia. Os prisioneiros ouviram. Durante o combate, eles fugiram e logo foram dar a notícia aos seus superiores. O exército do Lae'knaught ficou tão desmotivado com a situação que adiou o ataque até nós *de fato* recebermos reforços. Essa diplomacia salvou nossas vidas. Mas isso nos traz de volta ao assunto em pauta... Preciso de uma diplomacia que não consta nessa sua lista. Acho que não fui completamente honesto com o senhor, mestre Blint. Estou aqui em nome do rei.

De repente, o semblante de Durzo se esvaziou de qualquer emoção.

– Entendo que, dizendo-lhe isso, talvez percamos o homem que me deu

seu nome. Mas o rei considera que a questão vale arriscar a vida tanto de um contato quanto de um de seus ministros... a saber, eu próprio.

– O senhor não cometeu nenhuma tolice, cometeu? Como cercar o prédio com soldados, por exemplo?

– Nada desse tipo. Vim sozinho.

– Então fez pelo menos uma escolha sensata hoje.

– Mais de uma. Nós escolhemos o senhor, mestre Blint. E eu escolhi ser sincero, algo que, espero, o senhor valorize. Como sabe, o rei é rico, mas não é forte de um ponto de vista político nem militar. É uma verdade amarga, mas não chega a ser novidade. Nossos reis não são fortes há cem anos. Aleine Gunder quer mudar isso. No entanto, além das disputas internas que o senhor decerto conhece melhor do que eu, o rei ficou sabendo recentemente de alguns complôs bem inescrupulosos para roubar grandes somas em dinheiro não apenas do tesouro, mas, graças a uma infinidade de estratégias, também de quase todos os nobres do país. A ideia, na nossa avaliação, é deixar Cenária tão pobre que seremos incapazes de manter um exército.

– Parece muito dinheiro para roubar sem ninguém perceber – falou mestre Blint.

– O ministro das finanças já percebeu... é ele quem está organizando tudo. Porém, ninguém mais está ciente. Os estratégias chegam a ser brilhantes. O complô não vai amadurecer antes de seis ou dez anos. Homens estão sendo postos em posições-chave, e até agora não fizeram nada errado. E tem mais, muito mais, mas o senhor não precisa saber.

– O que preciso saber?

Durzo estava com os olhos semicerrados.

– Fiz um estudo sobre o senhor, mestre Blint, embora seja difícil encontrar informações a seu respeito. Todo mundo sabe que o Sa'kagé tem imenso poder nesta cidade. Até gente de fora do país sabe disso. Khalidor, inclusive. O rei precisa do senhor para mais de uma dezena de contratos, ao longo de vários anos. Alguns serão simples assassinatos, outros exigirão que o senhor plante informações, e outros ainda não terão nada a ver com

morte, mas apenas com ser visto. O Deus-rei Ursuul precisa acreditar que o Sa'kagé e seus agentes têm uma aliança conosco.

– O senhor quer que eu vire um agente do governo?

– Não... exatamente.

– E suponho que vá me conceder um indulto por tudo o que eu fiz?

– Fui autorizado a oferecer isso.

Mestre Blint se levantou e riu.

– Não, general. Tenha um bom dia.

– Infelizmente não posso aceitar um “não” como resposta. O rei proibiu.

– Espero que não esteja planejando ameaçar a minha vida – retrucou mestre Blint.

O general olhou para Azoth pela primeira vez.

– Primeiro nós vamos matar o menino.



Mestre Blint deu de ombros.

– E daí?

– E vamos matar a sua namorada. O nome dela é Vonda, se não me engano?

– Podem matar. Mas talvez tenham alguma dificuldade, considerando que ela morreu há quatro meses.

O general nem tomou fôlego antes de continuar:

– E vamos matar essa tal “Mama” Kirena que parece ser sua única amiga. Depois vamos atrás do senhor. Não quero que seja assim, mas é o que o rei está oferecendo.

– Vocês estão cometendo dois erros – falou mestre Blint. – Primeiro, partem do princípio de que eu valorizo a vida dos outros mais do que a minha. Ingenuidade achar isso sabendo o que faço. Segundo, acham que eu valorizo a minha vida.

– Por favor, compreenda. Estou apenas cumprido ordens. Pessoalmente, preferiria não ter qualquer envolvimento com o senhor. Na minha opinião, contratar criminosos não é digno de um rei. Considero imoral e tolo pôr dinheiro no seu bolso em vez de grilhões nos seus pulsos. Acho o senhor abominável. Uma ruína humana que mal se parece com o que um dia deve ter sido um homem. Mas o rei decidiu que precisamos de uma espada de aluguel como a sua. Eu sou um soldado. Mandaram-me vir buscá-lo e não vou fracassar.

– O senhor está cometendo um erro tático. O rei pode matar meu aprendiz, minha amiga, e até a mim, mas terá perdido seu general. É uma troca ruim.

– Não acho que ele consideraria a minha morte uma perda tão grande assim – disse o general.

– Ah, então já entendeu isso? Esta pode ser a primeira vez que me vê, Brant Agon, mas não é a primeira vez que eu o vejo.

O general pareceu não entender.

– O senhor já me viu. E daí? Metade das pessoas da cidade também já me viu.

– Sua mulher ainda se esparrama do seu lado da cama? Que gracinha, não? Ela ainda usa aquela camisola surrada com margaridas bordadas na bainha? O senhor a ama de verdade, não é?

Agon gelou.

– Está me chamando de abominável? – indagou Durzo. – O senhor me deve a sua vida.

– O quê?

– Já parou para pensar por que ganhou uma promoção em vez de uma faca nas costas?

Pela expressão em seus olhos, Azoth pôde ver que o general já tinha refletido sobre o assunto.

– Eu fui à sua casa na noite em que o rei Davin morreu, quando o senhor e Regnus Gyre se encontraram. Deveria matar sua mulher como um aviso. Mais tarde, o príncipe ofereceria um casamento mais vantajoso com uma jovem nobre que pudesse lhe gerar filhos. E eu tinha autorização para matar o senhor e Regnus caso estivessem tramando algum complô. Poupei-o... e eu só recebo quando executo o serviço. Não espero a sua gratidão, general, mas exijo o seu respeito!

O rosto de Agon ficou cinza.

– O senhor... o senhor disse a Aleine que meu preço era a promoção. – Azoth pôde ver o general repetir mentalmente comentários que devia ter escutado ao longo dos últimos quatro meses, e ficar cada vez mais nauseado.

– Por quê?

– O ilustre general, o velho herói de guerra é o senhor. Diga-me por quê.
Durzo sorriu com desdém.

– Me deixar responsável pelo exército dividiu os inimigos do Sa'kagé. Impediu o rei de pôr alguém da sua confiança para chefiar as Forças Armadas. Vocês têm gente por toda parte, não é, seus filhos da mãe?

– Eu? Eu sou só uma espada de aluguel. Sou uma ruína de ser humano.

O rosto do general continuava cinza, mas suas costas não se vergaram nem um milímetro.

– O senhor... o senhor me deu muito em que pensar, mestre Blint. Embora ainda acredite que mereça a força pelos assassinatos que cometeu, desonrei ao senhor e a mim mesmo com minhas palavras impensadas. Peço desculpas. Minhas desculpas, porém, não têm qualquer influência sobre a determinação do rei de que o senhor lhe sirva. Eu...

– Retire-se – disse mestre Blint. – Retire-se. Se reconsiderar suas ameaças, ainda estarei aqui por mais alguns minutos.

O general se levantou e, sem deixar de observar Durzo com atenção, andou até a porta. Abriu-a e não desgrudou os olhos dele até fechá-la atrás de si. Azoth ouviu seus passos ecoarem pelo corredor.

Mestre Blint encarou a porta e recuou para longe da mesa. Em vez de relaxar, agora que o general tinha saído, ficou tenso. Tudo nele indicava ação iminente. Ele parecia um mangusto esperando o bote da serpente.

– Azoth, saia de perto da porta. Fique perto da janela.

Não houve hesitação. O garoto tinha aprendido a lição. Não precisava entender; obedeceria e pronto. Ouviu um barulho de algo caindo na escada e alguns palavrões ditos bem alto. Parado junto à janela, olhou para seu mestre, mas o rosto marcado de Blint nada revelava.

Instantes depois, a porta se abriu de supetão. O general entrou cambaleando, com a espada em riste.

– O que você fez? – rugiu ele.

Seus joelhos se dobraram e ele se apoiou com força no batente da porta para não cair.

– Passei um veneno de contato na maçaneta da porta – respondeu mestre Blint. – Ele penetra pela pele.

– Mas se nós tivéssemos chegado a um acordo...

– Eu teria aberto a porta para o senhor. Se estivesse de luvas, tinha outros planos. Agora quero que me ouça com bastante atenção. Vou ser bem claro: o rei é uma criança incompetente, traiçoeira e desbocada. Eu sou um derramador de primeira categoria. Ele é um rei de segunda categoria. Não vou trabalhar para ele. Já o senhor pode me contratar se quiser: posso matar o rei, mas não vou matar para ele. E não há jeito de o senhor ou ele me pressionar. Sei que Aleine Gunder não vai acreditar nisso, porque é o tipo de homem que acha que pode conseguir tudo o que quer. Mas ele vai entender. Sabe por quê?

Mestre Blint se levantou.

– Em primeiro lugar, vou deixar um recado para ele hoje no castelo. Em segundo lugar, o senhor vai investigar o que aconteceu com o conde Yosar Glin. Foi ele o cliente que me traiu. Em terceiro lugar, veja o que já lhe aconteceu. E em quarto lugar... sente-se, Agon, e guarde essa espada. Chega a ser ofensivo.

O lorde general se deixou cair sobre uma cadeira. A espada comprida escorregou de seus dedos. Ele não pareceu ter forças para pegá-la do chão. Mesmo assim, sua visão continuava nítida e ele ouvia cada palavra do que mestre Blint dizia.

– General, eu não estou nem aí para quem ele vai matar. Sei que o senhor mandou cercar esta estalagem, que há balestreiros com as armas apontadas para as janelas deste cômodo. Eles não têm importância. E mais: as ameaças do rei também não. Não vou ser o cachorrinho de homem nenhum. Sirvo a quem eu quero, quando quero, e jamais servirei a Aleine Gunder. Azoth, venha cá.

O menino foi até seu mestre perguntando-se por que Durzo tinha usado seu verdadeiro nome. Postou-se em frente a Blint, que pousou as mãos em seus ombros e o virou de frente para o general Agon.

– Este é Azoth, meu melhor aprendiz. Ele é ágil. Inteligente. Aprende as

coisas depois de uma única explicação. Trabalha sem descanso. Azoth, diga ao general o que você aprendeu sobre a vida.

Sem hesitação, ele falou:

– A vida é vazia. Quando tiramos uma vida, não estamos tirando nada de valor. Derramadores são matadores. É só isso que fazemos. É só isso que somos. Não há poesia no ofício da amargura.

– Está me entendendo, lorde general? – indagou Blint.

– Estou – respondeu Agon com os olhos acesos de fúria.

A voz de mestre Blint parecia gelo.

– Então saiba o seguinte: eu mataria o meu próprio aprendiz antes de permitir que vocês o usassem contra mim.

O general deu um tranco na cadeira, como se tivesse levado um choque. Estava encarando Azoth. O menino acompanhou seu olhar até o próprio peito.

Vários centímetros de aço sujo de sangue despontavam de seu corpo. Azoth sentiu uma pressão desconfortável, uma sensação que se espalhava de suas costas até o centro de seu corpo. Sentiu frio, depois calor, depois dor. Piscou devagar e tornou a olhar para o general, que exibia uma expressão horrorizada. Azoth olhou para o aço.

Reconheceu a adaga. Ele mesmo a limpou no dia em que saíra à procura da Menina-Boneca. Torcera para, na vez seguinte, mestre Blint limpá-la antes de entregá-la novamente para ele polir. A lâmina tinha filigranas em que o sangue teimava em se entranhar ao secar. Azoth tivera de usar a ponta de outra adaga para retirá-lo. O trabalho havia levado horas.

Sua atenção foi atraída então pela localização da adaga. Naquele ângulo, em um peito de criança, a arma deveria ter cortado o vaso logo acima do coração. Nesse caso, a vítima morreria assim que a adaga fosse retirada. Haveria muito sangue.

O corpo de Azoth deu um tranco quando a adaga sumiu. Teve uma vaga consciência dos próprios joelhos se dobrando. Desabou de lado e sentiu algo quente se derramar sobre o peito.

As tábuas de madeira do piso o sacudiram sem dó quando ele se

estatelou nelas. Ficou deitado de barriga para cima. Mestre Blint segurava na mão uma adaga ensanguentada e dizia alguma coisa.

Mestre Blint acabou de me apunhalar? Não conseguia acreditar nisso. O que ele tinha feito? Pensava que seu mestre estivesse satisfeito com ele. Devia ter sido por causa da Menina-Boneca. Ele ainda estava zangado. As coisas pareciam caminhar tão bem... Uma luz branca e dourada se espalhou por toda parte. E ele sentiu calor. Muito calor.



— **M**ajestade, por favor!

O rei Aleine Gunder IX se deixou cair sobre o trono.

– Brant, é um homem só. Um só! – Ele proferiu uma sequência de impropérios. – Quer que eu mande minha família sair da cidade por medo de um homem só?

– Majestade – disse o general. – A definição de “homem” talvez não se aplique a Durzo Blint. Eu entendo as implicações...

– Pois então! Entende os rumores que se iniciarão se eu mandar minha família sair da cidade assim, de uma hora para outra? – Inconscientemente, o rei soltou outro palavrão. – Eu sei o que dizem sobre mim. Eu sei! Não vou lhes dar esse motivo para salivar, Brant.

– Majestade, esse assassino não faz ameaças vãs. Pelo amor de tudo o que é mais sagrado, ele matou o próprio aprendiz só para demonstrar o que estava dizendo!

– Foi uma encenação! Ora vamos, general. Você estava drogado. Não tinha noção do que estava acontecendo.

– Meu corpo estava prejudicado, mas minha mente, não. Eu sei o que vi.

O rei fungou, em seguida franziu os lábios ao sentir um leve odor de enxofre no ar.

– Maldição! Esses idiotas não conseguem fazer nada direito?

Um dos dutos que canalizava o ar quente da Fenda da Ilha de Vos, logo ao norte do castelo, havia se rompido outra vez. *Ele não entende quanto os*

engenheiros nos fazem poupar anualmente aquecendo o castelo inteiro com canos embutidos nas próprias pedras. Pouco lhe importa se as turbinas movidas pelo ar saído da Fenda lhe dão a mesma potência de duzentos moinhos de vento. Ele fica uma fera porque sente cheiro de enxofre uma vez a cada quinze dias. Agon se perguntou qual deus Cenária teria ofendido para merecer um rei assim.

Deveria ter pressionado Regnus Gyre. Deveria ter lhe explicado as coisas com mais clareza. Deveria ter mentido em relação ao que iria acontecer com os filhos de Nalia com Aleine. Poderia ter servido a Regnus com orgulho. Orgulho e dignidade.

– Pode ser que você o tenha visto matar um menino – disse o rei. – Quem liga para isso?

Você deveria ligar. Regnus teria ligado.

– Com certeza deve ter sido algum menino de rua que ele arrumou só para impressioná-lo – acrescentou.

– Com todo o respeito, majestade, o senhor está enganado. Já lidei com homens formidáveis. Enfrentei Dorgan Dunwal em um duelo. Lutei com os lanceiros do Lae’knaught comandados pelo sublorde Graeblan. Eu...

– Está bem, está bem. Mil malditas batalhas do tempo do meu pai. Muito impressionante. Mas você nunca aprendeu nada sobre governar, não é?

O general Agon se retesou.

– Não como o senhor, majestade.

– Bem, *general*, se tivesse aprendido, saberia que um homem não pode prejudicar a própria reputação. – Ele disse mais vários palavrões desconexos. – Você quer que eu fuja do meu próprio castelo durante a noite!

Não havia modo de convencê-lo. O rei envergonhava Agon e deveria envergonhar a si mesmo. Mas o general havia lhe jurado fidelidade e já decidira tempos antes que um juramento media o valor do homem que o prestava. Era como seu casamento: ele não podia voltar atrás nos votos pelo simples fato de a esposa não conseguir conceber.

Mas votos se sustentavam quando seu próprio rei conspirava para matá-

lo? E não em uma batalha honrada, mas durante a noite, com a arma de um assassino?

Isso, porém, fora antes de Agon jurar fidelidade àquele homem. Agora que ele havia jurado, pouco importava. Se soubesse antes, teria escolhido morrer em vez de servir a Aleine Gunder IX.

– Majestade, o senhor pelo menos me autoriza a fazer uma simulação com meus guardas hoje à noite e incluir nela o seu mago? O capitão tem o costume de conduzir essas manobras de surpresa, para manter os homens alertas. – *Embora eu me pergunte por que estou protegendo a sua cabeça oca.*

– Ah, general, vá para o inferno! Você e sua maldita paranoia. Está bem. Faça o que quiser.

Agon se virou para sair da sala do trono. Davin, antecessor do rei, também tinha a cabeça oca. Só que sabia disso e respeitava as opiniões de seus conselheiros.

Aleine X, filho daquele rei, tinha apenas 14 anos, mas se mostrava promissor. Parecia pelo menos ter herdado um pouco da inteligência da mãe. *Se X tivesse idade suficiente para assumir o poder, talvez eu provocasse esse assassinato. Por Deus, talvez até o contratasse.* Agon balançou a cabeça. Aquilo era traição, algo inconcebível para um general.

Fergund Sa'fasti fora nomeado para servir em Cenária mais pela acuidade política do que pelo Talento. A verdade era que mal conseguia fazer jus à túnica azul que usava. Mas as suas habilidades tinham lhe sido de grande valia em Cenária. O rei era ao mesmo tempo burro e tolo, mas podia ser manipulado por quem não se importasse com petulância e enxurradas de palavras.

Naquela noite, porém, Fergund percorria o castelo como se fosse um guarda. Havia recorrido ao rei, mas Aleine IX – que eles chamavam de

“Nove” quando estavam bebendo entre amigos, versão curta de “menino de 9 anos” – o xingara e lhe mandara fazer o que o general ordenasse.

Na opinião de Fergund, Agon era uma relíquia. Uma pena não ter conseguido se adaptar a Nove. O velho tinha coisas a oferecer. Mas enfim, quanto menos conselheiros o rei tivesse, mais importante Sa’fasti se tornava.

Contrariado com aquela incumbência noturna, Fergund prosseguiu uma caminhada solitária pelo pátio do castelo. Havia cogitado pedir uma escolta, mas os magos tinham fama de serem mais mortais do que cem homens reunidos. Ainda que isso não fosse exatamente verdade no seu caso, de nada lhe adiantaria alardear esse fato.

O pátio tinha o formato de um diamante irregular, com 300 passos de largura e quase 400 de comprimento. Era margeado no noroeste e sudeste pelo rio quando o Plith – cortado por quase um quilômetro pela Ilha de Vos – tornava a se unir em uma enxurrada ao sul do castelo.

O ambiente estava animado pelo barulho de homens, cavalos e cães que se acomodavam para passar a noite. Era cedo o suficiente para os empregados ainda estarem acordados em seus alojamentos, apostando, e o som da lira e de palavrões bem-humorados se propagavam por uma curta distância na névoa densa.

Fergund fechou mais a túnica em volta dos ombros. A nesga de lua não adiantava grande coisa para iluminar a névoa fria que emanava dos rios e entrava pelos portões. O ar úmido beijou seu pescoço e ele se arrependeu do penteado novo. O rei havia zombado de seus cabelos compridos, mas a sua amante adorava.

E agora que estavam curtos, o rei zombava dele por causa disso.

A névoa se agitou de forma estranha junto ao portão de ferro e Fergund estacou. Abraçou o poder (*abraçou?* Sempre havia pensado que fosse mais uma luta corpo a corpo) e tentou ver através da névoa. Depois que conseguia dominá-lo, o poder o acalmava. Não viu nada de ameaçador, e sua audição e visão se aguçaram.

Respirando fundo, Fergund se obrigou a prosseguir até depois do portão. Não sabia se era a sua imaginação, mas tinha a sensação de que a névoa

pressionava o muro do castelo feito um exército invasor, derramando-se pela brecha do portão de ferro. O nevoeiro se acumulava quase até a altura de seus ombros e as tochas fixadas acima das cabeças dos dois guardas pouco faziam para iluminar o caminho.

Fergund meneou a cabeça para ambos e começou a andar na direção do castelo. Sentiu um peso entre as omoplatas, uma sensação de estar sendo vigiado, e reprimiu a ânsia de olhar por cima do ombro. No entanto, enquanto caminhava até a estrebaria, a impressão só aumentava.

O ar lhe parecia denso. A névoa se enroscava à sua volta, provocando-o. A lua e as estrelas desapareceram por completo. O mundo estava envolto em nuvens. Fergund tropeçou ao passar pela entrada das estrebarias. Estendeu uma das mãos para se equilibrar na madeira, mas sentiu algo ceder por um instante e logo em seguida sumir. Como se houvesse tocado um homem em pé na sua frente.

Cambaleou para trás e se esforçou para alcançar a pessoa. Não conseguia ver nada. Não havia ninguém ali. Por fim, conseguiu conjurar seu Talento. Captou um breve tremor de movimento nas estrebarias, mas talvez tivesse sido a sua imaginação.

Que cheiro era aquele? Alho? Só poderia ser coisa da sua cabeça. Mas por que inventaria uma coisa dessas? Hesitou por vários instantes. Era um mago fraco, não um homem fraco. Preparou uma bola de fogo e sacou a faca. Dobrou uma curva aberta, aguçando todos os sentidos, os mágicos e os terrenos.

Atravessou a porta com um pulo e olhou em volta. Nada. Os cavalos estavam em seus estábulos, os cheiros se misturando à névoa densa. Tudo o que conseguia escutar eram as batidas de cascos e a respiração regular dos animais adormecidos. Vasculhou a escuridão em busca de algum sinal de movimento, mas não viu nada.

Quanto mais olhava, mais bobo se sentia. Parte dele ponderava se deveria vasculhar um pouco mais as estrebarias. A outra parte queria ir embora naquele instante. Ninguém saberia. Poderia ir para o outro lado do castelo e ficar zanzando por lá. No entanto, se capturasse um intruso

sozinho, o rei sem dúvida lhe daria uma bela recompensa. Se Nove era bom em alguma coisa, era em recompensar os amigos.

Bem devagar, Fergund moldou o fogo em um formato visível. A chama tremeluziu um pouco, e então se firmou na palma da sua mão. Um cavalo no primeiro estábulo bufou e se retraiu de repente, e Fergund se moveu para silenciar o animal. No entanto, como ele tinha fogo em uma das mãos e uma faca reluzente na outra, o cavalo não se acalmou nem um pouco.

O animal relinchou bem alto e bateu com as patas no chão, acordando os vizinhos.

– Shh! – fez Fergund. – Calma, sou só eu.

Mas um homem desconhecido com um fogo de mago na mão era demais para os cavalos, que começaram a relinchar bem alto. O garanhão no segundo estábulo pôs-se a dar coices.

– Quer parar de assustá-los? – disse uma voz alta atrás.

Fergund levou um susto tão grande que largou a faca e perdeu o fogo que segurava. Girou nos calcanhares. Era só o cavaliço-chefe, um homem atarracado e barbado nativo da ilha de Planga. Dorg Gamet apareceu atrás de Fergund segurando um lampião. Lançou ao mago um olhar de puro desprezo enquanto ele recolhia a faca com cuidado de cima de uma pilha de estrume.

Dorg percorreu depressa a fileira de estábulos, e seu toque e sua voz fizeram os animais se acalmarem na hora. Constrangido, Fergund observou. Por fim, o cavaliço voltou a passar por ele.

– Eu estava só patrulh...

– Use um lampião, seu imbecil – disse Dorg. Empurrou o lampião para a mão de Fergund e então se afastou, falando sozinho: – Assustando meus malditos cavalos com esse fogo de bruxo...

– Fogo de mago. É diferente! – exclamou Fergund para as costas do cavaliço.

Dorg saiu dali furioso e Sa'fasti mal havia se virado quando ouviu um baque.

Correu até o lado de fora. Dorg estava caído no chão, desacordado.

Antes de conseguir gritar qualquer coisa, Fergund sentiu algo quente no pescoço. Levantou uma das mãos e sentiu alguém tirar o lampião delicadamente de sua outra mão. Seus músculos ficaram rígidos.

A luz se apagou.



– **Q**ue merda você fez? – perguntou Mama K, erguendo os olhos para Durzo quando ele irrompeu porta adentro.

– Um bom trabalho. E ainda tenho tempo para sair hoje à noite.

Ele deu um sorriso mole. Recendia a bebida e alho.

– Não estou nem aí para as suas compulsões. O que você fez com Azoth?

– perguntou ela, apontando para a forma imóvel deitada na cama do quarto de hóspedes de sua casa.

– Nada – respondeu Durzo com um sorriso bobo. – Pode olhar. Não tem nada de errado com ele.

– Como assim? Ele está inconsciente! Cheguei e encontrei os criados todos aflitos porque você tinha aparecido com... um cadáver, segundo eles. Subi e encontrei Azoth. Não consigo acordá-lo. É como se estivesse morto.

Por algum motivo, Durzo achou graça. Começou a rir. Mama K lhe deu um tapa bem forte.

– O que você fez? Envenenou o menino?

A pergunta trouxe Durzo de volta. Ele fez que não com a cabeça, tentando clarear os pensamentos.

– Ele está morto. Tem que estar morto.

– Que história é essa, como assim?

– Gwinvere, minha linda, eu não posso responder. Alguém me ameaçou. Alguém capaz de fazer o que prometeu. Essa pessoa disse que primeiro iria atrás de Azo, depois de você... e sabia sobre Vonda!

Mama K deu um passo para trás. Quem tinha poder para ameaçar Durzo? Quem seria capaz de assustá-lo?

Ele afundou em uma cadeira e enterrou o rosto nas mãos.

– Eles precisam achar que ele morreu. Principalmente depois de hoje à noite.

– Você fingiu que matou Azoth?

Durzo aquiesceu.

– Para mostrar que não me importava. Que não podiam me pressionar.

Mas você se importa, pensou Mama K. E eles podem. Sabia que Durzo estava pensando a mesma coisa. O derramador nunca fora tão invencível quanto parecia. E quando seu controle rachava, o rombo era grande. O melhor que Mama K podia fazer era garantir que Durzo fosse a um de seus bordéis e mandar alguém ficar de olho nele. O amigo era capaz de passar dois ou três dias sem sair de lá, mas assim ela podia assegurar que ele estaria seguro. Relativamente.

– Vou cuidar do menino – Mama K se pegou dizendo. – Tem alguma ideia do que fazer quando ele acordar?

– Ele vai ficar na casa dos Drake como estávamos planejando. Para este mundo, ele morreu.

– O que você usou?

Durzo olhou para ela, sem entender.

– Que veneno... Não importa, só me diga: quanto tempo ele vai passar desacordado?

– Não sei.

Mama K estreitou os olhos. Teve vontade de dar outro tapa nele. Aquele sujeito era louco. Mesmo para um derramador talentoso como Durzo, era muito fácil errar na dose com uma criança, que não se tratava apenas de um adulto em escala reduzida. Durzo podia ter matado Azoth. O menino talvez nunca mais se recuperasse. Ou acordaria com um retardo ou sem conseguir usar as pernas e os braços.

– Você sabia que ele corria risco de morrer – falou.

– Às vezes é preciso arriscar.

Durzo apalpou os bolsos à procura do alho.

– Você está começando a amar esse menino e isso o deixa apavorado. Parte de você quer que ele morra, não é, Durzo?

– Se tenho que escutar esse seu blá-blá-blá, pode me arrumar uma bebida?

– Responda.

– A vida é vazia. O amor é um fracasso. É melhor ele morrer agora do que fazer nós dois sermos mortos depois.

Blint pareceu murchar. Mama K soube que ele não diria mais nada.

– Quanto tempo você vai passar com as putas? – indagou ela.

– Não sei – respondeu Blint, quase sem se mexer.

– Vá se foder! Mais ou menos do que de costume?

– Mais – falou Durzo um minuto depois. – Com certeza mais.

A gritaria e os improperios precederam em uns bons dez segundos a entrada do rei na sala do trono. O general Agon ouviu criados se afastarem do caminho, viu os guardas na entrada do aposento mudarem de posição, nervosos, e reparou que todos os funcionários que não precisavam impreterivelmente estar presentes estavam fugindo.

O rei Aleine IX entrou feito um furacão.

– Brant! Seu monte de... – O general apagou mentalmente a longa lista de coisas repulsivas com as quais foi comparado e tornou a concentrar a atenção quando Nove abordou o assunto que interessava. – O que aconteceu ontem à noite?

– Não sabemos, majestade.

Nova sequência de palavrões, alguns mais criativos do que de costume, mas Nove não era um homem particularmente criativo e ninguém se atrevia a xingar na sua frente, de modo que o seu arsenal se limitava a variações da palavra *merda*.

– Alguém invadiu o castelo. Imagino que possamos supor que seja o homem sobre quem conversamos – disse Brant Agon.

Não havia motivo para os espões de plantão ficarem sabendo de tudo.

– Durzo Blint – falou o rei, aquiescendo.

O general suspirou.

– Sim, majestade. Parece que ele desacordou um guarda dentro do próprio castelo, além de Fergund Sa’fasti e do seu cavaliço-chefe nas estrebarias.

Novos impropérios.

– Como assim, “desacordou”?

O rei começou a andar de um lado para outro.

– Eles não apresentavam marca nenhuma nem se lembravam de nada, embora o guarda tivesse um pequeno furo no pescoço, como o de uma agulha.

O rei praguejou mais, em seguida xingou o mago envergonhado. Como sempre, Agon se pegou mais entediado do que ofendido. Os xingamentos do rei não significavam nada a não ser: “Olhem para mim. Eu sou um menino mimado.” Nove finalmente tropeçou em outro ponto importante:

– Não havia mais nada?

– Não encontramos nada ainda, alteza. Nenhum dos guardas em frente aos seus aposentos, aos de sua esposa, de suas filhas ou do seu filho relatou ter visto nada fora do normal.

– Isso não é justo – disse o rei, andando até o trono com passos firmes. – O que fiz para merecer isso?

Ele se jogou no trono e soltou um suspiro. Segundos depois, praticamente saltou e se agarrou ao general Agon.

– Pelos deuses! Malditos sejam vocês todos! Estou morrendo! Guardas! Socorro! Guardas!

A voz do rei foi ficando cada vez mais aguda e ele começou a chorar enquanto os guardas tocavam apitos e sinetas e a sala do trono ganhava vida com um rugido.

Agon soltou as mãos do rei e depositou o homem trôpego nos braços de

Fergund Sa'fasti, que não teve a presença de espírito de segurá-lo firme. O rei desabou no chão e lá ficou, chorando feito uma criança. O general o ignorou e andou até o trono.

Em poucos instantes, encontrou o que estava procurando: uma agulha grossa e comprida a despontar de uma almofada gasta sobre o trono. Tentou puxá-la, mas estava presa, para não se dobrar caso o rei se sentasse de mau jeito.

Agon sacou a faca e rasgou a almofada. Puxou a agulha, ignorando as sinetas e os guardas que enchiam a sala, cercavam o rei e guiavam todos os outros até um cômodo lateral onde poderiam ser confinados e interrogados.

O general Agon retirou a agulha. Um bilhete preso a esta dizia: “Eu poderia estar envenenada.”

– Afastem-se! – bradava um homenzinho nos fundos da sala enquanto abria caminho entre os guardas. Era o médico do rei.

– Deixem-no passar – ordenou o general.

Os soldados se afastaram do rei, que choramingava deitado no chão.

Brant fez um gesto para o médico, mostrou-lhe o bilhete e sussurrou:

– O rei vai precisar de um pouco de vinho de papoula, talvez bastante. Mas não foi envenenado.

– Obrigado – disse o homem. Atrás dele, o rei havia baixado as calças e esticava o pescoço para tentar ver o ferimento nas nádegas. – Eu sei lidar com ele, acredite.

O general reprimiu um sorriso.

– Acompanhem o rei até seus aposentos – ordenou aos guardas. – Deixem uma sentinela na porta e dois capitães dentro do quarto. Os outros podem voltar para seus postos.

– Brant! – berrou o rei quando os guardas o levantaram. – Brant! Eu quero esse homem morto! Maldito seja, quero esse homem morto!

O general só se mexeu quando a sala do trono tornou a se esvaziar. O rei queria travar uma guerra contra uma sombra. Uma sombra composta apenas pelo aço de suas armas. Esse era o destino traçado ao tentar assassinar um derramador. Isso, ou coisa pior. Quantos homens teriam que

morrer para salvar o orgulho do rei?

– Milorde? – indagou uma mulher com a voz hesitante. Era uma das arrumadeiras do palácio. Trazia nas mãos uma trouxa embrulhada. – Eu fui... escolhida para vir representar as arrumadeiras, senhor. Mas agora que o rei saiu... Será que eu poderia...?

O general a examinou com atenção. Era uma mulher de idade e obviamente temia pela própria vida. Apostava que fora “escolhida” por ter tirado o palitinho mais curto.

– O que foi?

– Nós encontramos isto aqui. Alguém deixou em cada um dos quartos de dormir da família real, senhor.

A arrumadeira entregou-lhe a trouxa. Dentro dela havia seis adagas negras.

– Onde? – indagou Brant, com a voz engasgada.

– Debaixo... debaixo dos travesseiros, senhor.



Um barulho de pés batendo no chão penetrou a consciência de Azoth. Um ruído estranho de se ouvir quando se estava morto, mas ele não soube interpretá-lo de nenhuma outra forma.

Pés descalços pisando em pedra. Ele devia estar do lado de fora, porque o som não reverberava em parede nenhuma. Tentou abrir os olhos, mas não conseguiu. Será que estar morto era assim? Nunca sair do corpo? Ficar dentro do próprio cadáver, *sentindo*, enquanto se decompunha aos poucos? Torceu para os cães não o encontrarem. Nem os lobos. Tivera sonhos aterrorizantes nos quais um lobo arreganhava os dentes para ele, com os olhos amarelos em chamas. Se estivesse preso dentro do próprio corpo morto, o que aconteceria quando os lobos comessem a arrancar seus pedaços? Será que mergulharia no esquecimento, como se enfim houvesse dormido, ou simplesmente se dividiria em vários nacos de consciência e se dissiparia aos poucos no solo após ter atravessado as entranhas de uma dezena de animais?

Algo tocou seu rosto e seus olhos se abriram de uma vez. Ele ouviu o arquejo de susto antes de conseguir focar quem o havia produzido. Era uma menina pequena, de uns 5 anos, talvez, e olhos tão grandes que ocupavam metade do rosto.

– Nunca viu um cadáver? – perguntou Azoth.

– Pai! Pai! – guinchou a menina com todo o espantoso volume de que as crianças pequenas são capazes.

Ele grunhiu quando o barulho cravou facas na sua cabeça. Tornou a desabar sobre os travesseiros. *Travesseiros?* Então não estava morto. Boa notícia.

Quando voltou a acordar, o tempo devia ter passado, pois o cômodo estava claro e arejado. Amplas janelas tinham sido abertas. Móveis de cerejeira e um piso de mármore reluziam ao sol. Azoth reconheceu as sancas do teto: não era a primeira vez que as via. Estava no quarto de hóspedes do conde Drake.

– Voltou dos mortos, foi? – perguntou o conde. Estava sorrindo. Ao ver a expressão de Azoth, emendou. – Tome aqui, desculpe. Não pense nisso. Não pense em nada. Coma.

Ele pôs um prato fumegante de ovos com presunto na frente de Azoth, acompanhado por um copo de vinho diluído em bastante água. A comida estabeleceu uma comunicação direta com a barriga de Azoth, passando completamente por cima de funções cognitivas mais nobres. Vários minutos se passaram antes de ele perceber que tanto o prato quanto o copo estavam vazios.

– Melhor – disse o conde. Sentou-se na beirada da cama e começou a limpar o pincenê, distraído. – Você sabe quem eu sou e onde está? Ótimo. Lembra-se de quem você é?

Azoth aquiesceu devagar. *Kylar.*

– Recebi uns recados para você, mas se não estiver se sentindo bem o suficiente...

– Não, por favor. Pode falar.

– O mestre *Tulii* disse que seu trabalho agora é se preparar para sua nova vida e ficar bom. Ou seja: “Não levante a bunda desta cama. Espero que esteja pronto quando eu for buscá-lo.”

Kylar riu. Eram frases típicas de mestre Blint.

– Quando ele virá?

Uma expressão preocupada atravessou o semblante do conde.

– Vai demorar um pouco, mas não se preocupe. Você vai morar aqui agora. Continuará as aulas com seu mestre, claro, mas vamos fazer todo o

possível para livrá-lo desse visual da rua. Seu mestre me pediu para dizer que não vai ficar bom em tão pouco tempo quanto espera. Ah, sim, tenho uma notícia para você. É sobre a sua pequena amiga.

– Está falando de...?

– Ela está bem, Kylar.

– Está mesmo?

– A nova família dela a batizou de Elene. Ela tem boas roupas, faz três refeições por dia. É uma boa família. Eles vão amá-la. Ela agora vai ter uma vida de verdade. Mas, se você quiser ajudá-la, seja como for, precisa ficar bom.

Kylar teve a sensação de estar flutuando. A luz do sol que entrava pelas janelas parecia mais clara e nítida. Um arranjo de lavanda e rosas cor de laranja reluzia no peitoril. Sentiu-se bem de um jeito que não se sentia desde antes de Rato virar o Punho da Dragão Negro.

– Eles chegaram a levá-la para consultar uma maga, que disse que ela vai ficar bem, mas que não podia fazer nada em relação às cicatrizes.

Alguém acabara de sujar de piche toda a sua felicidade.

– Sinto muito, filho – lamentou-se Drake. – Mas você fez o melhor que podia e prometo que ela vai ter uma vida melhor do que jamais poderia ter tido na rua.

Kylar mal o escutou. Olhou pela janela, para longe do conde.

– Ainda não posso pagá-lo. Só quando começar a receber meu salário.

– Não há pressa. Pague-me quando puder. Ah, há mais uma coisa que seu mestre disse. “Aprenda com essas pessoas as coisas que o tornarão mais forte, esqueça o resto. Ouça muito, fale pouco, fique bom e aproveite. Talvez seja a única fase feliz da sua vida.”

Kylar passou semanas de cama. Tentou dormir tanto quanto os Drake lhe mandavam, mas tinha tempo demais à disposição. Isso não lhe agradou.

Quando vivia nas ruas, passava cada segundo pensando na refeição seguinte, preocupado com Rato ou com os meninos e meninas mais velhos que o aterrorizavam. Com mestre Blint, ficava tão ocupado treinando que não tinha tempo para pensar.

Sentado na cama durante o dia inteiro, tudo o que tinha era tempo. Treinar era impossível. Ler era possível, mas ainda um suplício. Azoth passou algum tempo se transformando em Kylar. Com as diretrizes dadas por mestre Blint e os fatos que qualquer um poderia descobrir, ele havia criado mais histórias sobre a sua família, a região da qual provinha e as aventuras que tivera, mantendo tudo inócuo da forma que as pessoas gostavam de pensar que era a vida dos meninos de 11 anos.

Logo dominou essa parte. Agora pensava em si mesmo como Kylar quase o tempo todo. Estava começando também a conhecer as filhas do conde Drake. Ilena era a bonita menininha de 5 anos que ele quase havia matado de susto ao acordar; a comprida Mags tinha 8 anos; Serah, ora tímida, ora distante, 12. As três proporcionavam alguma diversão, mas a condessa as impedia de “incomodar” Kylar para ele poder “descansar”.

O conde e a condessa eram fascinantes, mas Drake passava a maior parte do tempo trabalhando e a esposa tinha ideias bem definidas sobre meninos de 11 anos que não coincidiam nem um pouco com as de Kylar. Nunca conseguiu concluir se ela sabia quem ele era e fingia ou se o marido a mantivera na ignorância.

Era uma mulher delicada, de pele clara e olhos azuis, uma visão terrena dos seres celestiais nos quais os Drake acreditavam. Assim como o conde, fazia questão de atender Kylar pessoalmente, como se desejasse provar que não considerava esse trabalho degradante. Mas não era uma humildade fingida: quando o menino havia passado muito mal na primeira semana e vomitado o chão inteiro, ela aparecera e o abraçara até ele parar de tremer, depois arregaçara as mangas e limpou o vômito. Ele estava tão doente que só tinha se sentido adequadamente horrorizado depois.

Era incapaz de contar as vezes em que a condessa aparecia para entupi-lo de comida, ver como estava se sentindo ou ler livros infantis bobos povoados

por heróis valentes que matavam bruxas más. Crianças nunca tinham que revirar pilhas de lixo e vomitar na frente de uma estalagem à procura de sobras aproveitáveis de comida. Meninos mais velhos nunca tentavam enrabá-las. Elas nunca abandonavam os amigos. As princesas que salvavam nunca tinham o rosto espancado até ficarem irreconhecíveis. Ninguém nunca ficava com uma cicatriz tão feia que nem uma maga era capaz de consertar.

Kylar detestava essas histórias, mas sabia que a condessa só queria o seu bem, de modo que meneava a cabeça, sorria e comemorava quando os heróis venciam, o que sempre acontecia.

Não é de espantar que todos os pequenos nobres queiram comandar exércitos. Se fosse como nos livros que suas mães leem, seria uma diversão. Seria ótimo sentir satisfação quando o malvado morresse em vez de ânsia de vômito por ter visto cartilagem exposta e sangue jorrando ao decepar uma orelha, misturando-se à água em um milhão de lindos arabescos enquanto o vilão morria de tanto sangrar, mantido debaixo d'água pela corda que você tinha amarrado no seu tornozelo.

A condessa sempre interpretava seus tremores e enjoos quando terminava de ler as histórias como uma necessidade de mais descanso. Assim, após despertar lembranças para assombrar o quarto de Kylar, ela o deixava sozinho com seus fantasmas.

Todas as noites, ele virava Azoth. Todas as noites, Rato andava em sua direção, nu, peludo, imenso, com os olhos acesos de desejo. Todas as noites, chapinhava dentro d'água, tentando se livrar do peso amarrado a seu tornozelo. Todas as noites, dilacerava o rosto da Menina-Boneca.

Os pesadelos o faziam acordar e ele ficava deitado na cama, lutando contra as lembranças. Azoth fora fraco, porém não existia mais. Kylar era forte e tinha agido. Seria igual a mestre Blint. Jamais sentiria medo. Estava tudo melhor agora. Era melhor ter pesadelos deitado em uma cama do que ouvir Jarl ser estuprado, aos prantos.

Voltar a dormir só o fazia passar de um pesadelo a outro. O dia trazia pouco alívio. As lembranças se dissipavam aos poucos. Todas as manhãs,

precisava se convencer de que tinha feito o certo: matar Rato, abandonar a Menina-Boneca, deixar Jarl para trás. Tentava aceitar que era melhor nunca mais tornar a vê-los, que não poderia adivinhar o que acontecera com a Menina-Boneca. Dizia a si mesmo que a vida era vazia, que não tiraria nada de valor quando fosse matar.

Não teria aguentado sem as visitas de Logan Gyre. Dia sim, dia não, ele aparecia, inevitavelmente acompanhado por Serah Drake. No início, Kylar pensava que ele o visitava por culpa, mas isso logo passou. Eles gostavam da companhia um do outro e se tornaram amigos próximos. Logan era estranho: tão inteligente quanto Jarl e tinha lido centenas de livros. Kylar não achava que ele sobreviveria uma semana nas Tocas, mas falava sobre política da corte como se tudo fosse muito fácil. Conhecia os nomes, as histórias, os amigos e inimigos de dezenas de cortesãos, bem como os principais acontecimentos da vida e as motivações importantes de todos os nobres mais graduados do reino.

Na metade do tempo, Kylar não sabia o que Logan dizia. Primeiro, porque aquilo não fazia parte de sua vida anterior. Segundo, porque o jovem lorde gostava de usar palavras grandiosas. *Sesquipedal*, era como ele se referia a si mesmo.

Mesmo assim, a amizade deu certo e Serah Drake foi a grande responsável por isso, aparecendo com frequência para aproveitar a companhia de Logan. Ela preenchia as lacunas. Kylar nem saberia dizer quantas vezes ficou quieto por não ter entendido alguma referência feita pelo amigo. O silêncio começava a se alongar, mas antes de Logan conseguir lhe perguntar o que não tinha entendido, Serah ficava aflita e começava outro assunto inteiramente diferente. Aquela tagarelice poderia ter deixado Kylar maluco se não estivesse tão agradecido. Mas, enfim, talvez as nobres fossem assim.

Certa manhã, ele estava sentado na cama após mais uma noite encolhido sob as cobertas. Sonhara que fora ele quem havia espancado a Menina-Boneca, que os *seus* pés a haviam chutado e os *seus* olhos haviam exultado ao ver a beleza dela derreter sob o calor de sua fúria.

O conde Drake entrou. Tinha os dedos sujos de tinta e um ar cansado. Puxou uma cadeira até perto da cama.

– Acho que o perigo passou – disse ele.

– Como é que é?

– Sinto muito não termos contado, Kylar, mas precisávamos ter certeza de que você não faria nada precipitado. Nas últimas semanas, houve diversas tentativas de assassinar o seu mestre. Conseqüentemente, a cidade hoje tem quatro derramadores a menos. Depois da terceira tentativa, seu mestre avisou ao rei que, se houvesse outra, o rei seria o próximo a morrer.

– Mestre Blint matou o rei? – perguntou Kylar.

– Shh! Não diga esse nome. Nem mesmo aqui. Um dos Nove, Dabin Vosha, o encarregado dos contrabandos do Sa'kagé, ouviu falar na ameaça do seu mestre ao rei. Decidiu que seria uma boa hora de fazer sua tentativa de tomar o poder e mandou um derramador atrás de Durzo, pensando que ou ele morreria, ou mataria o rei em retaliação. Durzo descobriu e matou os dois, o derramador e Vosha.

– Quer dizer que tudo isso vem acontecendo enquanto eu estava deitado na cama.

– Você não tinha como ajudar.

– Mas o que Dabin Vosha tinha contra o meu mestre? – Era a primeira vez que Kylar escutava esse nome.

– Não sei. Nada, talvez. É assim que o Sa'kagé funciona, Kylar. São complôs dentro de complôs, e a maioria não dá em nada. Se ficar preocupado com tudo, se tornará espectador em vez de participante. Seja como for, o rei ficou sabendo sobre a última tentativa de matar *Tulii* e ficou muito assustado. Em geral, isso seria uma boa notícia, mas ele está consolidando seu poder de modo um tanto desajeitado. Logan vai ter que passar um tempo fora da cidade.

– Ele estava apenas começando a ficar meu amigo – disse Kylar.

– Acredite em mim, filho: um homem como Logan Gyre vai ser seu amigo para a vida inteira.



Sem qualquer delicadeza, alguém deu um tapa em Kylar.

– Acorde, garoto.

Ele despertou de mais um pesadelo e viu o rosto de mestre Blint a menos de meio metro de distância, prestes a lhe estapear de novo.

– Mestre... Mestre Tulii?

– Que bom ver que você se lembra de mim, Kylar.

Ele se levantou e fechou a porta.

– Não tenho muito tempo. Já ficou bom? Não minta para me agradar.

– Ainda estou um pouco fraco, mestre, mas melhorando.

O coração de Kylar batia forte. Passara semanas desesperado para ver mestre Blint, mas, agora que ele estava ali, sentia uma raiva inexplicável.

– É provável que fique muito mal por mais algumas semanas. Ou a pasta de kinderperil e a avorida interagiram de um jeito que eu não esperava, ou então teve algo a ver com o seu Talento.

– Como assim? O que é Talento?

Suas palavras soaram mais incisivas do que ele pretendia, mas Durzo pareceu não notar.

– Bom, se é que foi isso. – Mestre Blint deu de ombros. – Às vezes um corpo não reage bem à magia da primeira vez.

– Mas o que isso significa? Eu vou poder...

– Voar? Ficar invisível? Escalar muros? Lançar fogo? Caminhar como um deus entre os mortais? – Blint sorriu com desdém. – Duvido.

– Eu ia perguntar se conseguiria me mover tão depressa quanto você. – Mais uma vez, sua voz apresentou um viés de rispidez.

– Ainda não sei, Kylar. Vai conseguir se mover mais depressa do que a maioria dos homens sem Talento, mas não existem muitos tão talentosos quanto eu.

– Mas então o que vou conseguir fazer? O que isso significa?

– Você está fraco, Kylar. Conversaremos sobre isso depois.

– Não tenho nada para fazer! Não posso nem sair da cama. Ninguém me conta nada.

– Está bem. Quer mesmo saber? Significa tudo e nada – respondeu mestre Blint. – Em Waeddryn ou Alitaera, chamariam você de mago. Seis escolas diferentes discordariam sobre onde e o que deveria estudar e a cor da sua túnica. Em Lodricar ou Khalidor, chamariam você de meister e você deixaria o vir crescer em seus braços feito uma tatuagem e veneraria seu rei como um deus ao mesmo tempo que planejaría a melhor maneira de apunhalar suas régias costas. Em Ymmur, você seria um rastreador, um honrado e respeitável caçador de animais, e às vezes de homens. Em Friaku, seria um gorathi, um guerreiro enfurecido, invencível no seu clã, e um dia um rei versado nas artes da subjugação e da escravidão. No oeste, bem, estaria no oceano.

Blint sorriu. Kylar, não.

– Os magos supõem... eles diriam *partem da hipótese...* que países diferentes produzem Talentos diferentes, e que é por isso que homens de pele clara e olhos azuis se tornam bruxos enquanto os de pele morena viram guerreiros gorathi. Dizem que é o motivo pelo qual os únicos magos que vêm de Gandu são Curandeiros. Eles veem homens de pele amarela capazes de curar e declaram que pele amarela significa cura. Só que estão errados. O nosso mundo é dividido, mas o Talento é um só. Todo povo reconhece alguma forma de magia, exceto o Lae'knaught, que não só detesta como não acredita em magia, mas isso é outro assunto; todo povo tem suas próprias expectativas em relação à magia. Gandu certa vez produziu alguns dos arquimagos mais destrutivos que o mundo jamais conheceu. Eles viram

horrores que você não pode nem imaginar, por isso viraram as costas para a magia como armamento. A única magia que valorizam é a da cura. Assim, com o passar dos séculos, aumentaram muito seu conhecimento das magias curativas e perderam a maior parte dos outros. Um nativo de Gandu com grande Talento para o fogo é uma vergonha para si e para sua família.

– Então nós nunca ouviríamos falar nele – disse Kylar.

– Exato. Existe uma interseção entre o que as pessoas à sua volta conhecem bem o bastante para ensinar, aquilo para o que você tem um talento natural e o que lhe é possível aprender. Portanto, o Talento é o que é, e é o que precisa ser. Como a sua mente.

Kylar apenas o encarou.

– Pense da seguinte forma: algumas pessoas conseguem fazer longas somas de cabeça, não é? E outras, falar dezenas de idiomas. Para isso precisam ser inteligentes, certo?

– Certo.

– Mas só porque você *consegue* aprender a somar uma lista de números não significa que *vai* aprender. Uma mulher que cuida de livros de contabilidade e tem talento para números pode aprender. Por outro lado, um diplomata pode ter um dom para línguas, mas vai continuar sabendo só um idioma se nunca aprender outro.

Kylar aquiesceu.

– A mulher com talento para números provavelmente conseguiria aprender outra língua caso se esforçasse o suficiente, mas nunca será fluente em uma dúzia. O homem habilidoso em línguas nunca vai conseguir somar de cabeça colunas de números. Entende aonde estou querendo chegar?

Kylar pensou e mestre Blint esperou.

– Nós sabemos que eu sou Talentoso, mas não quanto, então você não pode afirmar o que vou conseguir fazer.

– Exato. Você com certeza vai aprender algumas das coisas que vou ensinar. Precisa se esconder? Seu Talento vai desviar um pouco da luz. Precisa caminhar sem fazer barulho? Ele abafará seus passos. Como qualquer talento, porém, ele tem limites. Se você caminhar sob o sol do

meio-dia, será visto. Se pisar em folhas secas, será ouvido. Você é Talentoso; não é um deus. Pode ter a conversa mais mansa do mundo, mas se disser um palavrão na frente do rei vai ter a cabeça cortada.

– Se eu souber doze línguas e o senhor falar comigo em uma décima terceira, não vou entender o que está dizendo.

– Às vezes você até que escuta – falou mestre Blint. – Agora preciso ir. O conde Drake vai tomar conta de você. Ele é um homem bom, Kylar. Bom em excesso. Pode entregar sua própria vida nas mãos dele; só não deixe ele começar a falar da sua alma. E pense em si mesmo como Kylar, sempre. Azoth está morto.

– Morto?

Isso despertou todas as lembranças de medo e raiva que vinham se acumulando dentro de Kylar, como se alguém houvesse pressionado o gatilho de uma balestra. Na mesma hora, sua máscara caiu e ele voltou a ser Azoth.

Agarrou o braço de mestre Blint.

– Eu... É verdade que eu morr...

– Não! Não morreu. Isto aqui por acaso tem cara de inferno? – Durzo indicou o ambiente em volta com um gesto. – Pff. E ninguém me deixaria visitar o paraíso.

Mas Azoth se lembrava de ter visto a ponta de uma faca despontar do próprio peito... Aquilo lhe parecera tão real. *Como era possível uma coisa dessas?*

– Eu não podia trabalhar para eles – falou mestre Blint. – Eu seria uma espada suja de sangue. Eles não conseguiriam me limpar nem conseguiriam me embainhar. Depois de algum tempo, teriam que me matar. É mais fácil ficar de olho nos inimigos do que nos amigos.

– O senhor andou matando derramadores? – perguntou Azoth, tentando se controlar.

Havia passado semanas se forçando a não pensar naquela tarde, mas não conseguiu mais se conter. Lembrou-se da expressão do general, do choque absoluto. Lembrou-se de seguir aquele olhar até o próprio peito...

– Ninguém bom quis aceitar o contrato para me matar. Homens como Wrable, Gibbet e Severing ganham bem demais para arriscar a vida tentando eliminar um derramador de verdade. Agora lembre-se: você é um Stern. Mesmo sendo pobre, tem orgulho disso. Como são barões, os Stern pertencem à nobreza superior, só que do nível mais baixo...

– Eu sei – interrompeu Azoth. – Eu sei.

Seria apenas sua imaginação ou mestre Blint tinha feito cara de culpado? O derramador levou a mão a um dos bolsos e jogou na boca um dente de alho. Se fosse qualquer outra pessoa, Azoth teria jurado que ele estava tentando distraí-lo, apressando-se para sair do quarto antes do aprendiz conseguir contê-lo. *Por que eu estava tão ansioso para agradar a um homem que estava tentando me matar?*

Pensei que ele se importasse. Nas semanas passadas ali, de cama, Kylar ficara sozinho. Tinha abandonado tudo relacionado à sua antiga vida. Jarl e a Menina-Boneca eram seus amigos de verdade. Importavam-se com ele. Agora estava fingindo ser amigo de Logan Gyre... e até mesmo o rapaz fora embora. Nem mesmo Mama K vinha visitá-lo.

Quando o conde e a condessa apareciam ao mesmo tempo, isso lhe causava uma dor quase física. Era óbvio que o casal se amava. Eram seguros, felizes, reais. Até Logan e Serah às vezes trocavam olhares que deixavam claro quanto se gostavam. Esses olhares, esse amor, enchiam Kylar com uma ânsia tão profunda que ele achava que o seu peito fosse explodir. Não era só fome; uma criança de guilda a conhecia do mesmo jeito que conhecia os esgotos onde se encolhia no inverno para se aquecer. Não era uma sensação confortável, mas pelo menos conhecida, nada a se temer. Já aquilo era uma sede, como se o seu corpo inteiro estivesse ressecado, desidratado, prestes a se desfazer. Ele estava morrendo de sede às margens do maior lago do mundo.

Nada daquilo era para Kylar. Para ele, aquele lago era um oceano, cuja água o deixaria cada vez com mais sede, até o garoto ficar louco e morrer. Para um derramador, o amor era a morte. Loucura, fraqueza, vulnerabilidade e morte, não só para o derramador em si, mas para qualquer um que ele amasse. Tudo relacionado à vida de Azoth estava morto. Ele

havia jurado que jamais amaria, mas ao prometer isso nunca tinha visto nada como aquilo que unia o conde e a condessa. Seria tolerável se alguém se importasse com ele, nem que fosse só um pouquinho.

Começara a pensar que mestre Blint gostava dele, que se importava. Acreditava que às vezes chegava até a se orgulhar dele. Muito embora tudo no general grisalho fosse desconhecido para Azoth, houvera algo de correto na indignação e na descrença em seu olhar quando Durzo o esfaqueara. Ele não deveria ter feito isso.

Azoth desatou a chorar.

– Como pôde fazer aquilo? Qual é o seu problema?

Blint foi pego desprevenido por um instante, mas, de repente, ficou uma fera. Agarrou a túnica de Azoth e o sacudiu.

– Use a cabeça! Se não for mais inteligente, eu terei que matá-lo *de verdade*. Acha mesmo que Agon acreditou em mim quando eu disse que não ligava se eles o matassem?

Azoth desviou o olhar.

– Você planejou tudo desde o início.

– É claro que planejei! Por que acha que descolori o seu cabelo? Era o único jeito de salvar você. Azoth precisava morrer para Kylar poder viver. Do contrário, estaríamos dando a eles uma forma de me atingir. Qualquer vínculo que forme nesta vida será usado contra você. É por isso que nós somos fortes. É por isso que quatro derramadores não conseguiram dar cabo de mim. Porque não tenho vínculos. É por isso que você não pode se apaixonar. Isso o enfraquece. Assim que encontrar algo de que não consegue se afastar, estará encurralado, condenado. Se alguém achar que eu ligarei a mínima para o que lhe acontecer, você vai virar um alvo. Para todo mundo.

Como ele faz isso? Como consegue ser tão forte?

– Agora olhe para as minhas malditas mãos!

Blint ergueu-as. Estavam vazias. Cerrou um dos punhos e socou o próprio braço. Uma adaga ensanguentada brotou do lado oposto. Ele retirou a mão e a arma se desfez como fumaça.

– Eu tenho um pequeno Talento para ilusões, Kylar. Caprichei mais na

sua porque tinha que convencer o general. Mas tudo que fiz foi acertar você nas costas com uma agulha para que perdesse os sentidos, depois sustentar a ilusão até a substância surtir efeito.

– Mas eu senti.

O garoto estava recuperando o equilíbrio. As lágrimas haviam sumido. Ele voltara a pensar em si mesmo como Kylar.

– É claro que sentiu. Você me sentiu acertá-lo e viu uma adaga brotar do próprio peito. Ao mesmo tempo, seu corpo tentava combater uma dúzia de venenos de potência menor. Você entendeu aquilo da forma como consegui. Foi um risco. Aquela ilusão gastou quase todo o poder que posso usar em um dia. Se os homens de Agon tivessem invadido a estalagem, teria sido o nosso fim. Os venenos criaram um caos no seu organismo. Poderiam ter matado você. Foi mais um risco que precisei correr.

Mestre Blint se importa comigo. O pensamento o atingiu feito um raio. Blint se arriscara a esgotar o próprio poder para salvar Azoth. Mesmo que fosse só o afeto de um mestre por um aprendiz talentoso, essa aprovação submergiu Azoth – *Kylar!* – como se o derramador tivesse lhe dado um abraço.

Nenhum adulto jamais havia ligado para o que acontecesse com ele. A única outra pessoa a ter arriscado alguma coisa por sua causa era Jarl, que fazia parte de outra vida agora.

A verdade era que Azoth odiava Azoth. Azoth era um covarde, passivo, fraco, medroso, desleal, que tinha hesitado. Mestre Blint não sabia, mas os venenos da agulha o tinham matado *mesmo*. Ele agora era Kylar, alguém que Azoth não se atrevera a ser. E Kylar pertencia a Blint.

Nunca mais obedeceria a seu mestre a contragosto, ou por medo, nem sonharia em um dia voltar e matá-lo por causa da dificuldade do treinamento. Mestre Blint estava sendo duro com Kylar porque a vida era assim. A vida era dura, mas Durzo era mais duro ainda, mais forte, mais resistente do que qualquer coisa que as Tocas pudessem lançar contra ele. Proibia o amor porque isso destruiria Kylar. Mestre Blint era mais experiente do que ele. Era forte e o deixaria forte também. Era destemido e era isso que

se tornaria. Era tudo por Kylar. Era tudo para protegê-lo, para torná-lo o melhor derramador que ele pudesse ser.

Então não saberia o que é o amor. E daí? Talvez os nobres pudessem viver às margens desse lago e se fartar de beber, mas uma criança de guilda não tinha esse direito. A vida de Kylar seria uma vida no deserto, mas era uma vida. Havia um pequeno oásis marcado com seu nome. Não havia espaço para Azoth. O oásis era demasiado pequeno e a sede de Azoth desmedida. Mas Kylar talvez conseguisse. Kylar conseguiria. Deixaria mestre Blint orgulhoso.

– Ótimo – falou Blint. É claro que não podia saber o que Kylar estava pensando, mas o aprendiz sabia que a animação em seus olhos era inconfundível. – Agora, garoto, está pronto para se tornar uma espada nas sombras?



— Levante-se, garoto. Hora de matar.

Kylar acordou no mesmo instante. Tinha 14 anos agora e o treinamento havia sido suficientemente assimilado para ele saber o que fazer na hora de sua checagem de sobrevivência. Para cada pergunta, apenas uma resposta concisa. Cada sensação requeria apenas um breve instante da sua atenção. *O que o fez acordar?* Uma voz. *O que você está vendo?* Escuridão, poeira, luz da tarde, casebre. *Que cheiro está sentindo?* Blint, serragem, o rio Plith. *O que está sentindo?* Um cobertor quentinho, palha fresca, minha cama, nenhum arrepio de alerta. *Consegue se mexer?* Sim. *Onde está?* No esconderijo. *Algum perigo por perto?* Essa última pergunta, é claro, era a mais importante. Ele conseguia se mover, suas armas estavam todas embainhadas, estava tudo bem.

Isso não estava garantido, nem mesmo ali, naquele esconderijo mambembe situado à sombra de um dos poucos trechos ainda em pé do antigo aqueduto. Mais de uma vez, Durzo havia amarrado uma espada no teto acima da cabeça de Kylar. Ela ficava quase invisível quando vista de baixo, pela ponta. Havia acordado o aprendiz e, quando ele não identificara o perigo em três segundos, cortara a corda. Por sorte, da primeira vez havia protegido a ponta, da segunda também. Da terceira, não.

Em outra ocasião, Durzo tinha mandado Scarred Wrable – só ele o chamava de Ben – acordar Kylar. O amigo chegara a usar as roupas de Blint e imitar sua voz com perfeição; fazia parte do seu Talento. Dessa vez, Kylar

não caíra na esparrela. Nem mesmo uma refeição com bastante alho deixava outro homem com o mesmo cheiro de quem mastigava os dentes crus.

O passo seguinte foi decodificar as palavras de Durzo. Hora de matar.

– Você acha que estou pronto? – perguntou Kylar, com o coração batendo forte.

– Já estava pronto um ano atrás. Eu só precisava do trabalho certo para sua primeira vez sozinho.

– O que é?

Eu já estava pronto um ano atrás? Os elogios de Blint chegavam assim, quando vinham. E em geral até mesmo um elogio a contragosto era seguido por alguma crítica.

– É no castelo, e tem que ser feito hoje. Sua vítima tem 26 anos, nenhum treinamento militar e não deve estar armado. Mas é um rapaz querido, que vive sempre ocupado. Muito ocupado. Um reles *assassino* acabaria causando... baixas secundárias. – Ele disse *assassino* com um sorriso de desdém, como faria qualquer derramador. – Mas isso não importa para o serviço. A vítima tem que morrer, só isso. Termine o trabalho e pronto.

O coração de Kylar esmurrava seu peito. Então seria assim. Aquilo não era apenas um teste. Não se tratava de saber se ele conseguiria matar sozinho. As questões eram: será que Kylar consegue fazer o que faz um derramador? Será que Kylar consegue escolher uma estratégia de entrada adequada (e no castelo, ainda por cima), completar o serviço sem matar inocentes e ir embora? Ah, será que consegue usar seu Talento, a verdadeira medida que separa um derramador de um reles assassino?

Como Blint consegue tirar essas coisas da cartola? O derramador tinha um dom especial para encontrar e explorar as fraquezas de Kylar, sobretudo a maior de todas: ele não conseguia usar o Talento. Ainda não. Nenhuma vez sequer. Àquela altura, segundo Blint, seu Talento já deveria ter despertado. Ele vivia pressionando-o de maneiras novas, na esperança de que algum novo ápice de estresse ou necessidade pudesse arrancar aquilo de dentro dele. Nada funcionara até então.

Durzo havia se perguntado em voz alta se deveria simplesmente matá-lo.

Em vez disso, decidira que, contanto que o rapaz conseguisse fazer tudo que um derramador conseguia, continuaria a treiná-lo. Jurou que aquilo acabaria fracassando. Era impossível. Um derramador não era um derramador sem o Talento.

– Quem encomendou o serviço? – Kylar quis saber.

– O Shinga.

– E você vai confiar isso a mim?

– Você vai hoje à tarde. Se fizer merda, levarei duas cabeças para o Shinga.

Kylar não precisou perguntar de quem seria a outra.

– O que a vítima fez?

– Você não precisa saber.

– Tem alguma importância?

Uma faca surgiu na mão de Durzo, mas seu olhar não exibia violência. Estava pensando. Ficou passando-a de dedo em dedo. Dedo, dedo, dedo, para. Dedo, dedo, dedo, vira. Kylar certa vez vira um bardo fazer isso com uma moeda, mas só Blint usava uma faca.

– Não – respondeu Durzo. – Não tem. O nome do sujeito é Devon Corgi e digamos apenas que, quando a maioria das pessoas tenta virar as costas para a escuridão, quer levar consigo algumas sacolas recheadas de preciosidades. Isso as torna mais lentas. Elas nunca conseguem. Só conheci um homem em toda minha vida disposto a pagar o preço inteiro por abandonar o Sa'kagé.

– Quem foi?

– Garoto, daqui a duas horas você tem um encontro com uma vítima. Espero que tenha perguntas melhores para fazer.

– Devon Corgi? – O guarda franziu o cenho. – Não, não conheço. Ei, Gamble, você conhece um tal de Devon Corgi? – perguntou a um colega que

entrava pelo imenso portão ocidental do castelo.

Foi quase fácil demais. Muito tempo antes, Kylar havia roubado a túnica e a bolsa que constituíam o uniforme do serviço de mensageiro mais usado da cidade. Quem não tinha os próprios criados contratava meninos para levar seus recados – meninos do lado leste, nunca crianças de guilda. Sempre que os guardas pareciam prestes a fazer perguntas, Kylar ia até eles e pedia indicações sobre o caminho.

Será que não conseguem ver? Aqueles homens eram guardas; seu trabalho era proteger Devon Corgi e todas as outras pessoas dentro do castelo e eles iriam indicar a um assassino o caminho exato para chegar até ele? Como podiam ser tão burros? Pensar isso lhe causava uma incômoda sensação de poder. O fato de as horas passadas com Blint definitivamente fazerem algum efeito era gratificante. Kylar estava ficando perigoso. Mesmo assim... como podiam não ver o que ele era?

– Claro, é aquele que passou a semana inteira tremendo, se sobressaltando com qualquer sombra. Acho que está no alto da torre norte. Se quiser que eu leve o seu recado, posso levar. Meu turno começa daqui a dez minutos e lá é a primeira parada da minha ronda.

– Não, obrigado. Estou torcendo por uma bela gorjeta. Por onde é?

Enquanto o guarda lhe dava instruções, tentou formular seu plano. A morte em si não deveria ser difícil. Uma criança não levantava tantas suspeitas. A parte difícil era encontrar o sujeito. Devon não tinha apenas um escritório. Ele vivia em movimento. Isso acrescentava diversos riscos. Torre norte lhe soava bem. Devia ser isolada. Já o guarda indo para lá... nem tanto. Kylar acabara de conversar com ele e dizer quem estava procurando.

Com a maquiagem que Blint havia usado nele, estava com um aspecto inteiramente diferente, muitos anos mais jovem. No entanto, era melhor deixar cada morte ser um mistério. *Um derramador deixa cadáveres, não indícios.* Portanto, Kylar encontraria Corgi, se esconderia até o guarda aparecer e ir embora, e só depois o mataria.

É entrar e sair, moleza, mesmo sem o Talento.

O castelo era assombroso. Embora Blint sempre se referisse ao lugar com

desdém, era a construção mais magnífica que Kylar já havia visto, todo feito com o mesmo granito negro dos antigos aquedutos das Tocas, escavado nas montanhas na fronteira ceurana. Toda a indústria da escavação de pedras era controlada pelo Sa'kagé, de modo que hoje em dia só os ricos tinham dinheiro para construir com esse material. Esse era um dos motivos pelos quais a maioria dos pilares do aqueduto tinha desaparecido. Os pobres das Tocas que não faziam parte do Sa'kagé pilhavam as pedras para seu uso pessoal ou para vendê-las à classe média no mercado negro (enganar o Sa'kagé acarretava perigos notáveis).

O castelo fora construído quatrocentos anos antes, na época em que Cenária era uma potência importante, durante os trinta anos do reinado de Abinazae. O rei mal o havia concluído quando decidiu se expandir mais para o leste e dominar o Chantry, mas milhares de magas acabaram de modo permanente com as suas ambições.

Cercada pelo fosso natural do rio Plith, a Ilha de Vos tinha sido transformada em um morro maior, no alto do qual ficava a fortaleza. O que hoje era o lado norte das Tocas antigamente era a muralha original. As Tocas ficavam situadas em uma estreita península que descia em uma encosta íngreme até o mar, a não ser nos últimos 800 metros, que se aplainavam antes de chegar à água. O projeto era tão inexpugnável que nem a fortaleza de madeira nem as Tocas jamais tinham sido invadidas. A cidade, porém, havia se expandido de acordo com o orgulho do rei Abinazae, de modo que fora transferida para a margem oriental do Plith e o Castelo de Cenária ganhara uma estrutura de pedra. Os aquedutos, porém, eram um mistério. Existiam muito antes do rei Abinazae e pareciam não ter objetivo algum, uma vez que o Plith era um rio de água doce, ainda que não muito limpa.

Kylar saiu do pátio do castelo e subiu uma escada de pedra, galgada por tantos pés ao longo dos séculos que a parte do meio de cada degrau era vários centímetros mais baixa do que as laterais. Os guardas não lhe deram atenção e ele adotou a atitude de um criado. Era um de seus disfarces mais frequentes. Blint gostava de dizer que um bom disfarce protegia um

derramador melhor do que as sombras. Kylar podia não ser reconhecido por quase qualquer conhecido seu, com exceção de Drake. Não havia muita coisa que escapasse à atenção do conde.

Logo deixou para trás a maior parte do burburinho de atividade que ocupava o pátio interno e o salão nobre. Passou pelas fileiras de pessoas que aguardavam audiência na sala do trono e pelas portas duplas abertas que davam para o jardim. Todos os corredores estavam movimentados até ele entrar na antecâmara da torre norte.

Devon Corgi não estava lá. Tomando cuidado para não fazer barulho, Kylar abriu a porta que conduzia aos degraus e subiu devagar. A escada era espartana: nenhuma decoração, nicho, estátua, cortina ornamental ou qualquer coisa que pudesse lhe servir de esconderijo.

Ele subiu até o alto da torre. Parecia apenas um grande quarto de dormir atualmente fora de uso. Um rapaz equilibrava um grande livro-caixa enquanto percorria as gavetas de uma cômoda, parecendo fazer a contagem dos lençóis cuidadosamente dobrados para a imensa cama de plumas e das cortinas sobressalentes para a grande janela fechada por venezianas. Kylar aguardou. Sem o Talento para ocultar sua aproximação, havia uma boa chance de ele o ver entrar.

A espera era sempre o pior. Nervoso, sem ter para onde ir, Kylar começou a elaborar fantasias de que o guarda subiria a escada a qualquer momento. Ao vê-lo ali tão tarde, iria revistá-lo e encontraria a faca comprida presa à parte interna da coxa de Kylar. Mas não havia outro jeito. Ficou esperando fora do campo de visão do rapaz, à escuta, torcendo para os ouvidos captarem até mesmo o arranhar da pena no livro-caixa.

Por fim, viu Devon desaparecer dentro do armário do lado mais afastado do recinto. Entrou e procurou lugares para se esconder. Seus pés não produziram som algum, nem mesmo de couro roçando em pedra. Mestre Blint havia lhe ensinado a ferver a seiva da seringueira para fabricar uma sola macia e silenciosa. Era caro de importar e só ligeiramente mais silencioso do que um couro trabalhado, mas para mestre Blint até mesmo a menor das distinções fazia diferença. Por isso ele era o melhor.

Não havia bons lugares para se esconder. Um *ótimo* lugar seria de onde Kylar pudesse ver o recinto inteiro, manter as armas prontas para serem usadas e se mover depressa para atacar ou fugir. Um *bom* lugar proporcionaria uma visão decente e a possibilidade de atacar ou fugir com pouca dificuldade. Aquele quarto não tinha cantos escuros. Era quase um círculo. Havia biombos de papel de arroz, mas estavam dobrados e encostados em uma parede. Infelizmente, o único local era debaixo da cama. Se Kylar fosse um derramador, talvez pudesse ter escalado uma das paredes e se pendurado nas correntes do candelabro, mas isso não era uma alternativa.

Debaixo da cama? Mestre Blint nunca vai deixar eu me rebaixar a esse ponto.

Só que não havia alternativa. Ele se deitou no chão e se arrastou até lá nas pontas dos dedos das mãos e dos pés. Ainda bem que ainda era magrinho, porque o espaço era exíguo. Estava acomodado de forma desconfortável quando ouviu alguém subindo a escada.

O guarda. Até que enfim. Agora dê uma olhada rápida e caia fora daqui.

Tinha escolhido o lado da cama com vista para o armário, ou seja, não conseguia ver a escada, mas pelo barulho dos passos teve certeza de que não era um guarda. Devon saiu do armário segurando um baú, e uma expressão de culpa surgiu em seu rosto.

– Você não pode entrar aqui, Bev.

– Você está indo embora – disse uma mulher que Kylar não viu. Era uma acusação.

– Não.

– Você roubou deles e agora está roubando do rei. Não sei por que estou surpresa que tenha mentido para mim. Seu babaca.

Kylar a ouviu se virar e Devon chegou perto da cama e pôs o baú no chão; seus pés ficaram a poucos centímetros do garoto.

– Bev, sinto muito.

Ele andou na direção da porta e Kylar foi dominado pelo pânico. E se Devon fosse atrás da mulher e ela descesse os degraus? Kylar teria que matar os dois na escada, sabendo que o guarda iria aparecer a qualquer momento.

– Bev, por favor...

– Vá para o inferno! – gritou ela e bateu a porta.

Seu desejo será atendido. Era o tipo mais negro de humor, aquele que Durzo mais apreciava. Seu mestre gostava de dizer que as conversas entreouvidas eram uma das maiores vantagens do ofício da amargura, embora a sensatez das últimas palavras antes de morrer fosse muito superestimada. *Seu desejo será atendido?* Kylar não gostou sequer de ter pensado uma coisa dessas. Tudo que aquele homem havia planejado estava prestes a ter um fim e ele ironizava o fato, sorridente.

Devon disse um palavrão, mas não foi atrás da mulher.

– Mas onde está esse guarda, afinal? Já deveria ter chegado.

Era assim mesmo, tinha dito Durzo a Kylar. Você é o responsável pelo fim de um romance e raramente consegue entender do que se tratava a história. Quem era Bev para Devon? Sua amante? Sua parceira no crime? Apenas uma amiga? Sua irmã?

Kylar não sabia. Jamais saberia. Um movimento soou na escada, abafado atrás da porta. Devon pegou o livro-caixa. A porta se abriu.

– Oi, Dev – cumprimentou o guarda.

– Ah, olá, Gamble. – A voz de Devon soou nervosa.

– O tal mensageiro achou você?

– Que mensageiro?

– O merdinha deve ter se perdido. Tudo bem aqui em cima?

– Tudo, claro.

– Nos vemos, então.

Devon esperou trinta segundos depois de o guarda sair, então chegou perto da cama e começou a encher os bolsos. Kylar não conseguiu ver com o quê.

Pronto. O guarda agora devia estar longe o suficiente para que, mesmo se Devon conseguisse gritar, ninguém o escutasse. Ele se afastou em direção à cômoda e Kylar saiu de baixo da cama feito um inseto. Ficou parado e sacou a faca. Devon estava a poucos passos de distância. O coração de Kylar batia forte. Ele achou que podia escutar até o barulho do próprio sangue

correndo.

Fez tudo certo. Postura abaixada e pronta, avanço silencioso, rápido e com equilíbrio, para que, a qualquer momento que a vítima reagisse, ele não fosse pego em má posição. Suspendeu a faca até o nível dos olhos, preparando-se para agarrar o sujeito e lhe dar o que Durzo chamava de sorriso vermelho: um corte profundo na jugular até a traqueia.

Então imaginou a Menina-Boneca lhe lançando o mesmo olhar de quando ele havia pegado para si o pedaço maior de pão. *O que está fazendo, Azoth? Você sabe que isso é errado.*

Recuperou-se tarde demais e foi como se tivesse se esquecido de todo o treinamento. Estava a centímetros de Devon, que ainda não o havia escutado, mas essa proximidade por si só o deixou em pânico. Desferiu um golpe na direção do pescoço de Devon, e deve ter produzido algum som, porque ele começou a se virar. A faca penetrou na nuca, bateu na coluna e ricocheteou. Como ele a segurava com força excessiva, algo que lhe teria valido uma surra de Durzo, a arma também escapou de sua mão na mesma hora.

Devon se virou e soltou um ganido. Pareceu mais espantado com a súbita aparição de Kylar do que com a dor no pescoço. Deu um passo para trás ao mesmo tempo que Kylar. Levou uma das mãos ao pescoço, olhou para os próprios dedos e viu o sangue. Então ambos baixaram os olhos para a faca.

Devon não tentou pegá-la. Kylar a recolheu e, quando tornou a se levantar, o rapaz caiu de joelhos.

– Por favor – pediu. – Não, por favor.

Parecia incrível. Aqueles olhos arregalados de medo encaravam o pequeno Kylar, cujo disfarce o fazia parecer ainda menor e mais jovem. Não havia nada de assustador nele, certo? Mas Devon parecia um homem diante do juízo final: rosto branco, olhos muito abertos, indefeso, de dar dó.

– Por favor – repetiu ele.

Kylar esfaqueou-lhe a garganta com fúria. Por que Devon não se protegera? Por que nem tentou? Era maior do que Kylar. Tinha chance. Por

que se comportar feito um cordeiro? Um grande cordeiro humano, estúpido demais para se mexer. O corte seccionou a traqueia, mas mal atingiu uma das jugulares. Foi profundo o suficiente para matar, só que não depressa. Kylar segurou Devon pelos cabelos e desferiu outro golpe, depois um segundo levemente orientado para cima, para que o sangue jorrasse para cima, não para baixo. Nenhum pingo caiu nele. Kylar fez exatamente como Durzo havia lhe ensinado.

Um barulho soou na escada.

– Devon, me desculpe – disse Bev antes mesmo de entrar. – Eu tive que voltar. Não foi minha intenção...

Ela entrou no quarto e viu Kylar.

Viu seu rosto, viu a adaga na sua mão, viu-o segurando pelos cabelos um Devon agonizante. Era uma moça não muito bonita, com um vestido branco de copeira. Ancas largas, olhos separados, boca aberta e lindos cabelos negros como a noite.

Termine o serviço.

O treinamento o dominou. Kylar atravessou o recinto em um instante. Puxou a moça para a frente, esticou um dos pés, girou-a e ela caiu no chão. Foi tão inexorável quanto Durzo Blint. A mulher estava debaixo dele, de bruços sobre o carpete que cobria aquele trecho do piso. O movimento seguinte era cravar a faca entre suas costelas. Ela quase não iria sentir. Ele não precisaria ver seu rosto.

Hesitou. Era a sua vida contra a dela. Seu disfarce só funcionava enquanto ninguém soubesse que havia um assassino de 14 anos à solta no castelo. Ela vira o seu rosto. Havia aparecido na hora do serviço. Era um dano colateral. Uma baixa ancilar, como dizia Blint. Um derramador faria o que precisava ser feito. Era menos profissional, mas às vezes inevitável. Pouco importa, tinha dito Blint. Termine o serviço e pronto.

Blint só lhe permitia viver enquanto ele provasse que era capaz de fazer tudo que um derramador fazia, mesmo sem o Talento.

Mas ali estava a moça, de bruços no chão, com Kylar montado nela e a ponta da faca encostada no seu pescoço, com a mão esquerda a lhe torcer os

cabelos e tentando não imaginar o sangue vermelho a se espalhar pelo vestido branco de criada. A moça não tinha feito nada.

A vida é vazia. Quando tiramos uma vida, não estamos tirando nada de valor. Eu acredito. Eu acredito.

Tinha que haver outro jeito. Será que ele podia lhe dizer para sair correndo e não contar a ninguém? Para sair do país e nunca mais voltar? Será que ela faria isso? Não, é claro que não. Ela correria até o guarda mais próximo. Assim que estivesse diante de um imponente guarda do castelo, qualquer temor que Kylar pudesse lhe inspirar iria parecer tão pequeno e fraco quanto aquele provocado por um menino de guilda com uma faca na mão.

– Eu lhe disse o que iria acontecer se ele roubasse do Sa'kagé – falou ela com uma voz estranhamente calma. – Filho da mãe. Com todo o resto que tirou de mim, não teve sequer a decência de morrer sozinho. Eu vim pedir desculpas e agora você vai me matar, não vai?

– Vou – respondeu Kylar, mas estava mentindo.

Havia posicionado a faca no lugar correto em suas costas, mas a arma se recusava a se mexer.

Com o canto do olho, viu uma sombra se mover na escada. Não se mexeu, não deu sinais de que tinha visto, mas sentiu um calafrio. Era o meio da tarde; não havia tochas nem velas acesas. A sombra só podia ser mestre Blint. Ele seguira Kylar. Tinha visto tudo. O trabalho era para o Shinga e não podia dar errado.

Kylar enfiou a faca entre as costelas da moça, puxou-a para o lado, e sentiu o estremeamento e o suspiro da mulher ao morrer debaixo dele.

Levantou-se e sentiu a mente subitamente abstraída, afastando-se dele como no dia com Rato. Limpou a lâmina vermelha no vestido branco dela, embainhou-a junto à coxa, e olhou-se no espelho para ver se estava sujo de sangue, exatamente como aprendera.

Ver que estava limpo lhe causou toda a tristeza do mundo. Não havia sangue algum em suas mãos. Quando se virou, Blint estava postado no vão da porta aberta, com os braços cruzados. Kylar apenas olhou para ele; ainda

pairava em algum lugar atrás do próprio corpo, grato por esse torpor.

– Foi aceitável – disse Durzo. – O Shinga vai ficar contente. – Ao ver o distanciamento nos olhos de Kylar, ele franziu os lábios. – A vida não significa nada – falou, girando um dente de alho entre os dedos. – A vida é vazia. Quando tiramos uma vida, não estamos tirando nada de valor.

Kylar o encarou com um olhar inexpressivo.

– Repita!

A mão de Durzo se moveu e um borrão cruzou o ar e uma faca foi se cravar na cômoda atrás de Kylar.

O menino nem titubeou. Repetiu as palavras de modo mecânico, com os dedos formigando, tornando a sentir aquele deslizar fácil da carne a ceder em volta da faca. Seria tão fácil assim? Tão simples? Era só empurrar e a morte chegava? Não havia nada de espiritual nisso. Nada acontecia. Ninguém era levado nem para o paraíso, nem para o inferno do conde Drake. As pessoas simplesmente paravam. Paravam de falar, paravam de respirar, paravam de se mexer e, por fim, paravam de se agitar. Paravam.

– Essa dor que você está sentindo é a dor de abandonar uma ilusão – falou mestre Blint quase com delicadeza. – A ilusão é o significado, Kylar. Não existe nenhum objetivo maior. Não existem deuses nem árbitros de certo e errado. Não estou lhe pedindo para gostar da realidade. Só estou pedindo que seja forte o bastante para encará-la. Não há nada além disso. Há apenas a perfeição que alcançamos ao nos tornamos armas, tão fortes e impiedosos quanto uma espada. Não existe nenhum bem essencial no fato de estar vivo. A vida em si não é nada. É um marcador que prova quem está vencendo, e nós somos os vencedores. Nós vencemos porque perder é um insulto. Os fins não justificam os meios. Os meios não justificam os fins. Não há ninguém com quem se justificar. Não há justificação. Não há justiça. Você sabe quantas pessoas já matei?

Kylar fez que não com a cabeça.

– Nem eu. Antes sabia. Lembrava o nome de cada um. Então passou a ser gente demais. Eu só me lembrava do número. Depois só me lembrava dos inocentes. Aí esqueci até isso. Você sabe quais punições suportei pelos

meus crimes, pelos meus *pecados*? Nenhuma. Eu sou uma prova do absurdo das abstrações mais valorizadas pelos homens. Um universo justo não toleraria minha existência.

Ele segurou as mãos de Kylar.

– De joelhos.

O aprendiz se ajoelhou junto à poça do sangue que saía do corpo da mulher.

– Este é o seu batismo – disse mestre Blint, pondo as duas mãos de Kylar no sangue. Estava quente. – Esta é a sua nova religião. Se você precisa venerar, venere como os outros derramadores: venere Nysos, deus do sangue, do sêmen e do vinho. Pelo menos essas substâncias têm poder. Nysos é uma mentira, assim como todos os deuses, mas pelo menos não vai torná-lo fraco. Você hoje virou um assassino. Agora saia daqui e não lave as mãos. E mais uma coisa: quando precisar matar um inocente, não o deixe falar.

Kylar cambaleou pelas ruas feito um bêbado. Havia algo de errado com ele. Deveria sentir alguma coisa, mas em vez disso havia apenas o vazio. Era como se o sangue em suas mãos tivesse jorrado de um ferimento na alma.

O sangue agora estava secando e ficando pegajoso; o vermelho-vivo se transformava em marrom em todos os lugares, exceto dentro de seus punhos cerrados. Ele escondeu as mãos, escondeu o sangue, escondeu a si mesmo. Sua mente – menos anestesiada do que o coração – sabia que havia um porquê para isso também. Ele seria um derramador e estaria sempre se escondendo. O próprio Kylar era uma máscara, uma identidade assumida por conveniência. Essa máscara e todas as outras iriam servir porque, antes de o seu treinamento terminar, todos os traços característicos de Azoth seriam eliminados. Todas iriam se encaixar, iriam enganar todos os inspetores, pois debaixo delas não haveria nada.

Kylar não podia fingir ser um dos mensageiros para ir às Tocas – eles

nunca iam lá –, de modo que foi até um esconderijo no lado leste situado em um quarteirão cheio das pequenas residências dos artesãos e dos criados que não moravam nas propriedades de seus patrões. Dobrou uma esquina e esbarrou com uma menina. Ela teria se estatelado no chão se ele não tivesse agarrado seus braços para segurá-la.

– Desculpe – falou.

Seus olhos absorveram o vestido simples de criada, os cabelos presos para trás e o cesto cheio de ervas frescas. Por último, viu as manchas vermelhas de sangue que acabara de deixar nas suas mangas. Antes de pensar em fugir, notou os arcos e as cruces de cicatrizes no seu rosto, que se encaixaram em sua mente como as peças de um quebra-cabeça.

As cicatrizes estavam brancas agora, puras, diferentes do que eram antes: cortes fundos, inflamados, tecidos lacerados, sangue a escorrer, o áspero arranhão e os gorgolejos abafados do sangue sendo engolido, o sangue a espocar em pequenas bolhas em volta de um nariz destroçado. Só teve tempo de ver as inconfundíveis cicatrizes e os grandes olhos castanhos.

A Menina-Boneca baixou os olhos, recatada, e não reconheceu naquele assassino o seu Azoth. Ao olhar para baixo, viu o sangue nas mangas e, quando ergueu o rosto, o horror marcava cada traço já não gravado com uma cicatriz.

– Meu Deus, você está sangrando. Está tudo bem?

Mas ele já disparava pelo mercado. Por mais depressa que corresse, porém, não conseguiu fugir da preocupação e do horror que viu naqueles lindos olhos. Aqueles grandes olhos castanhos o seguiram. De alguma forma, sabia que sempre seguiriam.



— Está pronto para ser um campeão? – perguntou mestre Blint.

– Que história é essa? – estranhou Kylar.

Eles haviam acabado a sessão matinal de duelo e ele se saíra melhor do que de costume. Nem pensava que fosse ficar dolorido no dia seguinte. Tinha agora 16 anos e o treinamento enfim parecia estar rendendo frutos. Ainda não ganhara nenhuma luta contra mestre Blint, claro, mas começava a ter esperança. Por outro lado, Blint havia passado a semana inteira de péssimo humor.

– A justa do rei – respondeu ele.

Kylar pegou um trapo e enxugou o rosto. A casa era pequena e fazia um calor sufocante. O rei Aleine Gunder IX convencera os mestres espadachins a certificar um torneio em Cenária. Naturalmente, eles poderiam assistir e decidir que nem mesmo o vencedor seria bom o suficiente para se tornar mestre espadachim. Por outro lado, poderiam decidir que três ou quatro concorrentes seriam. Até mesmo um mestre espadachim de primeiro escalão podia encontrar excelente trabalho em qualquer corte real de Midcyru. Tipicamente, contudo, Blint havia demonstrado desdém pela coisa toda.

– Você disse que a justa do rei era para os desesperados, ricos e tolos.

– Sim – disse o mestre.

– Mas mesmo assim quer que eu lute.

Calculou que isso fizesse dele um “desesperado”. O Talento da maioria das crianças despertava no início da adolescência. O seu ainda não havia se

manifestado e Blint estava perdendo a paciência.

– O rei está organizando a justa para poder contratar os vencedores como seus guarda-costas. Quer ter certeza de não estar contratando nenhum derramador, então esse torneio tem uma regra especial: ninguém com Talento pode participar. No torneio vai haver uma maga para verificar todos os competidores, uma curandeira formada em Chantry. Ela também estará lá para lacrar as espadas de modo que os adversários não se matem, e para curar qualquer um que se machuque. Os Nove decidiram testar sua influência. Querem que um dos seus saia vencedor, para lembrar a todo mundo quem é quem nesta cidade. Portanto, a situação se encaixa com você como uma perna de pau se encaixa num aleijado. Não que isso seja uma coincidência. Essa justa nem estaria acontecendo se eles não tivessem sugerido. Os Nove sabem tudo sobre você e o seu pequeno problema.

– Como é que é? – Kylar não acreditou.

Não tinha noção de que os Nove sabiam quem ele era. E se perdesse?

– Hu Gibbet foi exibir sua aprendiz, Vi, para os Nove esta semana. Uma menina, Kylar. Eu a vi lutar. Ela é Talentosa, claro. Poderia enfrentar você sem dificuldade.

Kylar sentiu uma onda de vergonha. Hu Gibbet era um assassino da pior espécie. Adorava matar, adorava a crueldade por si só. Nunca fracassava, mas também sempre matava mais do que apenas o alvo. Blint o desprezava. Kylar estava fazendo seu mestre parecer inferior a um açougueiro.

– Espere aí – disse Kylar. – A justa não é hoje?

Era meio-dia quando Kylar chegou ao estádio no lado norte das Tocas. Nos últimos anos, o lugar só fora usado para corridas de cavalos. Antes disso, era a sede dos Jogos da Morte. Conforme foi se aproximando, Kylar pôde ouvir a multidão lá dentro. O estádio tinha capacidade para quinze mil pessoas e, pelo barulho, estava lotado.

Avançou com um andar cheio de si, deslizando os pés no chão. O objetivo era não apenas sugerir um jovem e arrogante espadachim, mas também disfarçar seu próprio andar natural. O conde Drake não estaria presente no evento, que considerava reminescente dos Jogos da Morte, mas Logan Gyre talvez estivesse, assim como qualquer um dos jovens nobres com quem Kylar precisava interagir de modo mais ou menos regular.

Em geral, não ficava ansioso quando estava disfarçado. Primeiro porque agora era bom o suficiente para não ficar em perigo. Segundo, porque a ansiedade atraía atenção feito um ímã. Mas nesse dia sentiu o estômago embrulhado. A roupa que usava agora não chegava a ser um disfarce.

Mestre Blint lhe dera as roupas sem comentar nada. Eram trajes cinzentos de derramador, tão elegantes quanto qualquer coisa que o próprio Blint poderia usar. O tecido malhado de cinza e preto proporcionava uma camuflagem melhor no escuro do que o preto sozinho, pois disfarçava a forma humana. Caíra com perfeição, afinado e justo nos braços e pernas, mas sem atrapalhar os movimentos. Ele desconfiava que o corte justo tivesse outro objetivo: os Nove queriam que ele parecesse o mais jovem possível. *Nós mandamos uma criança sem Talento como nosso campeão. E acabamos com vocês. O que vai acontecer quando mandarmos um derramador?*

As roupas eram arrematadas por uma capa de seda preta – seda! – e por uma máscara do mesmo tecido que tinha apenas buracos para os olhos, uma fenda para a boca, e deixava à mostra um chumaço de cabelos escuros. Ele havia passado uma pasta nos cabelos para deixá-los bem pretos e os penteara para trás, deixando pontas curtas, desestruturadas. No lugar de seu cinturão preto para as armas, Blint tinha lhe dado um de ouro, com bainhas douradas para cada uma de suas adagas, facas de arremesso e espada que se destacavam com nitidez. Blint tinha revirado os olhos ao entregá-lo.

– Se a ideia é criar um clima de melodrama, então melhor fazer direito – falou.

Como se isso fosse culpa minha!

Havia poucas pessoas nas ruas, mas espectadores e ambulantes o encararam boquiabertos quando Kylar foi até a entrada lateral do estádio.

Ele chegou à sala dos lutadores. Lá dentro havia outros duzentos homens e umas vinte e tantas mulheres. De espancadores violentos a mercenários e soldados, ou jovens nobres indolentes e camponeses das Tocas que não tinham nada que segurar uma espada. Os desesperados, os ricos e os tolos.

Ele atraiu atenção na hora e um silêncio se espalhou pelos homens que caçoavam em voz alta demais, pelos soldados que faziam alongamentos e pelas mulheres que verificavam e tornavam a verificar o fio das armas.

– Todos aqui? – indagou uma mulher de ar culto, entrando de um cômodo lateral.

Ele quase trombou com o homem imenso que entrava junto com ela e estacou de forma abrupta. Kylar ficou sem ar. Era Logan. Logan não iria assistir, iria competir. Então a maga viu Kylar. Escondeu a surpresa melhor do que a maioria.

– Entendo... entendo. Bem, rapaz, venha comigo.

Concentrando-se para manter o andar arrogante, Kylar passou direto por Logan e pelos outros. Ouvir os sussurros irromperem atrás dele lhe causou uma estranha satisfação.

A sala de exame já fora usada para tratar lutadores escravos feridos. Tinha o ar de um aposento que havia testemunhado muitas mortes. Havia inclusive canaletas no pé de cada parede, para o sangue poder ser lavado com facilidade.

– Sou a irmã Drissa Nile – disse a mulher. – E apesar de os mestres espadachins aprenderem a usar todas as armas brancas, neste torneio só se pode usar a espada. Vou ter que lhe pedir para remover suas outras armas.

Kylar lhe lançou seu melhor olhar de Durzo Blint. Ela pigarreou.

– Acho que eu poderia prendê-las às bainhas por magia. Você não conseguiria sacá-las por umas seis horas, que é quando os lacres se dissipam.

Kylar aquiesceu com um meneio de cabeça. Enquanto ela se punha a murmurar baixinho, envolvendo com os lacres cada uma de suas bainhas, ele examinou as chaves que tinham sido anotadas na parede. Logo encontrou Logan e depois passou alguns instantes procurando o próprio nome. *Até parece que os Nove me inscreveriam com meu nome verdadeiro...*

– Com que nome estou inscrito? – perguntou.

Ela parou o que estava fazendo e apontou.

– Vou me arriscar e chutar que você é aquele ali. – O nome aparecia como “Kage”. Drissa murmurou alguma coisa e um acento agudo surgiu do nada acima do E. – Kagé, a Sombra. Se não foi o Sa’kagé que mandou você, rapaz, é melhor arrumar um cavalo veloz.

Sem pressão. Kylar só ficou feliz ao ver que estava na chave oposta à de Logan. Seu amigo agora tinha noção do próprio tamanho, já não era mais desengonçado. Tinha um alcance imenso e era forte, mas treinar uma hora dia sim, dia não era diferente de treinar muitas horas por dia sob a batuta de mestre Blint. Logan era um bom lutador, mas não havia a menor chance de terminar em primeiro lugar na sua chave, ou seja, Kylar não precisaria enfrentá-lo.

Sacou a espada e a irmã Nile a lacrou. Ele testou o fio e constatou que não apenas estava achatado, como fora cegado com um pequeno círculo em volta de cada borda – ela sabia o que estava fazendo. Até mesmo uma espada de treinamento podia cortar se o golpe fosse desferido com força suficiente. Ao mesmo tempo, os lacres não pareciam acrescentar nenhum peso à arma, nem modificar sua trajetória no ar.

– Ótimo – disse Kylar.

Estava tentando ser tão lacônico quanto Durzo, de modo a não revelar sua verdadeira voz. A maioria dos disfarces de Kylar ainda o fazia soar como uma criança tentando falar com voz de homem. Era mais constrangedor do que eficaz.

– As regras da justa são: o primeiro espadachim que tocar o adversário três vezes ganha. Pus um lacre no corpo de cada lutador que fará a espada do adversário reagir. Da primeira vez em que você encostar no adversário, sua espada vai brilhar com a cor amarela. Da segunda vez, laranja. E da terceira, vermelho. Agora uma última coisa: preciso me certificar de que você não tem Talento. Para isso terei de tocá-lo.

– Pensei que a senhora conseguisse ver.

– Consigo, mas já ouvi boatos sobre pessoas capazes de disfarçar o

próprio Talento e não vou faltar ao juramento que fiz de garantir um combate justo, nem mesmo aqui, nem mesmo para o Sa'kagé.

Drissa pôs a mão sobre a dele. Não parou de murmurar consigo mesma um só instante. Como Blint havia explicado, as mulheres precisavam falar para usar seu Talento, mas pelo visto o que diziam não precisava ser inteligível. De repente, ela parou e o encarou nos olhos. Mordeu o lábio, então tornou a pousar a mão sobre a sua.

– Isso não é disfarce. Eu nunca vi... Eles sabem? Imagino que devam saber, do contrário não teriam mandado você, mas...

– Do que a senhora está falando? – perguntou Kylar.

A irmã Nile deu um passo para trás com relutância, como se não gostasse de lidar com um ser humano quando tinha algo bem mais interessante na sua frente.

– Você tem uma falha.

– Vá para o inferno.

Ela piscou.

– Desculpe, o que eu quis dizer foi... As pessoas em geral falam sobre “ter o Talento” como se fosse algo simples. Só que não é. Três coisas precisam funcionar juntas para um homem ou uma mulher virarem magos. A primeira é a *glore vyrden*, que é mais ou menos a sua magia de vida. Talvez seja a magia coletada por meio de seus processos de vida, como a energia que absorvemos da comida, ou talvez venha da sua alma... Não sabemos, mas é interna. Metade das pessoas tem uma *glore vyrden*. Talvez todos tenham, mas em geral ela é pequena demais para ser detectada. Em segundo lugar, algumas pessoas têm um canal condutor ou um processo que traduz esse poder em magia ou ação. Ele costuma ser muito fino. Às vezes está bloqueado. Mas digamos que uma carroça repleta de feno caia em cima do irmão de um homem... nessa situação extrema, o homem talvez consiga recorrer à sua *glore vyrden* pela única vez na vida e levantar a carroça. Por outro lado, homens que têm *glore vyrden* e um canal condutor bem aberto tendem a ser atletas ou soldados. Seu desempenho às vezes é muito melhor do que o dos outros à sua volta, mas por outro lado, assim como os demais,

precisam de tempo para se recuperar. A quantidade de magia que conseguem usar é pequena e se exaure depressa. Se você lhes dissesse que estão usando magia, eles não iriam acreditar. Para ser um mago, um homem precisa também de um terceiro componente: deve ser capaz de absorver magia da luz do sol ou do fogo, de modo a repor infinitas vezes sua *glore vyrden*. A maioria de nós absorve luz pelos olhos, mas algumas pessoas o fazem pela pele. Nós achamos que é por isso que os gorathi de Friaku combatem nus: não para intimidar os inimigos, mas para ter acesso à maior quantidade de magia possível.

– Mas o que isso tudo tem a ver comigo? – indagou Kylar.

– Rapaz, você é capaz de absorver magia, seja pelos olhos ou pela pele. Sua pele praticamente reluz de tanto poder. Eu diria que você tem uma inclinação natural para as magias do corpo. Quanto à sua *glore vyrden*, nunca vi nenhuma igual. Você poderia passar metade da noite usando magia sem esgotá-la. Perfeito para um derramador. Mas... – Ela fez uma careta. – Sinto muito. Seu canal condutor...

– O que tem, está bloqueado? É grave?

Ele já sabia que o seu canal estava bloqueado. Blint vinha tentando desbloqueá-lo havia anos. Isso também explicava por que o mestre o fazia deitar no sol ou ficar sentado a uma distância desconfortável de fomalhas de ferro: procurava forçar um transbordamento de magia, para Kylar não ter outro remédio senão usá-la.

– Você não tem um.

– A senhora pode consertar? Dinheiro não é problema – disse Kylar, com o peito contraído.

– Não é uma questão de abrir um buraco. É mais como fabricar novos pulmões. Nenhuma curandeira do Chantry nunca viu uma coisa dessas, muito menos tentou consertar. Com um Talento da magnitude do seu, meu palpite é que a tentativa seria fatal tanto para você quanto para a curandeira. Conhece algum mago que arriscaria a vida por você?

Kylar fez que não com a cabeça.

– Nesse caso, sinto muito.

– Os gandianos não poderiam me ajudar? Eles têm os melhores curandeiros, não é?

– Vou optar por não me ofender com esse comentário, embora a maioria das irmãs fosse se ofender. Já escutei histórias mirabolantes sobre a escola verde dos homens. Não que eu acredite, mas ouvi falar de um mago que salvou o filho de uma mulher à beira da morte ainda na barriga da mãe transferindo-o para o útero da irmã dela. Mesmo que seja verdade, isso é lidar com a gestação e nós, curandeiros, lidamos com gestações difíceis o tempo todo. Nunca vimos o que você tem. As pessoas nos procuram quando estão doentes. Levam seus filhos ao Chantry ou a uma das escolas masculinas porque eles incendiaram um celeiro, curaram um amiguinho de brincadeira ou jogaram uma cadeira na cabeça de alguém usando apenas o poder da mente. Pessoas como você não nos procuram; elas simplesmente se sentem frustradas com a vida, como se devessem ser algo mais do que são, mas nunca conseguem dar o passo.

– Obrigado – disse Kylar.

– Sinto muito.

– Então é isso. Não há esperança para mim?

– Tenho certeza de que os antigos poderiam ter ajudado você. Talvez algum manuscrito antigo esquecido em uma biblioteca gandiana possa ajudar. Ou talvez alguém no Chantry esteja estudando distúrbios do Talento e eu só nunca tenha ouvido falar. Não sei. Você poderia tentar. Mas, se eu fosse você, não jogaria a vida fora procurando algo que nunca vai encontrar. Aceite.

Dessa vez, Kylar não precisou fingir. O olhar irado de Durzo Blint surgiu em seus olhos sem qualquer dificuldade.



Kylar pisou no chão de areia do estádio pronto para machucar alguém. As arquibancadas estavam lotadas. Ele nunca tinha visto tanta gente. Ambulantes percorriam as fileiras oferecendo arroz, peixe e cantis de cerveja. Nobres e suas esposas eram abanados por criados sob o calor cada vez mais intenso, e o rei, sentado em seu trono, bebia e se divertia com seu séquito. Kylar pensou ter visto até mesmo um carrancudo general Agon um pouco afastado. Quando Kagé entrou, um burburinho percorreu a multidão.

Então o portão na sua frente se abriu e um camponês grandalhão entrou na arena. Houve alguns vivas dispersos e desinteressados. Na verdade, ninguém ligava para quem vencesse; o público só estava feliz por mais uma luta estar prestes a começar. Uma corneta soou e o homem sacou uma grande espada comprida de lâmina estreita, toda enferrujada. Kylar pegou a sua e aguardou. O camponês avançou e ergueu a espada para um golpe de cima para baixo.

Kylar pulou para perto dele, enfiou a espada com força na barriga do sujeito, e então, quando o camponês passou por ele tropeçando, talhou-lhe o rim e a parte de trás das coxas. Sua espada brilhou amarela-laranja-vermelha.

Todos pareceram pegos de surpresa, com exceção dos mestres espadachins, sentados em uma seção especial com suas capas vermelhas e cinza-ferro. Na mesma hora, eles tocaram uma sineta.

Houve alguns vivas e algumas vaias, mas a maior parte da plateia

pareceu mais espantada do que outra coisa. Kylar embainhou a espada e voltou andando para a sala dos lutadores enquanto o camponês se limpava da poeira e xingava.

Ficou esperando sozinho, sentado e imóvel, sem conversar com ninguém. Logo antes da sua luta seguinte, um imenso espancador com um raio tatuado na testa sentou-se ao seu lado. Kylar achou que o nome dele fosse Bernerd. Talvez fosse Canhoto... Não, Canhoto era o gêmeo do nariz quebrado.

– Tem uns fãs dos Nove lá fora que adorariam se, da próxima vez, você desse um pouco mais de espetáculo – disse o brutamontes grandalhão antes de se afastar.

O segundo adversário de Kylar era ymmuri. Os mestres cavaleiros não iam com frequência à cidade, de modo que a plateia se animou. Era um homem baixo, trajando várias camadas de couro de cavalo; até o rosto estava oculto. Ele também optou por manter as facas no cinto, grandes gurkas de lâmina curva. Sua arma era uma cimitarra, excelente para golpear o lombo de um cavalo, mas não tão boa para um combate de espadas. Além do mais, o ymmuri estava bêbado.

Conforme lhe sugeriram, Kylar brincou com ele, esquivando-se de golpes pesados no último instante, misturando chutes girados e acrobacias, basicamente violando tudo o que Durzo lhe ensinara. Contra um adversário competente, dizia o mestre, nunca se deve mirar um chute mais alto do que o joelho. É um golpe lento demais. E nunca tire os pés do chão. Pular obriga a respeitar uma trajetória que você não consegue mudar. A única ocasião para se usar uma voadora era aquela para a qual os ceuranos tinham desenvolvido esse golpe: para derrubar cavaleiros da sela quando se estava a pé sem alternativa. Dessa vez, quando Kylar venceu, a multidão foi à loucura.

Quando voltou da luta, viu Logan saindo para a arena. Seu adversário seria Bernerd ou Canhoto. Kylar torceu para o gêmeo não pegar pesado demais. Minutos depois, contudo, Logan tornou a entrar, corado e triunfante. O rival devia ter se mostrado excessivamente confiante.

A terceira luta de Kylar foi contra um mestre espadachim da região, que ganhava a vida como instrutor de jovens nobres. O homem o olhava como se ele fosse a mais peçonhenta das cobras de Midcyru, mas era precipitado nos revides. Conseguiu encostar a espada em Kylar uma vez, mas perdeu e foi embora furioso.

Foi só quando Logan ganhou sua terceira luta, contra outro mestre espadachim, que Kylar farejou alguma coisa errada. Após vencer seu quarto combate contra um soldado veterano, teve certeza. O adversário era de baixa patente e não vinha de uma boa família, mas o duelo deveria ter sido mais difícil. O homem não sabia fingir muito bem. Kylar quase não atacara as brechas que ele lhe abria; eram tão óbvias que tivera certeza de serem armadilhas.

Então entendeu. O camponês tinha sido genuíno. O ymmuri fora drogado. O mestre espadachim, intimidado. O soldado, comprado. Como aquele era um torneio de eliminação simples, restavam agora apenas dezesseis homens. Kylar reconheceu quatro deles como membros do Sa'kagé, ou seja, devia haver outros quatro do Sa'kagé que ele não estava reconhecendo. Os Nove haviam manipulado as chaves. Aquilo o deixou furioso. Mesmo assim, travou as últimas lutas como se tivessem importância, executando chutes com giros saltados, bloqueios de braço, pernadas, intrincadas combinações de desarme e todas as outras coisas ridículas em que conseguiu pensar.

Pensara que os Nove acreditassem nele, que estivessem lhe dando uma chance de verdade: vencer ou morrer. Mas aquilo era apenas mais uma farsa. Apesar de haver grandes lutadores ali, eles tinham sido comprados. Os apostadores sem dúvida estavam ganhando um dinheirão conforme Kylar avançava em uma chave, enquanto ninguém menos do que Logan seguia na outra. O alto e bonito Logan, herdeiro de uma família importante, gozava de grande popularidade. Por isso, suas primeiras lutas tinham sido manipuladas para serem muito apertadas, de modo que o Sa'kagé pudesse diminuir suas probabilidades de vitória. Depois disso, Logan havia ganhado com facilidade as últimas rodadas. Grandes lutadores entregavam os pontos,

recheando ainda mais os cofres do Sa'kagé.

Na maior parte dos casos, tudo foi feito de forma bem convincente. Não era preciso fingir muito para errar um bloqueio. Mas Kylar sabia ver a diferença e percebeu que os mestres espadachins também sabiam disso. Dava para notar que estavam furiosos. Iria demorar muito até voltarem a participar de uma justa em Cenária. A coisa toda devia lhes parecer tão obviamente corrupta que Kylar duvidou que fossem lhe conceder o status de mestre espadachim, mesmo que ele o conquistasse duas vezes.

Igualmente óbvio era o fato de o rei não ter visto nada, pelo menos não até um dos mestres espadachins se aproximar dele e contar. Aleine se levantou com um pulo e seus conselheiros demoraram um pouco até conseguir acalmá-lo o suficiente para fazê-lo sentar. Os Nove tinham dado seu recado ao rei, mas ainda havia dinheiro a ganhar. E, se as suposições de Kylar estivessem corretas, eles queriam dar seu recado à cidade inteira.

Foi com repulsa que pisou na areia para enfrentar Logan. Era a última luta, valendo o campeonato. Nada de bom poderia sair disso. Cogitou jogar a espada aos pés do amigo e se render, mas nesse caso o rei pensaria que o Sa'kagé estava declarando apoio a Logan. E aí não demoraria muito para contratar um derramador e lhe mandar fazer uma visita à propriedade dos Gyre... ou mesmo um simples assassino, caso o Sa'kagé se recusasse a aceitar o serviço. Kylar tampouco poderia deixar Logan vencer depois de uma luta apertada. Agora que o rei sabia que o Sa'kagé tinha manipulado a justa inteira, acharia que eles estavam tentando favorecer Logan. O que Kylar deveria fazer? Humilhar o melhor amigo?

A animação do início havia desaparecido por completo do rosto de Logan. Ele estava usando uma cota de malha leve e de boa qualidade, com elos pretos em forma de falcão-gyr na frente e atrás. A multidão rugiu quando os dois se aproximaram, mas nenhum deles deu qualquer atenção ao público.

– Não sou bom o suficiente para ter chegado tão longe. Vocês armaram para cima de mim – disse Logan. – Estou tentando decidir o que fazer em relação a isso. Pensei em jogar a espada no chão, capitular e estragar tudo

para vocês. Mas você é do Sa'kagé e eu sou um Gyre. Jamais vou me render à escuridão e à corrupção. Então como vai ser? Você tem alguma outra arma escondida que não tenha sido lacrada? Vai me matar em público, só para mostrar a Cenária de quem é a bota que lhe pisa a garganta?

– Eu sou só uma espada – retrucou Kylar, com uma voz tão rouca quanto a de Blint.

Logan deu um muxoxo de desdém.

– Uma espada? Você não pode se isentar assim tão fácil. Você é um homem que traiu cada parcela do seu lado bom, que a cada encruzilhada decidiu se afundar ainda mais na escuridão. E em troca de quê? Dinheiro. – Logan cuspiu. – Mate-me, Sombra, se é para isso que você foi pago, porque uma coisa posso afirmar: darei o melhor de mim para matar você.

Dinheiro? O que Logan sabia sobre dinheiro? Tinha dinheiro desde que nascera. Se vendida, uma luva usada sua daria para alimentar uma criança de guilda durante meses. Kylar sentiu uma raiva quente correr por seu sangue. Logan não sabia de nada... e mesmo assim não poderia estar mais certo.

Deu um pulo para a frente no exato instante em que a corneta soou; não que se importasse em seguir ou não as regras. Logan começou a sacar a espada, mas Kylar nem se deu esse trabalho. Jogou-se para a frente, mirando um chute com a perna esticada na mão de Logan que segurava a arma.

O chute acertou o alvo antes mesmo de Logan conseguir desembainhar metade da espada. Arrancou o cabo de sua mão e o fez se torcer para o lado. Kylar trombou com Logan, enroscou um dos pés em suas pernas e derrubou ambos no chão.

Caiu por cima dele e ouviu o ar ser expelido com um ruído alto. Agarrou-lhe os braços e os puxou para trás das costas, imobilizando-os com uma só mão. Com a outra, segurou um chumaço dos cabelos do amigo e empurrou seu rosto contra a areia com a maior força de que foi capaz, várias vezes, mas a areia estava fofa demais para que Logan perdesse os sentidos.

Kylar se levantou e sacou a espada. Os gemidos de Logan e sua própria respiração pesada pareciam ser os únicos ruídos no mundo inteiro. A plateia

não dava um pio. Nem mesmo um vento soprava. Fazia um calor infernal. Kylar cortou com crueldade o rim esquerdo de Logan, depois o direito. Como a espada estava lacrada, naturalmente não cortou, mas mesmo assim a sensação era a mesma de levar uma bordoadada com um porrete.

Logan gritou de dor. De repente, soou muito jovem. Apesar do corpo imenso, ainda nem havia completado 18 anos. O barulho constrangeu Kylar. Era um som de fraqueza, humilhante e enfurecedor. Kylar correu os olhos pelo estádio. Em algum lugar, os Nove estavam à espreita, todos vestidos como homens comuns e fingindo compartilhar o horror dos vizinhos. Fingindo ser amigos de homens que desprezavam, homens que trairiam por uma simples questão de dinheiro.

Kylar ouviu um ruído atrás de si e viu que Logan tinha conseguido ficar de quatro. Estava lutando para se levantar. Seu rosto sangrava devido a centenas de pequenos cortes feitos pela areia. Seus olhos não tinham foco.

Kylar ergueu para a multidão sua espada, que irradiava um brilho laranja. Então girou e acertou a parte plana da lâmina na parte de trás da cabeça de Logan. Seu amigo desabou, perdeu os sentidos e a multidão deu um arquejo.

Humilhar Logan fora o único jeito de salvá-lo, mas uma humilhação infligida de modo tão desonroso não atrairia a atenção para a derrota do rapaz e, sim, para o Sá'kagé, que era vil, inescrupuloso e onipotente. Nesse dia, Kylar foi o seu avatar. Jogou no chão a espada vermelha e tornou a erguer as mãos para a multidão, dessa vez mostrando os dedos do meio. *Vão para o inferno, todos vocês. E eu também.*

Então saiu correndo.



As janelas do Clube de Fumantes Modaini eram feitas de chapas de vidro plangano triangulares e de outros formatos zoomórficos criativos. Se alguém ficasse olhando para elas, podia ignorar o mundo exterior por completo. Era justamente esse o objetivo: a pessoa não repararia nas barras do outro lado da janela. Em pé junto a ela, Kylar olhava para a moça na Feira de Sidlin.

Ela pechinchava um produto com um vendedor. A Menina-Boneca, ou melhor, Elene, estava crescendo: devia estar com uns 15 anos, agora que Kylar tinha 18. Era linda, pelo menos daquela distância segura. Dali ele podia ver seu corpo, as curvas flexíveis cobertas por um vestido simples de criada, os cabelos presos a cintilar sob o sol com seu brilho dourado, e a brancura de um sorriso fácil. Através do vidro colorido, o vestido branco era vermelho-sangue. Os arabescos zoomórficos feitos de chumbo lhe lembravam os arabescos das cicatrizes, que não conseguia distinguir de longe.

– Ela vai destruir você – disse Mama K atrás dele. – Ela faz parte de um mundo diferente de qualquer um que você jamais vá conhecer.

– Eu sei – respondeu ele baixinho, mal olhando por cima do ombro.

Mama K havia entrado no salão com uma menina nova, do lado leste, jovem e bonita. Estava agora escovando os cabelos louros dela. O Clube de Fumantes Modaini era bem diferente da maioria dos bordéis da cidade. As cortesãs de lá eram treinadas tanto na arte da conversa e da música quanto nas artes da alcova. Não havia roupas escandalosas, nudez ou carícias nos

ambientes coletivos e nenhum plebeu podia entrar.

Mama K, é claro, já sabia das excursões de Kylar. Era impossível esconder qualquer coisa da cafetina. Ela havia batido boca com ele e ainda fazia os seus comentários quando estava por lá, mas depois de ver que Kylar não parava de aparecer, fizera-o jurar que entraria no clube de fumantes e ficaria olhando lá de dentro. Se precisava ser burro, melhor que fosse com segurança. Se saísse, mais cedo ou mais tarde acabaria esbarrando com a menina, falando com ela, levando-a para a cama e se apaixonando por ela, e morreria por ter desobedecido.

– Não seja tímida – disse Mama K para a garota nova. – Você em breve estará fazendo bem mais do que trocar de roupa com um homem no mesmo recinto.

Kylar não se virou ao escutar o barulho de roupas sendo despidas. Só faltava essa. Já estava deprimido.

– Sei que a primeira vez dá medo, Daydra – falou Mama K com delicadeza. – É um duro ofício. Não é mesmo, Kylar?

– É melhor que seja duro, mesmo. Se for mole não adianta muito.

Daydra deu uma risadinha, sem dúvida mais de nervoso do que por achar graça. Ele não se virou. Estava se fartando de olhar para Elene. O que seus límpidos olhos castanhos diriam se ela visse a menina atrás dele, se preparando para o primeiro cliente?

– No início, Daydra, você vai sentir culpa – disse Mama K. – Prepare-se para sentir isso. Ignore. Você não é uma vadia, não está mentindo. Você é uma profissional do entretenimento. Os homens não compram um bom vinho sethi porque estão com sede, mas porque ele os faz se sentirem bem, e comprá-lo os faz se sentirem bem consigo mesmos. Também é por isso que eles vêm aqui. Os homens sempre vão pagar pelos seus vícios, seja um vinho ou levantar uma saia...

– Ou assassinar alguém – completou Kylar, tocando a bolsinha cheia de moedas e a adaga em seu cinto.

Quase pôde sentir uma friagem no ar, mas Mama K o ignorou e seguiu falando:

– O segredo é decidir o que você não vai vender. Nunca venda seu coração. Algumas garotas não beijam. Algumas não se deixam bancar por um homem só. Outras não realizam determinados serviços. Eu fiz de tudo, mas guardei meu coração.

– Guardou? – repetiu Kylar. – Foi mesmo?

Ele se virou e seu coração subiu até a boca. Graças à arte de Mama K, Daydra agora estava idêntica a Elene. O mesmo porte, as mesmas gloriosas curvas, os mesmos cabelos dourados reluzentes, a mesma roupa simples de criada, igualzinha em tudo, com a diferença de que estava deste lado das barras, perto o suficiente para ele poder tocá-la. Daydra exibia um sorriso hesitante, como se não conseguisse acreditar em como Kylar estava falando com Mama K.

Mama K ficou uma fera. Atravessou o salão em um rompante e arrastou Kylar pela orelha, como se ele fosse um menininho travesso, levando-o para fora do salão até o patamar do primeiro andar. O lugar estava cheio de poltronas estofadas e tapetes caros, com um guarda-costas sentado em um canto e portas que conduziam a quatro quartos de cortesãs. Uma escada descia até uma sala íntima decorada com quadros sugestivos, mas não explícitos, e repleta de livros encadernados em couro. Mama K finalmente soltou sua orelha e fechou a porta atrás de si sem fazer barulho.

– Caramba, Kylar. Daydra já está apavorada. O que você está fazendo?

– Dizendo uma verdade amarga. – Ele deu de ombros. – Dizendo mentiras. Que diferença faz?

– Se eu quisesse a verdade, olharia para um espelho. O importante na vida não é a verdade, é fazer o melhor com o que se tem. O problema é aquela garota, não é? Aquela loucura. Você a salvou, Kylar. Agora esqueça-a. Ela lhe deve tudo.

– Ela me deve as cicatrizes que tem.

– Você é um bobo, mesmo. Já viu o que aconteceu com todas as outras meninas da sua guilda? Não faz nem dez anos que você saiu de lá e já são todas umas bêbadas fumadoras de erva, batedoras de carteira aleijadas, mendigas e putas baratas, mães aos 15 anos com filhos famintos. Ou isso, ou

não podem mais ter filhos porque abusaram do chá de tanaceto. Juro a você que Elene não é a única menina da sua guilda que carrega cicatrizes deixadas por algum pervertido. Mas é a única que tem esperança e um futuro. Quem deu isso a ela foi você, Kylar.

– Eu deveria ter...

– A única coisa que você poderia ter feito melhor era matar aquele menino antes... antes de ele ter feito qualquer coisa contra você. Se você fosse o tipo de garoto capaz de matar, não teria sido o tipo que ligaria para o que acontecesse com uma menininha qualquer. A verdade é que, mesmo que as cicatrizes de Elene sejam culpa sua, elas são um preço pequeno a pagar pela vida que você lhe deu.

Kylar virou as costas. O patamar da escada também tinha uma janela com vista para o mercado, de vidro simples, transparente, nem recortado nem colorido como o da sala das cortesãs. Ali também havia grades, embora fossem de ferro reto e sem enfeites, com as pontas tão afiadas quanto as facas de Durzo Blint. Elene havia chegado mais perto e ele agora podia ver as cicatrizes, mas quando ela sorria as cicatrizes pareciam sumir.

Quantas vezes as moças das Tocas sorriam assim? Kylar se pegou sorrindo também. Sentiu-se mais leve do que jamais se lembrava de ter se sentido. Virou-se e sorriu para Mama K.

– Não esperava mesmo que você me absolvesse.

Ela não sorriu de volta.

– Não se trata de absolvição, mas da realidade. E eu sou a pessoa perfeita para dá-la. Além do mais, você suporta a culpa tão mal quanto Durzo.

– Durzo? Durzo nunca sente culpa em relação a nada – discordou Kylar.

Um lampejo de repulsa atravessou a expressão de Mama K. Ela se virou para olhar Elene.

– Acabe com essa farsa, Kylar.

– Como assim? Do que você está falando?

– Durzo já explicou as regras: você pode trepar, mas nunca se apaixonar. Ele não percebe o que está acontecendo, mas eu, sim. Você acha que ama Elene, então nunca trepa. Por que não tira essa história da cabeça? – Sua voz

se fez suave: – Kylar, você pode ficar com aquela garota lá na sala. Por que não pega o que pode ter?

– Do que está falando?

– Entre lá e fique com Daydra. Ela vai lhe agradecer por isso. É por conta da casa. Se estiver preocupado por ser inexperiente, ela também é virgem.

“Também”? Nossa, será que Mama K precisava saber tudo?

– Não – disse Kylar. – Não, obrigado. Não estou interessado.

– Kylar, o que você está esperando? Algum tipo de gloriosa união de almas com aquela moça lá fora? É só sexo e é só isso que você vai ter. O acordo é esse, Kylar, e você sabia desde o princípio. Todos nós fazemos os nossos acordos. Eu fiz o meu, Durzo fez o dele e você fez o seu.

Mama K desistiu e fez um gesto para um de seus seguranças no andar de baixo deixar entrar um cliente.

Um homem mal-ajambrado de mãos peludas subiu chiando a escada. Embora suas roupas fossem caras, ele era gordo, feio e fedido, e seu largo sorriso exibia dentes pretos. Ele se deteve no patamar e passou a língua pelos lábios, com a boca entreaberta; um retrato da luxúria. Meneou a cabeça para Mama K, deu uma piscadela conspiratória para Kylar e entrou no quarto da cortesã virgem.

– Talvez tenham sido acordos ruins – comentou Kylar.

– Pouco importa. Não há como voltar atrás.



Feir Cousat bateu à porta do alto da grande pirâmide de Sho'cendi. Duas batidas, uma pausa, duas batidas, uma pausa, uma batida. Quando Dorian, Solon e ele eram alunos da escola de fogo dos magos, não mereciam quartos tão prestigiosos. Portanto, Dorian e ele não tinham ganhado aqueles aposentos por seus serviços históricos, mas para poderem ser vigiados.

Uma fresta da porta se abriu e o olho de Dorian surgiu do outro lado. Feir sempre achava aquilo engraçado, já que o amigo era um profeta. Podia prever a queda de um reino ou o vencedor de uma corrida de cavalos – truque lucrativo quando Feir conseguia convencê-lo a fazer isso –, mas era incapaz de saber quem estava em pé diante da sua porta. Segundo ele, profecias relacionadas a si mesmo provocavam um turbilhão que o conduzia a uma desagradável proximidade da loucura.

Dorian fez o amigo entrar e trancou a porta. Feir sentiu que passou por uma quantidade improvável de lacres. Examinou-os. Um lacre que rechaçava bisbilhoteiros ele já esperava. Já um que impedia os outros de entrarem era menos comum quando a própria pessoa estava presente. Mas o estranho mesmo era o que tinha sido posto para manter a magia dentro do aposento. Feir tocou os fios da trama e balançou a cabeça, espantado. Dorian era o tipo de mago que nascia uma vez a cada geração. Depois de estudar em Hoth'salar, a Escola de Curandeiros de Gandu, e de dominar tudo o que tinham a lhe ensinar antes de completar 16 anos, chegara à escola de fogo e dominara suas magias sem nem fingir qualquer interesse por

elas. Só ficara lá por causa da amizade com Feir e Solon. Embora Solon praticamente só tivesse talentos com fogo, era o mais forte dos três. Feir não sabia muito bem por que os dois se tornaram seus amigos. Talvez porque não se sentisse ameaçado pela sua excelência. Para ele, os dois obviamente eram o tipo de homem abençoado pelos deuses, logo, durante muito tempo, nem lhe ocorreu sentir inveja. Talvez o fato de ele ter nascido camponês tivesse ajudado. Decerto também contribuiu para isso o fato de que, sempre que encontrava dificuldades nos estudos e começava a invejá-los, um dos amigos sugerisse duelar com ele.

Apesar de parecer gordo, Feir sabia se mover e treinava diariamente com os mestres espadachins, cujo principal centro ficava a poucos minutos de Sho'cendi. Oferecer-se para duelar com ele era pedir para se machucar. Dorian podia curar os hematomas depois, mas mesmo assim doía.

Ele tinha posto dois alforjes quase cheios em cima da cama. Feir suspirou.

– A Assembleia o proibiu de ir embora, sabia? Eles não estão nem aí para Cenária. Sinceramente, se Solon não tivesse ido para lá, eu também não estaria. Nós poderíamos mandar um recado dizendo a ele para sair.

É claro que os líderes da escola não haviam formulado a questão dessa forma. Estavam mais preocupados em entregar o único profeta do continente de Midcyru, e talvez do mundo inteiro, nas mãos do Deus-rei.

– E você ainda nem sabe a melhor parte – disse Dorian, sorrindo como se os dois fossem crianças.

Feir sentiu o sangue se esvaír do rosto. Os lacres para manter a magia dentro do aposento de repente fizeram sentido.

– Você não está planejando roubá-la.

– Eu poderia argumentar que ela nos pertence. Fomos nós três quem a localizamos, pegamos e trouxemos de volta. Eles a roubaram de nós primeiro, Feir.

– Você concordou que ela ficaria mais segura aqui. Nós deixamos que eles a pegassem.

– E eu vou pegar de volta – replicou Dorian, dando de ombros.

- Quer dizer que é outra vez você contra o mundo inteiro.
- Sou eu *a favor* do mundo inteiro, Feir. Vem comigo?
- Ir com você? A loucura já o atingiu?

Quando o dom para a profecia de Dorian tinha se manifestado, a primeira coisa que ele tentou foi prever o próprio futuro. Descobriria que, não importava o que fizesse, um dia iria enlouquecer. Mexer com o próprio futuro só faria apressar a chegada desse dia.

- Você não disse que ainda tinha uma década ou algo assim?
- Agora não tenho mais tanto tempo – respondeu Dorian.

Deu de ombros como se aquilo não importasse, como se não lhe partisse o coração, do mesmo jeito que dera de ombros ao pedir a Solon para ir a Cenária, sabendo que isso custaria ao amigo o amor de Kaede.

– Antes de você responder, Feir, saiba o seguinte: se vier comigo, vai se arrepender muitas vezes e nunca mais vai percorrer os corredores de Shoçendi.

– Você sabe mesmo fazer um apelo convincente – comentou Feir, revirando os olhos.

– E vai também salvar a minha vida pelo menos duas vezes, ter uma fundição, ser conhecido mundo afora como o maior ferreiro de armas vivo, ter uma pequena participação na salvação do mundo e morrer satisfeito, ainda que não tão velho quanto esperava.

– Ah, bem melhor – retrucou Feir com sarcasmo, mas sentindo o estômago se revirar. Dorian raramente contava o que sabia, mas, quando o fazia, nunca mentia. – Que pequena participação na salvação do mundo?

– Feir, seu objetivo na vida não é a própria felicidade. Nós fazemos parte de uma história muito maior. Todo mundo faz. Se a sua participação não for cantada, isso por acaso a torna inútil? Nosso intuito nesta viagem não é salvar Solon. É falar com um menino. Vamos enfrentar muitos perigos para chegar lá. A morte é uma possibilidade muito real. E sabe do que esse menino precisa de nós? Quatro palavras. Quer saber quais são?

- Claro.
- “Pergunte a Mama K.”

– Só isso? O que isso quer dizer?

– Não faço a menor ideia.

Às vezes um vidente podia ser um pé no saco.

– Você está me pedindo demais – falou Feir.

Dorian aquiesceu.

– Se eu disser “sim”, vou me arrepender?

– Muitas vezes. Mas no final, não.

– Talvez fosse mais fácil se você me contasse menos.

– Eu bem que gostaria de não ter uma visão tão clara do que o espera depois de cada escolha possível neste caso, acredite – falou Dorian. – Se eu lhe contasse menos, você me odiaria por esconder coisas. Se lhe contasse mais, talvez não tivesse coragem para prosseguir.

– Já chega!

Pelos deuses, será que seria mesmo tão ruim assim?

Feir olhou para as próprias mãos. Ele teria uma fundição. Seria conhecido mundo afora pelo seu trabalho. Esse tinha sido um de seus primeiros sonhos. Talvez pudesse até se casar, ter filhos varões. Pensou em perguntar a Dorian, mas não se atreveu. Suspirou e esfregou as têmporas.

Dorian abriu um largo sorriso.

– Ótimo! Agora me ajude a entender como vamos tirar Curoch daqui.

Feir teve certeza de que tinha entendido errado. Então sentiu o rosto empalidecer. Havia lacres na porta para não deixar a magia *sair*.

– Quando você diz “daqui”, quer dizer “daqui da escola”. Como se eu ainda tivesse uma chance de convencê-lo a *não* tentar roubar o artefato mais bem-protegido de Midcyru. Certo?

Dorian ergueu a colcha da cama. Ali repousava uma espada envolta em uma bainha simples. Parecia inteiramente normal, a não ser pelo fato de a bainha ser de chumbo e cobrir a arma de uma ponta a outra, até mesmo o cabo, controlando a magia. Só que aquilo não era apenas uma espada mágica. Era *a* espada mágica. Aquela era Curoch, que pertencera ao Imperador Jorsin Alkestes. A Espada do Poder. A maioria dos magos não tinha força suficiente para usá-la. Se Feir (ou a maioria dos outros) tentasse,

ela mataria a pessoa em um segundo. Dorian tinha dito que nem Solon podia utilizá-la com segurança. Mesmo assim, depois da morte de Jorsin, diversos magos haviam tido oportunidade de brandi-la... e destruído mais de uma civilização.

– No começo achei que precisasse prever meu próprio futuro para pegá-la, mas em vez disso previ o dos guardas. Tudo correu às mil maravilhas, até um deles descer um corredor que devia ter só uma chance em mil de pegar. Precisei apagar o cara. A boa notícia é que ele vai recuperar a saúde graças a uma bela moça com quem mais tarde irá se casar.

– Quer dizer que, neste exato momento, tem um guarda inconsciente lá em cima, só esperando para ser encontrado? Enquanto estamos aqui de papo? Por que está fazendo isso, afinal?

– Porque ele precisa.

– Ele quem? Você roubou Curoch por causa do menino do “pergunte a Mama K”? – indagou Feir.

– Ah, bem, não, não diretamente. O menino que precisa segurar Curoch... que o mundo precisa que segure Curoch ainda nem nasceu. Mas essa é a nossa única chance de pegá-la.

– Pelos deuses, você está falando sério.

– Pare de fingir que isso muda alguma coisa. Você já se decidiu. Nós vamos para Cenária.

Um vidente podia ser um pé no saco *às vezes*? *Sempre*, isso sim.



— **O** que foi? – berrou mestre Blint.

– Eu não... – começou Kylar.

– De novo! – rugiu o mestre.

Kylar deteve a faca de treino com um bloqueio em X, pulsos cruzados à frente do corpo. Tentou segurar a mão de Durzo e girá-la, mas o derramador se esquivou de lado.

Os dois corriam pelo edifício de treino do mais novo esconderijo de Blint, saltando de paredes, imprensando um ao outro junto a vigas, tentando usar cada aresta do piso um contra o outro. Mas a disputa estava equilibrada.

Nos nove anos desde que havia começado a aprender com Blint, Kylar tinha crescido e ficado mais forte. Devia ter uns 20 anos agora. Ainda não era tão alto quanto o mestre, mas tinha um corpo esbelto e rijo, e os olhos de ambos eram do mesmo azul-claro. Enquanto transpirava e lutava, todos os músculos de seus braços, peito e barriga se destacavam e se moviam para cumprir exatamente a tarefa que deviam, mas ele não conseguia se forçar a entrar na briga de verdade.

Durzo Blint percebeu isso, o que o deixou furioso. Com longos e eloquentes improperios, o mestre fez desfavoráveis comparações daquela atitude com a de uma prostituta chocha, do rosto de Kylar com partes específicas do corpo com doenças venéreas, e de sua inteligência com a de variadas espécies de animais de fazenda. Quando ele tornou a atacar, Kylar

pôde vê-lo aumentar mentalmente o nível do combate.

Uma das muitas coisas perigosas em mestre Blint era que, mesmo furioso, nunca deixava isso transparecer na forma de lutar. Só permitia à própria ira se expressar quando o adversário estivesse caído no chão, em geral sangrando.

Ele fez Kylar se mover lentamente pelo recinto vazio, com o punho cerrado ou então estendido e segurando a faca de treino que reluzia em arcos e estocadas curtas. Por uma fração de segundo, prolongou demais um dos golpes e o aprendiz conseguiu dar a volta e acertar seu punho.

Mas mestre Blint não largou a faca e, quando a puxou para trás, o fio cego acertou o polegar de Kylar.

– Essa impaciência lhe custou um polegar, garoto.

Arfando, Kylar parou, mas não tirou os olhos de Durzo. Os dois já tinham treinado com todo tipo de espada, com facas de comprimentos variados. Às vezes lutavam com a mesma arma; em outras, usavam cada um a sua: Blint escolhia uma espada longa de fio duplo e o aprendiz, uma espada de Gandu, ou então o rapaz utilizava um estilete e seu mestre, uma gurka.

– Qualquer outro teria perdido a faca – retrucou Kylar.

– Você não está lutando com qualquer outro.

– Eu não o enfrentaria se você estivesse armado e eu, não.

Mestre Blint puxou a faca de volta e a lançou, fazendo-a passar raspando pela orelha de Kylar. O rapaz não se abalou. Não porque às vezes não se perguntasse se Durzo iria matá-lo, mas porque sabia que não poderia impedi-lo.

Quando Blint tornou a atacar, foi em velocidade total. Um chute deparou com outro chute de bloqueio, socos foram desviados, golpes, absorvidos nos braços, pernas e quadril. Não houve truques nem qualquer exibicionismo. Apenas velocidade.

Em meio à confusão de membros velozes, como de hábito, Kylar percebeu que mestre Blint iria vencer. Ele era melhor, simples assim. Em geral mais ou menos nessa hora Kylar fazia alguma tentativa desesperada.

Durzo já estaria esperando.

O rapaz desferiu uma tempestade de golpes rápidos e leves como uma brisa de montanha. Nenhum deles sozinho conseguiria ferir mestre Blint mesmo que acertasse o alvo, mas qualquer um poderia fazê-lo errar o golpe seguinte. Kylar continuou lutando cada vez mais depressa e todos os seus movimentos foram desviados ou acertaram partes do corpo contraídas para o impacto.

Um golpe baixo com os dedos esticados conseguiu acertar a barriga de mestre Blint. Quando este se curvou, por reflexo, Kylar fez como quem ia desferir um golpe em cheio no seu queixo... e então parou. Blint moveu o braço depressa o suficiente para ter aparado o golpe, mas, quando este não veio de onde ele esperava, prolongou demais o bloqueio e não conseguiu recolher a mão antes de Kylar desferir o punho ainda recuado bem no seu nariz.

Só que o golpe não o acertou. Foi desviado por uma força que Kylar não viu, como a mão invisível de alguém. Ele cambaleou e tentou se recuperar e bloquear o chute de Durzo, mas este explodiu por suas mãos com uma potência sobre-humana. Kylar bateu com tanta força na viga atrás de si que chegou a ouvi-la rachar. Então desabou no chão.

– Sua vez – disse Blint. – Se não conseguir me tocar, tenho uma punição especial para você.

“Punição especial”? Que beleza.

Curvado no chão, com os dois braços latejando, Kylar não respondeu. Levantou-se mas, quando se virou, Logan havia assumido o lugar do mestre. Só que o sorriso zombeteiro no rosto do amigo era puro Durzo Blint. Aquilo era uma ilusão com mais de 2 metros de altura, perfeitamente sincronizada com cada movimento de Blint. Kylar chutou com violência o joelho do adversário, mas seu pé atravessou o corpo à sua frente, estilhaçando a ilusão sem tocar em nada. O mestre estava em pé, meio metro atrás. Quando o garoto cambaleou, ergueu uma das mãos. Com um ruído de ar se deslocando, um punho fantasma irrompeu e derrubou Kylar no chão.

O rapaz se levantou com um pulo a tempo de ver Blint saltar. O pé-direito tinha 4 metros, mas as costas do mestre encostaram no teto e lá grudaram. Ele começou a rastejar, então desapareceu enquanto sombras se contorciam por cima dele e se misturavam à escuridão mais densa do telhado. No início, Kylar pôde ouvir Blint se mover até um ponto acima dele, mas então o som foi abruptamente interrompido. O Talento estava abafando até mesmo o arrastar de suas roupas na madeira.

Sem parar de se mover, Kylar vasculhou o teto em busca de qualquer sombra fora do lugar.

– Scarred Wrrable consegue desviar até a própria voz, ou qualquer outro som – disse Blint do canto mais afastado do teto. – Me pergunto se você conseguiria.

Kylar viu, ou pensou ter visto, a sombra se mover na sua direção. Atirou uma faca nela, que se fincou na madeira. Mais uma ilusão. Virou-se devagar, tentando ouvir o mais leve barulho fora de lugar, apesar do coração que batia com força.

Um leve roçar de tecido no chão atrás dele o fez girar e desferir um golpe. Mas não havia nada ali exceto a túnica de Blint embolada no chão. Uma batida avisou Kylar quando o próprio Durzo aterrissou atrás dele. O rapaz tornou a girar, mas algo segurou sua mão esquerda, depois a direita.

Mestre Blint estava em pé, sem camisa, com uma expressão morta nos olhos e as verdadeiras mãos caídas junto ao corpo. Os punhos de Kylar estavam seguros no ar por magia. Lentamente, seus braços foram afastados até ficarem bem abertos, depois mais ainda. Ele ficou calado pelo máximo de tempo que conseguiu, em seguida gritou ao sentir as articulações prestes a se deslocar.

A magia se desfez e Kylar desmoronou, derrotado.

Durzo balançou a cabeça, decepcionado... e Kylar atacou. Seu chute diminuiu de velocidade ao se aproximar do joelho do mestre, como se estivesse afundando em uma mola, depois ricocheteou para trás, fazendo-o girar com força e arremessando-o desconjuntado no chão.

– Viu o que acabou de acontecer? – indagou Durzo.

- Você me deu outra surra.
- Antes disso.
- Eu quase acertei você.
- Você me enganou e teria me derrotado, mas eu usei meu Talento e, mesmo assim, você se recusou a usar o seu. Por quê?

Porque eu tenho uma falha. Desde o encontro com Drissa Nile, quatro anos antes, Kylar havia cogitado cem vezes contar a Durzo Blint o que ela havia lhe contado: que ele não tinha canal condutor e que isso era irremediável. As regras sempre tinham sido claras: ou Kylar virava um derramador ou morria. E como o mestre havia acabado de provar mais uma vez, ele não podia ser um derramador sem o Talento. Dizer a verdade a Blint sempre lhe parecera um caminho rápido para a morte. Kylar tentara de tudo para fazer seu Talento funcionar ou descobrir algo que pudesse ajudar, mas não achara nada.

Blint inspirou fundo. Quando tornou a falar, sua voz saiu calma:

– Chegou a hora de algumas verdades, Kylar. Você luta bem. Ainda é deficiente com lanças, porretes, balestras e... – Ele ia começar a dar um sermão, mas se emendou: – Independentemente disso, é tão bom em combate corpo a corpo e com aquelas espadas ceuranas de um palmo e meio quanto qualquer outro lutador que eu já tenha visto. Você hoje teria me vencido. Não vai vencer da próxima vez, mas vai começar a vencer. Seu corpo sabe o que fazer e sua mente também já entendeu quase tudo. Daqui a poucos anos, seu corpo vai ficar um pouco mais rápido, um pouco mais forte, e sua inteligência vai aumentar cinquenta por cento. Mas o seu treinamento com armas acabou, Kylar. O resto é prática.

– E...

– Venha comigo. Tenho algo que talvez o ajude.

Kylar seguiu Blint até o escritório dele. Era menor do que o que Azoth tinha visto pela primeira vez no antigo esconderijo do mestre, mas pelo menos havia portas entre os currais dos animais e a área de trabalho. O cheiro era bem melhor. Os livros que ocupavam as prateleiras pareciam velhos amigos. Blint e ele tinham anotado dezenas de receitas neles. Nos

últimos nove anos, Kylar havia aprendido a admirar a maestria de Durzo com venenos.

Todo derramador usava venenos, claro. Cicuta, leiteirinha, raiz de mandrágora e ariamu cresciam na região e eram relativamente letais. Mas Blint conhecia centenas. Em seus livros, havia páginas inteiras com anotações rabiscadas na caligrafia compacta e oblíqua do mestre: “Tolo. Isso dilui o veneno.” Outros verbetes estavam corrigidos, de quanto tempo o veneno levava para agir até quais eram os melhores métodos de administração, ou como manter as plantas vivas em climas estrangeiros.

Mestre Blint pegou uma caixa.

– Sente-se.

Kylar sentou-se diante da mesa alta, apoiou um dos cotovelos no tampo de madeira e segurou o próprio queixo. Blint abriu a caixa na sua frente.

Uma serpente branca rastejou para cima da mesa com um baque. Kylar mal teve tempo de registrar do que se tratava antes de o bicho dar um bote na sua cara. Viu a boca aberta, imensa, com as presas a cintilar. Recuou, mas devagar demais.

Então a cobra sumiu e Kylar caiu para trás. Aterrissou de costas no chão, mas em um segundo se pôs em pé. Blint estava segurando o animal pela parte de trás da cabeça. Tinha interceptado-o no ar em pleno bote.

– Sabe o que é isto, Kylar?

– Uma víbora-branca.

Uma das cobras mais venenosas do mundo. Pequenas, raramente ultrapassavam o comprimento do antebraço de um homem, mas quem era picado morria em segundos.

– Não, é o preço do fracasso. Você luta tão bem quanto qualquer homem sem Talento que eu já vi, Kylar. Mas não é um derramador. Já domina os venenos; já conhece as técnicas de matar. Sua velocidade de reação é inigualável; seus instintos, afiados. Você se esconde bem, se disfarça bem, luta bem. Mas fazer tudo isso *bem* é uma grande merda, não vale nada. Um *assassino* faz tudo isso bem. É por isso que assassinos têm alvos. Derramadores têm vítimas. Por que os chamamos de vítimas? Porque,

quando aceitamos um serviço, o resto de suas curtas vidas é mera formalidade. Você tem o Talento, Kylar, só não o está usando. Não quer usá-lo. Já viu um pouco do que tenho para ensinar, mas não posso ensiná-lo a menos que comece a usar o seu Talento.

– Eu sei. Eu sei – disse Kylar, recusando-se a encarar o mestre.

– A verdade, Kylar, é que eu não precisava de um aprendiz quando você apareceu. Nunca precisei. Mas ouvi um boato de que havia um artefato antigo escondido em Cenária: o ka’kari prateado. Dizem que foi fabricado por Ezra, o Louco, em pessoa. É uma pequena bola prateada, mas, quando dotada de magia o torna impenetrável a qualquer arma branca e prolonga indefinidamente a sua vida. Você continua podendo ser morto de qualquer maneira que não envolva metal, mas, Kylar, a imortalidade! Aí você apareceu. Sabe o que você é? Aquela maga Drissa Nile contou?

Durzo sabia sobre Drissa Nile?

– Ela me disse que eu tinha uma falha.

– Os ka’kari foram feitos para pessoas com “falhas” como você. Dizem que existe uma atração entre as pessoas dotadas de grande Talento, mas que não têm canal condutor, e os ka’kari. Sua tarefa era atraí-lo, Kylar. Você não sabe torná-lo mágico, então iria atraí-lo, entregá-lo a mim e eu viraria imortal.

– E eu continuaria com a minha falha – disse Kylar, amargurado.

– Quando eu pegasse o ka’kari, poderíamos mandar Drissa examiná-lo. Ela é uma ótima curandeira. Mesmo que levasse alguns anos, teria funcionado. Só que o nosso tempo está se esgotando. Sabe por que eu não o deixo ser um *assassino* e pronto?

Durzo exibiu um sorriso de ironia. Kylar havia feito a mesma pergunta a si mesmo umas cem vezes, claro, mas sempre pensara que fosse porque o orgulho de Blint não lhe permitia ter um aprendiz fracassado.

– Nosso Talento nos permite fazer um juramento de serviço ao Shinga que cria um vínculo mágico. Mantém-no seguro e nos protege de qualquer suspeita. É uma motivação meio fraca e, para rompê-la, derramadores teriam que se subordinar a um mago ou a um meister. Bem, todos os magos

desta cidade trabalham para o Sa'kagé e só um idiota se subordinaria a um meister. Você virou um assassino muito hábil, Kylar, e isso está deixando o Shinga nervoso. Ele não gosta de ficar nervoso.

– Por quê? Por que eu faria qualquer coisa contra o Shinga? Seria como assinar a garantia da minha própria morte.

– A questão não é essa. Shingas que não são paranoicos não têm vida longa.

– Como é que você nunca me contou isso? – Kylar quis saber. – Todas as vezes que me bateu por não usar meu Talento... é como bater em um cego porque ele não sabe ler!

– Seu desespero para usar o Talento é o que atrai o ka'kari. Eu estava ajudando você. E vou ajudar mais um pouco. – Ele indicou a cobra que estava segurando. – Isto aqui é motivação. É também o veneno mais clemente que eu conheço.

Mestre Blint cravou os olhos nos de Kylar.

– Atrair esse ka'kari sempre foi seu último teste, garoto. Faça isso ou...

O ar em volta esfriou. Pronto, era isso: o último aviso de Kylar.

Mestre Blint guardou a cobra, recolheu algumas de suas armas, pegou a bolsa que já tinha preparado e tirou Retribuição dos pregos que a prendiam na parede. Verificou a grande lâmina preta da espada e tornou a enfiá-la na bainha.

– Vou passar um tempo fora – falou.

– Eu não vou junto?

– Você iria me atrapalhar.

Atrapalhar? O tom casual com que Blint disse isso o magoou quase tanto quanto o fato de ser verdade.



– Não estou gostando disso – comentou Solon.

Regnus Gyre olhava na direção dos ventos que sopravam seus cabelos grisalhos. Os Gêmeos estavam silenciosos, de modo que o único barulho era o do vento a correr por cima da muralha. Solon o escutou como se ele tentasse dizer alguma coisa.

– Depois de dez anos, um chamado – falou. – Por que o rei faria uma coisa dessas na véspera da maioridade do seu filho?

– Por que reunir todos os seus inimigos em um lugar só? – indagou Regnus, elevando a voz apenas o suficiente para se fazer ouvir acima do vento.

Embora a primavera estivesse adiantada, ainda fazia frio. Os Ventos Uivantes nunca eram um lugar quente. O vento norte penetrava a lã e zombava das barbas e dos cabelos longos que os homens deixavam crescer para conservar alguma ínfima parcela de calor.

– Para esmagá-los – respondeu Solon.

– Melhor esmagá-los antes de eles poderem se reunir. O rei sabe que farei o que estiver ao meu alcance para estar em casa para a maioridade do meu filho. Isso significa viajar depressa. Significa uma escolta pequena.

– Que esperteza dele não ordenar uma pequena escolta. Não o teria julgado capaz de tamanha sutileza.

– Ele teve dez anos para pensar nisso, amigo, além da ajuda daquela fuinha.

A fuinha do rei era Fergund Sáfasti, um mago que não era exatamente o maior moralista de Shoçendi. Conhecia Solon de vista e não hesitaria em dizer ao mundo que ele era um mago caso achasse que isso fosse lhe causar problemas. Fergund era o motivo pelo qual Solon vinha passando o ano inteiro com Regnus, enquanto Logan assumia cada vez mais responsabilidades na corte.

Estava começando a pensar que aquilo tinha sido um grave erro.

– Acha que eles vão nos atacar no caminho, então? – indagou Solon.

Regnus aquiesceu para o vento.

– Suponho que nem adiante eu tentar convencê-lo a não ir.

Regnus sorriu e Solon não pôde evitar amá-lo por isso. Ainda que tivesse diminuído o poder da sua casa e destruído qualquer ambição que pudesse ter em relação ao trono, assumir o comando dos Ventos Uivantes lhe instilava vida.

Havia fogo em Regnus Gyre, algo feroz e altivo, como um rei guerreiro de tempos passados. Sua autoridade no comando era clara e o poder da sua presença o tornava pai, rei e irmão de seus homens. Na luta simples contra o mal, ele se sobressaía, chegava a se deleitar.

Os nativos das altas montanhas de Khalidor, alguns dos quais jamais haviam dobrado o joelho para quem quer que fosse, eram guerreiros: viviam para a guerra, consideravam morrer na cama uma desgraça, e acreditavam que a única imortalidade era aquela obtida por meio das proezas em combate cantadas por seus menestréis. Eles chamavam Regnus de *Rurstahk Slaagen*, o Demônio das Muralhas, e na última década os mais jovens do povo haviam se jogado contra as muralhas, tentado escalá-las, esgueirar-se por elas, usar o suborno para transpô-las, escalado os Gêmeos e tentado descer por trás sobre os Ventos Uivantes. Todas as vezes Regnus os derrotara. Com frequência fazia isso sem perder um homem sequer.

Os Ventos Uivantes eram compostos por três muralhas situadas nos três pontos mais estreitos do único desfiladeiro entre Cenária e Khalidor. Entre as muralhas ficavam campos de batalha densamente ocupados pelos engenheiros de Regnus com estrepes, valas, armadilhas e obstáculos feitos

com as pedras das montanhas em volta. Em duas ocasiões, clãs tinham conseguido passar pela primeira muralha. As armadilhas tinham ceifado tamanha colheita de morte que ninguém sobrevivera para contar o que havia depois dela.

– Talvez o chamado seja legítimo – comentou Solon. – Logan diz ter ficado muito amigo do príncipe. Talvez isso seja uma demonstração da influência do príncipe.

– Não tenho o príncipe em alta conta.

– Mas ele tem Logan em altíssima conta. Podemos torcer para o príncipe ter puxado à mãe. Talvez isso até seja obra dela.

Regnus não disse nada. Não conseguia pronunciar o nome de Nalia, nem mesmo agora.

– Torcer pelo melhor, preparar-se para o pior? – sugeriu Solon. – Dez de nossos melhores homens, cavalos sobressalentes para todos nós, e descer pela estrada do litoral em vez de usar a principal?

– Não. Se eles planejaram uma emboscada, terão montado duas. O melhor é obrigá-los a mostrar o jogo em terreno aberto.

– Sim, comandante.

Solon só gostaria de saber quem eram os outros jogadores.

– Você ainda escreve cartas para aquela mulher, Kaede?

Solon aquiesceu, mas seu corpo se retesou. Sentiu o peito oco. É claro que o comandante sabia. Uma carta por semana e jamais recebera uma resposta.

– Bem, se não receber uma carta depois dessa, pelo menos vai saber que não é porque você é chato.

Regnus deu um tapa em seu ombro.

Solon não pôde reprimir um sorriso triste. Não sabia como Regnus conseguia aquilo, mas por algum motivo, ao seu lado, era tão fácil encarar uma desilusão amorosa quanto a morte.

Mama K estava sentada numa varanda que não deveria estar situada ali. Contrariando qualquer tradição e sanidade, a opulenta propriedade de Roth Grimson fora construída bem no meio das Tocas.

Ela não gostava de Roth. Nunca gostara. Mas poucas pessoas que conhecia em seu ofício despertavam seu apreço. A verdade era que precisava lidar com ele porque não podia se dar ao luxo de ignorá-lo. Era uma das estrelas em ascensão do Sa'kagé. Não apenas era inteligente, como tudo o que tocava parecia virar ouro. Após a guerra das guildas, havia se destacado como o líder dos Espancadores Vermelhos e, em pouco tempo, passara a dominar metade das Tocas.

Naturalmente, o Sa'kagé estava envolvido nisso: começara mandando Durzo Blint assassinar Corbin Fishill, mas levava anos para resolver de fato as coisas. É claro que houvera curiosidade entre os Nove para saber como Roth conseguira administrar tão bem sua guilda a ponto de fazê-la conquistar tantos territórios. E ele obviamente não havia apreciado as perguntas de Mama K, embora as tivesse acatado. Bastaria uma palavra sua para ele jamais ser um dos Nove. Bastaria outra para estar morto. Era inteligente o bastante para saber disso.

Roth tinha quase 30 anos. Era um rapaz alto, imponente, com o porte de um príncipe entre cães: olhos azuis bem próximos um do outro, cabelos escuros, uma queda por roupas de boa qualidade. Nesse dia, usava uma túnica cinza decorada com o trabalho de crochê plangano que estava começando a entrar na moda, uma calça combinando, e botas de cano alto com detalhes em prata. Tinha os cabelos levemente besuntados de óleo, e uma mecha anelada às vezes caía na frente de seus olhos.

– Se algum dia se cansar de trabalhar para o seu mestre das moedas, você faria sucesso em um dos meus bordéis. Os homens o adorariam.

Ela atirou a isca só para ver como ele iria reagir. Roth riu.

– Vou me lembrar disso.

Com um aceno, indicou aos criados para trazerem o desjejum. Sua mesinha enfeitava o canto da varanda e eles estavam sentados frente a frente. Pelo visto, Roth queria que Mama K admirasse sua propriedade.

Decerto torcia para ela lhe perguntar o que o fizera construir a casa ali.

Mama K não queria dar essa satisfação para ele. Além do mais, já analisara o lugar e sabia os motivos. Dali Roth tinha acesso ao rio, o que lhe permitia praticar algum contrabando, embora o cais fosse pequeno demais para permitir uma rentabilidade muito alta ou chamar a atenção do rei. Também conseguira comprar o terreno por uma pechincha, embora tivesse precisado contratar tantos espancadores durante a obra que acabara perdendo o valor poupado. Quando os pobres haviam sido desalojados, tanto os honestos quanto os ladrões não hesitaram em roubar o que pudessem do tolo prestes a construir uma mansão no seu lado do rio. Os espancadores deviam ter batido em centenas de pessoas. Mama K sabia que tinham matado pelo menos uma dúzia. Ser encontrado no terreno de Grimson sem permissão era morte certa.

Os muros eram altos, cobertos por cacos de vidro e pontas de metal que pareciam sombras eretas à luz da aurora, e vigiados por espancadores, homens eficientes e que gostavam do que faziam. Nenhum dos moradores da região tentava mais invadir a propriedade. Os amadores ou já haviam tentado e pagado o preço ou conheciam outros com quem isso havia acontecido. Os profissionais sabiam que poderiam encontrar alvos mais fáceis atravessando a ponte Vanden.

Os jardins de Roth eram lindos, ainda que dominados por flores e plantas rasteiras para não atrapalhar os ângulos de tiro dos arqueiros. Os borrões rubros, verdes, amarelos e alaranjados criavam um forte contraste com os cinzas e marrons encardidos das Tocas.

Os criados trouxeram o primeiro prato: laranjas-sanguíneas cortadas ao meio com uma crosta de açúcar caramelizado. Roth abriu a conversa com um comentário sobre o tempo. Não foi uma escolha particularmente inspirada, mas Mama K não esperava muito dele.

Enquanto os criados traziam um prato de molejas, ele começou a discorrer sobre seu jardim. Tinha a propensão irritante dos ricos novos de revelar o quanto as coisas tinham custado. Se fosse mesmo tudo aquilo que achava ser, saberia que ela era capaz de dizer exatamente quanto ele gastava

com aquela propriedade só pela qualidade do serviço e pela refeição. Quando será que iria entrar no assunto?

– Quer dizer que vai abrir uma vaga nos Nove – disse Roth.

Foi uma abordagem abrupta. Ele deveria ter contado uma anedota divertida sobre seu trabalho e a usado para chegar até lá. Mama K estava começando a ficar desconfiada.

– Sim – respondeu ela.

Deixou a resposta em suspenso. Não iria facilitar as coisas para ele. O sol acabara de surgir acima do horizonte e o céu havia adquirido um tom espetacular de laranja. Seria um dia escaldante; mesmo àquela hora, ela mal precisava de um xale em volta dos ombros.

– Faz seis anos que estou trabalhando com Phineas Seratsin. Conheço o trabalho melhor do que ninguém.

– Você trabalha *para* o Trematir, não com ele.

Os olhos de Roth faiscaram, mas ele não disse nada. Ah, um temperamento perigoso. Mestre Grimson não gostava de ser corrigido.

– Acho que os seus espões devem ser inteligentes o bastante para verem a quantidade de trabalho que eu realizo em comparação com aquele velho.

Ela arqueou uma das sobrancelhas.

– Espões?

– Todo mundo sabe que vocês tem espões por toda parte.

– Bom, se todo mundo sabe... então deve ser verdade.

– Ah, entendi – falou Roth. – Essa é uma daquelas coisas que todo mundo sabe, mas que não devo mencionar porque é falta de educação.

– Há pessoas nesta organização com quem é perigoso ser mal-educado, rapaz. Se estiver pedindo o meu voto, seria melhor me ter como amiga.

Ele fez um gesto para os criados, que recolheram seus pratos e os substituíram por cortes de carne temperada e uma preparação de ovo levemente grelhado com queijo.

– Não estou pedindo o seu voto – retrucou baixinho.

Mama K terminou de comer os ovos e passou para a carne de panela. Estava uma delícia. Roth devia ter mandado vir um cozinheiro de Gandu.

Enquanto comia, ficou admirando o céu cada vez mais claro e o sol que subia aos poucos por cima do grande portão de ferro da propriedade Grimson. Se ele retirasse aquele comentário, ela o deixaria viver.

– Não sei como você tem tanta influência sobre os Nove, mas sei que preciso do seu voto e vou tê-lo – disse Roth. – Ou terei seu voto ou terei sua sobrinha.

A carne, segundos antes tão deliciosamente apimentada, parecendo derreter na boca de Mama K, de repente adquiriu o mesmo sabor de um punhado de areia.

– Bela menina, não é? Trancinhas encantadoras. Pena a mãe dela ter morrido, mas que maravilha ela ter uma tia rica que lhe arrumou um lugar para morar. Ainda por cima no castelo! Mesmo assim, uma velha puta rica deveria ter conseguido alguém melhor para educar a sobrinha do que uma criada.

Mama K ficou petrificada. *Como ele tinha descoberto?*

Os livros-caixa. Apesar de serem todos codificados, Phineas Serastin era o mestre das moedas do Sa'kagé e tinha acesso a mais registros financeiros do que qualquer outra pessoa do reino. Roth devia tê-los rastreado e descoberto pagamentos feitos a uma criada do castelo. A mulher se assustava fácil. Uma ameaça de Roth bastaria para ter confessado.

O rapaz se levantou; seu prato já estava vazio.

– Não, sente-se. Termine de tomar seu café.

Mama K obedeceu mecanicamente e usou esse tempo para pensar. Será que conseguiria tirar a moça do castelo? Poderia usar Durzo para isso, mas ele não era o único derramador que ela conhecia.

– Eu sou um homem cruel, Gwinvere. Tirar uma vida é... – Roth estremeceu, como quem recorda um êxtase. – Delicioso. Melhor do que qualquer um dos prazeres que você vende. Mas sei controlar meus apetites. E é isso que nos torna humanos e não escravos, não é mesmo?

Ele estava calçando uma grossa luva de couro. Enquanto falava, o portão levadiço de sua propriedade subiu. Do lado de fora, Mama K viu dezenas de camponeses reunidos em andrajos. Ficou claro que aquilo era um ritual

diário.

Lá embaixo, os criados carregavam uma mesa lotada de comida até o jardim. Puseram-na no chão e tornaram a voltar para dentro da casa.

– Esses miseráveis são escravos dos próprios apetites. Escravos, não homens.

Os camponeses famintos da frente foram empurrados para dentro pelos que estavam mais atrás. Olharam para a porta levadiça cheia de pontas acima deles, em seguida para Roth e Mama K. Mas os seus olhos estavam sobretudo cravados na comida. Pareciam animais ensandecidos de fome.

Uma moça foi a primeira a tentar. Avançou correndo. Bastou ela dar alguns passos para outros a seguirem. Eram velhos, moços, mulheres, crianças; o único traço que pareciam ter em comum era o desespero.

Mas Mama K não conseguia ver o motivo de tamanho frenesi. Eles chegaram à comida e começaram a atacá-la, abarrotando os bolsos de linguiças, enchendo a boca de iguarias tão elaboradas que decerto passariam mal depois.

Um dos criados entregou a Roth uma besta já armada e carregada.

– O que está fazendo? – indagou Mama K.

Os camponeses o viram e se dispersaram.

– Eu mato segundo um padrão muito simples – disse Roth, erguendo a arma.

Pressionou o gatilho e um rapaz desabou com uma flecha cravada na coluna.

Roth apontou a besta para baixo, mas em vez de acionar o mecanismo que fazia recuar a corda, segurou-a com a mão enluvada e a puxou manualmente. Por uma fração de segundo, marcas pretas parecidas com tatuagens pareceram se erguer da superfície de sua pele e se contorcer, demonstrando seu poder. Não. Impossível.

Ele atirou outra vez e a jovem que fora a primeira a correr em direção à mesa desabou no chão de modo nada gracioso.

– Todos os dias eu alimento meu pequeno rebanho. Na primeira semana do mês, mato no primeiro dia. Na segunda, no segundo dia. – Ele parou de

falar enquanto tornava a mirar a besta. Disparou e outra mulher desabou com uma flecha cravada na cabeça. – E assim por diante. Mas nunca mais de quatro pessoas.

Agora a maioria dos camponeses já tinha ido embora, com exceção de um velho que avançava lentamente em direção ao portão para o qual ainda faltavam 30 passos. A flecha o acertou no joelho. Ele gritou, caiu e começou a rastejar.

– Os escravos nunca entendem as regras. Quem manda neles é a barriga, não o cérebro. – Roth esperou o velho chegar ao portão, errou uma flecha, em seguida tentou outra vez e o matou. – Está vendo aquele ali?

Mama K viu um camponês entrar pela porta levadiça. Todos os outros tinham se dispersado.

– É o meu preferido – continuou Roth. – Ele entendeu o padrão.

O homem entrou sem medo, meneou a cabeça para Roth, foi até a mesa e começou a comer sem pressa.

– Poderia contar aos outros e salvar algumas vidas, claro. Mas nesse caso eu poderia mudar o padrão e ele perderia a vantagem. Esse homem é um sobrevivente, Gwinvere. Sobreviventes estão dispostos a fazer sacrifícios. – Roth entregou a besta e a luva a um criado e a encarou. – Então a pergunta é: você é uma sobrevivente?

– Já sobrevivi a mais coisas do que você jamais saberá. Você tem meu voto.

Ela o mataria depois. Não podia demonstrar fraqueza agora. Pouco importava o que estava sentindo. Ele era um animal e farejaria o seu medo.

– Ah, eu quero mais do que um voto. Eu quero Durzo Blint. Quero o ka'kari prateado. Eu quero... muito mais. E vou conseguir, com a sua ajuda. – Ele sorriu. – Gostou da torta de camponês?

Ela balançou a cabeça, perturbada, e encarou o prato vazio com um olhar inexpressivo. Então gelou. No jardim, os criados recolhiam os corpos e os traziam para dentro.

– Você quis dizer “torta camponesa”, certo? – indagou.

Roth apenas sorriu.



— Bem, você está parecendo a extremidade sul de um cavalo que se dirige para o norte – comentou Logan ao interceptar Kylar no meio do pátio de Drake.

– Obrigado – disse Kylar. Tentou passar pelo amigo, mas ele não se moveu. – O que você quer, Logan?

– Como assim?

Como se um retrato da inocência pudesse ser tão alto... Para começar, era inteligente demais para qualquer um acreditar quando se fingia de bobo. Além disso, bonito demais. Se havia algum modelo de masculinidade perfeita no reino, tratava-se de Logan. Parecia que a estátua de um herói tinha ganhado vida. Seis meses por ano passados com o pai haviam preenchido com músculos a estrutura de ossos graúdos e lhe conferido uma dureza que deixava embevecidas mais do que apenas as moças de Cenária. Para completar o conjunto, dentição e cabelos perfeitos e, é claro, uma quantidade ridícula de dinheiro que seria sua ao completar 21 anos, dali a três dias. Ele atraía quase tanta atenção quanto o amigo, príncipe Aleine, e mais ainda de moças que não estavam interessadas em serem levadas para a cama e largadas no dia seguinte. O que o salvava era não fazer a menor ideia da própria beleza nem do quanto as pessoas o admiravam e invejavam. Por isso, Kylar o havia apelidado de Ogro.

– Logan, a menos que você estivesse simplesmente em pé aqui no pátio, saiu de casa quando me viu entrar pelo portão, ou seja, estava me esperando.

Agora está parado em vez de caminhar comigo, o que significa que não quer que ninguém escute o que está prestes a dizer. Serah *não está* no seu lugar habitual, dois passos atrás de você, ou seja, está com sua mãe comprando vestidos ou algo assim.

– Bordados – admitiu Logan.

– Então o que foi? – indagou Kylar.

Logan passou o peso de uma perna para a outra.

– Detesto quando você faz isso. Poderia ter me deixado falar. Ei, aonde pensa que vai?

Kylar continuou andando.

– Desembuche.

– Está bem. Eu só pensei que uma hora dessas nós poderíamos nos digladiar – disse Logan.

Digladiar. E as pessoas achavam que alguém tão grande devia ser obrigatoriamente burro.

– Você me daria uma surra – retrucou Kylar, disfarçando a mentira com um sorriso.

Se lutassem, Logan faria perguntas. Ficaria cismado. Era improvável, mas talvez até percebesse que, na verdade, não fazia nove anos desde o seu último combate.

– Você não acha que eu iria ganhar, acha? – perguntou Logan.

Desde que fora humilhado na justa do rei, passara a levar o treinamento a sério. Treinava muitas horas por dia com os melhores mestres espadachins do Sa'kagé na cidade.

– Todas as vezes que nós lutamos você me massacrou. Eu estou...

– Todas? Foi uma vez só! E já faz dez anos!

– Nove.

– Pouco importa – disse Logan.

– Se você me acertasse com uma dessas bigornas que chama de punhos, eu nunca mais me levantaria

Isso era bem verdade.

– Eu tomaria cuidado.

– Não sou páreo para um ogro.

Havia algo errado. Logan o convidava para duelar mais ou menos uma vez por ano, mas nunca com tamanha ênfase. Sua honra não lhe permitia pressionar um amigo que houvesse deixado clara uma decisão, mesmo sem entender o motivo.

– O que está acontecendo, Logan? Por que você quer lutar?

Lorde Gyre baixou os olhos e coçou a cabeça.

– Serah perguntou por que nós não lutamos um com o outro. Acha que formaríamos uma boa dupla. Não que ela queira nos ver machucar um ao outro, mas... – Constrangido, Logan deixou a frase em suspenso.

Mas você quer se mostrar um pouco, não consegue evitar, pensou Kylar. Mas o que disse foi:

– Falando em boas duplas, quando é que você vai encarar o carrasco e finalmente se casar com ela?

O Ogro suspirou profundamente. Todos os seus suspiros eram assim, mas aquele foi proporcionalmente maior. Levou algum tempo. Ele pegou o banquinho de um cavaliço e se sentou, sem ligar para a túnica de boa qualidade que se arrastava no chão.

– Na verdade, falei com o conde Drake sobre isso uns dias atrás.

– E aí?

– Ele aprova...

– Meus parabéns! E quando vai ser?

O Ogro deixou o olhar se perder ao longe.

– Mas está preocupado.

– Está brincando?

Logan fez que não com a cabeça.

– Mas ele o conhece desde que você nasceu. Suas famílias são melhores amigas uma da outra. Em matéria de nobreza, vai ser um casamento vantajoso para ela. Muito vantajoso. Suas perspectivas de vida são ótimas e faz anos que vocês dois são praticamente noivos. Ele está preocupado com o quê?

Logan encarou Kylar.

– Ele disse que você saberia. Ela está apaixonada por você?

Pff.

– Não – respondeu Kylar, após uma pausa comprida demais.

Logan reparou.

– Está?

Kylar hesitou.

– Eu acho que ela mesma não sabe quem ama.

Era uma mentira por omissão. Logan estava na pista errada. Serah não amava Kylar e ele nem gostava dela.

– Eu a amo desde que me entendo por gente, Kylar.

O amigo não soube o que responder.

– Kylar?

O Ogro o encarou com atenção.

– O quê?

– Você ama Serah?

– Não.

Sentiu-se enjoado e furioso, mas seu rosto nada demonstrou. Tinha dito a Serah que ela precisava confessar tudo a Logan, havia exigido isso dela. Ela prometera fazê-lo. O amigo o encarou, mas seu semblante não se desanuviou como Kylar esperava que acontecesse.

– Meu senhor – disse uma voz atrás de Kylar, que não ouvira o porteiro se aproximar.

– Sim? – indagou ao velho.

– Um mensageiro acabou de chegar com isto.

Para não ter que olhar para Logan, Kylar abriu a mensagem, que não estava lacrada e dizia: “Preciso falar com você. Hoje à noite, na décima hora. No Javali Azul. Jarl.”

Um arrepio percorreu seu corpo. *Jarl*. Não tinha notícias dele desde que saíra das ruas. Jarl devia pensar que ele estivesse morto. Nesse caso, das duas uma: ou o estava procurando porque precisava de Kylar Stern ou sabia que ele era Azoth. Não conseguiu imaginar nenhum motivo pelo qual Jarl precisasse falar com Kylar Stern.

Se Jarl sabia quem ele era, quem mais também saberia?

Mestre Blint já tinha ido embora. Kylar teria que falar com ele. Teria que resolver aquilo sozinho.

– Preciso ir.

Virou-se e começou a andar a passos largos na direção do portão.

– Kylar! – chamou Logan.

Ele se virou.

– Você confia em mim? – perguntou.

Logan levantou as mãos, impotente.

– Confio.

– Então confie em mim.

O Javali Azul era um dos melhores bordéis de Mama K. Ficava perto de Sidlin Way, no lado leste da cidade, não muito longe da ponte de Tomoi. Tinha fama de servir alguns dos melhores vinhos da cidade, fato que mais de um comerciante mencionava quando suas esposas faziam perguntas inconvenientes. “Um amigo me disse que viu você entrando no Javali Azul hoje.” “Sim, querida, claro. Uma reunião de trabalho. Eles têm uma carta de vinhos maravilhosa.”

Era a primeira visita de Kylar. O bordel tinha três andares. O térreo, onde eram servidos comida e vinho, parecia uma estalagem de boa qualidade. Uma placa indicava que o primeiro andar era o “lounge,” e que no segundo ficavam os “quartos de hóspedes”.

– Boa noite, senhor – disse uma voz sussurrante para Kylar quando ele estava parado logo depois da porta, sem saber como se comportar.

Ele se virou e sentiu as bochechas corarem. A mulher estava perto o suficiente para o cheiro forte de seu perfume o envolver. Tinha uma voz convidativa, como se já compartilhassem segredos ou em breve fossem compartilhar. Mas isso não era nada em comparação com o que ela estava

usando. Kylar não fazia ideia se aquilo podia ser chamado de vestido, pois embora a cobrisse do pescoço até os tornozelos era todo feito de renda branca e o feitiço não era justo. Ela não estava usando nada por baixo.

– Perdão? – falou, erguendo o olhar novamente para os olhos dela e enrubescendo mais ainda.

– Posso ajudá-lo de alguma forma? Quer que eu lhe traga uma taça de tinto sethi e explique a nossa gama de serviços? – O embarço dele parecia diverti-la.

– Não, milady, agradecido.

– Talvez o senhor prefira ir até o lounge e conversar comigo de modo mais... reservado – sugeriu ela, acompanhando com o dedo o contorno de seu maxilar.

– Na verdade eu, hã, acho melhor não. Mas obrigado assim mesmo.

Ela arqueou uma das sobrancelhas como se ele tivesse feito alguma sugestão diabólica.

– Em geral eu gosto que um homem me esquente um pouco, mas se o senhor quiser ir direto para o meu quarto eu teria...

– Não! – falou Kylar, então percebeu que tinha levantado a voz e que algumas pessoas se viravam para olhá-lo.

Digo, não, obrigado. Eu vim encontrar Jarl.

– Ah, você é desse tipo – retrucou ela, com uma voz subitamente normal. A mudança foi radical e surpreendente. Pela primeira vez, Kylar reparou que ela nem tinha a sua idade. Não podia ter mais de 17 anos. Involuntariamente, pensou em Mags.

– Jarl está no escritório. Por ali.

Agora que a moça havia desistido de seduzi-lo, Kylar a viu com outros olhos. Seu aspecto era duro, seco. Enquanto se afastava, ouviu-a falar:

– Pelo visto os bonitos sempre jogam no outro time.

Não entendeu o que ela quis dizer com isso, mas continuou andando, com medo de ela estar rindo dele. Já havia passado por metade das mesas no caminho até o escritório quando olhou para trás. A moça estava jogando seu charme sobre um comerciante mais velho, sussurrando alguma coisa em seu

ouvido. O homem parecia radiante.

Kylar bateu à porta do escritório, que se abriu.

– Entre, depressa – disse Jarl.

Kylar entrou; sua mente era um verdadeiro turbilhão. Jarl – não havia dúvida de que aquele era o seu velho amigo – tinha virado um belo homem. Vestia-se de modo impecável, na última moda, com uma túnica de seda azul-índigo e uma calça justa de pele de cervo enfeitada com um cinto de prata trabalhado. Os cabelos pretos estavam penteados em várias trancinhas compridas, todas besuntadas de óleo e puxadas para trás. Os olhos exibiam uma expressão avaliadora.

Um leve ruído de tecido roçando em tecido veio do canto. Alguém se movia na direção de Kylar, por trás de seu campo de visão. Por instinto, ele desferiu um chute.

Seu pé acertou o guarda-costas no peito. Embora fosse grande, Kylar pôde sentir suas costelas racharem. O homem foi arremessado para trás contra a parede, escorregou e desabou no chão, imóvel.

Kylar vasculhou o resto do cômodo em um instante e não viu nenhuma outra ameaça. Jarl tinha aberto as mãos para mostrar que não estava armado.

– Ele não ia atacá-lo. Estava só querendo se certificar de que você não estava armado. Eu juro. – Jarl olhou para o homem caído no chão. – Pelos colhões do grande rei, você matou o cara.

Kylar fez uma careta e olhou para o guarda esparramado no canto, desacordado. Ajoelhou-se ao seu lado e levou dois dedos ao seu pescoço. Nada. Passou as mãos por seu peito para sentir se uma das costelas quebradas poderia ter perfurado o coração. Então lhe deu um soco no peito. E outro.

– Que diabo você está...

Quando o peito do guarda se inflou de repente, Jarl se calou.

O homem tossiu e gemeu. Kylar sabia que cada respiração dele seria uma agonia. Mas ele iria viver.

– Arrume alguém para cuidar dele. As costelas estão quebradas.

Com os olhos arregalados, Jarl foi até o cômodo principal e voltou dali a alguns instantes com dois outros guarda-costas. Assim como o primeiro, eram grandes, parrudos e pareciam saber usar as espadas curtas que traziam no cinto. Com um simples olhar irado para Kylar, recolheram o colega do chão a quatro mãos.

Eles o carregaram para fora do quarto e Jarl fechou a porta.

– Você aprendeu uma ou duas coisinhas, não foi? – indagou. – Eu não o estava testando. Ele insistiu para estar presente. Não pensei que... Deixa pra lá.

Depois de encarar o amigo por alguns instantes, Kylar falou:

– Você está com uma cara boa.

– Acho que o que você quer me perguntar é: “Que mundos e fundos você moveu para me achar, Jarl?”

Ele riu.

– Que mundos e fundos você moveu para me achar, Jarl?

O outro rapaz sorriu.

– Eu nunca perdi você de vista. Nunca acreditei que tivesse morrido.

– Ah, não?

– Você nunca conseguiu fazer nada sem eu perceber, Azoth.

– Não diga esse nome. Esse menino morreu.

– Ah, é? Que pena.

O silêncio pairou no recinto enquanto os dois se encaravam. Kylar não sabia o que fazer. Jarl tinha sido seu amigo. Ou melhor, amigo de Azoth. Será que era amigo de Kylar? O fato de ele saber quem era, de talvez saber isso havia muitos anos, mostrava que não era um inimigo. Pelo menos não ainda. Parte de Kylar queria acreditar que Jarl simplesmente desejava vê-lo, que desejava apenas uma chance de se despedir. Mas os anos passados com mestre Blint não permitiam que tivesse uma visão tão ingênua. Se Jarl o havia chamado, era porque queria alguma coisa.

– Nós dois temos uma longa história, não é? – perguntou Jarl.

– Foi para dizer isso que você me chamou aqui?

– Uma longa história – repetiu Jarl, desapontado. – Parte de mim estava

torcendo para você não ter mudado tanto quanto eu, Kylar. Faz anos que quero encontrá-lo. Na verdade, desde que você foi embora. Queria pedir desculpas.

– Desculpas?

– Não tive a intenção de deixá-la morrer, Kylar. Eu tentei, mas não consegui encontrá-la. Ela simplesmente sumiu. Nunca descobri o que aconteceu. Sinto muito, mesmo.

Lágrimas reluziram em seus olhos e ele virou o rosto, com o maxilar contraído.

Ele acha que Elene morreu. Sente-se culpado por isso. Passou esses anos todos vivendo com essa culpa. Kylar abriu a boca para lhe contar que ela estava viva e bem, mas nenhum som saiu de sua boca. Duas pessoas conseguem guardar um segredo, costumava dizer Blint: é só uma delas estar morta. Kylar não conhecia Jarl agora. Como ele administrava um dos bordéis de Mama K, certamente obedecia a ela, mas talvez obedecesse a outros também.

Era perigoso demais. Kylar não podia contar. *Relacionamentos são cordas. O amor é uma força.* Só o que garantia a segurança de Kylar era que ninguém sabia da existência de um laço de força com seu nome escrito. Nem mesmo ele sabia onde Elene estava. Em um lugar seguro, em alguma parte do lado leste. Talvez àquela altura estivesse casada. Afinal de contas, já devia ter 17 anos. Talvez fosse feliz. Parecia feliz, mas ele não se esgueirava até perto dela. Mestre Blint tinha razão. A única coisa que mantinha Elene segura era a distância de Kylar.

A culpa de Jarl não bastava para pôr Elene em risco. Nada bastava. *Maldição, mestre Blint, como você consegue viver desse jeito? Como consegue ser tão forte, tão duro?*

– Eu nunca o quis mal por isso – disse Kylar.

Era patético. Sabia que aquilo não iria ajudar, mas não podia oferecer mais nada. Jarl piscou e, quando encarou Kylar, seus olhos escuros estavam secos.

– Se fosse só isso, nunca o teria chamado aqui. Assim como Durzo Blint,

– você tem inimigos.

– Isso não chega a ser novidade

Embora Blint e ele nunca conversassem sobre os trabalhos que faziam e todos aqueles que tinham conhecido seu trabalho em primeira mão estivessem mortos, as notícias se espalhavam. As notícias sempre se espalham. Outro derramador atribuía algum serviço a eles. Um cliente se gabava de quem havia contratado. Outros achavam que Durzo lhes fizera mal. Era o preço de ser o melhor. As famílias das vítimas nunca atribuía um assassinato bem-sucedido a um derramador de segunda classe.

– Você se lembra de Roth?

– Um dos grandes de Rato? – indagou Kylar.

– Isso. Parece que ele é mais esperto do que imaginávamos. Depois que Rato morreu... bom, todo mundo foi embora como se a guilda estivesse pegando fogo. As outras guildas chegaram e tomaram nosso território. Todos precisaram se virar para sobreviver. Roth não tinha feito nenhum amigo quando era o braço direito de Rato. Quase foi morto meia dúzia de vezes. Parece que sempre pôs a culpa em você.

– Em mim?

– Pela morte de Rato. Se não o tivesse matado, ninguém teria se atrevido a ir atrás de Roth. Ele também nunca acreditou que você tivesse morrido, mas não conseguiu descobrir em quem você havia se transformado. Isso agora está mudando.

Kylar sentiu um aperto no peito.

– Ele sabe que estou vivo?

– Não, mas daqui a menos de um ano ele vai estar sentado entre os Nove. Tem uma vaga aberta agora que ele está tentando ocupar. De uma posição dessas, ele vai achá-lo. Eu nem o encontrei ainda, mas as histórias que tenho escutado... É um verdadeiro pervertido. Cruel. Vingativo. Tenho medo dele, Kylar. Tenho medo dele como não tive de ninguém desde você sabe quem.

– Então foi por isso que me chamou aqui? Para me dizer que Roth vai vir atrás de mim?

– Sim, mas tem mais. Vai haver uma guerra.

– Uma guerra? Espere aí. Qual é o seu papel, Jarl? Como você sabe tudo isso?

Jarl fez uma pausa.

– Você passou os últimos dez anos sendo treinado por mestre Blint. Eu passei os últimos dez anos sendo treinado por Mama K. Do mesmo jeito que você aprendeu mais do que lutar, eu aprendi mais do que... fornicar. Todos os segredos desta cidade passam pelas alcovas.

Eram palavras que Mama K poderia ter dito, sem dúvida alguma.

– Mas por que você está me ajudando? Muita coisa mudou desde que éramos meninos de guilda roubando pão.

Jarl deu de ombros e tornou a virar o rosto.

– Você é meu único amigo.

– Sim, quando éramos crianças...

– “Era”, não. É. Você é o único amigo que eu já tive, Kylar.

Tentando reprimir a súbita culpa que sentiu – pois quanto tempo fazia que ele não pensava em Jarl? –, Kylar perguntou:

– E todas essas pessoas aqui? As pessoas com quem você trabalha?

– São colegas, empregados, clientes. Eu até meio que namoro. Mas não tenho nenhum amigo.

– Você tem uma namorada, mas ela não é sua amiga?

– “Ela” se chama Stephan. “Ela” é um negociante de tecidos de 53 anos, com mulher e oito filhos. “Ela” me dá proteção e lindas roupas. Eu ofereço sexo.

– Ah. – De repente, os resmungos da puta sobre jogar no outro time fizeram sentido. – Você é feliz aqui, Jarl?

– Feliz? Que merda de pergunta é essa? Felicidade não tem nada a ver com isso.

– Desculpe.

Jarl deu uma risada amarga.

– Onde foi que você conseguiu pegar de volta sua inocência, Kylar? Você disse que Azoth tinha morrido.

– Que conversa é essa?

– Vai me deixar agora que sabe que eu gosto de homens?

– Não – respondeu Kylar. – Você é meu amigo.

– E você também. Mas se eu não o tivesse visto quase matar Gerik agora há pouco, teria me perguntado se realmente é um derramador. Como mata pessoas e consegue manter sua alma intacta, *Kylar*?

Ele disse o nome em tom de provocação.

– Como é que você consegue manter sua alma intacta se prostituindo?

– Eu não consigo.

– Nem eu – rebateu Kylar.

Jarl se calou. Observou o amigo com toda a atenção.

– O que aconteceu naquele dia?

Kylar sabia o que ele estava perguntando. Um tremor percorreu seu corpo.

– Durzo me disse que eu precisava matar Rato se quisesse ser seu aprendiz. Depois do que Rato fez com a Menina-Boneca... eu obedeci.

– Fácil assim?

Kylar cogitou mentir, mas Jarl merecia a verdade. Ele havia sofrido mais do que ninguém nas mãos de Rato. Depois de guardar segredo em relação à Menina-Boneca, não conseguiu fazer isso outra vez.

Contou-lhe a história toda, como não contava a ninguém desde mestre Blint. A descrição das partes escabrosas e da maneira patética como Rato havia se comportado não abalou Jarl. Seu rosto continuou impassível.

– Ele merecia. Merecia isso e muito mais – comentou ele. – Só queria ter tido a coragem de fazer o que você fez. Queria ter assistido. – Ele descartou o assunto com um aceno afeminado. – Um cliente meu vai chegar, então escute. Khalidor vai nos invadir. Vários setores do Sa'kagé já foram mobilizados, mas são quase todas cortinas de fumaça. Provavelmente só os Nove sabem o que está acontecendo de verdade, talvez apenas o Shinga. Não sei nem dizer de que lado vão ficar. O problema é que não podemos nos dar ao luxo de deixar Cenária perder esta guerra. Não sei se os Nove percebem isso. Os Ursuuls vêm reivindicando Cenária há muitas gerações, mas vários

meses atrás o Deus-rei exigiu um tributo na forma de uma pedra preciosa especial e um direito de passagem, dizendo estar mais interessado em entrar em guerra com Modai do que com Cenária. O rei Gunder o mandou para aquele lugar... e não se tratava das estradas do rei. Uma fonte me falou que o Deus-rei jurou nos transformar em exemplo. Ele tem cinquenta e tantos bruxos, talvez mais. Não acho que o rei Gunder consiga reunir dez magos para enfrentá-los.

– Mas o Sa'kagé vai sobreviver – disse Kylar.

Não que ligasse a mínima para o Sa'kagé; estava pensando nos Drake e em Logan. Os khalidori iriam matá-los.

– O Sa'kagé vai sobreviver, Kylar, mas, se todos os comércios forem incendiados, não haverá dinheiro para extorquir. Se todos os comerciantes ficarem falidos, não vão poder jogar nem frequentar as putas. Algumas guerras podem até nos beneficiar. Essa vai nos arruinar.

– Mas por que dizer isso a mim?

– Durzo está no olho desse furacão.

– É claro que está – retrucou Kylar. – Provavelmente metade dos nobres na cadeia de comando do Exército está tentando matar seus superiores para poder ocupar o lugar deles. Mas mestre Blint não aceitaria um serviço que pusesse a cidade em sério risco. Não se as coisas estivessem tão ruins quanto você diz.

Jarl balançou a cabeça.

– Eu acho que ele está trabalhando para o rei.

– Mestre Blint jamais trabalharia para o rei – disse Kylar.

– Se eles pegassem a filha dele, trabalharia, sim.

– Se eles pegassem *quem*?



Em pé no meio do cascalho branco escovado no jardim das estátuas do castelo, o general Agon tentava não parecer tão nervoso quanto de fato estava. *Caramba, que péssimo lugar para encontrar um derramador.*

Normalmente teria julgado aquele um bom lugar para encontrar um derramador. Embora Blint houvesse lhe dado uma ordem para não trazer soldados, se o general quisesse fazê-lo, existiam diversos lugares para os homens se esconderem ali. O fato de aquele encontro estar acontecendo dentro do castelo, é claro, também deveria ter tranquilizado Agon. Talvez, se a sugestão não tivesse partido de Blint.

Uma nuvem cobria a lua naquele momento e o general apurou os ouvidos para escutar o leve ruído de cascalho que anunciaria a chegada de Blint. Não tinha dúvida de que o derramador conseguiria chegar ao castelo. Sua memória era tão afiada quanto as adagas que foram encontradas debaixo dos travesseiros reais. Mesmo assim, tinha suas ordens a cumprir.

Olhou para as estátuas em volta, representações de heróis do passado. Merecia estar entre elas? Em geral, aquele jardim era um oásis. Ele caminhava pelas serenas pedras pretas e brancas e encarava os heróis de mármore, imaginando como agiriam se estivessem no seu lugar. Naquela noite, as sombras das estátuas se assomavam, densas. Tudo fruto da sua imaginação, claro, mas ainda se lembrava de como Blint estivera no seu quarto, dez anos antes, pronto para assassiná-lo. Com um homem daqueles, nada era seguro.

Um levíssimo barulho de cascalho esmagado se fez ouvir debaixo de uma das estátuas. Agon se virou e, sem pensar, apertou a espada.

– Nem se dê o trabalho – falou Durzo Blint.

Agon virou-se de volta. Durzo estava em pé a cerca de meio metro. O general deu um passo para trás.

– Quem fez o barulho foi um dos seus. Não eu. – Blint abriu um sorriso de predador. – Mas espere, eu não lhe disse para não trazer nenhum soldado?

– Eu não trouxe.

– Sim.

– Você está atrasado.

Havia recuperado o equilíbrio. Lidar com um homem que não valorizava a vida era perturbador. A única maneira era entender que poderia ser morto, mas que isso não tinha importância; que sua vida ou morte não era o motivo pelo qual havia chamado Blint nem era vital para o assunto sobre o qual os dois iriam conversar. Ainda assim, parte sua se perguntava: como os derramadores conseguem viver assim?

– Só estava me certificando de saber onde todos os seus soldados estavam escondidos – falou Blint.

Com um frio na barriga, Agon reparou que ele usava seu traje de matar. Uma túnica de algodão cinza-escura, justa para facilitar os movimentos, uma calça do mesmo tecido e um cinturão com uma dezena de armas de arremesso, algumas das quais o general nem soube identificar. Na ponta de algumas delas, havia mais do que aço: veneno.

Será que ele está blefando? Agon não trouxera soldados. Ainda que sua vida não fosse vital para a conversa, não iria jogá-la fora.

– Eu honro a minha palavra, até mesmo com um capanga do Sa'kagé.

– O mais engraçado é que eu acredito, general. O senhor é muitas coisas, mas não acho que seja desonrado nem burro o suficiente para me trair. Tem certeza de que não quer que eu mate o rei? O senhor comanda o exército. Se for esperto e tiver sorte, poderá até virar rei.

– Não – respondeu Agon. – Eu honro as minhas promessas.

Que bom seria se essas palavras não queimassem quando as pronunciasse.

Blint riu.

– Eu lhe faria um desconto.

– Está pronto para ouvir qual é o serviço?

– Me parece que já tivemos essa conversa antes – retrucou Blint. – Minha resposta continua a mesma. Eu só vim porque estava com saudades do seu rosto sorridente, general. E para mostrar que as suas... sejamos honestos, suas patéticas defesas ainda não conseguem me impedir de entrar se o senhor decidisse tentar dificultar a minha vida.

– O senhor ainda nem ouviu qual é o serviço. O rei agora respeita os seus talentos. Vai pagar melhor do que qualquer um já lhe pagou. Ele quer que o senhor...

– Proteja a vida dele. Eu sei. Hu Gibbet aceitou um serviço para matá-lo. – Durzo ignorou o ar consternado de Agon. – Desculpe. Não vou aceitar. Jamais aceitaria fazer um serviço para aquele saco vazio. Sejam honestos. Aleine Gunder IX, como se tivesse qualquer ligação com os oito reis anteriores que usaram o nome Aleine, é um desperdício de ser humano.

Alguém irrompeu de baixo da alta estátua do duque Gunder, atrás do general. Agon sentiu um aperto no peito ao reconhecer aquele andar.

Aleine Gunder IX tirou o capuz.

– Guardas! Guardas!

Arqueiros e balestreiros surgiram de todas as sacadas, arbustos e sombras em volta. Mais vieram correndo de outras partes do jardim.

– Majestade! Que surpresa – disse Blint, fazendo uma reverência perfeita, digna da corte. – Quem teria imaginado que o senhor estaria escondido à sombra do seu pai?

– Seu cagão... seu cagão... seu merda! – berrou o rei. – O que estão fazendo? – gritou para os guardas. – Cerquem-no!

Os guardas formaram um círculo fechado em volta de Durzo, Agon e o rei. Pareciam nervosos com o fato de o soberano estar assim tão perto de um derramador, mas nenhum deles se atreveu a despertar a ira de Aleine

Gunder separando-os à força.

– Majestade – disse Agon, dando um passo até a frente do rei, que levantou a mão para Durzo Blint. Levantar a mão para Durzo Blint!

– Você vai trabalhar para mim, assassino.

– Não vou. Já falei, mas talvez o senhor precise ouvir com os próprios ouvidos. Estou disposto a matá-lo, mas não vou matar para o senhor.

Os guardas não gostaram nada disso, claro, mas Agon ergueu uma das mãos. Com os guardas tão próximos, os arqueiros de nada adiantavam. *Brilhante, majestade*. Se aquilo acabasse em derramamento de sangue, tanto o general quanto o rei morreriam e Blint teria cinquenta por cento de chance de continuar vivo.

– Está bem, então – disse o rei.

– Está bem, então.

Blint deu um sorriso sem alegria.

O rei sorriu de volta.

– Vamos matar sua filha.

– Minha o quê?

O sorriso do rei se alargou.

– Informe-se.

Ele riu.

Um instante perigoso se prolongou e Agon pensou se estaria prestes a segurar um rei morto nos braços. De repente, um borrão de movimento. Embora o general estivesse olhando diretamente para Durzo Blint, ele se moveu mais depressa do que seus olhos conseguiram acompanhar. Saltou por cima do círculo de soldados, apoiou-se em uma estátua e mudou de trajetória.

Instantes depois, ouviu-se o barulho de alguém subindo pelo muro do castelo, parecido com o das unhas de um gato escalando uma árvore. Espantado, um dos soldados disparou a besta; por sorte, a arma estava apontada para cima. Agon lançou um olhar para o sujeito.

O guarda engoliu em seco.

– Desculpe, general.

Aleine entrou no castelo e Agon demorou dois minutos inteiros para perceber o quanto as palavras de Durzo o haviam seduzido a trair o rei.

Kylar sentiu uma mudança no ar quando alguém abriu a porta da frente do esconderijo. Ergueu os olhos do livro à sua frente e estendeu a mão para a espada curta desembainhada sobre a mesa.

Da cadeira onde estava, tinha uma visão perfeita da porta. Blint não organizaria seu escritório de nenhuma outra forma. Percebeu que era seu mestre chegando pelo barulho: clique-clique-clique, clique-clique-clique, clique-clique-clique. Mestre Blint sempre trancava, destrancava, em seguida tornava a trancar todas as fechaduras. Era só mais uma das suas superstições.

Não perguntou ao mestre sobre o serviço. Blint nunca gostava de falar sobre trabalho assim que retornava. Segundo ele, os Anjos da Noite não apreciavam isso. Kylar interpretava como: *Deixe as minhas lembranças se atenuarem.*

O frasco de veneno de víbora-branca estava em cima da mesa com o resto da coleção de Blint, mas, para distrair tanto a si mesmo quanto seu mestre, Kylar falou:

– Não acho que vá funcionar. Dei uma olhada nos seus livros. Eles não dizem nada sobre esse veneno.

– Eles vão escrever um livro novo.

Começou a guardar as armas envenenadas em estojos especiais e a limpar aquelas embebidas em veneno.

– Sei que animais podem ingerir alguns venenos sem adoecer. E sei que a carne deles deixará a pessoa que a comer doente. Nossas experiências provaram isso. Mas, nesse caso, a sua vítima ficará apenas doente. Até aí, tudo bem, mas essa história de veneno duplo... não entendo.

Blint pendurou o cinturão de armas.

– Sua vítima come a carne de porco e não sente nada. Talvez fique um pouco de pileque. Se comer a codorna, ficará tonta. Se comer os dois, morrerá. Chama-se *potencialização*. Os venenos agem juntos para alcançar seu potencial pleno.

– Mas ainda é preciso fazer um porco inteiro e um bando de codornas passarem pelo provador.

– Lugares grandes usam vários provadores. Quando eles desconfiarem de alguma coisa, a vítima já estará morta.

– Mas aí você envenena todo mundo no recinto. Não dá para controlar...

– Eu controlo tudo! – gritou Blint.

Jogou uma faca no chão e saiu do escritório batendo a porta com tanta força que todas as armas penduradas na parede chacoalharam.

Elene encarou a página em branco e mergulhou de novo no tinteiro a pena quase seca. Perto dela, Mags e Ilena Drake jogavam uma partida de dominó. Mags, a mais velha das irmãs, estava muito concentrada, mas Ilena não parava de olhar para Elene.

– Por que sempre me apaixono por homens inatingíveis? – indagou ela.

Fazia muitos anos que Elene Cromwyll era amiga de Mags e Ilena. O abismo entre uma criada e duas filhas de conde deveria ter impedido qualquer proximidade, mas os Drake consideravam todas as pessoas iguais perante um mesmo Deus. Conforme cresciam, as irmãs ficaram mais conscientes do quanto aquela amizade era estranha, portanto ela havia se tornado mais privada, porém não menos real.

– Aquele zelador Jaen era atingível – disse Ilena, movendo um dominó. Mags fez uma careta para as peças, em seguida para a irmã de 15 anos.

– Isso durou duas horas – falou Elene. – Até ele abrir aquela boca gorda.

– Você deve ter se apaixonado por Pol em algum momento – afirmou

Mags.

– Não chegou a tanto. É que ele me amava tanto que eu achei que deveria retribuir.

– Pelo menos Pol era real – comentou Ilena.

– Ilena, olhe os modos – disse Mags.

– Você só está com raiva porque está perdendo de novo.

– Não estou, nada!

– Eu vou ganhar em três jogadas.

– Vai mesmo? – Mags olhou para as peças. – Sua pirralha remelenta! Eu estou muito feliz que você tenha dispensado Pol, Elene. Mas agora está sem acompanhante para a nossa festa.

Elene havia largado a pena e enterrado o rosto nas mãos. Deu um suspiro.

– Vocês fazem alguma ideia do que escrevi para ele no ano passado?

Ela encarou o papel em branco à sua frente.

– Eu não sabia que Pol sabia ler – comentou Ilena.

– Não para Pol. Para o meu benfeitor.

– Pouco importa o que você escreveu... Ele não parou de mandar dinheiro, parou? – indagou Ilena, ignorando o olhar assassino da irmã.

A garota tinha só 15 anos, mas na maior parte do tempo parecia exercer razoável controle sobre Mags e Serah, a primogênita.

– Ele nunca parou. Nem quando disse a ele que já tínhamos dinheiro mais do que suficiente. Mas a questão não é o dinheiro, Lena. No ano passado, escrevi que estava apaixonada por ele. – Ela não suportou confessar que havia borrado a tinta com as próprias lágrimas. – Disse a ele que iria chamá-lo de Kylar, porque é um rapaz bom e eu nunca descobri o nome do meu benfeitor.

– E agora você gosta de Kylar... com quem também nunca conversou.

– Eu não tenho jeito, mesmo. Por que deixo vocês ficarem me falando sobre rapazes? – indagou Elene.

– Ilena não consegue não falar em Kylar – disse Mags com um ar de irmã mais velha prestes a exercer o privilégio da idade. – Porque ela própria

está apaixonada por ele.

– Estou, nada! – guinchou Ilena.

– Então por que escreveu isso no seu diário? – indagou Mags. Mudou o tom da voz para imitar o da irmã. – “Por que Kylar não fala mais comigo?” “Kylar falou comigo hoje na hora do café. Disse que eu sou um encanto. Será que isso é bom ou será que ele ainda me vê como uma garotinha?” Que horror, Ilena. Ele é praticamente nosso irmão.

– Sua bruxa! – berrou Ilena.

Pulando por cima da mesa, ela atacou a irmã. Mags gritou enquanto Elene assistia, congelada entre o horror e a diversão. As meninas gritavam, Ilena puxava os cabelos da mais velha, que começava a revidar. Elene se levantou, pensando que era melhor intervir antes de alguém se machucar.

A porta se abriu de supetão, quase saindo das dobradiças. Do outro lado estava Kylar, de espada na mão. A atmosfera do recinto se modificou em um piscar de olhos. Ele irradiava uma aura palpável de perigo e poder. Era a masculinidade em estado primitivo. Aquilo submergiu Elene como uma onda que ameaçou arrancá-la do chão e arrastá-la para o mar. Ela mal conseguiu respirar.

Kylar entrou na sala abaixado, segurando a espada em riste com as duas mãos. Seus olhos absorveram tudo ao mesmo tempo e identificaram cada saída, as janelas, as sombras, até mesmo os cantos do teto. No chão, as meninas pararam de brigar com um chumaço dos cabelos de Mags ainda no punho cerrado de Ilena; seus semblantes eram pura culpa.

Aqueles olhos azuis bem claros pareciam muito familiares. Terá sido apenas a imaginação de Elene que viu neles um brilho de reconhecimento? Aqueles olhos a tocaram e ela sentiu um calafrio que lhe subiu pela espinha. Ele estava olhando para ela... para ela, não para as cicatrizes. Os homens sempre olhavam para suas cicatrizes. Kylar estava vendo *Elene*. Ela quis falar, mas não teve palavras.

A boca de Kylar se abriu como se o rapaz também estivesse prestes a dizer alguma coisa, mas ele então ficou branco feito um lençol. Sua espada voltou para a bainha com um lampejo e ele se virou.

– Senhoras, mil perdões – desculpou-se, baixando a cabeça.

E então se foi.

– Meu Deus – falou Mags. – Vocês viram isso?

– Que medo – disse Ilena. – E que...

– Que arrebatamento – completou Elene.

Sentiu o rosto quente. Virou as costas enquanto as amigas se levantavam. Sentou-se e pegou a pena. Como se agora pudesse escrever.

– Elene, o que está acontecendo? – indagou Mags.

– Quando ele viu meu rosto, fez uma cara estranha.

Por quê? Ele mal havia olhado para as suas cicatrizes. Era isso que assustava a maioria dos rapazes.

– Ele vai mudar de ideia. Você é um anjo. Dê uma chance a ele. Vamos convidá-lo para a festa para ser seu par e tudo – sugeriu Ilena.

– Não. Não, de jeito nenhum. Lena, ele é baronete.

– Um baronete pobre cujas terras foram confiscadas pelo Lae'knaught.

– Ele é só mais um homem inatingível. Vou esquecê-lo.

– Ele não precisa ser inatingível. Se abraçar a fé... Aos olhos do Deus, todos os homens nascem iguais.

– Ah, Lena, não use isso para tentar me convencer. Eu sou uma criada. Uma criada cheia de cicatrizes. Pouco importa o que o Deus vê.

– Pouco importa o que o Deus vê? – indagou Mags, suave.

– Você entendeu.

– Logan talvez se case com Serah e a distância entre eles é a mesma que entre um baronete pobre e você.

– As pessoas reprovam um nobre que se casa com uma nobre menor, mas um nobre que se casa com uma plebeia?

– Não estamos dizendo que você deveria se casar com ele. Só nos deixe convidá-lo para a festa.

– Não – disse Elene. – De jeito nenhum.

– Elene...

– Assunto encerrado. – Elene olhou para as amigas até ambas assentirem, relutantes. – Mas podem me contar mais um pouco sobre ele.

– Kylar – chamou o conde Drake quando o rapaz estava tentando passar de fininho pelo seu escritório. – Pode vir aqui um instante?

Não havia outro remédio senão obedecer, claro. Kylar praguejou internamente. Aquele dia estava se revelando bem longo. Esperava conseguir dormir algumas horas antes dos seus afazeres. Sabia mais ou menos qual seria o assunto, de modo que, ao entrar no cômodo, tentou não se sentir como um menino prestes a ouvir o pai lhe dar explicações sobre sexo.

Os anos não causaram nenhum dano ao conde. Se vivesse até os 100, continuaria com cara de 40. Sua mesa estava no mesmo lugar, suas roupas tinham o mesmo corte e a mesma cor. Quando se preparava para uma conversa difícil, ainda esfregava o osso do nariz, no lugar do pincenê.

– Você foi para a cama com a minha filha? – perguntou ele.

O queixo de Kylar caiu. Mais direto, impossível. Drake o encarou com um rosto inexpressivo.

– Não encostei o dedo nela, conde.

– Não foi sobre o seu dedo que eu perguntei.

Kylar quase engasgou. Seria aquele o mesmo homem que falava sobre o Deus com a mesma frequência que agricultores falam sobre o tempo?

– Não, filho, não se preocupe. Eu acredito em você. Embora desconfie que não tenha sido por falta de esforço de Serah.

O sangue que inundou o rosto do garoto bastou como resposta.

– Ela está apaixonada por você, Kylar?

O rapaz fez que não com a cabeça, quase aliviado por ouvir uma pergunta à qual era capaz de responder.

– Eu acho que Serah quer o que pensa que não pode ter, conde.

– Isso inclui ir para a cama com vários rapazes, menos com Logan?

Kylar se enrolou com a resposta:

– Não acho que seja certo ou honrado da minha parte ficar...

Entristecido, o conde ergueu a mão.

– Essa não teria sido a sua resposta caso achasse que a acusação era falsa. Você teria dito “não, de jeito nenhum”. Só depois mencionaria sua opinião sobre o que era certo ou honrado. E teria razão. – Ele esfregou o osso do nariz e piscou. – Me desculpe, Kylar. Não fui justo com você. Às vezes ainda uso de forma pouco honrada a inteligência que Deus me deu. Estou tentando fazer o certo, quer ele coincida ou não com o que os homens chamam de honra. Existe um abismo entre os dois, sabia?

Kylar deu de ombros, mas não era preciso responder nada.

– Não estou interessado em condenar a minha filhinha, Kylar – disse o conde. – Já fiz coisas bem piores na vida do que ela jamais sonharia. Mas o que está em jogo vai além da felicidade dela. Logan está ciente das... indiscrições de Serah?

– Eu lhe pedi para contar, conde, mas acho que ela não falou nada.

– Você sabe que Logan pediu minha permissão para se casar com Serah?

– Sei, sim, conde.

– Devo lhe dar minha bênção?

– O senhor não poderia desejar ganhar um filho melhor.

– Para minha família, seria maravilhoso. Mas seria certo para Logan?

Kylar hesitou.

– Eu acho que ele a ama – disse ele, por fim.

– Ele quer a resposta em dois dias. Quando completar 21 anos, vai assumir o controle da casa dos Gyre e se tornar um dos homens mais ricos e poderosos do reino, mesmo depois de o rei ter interferido tanto na sua família na última década. Ele é o sexto na linha sucessória. O primeiro depois dos membros da família real. As pessoas vão dizer que ele está se casando com uma mulher abaixo do seu nível. Vão dizer que ela não é digna dele. – O conde olhou para o outro lado. – Em geral, não ligo a mínima para o que os outros pensam, Kylar, porque sempre pensam pelos motivos errados. Mas desta vez temo que estejam certos.

Kylar não conseguiu dizer nada.

– Passei anos rezando para minhas filhas encontrarem homens certos para serem seus maridos. E rezei para Logan se casar com a mulher certa.

Por que será que essa solução não me parece ser a resposta? – Ele tornou a balançar a cabeça e apertou o osso do nariz. – Me desculpe, fiz uma dúzia de perguntas que você não tem condição alguma de responder, mas não a única que você tem.

– E qual é, duque?

– Você ama Serah?

– Não, duque.

– E aquela outra moça? Aquela para quem tem mandado dinheiro há quase uma década?

Kylar enrubesceu.

– Eu jurei não amar, duque.

– Mas você a ama?

Kylar saiu pela porta.

Quando estava pisando no corredor, o conde arrematou:

– Eu rezo por você também, Kylar, sabia?



O puteiro já tinha fechado horas antes. No andar de cima, as meninas dormiam em lençóis sujos em meio aos cheiros do bordel: álcool, suor rançoso, sexo e perfume vagabundo. As portas estavam trancadas. Todas as luzes do térreo haviam sido apagadas, menos duas das lamparinas simples de cobre. Mama K não permitia que seus estabelecimentos desperdiçassem dinheiro.

Apenas duas pessoas ainda se encontravam no térreo, ambas no bar. Em volta da cadeira de uma delas havia os cacos de uma dúzia de copos. Ele terminou o décimo terceiro chope, ergueu o copo e o jogou no chão, estilhaçando-o.

Sem nem ao menos piscar, Mama K serviu mais um chope a Durzo. Não disse uma palavra sequer. Blint falaria quando estivesse pronto. Mesmo assim, ficou pensando por que ele havia escolhido aquele bordel. Aquilo era um buraco. Ela mandava suas garotas mais bonitas para outros lugares. Outros puteiros que havia comprado valiam uma reforma, mas aquele ali ficava encravado bem no meio das Tocas, longe das vias principais, perdido no labirinto de barracos e casebres. Era ali que ela havia perdido a virgindade. Ganhara dez moedas de prata e se julgara uma moça de sorte.

Aquele lugar não ocupava uma posição muito alta em sua lista de locais para visitar.

– Eu deveria matar você – disse Durzo por fim.

Eram as primeiras palavras que pronunciava em seis horas. Ele terminou

o chope e o empurrou pelo balcão. O copo deslizou vários centímetros, emborcou, rolou para fora do balcão e se partiu.

– Ah, então você consegue falar? – perguntou Mama K.

Ela pegou outro copo e abriu a válvula de chope.

– Eu tenho uma filha?

Mama K gelou. Demorou a fechar a torneira e o chope derramou.

– Vonda me fez jurar que não diria nada. Estava assustada demais para contar. Você pode odiá-la pelo que fez, Durzo, mas ela agiu assim porque o amava.

Blint lhe lançou um olhar de tamanha incredulidade e repulsa que Gwinvere quis dar um sopapo na sua cara feia.

– O que você sabe sobre o amor, sua puta?

Ela pensava que ninguém a pudesse ferir com palavras. Já tinha ouvido todos os comentários sobre putas que existiam e chegara até a inventar alguns. Mas algo na maneira como Durzo falou, e o fato de ter vindo dele, a atingiu no âmago. Ela não conseguiu se mexer. Não conseguiu sequer respirar.

– Eu teria largado a vida de puta se tivesse me surgido uma chance de amar como a sua. Teria feito qualquer coisa para me agarrar a esse amor. Eu *nasci* neste penico de vida; no seu caso, foi você quem o escolheu.

– Qual é o nome da minha filha?

– Você me trouxe aqui para me lembrar de quantas vezes fui comida neste buraco fedido? Eu sei quantas foram. Eu sei! Virei puta para minha irmã mais nova não ter que fazer o mesmo. E aí você apareceu. Me comia cinco vezes por semana e dizia a Vonda que a amava. Engravidou a menina e foi embora. Eu poderia ter dito a ela que era óbvio que isso iria acontecer. Essa parte da história é tão previsível que nem vale a pena ser repetida, não é? Mas você não era um cliente qualquer. Não, você também a fez ser raptada. E aí? Foi atrás dela? Não, mostrou exatamente quanto a amava. Disse que eles estavam blefando, não foi? Você sempre se dispôs a apostar com a vida dos outros, não é, Durzo Blint? Seu covarde!

O copo de Durzo explodiu contra o barril atrás dela. Tremendo

violentamente, ele enfiou um dedo na cara de Mama K.

– Você! Você não tem o direito de dizer isso. Teria desistido de tudo por amor? Até parece. Cadê o homem da sua vida agora, Gwin? Você não é mais puta, então ninguém teria motivo nenhum para sentir ciúmes, certo? Mas mesmo assim não existe homem, certo? Quer saber por que você é a puta perfeita? Pelos mesmos motivos que não existe homem na sua vida. Porque você não é capaz de amar! Você é uma boceta, só isso. Suga todo mundo até a medula e depois os faz pagar pelo prazer. Então não me venha com essa lenga-lenga piegas de “fiz isso para salvar minha irmã”. A questão para você sempre foi o poder. Ah, claro, tem mulheres que se prostituem por dinheiro, por fama ou porque não têm alternativa. Mas aí existem as *outras*. Você pode até não trepar mais, Gwin, mas *sempre* será uma puta. Agora. Me. Diga. O. Nome. Dela. – Ele cuspiu cada palavra como se fosse um pão bolorento.

– Uly – respondeu Gwinvere. – Ulyssandra. Ela mora com uma ama-seca no castelo.

Mama K olhou para o chope que estava segurando. Nem se lembrava de ter enchido o copo. *Era àquilo que Durzo a reduzia? Uma reles e submissa...* Ela nem sabia mais. Parecia ter sido eviscerada; se olhasse para baixo, sentia que veria as próprias tripas enroscadas em volta dos pés.

Precisou de todas as forças para cuspir dentro do chope e pôr o copo em cima da mesa com um arremedo de autocontrole.

– Bem, é duro ser vítima das circunstâncias – disse Durzo. Sua voz exibia aquele viés cruel.

– Você não vai... não mataria a própria filha.

Nem mesmo Durzo seria capaz disso. Ou seria?

– Não vai ser preciso – retrucou ele. – Eles vão matá-la por mim.

Ele pegou o chope, sorriu para Gwinvere por cima do cuspe e bebeu. Esvaziou metade do copo com um só gole.

– Vou indo. Isto aqui está com cheiro de puta velha.

Ele derramou o resto do chope no chão e pousou o copo com cuidado sobre o balcão.

Kylar acordou duas horas antes de o sol nascer e perguntou-se por um instante se a morte seria um preço alto demais a pagar por uma noite inteira de sono. Como sabia a resposta, arrastou-se para fora da cama. Vestiu-se no escuro sem fazer barulho, estendendo a mão para a terceira gaveta em que ficavam dobradas suas roupas cinzentas de derramador e para o vidro de cinzas com as quais pintaria o rosto de preto.

Nos últimos nove anos, havia aprendido a compensar sua falta de Talento. Quando Blint estava com disposição otimista, algo cada vez mais raro, elogiava Kylar por isso. Dizia que um número excessivo de matadores confiava no Talento para tudo e que ele mantinha seus talentos mundanos afiados para situações imprevisíveis. No amargo ofício, elas eram a norma. Além do mais, segundo Blint, se quase não houver barulho de passos para abafar, você não precisa usar tanto do seu Talento para abafá-los.

Às vezes a capacidade de adaptação de Kylar se revelava de um jeito mais espetacular, mas em geral estava presente em pequenos detalhes, como guardar os trajes cinzentos na mesma cômoda e do mesmo jeito. Pelo menos torcia para ser isso mesmo, e não por ter sido contaminado com a mania de organização de Blint. Sério, que obsessão era aquela de trancar qualquer porta três vezes, viver girando facas, comendo alho e dizendo que o Anjo da Noite isso e o Anjo da Noite aquilo?

A janela foi aberta silenciosamente e Kylar se esgueirou pelo telhado. Anos de prática haviam lhe ensinado onde podia pisar e onde precisava rastejar para não ser ouvido por quem estivesse lá embaixo. Desceu pela beira do telhado para o pátio e pulou de uma pedra para segurar a borda do muro. Levantou-se para espiar por cima dele, não viu ninguém, suspendeu o corpo até o outro lado e começou a subir a rua com passos discretos.

Provavelmente poderia ter caminhado normalmente; esgueirar-se nem sempre era necessário depois que saía do campo de visão da casa dos Drake, mas era bom desenvolver esse hábito. *Trabalho é trabalho, e só acaba*

quando termina. Mais uma das pérolas de Blint. Agradecido.

Naquela noite, não foi apenas a disciplina instilada por Blint que o levou a se esgueirar de sombra em sombra, ou que fez o trajeto de 3 quilômetros até o herbário levar quase uma hora. Naquela noite, as palavras de Jarl não paravam de ecoar em sua cabeça: “Você tem inimigos.”

Para a segurança da família, talvez estivesse na hora de ele sair da casa dos Drake. Estava com 20 anos e, embora ele não tivesse a renda de um nobre, Blint era mais do que generoso com seu salário. Na verdade, o mestre não ligava para dinheiro. Tirando os raros excessos com álcool e prostitutas, não gastava muito consigo mesmo. Comprava os melhores equipamentos e ingredientes para venenos, sim, mas guardava para sempre tudo o que adquiria. Com o que ganhava por cada morte e com a frequência de seus trabalhos, só podia ser rico. Decerto podre de rico. Não que Kylar desse importância para isso. Havia adotado grande parte da atitude de Blint. Dava ao conde Drake uma parte de sua renda para Elene e, mesmo assim, ainda sobrava bastante. Guardava algumas moedas e joias e repartia o resto entre investimentos que Mama K e Logan faziam para ele. Isso nada significava para Kylar, pois dinheiro não podia lhe comprar nada. Seu disfarce de nobre rural pobre e seu verdadeiro trabalho como derramador de aluguel o impediam de ter um estilo de vida que chamasse a atenção. Assim, mesmo que quisesse gastar seu dinheiro, não seria autorizado.

Mas poderia sair da casa do duque. Alugar uma casinha um pouco mais ao sul, ainda no lado leste, na periferia de algum dos bairros menos em voga. Blint tinha lhe dito uma vez que, por mais caro que fosse a região, você se tornava invisível ao comprar a casa mais barata. Mesmo que os vizinhos reparassem em você, fariam o possível para evitá-lo.

Então Kylar chegou à loja. Fazia tempo que o Sa'kagé tinha um acordo com os herboristas da cidade. Estes se certificavam de sempre ter determinadas plantas – não exatamente legais – e o Sa'kagé garantia que suas lojas nunca fossem assaltadas. A Coroa sabia, mas não podia fazer nada para impedir.

O herbário de Goodman Aalyep era frequentado por comerciantes ricos

e nobres, portanto se recusava a ter ervas ilícitas na loja, por medo de que tal insolência, bem nas barbas da autoridade, talvez não fosse ignorada. Ele conseguira dizer não ao Sa'kagé, mas não a mestre Blint. Aalyep lhe fornecia as ervas mais raras. Em troca, o derramador garantia que ninguém mais do Sa'kagé sequer chegasse perto da sua loja.

Cabia a Kylar recolher as mercadorias e entregar o dinheiro. A vantagem de ter essa atribuição era que ele não só aprendia o ofício e estabelecia relações com as pessoas que seriam seus fornecedores no futuro, como também podia criar sua própria coleção. Uma coleção complexa como a de mestre Blint levava anos para ser construída, além de custar dezenas de milhares de gunders.

A parte ruim era acordar cedo. Não ficava bem para um nobre dormir até o meio-dia, a não ser que tivesse passado a noite se divertindo com os amigos. Assim, muito embora só chegasse em casa quando o dia estava quase raiando, Kylar tinha que acordar junto com o sol.

Ele resmungou baixinho e se lembrou de um tempo em que se esgueirar pelas ruas de Cenária à noite era divertido.

A porta dos fundos da loja estava trancada, como sempre. Aalyep também tinha bons trincos. Embora nunca o houvesse encontrado – eles só se escreviam bilhetes –, Kylar tinha a sensação de conhecer o herbalista. Era um homem estranho. Com a proteção de Durzo Blint no Sa'kagé, poderia ter deixado as portas escancaradas. Ninguém na cidade se atreveria a roubar dele.

No entanto, como Blint costumava dizer, os maiores tesouros de um homem são suas ilusões. Por mais que seu mestre alegasse detestar ensinar, parecia ter um aforismo para cada ocasião. Kylar escolheu a haste e a alavanca mais adequadas no kit dentro do cinto, ajoelhou-se em frente à porta e começou a trabalhar. Suspirou. Era uma fechadura nova, fabricada por mestre Procl, o melhor chaveiro da cidade. Mesmo quando não eram de boa qualidade, fechaduras novas sempre tendiam a ser mais apertadas. Ainda que quebrar uma haste não fosse o fim do mundo, era irritante.

Kylar correu-a para “sentir” os pinos. Quatro ao todo, dois deles meio

frouxos. Ou seja, aquilo era obra de um dos funcionários de Procl, não do próprio mestre. Em dez segundos, girou o cilindro com a alavanca e a porta se abriu. Kylar praguejou baixinho – teria que arrumar uma alavanca nova –, em seguida guardou as ferramentas. Algum dia precisaria encomendar um conjunto de hastes e alavancas de mistarille iguais ao de mestre Blint. Tratava-se de um material flexível, porém inquebrável, mas quando vendido a peso era mais caro do que diamante.

Havia três ambientes no herbário de Goodman Aalyep: a loja ampla e confortável – com vários vidros etiquetados para expor as ervas –, um pequeno escritório e o herbário propriamente dito no qual Kylar agora se encontrava. O pequeno recinto era úmido e os aromas, quase sufocantes.

Kylar verificou a evolução de alguns fungos e ficou satisfeito. Vários cogumelos mortais estariam prontos dali a uma semana. Aalyep podia cultivar cogumelos impunemente em sua loja: as variedades letais eram indiscerníveis das comestíveis para qualquer um que não tivesse experiência como herbalista ou, é claro, envenenador.

Andando com cuidado para não pisar em nenhuma das tábuas que rangiam, Kylar percorreu o resto do herbário e avaliou as plantas com um olhar de especialista. Levantou a terceira jardineira da segunda fileira e viu seis trouxas cuidadosamente embrulhadas dentro de bolsinhas individuais de pele de cordeiro. Pegou-as e verificou que cada uma era o que havia encomendado: quatro para mestre Blint, duas para ele. Guardou as ervas dentro do embrulho posicionado bem junto às suas costas, debaixo da túnica, e pôs a bolsa com o dinheiro de Aalyep no pequeno espaço. Tornou a pôr a jardineira no lugar.

Então algo lhe pareceu errado. Em um piscar de olhos, Kylar sacou duas espadas curtas. Não deu nem um passo, porém. A sensação de incômodo perdurou, não de algo errado em si, mas apenas de algo ali, naquele instante, e próximo. Não houve barulho algum. Não houve ataque, apenas uma ligeira pressão, como o toque mais delicado possível de um dedo.

Kylar se concentrou na sensação ao mesmo tempo que seus olhos percorriam a loja e seus ouvidos se esforçavam para captar o mais leve som.

Era como um toque, mas agora passava por ele em direção à...

A fechadura da porta dos fundos deslizou para o lugar. Ele estava preso.



Contendo um impulso de correr até a porta e abri-la, Kylar não moveu um músculo sequer. Não havia ninguém ali no herbário com ele, disso ele tinha certeza. Mas... sim, podia ouvir alguém respirando dentro da loja.

Então percebeu que era mais de uma pessoa. Uma delas tinha a respiração acelerada, curta, animada. A outra respirava com leveza, mas devagar. Não estava tensa nem empolgada. Isso deixou Kylar com medo.

Quem seria capaz de emboscar um derramador e nem ficar nervoso?

Com medo de perder toda a iniciativa, Kylar avançou lentamente em direção à parede que separava o herbário da loja. Se estivesse certo, um dos homens continuava em pé bem do outro lado. Embainhou uma das espadas curtas tão devagar, para não fazer barulho, que chegou a doer. Sacou a espada ceurana de um palmo e meio que levava em uma bainha nas costas.

Aproximou a ponta da arma da parede e aguardou o mais leve som.

Não ouviu nada. Agora nem conseguia escutar o homem animado respirar. Ou seja, ele devia estar do outro lado daquela parede, enquanto o calmo estava mais afastado.

Kylar aguardou. A ansiedade era tanta que ele tremia. Um dos homens do outro lado da porta era um bruxo. Será que estavam com os khalidori sobre os quais Jarl o alertara? Afastou esse pensamento da cabeça. Poderia se preocupar com isso depois. Quem quer que fossem, o haviam encurralado. Pouco importava se pensavam que se tratava de mestre Blint ou apenas um reles ladrão.

Mas qual dos dois seria o bruxo? O nervoso? Kylar não teria pensado isso, mas a sensação que havia passado por ele e trancado a porta parecera vir daquele lado.

Uma tábua rangeu.

– Feir! Para trás! – gritou o homem mais afastado de Kylar. O derramador cravou a espada na madeira de pinho da grossura de um dedo.

Kylar puxou a espada de volta com um safanão ao mesmo tempo que irrompia pela entrada. Irrompeu através da cortina e se apoiou no batente para subir no balcão da loja, em direção ao inimigo que havia tentado atingir.

O homem estava no chão, e rolou quando Kylar desferiu um golpe em sua cabeça. Era imenso. Maior até do que Logan, com as mesmas proporções de um tronco de árvore, grosso por inteiro, sem cintura ou pescoço marcados. Apesar de tudo isso, mesmo de costas, estava erguendo uma espada para bloquear a investida.

E teria bloqueado se a espada de Kylar estivesse inteira. Metade da lâmina ceurana, porém, estava caída no chão ao lado do homem, arrancada por magia um instante antes de ele a cravar na parede.

Como não encontrou a espada no ponto esperado, o contragolpe do homem errou o alvo ao mesmo tempo que Kylar o atacou ajoelhado. Sem o peso total da arma, desferiu a meia espada mais rápido do que o homenzarrão conseguiu reagir, mirando na barriga.

Então teve a sensação de que a sua cabeça estava dentro do espaço oco de um sino de templo. Houve uma concussão, grave, porém localizada, como se uma pedra pesada houvesse despencado dois andares e aterrissado a 2 centímetros da sua cabeça.

A força o arremessou de lado, fazendo-o atravessar uma prateleira de vidros de ervas e depois uma segunda; ambas desabaram debaixo dele.

Então não houve nada além de uma luz brilhando em frente aos seus olhos. Sua espada tinha sumido. Ele piscou enquanto sentia a visão retornar aos poucos. Estava de bruços no chão junto com uma prateleira estilhaçada, caído entre cacos de vidro e ervas espalhadas.

Ouviu o grandalhão grunhir, em seguida passos. Ficou parado e não teve que fingir muito para parecer incapacitado. A alguns centímetros de seu nariz, conseguiu aos poucos distinguir algumas das plantas. Sementes de pronwi, botão de ubdal, raiz de milefólio. Aquela prateleira devia ter... e ali estava ela, junto à sua mão: a delicada semente de tuntun moída até virar pó. Quem aspirasse aquilo tinha hemorragia pulmonar.

Os passos chegaram mais perto e Kylar deu um pinote, rolou para um dos lados e lançou o pó de tuntun no ar em um arco. Levantou-se e sacou um par de facas compridas.

– Já chega, Andarilho das Sombras.

O ar se coagulou em volta de Kylar feito uma geleia. Ele tentou se desvencilhar, mas a geleia ficou dura como pedra.

Os dois homens o encaravam através da nuvem de semente de tuntun que pairava no ar, imóvel. O louro gigante cruzou os braços carnudos em frente ao peito.

– Não vá me dizer que esperava por isso, Dorian – rosnou ele para o outro.

Seu amigo sorriu.

– Ele não parece grande coisa, não é? – perguntou a Montanha.

O menor dos dois, Dorian, tinha uma barba preta curta, olhos azuis penetrantes, um nariz afilado e dentes brancos e retos. Ele estendeu a mão e segurou entre dois dedos um pouco do pó de tuntun que flutuava no ar. Cabelos pretos levemente besuntados de óleo, olhos azuis, pele clara. Khalidori, com certeza. Era ele o bruxo.

– Deixe de ser mau perdedor, Feir. As coisas teriam acabado mal para você se eu não tivesse quebrado a espada dele.

Feir fez cara feia.

– Acho que consigo me virar sozinho.

– Na verdade, se eu não tivesse intervindo, neste exato momento ele estaria se perguntando como fazer para se livrar de um cadáver tão grande. E isso sem usar o Talento.

O comentário provocou um grunhido contrariado. A um aceno do

menor, o pó de tuntun caiu no chão em uma pilha bem-arrumada. Ele olhou para Kylar e as amarras que o prendiam se moveram, forçando-o a ficar em pé com as mãos junto às laterais do corpo, embora ainda segurando as facas.

– Está mais confortável assim? – indagou, mas sem parecer esperar uma resposta. Tocou a mão de Kylar com um dedo e o encarou como se os seus olhos o estivessem rasgando. Franziu o cenho. – Venha ver isto aqui – falou para Feir.

O gigante aceitou a mão que Dorian pousou em seu ombro e encarou Kylar do mesmo jeito. O rapaz ficou ali, sem saber o que dizer ou fazer, com a mente repleta de perguntas que não tinha certeza se deveria externar.

Após vários instantes, Feir indagou:

– Cadê o canal condutor dele? Parece ter quase um formato, como se houvesse um nicho para... – Ele exalou com força. – Pela Luz, ele deve ser...

– Aterrorizante. Sim – disse Dorian. – Ele é um ka'karifeiro nato. Mas não é isso que me preocupa. Olhe só.

Kylar sentiu algo se torcer em seu interior. Teve a sensação de ser virado pelo avesso. O que quer que Feir estivesse vendo, o deixou assustado. Seu rosto permaneceu calmo, mas podia perceber a súbita tensão nos músculos e o leve sabor de medo no ar.

– Tem alguma coisa aí dentro que me resiste – disse Olhos. – A corrente está vencendo. O Vestido de Sombras piora tudo.

– Deixe estar – falou Feir. – Fique comigo.

Kylar sentiu o que quer que o estivesse puxando se afastar, mas seu corpo permaneceu imobilizado. Dorian cambaleou para trás e Feir o segurou pelos ombros com as mãos carnudas e o ajudou a se recompor.

– Do que vocês me chamaram? Quem são vocês? – Kylar exigiu saber.

Dorian deu um sorriso de ironia, parecendo recuperar o equilíbrio pela simples força do bom humor.

– Está perguntando quem somos *nós*, Aquele que Usa Nomes? Seu nome agora é Kylar, não é? Uma antiga piada jaerana. Gostei. Foi o seu senso de humor ou de Blint? – Ao ver o ar de espanto no rosto de Kylar, ele

arrematou: – Pelo visto foi o de Blint.

Dorian correu os olhos por Kylar, como se houvesse uma lista dentro dele que fosse capaz de ler.

– Sem-Nome. Marati. Cwellar. Spex. Kylar. Até Kagé... esse não é lá muito original.

– O quê? – indagou Kylar.

Aquilo era ridículo. Quem eram aqueles homens?

– Sa'kagé significa Senhores da Sombra – falou Dorian. – Portanto, Kagé significa “Sombra”, mas não acho que essa parte seja culpa sua. De toda forma, você deveria ser mais curioso. Já lhe ocorreu se perguntar por que seus semelhantes têm nomes comuns como Jarl ou Bim, ou nomes de escravos como Menina-Boneca ou Rato, ao passo que você precisou suportar o fardo de se chamar Azoth?

Kylar gelou. Ouvira dizer que bruxos eram capazes de ler pensamentos, mas nunca havia acreditado. E aquele nomes... Aquela não era uma lista aleatória.

– Vocês são bruxos. Os dois.

Feir e Dorian se entreolharam.

– Acertou metade – disse Dorian.

– Um pouco menos da metade, para ser exato – corrigiu Feir.

– Mas eu já fui bruxo – contestou Dorian. – Ou, melhor dizendo, fui meister. Se você algum dia tiver o infortúnio de topar com um, talvez seja melhor não falar besteira.

– O que vocês são? – perguntou Kylar.

– Amigos – respondeu Dorian. – Fizemos uma longa viagem para ajudar você. Bom, não só para ajudar você...

– Fizemos essa viagem mediante um custo pessoal grande e correndo riscos ainda maiores – interrompeu Feir com um olhar incisivo para Dorian.

– Não tenha dúvida de que poderíamos matá-lo. Se quiséssemos, já teríamos feito.

– Existem outros tipos de mal. Alguns são piores que a morte. Um derramador sabe disso – retrucou Kylar.

Dorian sorriu, mas Feir manteve um ar desconfiado. Kylar sentiu as amarras o soltarem. Isso o perturbou. Eles tinham visto a rapidez com a qual era capaz de se mover, mas mesmo assim o estavam soltando, armado.

– Permita que eu nos apresente – disse Dorian. – Este aqui é Feir Cousat, que um dia vai ser o mais renomado fabricante de espadas de toda Midcyru. Ele é Vy’sana e mestre espadachim do segundo escalão.

Ótimo.

– E você? – perguntou Kylar.

– Você não vai acreditar. – Dorian estava se divertindo.

– Experimente.

– Eu sou Sa’seuran e Hoth’salar, e já fui vürdmeister da décima segunda *shu’ra*.

– Impressionante. – Kylar não fazia ideia do que aquilo significava.

– O que deveria ser importante para você é que eu sou um profeta. Meu nome é Dorian – apresentou-se com um sotaque khalidori nativo. – Dorian Ursuul.

– Você tinha razão – disse Feir. – Ele não está acreditando.

Tirando o descuido, as únicas coisas capazes de matar um derramador eram outros derramadores, magos e bruxos. Na avaliação de Blint, os bruxos eram os piores. Ele não havia negligenciado a formação de Kylar.

– Deixe-me ver seus braços – pediu o menino.

– Ah, quer dizer que você sabe sobre o vir – disse Dorian. – Quanto sabe sobre ele?

Dorian expôs os braços até os cotovelos. Não havia marca nenhuma.

– Sei que os bruxos o têm, que cresce na proporção do poder deles e que a sua complexidade mostra o nível de habilidade.

– Não faça isso, Dorian – falou Feir. – Não vou perder você por causa disso. Vamos dizer as palavras a ele e dar o fora daqui.

Dorian o ignorou:

– Somente homens e mulheres Talentosos podem usar o vir. Ele é mais fácil de manipular do que o Talento, e mais poderoso. É também extremamente viciante. Se ousarmos falar em termos morais absolutos, algo

que ousou fazer, ele é mau – explicou Dorian, com os olhos brilhantes cravados nos de Kylar. – Ao contrário do Talento, que pode ser bom ou mau como qualquer outro talento, o vir é intrinsecamente mau e corrompe quem o usa. Minha família julgou útil mandar marcar todos os meisters. Meus antepassados nunca viram motivo para nos marcarmos, a menos que assim quiséssemos. Os Ursuul podem fazer seu vir sumir quando quiserem, contanto que não o estejam usando.

– Blint deve ter pulado essa aula – disse Kylar.

– Que pena. Nós somos os vürdmeisters mais perigosos que você poderia imaginar.

– Dorian, diga as palavras para ele e pronto. Vamos...

– Feir! – ralhou Dorian. – Calado! Você sabe o que deve fazer.

O grandalhão obedeceu, olhando com raiva para o menino.

– Kylar – prosseguiu Dorian. – Você está pedindo a um alcoólatra que está parando de beber para tomar só mais um copo de vinho. Isso vai me custar semanas de martírio. Feir terá que me vigiar o tempo todo para garantir que eu não me deixe levar pela loucura. Mas você vale a pena.

A boca de Feir se contraiu, mas ele não disse nada.

Dorian estendeu os braços e um brilho trêmulo os percorreu. Enquanto Kylar olhava, foi como se veias bem fundas nos seus braços estivessem se contorcendo, lutando para chegar à superfície da pele. Então, bem depressa e ao mesmo tempo, todas afloraram. Os braços de Dorian ficaram pretos, como se um milhão de tatuagens novas fossem gravadas umas por cima das outras. Camadas se sobrepuseram, cada qual diferente, entrelaçando-se com as de baixo e com as de cima, mais escuras sobre mais claras, e outras mais escuras ainda a surgir por cima. Era lindo e terrível. O vir inchou de poder e começou a se mover, não apenas junto com os braços de Dorian, mas de modo independente. Parecia querer se libertar dos limites de sua pele. A escuridão do vir se espalhou pelo ambiente, e Kylar teve certeza de que não era apenas sua imaginação: o vir estava sugando a luz do recinto.

Os olhos de Dorian se dilataram até as íris azul-claras virarem finas bordas. Uma expressão de alegria arrebatada surgiu em seu rosto e ele

pareceu remoçar dez anos. O vir começou a inchar e a emitir estalos audíveis.

Feir suspendeu Dorian como se ele fosse um boneco e o sacudiu com violência. Ele estremeceu e não parou de tremer. Teria sido engraçado se Kylar não estivesse com tanto medo. Feir continuou sacudindo, sacudindo, até o recinto não estar mais escuro de poder. Então sentou Dorian em uma cadeira.

O amigo grunhiu e, de repente, pareceu novamente frágil e velho. Falou sem levantar a cabeça:

– Que bom que você se convenceu, Andarilho das Sombras.

Kylar estava convencido, mas Dorian não tinha como saber.

– Como sei que não foi uma ilusão? – indagou o rapaz.

– Ilusões não sugam luz. Ilusões... – começou Feir.

– Ele está só sendo teimoso, Feir. Ele acreditou. – Dorian fitou Kylar e desviou os olhos depressa. Soltou um grunhido. – Ah, eu agora não consigo nem encarar você. Todos os seus futuros... – Ele fechou os olhos com força.

– O que vocês querem de mim? – indagou Kylar.

– Eu consigo ver o futuro, Sem Nome, mas sou apenas humano, então rezo para estar errado. Rezo mesmo. Pelo que vi, se você não matar Durzo Blint amanhã, Khalidor vai invadir Cenária. Se não o matar daqui a dois dias, todo mundo que você ama vai morrer. O seu conde do Sa'kagé, o Shinga, seus amigos antigos e novos, todo mundo. Se fizer a coisa certa uma vez, isso custará um ano de culpa. Se fizer a coisa certa duas vezes, custará sua vida.

– Então é isso que está acontecendo aqui? Tudo isso não passa de uma armação para eu trair mestre Blint? Seus mestres pensaram que eu fosse cair? Ah, vocês descobriram muito sobre mim... comprar essa informação toda deve ter custado uma fortuna.

Dorian ergueu uma das mãos cansadas.

– Não estou pedindo para acreditar em tudo agora. Foi coisa demais e de uma vez só. Sinto muito por isso. Você agora pensa que nós somos khalidori e que desejamos que traia Blint para ele não poder nos deter. Talvez isto aqui

o convença de que está enganado: o que imploro a você, acima de tudo, é que mate o meu irmão. Não o deixe pegar o ka'kari.

Kylar teve a sensação de ter levado uma picada.

– Pegar o quê?

– Feir – chamou Dorian. – Diga as palavras que viemos dizer.

– Pergunte a Mama K.

Kylar balançou a cabeça.

– Esperem! O quê? Perguntar a ela sobre o ka'kari?

– Pergunte a Mama K – repetiu Feir.

– E o seu irmão, quem é?

– Se eu contar, você vai perder quando lutar com ele. – Dorian balançou a cabeça, mas continuou sem olhar para Kylar. – Maldito seja este poder. De que me adianta, se não posso explicar de uma maneira que entenda? Kylar, se o tempo é um rio, a maioria das pessoas vive submersa. Algumas sobem à superfície e conseguem adivinhar o que vai acontecer em seguida, ou então entender o passado. Eu sou diferente. Quando não me concentro, eu me destaco do fluxo do tempo. Minha consciência fica flutuando acima do rio. Eu vejo milhares de caminhos. Se você me perguntasse onde uma folha vai cair, eu não saberia dizer. Há infinitas possibilidades. Há muito ruído, como se eu tentasse seguir uma gota de chuva das nuvens até um lago, depois por uma cachoeira, e em seguida encontrá-la no rio duas léguas mais adiante. Quando posso tocar em alguém ou entoar rimas, isso me dá foco. Às vezes...

Perdido em seu devaneio, Dorian parecia olhar através da parede.

– Às vezes, quando transcendo o rio, começo a distinguir um padrão – continuou ele. – Aí não parece mais água, é como um tecido formado por cada insignificante decisão de um camponês e cada grande decisão de um rei. Quando começo a compreender a vastidão e a complexidade dessa trama, minha mente começa a se desintegrar.

Ele piscou e virou os olhos para Kylar. Semicerrou-os, como se o simples fato de o encarar lhe causasse dor.

– Às vezes são apenas imagens, totalmente involuntárias. Consigo ver a angústia no rosto do rapaz que me verá morrer, mas não sei quem ele é, nem

quando vai ser, nem por que ele vai se importar. Sei que amanhã um vaso quadrado dará esperança para você. Vejo uma menina pequena chorando sobre seu corpo morto. Ela está tentando puxá-lo, mas você é pesado demais. Puxá-lo para longe de quê? Não sei.

Kylar sentiu um arrepio.

– Uma menina? Quando?

Seria Ilena Drake?

– Não sei dizer. Espere. – Dorian piscou e seu rosto ficou rígido. – Vá agora, vá. Pergunte a Mama K!

Feir abriu a porta da frente com um movimento brusco. Kylar olhou para um mago, depois para o outro, pasmo com aquela dispensa abrupta.

– Vá – disse Feir. – Vá agora!

Kylar saiu correndo para dentro da noite. Feir passou vários instantes olhando para o ponto em que ele havia desaparecido. Então cuspiu no chão. Sem deixar de encarar as profundezas noturnas, perguntou:

– O que você não disse a ele?

Dorian deixou escapar uma expiração trêmula.

– Ele vai morrer. Aconteça o que acontecer.

– E onde isso se encaixa?

– Não sei. Talvez ele não seja o que esperávamos que fosse.



Kylar correu, mas a Dúvida correu mais depressa. O céu já clareava no leste e a cidade exibia seus primeiros sinais de vida. As chances de topar com patrulhas eram pequenas e ele sabia por onde andar. Elas geralmente ficavam na frente das lojas elegantes, ao passo que as ruas com lojas modestas eram negligenciadas. Mesmo assim, o que diria se encontrasse algum guarda? “Eu só estava dando um passeio matinal com roupas escuras, plantas ilícitas, um pequeno arsenal e o rosto pintado com cinzas?”

Diminuiu o passo e começou a andar. Não faltava muito para a casa de Mama K. O que estava fazendo? Obedecendo a um louco e a um gigante? A imagem do vir brotando dos braços de Dorian voltou à sua mente, revirando-lhe o estômago. Talvez o homem não fosse louco. Mas qual era o jogo deles? Os únicos conhecidos de Kylar que faziam as coisas só porque deviam eram os Drake, e imaginava que eles fossem a exceção à regra. No Sa'kagé, na corte e no mundo real, as pessoas faziam o que era melhor para elas mesmas.

Feir e Dorian não haviam negado ter outros motivos para estar em Cenária, mas com certeza se comportavam como se o mais importante fosse ele. Tinham agido como se realmente lhe confiassem o destino do reino! Era uma loucura. Mas ele tinha acreditado.

Se fossem apenas dois mentirosos, não teriam tentado lhe dizer como as coisas seriam maravilhosas caso ele matasse Blint? Ou será que eram simplesmente mais espertos do que a maioria dos mentirosos? Independente

do que fizesse, Kylar perderia tudo. Que tipo de vidente falaria uma coisa dessas?

Mesmo assim, Kylar se pegou correndo outra vez, assustando uma lavadeira que enchia baldes com água no caminho. Parou em frente à porta de Mama K e se sentiu novamente incomodado. Mama K ficava acordada até tarde e levantava cedo todos os dias, mas se havia um horário do dia em que podia ter certeza de que ela estaria na cama, era aquele. Era a única hora do dia em que a porta estaria trancada. *Que merda, quer se decidir logo?*

Kylar bateu de leve à porta, recriminando-se por ser um covarde. Caso ninguém atendesse, iria embora.

A porta se abriu quase no mesmo instante. A criada de Mama K pareceu quase tão surpresa quanto ele. Era uma mulher já de idade, com um xale em volta dos ombros.

– Ora, bom dia, milorde. Que surpresa. Não consegui dormir. Por algum motivo, fiquei pensando que a nossa farinha iria acabar, mesmo eu tendo verificado ontem à noite. Estranho, não? Estava justamente passando pela porta para verificar quando o senhor bateu... Ah, pelos doze mamilos de Arixula, olhe eu aqui tagarelado feito uma velha tonta.

Kylar abriu a boca, mas nenhuma palavra se encaixaria nas frestas do monólogo da ex-prostituta, fosse de lado ou em qualquer outra posição.

– “Bata na minha cabeça e me jogue no rio, patroa”, vivo lhe dizendo, mas ela só ri da minha cara. Queria ser jovem para poder ver em seu rosto a expressão que costumava ver no rosto dos homens. Antigamente, estes sacos velhos faziam-nos levantarem a cabeça e prestarem atenção. Você trombava com a parede porque não conseguia desgrudar os olhos. Antigamente, me ver de camisola... É claro que eu não usava estes trapos de velha como agora, mas, se eu vestisse o tipo de roupa de antigamente, acho que meteria medo nas crianças. Isso me dá mesmo saudades dos...

– Mama K está acordada?

– O quê? Ah, na verdade acho que está, sim. Não tem dormido bem, pobrezinha. Pode ser que uma visita lhe faça bem. Embora eu ache que foi uma visita daquele Durzo que a deixou abalada. A idade dela é difícil,

passar do que já foi a uma mulher igual a mim. Ela está com quase 50. Isso me faz pensar que...

Kylar passou pela criada e subiu a escada. Nem teve certeza se a velha percebera. Bateu à porta e aguardou. Não houve resposta. Contudo, como uma nesga de luz brilhava na fresta do batente, abriu-a.

Mama K estava sentada de costas para ele. Duas velas que já eram quase cotocos proporcionavam a única luz do recinto. Mal se mexeu quando Kylar entrou. Por fim, virou-se para ele devagar. Tinha os olhos inchados e vermelhos, como se houvesse passado a noite em claro chorando. *Chorando? Ela?*

– Mama K? Que cara péssima.

– Você sempre soube dizer a coisa certa para as damas.

Kylar fechou a porta. Foi então que reparou nos espelhos. O espelho de cabeceira de Mama K, onde ela se maquiava, seu espelho de mão, até mesmo o grande espelho em pé... estavam todos quebrados. No chão, cacos cintilavam débeis à luz das velas.

– Mama K? O que houve?

– Não me chame assim. Nunca mais me chame assim.

– O que está acontecendo?

– Mentiras, Kylar – respondeu ela, baixando os olhos para o colo, com o rosto parcialmente escondido nas sombras. – Lindas mentiras. Mentiras que venho usando há tanto tempo que nem sei mais o que existe por baixo delas.

Ela se virou. Até uma linha que corria pelo meio do rosto, havia tirado toda a maquiagem. A metade esquerda estava sem pintura; era a primeira vez que Kylar a via assim. Isso a deixava com um aspecto envelhecido, emaciado. Finas rugas dançavam pela superfície do rosto de Gwinvere Kirena, outrora delicada, mas agora somente pequena e dura. Círculos escuros sob os olhos lhe conferiam uma vulnerabilidade espectral. O efeito de ter metade do rosto perfeitamente apresentável e a outra nua era absurdo, feio, quase cômico.

Kylar demorou demais para esconder o choque; não que algum dia tivesse conseguido ocultar grande coisa de Mama K, mas ela pareceu gostar

de ser magoada.

– Imagino que não esteja aqui só para ver o circo dos horrores. O que deseja, Kylar?

– Você não é um circo dos...

– Responda à minha pergunta. Eu sei a cara de um homem com uma missão. Você veio me pedir ajuda. Do que está precisando?

– Droga, Mama K, pare de...

– Não! – A voz dela estalou feito um chicote. Então a expressão de seus olhos descombinados se suavizou e ela olhou para além dele. – É tarde demais. Eu escolhi isto. Maldito seja Durzo, mas ele tem razão. Eu escolhi esta vida, Kylar. Escolhi cada passo. De nada adianta trocar as putas no meio de um bacanal. Você veio falar sobre Durzo, não é?

Desconcertado, Kylar encostou os nós dos dedos na testa. No entanto, conseguiu ler a expressão no rosto dela: “Assunto encerrado.” Kylar se rendeu. Tinha ido lá falar sobre Durzo? Bem, era um lugar tão bom para começar quanto outro qualquer.

– Ele disse que vai me matar se eu não achar o ka’kari prateado. Nem sei direito o que é um ka’kari.

Ela inspirou fundo.

– Estou pedindo para ele contar para você há anos. Seis ka’kari foram fabricados para os seis campeões de Jorsin Alkestes. Aqueles que os usavam não eram magos, mas lhes conferiam poderes de mago. E não como os magos fracos de hoje em dia: magos de sete séculos atrás. Você é a mesma coisa que eles eram. Um ka’karifeiro. Nasceu com um buraco no seu Talento que só um ka’kari pode preencher.

Mama K e Durzo sabiam tudo isso e nunca lhe contaram?

– Ah, bem, obrigado. Pode me indicar o caminho da loja de artefatos mágicos mais próxima? Talvez uma que faça desconto para derramadores? – perguntou Kylar. – Se esses troços realmente existiram, ou já foram recolhidos pelos magos, ou estão no fundo do oceano, ou algo assim.

– Algo assim.

– Está me dizendo que sabe onde está o ka’kari prateado?

– Considere a seguinte situação – disse Mama K. – Você é um rei. Obtém um ka’kari, mas não consegue usá-lo. Talvez não tenha ninguém de confiança capaz de usá-lo. O que você faz? Guarda-o para depois ou para os seus herdeiros. Talvez nunca registre isso, porque sabe que as pessoas vão mexer nas suas coisas quando você morrer e roubar seus bens mais valiosos, então planeja contar ao seu filho algum dia antes de ele assumir o trono. De uma forma ou de outra, porém, como tantas vezes acontece com os reis, você morre antes de conseguir ter essa conversa. O que acontece com o ka’kari?

– O filho herda.

– Exato, mas não sabe o que é. Talvez até saiba que é algo importante, que tem poderes mágicos, mas, como você disse, se contar para os magos, eles mais cedo ou mais tarde vão tirar o objeto dele ou de seus herdeiros. Então guarda e não conta para ninguém. Passado um número suficiente de gerações, o objeto se torna apenas mais uma joia do tesouro real. Após setecentos anos, já mudou de mãos dezenas de vezes, mas ninguém faz ideia do que seja. Até que um dia o Deus-rei de Khalidor exige um tributo que inclui uma joia específica e um rei de estupidez acima do normal a dá de presente à sua amante.

– Está se referindo a... – começou Kylar.

– Acabei de descobrir, hoje mesmo, que Nove deu o ka’kari de prata, o Globo dos Limites, para lady Jadwin. Ele parece uma pequena joia estranhamente metálica, como um diamante com um tom meio prateado. Por acaso, é também uma das joias preferidas da rainha Nalia. Ela acha que a joia se perdeu e está uma fera, então amanhã à noite alguém de confiança do rei, não sei quem, será despachado para recuperá-la. Os Jadwin darão uma festa e o ka’kari estará vulnerável. Não haverá nenhum guarda do rei, nenhum mago, nenhum tesouro protegido por lacres mágicos. Ou lady Jadwin vai usar o ka’kari, ou ele vai estar no seu quarto. Kylar, você precisa entender o que está em jogo. Supostamente, o ka’kari escolhe os próprios mestres, mas os khalidori acham que conseguem forçar um vínculo usando a magia. Se o Deus-rei conseguir isso... imagine o caos que ele criaria se

pudesse viver para sempre.

Essa possibilidade fez um arrepio subir pela nuca de Kylar.

– Você está mesmo falando sério, não está? Já contou para Durzo?

– Durzo e eu... eu não estou muito inclinada a ajudá-lo neste momento.

Mas tem mais, Kylar. Eu não sou a única que sabe disso.

A angústia deformou seus traços, e ela olhou para o outro lado.

– Como assim?

– Khalidor contratou alguém para pegar o ka'kari. Aliás, foi assim que meus espões descobriram. Parece que o serviço é vapt-vupt.

– Parece?

– Eles contrataram Hu Gibbet.

– Ninguém contrataria Hu para um serviço vapt-vupt. O cara é um açougueiro.

– Eu sei – disse Mama K.

– Mas quem é a vítima?

– Arrisque um palpite. Metade dos nobres do reino vai estar presente. Seu amigo Logan aceitou o convite, e talvez até o príncipe vá à festa. Os dois parecem inseparáveis, ainda que sejam tão diferentes quanto a noite do dia.

– Mama, quem é o seu espão? Você me consegue um convite?

Ela abriu um sorriso misterioso.

– Meu espão não pode ajudá-lo, mas eu conheço alguém que pode. Na verdade, apesar de todos os meus esforços, você também a conhece.



Kylar já tinha se aproximado de alguns homens para matá-los em plena luz do dia, a poucos passos de um membro da guarda da cidade. Já havia rastejado por baixo de mesas e levado arranhões de gatos enquanto a guarda vasculhava o recinto em busca de intrusos. Já tivera de quebrar um tonel de vinho e se esconder lá dentro enquanto o provador de um nobre escolhia a garrafa certa para um jantar. Já esperara a um metro de um fogo aceso após envenenar um ensopado enquanto um cozinheiro ponderava consigo mesmo em qual tempero havia exagerado para deixá-lo com um sabor tão estranho.

Mas nunca ficara tão nervoso.

Desanimado, encarou a porta, uma entrada estreita para criados. Naquele dia ele era um pedinte e estava ali para implorar por um pedaço de pão. Tinha os cabelos lambidos e gordurosos, cobertos de cinzas e banha. A pele estava grossa e marrom, as mãos nodosas e artríticas. Para chegar àquela porta, tivera que passar pelos guardas no alto portão da propriedade.

– Ei, velho – disse um guarda gordo e baixote com uma alabarda na mão. – O que você quer?

– Ouvi dizer que minha garotinha está aqui. A Srta. Cromwyll. Estava torcendo para ela me conseguir um pedaço de pão, só isso.

Isso despertou o outro guarda, que só havia lançado um breve olhar na direção de Kylar.

– Como é que é? Você é parente da Srta. Cromwyll? – O ar protetor

daquele homem de quase 40 anos era palpável.

– Não, não, ela não é minha filha – protestou Kylar, arrancando dos pulmões uma risada rascante. – Só uma velha amiga.

Os guardas se entreolharam.

– E você vai tentar achá-la e trazê-la até aqui com toda essa confusão que está acontecendo hoje? – indagou o Baixote.

O outro balançou a cabeça, resmungou alguma coisa e começou a revistar Kylar sem encostar muito nele.

– Juro que um dia desses vou acabar pegando piolho de um dos vagabundos da Srta. Cromwyll.

– Ah, eu sei, mas por ela vale a pena, não vale?

– Você não é tão magnânimo quando é a sua vez de revistar o mendigo, Birt.

– Ah, vá se foder!

– Pode ir. A cozinha é por ali – disse o outro guarda para Kylar. – Birt, eu sou mole com você, mas se mandar eu me foder mais uma vez, vou enfiar a minha bota na sua...

Kylar seguiu na direção da cozinha arrastando os pés, fingindo não conseguir dobrar direito um dos joelhos. Apesar de toda aquela conversa, os guardas eram profissionais. Seguravam as armas como se soubessem o que fazer com elas e, embora não tivessem identificado o seu disfarce, não haviam negligenciado o dever de revistá-lo. Essa disciplina era um mau presságio para ele.

Andou a passos lentos a fim de decorar a planta da propriedade. Os Jadwin eram duques havia cinco gerações e sua residência era uma das mais lindas da cidade. O terreno tinha vista para o rio Plith e ficava bem em frente ao Castelo de Cenária. Logo ao norte se situava a ponte de East Kingsbridge, em tese de uso militar, mas que segundo os boatos era usada com mais frequência para os encontros noturnos do rei. Se lady Jadwin de fato fosse amante de Nove, a propriedade tinha a localização perfeita para um fácil acesso. O rei também fazia o duque viajar por toda Midcyru em missões diplomáticas que todos, menos ele próprio, sabiam ser puro

fingimento.

A casa em si ficava no alto de uma pequena colina central que permitia avistar todo o rio, apesar dos muros de 4 metros de altura encimados por estacas que cercavam todo o terreno.

Com a mão trêmula para simular uma paralisia, Kylar bateu à porta dos criados.

– Pois não?

A porta se abriu e uma jovem o encarou com ar de expectativa enquanto limpava as mãos no avental.

Era uma moça linda, que devia ter uns 17 anos, com um corpo em formato de ampulheta que, mesmo sob os trajes grosseiros de criada, teria causado inveja em qualquer uma das meninas que trabalhavam para Mama K. As cicatrizes continuavam visíveis: um X na bochecha, outro sobre a boca carnuda, e um traço do canto da boca até o canto externo do olho, que a deixava com um pequeno sorriso permanente, mas seu aspecto bondoso suavizava a crueldade.

Kylar se lembrava de como o olho dela ficara horrivelmente inchado. Tivera medo de ela nunca mais recuperar a visão. Mas os seus olhos eram límpidos, castanhos e brilhantes. Reluziam de bondade e felicidade. O nariz da Menina-Boneca tinha virado mingau. O de Elene não era completamente reto, mas não tinha um aspecto ruim. E sua boca continha todos os dentes; é claro, ela era nova demais para ter perdido na surra mais do que os dentes de leite.

– Entre, senhor – disse ela baixinho. – Vou achar alguma coisa para você comer.

Elene lhe deu o braço e não pareceu ofendida pelo fato de ele a encarar. Conduziu-o até um pequeno cômodo lateral. Com calma, falou a uma mulher dez anos mais velha que ela precisava assumir suas tarefas enquanto Elene cuidava do seu convidado. Pelo tom e pela reação da mulher, Kylar pôde ver que a moça era adorada naquela casa e que sempre cuidava de mendigos.

– Como está se sentindo, senhor? Quer um bálsamo para as mãos? Sei

que devem doer nessas manhãs frias.

O que ele fizera para merecer aquilo? Havia se apresentado na forma de um pedinte dos mais repulsivos e ela o cobria de gentilezas. Não tinha nada para lhe dar, mas ela o tratava como um ser humano. Aquela era a mulher que quase havia morrido por causa de sua arrogância e estupidez, por causa do seu fracasso. A única feiura no rosto dela era por causa de Kylar.

Ele pensava ter se livrado da culpa dois anos antes, quando Mama K o fizera entender que havia salvado Elene de algo ainda pior do que as cicatrizes. Mas vê-las de perto era um convite de volta ao inferno.

Ela pôs sobre a mesa um pão coberto com um molho quente recém-preparado e começou a cortá-lo em pedaços menores.

– Quer se sentar aqui? Assim cortadinho vai ficar mais fácil de mastigar, não é? – indagou, falando com a voz alta que as pessoas que trabalham com idosos aprendem a usar. Sorriu e as cicatrizes repuxaram seus lábios carnudos.

Não. Fora ele quem a pusera ali, com aquelas pessoas que a adoravam, onde ela podia se dar ao luxo de dividir um pão. Elene tinha feito as próprias escolhas para se tornar quem era agora, mas ele é que as tornara possíveis. Se fizera algo de bom na vida, era isso. Fechou os olhos e inspirou bem fundo. Quando os abriu e a encarasse, sem que a culpa lhe turvasse a visão, ela lhe pareceu de uma beleza estonteante. Tinha os cabelos dourados e lustrosos, a pele perfeita com exceção das cicatrizes, olhos grandes e brilhantes, malares saltados, lábios cheios, dentes brancos, pescoço esguio, corpo sedutor. Estava inclinada para cortar o pão que lhe oferecia e o corpete do vestido se abria na frente...

Kylar desviou os olhos e tentou acalmar a própria pulsação. Ela reparou no movimento brusco e o encarou. Ele sustentou aquele olhar. A expressão da moça era intrigada, franca. Será que ele iria mesmo lhe pedir para trair o patrão?

Um emaranhado de emoções que ele mantivera seguras dentro de algum armário escuro no canto da própria alma veio à tona e irrompeu pelas portas. Kylar se engasgou com um soluço. Piscou com força. *Controle-se.*

Sem ligar para as roupas imundas e para o fedor, Elene passou um braço à sua volta. Não disse nada, não perguntou nada, apenas o tocou. Um formigamento percorreu o corpo de Kylar e suas emoções tornaram a aflorar.

– Você sabe quem eu sou? – indagou ele. Sem usar a voz de mendigo.

Elene Cromwyll o encarou com uma expressão estranha, sem entender. Ele quis permanecer corcunda para se esconder daquele olhar bondoso, mas não conseguiu. Endireitou as costas, levantou-se, esticou os dedos.

– Kylar? – disse ela. – É você! O que está fazendo aqui? Foram Mags e Ilena que mandaram você vir? Ai, meu Deus, o que elas disseram?

Suas bochechas coraram, mas seus olhos se acenderam de esperança e vergonha. Não era justo uma mulher ser tão linda assim. Será que ela sabia o efeito que lhe causava?

Seu rosto era o de uma menina surpreendida por um menino do melhor jeito possível. Ai, pelos deuses. Ela achava que ele tivesse ido ali convidá-la para a festa de Mags. As expectativas de Elene estavam prestes a colidir com a realidade como uma criança pequena trombando com a cavalaria alitaerana.

– Esqueça Kylar – disse ele, embora isso lhe causasse dor. – Olhe para mim e me diga quem vê.

– Um velho? – respondeu ela. – Seu disfarce está ótimo, mas a festa não é a fantasia.

Ela tornou a corar, como se estivesse extrapolando as suposições.

– Olhe para mim, Menina-Boneca. – A voz dele saiu engasgada.

Ela se deteve, atônita, com os olhos cravados nos seus. Tocou seu rosto. Arregalou os olhos.

– Azoth – murmurou. Levou uma das mãos à mesa para se segurar. – Azoth!

Jogou-se em cima dele tão depressa que ele quase tentou bloquear seu ataque. Então começou a apertá-lo. Ele ficou totalmente parado e sua mente se recusou a entender o que estava acontecendo: ela estava lhe dando um abraço.

Ele não conseguiu se forçar a fazer movimento algum, não conseguiu

pensar; apenas sentiu. A pele lisa da bochecha dela roçou na sua, áspera e com a barba por fazer. Os cabelos dela encheram suas narinas com um cheiro limpo de juventude e possibilidades. Ela o abraçou com força e o calor dos seus braços, o ventre firme e maleável e a pura suavidade feminina dos seios imprensados contra o seu peito formaram um acorde de perfeita aceitação.

Hesitante, ele afastou as mãos da lateral do corpo e tocou-lhe as costas. Sentiu um gosto de sal nos próprios lábios. Uma lágrima, a sua lágrima. Seu peito foi tomado por convulsões incontroláveis e ele começou a soluçar. Agarrou-se a ela, que o apertou com mais força ainda. Ele a sentiu chorar, sentiu as respirações entrecortadas sacudirem seu corpo esguio. E por um instante o mundo se reduziu a um único abraço de reencontro, alegria e aceitação.

– Azoth, eu ouvi dizer que você tinha morrido – disse Elene, cedo demais.

Você vai ficar sempre só. Kylar gelou. Se lágrimas pudessem parar na metade de uma bochecha, as suas o teriam feito.

Soltou Elene e deu um passo para trás. Os olhos dela estavam vermelhos, mas ainda brilhavam quando ela enxugou as lágrimas com um lenço. Um súbito desejo de tomá-la nos braços e lhe dar um beijo o submergiu feito uma onda. Ele piscou e ficou parado até a realidade assumir o controle da situação. Abriu a boca, mas não conseguiu dizer nada, não conseguiu estragar aquele momento. Tentou outra vez, pronto para contar mentiras, mas foi incapaz. *“Relacionamentos são cordas. O amor é uma força.” Foi Durzo quem me falou. Ele me deu uma chance. Eu poderia ter virado fabricante de flechas, herbalista. Mas escolhi isto.*

– Eu recebi uma ordem para nunca mais ver você. Do meu mestre. – Sua língua parecia feita de chumbo. – Durzo Blint.

Pôde ver que até mesmo Elene já tinha ouvido falar em Durzo Blint. Os olhos dela se contraíram de incompreensão. Ele conseguia acompanhar seu raciocínio: se Durzo era seu mestre, isso queria dizer que... Viu um pequeno e breve sorriso de incredulidade, como se estivesse prestes a dizer: “Mas

derramadores são monstros e você não é.” Mas então o sorriso se foi. Por que outro motivo seu Azoth jamais teria entrado em contato? De que outro modo um menino de guilda poderia ter desaparecido completamente?

O olhar dela se fez distante.

– Quando me machucaram, eu me lembro de você conversando com alguém, pedindo para ele me salvar. Pensei que fosse um sonho. Era Durzo Blint, não era?

– Era.

– E você... você agora é a mesma coisa que ele é?

– Quase.

Na verdade, sou só um assassino, um instrumento.

– Virou seu aprendiz para ele me salvar? – indagou ela e sua voz mal passou de um sussurro. – Virou o que é por minha causa?

– Sim. Não. Não sei. Depois que matei Rato, ele me deu uma chance de ir embora, mas eu não queria mais ter medo e Durzo nunca tinha medo. Mesmo como aprendiz ele me pagava tão bem que eu podia... – Ele se interrompeu.

Os olhos de Elene se estreitaram enquanto ela raciocinava.

– Me sustentar – concluiu. Então tapou a boca com as mãos.

Ele assentiu. *Sua linda vida foi construída com dinheiro de sangue.* O que ele estava fazendo? Deveria ter mentido para ela; a verdade só poderia destruir.

– Me desculpe. Eu não deveria ter contado. Eu...

– *Me desculpe?!?* – interrompeu Elene. Ele imaginou quais seriam as palavras seguintes a sair de sua boca: *Você é um fracasso. Olhe o que fez comigo.* – Como assim? Você me deu tudo! Você me alimentou nas ruas quando eu era pequena demais para achar comida sozinha. Você me salvou de Rato e me pôs para morar com uma família boa que me deu amor.

– Mas... você não está brava comigo?

Ela se espantou:

– Por que estaria brava com você?

– Se eu não tivesse sido tão arrogante, aquele patife não teria ido atrás de

– Você tinha 11 anos!

– Cada cicatriz no seu rosto é culpa minha. Pelos deuses, olhe só para você! Teria sido a mulher mais linda da cidade! Mas em vez disso está aqui, dando pão para mendigos.

– Em vez de quê? – perguntou ela, baixinho. – Você conhece alguma menina que seja prostituta desde criança? Eu, sim. Já vi do que você me salvou. E agradeço por isso todos os dias. Agradeço por estas cicatrizes!

– Mas o seu rosto! – Kylar estava novamente à beira das lágrimas.

– Se esta for a maior feiura da minha vida, Azoth, eu me considero bem sortuda.

Ela sorriu e, apesar das cicatrizes, o recinto inteiro se iluminou. Ela era linda, de tirar o fôlego.

– Você é linda – disse ele.

Elene enrubesceu. As únicas meninas que Kylar conhecia que coravam eram as irmãs Drake – Serah não mais.

– Obrigada – agradeceu ela e tocou seu braço, causando-lhe arrepios.

Ele a encarou nos olhos e também ruborizou. Nunca tinha sentido tanta vergonha na vida. *Estava vermelho!* Aquilo só piorava a situação. Ela riu, não de Kylar nem do seu desconforto, mas de uma alegria inocente que provocou dor nele. A risada de Elene era grave, assim como sua voz, e passou pelo corpo de Kylar como uma brisa fresca em um dia de calor.

Então a risada silenciou e uma expressão de profunda tristeza tomou conta de seu rosto.

– Eu sinto tanto, Azoth... Kylar. Sinto muito pelo que você precisou pagar para me pôr aqui. Não sei nem o que pensar. Às vezes parece que a mão do Deus não se estica muito para dentro das Tocas. Me desculpe. – Ela passou um tempão olhando para ele e outra lágrima escorreu por sua face. Ela a ignorou e continuou a encará-lo. – Kylar, você é um homem mau?

Ele hesitou antes de responder.

– Sou.

– Não acredito – disse ela. – Um homem mau teria mentido.

– Talvez eu seja um malvado honesto.

Ele se virou para o outro lado.

– Acho que você ainda é o mesmo menino que dividia o pão com os amigos quando estava faminto.

– Eu sempre ficava com o pedaço maior – sussurrou ele.

– Então nossas lembranças são diferentes – rebateu Elene. Ela deu um suspiro e enxugou a lágrima. – Você... veio aqui fazer algum trabalho?

A pergunta foi como um soco no plexo solar.

– Um derramador vai vir matar uma pessoa na festa de hoje à noite e roubar uma coisa. Eu preciso de um convite para entrar.

– O que você vai fazer? – Ela quis saber.

Na verdade, Kylar mal havia pensado a respeito.

– Matá-lo – respondeu.

E era essa a verdade. Hu Gibbet era o tipo de pervertido que, quando obrigado a esperar muito tempo entre um serviço e outro, começava a matar mendigos. Precisava matar como um alcoólatra precisa de vinho. Se Kylar aparecesse e roubasse primeiro o ka'kari prateado, Hu iria atrás dele. Era um derramador consumado, com a reputação de ser tão bom de briga quanto Durzo. A única chance de Kylar matá-lo seria pegá-lo desprevenido. Naquela noite.

Elene continuou sem encará-lo.

– Se você for mesmo um derramador, tem outras maneiras de entrar. Deve conhecer falsificadores. Kylar Stern deve ter contatos. Talvez um convite meu fosse o jeito mais fácil, mas não foi por isso que veio aqui. Veio examinar a casa, não foi?

O silêncio dele bastou como resposta.

– Passei todos esses anos pensando que Azoth estivesse morto – disse Elene, virando-lhe as costas. – E talvez esteja mesmo. Talvez eu tenha ajudado a matá-lo. Sinto muito, Kylar. Eu daria minha vida para ajudá-lo, mas não posso dar o que não é meu. Minha lealdade e minha honra pertencem ao Deus. Não posso trair a confiança da minha patroa.

Infelizmente, vou ter que pedir para você ir embora.

Era um passa-fora mais suave do que ele merecia, mas ainda assim um passa-fora. Kylar vergou as costas, fechou as mãos para simular duas garras artríticas e se retirou. Quando chegou ao portão, virou-se, mas Elene não estava mais lá.



Como todas as boas emboscadas, aquela ocorreu na hora e no lugar que menos esperavam. Solon, Regnus e seus homens haviam descido as montanhas, cruzado as planícies centrais e chegado a 3 quilômetros da longa fronteira norte de Cenária.

O duque Gyre e seus homens avançavam entre dois largos arrozais na estrada elevada quando toparam com um homem que conduzia uma carroça puxada a cavalo. Vários camponeses trabalhavam nas plantações, as calças arregaçadas até os joelhos, obviamente desprovidos de armaduras ou armas. O carroceiro puxou seu cavalo velho de lado e olhou com interesse para os soldados.

Solon devia ter percebido antes, claro. Camponeses não usavam mangas compridas nos arrozais. Mas foi só quando estavam a 20 passos do carroceiro que ele viu. O vürdmeister largou as rédeas do cavalo, uniu os pulsos, e um fogo verde desceu rugindo por seu vir e preencheu cada uma das mãos. Ele bateu com os pulsos um no outro, e o fogo de bruxo jorrou para a frente.

Ele atingiu o soldado à esquerda de Solon e varou seu corpo. A magia era feita para se desfazer em camadas ao transpassar cada homem. Tinha o tamanho de uma cabeça ao acertar o primeiro, de um punho ao alcançar o segundo e, por fim, de um polegar ao destruir o terceiro. Em um instante, os soldados estavam todos mortos. Chamas jorravam de sua carne e queimavam o sangue, que esguichava de seu corpo como se fosse óleo.

Um segundo depois, fogo de bruxo atingiu os soldados do lado direito quando dois vürdmeisters arremessaram a morte no meio deles. Mais três homens caíram.

Sobraram Solon, o duque e dois soldados. O fato de os homens terem esboçado qualquer reação era um tributo à sua disciplina, mas Solon sabia que eles estavam condenados. O primeiro partiu a cavalo para a direita. O duque Gyre e o outro partiram para a esquerda, deixando Solon sozinho para cuidar do vürdmeister na estrada.

Solon não se mexeu. O vürdmeister tinha armado a emboscada de modo que eles tivessem tempo de sobra para disparar duas ou três bolas de fogo de bruxo. Doze espadachins não eram páreo para três bruxos.

Não houve tempo para pesar as consequências. Não houve tempo sequer para transformar em magia a luz do sol que banhava os arrozais. Solon recorreu direto à sua *glore vyrden* e lançou no ar três minúsculas centelhas. Duas delas partiram, velozes como flechas, e de algum jeito conseguiram não acertar o duque ou seus soldados. Ambos os vürdmeister estavam materializando fogo verde outra vez quando as centelhas, que não chegavam nem ao tamanho da ponta de um dedo, tocaram suas peles.

Não eram nem de longe letais. Solon não tinha magia suficiente para enfrentar nem mesmo um daqueles vürdmeisters sozinho, que dirá todos os três juntos. As centelhas provocaram um choque leve, mas suficiente para tensionar seus músculos por um segundo e interromper por completo a concentração. Antes de conseguirem se recuperar, espadas os abateram com toda a força e os dois bruxos morreram.

Por último, Solon lançou a centelha que sobrou sobre o bruxo no meio da estrada, que a bloqueou. Na verdade não chegou a ser um bloqueio, mas um mero sopro. A centelha voou na direção dele e morreu como se fosse um graveto em chamas. O contra-ataque foi um jato de fogo que partiu rugindo na direção de Solon com o mesmo barulho e a mesma ira de um hálito de dragão.

Não havia como bloquear aquele fogo. Solon se jogou da sela no chão e disparou outra centelha enquanto rolava na estrada.

O bruxo nem se deu o trabalho de neutralizar a centelha, pois ela passou a uns bons 3 metros de onde ele estava. Virou-se e materializou quase 15 metros de fogo como se fosse uma coisa viva, girando-o nas mãos para seguir Solon.

A centelha acertou o flanco do cavalo. O velho animal, já aterrorizado pelo sangue, pelos barulhos e pelo brilho do fogo antinatural, deu um tranco na carroça, empinou e começou a escoicear.

O vürdmeister nem ouvia o relincho do cavalo, tamanho o rugido das chamas. Em um segundo, estava direcionando o jorro de fogo para Solon pela margem da estrada. No segundo seguinte, levou um coice nas costas e caiu de quatro no chão sem entender nada. Arquejou e virou-se a tempo de ver o animal recuperar o equilíbrio. Cavalo e carroça passaram por cima dele, esmagando-o na estrada.

Solon saiu da água e da lama do arrozal a tempo de ver a carroça correr como não corria em dez anos, antes de o cavalo finalmente cair. Ele estava morto, claro: o crânio era uma ruína fumegante e os cheiros de pelo queimado e carne cozida se mesclavam acima do cadáver quase inteiramente destruído.

O fogo de bruxo já quase não ardia sobre os corpos dos soldados mortos. Espalhava-se muito depressa, mas só durava uns dez segundos.

Dez segundos? Foi tão rápido assim?

O barulho de cascos trouxe Solon de volta à realidade. Ele ergueu os olhos para o duque Gyre, cujo semblante estava imóvel, duro.

– Você é um mago – disse ele.

– Sim, milorde – confirmou Solon com a voz pesada.

As linhas agora tinham sido escritas pelo seu silêncio. O duque não tinha escolha. Confrontado com uma surpresa dessas, um homem mais esperto teria fingido saber desde o início que Solon era um mago. Então poderia ter decidido o que fazer com ele mais tarde. Porém, o duque Gyre era direto demais para agir assim. Essa era ao mesmo tempo sua força e sua fraqueza.

– E tem passado informações a meu respeito para outros magos.

– Só... para amigos, milorde.

Era uma resposta fraca e Solon sabia disso, mas não conseguia imaginar que tudo pudesse se esvaír. Com certeza sua amizade com Regnus e dez anos de serviços valiam mais do que aquilo.

– Não, Solon – retrucou o duque Gyre. – Vassalos leais não espionam seus senhores. Você hoje salvou minha vida, mas está me traindo há anos. Como pôde fazer uma coisa dessas?

– Eu não estava...

– Em troca da minha vida, vou lhe dar a sua. Suma daqui. Pegue um dos cavalos e suma. Se eu tornar a ver sua cara, vou matá-lo.

“Fique com ele”, dissera Dorian. “A vida dele depende disso. Um reino depende disso. ‘Pela sua palavra ou pelo seu silêncio, um rei irmão jaz morto.’”

Mas Dorian nunca tinha dito por quanto tempo ele teria que servir ao duque Gyre, certo? Solon fez uma mesura para o amigo e pegou uma rédea das mãos de Gurden, que parecia atordoado demais para demonstrar qualquer emoção. Então montou no cavalo e virou as costas para o duque.

Será que eu hoje salvei ou amaldiçoei Cenária?



A tarde de Kylar tinha sido frenética. Ele precisara fazer Logan conseguir seu convite com alguma outra pessoa e Durzo desaparecera, deixando um recado sucinto e bem do seu feitio: “Fui fazer um serviço.” Em geral, o derramador não lhe dava muitos detalhes, mas ultimamente Kylar vinha se sentindo cada vez mais excluído, como se o mestre tentasse criar uma distância entre eles para que fosse mais fácil matá-lo quando chegasse a hora.

A ausência de Durzo significava que Kylar não precisaria confessar ter falado com Elene, o que não era de todo uma coisa ruim. Mas ainda havia o dilema: como prometera a Logan que compareceria à festa, teria que ir sem disfarce; no entanto, como contara a Elene que iria, ela o denunciaria na hora. O que fazer?

Por esse motivo, fora de carruagem, embora parecesse estranho um jovem nobre desacompanhado não chegar a cavalo. O veículo parou diante do portão e ele entregou o convite a Birt. O homem não o reconheceu, claro. Apenas conferiu o papel com cuidado e acenou para ele entrar. Kylar ficou feliz em vê-lo. Se ele ainda estava cuidando da porta, isso significava que os Jadwin não tinham guardas suficientes. Talvez os patrões não tivessem acreditado em Elene. Afinal de contas, o que uma criada poderia saber sobre as maquinações dos derramadores?

Kylar deu um passo para fora e gelou. A carruagem logo à sua frente estava aberta e um homem magro feito um varapau descia dela. Era Hu

Gibbet, todo vestido de couro cor de chocolate e seda como um lorde, com os cabelos louros compridos penteados e lustrosos, a sorrir com o desdém de alguém superior a todos em volta. Kylar tornou a se encolher para dentro da própria carruagem. Então era verdade. Contou até dez e saltou, com medo de o condutor estranhar o que estava fazendo e atrair atenção para ele. Viu Hu desaparecer dentro da festa. Depois de mostrar o convite outra vez aos guardas em frente à gigantesca porta de carvalho branco, ele o seguiu.

– Quer dizer que você conseguiu a permissão do bode velho? – perguntou o príncipe Aleine.

Logan olhou para o amigo do outro lado da comprida mesa sobre a qual estavam distribuídas todas as iguarias. A mesa ficava junto a uma das paredes do grande salão nobre, todo feito de mármore e carvalho brancos. Contra esse fundo monocromático, os nobres eram uma profusão de cores. Vários dos mais influentes hecatonarcas do reino, os sacerdotes dos cem deuses, misturavam-se à multidão com suas vestes multicoloridas. Um grupo de menestréis com capas e maquiagem chamativas disputava atenção com homens e mulheres da pequena e grande nobreza.

Terah Graesin havia aparecido na última grande festa, duas semanas antes, usando um vestido vermelho com um decote escandaloso e uma bainha curtíssima. Era a oitava na linha sucessória do trono, depois do príncipe, das filhas de Gunder, de Logan e do próprio pai, o duque Graesin, e adorava o prestígio que esse status lhe conferia. Sua ousadia havia criado uma nova moda e agora todos os vestidos eram vermelhos ou se atreviam a mostrar mais perna, mais peito ou ambos. Isso não era problema para Terah Graesin, que de alguma forma conseguia parecer glamourosa, e não vulgar. A maioria das outras não tinha a mesma sorte.

– Falei com o conde hoje de man... – começou Logan, mas calou-se subitamente quando um par de seios passou.

Não, não eram apenas seios. Eram *os seios*. Não estavam expostos de forma descuidada e tinham um formato perfeito. Passaram por ele flutuando, envoltos no abraço diáfano de um tecido que se regozijava por poder aderir a curvas tão núbeis. Logan nem viu o rosto da mulher. Então, observou as deliciosas curvas dos quadris ondulantes e um lampejo das batatas das pernas esguias e musculosas.

– E...? – indagou o príncipe. Encarou Logan com um ar de expectativa, segurando um prato com pequenas amostras de todas as iguarias dispostas sobre a mesa. – O que ele disse?

O rosto de Logan se incendiou. Ele havia passado tempo demais longe da civilização. Só que isso era apenas uma desculpa. Seus olhos não pareciam ter qualquer conexão com a mente; era como se fossem controlados por outro lugar. Ele avançou mais um pouco na fila enquanto tentava se lembrar do que estava dizendo, e seu prato seguiu vazio quando ele recusou algumas iguarias salteadas, flambadas ou glaceadas.

– Ele disse... Ah, meus preferidos!

Logan começou a empilhar morangos no prato, pegou uma tigela e encheu com fondue de chocolate.

– Por algum motivo, tenho certeza de que não foi “ah, meus preferidos” que o conde Drake disse – falou o príncipe Aleine, arqueando uma das sobrancelhas. – Se ele recusou, tudo bem. Todo mundo sabe que o conde é meio destrambelhado. A família dele se mistura com plebeus.

– Ele aceitou.

– Não falei? Ele é meio destrambelhado. – Aleine sorriu e Logan deu risada. – Quando você vai pedir a mão dela?

– Amanhã. Será meu aniversário. Aí ninguém vai poder me impedir.

– Serah já sabe? – indagou o príncipe.

– Ela desconfia que eu vá pedir em breve, mas acha que preciso de um tempo para consolidar minha casa e conversar com meus pais.

– Ótimo.

– Como assim? – estranhou Logan.

Eles haviam chegado ao fim da mesa comprida. O príncipe chegou mais

perto do amigo.

– Eu quero oferecer a você um presente de aniversário. Sei que tem sentimentos por Serah, e respeito isso, mas, Logan, você é filho de um duque. Amanhã vai se tornar um dos homens mais poderosos do reino, atrás apenas dos outros duques e da minha própria família. Meu pai adoraria que você se casasse com Serah e nós dois sabemos por quê. Se esse casamento acontecer, você vai afastar sua família do trono por duas gerações.

– Alteza... – disse Logan, constrangido.

– Não, é sério. Meu pai tem medo de você, Logan. As pessoas por aqui o admiram e respeitam. O fato de você ter passado metade do ano fora não o afastou como meu pai torcia para acontecer. Pelo contrário: tornou você romântico. O herói que foi lutar por nós nas fronteiras, impedir os khalidori de entrar. O rei tem medo de você, Logan, mas eu, não. Os espiões dele olham para você e não conseguem acreditar que é o que aparenta ser: um estudioso, um lutador e amigo leal do príncipe. Como são conspiradores, tudo o que veem é conspiração. Eu vejo um amigo. Existem pessoas que gostariam de destruir sua família, Logan, por qualquer meio, e elas não me dizem o que estão planejando... mas eu não vou permitir isso. Na verdade, vou fazer todo o possível para impedir. – Ele olhou para a mesa e pegou um pedaço de plátano frito de uma travessa. – Estou aqui hoje para fazer um favor ao meu pai. Em troca, ele prometeu me dar o que eu pedir. *Qualquer coisa* que eu pedir.

– É um favor e tanto – comentou Logan.

O príncipe descartou o comentário com um aceno.

– O rei Estúpido deu a joia preferida da minha mãe para a amante. Eu vim aqui pegá-la de volta. Não importa. Você conhece a minha irmã?

– Claro.

Jenine estava na festa em algum lugar. Em geral, as pessoas se referiam a ela como “solar”: muito bonita e com apenas 15 anos.

– Ela está caidinha por você, Logan. É apaixonada por você há anos. Fala em você o tempo todo.

– Está de brincadeira... Eu mal troquei duas palavras com ela na vida.

– E daí? – rebateu Aleine. – Ela é uma ótima menina. É bonita, está ficando mais bonita ainda, e tem a inteligência da minha mãe... Eu sei como isso é importante para você, meu amigo vituperador.

– Eu não sou vituperador – protestou Logan.

– Viu? Eu nem sei se você é isso ou não. Só peguei a palavra mais rebuscada que conhecia. Mas Jeni saberia.

– O que está dizendo, alteza?

– Logan, seu presente de aniversário é Jenine. Se você a quiser. Case-se com ela. Basta dizer “sim”.

Logan ficou estupefato.

– É... um presente de aniversário e tanto.

– Sua família vai tornar a ocupar a posição a qual tem direito. Nossos filhos crescerão juntos. Um dos seus netos poderá dividir o trono com um dos meus. Logan, você tem sido o melhor amigo que um homem poderia querer, e amigos sinceros são raros para a maioria dos príncipes. Quero recompensá-lo. Você será feliz, prometo. Jenine está virando uma mulher incrível... como eu acho que você já percebeu.

O príncipe meneou a cabeça. Foi então que Logan a viu, encarando-o do outro lado do salão, e percebeu que já a vira naquela noite. Ou pelo menos tinha visto seus seios.

Seu rosto se incendiou. Ele tentou encontrar palavras, mas elas o abandonaram. Em pé do outro lado do salão, Jenine exibia a elegância de uma mulher bem mais velha, pelo menos até uma das amigas lhe dizer alguma coisa e ela começar a rir.

O príncipe riu também.

– Aceite e poderá fazer tudo o que estava imaginando um minuto atrás. E com legitimidade.

– Eu, eu... – O maxilar de Logan se contraiu. – Alteza, eu estou apaixonado por Serah. Obrigado pela sua oferta, mas...

– Logan! Faça um favor para todo mundo. Diga “sim”. Seus pais vão ficar loucos de alegria. Sua família será salva. Jenine vai ficar em êxtase.

– Você não falou com ela, falou?

– É claro que não. Mas pense um pouco. Serah é ótima. Mas sejamos honestos: ela até que é bonita, mas não é tão inteligente quanto você gostaria que fosse. E você sabe o que dizem por aí sobre a sua promiscuidade...

– Serah é tudo menos promíscua, Aleine. Nem *comigo* passou dos beijos.

– Mas os boatos...

– Os boatos são porque as pessoas odeiam o pai dela. Eu amo Serah. Vou me casar com ela.

– Com licença – disse uma jovem loura.

Ela se espremeu para passar entre os dois e esticou o braço pela frente do príncipe para pegar um brioche doce. Seu vestido vermelho era um escândalo. A fricção entre seu peito e o do príncipe quase libertou os seios do decote que, de tão generoso, chegava quase ao umbigo. Logan viu que Aleine reparou. Mas ele quase sempre reparava, mesmo. E Logan também.

– Meu nome é Viridiana – disse a moça, encarando o príncipe quando ele tornou a erguer os olhos. – Sinto muito, com licença.

Não era um pedido de desculpas. E tampouco tinha sido um acidente. Viridiana se misturou novamente à multidão e seu corpo de dançarina afastou de Logan os olhos e pensamentos do príncipe.

– Bom, hã, pense um pouco. Conversaremos amanhã, antes de você fazer o pedido – disse Aleine enquanto observava Viridiana se encaminhar para a varanda de trás.

Ela espiou por cima do ombro e, ao ver que ele a fitava, sorriu.

O príncipe baixou os olhos para seu prato, abarrotado com um pouco de cada iguaria que havia na mesa. Então olhou para o de Logan, cheio de uma coisa só.

– Essa, amigo, é a diferença entre nós – falou. – Se me der licença, acabo de ver um prato que preciso provar.

Logan suspirou. Seu olhar tornou a encontrar Jenine, que seguia olhando para ele. Pelo visto, as amigas a estavam encorajando a falar com ele.

Que droga. Onde está Serah?



Má notícia: havia guardas em todas as escadas. Kylar atravessou a festa sem se fazer notar, mas não tinha sido fácil. Ao mesmo tempo, precisava ficar de olho em Hu Gibbet, que muito provavelmente estava fazendo a mesma coisa. Se ele o visse, Kylar perderia sua única vantagem.

Abriu caminho até a varanda de trás. Em geral a teria evitado, pois lá estavam muitos casais. Se havia um jeito certo de fazer alguém se sentir sozinho era ver outras pessoas se beijando apaixonadamente em uma alcova à luz do luar.

Agora, porém, estava à procura de um caminho até o primeiro andar. Havia uma sacada logo acima da varanda. Poderia subir até lá tão depressa que ninguém perceberia. É claro que, uma vez lá em cima, ainda precisaria encontrar o ka'kari, mas apostava que estaria no quarto da duquesa. As pessoas gostavam de manter suas joias preferidas por perto.

A parede não tinha treliças. Talvez ele conseguisse pular da balaustrada e saltar alto o suficiente junto à parede para se segurar na sacada, que ficava a uns bons 5 metros de altura. Não seria fácil e ele teria que conseguir de primeira. Se caísse, ninguém poderia ignorar o barulho que faria ao desabar por cima dos arbustos de rosas da varanda.

Mesmo assim, é melhor do que ficar aqui parado. Ele inspirou fundo.

– Kylar? – Era uma voz de mulher. – Oi, Kylar. O que está fazendo aqui? Ele se virou, culpado.

– Serah! Oi.

Ela parecia ter passado o dia inteiro se preparando para a noite. O vestido tinha um modelo comportado, mas era clássico, lindo, e obviamente bem mais caro do que qualquer coisa que o conde Drake poderia comprar.

– Nossa, Serah. Que vestido...

Ela sorriu e seus olhos brilharam, mas só por um instante.

– Foi a mãe de Logan quem me deu.

Ele se virou e segurou a balaustrada. Do outro lado do rio, atrás de muros altos, as torres do castelo reluziam ao luar, tão próximas e tão inalcançáveis quanto a própria Serah.

Ela se aproximou até ficar do seu lado.

– Você sabe que Logan vai... – falou.

– Sei, sim.

Ela pôs a mão em cima da sua. Kylar se virou e os dois se encararam.

– Estou tão confusa, Kylar. Quero dizer “sim” para ele. Eu acho que o amo. Mas eu também...

Ele a abraçou com violência, passando um braço pelas suas costas e outro pelo pescoço. Puxou-a para si e a beijou. Por alguns instantes, ela arquejou. Então começou a retribuir o beijo.

Ao longe, como se fosse do outro lado do rio, em algum lugar do castelo, ele ouviu uma porta bater. Mas foi tão longe que com certeza não teve importância. Então sentiu Serah se retesar nos seus braços e se afastar.

Alguém pôs a mão no ombro de Kylar, sem delicadeza.

– Que porcaria está fazendo? – gritou Logan, virando-o de frente para si.

Cabeças se espicharam dos nichos e a varanda silenciou. Kylar viu a cabeça do príncipe no meio das outras.

– Algo que já deveria ter feito há muito tempo – respondeu. – Você se importa?

– Ai, cacete – disse o príncipe e começou a se desvencilhar da jovem loura enroscada nele em uma alcova.

Kylar deu as costas para Logan como se fosse beijar Serah outra vez, mas Logan tornou a virá-lo. Kylar desferiu um soco e acertou o amigo no maxilar. O rapaz alto cambaleou para trás e pestanejou.

Serah se retraiu, horrorizada, mas foi ignorada. Logan avançou com as mãos erguidas, como um boxeador. Kylar assumiu uma posição de combate sem armas.

Logan atacou e lutou como o amigo sabia que lutaria: com honra. Seus socos foram todos acima da cintura. Jabs e ganchos como mandava o figurino. Ele era rápido, muito mais rápido do que aparentava ser, mas lutando daquele jeito, cerceado por tantas regras, poderia muito bem ter sido um aleijado. Kylar se esquivou de cada soco, desviando-os para o lado e recuando devagar.

Em poucos instantes, uma multidão se juntou. Alguém gritou que havia uma briga e as pessoas começaram a sair para a varanda. Admiravelmente, os guardas foram os primeiros a aparecer. Avançaram para apartar a briga.

– Não – disse o príncipe. – Deixem eles brigarem.

Os guardas pararam. Kylar ficou tão surpreso que não se esquivou, e o soco seguinte expulsou todo o ar de seus pulmões. Ele cambaleou para trás na mesma hora em que Logan partiu para cima dele, com todo o peso do corpo apoiado nos dedos dos pés, e o imprensou outra vez contra a balaustrada.

Kylar deu alguns arquejos e, com dificuldade, conseguiu aparar os socos do amigo. Quando recuperou o fôlego, uma raiva o dominou. Ele bloqueou um soco de cima para baixo, encolheu-se por baixo dele e desferiu quatro socos rápidos nas costelas de Logan ao mesmo tempo que se afastava do parapeito.

Logan se virou e fez uma rajada de vento varar o ar com um grande soco aberto ao mesmo tempo que dava alguns passos para a frente. Kylar se abaixou e acertou-lhe a pélvis com um dos pés. Ao tentar avançar, Logan constatou que o pé não estava onde ele o mandara estar. Desequilíbrio-se. Então o punho de Kylar o acertou na cara e ele desabou no chão.

– Não se levante – falou Kylar.

O silêncio atônito da multidão foi seguido por murmúrios. Ninguém ali nunca tinha visto nada igual ao que Kylar estava fazendo, mas, por mais eficiente que fosse, não era nobre chutar um homem durante uma troca de

socos. Ele não se importava. Tinha que acabar com aquilo o quanto antes.

Logan ficou de quatro, depois de joelhos; estava prestes a se levantar. Pelos deuses, era igualzinho ao dia da arena. Ele não sabia quando era hora de ficar no chão. Kylar lhe deu um chute na lateral da cabeça e o amigo caiu com força.

Serah correu para junto dele.

– Bom, Serah, você sempre quis nos ver brigar. Pelo visto, eu ganhei.

Kylar abriu um sorriso triunfante. Os murmúrios começaram na mesma hora, todos em tom de reprovação. Serah lhe deu um tapa tão forte que seus dentes chegaram a chacoalhar.

– Você não é nem metade do homem que Logan é.

Ela se ajoelhou ao lado de Logan e Kylar pôde ver que havia deixado de fazer parte do seu mundo. Endireitou a túnica e a capa e abriu caminho pela multidão. As primeiras fileiras se afastaram para ele passar, como se o simples fato de tocá-lo fosse lhes causar vergonha. Quando entrou no salão, ainda havia gente tentando sair para a varanda, desesperada para ver a briga que não sabiam já ter acabado. A poucos metros da porta, tornou-se apenas mais um nobre entre os convidados. Margeou uma parede até a escada dos criados, agora sem nenhum guarda a vigiá-la, e subiu até o primeiro andar.

Bom, a coisa toda não fora propriamente um sucesso retumbante. Custara-lhe a reputação e muito possivelmente denunciara sua presença a Hu Gibbet. Mas permitira que subisse a escada. Por enquanto, isso era tudo que importava. Ele poderia se preocupar com as consequências no dia seguinte. O resto do serviço seria mais fácil. Tinha que ser, certo?

Hu Gibbet sentira-se tentado a subir para o primeiro andar assim que os guardas abandonaram o posto para apartar alguma briga boba entre nobres. A escada desprotegida era uma tentação, mas ele confiava nas próprias habilidades. Além do mais, seu plano continuaria a funcionar e lhe daria

informações que não conseguiria obter caso subisse a escada agora.

Lady Jadwin estava em pé junto às portas da varanda, abalada, ou pelo menos fingindo estar. O fato de o rei a ter escolhido como amante era um daqueles pequenos mistérios da vida. Com certeza havia mulheres mais bonitas dispostas a ir para a cama com um rei, até mesmo um como aquele. Lady Jadwin era uma prova viva dos riscos da endogamia. Alta, com uma cara de cavalo, era corpulenta e velha o bastante para que o vestido que usava naquela noite com certeza não lhe caísse bem, e todos no reino com exceção do marido sabiam da sua voracidade sexual.

Hu imaginou que a agitação dela fosse uma encenação. Apesar de ser uma mulher arrebatada, lady Jadwin em geral era inabalável. Aquilo decerto seria sua desculpa para subir e se recolher.

Pronto. Ela disse umas poucas palavras a um dos guardas, em seguida voltou a pedir licença aos convidados que tornavam a entrar da varanda, a maioria decepcionada por ter perdido a diversão.

O guarda, com a sutileza própria à maioria da sua profissão, caminhou até o colega de posto, inclinou-se e sussurrou uma ordem ao seu ouvido. O outro aquiesceu. Enquanto isso, a duquesa aguardou até o príncipe passar pela porta. Disse-lhe algumas palavras, em seguida começou a fingir que estava ainda mais abalada enquanto ele se desvencilhava de uma jovem loura agarrada ao seu braço.

Dali a mais alguns segundos, a duquesa pediu licença, falou ao marido que não estava se sentindo bem e subiu sozinha a grande escadaria. Com certeza devia ter dito a Jadwin que precisava apenas se deitar um pouco. “Aproveite a festa, querido.”

O príncipe, apesar de mais circunspecto, tampouco foi difícil de interpretar. Ele andou até a mesa dos doces, trocou palavras educadas com algumas senhoras, pediu licença e avisou que ia até o toailete, situado no fim do corredor. Um minuto depois, deu uma olhada rápida para ver se ninguém o observava e passou pelo guarda, que fingiu não vê-lo.

Hu foi atrás do príncipe, ocultando-se em meio a sombras. O guarda estava tão ocupado em não ver o príncipe que o derramador provavelmente

teria conseguido passar mesmo sem elas.

* * *

A escada dos criados dava para o grande corredor contíguo aos aposentos do duque. O piso era do mesmo mármore branco do salão e um tapete vermelho corria por toda a sua extensão, daquela ala à ala em frente, onde ficavam os aposentos da duquesa. As luzes ali estavam fracas, proporcionando uma indicação visual para convidados que talvez tivessem comparecido a festas anteriores nas quais os dois andares estavam abertos.

Kylar não fazia ideia de quanto tempo dispunha para chegar ao Globo dos Limites, mas tinha certeza de que o mais rápido possível, melhor. Ocorreu-lhe que não era a única pessoa capaz de aproveitar a oportunidade da escada desprotegida. Talvez Hu Gibbet já estivesse ali em cima.

Sua única vantagem era que o derramador provavelmente não estava ali apenas para um roubo rápido, mas também para matar alguém. A maneira mais simples seria esperar a duquesa entregar o ka'kari ao agente do rei, fosse ele quem fosse, em seguida matar os dois. Assim Hu satisfaria sua sede de sangue e mataria as duas pessoas que sabiam o que tinha acontecido. O rei não saberia se a joia fora roubada ou não e não teria como perguntar sem admitir publicamente que lady Jadwin era sua amante.

Se essa suposição estivesse certa, Kylar tinha até o momento em que lady Jadwin subisse a escada para pegar o Globo dos Limites. Isso poderia levar mais uma hora ou apenas dois minutos.

Na metade do corredor, um guarda vinha andando na sua direção. Kylar recuou até o canto, onde as sombras eram mais escuras, mas nessa hora o homem se virou e desceu a grande escadaria. Era a sua chance. Kylar avançou depressa, sem qualquer tentativa de discrição. Seu peito se contraiu quando passou pela única área bem-iluminada do corredor. O patamar no alto da escada estava banhado de luz, mas ele o atravessou com seis passos e os olhos cravados à frente.

O corredor era margeado por perturbadoras esculturas e quadros de excelente qualidade. A menos que Kylar estivesse enganado, o duque era uma espécie de artista. Estava claro que aquelas pinturas brilhantes e diversas tinham sido selecionadas pelo dono de um olhar arguto e de um bolso bem recheado. Embora igualmente belas, as esculturas eram sem dúvida fruto de uma única visão.

Figuras com expressões sofridas pareciam estar sendo arrancadas da rocha. Uma mulher cambaleante olhava por cima do próprio ombro; o terror se estampava em cada traço de seu rosto. Um homem encarava, enfurecido, a nuvem de mármore negro que lhe envolvia as mãos. Uma mulher nua recostada com erotismo na nuvem que a devorava exibia uma expressão de êxtase.

Apesar de toda a sua pressa, essa última escultura fez Kylar se deter. Era linda. Emocionante. Misturava sensualidade com algo perturbador que ele não conseguia identificar. E não havia confusão possível: a mulher representada era Elene.

Então é assim que as coisas são. Ele teve a sensação de que algo lhe rasgava o estômago por dentro. Sentiu a barriga oca, em carne viva. *É claro que ela vai para a cama com ele. Ele é um duque; ela, uma criada. É difícil dizer “não”. Mesmo que ela quisesse. Talvez não tenha querido. Acontece o tempo todo.*

Observou a estátua de perto, correndo um rápido olhar pelos membros flexíveis, pela cintura estreita e pelos seios empinados até encontrar o que estava procurando. Embora o duque houvesse dado a Elene um nariz perfeito, apenas com levíssimos arranhões, tinha sugerido as cicatrizes em seu rosto. Então ele não as via apenas como imperfeições. Estava interessado nos mistérios que elas escondiam.

Agora não é hora de ficar admirando arte. Com uma sensação estranha de algo preso na garganta, Kylar desceu o corredor depressa, na ponta dos pés. Pegou a bolsinha que trazia nas costas e, quando chegou à porta, já estava com as ferramentas na mão. Como nenhuma luz ou som saía do quarto, arrombou a fechadura depressa. O mecanismo tinha apenas três

pinos e se abriu em três segundos. Kylar entrou e trancou a porta atrás de si. Se Hu chegasse, teria três segundos de sobreaviso antes de o derramador entrar.

Pegou uma de suas adagas. A lâmina tinha 30 centímetros de comprimento. Se fosse obrigado a lutar contra Hu, teria preferido algo dez vezes maior. Mas aquilo era o melhor que conseguira contrabandear para dentro da festa.

Examinou o quarto depressa. A maioria das pessoas, consciente do número de dificuldades já presentes na vida de um ladrão, tinha a bondade de usar os mesmos poucos esconderijos. Kylar verificou o colchão, olhou atrás dos quadros e procurou até alçapões no piso debaixo da escrivaninha e em várias das cadeiras. Nada. Checou as gavetas da escrivaninha em busca de fundos falsos. Nada também.

A maioria das pessoas que guardava objetos de grande valor queria poder olhá-los sem precisar ter muito trabalho, de modo que Kylar não entrou no imenso closet. A menos que a duquesa Jadwin se sentisse à vontade confiando seu objeto mais precioso a uma criada, o Globo devia estar em algum lugar de fácil acesso.

O fato de a duquesa ser uma colecionadora e tanto não ajudou em nada. Havia badulaques por toda parte. E flores, decerto trazidas pelo duque, enfeitavam cada superfície lisa do quarto e atrapalhavam a visão de Kylar.

Quer dizer que o duque havia comprado flores para a esposa. E, a julgar pelo cheiro almiscarado que pairava no ar e pelos lençóis amarfanhados da cama, parecia ter sido recebido com entusiasmo.

Um dos vasos atraiu o olhar de Kylar. Era feito de jade, meticulosamente trabalhado e, o mais importante, tinha a base quadrada. Kylar o pegou de cima da escrivaninha. Rosas individuais e em grupos, lírios orientais e flores-serpente se espichavam para todos os lados. Ele ignorou as flores, levou o vaso até o parapeito da lareira e afastou uma caixa de joias de madeira.

Havia uma depressão na pedra do parapeito. Uma depressão quadrada. Kylar sentiu uma onda de esperança.

O profeta tinha razão.

A base do vaso se encaixou na depressão e Kylar a girou; ouviu-se um clique abafado. Kylar retirou todas as bugigangas do parapeito e as pôs no chão. Dobradiças ocultas foram acionadas e o parapeito inteiro se abriu.

Ignorando os documentos e lingotes de ouro, Kylar pegou a caixa de joias. Era grande o suficiente para comportar o Globo dos Limites. Abriu-a.

Vazia.

Cerrando os dentes, recolocou-a no lugar e fechou o parapeito. Aquela fora sua aula de profecia. “Um vaso quadrado lhe dará esperança”, dissera Dorian. Não falara que a esperança se revelaria falsa. *Que droga!* Kylar demorou mais algum tempo para inserir uma agulha envenenada em uma pequena armadilha, só para a eventualidade de Hu entrar ali em vez de seguir a duquesa.

Enquanto devolvia os badulaques aos seus lugares e tornava a pôr o vaso em cima da escrivaninha, colocou a cabeça para funcionar. Onde poderia estar? Tudo o que poderia dar errado naquele dia, dera. O único ponto positivo era ele não ter topado com Elene.

Elene! O peso em seu estômago lhe revelou que ele sabia exatamente onde estava o ka’kari.



O príncipe sentiu mãos o agarrarem assim que terminou de subir a escada. Segundos depois, lady Jadwin pressionava lábios quentes na sua boca. Ela o empurrou para trás e ele recuou até bater as costas na porta dos aposentos do duque.

Tentou contê-la, mas ela apenas estendeu o braço e abriu o trinco. Ele quase caiu quando a porta em que estava apoiado se abriu.

– Milady – falou. – Pare com isso. Por favor.

– Ah, vou parar, sim. Quando estiver satisfeita. Ou será que eu deveria dizer depois que *você* me satisfizer?

– Nosso caso terminou, eu já disse. Se o meu pai descobrir...

– Ah, o seu pai que se foda! É tão tonto na cama quanto fora dela. Jamais vai saber.

– Seu marido está lá embaixo... mas enfim, Trudana, isso não importa. Você sabe o que eu vim fazer aqui.

– Se o seu pai quiser seu globo de volta, pode vir pegar pessoalmente – disse ela e levou a mão até a frente da calça de Aleine.

– Você sabe que ele não poderia encontrá-la aqui. Seria um tapa na cara da minha mãe.

– Foi ele que me deu. Foi um presente.

– O globo é mágico. Meu pai pensou que fosse só uma pedra, mas Khalidor a exigiu. Por que eles fariam isso se o globo não fosse...? Não!

Ele deu um tapa na mão lady Jadwin quando ela tentou puxar o cadarço

da calça.

– Eu sei que você gosta – falou a duquesa.

– Gosto, sim. Mas o nosso caso acabou. Foi um erro e nunca mais vai acontecer. Além do mais, Logan está me esperando lá embaixo. Eu disse a ele o que iria fazer.

A mentira saiu fácil. Qualquer coisa para se livrar daquela mulher. O pior era quanto ele havia gostado de estar com ela. Trudana podia ser feia, mas era a mulher mais habilidosa que havia levado para a cama. Mesmo assim, não queria nem pensar em acordar outra vez olhando para a cara dela de manhã cedo.

– Logan é seu amigo – disse a duquesa. – Ele vai entender.

– É um ótimo amigo, mas vê tudo em preto e branco. Sabe como ficou desconfortável por eu o deixar lá embaixo enquanto subia com a amante do meu pai? Preciso que você pegue a joia. Agora.

Às vezes ele seria capaz de agradecer aos deuses pelo fato de Logan ser um notório moralista.

– Está bem – disse ela, contrariada.

– Onde ela está? Seu marido pode chegar a qualquer momento.

– Meu marido voltou hoje para casa.

– E daí?

– Sejam quais forem os seus outros defeitos, aquele porco é fiel. Então toda vez que volta de um compromisso diplomático, chega ardendo de paixão. Ele está se recuperando lá embaixo. Coitadinho, acho que o exauri. – Ela deu uma risada, um som áspero, duro. – Fiquei imaginando que era você...

Com um olhar que devia ter considerado sedutor, a duquesa moveu o ombro e a frente de seu vestido se abriu. Ela se esfregou nele e tornou a puxar o cadarço de sua calça.

– Trudana, por favor. Por favor, fique vestida. Onde está o globo?

Aleine nem olhou para seu corpo e pôde ver que isso a enfureceu.

– Como estava dizendo – falou ela, por fim –, sabia que você viria hoje, então entreguei o globo para minha criada. O quarto dela fica a duas portas

do meu. Satisfeito?

Ela suspendeu o vestido e andou até a penteadeira. Olhou-se no espelho.

O príncipe virou as costas. Pensara que aquilo fosse ser fácil, que faria seu pai lhe dever um imenso favor sem ter que fazer praticamente nada. Agora via que Trudana Jadwin seria uma inimiga para a vida toda. Nunca mais, prometeu a si mesmo. Nunca mais vou para a cama com uma mulher casada.

Não prestou atenção no ruído de uma gaveta se abrindo. Não queria nem olhar para Trudana. Não ficaria ali nem para amarrar o cadarço da calça. Um segundo a mais era um segundo além da conta.

Já estava com a mão no trinco da porta quando ouviu os pés dela se arrastarem. Então algo quente penetrou suas costas. Parecia uma picada de vespa. Em seguida, o corpo de Trudana trombou com o seu e ele sentiu o ferrão penetrar mais fundo. Sua cabeça bateu na porta à sua frente e a picada ressurgiu.

Só que não era uma picada. Era profundo demais. Aleine arquejou ao mesmo tempo que um urro lhe encheu os ouvidos. Havia alguma coisa errada com um dos seus pulmões. Ele não estava respirando direito. As pontadas continuaram e o urro diminuiu. O mundo adquiriu uma clareza espantosa.

Ele estava sendo morto a punhaladas. Por uma mulher. Chegava a ser constrangedor. Ele era o príncipe. Era um dos maiores espadachins do reino e aquela velha de bunda gorda e seios caídos e desiguais o mataria.

Trudana quase ofegava no seu ouvido, igualzinho fazia quando os dois transavam. E ela estava falando, aos prantos, como se cada punhalada de alguma forma a ferisse. Que piranha; quanta autocomiseração.

– Me perdoe, ah, ah, me perdoe. Você não sabe como ele é. Eu preciso, eu preciso, eu preciso.

As punhaladas continuaram e isso o irritou. Ele já estava morrendo; seus pulmões se enchiam de sangue. Tentou limpá-los tossindo e esguichou sangue na porta, mas seus pulmões estavam em pedaços e o sangue apenas preencheu as cavidades outra vez.

Ele desabou no chão, caindo de joelhos diante da porta. Ela enfim parou. Sua visão estava escurecendo. A última coisa que viu, pelo buraco da fechadura, foi um olho do outro lado assistindo à sua morte com uma expressão desprovida de emoção.

Kylar não teve qualquer problema para achar a porta. Estava trancada, mas ele a arrombou em segundos. *Que ela esteja dormindo. Por favor.*

Ao abrir a porta do quarto apertado, deu de cara com um cutelo de cozinha de tamanho descomunal. Quem o segurava era Elene. Ela estava para lá de acordada.

No escuro, obviamente não o reconheceu. Pareceu hesitar entre gritar e golpeá-lo. Seu olhar se grudou na adaga que ele trazia na mão. Então decidiu fazer as duas coisas.

Kylar acertou a mão dela com a lateral da lâmina da adaga, fazendo-a largar o cutelo. Esquivou-se da mão que tentou agarrá-lo e, um segundo depois, tapou a boca de Elene.

– Sou eu. Sou eu! – falou, desviando das cotoveladas dela.

Não conseguia manter a mão sobre sua boca, imobilizar seus dois braços e deter os chutes que ela tentava desferir em suas partes íntimas.

– Fique quieta ou sua patroa vai morrer!

Quando Elene pareceu recuperar a razão, Kylar finalmente a soltou.

– Eu sabia! – exclamou ela, furiosa, mas em voz baixa. – Sabia que não podia confiar em você. Sabia que viria.

– Sua patroa vai morrer porque o barulho que você está fazendo vai atrair o derramador.

Silêncio.

– Ah.

– Pois é.

Na penumbra do quarto iluminado pelo luar, Kylar não pôde ter certeza,

mas pensou ter visto Elene corar.

– Você poderia ter batido – disse ela.

– Desculpe. Velhos hábitos.

Subitamente constrangida, ela pegou o cutelo em cima da cama e o pôs debaixo do travesseiro. Baixou os olhos para a própria camisola, decepcionante de tão recatada, e pareceu sentir vergonha. Pegou um roupão e virou-lhe as costas enquanto o vestia.

– Fique tranquila – disse Kylar quando ela tornou a se virar de frente para ele. – É meio tarde para ser pudica. Eu vi a sua estátua. Você é bonita pelada.

Por que havia modificado a entonação da última frase para fazê-la parecer uma puta? Mesmo que ela estivesse dormindo com o duque, que escolha tinha? Era uma criada na casa do sujeito. Não era uma situação justa, mas mesmo assim Kylar se sentia traído.

Elene dobrou o corpo como se ele tivesse lhe dado um soco no estômago.

– Eu lhe implorei para não expor a estátua, mas ela estava tão orgulhosa do próprio trabalho... Disse que eu deveria sentir orgulho também.

– Ela?

– A duquesa.

– A duquesa? – repetiu Kylar, feito um bobo.

Não o duque. Não o duque?

Sentiu ao mesmo tempo um enorme alívio e uma incompreensão maior do que nunca. Por que estava aliviado?

– Você achou que eu fosse posar nua para o duque? – indagou Elene. – O que está pensando, que eu sou amante dele?

Ela arregalou os olhos ao ver a expressão no seu rosto.

– Bem...

Kylar a havia acusado injustamente, mas logo se zangou com o fato de ela o constranger por ter tirado uma conclusão perfeitamente lógica, depois sentiu que perdia tempo conversando com uma garota enquanto um derramador decerto aguardava no corredor. *Que loucura tudo isso.*

– Essas coisas acontecem.

Por que estou fazendo isso?

Pelo mesmo motivo que a fiquei observando de longe. Porque estou enfeitiçado por ela.

– Não comigo – retrucou Elene.

– Quer dizer que você é... – Não completou a frase. Por que estava tentando soar malicioso?

– Virgem? Sou, sim – respondeu ela, sem constrangimento. – E você?

Kylar contraiu o maxilar.

– Eu... Tem um assassino nesta casa.

Elene pareceu prestes a comentar que ele estava se esquivando da sua pergunta, e então seu olhar escureceu quando a alegria se foi.

– Dois – disse ela, baixinho.

– O quê?

– Dois assassinos.

Ela estava se referindo a ele. Kylar assentiu, a sensação incômoda ainda presa em sua garganta. Envergonhou-se de quem era.

– Sim, dois. Elene, eu vi Hu entrar. O Globo está seguro?

Ele observava seus olhos. Conforme esperava, eles relancearam na direção do local em que ela havia escondido o Globo: na parte de baixo do armário.

– Está. Ele está... – Sua voz se extinguiu. – Você vai roubá-lo.

– Sinto muito.

– E agora sabe onde eu o escondi. Você me usou.

Ela era ingênua, mas não burra.

– Sim.

A raiva brotou nos olhos castanhos de Elene.

– Há mesmo algum assassino ou era tudo mentira?

– Há um assassino, sim. Dou a minha palavra – respondeu Kylar, desviando os olhos.

– Sua palavra vale pouco.

Ui.

– Sinto muito, Elene, mas preciso fazer isso.

– Por quê?

– É difícil explicar.

– Passei o dia inteiro sentindo vergonha por tudo o que já escrevi para você. Passei o dia inteiro me sentindo péssima pelo tanto que você me deu. Nem avisei aos guardas que você viria à festa porque pensei... pensei... Como você é complicado, *Kylar*. Acho que Azoth morreu mesmo.

Desse jeito não. Desse jeito não.

– Eu preciso levar o Globo – disse ele.

– Eu não posso deixar.

– Elene, se você ficar aqui, vão achar que me ajudou. Se Hu não a matar, os Jadwin talvez o façam. Eles podem jogá-la na Bocarra. Elene, venha comigo. Eu não poderia continuar vivendo se eles fizessem isso.

– Você consegue. É só adotar um novo nome. É só dar dinheiro para o que estiver fazendo você sentir culpa.

– Eles vão matá-la.

– Não vou recompensar o bem com o mal.

O tempo de *Kylar* estava se esgotando. Ele tinha que sair dali. Tudo naquela noite iria correr da pior maneira possível.

– Então eu sinto muito por isso. Mas é para salvar você.

– Por isso o quê?

Ele lhe deu dois socos. O primeiro na boca, forte o suficiente para tirar sangue. O segundo naqueles lindos olhos penetrantes, forte o suficiente para eles ficarem roxos e fechados de tão inchados, para não verem o que ele iria fazer.

Quando ela cambaleou para trás, ele a girou e a imobilizou com uma chave de pescoço. Elene se debateu em vão para tentar se soltar; sem dúvida achou que *Kylar* a estivesse matando. Mas ele apenas a segurou e espetou uma agulha no seu pescoço. Em poucos segundos, ela perdeu os sentidos.

Ela nunca vai me perdoar por isso. Eu nunca vou me perdoar por isso.

Kylar pôs Elene no chão e sacou uma faca. Cortou a própria mão e deixou o sangue pingar sobre o rosto dela para fazer parecer que havia levado uma surra. Ficou medonho. O contraste da beleza da moça com a

feitura do que estava fazendo o fez sentir repulsa, o que não era do seu feitio, mas ele precisava ir até o fim.

Elene tinha que parecer uma vítima. Vê-la assim, inconsciente, foi como comer a própria fatia do amargo ofício. Mas aquele amargor era a realidade. Mesmo ali, sem ter matado, sem ter se banhado nos odores penetrantes da morte, Kylar havia fechado os olhos que viam a sua verdade, apagado a luz que iluminava a escuridão dentro dele, ensanguentado e cegado os olhos que o transpassavam. *Quem disse que não há poetas no ofício da amargura?*

Por fim, posicionou os membros de Elene de forma adequadamente desgraciosa.

O ka'kari estava enfiado em um chinelo na parte baixa do armário. Kylar o suspendeu para examiná-lo ao luar. Era uma esfera de metal simples, sem qualquer característica especial. Na verdade, chegava a ser um pouco decepcionante. Apesar do brilho metálico, era translúcido, o que constituía uma novidade. Kylar nunca tinha visto nada como aquilo, mas esperava que o ka'kari fosse fazer algo espetacular.

Guardou a esfera dentro de uma bolsinha e andou até a porta. Até ali, tudo bem. Bom, na verdade até ali a noite tinha sido basicamente um desastre completo, mas sair deveria ser relativamente fácil. Se não conseguisse passar pelo guarda no pé da escada, poderia abordar o sujeito e fingir que tinha ido procurar o banheiro. O guarda avisaria que o andar de cima não estava aberto para os convidados. Kylar retrucaria que deveriam pôr alguém no pé da escada se não quisessem que ninguém subisse, o guarda faria cara de contrito e Kylar voltaria para casa. Não era um plano à prova de falhas, mas naquela noite ele teria desconfiado de qualquer coisa à prova de falhas.

Observou o corredor pelo buraco da fechadura e apurou os ouvidos por trinta segundos. Não havia nada lá fora.

Assim que entreabriu a porta, alguém a chutou pelo outro lado com uma força maior do que a de qualquer mortal. A porta foi empurrada para cima dele e o acertou no rosto e depois no ombro, projetando-o de volta para dentro do quarto.

Ele quase conseguiu continuar em pé, mas tropeçou no corpo desacordado de Elene e caiu com força. Escorregou pelo chão de pedra até sua cabeça colidir com a parede.

Mal conseguindo se manter consciente, vendo pontinhos pretos explodirem em frente aos olhos, Kylar sacou o par de adagas por puro instinto, pois suas mãos protestavam de dor.

– Garoto?

Teve que piscar várias vezes até conseguir enxergar. Quando sua visão clareou, a primeira coisa que viu foi a ponta da faca a 2 centímetros do olho, depois o braço vestido de cinza e o corpo coberto por um capuz.

Atordoado, perguntou-se por que não estava morto. Antes mesmo de Hu puxar o capuz para trás, porém, já sabia. Mama K os havia traído. Mandara-o matar o homem errado.

– Mestre Blint? – indagou ele.



– **O** que você está fazendo?

Mestre Blint lhe deu uma bofetada bem forte com as costas da mão. Ficou parado, furioso, enquanto os traços ilusórios de Hu Gibbet se desvaneciam feito fumaça.

Kylar se levantou, cambaleante, com a cabeça ainda girando e um silvo nos ouvidos.

– Eu tive que... Você tinha ido embora...

– Para planejar isto! – sussurrou Blint com a voz rouca. – Fui embora para planejar isto! Mas agora pouco importa. Temos três minutos até a próxima ronda do guarda. – Ele cutucou com o pé a forma inerte de Elene. – Esta aqui ainda está viva. Mate-a. Depois vá achar o ka’kari. Conversamos sobre a sua punição depois.

Cheguei tarde.

– Você matou a duquesa? – indagou Kylar, esfregando o ombro no ponto em que a porta o havia acertado.

– O alvo era o príncipe. Alguém chegou primeiro.

Alguém subia a escada. Durzo desembainhou Retribuição e checkou o corredor.

O príncipe? Pelos deuses. Kylar olhou para a moça desacordada. Sua inocência era irrelevante. Ainda que não a matasse, eles pensariam que ela havia ajudado a roubar o ka’kari e a matar o príncipe.

– Kylar!

O rapaz ergueu os olhos, atônito. Aquilo parecia um pesadelo. Não podia estar acontecendo.

– Eu já...

Estendeu a bolsinha com a mão flácida.

Com uma cara feia, Durzo arrancou a bolsinha de sua mão e a virou de cabeça para baixo. O Globo dos Limites caiu na sua mão.

– Maldição. Bem como eu pensava.

– O que foi? – indagou Kylar.

Mas Durzo não estava com disposição para responder a perguntas.

– A moça viu sua cara?

O silêncio de Kylar bastou como resposta.

– Cuide disso. Não é um pedido, Kylar. É uma ordem. Mate a garota.

Grossas cicatrizes brancas riscavam o que um dia tinha sido um rosto lindo. Os olhos estavam inchados e roxos, e Kylar era tão culpado disso quanto das cicatrizes de uma década antes.

“O amor é uma força”, dissera-lhe Blint quando ele havia começado seu aprendizado, lá se iam dez anos.

– Não – respondeu Kylar.

Durzo olhou para trás.

– O que foi que você disse?

Um sangue escuro escorria de Retribuição e empoçava no chão.

Ainda havia tempo para reconsiderar. Tempo para obedecer e viver. Mas, se Kylar deixasse Elene morrer, estaria perdido nas sombras para sempre.

– Não vou matar a garota. Nem vou deixar você matar. Sinto muito, mestre.

– Você faz alguma ideia do que isso significa? – disparou Durzo. – Quem é essa garota por quem vale a pena ser caçado pelo resto da sua curta... – Ele se interrompeu. – É a Menina-Boneca.

– Sim, mestre. Sinto muito.

– Pelos Anjos da Noite! Eu não quero desculpas! Quero obedi... – Durzo ergueu um dedo pedindo silêncio.

Os passos agora estava próximos. Ele abriu a porta, desapareceu no

corredor com uma velocidade sobre-humana e Retribuição cintilou prateada à luz mortiça.

O guarda caiu com dois baques. Era Cotoco, o homem mais velho que havia revistado Kylar com tanta cerimônia quando ele visitara a propriedade naquela manhã.

O lampião do corredor atrás de Durzo envolveu em sombras o filho predileto da escuridão, projetando seu contorno sobre Kylar e tornando seu rosto invisível. A silhueta de um sangue negro pingava da ponta de Retribuição. Pinga, pinga. A voz de Durzo saiu tensa como um aço recurvo.

– Kylar, é sua última chance.

– Sim – respondeu ele, e sua adaga sibilou contra a bainha quando ele se virou para encarar o homem que o havia criado, que fora para ele mais do que um pai. – Minha última chance.

Ouviu-se o barulho de algo metálico rolando pelo mármore. Ele ergueu uma das mãos e sentiu o ka'kari bater em sua palma estendida.

Virou a mão e viu o ka'kari irradiando uma luz azul forte, incandescente. A esfera estava grudada na sua palma. Runas começaram a arder na superfície do Globo. Moveram-se e mudaram de forma como se tentassem falar com ele. A luz azul banhou seu rosto e ele pôde ver através do ka'kari. A esfera estava sugando o sangue do corte em sua mão. Ergueu os olhos e viu consternação no rosto de mestre Blint.

– Não! Não, isso é meu! – berrou Durzo.

Em um instante, o ka'kari empoçou feito um óleo negro.

A luz azul explodiu como uma supernova. Então veio a dor. O frio na palma de Kylar se transformou em pressão. Sua mão parecia estar se partindo ao meio. Enquanto encarava, horrorizado, a poça que agora ardia de modo uniforme, Kylar viu que ela diminuía, *penetrando* na sua mão. Sentiu o ka'kari penetrar seu sangue. Todas as suas veias incharam e se contorceram, congelando à medida que o ka'kari o atravessava.

Não soube dizer quanto tempo isso durou. Transpirou, estremeceu e começou a suar frio. Aos poucos, o frio foi sumindo de seus membros. Mais gradualmente ainda, um calor o substituiu. Talvez segundos, talvez meia

hora mais tarde, Kylar se viu no chão.

Estranhamente, sentia-se bem. Mesmo com a cara colada no mármore, sentia-se bem. Completo. Como se um vão houvesse sido preenchido, um buraco, tapado. *Eu sou um ka'karifeiro. Nasci para isso.*

Então se lembrou. Olhou para cima. Pelo horror congelado no rosto de Durzo Blint, tudo aquilo devia ter levado poucos segundos. Kylar se levantou com um pulo, sentindo-se mais forte, mais saudável, mais cheio de energia do que nunca, pelo menos que se lembrasse.

A expressão de Durzo não era de raiva. Era de tristeza. Consternação.

Bem devagar, Kylar virou a mão. A pele da palma ainda estava cortada, mas não sangrava mais. O ka'kari parecia ter penetrado na...

Não. Não era possível.

Um líquido negro começou a brotar de todos os poros da sua mão como se fosse suor. Então se coagulou. No instante seguinte, o ka'kari repousava na palma da sua mão.

Uma estranha alegria tomou conta de Kylar. Ele não teve certeza se a alegria era toda sua. Era como se o ka'kari estivesse feliz por tê-lo encontrado. Olhou para trás, na direção de Durzo, sentindo-se estúpido, tão sem referência que não soube como agir.

Foi então que percebeu a clareza com que conseguia ver o rosto de seu mestre. Ele continuava em pé no corredor, em frente ao lampião. Segundos antes, antes do ka'kari, seu rosto estava praticamente invisível. Kylar ainda podia ver as sombras no chão, onde Durzo impedia a passagem da luz, mas agora conseguia ver *através* delas. Era como se estivesse olhando através de um vidro.

Kylar examinou o pequeno quarto de Elene e constatou que o mesmo se aplicava a tudo o que via. A escuridão agora acolhia seus olhos. Sua visão estava mais aguçada, mais nítida: ele conseguia ver mais longe, conseguia ver o castelo do outro lado do rio como se fosse meio-dia.

– Eu preciso do ka'kari – falou Durzo. – Se eu não entregá-lo, ele vai matar minha filha. Anjos da Noite, tenham piedade... Kylar, o que foi que você fez?

– Nada! Eu não fiz nada! – Ele estendeu o ka’kari para o mestre. – Tome. Pode ficar. Pegue sua filha de volta.

Durzo pegou a esfera. Encarou Kylar no fundo dos olhos e disse, com uma voz cheia de pesar:

– Você se vinculou a ele. O vínculo é para a vida toda, Kylar. Seu Talento agora vai funcionar, quer você esteja segurando o ka’kari ou não, mas os poderes dele não vão funcionar para mais ninguém, a menos que você morra.

Ouviu-se um barulho de pés correndo. Alguém devia ter escutado Durzo gritar. Kylar agora tinha que sair dali. O significado das palavras de Blint mal começava a penetrar em seu cérebro.

Durzo se virou para encarar quem quer que estivesse subindo a escada e as palavras do profeta ecoaram nos ouvidos de Kylar: “Se não o matar daqui a dois dias, todo mundo que você ama vai morrer. Se fizer a coisa certa uma vez, isso custará um ano de culpa. Se fizer a coisa certa duas vezes, custará sua vida.”

A adaga estava na sua mão. Durzo tinha as costas viradas para ele. Kylar podia acabar com tudo agora. Com aquela proximidade, nem mesmo os reflexos de Durzo poderiam impedi-lo. Isso significava deter uma invasão, salvar todo mundo que ele amava... A vida de Elene. A vida de Logan. Talvez a dos Drake. Talvez a invasão inteira dependesse daquilo. Talvez centenas ou milhares de vidas estivessem agora equilibradas na ponta da sua adaga. Um corte rápido, indolor, e Durzo estaria morto. Ele mesmo não dissera que a vida era vazia, sem valor, insignificante? Não estaria perdendo nada de valor se perdesse a vida, tinha jurado isso.

Durzo falara todas essas coisas e outras mais, mas Kylar nunca havia acreditado nele de verdade. Mama K já tinha apunhalado Durzo pelas costas com mentiras; Kylar não conseguia fazê-lo com as mãos.

Aquele instante adquiriu uma clareza impressionante. Congelou como se fosse um diamante e pôs-se a girar em frente aos seus olhos com todas as facetas a reluzir, todos os futuros estilhaçados cintilando. Kylar olhou para Elene à sua direita, para Durzo à sua esquerda, e de novo para Elene. Ali

estava sua escolha e o futuro deles. Poderia matar Elene, a mulher que amava, ou matar Durzo, que o havia criado como a um filho. Em todas as facetas do diamante, essa verdade o ofuscava sem dó: se um deles vivesse, o outro tinha que morrer.

– Não – disse Kylar. – Vá em frente, mestre. Pode me matar.

Durzo o encarou como se não conseguisse acreditar no que estava ouvindo.

– Ela só me viu. Não vai constituir uma ameaça para ninguém se eu estiver morto. Pode ficar com o ka’kari e salvar sua filha.

Os olhos de Blint foram tomados por uma expressão que Kylar nunca vira. O semblante duro e anguloso de seu mestre pareceu relaxar e o deixou parecido com outro homem, não um velho, cansado e gasto, mas um mais jovem, mais parecido com Kylar do que este jamais imaginara ser possível. Durzo piscou quando dois poços sem fundo de tristeza ameaçaram transbordar em lágrimas. Balançou a cabeça.

– Vá embora daqui, filho.

Kylar queria obedecer. Queria sair correndo, mas estava certo. Era o único jeito. Ficou ali parado, petrificado, mas não de indecisão. Estava só rezando para Durzo agir antes de ele perder a coragem. *O que estou dizendo? Eu não quero morrer. Eu quero viver. Quero tirar Elene daqui. Eu quero...*

A porta dos aposentos do duque se abriu e a duquesa, toda suja de sangue, saiu cambaleando pela porta, aos gritos:

– Assassino! Assassino! Ele matou o príncipe!

Durzo agiu no mesmo instante. Trombou com Kylar e empurrou ambos para dentro do quarto de Elene. Foi preciso toda a presença de espírito de Kylar para não pisar nela, mas Blint não parou de se mover. Segurou o aprendiz pela capa e o arremessou com toda a velocidade e força surpreendentes de seu Talento. Kylar explodiu pela janela para dentro da noite.

Seja pela graça do Deus, pela Sua crueldade, por simples e tola sorte ou ainda pelas habilidades sobrenaturais de Durzo, Kylar aterrissou bem no meio de uma sebe. Atravessou-a rolando, descontrolado, e foi dar no chão.

Foi ridículo: nada quebrado, nada torcido; ele nem se arranhou. Olhou para cima e viu os convidados espicharem o pescoço na varanda onde tão pouco tempo antes havia beijado Serah, mas eles estavam na contraluz e não conseguiram vê-lo.

Então os gritos dentro da casa foram seguidos por outros, vozes femininas e masculinas. Ordens foram gritadas e homens armados começaram a correr, fazendo sacolejar e retinir as armaduras. Kylar olhou para o primeiro andar lá em cima com o coração na boca. Não sabia se praguejava ou se ria. A decisão agora estava fora do seu controle. Ele estava vivo, e estar vivo era bom.

Não havia mais nada a fazer. Correu até o portão do jardim da propriedade, arrombou a fechadura e desapareceu na noite.



Quando o funcionário bateu à porta de seu quarto, o Deus-rei Garoth Ursuul já estava acordado. Ninguém podia chegar perto do seu cômodo sem acordá-lo. Isso significava que ele dormia menos do que gostaria, mas agora era um velho; não precisava de muitas horas de sono. Além do mais, os escravos ficavam em estado de alerta constante.

O quarto não era o que se poderia esperar de um Deus-rei. Amplo, claro e arejado, era repleto de belos mosaicos de marfim e espelhos planganos, com rendas sethi na cama e grandes tapetes de urso no chão, além de flores recém-colhidas no parapeito da lareira. Garoth não ligava para nada a não ser os quadros. Retratos de suas esposas margeavam as paredes. As mulheres vinham de quase todas as nações de Midcyru e, com poucas exceções, eram todas lindas. Magras e esbeltas, peitudas ou retas, alvas ou morenas, as imagens de todas elas o agradavam. Ele era um conhecedor da beleza feminina e não poupava despesas para se entregar a esse vício. Afinal de contas, ao gerar os melhores filhos varões que pudesse, estava prestando um serviço à própria família e ao mundo.

Era aí que entravam as feias. Ele havia experimentado raptar mulheres de famílias reais na esperança de produzirem varões mais aceitáveis. Dois de seus atuais nove aethelings tinham nascido dessas, portanto Garoth supunha que as nobres talvez fossem capazes de produzir filhos aceitáveis em uma taxa levemente mais alta do que a ralé, mas procriar com mulheres feias era bem mais tedioso.

Em parte para o bem dos filhos, em parte para a própria diversão, ele havia até se dedicado a fazer algumas das mulheres o amarem. Fora surpreendentemente fácil; nem tivera de mentir. Ouvira dizer que o amor melhorava o sexo, mas não estava muito impressionado. Usando a magia, podia fazer o corpo feminino reagir a ele como quisesse e havia grande alegria em ver uma mulher tentar conter a própria fúria e ódio enquanto sua magia lhe dava prazer de formas que ela nunca sentira antes. Infelizmente, esses prazeres tinham lá o seu preço: essas esposas precisavam ser vigiadas de perto; ele já tinha perdido duas para o suicídio.

A mão do funcionário bateu com força à porta e Garoth fez um gesto para abri-la. O homem entrou ajoelhado, rastejando, com os braços cruzados na frente do peito.

– Meu deus, meu majestoso rei...

Garoth sentou-se na cama.

– Desembuche. Você trouxe um recado daquela puta Jadwin.

– Ela mandou dizer que matou o príncipe, mas que perdeu o ka’kari. Sinto muito, Santidade.

– Com certeza é mais uma falsificação – disse Garoth, falando consigo mesmo, não com o funcionário. – Os navios para a invasão de Modai já chegaram?

Com Cenária ele poderia lidar quando quisesse, mas uma marcha direta rumo ao sul mobilizaria os seus exércitos durante semanas ou meses. Aquele maldito duque Gyre havia transformado as defesas dos Ventos Uivantes em um sério obstáculo. O Deus-rei poderia superá-lo, é claro. Decerto agora conseguiria derrotar qualquer exército do mundo com exceção do alitaerano, mas um Deus-rei não desperdiçava homens nem meisters com ataques frontais. Não quando tinha alternativas.

No fim das contas, que conquistador poderia de fato querer um formigueiro como Cenária? Seria quase melhor exterminar todos os seus habitantes e mandar os próprios súditos colonizarem a cidade.

O interesse de Garoth Ursuul não era o poder temporal. O ataque a Cenária era apenas uma diversão. Tinha informações bem mais confiáveis de

que o ka'kari vermelho estava em Modai. Quando ele chegasse lá, Cenária ficaria cercada. Ele provavelmente conseguiria tomar o país sem precisar sequer lutar. Em seguida viria Ceura, e depois um ataque bem no coração dos magos, Sho'cendi. Só precisaria enfrentar Alitaera quando tivesse certeza da própria vitória.

– Dois navios ainda estão atravessando águas de Cenária.

– Ótimo, nesse caso...

– Alteza... – O homem guinchou ao se dar conta de quem acabara de interromper.

– Hopper?

– Pois não, alteza? – A voz de Hopper mal passou de um sussurro.

– Nunca mais me interrompa.

Com os olhos arregalados, Hopper aquiesceu.

– Mas o que você ia dizer?

– Lady Jadwin falou que viu alguém se vincular ao ka'kari no corredor em frente ao seu quarto. A descrição dela foi... bem exata.

– Pelo sangue de Khali – praguejou Garoth entre os dentes.

Um ka'kari, depois de todo aquele tempo. E vinculado a alguém. Isso quase tornava tudo mais fácil. Um deles sozinho era pequeno o suficiente para ser escondido ou perdido em qualquer lugar, mas um vinculado a alguém seria sempre mantido próximo a essa pessoa.

– Redirecione esses navios. E mande Roth prosseguir com os assassinatos. Os Gyre, o Shinga, todo mundo. Diga que ele tem 24 horas.

Algo estava muito errado. Regnus Gyre percebeu isso assim que chegou aos portões de sua casa. Não havia nenhum guarda do lado de fora. Mesmo com os muitos criados e guardas que o rei dera um jeito de mandar embora ou espantar na última década, isso era perturbador. Os lampiões ainda estavam acesos dentro da casa, o que era esquisito, pois já dera uma da

madrugada.

– Quer que eu anuncie a nossa chegada, duque? – indagou seu soldado, Gurden Fray.

– Não.

Regnus vasculhou os alforjes até encontrar a chave. Sacou a espada e abriu o portão. Havia um cadáver de cada um dos lados. Ambos com o pescoço cortado.

– Não – disse Regnus. – Não.

Começou a correr em direção à casa. Irrompeu pela porta e viu vermelho em cada canto. No início, sua mente se recusou a aceitar aquilo. Encontrou mortos em todos os cômodos. Todo mundo parecia ter sido pego de surpresa. Nada fora quebrado. Não havia sinal algum de conflito. Nem mesmo os guardas haviam lutado. Quase todo mundo tivera a garganta cortada. Depois os corpos tinham sido virados para sangrarem o máximo possível. Ali estava o velho Dunnel, sentado de cabeça para baixo em uma cadeira. Mais adiante, Marianne, que tinha sido a ama de leite de Logan, deitada na escada com a cabeça no primeiro degrau. Era como se a própria Morte houvesse passeado pela casa. Por toda parte, Regnus viu seus criados de confiança e amigos, mortos.

Pegou-se subindo em disparada a escada e passou pela estátua dos gêmeos Grasq na direção do quarto de Catrinna. No corredor, viu os primeiros sinais de uma luta. Uma espada desgovernada havia quebrado uma vitrine. Faltava um pedaço de moldura no retrato do seu avô. Os guardas ali morreram lutando e exibiam ferimentos letais no peito ou na cabeça. Estava claro, porém, quem havia vencido, pois todos os corpos tinham a garganta cortada e as pernas erguidas e apoiadas na parede. As poças de uma dezena de homens haviam se juntado e cobriam o chão como se fossem um lago de sangue.

Gurden se ajoelhou e levou os dedos ao pescoço de um amigo.

– Ainda estão quentes – falou.

Regnus abriu a porta de seu quarto com um chute. A porta se escancarou com força.

No quarto havia quatro homens e duas mulheres, todos nus, deitados de bruços em um círculo aberto. Acima deles, igualmente nua, pendurada de cabeça para baixo por um pé amarrado ao lustre e com a outra perna aberta de forma grotesca, estava Catrinna. Gravado a faca nas costas dos cadáveres, uma palavra em cada um, estava escrito: AMOR E BEIJOS, HU GIBBET. A faca cravada bem nas costas de seu intendente Wendel North fazia as vezes de ponto final.

Regnus correu de cômodo em cômodo para ver quem estava morto, chamando seu nome e virando-os para olhar seu rosto. Teve uma vaga consciência de Gurden a sacudi-lo.

– Duque! Duque! Ele não está aqui. Logan não está aqui. Temos que ir embora. Venha comigo.

Deixou o soldado arrastá-lo até o lado de fora; o cheiro do ar sem sangue foi delicioso. Alguém não parava de repetir: “Ai, meu Deus. Ai, meu Deus. Ai, meu Deus.” Era ele próprio. Estava dizendo coisas desconexas. Gurden não lhe deu atenção, apenas continuou a puxá-lo, cambaleando.

Os dois chegaram à porta da frente na mesma hora em que seis lanceiros de elite do rei chegaram montados, com as lanças em riste.

– Parem! – gritou o líder. Seus homens se espalharam em volta de Regnus e Gurden. – Parem! Regnus Gyre?

Algo no aço exposto e no som do seu próprio nome fez o duque despertar.

– Sim, sou eu – respondeu ele, olhando para as próprias roupas sujas de sangue. – Então repetiu mais alto: – Sim, sou eu.

– Lorde Gyre, recebi ordens para prendê-lo. Sinto muito.

Aquele tenente era jovem. Tinha os olhos arregalados, como se não conseguisse acreditar em quem estava prendendo.

– Me prender?

Aos poucos, o duque recuperava o controle dos pensamentos, como um cavalo que havia mordido o cabresto, saíra em disparada, e agora estivesse novamente disposto a obedecer.

– Sim, duque. Pelo assassinato de Catrinna Gyre.

Um calafrio percorreu o corpo de Regnus. Ele podia resistir ou se entregar. Contraiu o maxilar e as lágrimas que brotaram de seus olhos criaram um estranho contraste com o tom de comando da sua voz.

– Quando você recebeu essa ordem, filho?

– Uma hora atrás, duque – respondeu o rapaz e, em seguida, pareceu irritado por ter informado de modo tão automático um homem que deveria estar prendendo.

– Não faz nem quinze minutos que ela morreu. Me diga, o que isso revela sobre a sua ordem?

O rapaz empalideceu. Instantes depois, os lanceiros começaram a hesitar.

– Nosso capitão disse que o senhor tinha sido visto matando... cometendo o ato, duque. Ele disse isso uma hora atrás. – O tenente olhou para Gurden. – É verdade?

– Entre e veja com seus próprios olhos – respondeu o soldado.

O tenente entrou na casa e deixou seus homens vigiando o duque e Gurden, nervosos. Alguns espiaram pelas janelas e logo viraram o rosto. Regnus se sentia impaciente, tentando se controlar. Lágrimas escorriam de novo por suas faces e ele não sabia por quê. Precisava pensar. Poderia descobrir o nome do tal capitão, mas ele só obedecia: ordens do Sa'kagé ou do rei.

Vários minutos depois, o tenente saiu da casa. Sua barba tinha restos de vômito e ele tremia com violência.

– Pode ir, duque. Sinto muito... Deixem ele ir.

Os homens recuaram e Regnus montou no cavalo, mas não partiu.

– Vocês vão servir aos homens que massacraram minha família inteira? – perguntou o duque. – Pretendo encontrar meu filho e, depois, quem... – Sua voz o traiu e ele teve que pigarrear. – Se vierem comigo, juro que servirão com honra. – Sua voz falhou na última palavra e ele entendeu que não conseguiria dizer mais nada.

O tenente aquiesceu.

– Estamos com o senhor, duque. – Os outros assentiram e Regnus formou seu primeiro esquadrão. – Duque... eu... eu cortei a corda em que

ela estava presa. Não podia deixá-la daquele jeito.

Regnus não conseguiu dizer nada. Puxou as rédeas com força e partiu a galope em direção aos portões. *Por que não fiz isso? Ela era minha mulher. Que tipo de homem eu sou?*

O general Agon era um dos poucos nobres que não tinha comparecido à festa dos Jadwin na noite anterior. Não fora convidado. Nem por isso se sentia excluído.

O sol começava a surgir no horizonte, mas a situação não parecia nem um pouco melhor à luz do dia. A guarda da cidade seria a responsável por lidar com um caso de assassinato. Só que, em geral, as vítimas não eram herdeiras do trono. Agon tinha que supervisionar aquilo pessoalmente.

– Por que não me diz o que aconteceu, milady? – pediu ele.

Lady Jadwyn fungou. Estava abalada, o general tinha certeza disso. O que não sabia ao certo era se isso se devia ao fato de ter sido flagrada ou de lamentar a morte do príncipe.

– Eu já disse – respondeu ela. – Um derramador...

– Um o quê?

Ela se calou.

– Como você sabe o que é um derramador, Trudana?

Ela balançou a cabeça.

– Por que está tentando me confundir? Estou dizendo que tinha um assassino aqui, em pé neste corredor. Acha que eu decapitei meu próprio guarda? Acha que tenho força suficiente para isso? Por que não escuta Elene? Ela estava lá.

Droga. Ele já havia pensado nisso. Não só duvidava que lady Jadwin fosse forte o bastante para decapitar um homem, como ela não tinha uma arma com a qual poderia fazer isso. Além do mais, se tivesse acabado de assassinar o príncipe, por que gritar e atrair as pessoas para o primeiro andar

antes de poder limpar o sangue das mãos e do rosto?

– Explique isto aqui – disse o general.

Levantou o vestido que a duquesa havia usado na véspera. Seus homens o haviam descoberto embolado dentro do armário. O tecido ainda estava úmido de sangue coagulado. Muito sangue.

– Depois... depois que o assassino apunhalou o príncipe, ele caiu e eu... eu o segurei. Ele morreu nos meus braços. Tentei buscar ajuda, mas o assassino ainda estava no corredor. Eu estava aterrorizada. Entrei em pânico. Não suportei o sangue dele em cima de mim.

– O que vocês dois estavam fazendo sozinhos no quarto?

A duquesa o encarou como se os seus olhos fossem carvões em brasa.

– Que atrevimento!

– Atrevimento, Trudana? – repetiu Agon. – Atrevimento é o seu! Trair o marido não só com o rei, mas com o filho do rei também. Que tipo de prazer perverso você tirou disso? Gostava de fazer o príncipe trair o pai?

Ela tentou lhe dar um tapa, mas ele se esquivou.

– Você não vai conseguir bater em todo mundo no reino, Trudana. Nós achamos a faca ensanguentada no seu quarto. Os criados confirmam que é sua. Eu diria que a probabilidade de você ser decapitada é grande. Quer dizer, a menos que o rei decida que mereça morrer como uma traidora comum, na roda.

Ao ouvir essas palavras, Trudana Jadwin empalideceu e ficou verde, mas não disse mais nada. Agon fez um gesto zangado e seus homens a levaram embora.

– Você vale mais do que isso que acabou de dizer – falou uma voz de mulher.

Agon se virou e viu Elene Cromwyll, a criada dos Jadwin que fora encontrada espancada e inconsciente em seu próprio quarto. Uma moça cheia de curvas, bonita, a não ser pelas cicatrizes e hematomas no rosto. Lady Jadwin se considerava uma artista, de modo que gostava de ter coisas bonitas ao redor.

– Sim – concordou Agon. – Acho que valho, mesmo. Mas considerando

o que ela fez...

– Minha patroa tomou muitas decisões ruins – concordou Elene. – Magoou muita gente, destruiu casamentos, mas, general, ela não é uma assassina. Milorde, eu sei o que aconteceu aqui ontem à noite.

– Então você é Elene...

A voz dele saiu mais incisiva do que pretendia. Ele próprio ainda estava tentando juntas as peças do quebra-cabeça. Como Cotoco, o guarda que agora fazia jus ao próprio apelido, tinha sido morto? Por que a duquesa mataria o príncipe em silêncio e trocava de roupa, mas não terminaria de lavar as mãos e o rosto antes de gritar por socorro?

Com certeza, se tivesse sangue-frio suficiente para matar o príncipe – talvez de raiva por ele a ter deixado – e presença de espírito o bastante para começar a esconder as provas, teria feito um serviço melhor antes de chamar alguém para acudi-la.

Mas alguns dos convidados afirmavam que a voz que tinham ouvido gritar no andar de cima era de um homem. Teria sido o guarda? Será que ele havia surpreendido o assassinato, dado um grito sem nexos, e então fora decapitado? Não era fácil decapitar uma pessoa, Agon sabia disso. Mesmo cortando entre as vértebras, era preciso uma força considerável. O general tinha examinado Cotoco. A lâmina havia cortado *através* da vértebra.

Tornou a virar os olhos para Elene.

– Me desculpe – falou. – Foi uma noite difícil. Qualquer ajuda sua seria bem-vinda.

A moça ergueu os olhos; estavam banhados de lágrimas.

– Eu sei quem matou o príncipe. É um derramador disfarçado de nobre. Eu sabia quem ele era e sabia que viria à festa, mas não pensei que fosse machucar ninguém. O nome dele é Kylar. Kylar Stern.

– O quê?

– É verdade. Eu juro.

– Olhe aqui, minha jovem, a lealdade que você tem pela sua patroa é admirável, mas não precisa fazer isso. Se insistir nessa história, vai ser presa. No melhor dos casos. Se descobrirem que foi cúmplice, ou mesmo que

auxiliou sem querer o assassinato do príncipe, pode até ser enforcada. Você tem certeza de que quer fazer isso só para salvar Trudana Jadwin?

– Não é por ela. – Lágrimas escorriam pelo seu rosto.

– Então é por esse tal de Kylar Stern? Foi aquele que brigou com Logan Gyre? Você deve detestar esse rapaz com todas as suas forças.

Ela apenas desviou os olhos. À luz do sol que nascia, as lágrimas em seu rosto reluziram como joias.

– Não, general. Longe disso.

– General – disse um soldado em voz baixa junto à porta. Parecia abalado. – Acabo de vir da propriedade dos Gyre. Aquilo lá está um caos.

Eles estão mortos, general.

– Controle-se. Como assim, mortos? Assassinados, você quer dizer?

– Chacinados, general, para ser mais exato.

– Quem foi assassinado, soldado?

– Todos eles, general.



O rei se remexeu no trono, uma volumosa peça de marfim com filigranas de ouro que o fazia parecer um menino. Naquele dia, a sala de audiência estava vazia, com exceção dos guardas de sempre, escondidos nas saídas secretas, e de Durzo Blint. A ausência de pessoas dava ao recinto um aspecto cavernoso. Estandartes e tapeçarias enfeitavam as paredes, mas em nada contribuía para aliviar o frio perpétuo de um salão de pedra tão vasto. Sete pares de colunas sustentavam o pé-direito alto, e dois lances de sete degraus cada conduziam ao trono.

Em pé sem dizer nada, Durzo esperava o rei começar a conversa. Se fosse necessário, já tinha um plano de combate. Era da sua natureza. O meister em pé ao lado do rei teria que ser o primeiro a morrer, depois os dois guardas que ladeavam o trono, e por fim o próprio rei. Com seu Talento, ele provavelmente conseguiria pular do trono até a passagem logo acima, agora oculta por um estandarte. Mataria o arqueiro lá dentro. Depois disso, ninguém poderia pegá-lo.

Assim como todos os planos de combate, esse só duraria até a primeira ação, mas era sempre útil ter um plano geral, sobretudo quando não se fazia ideia do que os seus inimigos sabiam. Durzo ficou tentado a enfiar a mão na bolsinha de alho, mas forçou-se a ficar parado. Não era hora para demonstrar nervosismo. Foi mais difícil deter sua mão do que ele poderia ter imaginado; havia algo de reconfortante no ato de morder um alho cru quando estava estressado.

– Você deixou meu filho morrer – disse o rei, levantando-se. – Mataram o meu filho ontem à noite e você não fez nada!

– Eu não sou guarda-costas.

O rei pegou uma lança do guarda em pé ao seu lado e a atirou. Durzo ficou surpreso com a qualidade do arremesso. Se tivesse ficado parado, a lança o teria acertado bem no esterno.

Mas é claro que não foi o que ele fez. Esquivou-se de lado sem nem ao menos mover os pés, com uma desenvoltura negligente que torceu para ser também enfurecedora.

– Você não é merda nenhuma até eu dizer que é! – exclamou o rei.

Avançou a passos largos e desceu o duplo lance até se postar em frente a Durzo. Taticamente, era um movimento ruim. Ele estava agora na linha de tiro de pelo menos três dos arqueiros.

– Você... não é merda nenhuma! Seu merda, seu cagão de merda!

– Majestade – disse Durzo, grave. – O vocabulário chulo de um homem do seu calibre deveria ir além da tediosa repetição dos excrementos que ocupam o espaço entre as suas duas orelhas.

Por alguns instantes, Aleine fez cara de quem não estava entendendo. Os guardas se entreolharam, horrorizados. O rei reparou e entendeu, pela expressão deles, que tinha sido insultado. Deu um tapa em Durzo com as costas da mão, e o derramador aceitou o golpe. Qualquer movimento rápido agora poderia fazer um arqueiro nervoso disparar sua flecha.

O rei usava anéis em todos os dedos e dois deles escavaram sulcos na bochecha de Durzo.

Ele cerrou o maxilar para conter a fúria negra que sentiu crescer dentro de si. Respirou uma vez, depois duas. Então falou:

– O único motivo pelo qual você continua vivo é que não estou disposto a trocar minha vida pela sua, Aleine. Detestaria ser morto por amadores. Mas saiba uma coisa: se algum dia tornar a encostar a mão em mim, vai morrer menos de um segundo depois... alteza.

O rei levantou a mão, cogitando seriamente se o próximo movimento o transformaria no finado Aleine Gunder IX. Baixou-a, mas seus olhos

exibiam um brilho de triunfo.

– Não vou mandar matá-lo ainda, Durzo. Reservei algo melhor do que a morte para você. O negócio é o seguinte: sei tudo sobre você. Tudo. Você tem um segredo e eu sei qual é.

– Me perdoe se eu tremer.

– Você tem um aprendiz. Um rapaz que se faz passar por nobre. Kyle não sei das quantas. Um rapaz que mora com aqueles carolas dos Drake, um aplicado aluno das artes da espada, não é mesmo, mestre Tulii?

Um calafrio desceu pela espinha de Durzo. *Anjos da Noite, tenham piedade.* Eles sabiam. A coisa era séria. Pior do que séria. Se sabiam que Kylar era seu aprendiz, não demoraria muito para o culparem pela morte do príncipe. Sobretudo com o espetáculo que Kylar havia proporcionado ao brigar com Logan Gyre. Se o aprendiz de Durzo estava envolvido na morte do príncipe, o rei suporia que tinha agido com a aprovação de seu mestre, quando não sob suas ordens.

Roth não ficaria nada contente.

O alho se partiu em sua boca e provocou um choque tranquilizador em seus sentidos. Ele respirou fundo e fez força para relaxar. *Como tinham conseguido?*

Mestre Tulii. Maldição. Qualquer coisa pode dar errado, e algo certamente vai dar. Durzo não fora traído. Não havia nenhum plano maior. O nome significava que um dos espiões do rei tinha vigiado os Drake. Decerto apenas uma espionagem de rotina à casa de um homem outrora poderoso. O serviçal vira Durzo entrar e o reconhecera. Devia ser um dos guardas com os quais o rei tentara impressioná-lo no jardim das estátuas. Pouco importava.

– Ah. Quem me dera Brant estivesse aqui agora para ver essa sua cara, Durzo Blint. A propósito, onde está ele? – perguntou o rei a um intendente.

– Está no castelo agora, alteza, a caminho daqui com notícias. Foi até a propriedade dos Drake depois de averiguar... fatos ocorridos na propriedade dos Jadwin.

A garganta de Durzo se contraiu. Agon já devia ter juntado as peças em

relação a Kylar. Se o general aparecesse enquanto Blint ainda estivesse ali, o mestre morreria.

O rei deu de ombros.

– Pior para ele. – Quando disse essas palavras, tristeza e fúria fizeram estremecer o corpo do pequeno rei e ele de repente pareceu um homem diferente. – Você deixou matarem meu filho, seu merda, então eu vou matar o seu. A morte dele vai vir pela mão de quem ele menos espera e vai acontecer... ah, a qualquer momento agora.

* * *

– Ouvi dizer que você teve um pequeno desentendimento com Logan ontem à noite – comentou o conde Drake.

Kylar piscou e, em um segundo apenas, passou de exausto a totalmente desperto. Só havia dormido poucas horas e tivera o pesadelo de sempre. Toda morte que via lhe lembrava a de Rato.

Os dois estavam sentados à mesa do café e Kylar tinha uma garfada de ovo suspensa em frente à boca. Enfiou-a lá dentro para ganhar um pouco de tempo.

– Não foi nada – falou, de boca cheia.

Aquilo era uma catástrofe. Se o conde sabia da briga, talvez soubesse também da morte do príncipe. Achava que teria tempo de empacotar suas coisas e ir embora naquela manhã mesmo, antes de os Drake tomarem conhecimento.

– Serah ficou bem chateada – disse o conde. – Ela levou Logan para a casa da tia, perto da residência dos Jadwin, para cuidar dos machucados dele. Voltou apenas há alguns minutos.

– Ah.

Com movimentos mecânicos, Kylar mastigou mais um pouco de ovo. Se Serah tinha ido embora logo depois da briga, o conde Drake e ela ainda não sabiam sobre o príncipe. Ao que parecia, a onda de má sorte de Kylar estava

chegando ao fim. No entanto, agora que sabia não estar sendo ameaçado por questões de vida ou morte, ele entendeu que o fato de Serah voltar para casa e contar ao conde o que havia acontecido na noite anterior teria outras implicações.

– Ontem dei a Logan minha permissão para pedi-la em casamento. Você sabia, não sabia?

Era o jeito delicado de o conde perguntar: “Por que diabo você beijou minha Serah e deu uma surra no meu futuro genro e seu melhor amigo depois de me dizer que não sentia nada por ela?”

– Hã...

Com o canto do olho, Kylar viu alguém passar pela janela rapidamente e o velho porteiro veio mancando atrás, com um ar abalado. A porta da frente se abriu com um baque. Segundos depois, a da sala de jantar se escancarou com tamanha força que a louça sobre a mesa estremeceu.

– Milorde – protestou o porteiro.

Logan irrompeu sala adentro; apesar dos olhos vermelhos, tinha um ar digno e imponente. Vinha segurando uma espada de fio duplo do tamanho de Alitaera.

Kylar se levantou com um pulo, fazendo a cadeira se arrebentar contra a parede. Ficou encurralado em um canto. O conde se levantou e gritou alguma coisa, mas foi lento demais. Nada podia deter Logan agora.

Logan ergueu a espada; Kylar empunhou uma faca de mesa.

– Estou noivo! – gritou Logan e envolveu-o em um abraço de urso.

Quando o amigo o soltou, o coração de Kylar já tinha recomeçado a bater. Aliviado, o conde se deixou cair na cadeira.

– Seu grande pilantra! – exclamou o garoto. – Meus parabéns! Eu disse que ia dar certo, não disse?

– “Dar certo”? – repetiu Drake, recuperando a voz.

Logan ignorou o conde e continuou a falar:

– Bom, você não precisava me bater com tanta força.

– Eu tinha que convencê-la – retrucou Kylar.

– Você quase a deixou viúva! Desde aquela briga na arena eu não

apanhava tão feio.

– Me desculpem – interveio Drake. – “Dar certo”? “Convencê-la”?

Os dois pararam e olharam para o conde com uma expressão de culpa.

– Bem – disse Logan. – Kylar falou que Serah me amava de verdade, só precisava que alguém a lembrasse disso e... – Não completou a frase.

– Kylar, está me dizendo que a briga foi armada? Você passou por bobo em público, enganou minha filha e negociou o afeto dela como se fosse um badulaque sem valor?

– Não foi bem isso que... – Ele não conseguiu sustentar o olhar de Drake. – Sim, conde.

– E arrastou Logan para o meio disso? Logan, que deveria ter mais juízo?

– Sim, conde – respondeu Kylar. Pelo menos Logan parecia tão consternado quanto ele estava se sentindo.

Drake olhou para um, depois para o outro, e então abriu um sorriso.

– Que Deus o abençoe! – falou e deu um abraço em Kylar.

Depois de soltá-lo, o conde se virou. Foi com os olhos cheios de lágrimas que segurou os antebraços de Logan.

– E que Deus abençoe você, filho.

Ladeado pelos guarda-costas, o general Agon entrou no castelo pisando firme. Apesar de o sol ter nascido menos de três horas antes, o dia já tinha sido longo. Ao ver a expressão em seu rosto, os homens que vigiavam as portas do castelo se certificaram de que ele não precisaria esperar elas se abrirem. Criados desapareceram rapidamente dos corredores.

Ao entrar na sala de audiência, o general passou por um homem de capa que estava de saída e lhe pareceu vagamente familiar. Devia ser um dos espões do rei. Agon não tinha tempo para ele.

Nenhuma das notícias era boa. Os Gyre eram uma família importante do reino. O fato de o seu assassinato acontecer na mesma noite em que o

príncipe fora morto era demais. Agon até gostava do rapaz, mas os Gyre eram seus amigos. E não desejaria nem ao pior inimigo o que tinha visto na sua propriedade. As peças não estavam se encaixando.

Aquilo tinha todas as características de uma jogada importante, uma tentativa de tomar o trono. Mas por que daquele jeito? Matar o príncipe era um passo bem ousado nesse sentido, claro, mas matar os criados dos Gyre e Catrinna não tinha consequência política alguma. Ou tinha? A partir daquele dia, seu aniversário, Logan passava a ser o duque na ausência do pai. Se alguém quisesse eliminar uma família, começaria com os herdeiros, não com os outros. Até onde ele sabia, ambos os herdeiros dos Gyre continuavam vivos.

A morte do príncipe não era apenas um golpe terrível para a linhagem dos Gunder, mas também um grande escândalo. Os casos extraconjugais do rei sempre foram ignorados, mas achar o príncipe morto aparentemente depois de manter relações com a amante do rei atrairia todo tipo de atenção desfavorável para a linhagem Gunder inteira. O assassinato – se é que fora mesmo um – além de uma tragédia, era um horror e um constrangimento.

O general ponderou qual seria a maior preocupação na mente de Aleine, se o horror ou constrangimento. E a rainha, o que faria? Aproximou-se do trono e subiu os degraus. Os homens de sempre conversavam com o rei. Não confiava em nenhum deles.

– Fora! – rugiu. – Sumam daqui, todos vocês!

– Com sua licença – disse Fergund Sa’fasti. – Mas na condição de principal...

– FORA DAQUI! – berrou Agon na sua cara.

O mago se encolheu e foi se juntar ao grupo que saía da sala. O general gesticulou para os guarda-costas também se retirarem. O rei nem sequer ergueu os olhos. Por fim, falou:

– Estou acabado, Brant. O que a história vai dizer de mim?

Que você foi fraco, ineficaz, egoísta e imoral.

– Alteza, temos questões mais urgentes.

– Todo mundo está falando sobre isso, Brant. Meu filho! Ela assassinou

o meu menino... – O rei começou a chorar.

Então ele é capaz de pensar nos outros. Quem dera tivesse demonstrado essa humanidade com mais frequência.

– Alteza, a duquesa não matou seu filho.

– O quê? – O rei ergueu para Agon os olhos injetados.

– Foi um derramador, alteza.

– Pouco me importa quem foi, Brant! É Trudana quem está por trás disso. Trudana e Logan Gyre.

– Logan Gyre? Que história é essa?

– Você acha que é a única pessoa que mandei averiguar essa história, Brant? Meus espiões já me disseram: Logan está por trás de tudo. Trudana só fez cooperar, aquela vaca. Ordenei que o prendessem.

Agon ficou tonto. Aquilo era impossível. Só podia ser mentira.

– Por que Logan faria uma coisa dessas? – indagou. – Ele era um dos melhores amigos do seu filho. Não tem a menor ambição. Pelos deuses, o rapaz acaba de ficar noivo de Serah Drake, a filha de um conde!

– Isso não teve nada a ver com poder ou ambição, Brant. Foi por inveja. Logan pensou que meu filho o havia humilhado totalmente por causa de alguma questão trivial. Você sabe como são os rapazes. É típico dos Gyre invejar qualquer sucesso nosso. Além do mais, tenho testemunhas que ouviram Logan ameaçá-lo.

Tudo começava a fazer sentido; as peças giravam e se encaixavam no lugar. Kylar Stern, o nobre fajuto, o derramador, era amigo íntimo de Logan. Em um acesso de raiva, Gyre o havia contratado para matar o príncipe. Tudo se encaixava... exceto por se tratar de Logan. Agon o conhecia e não acreditava naquilo.

– Que derramador eles contrataram, Brant? – perguntou o rei.

– Kylar Stern – respondeu Agon.

O rei deu um muxoxo.

– Hummm. Pelo menos dessa vez os deuses devem estar do meu lado.

– Alteza?

– Acabei de contratar a aprendiz de Hu Gibbet para matá-lo, uma

derramadora, acredita? Kylar é aprendiz de Blint. Ou era. A esta altura, já deve estar morto.

Kylar é aprendiz de Blint? A imagem que ia se formando lentamente explodiu em mil pedaços. O rei havia contratado Blint! Seu aprendiz não teria matado o filho de quem o havia contratado. Ou teria?

O nome de Hu Gibbet estava gravado nos cadáveres da propriedade dos Gyre. Naturalmente, só um tolo faria isso em um massacre como aquele. Pelas horas que havia passado lá, porém, Agon tinha certeza de que os assassinatos tinham sido obra de uma única pessoa. Não conseguia pensar em ninguém capaz de executar tanta gente a não ser um matador, e o estilo com certeza correspondia ao que tinha ouvido falar sobre Hu Gibbet. Não conseguia imaginar Durzo Blint mutilando cadáveres; ele consideraria isso antiprofissional.

Hu Gibbet só assinaria seu nome caso achasse que as autoridades jamais teriam uma chance de ir atrás dele. O rei dizia que o assassinato do príncipe não tinha nada a ver com poder, mas aquilo ali era Cenária. Tudo ali tinha a ver com poder.

Se o aprendiz de Durzo Blint fora o responsável pela morte do príncipe, por que deixara uma testemunha? Kylar devia ser tão profissional quanto o próprio mestre. Uma testemunha era um fio solto fácil de arrancar.

Tudo tinha a ver com poder. Agon fez cara feia.

– Alguma notícia de nossa guarnição nos Ventos Uivantes?

– Não.

– Então o exército khalidori está a pelo menos quatro dias de distância.

Quais são seus planos para o festival de hoje à noite?

– Não vou celebrar o solstício de verão no dia seguinte à morte do meu filho.

O general sentiu um peso no estômago.

– Meu rei, acho que deveria.

– Não vou dar uma festa para os assassinos do meu menino. – Os olhos do rei chisparam e ele se pareceu menos com uma criança petulante e mais com um soberano, como Agon jamais tinha visto. – Preciso fazer alguma

coisa! Todo mundo vai pensar que...

Ele continuou falando, mas o general o ignorou.

Todo mundo vai pensar que... Era essa a chave. *O que todo mundo vai pensar?*

O príncipe estava morto, vergonhosamente assassinado pela amante do rei ou por um derramador. Os amados Gyre estavam mortos ou presos. Agon agora desconfiava que um assassino decerto tinha entrado nos Ventos Uivantes e matado Regnus também. Não faria sentido deixá-lo vivo.

Todo mundo vai pensar que o rei mandou matar o próprio filho em um surto de raiva e ciúmes e jogou a culpa na amante infiel para se vingar. Com os boatos certos, o espanto de todos em relação ao assassinato dos Gyre também poderia ser transformado. As pessoas conectariam todos os assassinatos, mas como?

Depois dos Gunder, os Gyre eram os primeiros na linha sucessória, embora a família nunca tivesse desafiado o rei. Era bem fácil fazer o fraco e invejoso Aleine Gunder passar por paranoico. E os Gyre eram bem mais respeitados do que os Gunder. As pessoas pensariam que os leais serviços de Regnus haviam sido recompensados com traição e assassinato.

Logan, o novo lorde Gyre, fora preso pelo rei e a inclinação natural de Aleine Gunder seria mantê-lo assim. Mas Logan era um rapaz conhecido por sua absoluta moralidade e por ser desprovido de ambição. Pelo amor dos deuses, ele estava de casamento marcado com uma reles Drake!

Portanto, se o rei morresse, quem o sucederia?

O imensamente popular Logan Gyre estaria na prisão, onde poderia ser morto com facilidade. O filho do rei estava morto. Sua filha mais velha tinha 15 anos e as outras eram mais novas ainda, jovens demais para segurar o trono de uma nação em guerra. Sua esposa Nalia talvez tentasse assumir o trono, mas o rei a temera e a marginalizara quanto pudera, e ela parecia satisfeita em se manter afastada do jogo político. Depois de sua participação no escândalo, os Jadwin estavam acabados. Restavam os dois outros ducados do reino. O duque Graesin ou o duque Wesseros, pai da rainha, poderiam tentar tomar o poder. Mas o irmão de Nalia, Havrin, estava fora

do país, de modo que parecia um usurpador improvável. O duque Graesin era fraco. Qualquer uma das diversas famílias menores poderia tentar capturar o trono para si.

Mas ninguém poderia segurá-lo. O resultado seria uma guerra civil na qual os quatro principais partidos tinham as mesmas chances. Uma guerra civil de um tipo muito pior do que a que Regnus havia temido dez anos antes, quando permitira que Aleine subisse ao trono.

E como ficavam as outras forças que tanto haviam preocupado Agon em tempos recentes? Onde se encaixavam o Sa'kagé e Khalidor? Pelo preço certo, Khalidor poderia comprar a ajuda do Sa'kagé.

E então, na sua cabeça, todas as peças se encaixaram. O general disse um palavrão bem alto. O fato era tão raro que fez o rei se interromper no meio de uma frase. Aleine encarou Agon.

– O que foi? O que foi, Brant?

O rei e ele haviam passado todos aqueles anos tão concentrados em Khalidor que nunca tinham pensado em uma ameaça vinda de dentro. O reino inimigo estava eliminando toda a linha sucessória e manipulando o rei para que ele ajudasse. Uma vez neutralizados todos os herdeiros ao mesmo tempo legítimos e poderosos, os khalidori matariam o rei. Agiriam depressa, antes de ele estabelecer novos sucessores, antes de consolidar seu poder ou refazer os vínculos que estava prestes a se romper. Então poderiam assistir ao caos e invadir Cenária quando quisessem.

– Alteza, o senhor tem que me escutar. Isso tudo é o prelúdio para um golpe. Talvez tenhamos só poucos dias. Se a coisa começar, todos os nossos preparativos contra Khalidor serão inúteis. E o senhor vai ser o primeiro a morrer.

O rosto do rei era um retrato do medo.

– Estou escutando – falou ele.



Depois de parabenizar Logan mais algumas vezes, Kylar pediu licença para deixar o jovem duque conversar com o futuro sogro. Serah estava nos fundos da casa se trocando e os dois amigos haviam combinado que ela provavelmente não deveria presenciar demonstrações de amizade entre eles até depois do casamento.

– Se eu não for convidado, vou entender – dissera ele. – Mas, se contar a ela, vou esperar que me peça desculpas. Parabéns.

Ele subiu a escada até seu quarto, atirou a túnica em um canto e se olhou no espelho.

– E parabéns para você também. Seu mestre vai matá-lo e todas as mulheres da sua vida o odeiam.

Junto ao espelho, reparou em um maço de cartas amarradas por uma fita. Pegou-o. Havia um bilhete rabiscado em um pedaço de papel na caligrafia de Blint: “Como você cruzou o limite, imagino que não haja mais motivo para esconder isto.”

Como assim? Kylar desamarrou a fita e leu a primeira carta. Fora escrita por uma criança em letras grandes e os pensamentos eram desconexos: “Muito ~~obrigada~~ obrigada. Aqui é ótimo. Você é maravilhoso. Hoje é meu aniversário. Te amo. Elene.” Abaixo disso, um adulto escrevera: “Desculpe, conde Drake, ela entreouviu uma conversa nossa sobre o seu benfeitor. Está querendo escrever esta carta desde que começamos a alfabetizá-la. Depois que cismou com essa ideia, não a largou mais. Diga-nos se não devemos

mais deixá-la escrever. Seu humilde criado, Gare Cromwyll.”

Kylar ficou fascinado. Havia uma carta para cada ano, cada qual mais longa do que a anterior e escrita em uma caligrafia mais bem-feita. Teve a sensação de ver Elene crescer diante dos seus olhos. Ela também tinha mudado de nome, mas não havia como negar o que tinha sido, nem como separá-la das fraquezas e da vulnerabilidade de antes.

Aos 15 anos, ela escreveu: “Pol perguntou se eu fico brava porque cortaram minha cara. Ele disse que não era justo. Eu disse que não é justo eu ter saído das Tocas, ao passo que tantos outros nunca conseguiram. Veja só tudo o que tenho! E tudo graças a você...”

Kylar teve que folhear as cartas, dando apenas uma olhada. Seu tempo estava se esgotando. Mais cedo ou mais tarde, chegaria a notícia sobre a morte do príncipe. Caramba, como Elene escrevia! Passou para a última carta. A data indicava poucos dias antes.

“Você não sabe o que fez por mim. Já falei sobre todas as formas como o seu dinheiro salvou minha família, principalmente quando meu pai adotivo morreu, mas você fez mais do que isso. O simples fato de saber que em algum lugar existe um jovem nobre que se importa comigo – comigo! uma garota nascida escrava com o rosto cheio de cicatrizes! – fez toda a diferença. Você me fez sentir especial. Pol me pediu em casamento semana passada.”

Kylar teve um súbito impulso de encontrar aquele tal Pol e lhe dar um chute no traseiro.

“Eu deveria ter aceitado, apesar de odiar o temperamento dele e... outras coisas também. A questão é que o simples fato de você existir e se importar comigo me faz acreditar que eu valho mais do que um casamento qualquer com o primeiro homem que pede a mão de uma garota cheia de cicatrizes. Isso me dá fé de que o Deus reservou algo melhor para mim.”

Ah, ela é uma boa pessoa. Ótimo.

“Obrigada. E perdoe minha última carta, estou morrendo de vergonha do que escrevi. Por favor, ignore tudo o que eu disse.”

Hã? Kylar voltou à carta anterior e não conseguiu conter um sorriso. Elene estava totalmente dominada pelo romantismo irrefreado das meninas

de 16 anos.

“Acho que estou apaixonada por você. Na verdade, tenho certeza. Ano passado, quando fui à casa do conde Drake levar minha carta – mamãe *enfim* me deixa fazer algumas coisas sozinha –, acho que vi você. Talvez não fosse você. Mas poderia ter sido. Tem um rapaz na casa, um jovem nobre. Ele é muito bonito e todo mundo lá o adora. Dá para ver como todos o têm em alta conta, até mesmo o conde. Enfim, sei que ele não é você porque não é rico. Como a família dele é pobre, ele mora com os Drake...”

Kylar prendeu a respiração. Elene o tinha visto um ano antes e o achara bonito. *Ela o achava bonito?*

“... mas de que importa o dinheiro quando se tem amor?”

Havia... *não*... sim, havia marcas de lágrimas no papel.

Bem, Kylar fora criado na companhia de três meninas. Aquilo não chegava a espantá-lo. Perguntou-se apenas por que Elene havia começado a chorar.

“Então, como você é do tipo forte que não diz nada e nunca responde às minhas cartas, decidi que vou chamá-lo de Kylar. Talvez você seja gordo e feio e tenha um narigão e estou TÃO arrependida. Eu deveria começar de novo, mas mamãe diz que já estou usando papel demais. Me desculpe. Sou uma menina mimada. Mas será que poderia me responder, só uma vez? Pedir para o conde Drake me dar a resposta no ano que vem, quando eu for deixar minha carta? Pol disse que essa minha paixonite não é por um homem, mas por um saco de dinheiro.”

Elene não sabia nada a seu respeito, mas, ora, ela era apenas uma menina de 16 anos. Ele ainda queria dar um chute no traseiro de Pol.

“Mas não é verdade. E não é uma paixonite. Eu amo você, Kylar.”

Um calafrio percorreu seu corpo ao ler essas palavras. Como ele queria escutá-las! Como queria escutá-las *da boca de Elene*. Ali estavam elas, emaranhadas nos muitos nós da sua duplicidade. Ela dissera aquelas palavras sem saber que o conde Drake entregava suas cartas a Durzo, sem saber que Kylar na verdade era o seu jovem benfeitor, e que era Azoth, e que era um assassino, sem saber que o tinha visto aquela única vez, mas que ele a

vira centenas de vezes: duas por semana, sempre que conseguia, na feira perto de Sidlin Way.

Vira-a crescer nessa feira, falara mil vezes a si mesmo que na semana seguinte não iria tentar vê-la e sempre sucumbira. Observara-a de longe e desenvolvera sua própria paixonite, certo? Dissera a si mesmo que ela era apenas um fruto proibido, que só isso o atraía nela. Que só queria ver se ela estava bem. Como isso não funcionou, garantira a si mesmo que iria passar.

Já estava com 20 anos agora e continuava esperando passar. Sua súbita esperança – ela estava apaixonada por ele! – se esborrachou contra a realidade como uma porcelana gadiana se espatifando no chão. A delicada possibilidade se estilhaçou. Agora a expressão consternada do rosto de Elene na véspera fazia mais sentido. As revelações que poderiam ter deixado a jovem tão emocionada – eu sou Kylar, sou Azoth, sou seu jovem nobre e também a amo! – a haviam, pelo contrário, atingido como um martelo. Eu sou Kylar, sou Azoth, sou seu jovem nobre... e sou um assassino. Quero sua confiança para que eu possa traí-la.

Não havia tempo para autocomiseração. Kylar já se entregara por demais a esse sentimento. Deixara para trás uma testemunha que sabia que ele era um derramador, que ele era Kylar Stern e acreditava que fosse culpado pelo roubo do Globo dos Limites, quando não de coisa pior. Logo, havia grandes chances de ter jogado fora uma identidade que passara dez anos construindo em troca de uma pequena esfera que nem ficara com ele.

Os baldes de água quente que a criada em geral punha no seu quarto pela manhã estavam vazios. Por algum motivo, isso foi a gota d'água. Ele sentiu os olhos quentes, marejados. Foi tão ridículo que quase riu. Aqueles baldes vazios eram uma inconveniência insignificante, mas foi como se os deuses ou o Deus Único dos Drake quisessem esmagá-lo. Tudo que podia dar errado tinha dado.

Mestre Blint iria matá-lo. A mulher pela qual estava dando a vida para salvar sentia ódio por ele. Até mesmo Serah Drake, que na noite anterior ainda tinha dúvidas se amava Logan ou Kylar, agora também o odiava. A pior parte era que ele era o culpado de tudo. As coisas tinham dado errado

por causa de decisões que havia tomado.

Bem, pelo menos os baldes vazios não eram culpa sua. Ele os pegou e desceu o corredor. Topou com a criada subindo a escada com dois baldes cheios de água fumegante.

– Olá – cumprimentou.

Não a reconheceu, mas ela era mais bonita do que a maioria das moças que a Sra. Bronwyn contratava.

– Oi. Desculpe o atraso, hoje é o meu primeiro dia. Sinto muito mesmo.

A criada se espremeu para passar por ele e Kylar não pôde evitar reparar nos seios fartos que roçaram seu peito nu. Ela desapareceu dentro do seu quarto e ele foi atrás.

– Posso pegar esses baldes se você...

– Não está zangado, está? – perguntou a criada. – Por favor não diga ao conde Drake nem à Sra. Bronwyn que me atrasei, acho que ela não gosta de mim, e se eu fizer besteira no primeiro dia tenho certeza de que vai me mandar embora. Eu preciso muito deste emprego, senhor.

Ela havia pousado os baldes e agora torcia as mãos.

– Calma – disse Kylar. – Relaxe. Não estou zangado. Meu nome é Kylar.

Ela pareceu simpatizar com ele na hora. Sorriu e apertou sua mão. Seus olhos relancearam rapidamente por seu peito e seu ventre nus.

– Oi. O meu é Viridiana.

O porteiro acompanhou um ladeshi bem-apegoado até dentro do escritório. Logan tinha ido à cozinha pegar alguma coisa para comer, de modo que o conde Drake estava sozinho.

– Milorde – disse o porteiro. – Ele insistiu para dar o recado pessoalmente.

– Está bem. Obrigado – agradeceu o conde.

O ladeshi tinha tamanha presença que parecia estranho estar agindo

como mensageiro. Parecia mais um cortesão ou um bardo. Segurava algo que desviou toda a atenção do conde Drake. Era uma flecha, pintada de um vermelho lustroso cor de sangue da ponta de aço até as penas.

Assim que o porteiro se retirou, o homem disse:

– Bom dia, milorde. Preferiria que o nosso encontro fosse em outras circunstâncias, mas temo que o meu recado seja muito importante. Quem mandou isto aqui foi Durzo Blint. Ele disse: “Entregue isso ao garoto, se ele ainda estiver vivo, e diga a ele para me encontrar na hora do jantar no Rapariga Embriagada.”

Com uma mesura, ele entregou a flecha ao conde. Da porta, Logan riu.

– “Se ainda estiver vivo”? Um dos amigos de Kylar deve ter me visto entrar aqui hoje de manhã, não é?

O conde Drake deu uma risadinha.

– Tenho certeza de que você assustou *todo mundo* que o viu. – Virou-se para o mensageiro. – Darei o recado, obrigado.

– Milorde – disse o ladeshi, virando-se para Logan. – Lamentamos pela sua perda.

Com uma nova mesura, ele se retirou. Logan balançou a cabeça.

– Isso foi uma piada porque vou me casar?

– Não sei. Estive em Ladesh uma vez e nunca entendi o humor deles. Talvez seja melhor levar logo este recado para Kylar.

– E eu pensando que íamos ter uma grande conversa paternal sobre intimidades matrimoniais.

O conde Drake sorriu.

– Que formulação mais pudica.

– Serah é bem pudica – retrucou Logan.

– As intimidades matrimoniais não têm nada de pudicas, Logan, acredite. – O conde olhou para a flecha que estava segurando e a pôs de lado. – Bom, a primeira coisa que você precisa entender sobre sexo é...

Viridiana esfregou o ombro.

– Que bom conhecer alguém gentil. Pensei que este lugar fosse ser horrível de trabalhar. Você não liga para isso, liga?

– Não, nem um pouco – respondeu Kylar, sem entender direito para o que não estava ligando, mas certo de que não deveria.

Como se fosse a coisa mais natural do mundo, Viridiana desamarrou as fitas do corpete, que ele já tinha reparado estar particularmente apertado.

– Ah, bem melhor – falou, inspirando fundo.

Fechou e trancou a porta, em seguida andou até os baldes enquanto tirava o corpete e o jogava no chão.

– Hummm – fez Kylar.

A moça se curvou para tornar a pegar os baldes.

O decote dela devia ter quase 2 metros, porque Kylar ficou totalmente perdido lá dentro. Sua boca se abriu, mas não produziu som algum. Foi preciso um esforço fora do comum para erguer os olhos. Viridiana o observava e, na mesma hora em que seu rosto ruborizou, ele notou que ela não estava nem um pouco chateada. Com um gesto ágil, soltou os cabelos presos bem apertados, que cascatearam em volta de seu rosto em cachos compridos.

– Pronto para o banho, milorde?

– Não! Quero dizer... quero dizer...

– Quer tomar banho *depois*? – indagou ela, dando um passo à frente.

Levou a mão às costas e começou a abrir botões.

“Depois”! Kylar recuou um passo, mas sua resistência estava ruindo. *Por que não? Que porcaria estou esperando? Por acaso estou esperando Elene?* Viridiana ocupava todo o seu campo de visão: lábios carnudos, cabelos deslumbrantes que ele praticamente já podia sentir nas pontas dos dedos, sobre o peito. Aqueles seios. Aquele quadril. E ela o desejava. Seria sexo, apenas sexo, não amor. Não uma demonstração grandiosa de romantismo e compromisso. Tesão, só isso. Mais simples. Mais parecido com a versão que Mama K tinha das coisas. Menos parecido com a visão do conde Drake. Mas que droga, o corpo de Viridiana era mais convincente do que uma sala

inteira cheia de estudiosos.

Suas panturrilhas bateram na cama e ele quase caiu.

– Eu, eu na verdade não estou me sentindo muito à vontade...

Ela levou a mão ao seu peito e se atirou em cima dele. Ele caiu para trás enquanto a outra mão dela surgia de trás do vestido e formava no ar um arco metálico cintilante.

Quando as costas dele bateram na cama, ela já estava montada em cima dele, prendendo seus braços junto às laterais do corpo com os joelhos, segurando seus cabelos com uma das mãos e uma faca junto ao seu pescoço com a outra.

– À vontade? – indagou, completando a frase dele.

Não estava brincando com a faca; a lâmina encostava no pescoço de Kylar bem no ponto em que uma leve pressão romperia a pele, exatamente em cima de uma artéria. Enquanto arquejava, ele tentava não mexer o pescoço.

– Merda... Você é a aprendiz de Hu Gibbet. Vi. Viridiana. Como pude não perceber?

Ela deu um sorriso sem alegria.

– Para quem você está trabalhando? O príncipe era minha vítima.

– Sério? Que constrangedor. Ser vencida por outro derramador...

Ela pressionou o quadril contra ele e Kylar enrubesceu. Ela beliscou sua bochecha.

– Você até que não é feio, sabia? Vai ser uma pena matá-lo.

– Quem sente pena sou eu, garanto.

– Não precisa – disse ela. – Parte do meu Talento é o poder de atração.

Você até que resistiu bem, nem chegou a babar.

– Está dizendo que tudo isso aí é ilus...

– Se mexer as mãos, você morre. O corpo é de verdade, obrigada.

– Eu deveria agradecer, mas essa faca no meu pescoço está atrapalhando um pouco a minha capacidade de apreciação.

– Se estiver tentando sair dessa pelo charme, precisa treinar mais. Para quem você trabalha?

– Você trabalha para o rei – falou Kylar. – Certo?

– Duro até o fim. Gostei.

– Ah, você não faz ideia... Só espero não gozar antes de ser assassinado. Iria sujar tudo...

Ela deu uma risadinha e ele abriu o sorriso mais encantador de que foi capaz.

– Melhor agora?

– Melhor. Um ponto pelo esforço. Quem me passou o serviço foi o rei. Ele ficou um pouco irritado por você ter matado o filho dele. Então aceitei o dinheiro, mas quem me dá ordens é Roth. Última chance.

Ela pressionou a faca com um pouco mais de força sobre a sua pele e ele teve que inclinar a cabeça de lado o máximo que conseguiu para não se cortar.

– Talvez você se identifique com o meu dilema – disse Kylar, esticando o pescoço. – Se eu não responder, você me mata de forma dolorosa, mas devagar. Se eu responder, me mata depressa, mas logo.

– Ou então você pode tentar prolongar este momento o máximo que conseguir e torcer para alguém salvá-lo. Você é esperto. Imagino que deva ser. Todos nós ficamos curiosos para saber por que Blint escolheu um aprendiz sem Talento. Imagino que a inteligência valha mais.

– Todos vocês? Estavam fazendo apostas a meu respeito? Espere aí, estão dizendo que eu não tenho Talento?

– Como diz o ditado, no Sa'kagé não existem segredos que valha a pena conhecer – respondeu Vi. – Então não vai me dizer para quem está trabalhando? Deve ser mais um a mando de Roth. Quando ele quer um serviço, certifica-se de que seja feito. Correm até boatos de que ele mandou lady Jadwyn executá-lo, mas eu conheço o trabalho de um derramador quando o vejo.

– Você fala bastante, hein? – comentou Kylar.

Se tivesse uma das mãos livres, ele teria dado um tapa em si mesmo.
Lembrete: quando estiver tentando ganhar tempo, não critique a prolixidade do seu captor.

O lindo rosto de Viridiana ficou feio por meio segundo e Kylar viu a porção Hu Gibbet que havia dentro dela. Ela então sorriu, mas o mestre não sumiu dos seus olhos.

– Na sua próxima vida, trabalhe mais esse charme.

Sua sensação seguinte seria uma faca deslizando pela pele e a carne de seu pescoço se abrindo, quente. Os músculos de Kylar se retesaram de necessidade e desespero.

Alguém bateu à porta.

– Kylar? – disse o conde.

Vi se retraiu e virou a cabeça.

Kylar projetou a cabeça para o lado e empinou o corpo para tentar derrubá-la. Pelo menos foi o que mandou seu corpo fazer. Em vez disso, sentiu uma energia se derramar de dentro dele como um raio preso a uma coleira. Uma breve euforia, o poder inchando dentro de seu corpo, um bem-estar como se houvesse passado a vida inteira doente e agora, pela primeira vez, estivesse saudável. Era o Talento que Durzo sempre dissera que ele tinha. E que agora era seu.

Vi segurou-se nos cabelos de Kylar e uma das pernas dela se enganchou em uma das pernas dele. Em vez de sair voando, ela subiu alguns metros e tornou a cair em cima dele com força. Tentou cortá-lo, mas as mãos dele agora estavam erguidas e Kylar a segurou, rolando para o lado.

Os dois caíram da cama e ele aterrissou por cima dela. Viridiana grunhiu e arremeteu um dos joelhos entre as pernas dele. Foi como se o sol tivesse explodido dentro da sua calça. Kylar grunhiu e teve que se esforçar ao máximo para não soltar as mãos dela.

– Kylar? – repetiu o conde do outro lado da porta. – Está com uma dama aí dentro?

Eu não a chamaria de dama. Suas bolas doíam tanto que ele mal conseguia se mexer, que dirá lutar.

– Socorro!

– Você é patético – disse ela.

Ele só conseguiu grunhir. Levantou-se com dificuldade bem na hora em

que a porta se abriu, mas foi lento demais. Ela já havia atirado a faca no conde.

Drake se jogou para o lado e a lâmina passou por ele sem atingi-lo. No mesmo instante, uma faca de arremesso apareceu na sua mão, mas ele hesitou. Viridiana viu sua mão erguida e pulou na direção da janela.

Kylar arrancou a arma da mão do conde e a lançou na mesma hora em que Vi desapareceu pela janela. Pensou ter visto a faca se cravar no ombro dela. Pegou a espada escondida debaixo de sua cama, mas Viridiana havia desaparecido.

O conde tinha um ar abalado. Segurava uma flecha vermelha na outra mão.

– Eu hesitei.

Na boca de qualquer outra pessoa, isso teria sido uma admissão de derrota, mas a voz de Drake soou vitoriosa.

– Depois de tantos anos, ainda não tinha certeza, mas é verdade. Eu mudei mesmo. Obrigado, Deus.

Kylar o encarou com uma expressão estranha.

– Do que o senhor está falando?

– Kylar, precisamos conversar.



– **D**aqui a um ou dois dias eu vou estar morta, Jarl, então preste muita atenção – falou Mama K.

Jarl hesitou por alguns segundos, depois tomou um golinho do ootai que ela havia lhe servido.

Caramba, esse garoto sabe ser frio. Mas, afinal de contas, era por isso que estava tendo aquela conversa com ele, e não com outra pessoa.

– Amanhã ou depois de amanhã, Kylar ou Durzo vão vir aqui me matar – disse ela. – Mandei Kylar matar um homem que ele pensava ser Hu Gibbet, mas que, na verdade, era Durzo disfarçado de Hu. O que tiver sobrevivido à luta entre eles agora sabe que eu menti e traí os dois. Jarl, eu sei que você já foi amigo de Kylar...

– Ainda sou.

– Ótimo. Eu não ia pedir para me vingar. Estou pronta para a justiça. De toda forma, daqui em diante a vida vai ser só uma série de decepções mesmo.

Seria pena aquilo no olhar do garoto? Ela achou que fosse, mas não se importava. Se vivesse até a sua idade, ele entenderia.

– O que posso fazer para ajudá-la, Mama K?

– Não quero que você me ajude. As coisas têm acontecido depressa, Jarl. Talvez depressa demais. Roth está tentando se tornar Shinga. Desconfio que, a qualquer momento, ele vá receber a triste notícia de que Pon Dradin morreu.

– A senhora não vai avisá-lo? Vai simplesmente deixar que Roth o mate?

– Por dois motivos, Jarl. Conhecer qualquer um deles poderia lhe custar a vida. Está pronto para ser um ator nesse palco?

Jarl fez uma careta, pensou um pouco, então aquiesceu.

– Em primeiro lugar, vou deixar Pon Dradin morrer porque estou comprometida. Roth me chantageou para que eu traísse Durzo e Kylar. Não tenho que explicar com o quê. Já fui humilhada o suficiente. Tudo o que importa é que Roth agora manda em mim. Não posso me opor a ele de nenhuma forma, ou isso vai me custar algo que valorizo mais do que a minha própria vida. Sendo assim, vou morrer. Quero que você me substitua.

– A senhora quer que eu ocupe o seu lugar nos Nove?

Ela sorriu acima do ootai.

– Eu nunca fui só a Senhora dos Prazeres, Jarl. Há 19 anos sou também Shinga.

O modo como os olhos de seu inabalável protegido se arregalaram lhe causou certa satisfação. Jarl tornou a afundar na cadeira.

– Pelos deuses. Isso explica algumas coisas.

Ela riu com vontade, algo raro em sua vida. Se era essa a sensação provocada por expor o próprio pescoço, pensava entender pela primeira vez por que Durzo amava o perigo que seu trabalho envolvia. Estar assim tão perto da morte fazia a pessoa valorizar o fato de estar viva.

– Como isso vai funcionar? – perguntou ele.

Era o que ela também teria dito no seu lugar. Teria aceitado o que o Shinga falara sobre a própria morte e começaria imediatamente a pensar em como isso poderia afetá-la, em vez de expressar qualquer tristeza pela situação. Ou talvez, tivesse esboçado alguma expressão de pesar pela morte de sua senhora, ainda que falsa. Jarl não fingiu nada desse tipo e ela considerou a atitude honrada. Ele havia aprendido bem suas lições. Mesmo assim, isso doeu.

– Sinto muito – disse ele.

Pelo tom de sua voz, estava sendo sincero. Talvez estivesse mesmo. Ou talvez apenas sentisse muito ela se tornar tão mole com a chegada da morte.

Aquela que havia lhe ensinado a manipular as próprias penas e amores agora queria que ele fizesse o mesmo em relação a ela. Mama K não soube dizer. Jarl era aquilo em que ela o tinha transformado. Era pior do que se olhar no espelho.

– Todo mundo no Sa'kagé sabe quem é seu chefe. Os mais inteligentes sabem quem os representa nos Nove. A identidade do Shinga, claro, é um segredo aberto, ou seja, não é de modo algum um segredo. Quem entender isso e juntar alguns ladrões e putas consegue entender toda a estrutura de poder do Sa'kagé. Tem sido assim nos últimos catorze anos, porque a situação permaneceu muito estável.

– Essa estabilidade era devido à sua liderança ou à pura sorte? – indagou Jarl.

– À minha liderança – respondeu ela, sincera. – Mandei matar o último rei e pus Aleine no trono, logo não sofremos pressão de cima e resolvi todos os problemas internos. Mas o estado normal de qualquer Sa'kagé é o caos, Jarl. Ladrões, assassinos, batedores de carteira e putas não tendem a permanecer unidos. Os assassinatos são frequentes. Durante o seu tempo de vida, a situação foi bem mais pacífica do que jamais tinha sido. Nos primeiros cinco anos em que fui Shinga, perdemos oito “Shingas”. Seis desses assassinatos foram obra externa. Dois deles eu mesma matei, porque tentaram tomar o meu poder. Nos Nove, somente dois postos permaneceram estáveis. Nos últimos catorze anos, Pon Dradin pôde se entregar livremente a seus vícios, contanto que participasse das reuniões, ficasse de boca fechada e não saísse da linha. Nunca imaginei que ele fosse durar tanto.

– Quer dizer que, na verdade, só os Nove sabem quem é o Shinga?

– E os derramadores, mas eles prestam um juramento mágico de fidelidade. O sistema tem lá suas desvantagens. Só com as propinas e subornos, Pon é quase tão rico quanto eu, e todo novo integrante dos Nove descobre que ele vem lambendo as botas erradas desde que começou a galgar os degraus do poder. Isso irrita alguns deles, mas também impede algumas pessoas cujo lugar não é nos Nove de entrarem lá. Melhor de tudo, isso me manteve viva e no poder.

– E onde Roth entra nisso tudo?

– Roth acabou de entrar para os Nove. Ele não conhece o segredo. É por isso que Pon vai morrer entre hoje e amanhã. Roth acha que, ao matá-lo, vai se tornar Shinga. Mas isso, na verdade, expõe a maior falha de todo o meu segredo: se apenas oito pessoas sabem quem é o verdadeiro Shinga, Roth só precisa convencer essas oito de que agora o Shinga é ele.

– Se os outros Nove o temem tanto, como é que vou tomar o seu poder?
– Jarl quis saber.

Mama K sorriu.

– Exatamente assim, tomando. Não vou deixar você indefeso, claro. – Ela pegou um caderninho na escrivaninha. – Meus espiões. Espero não precisar dizer que, quanto mais tempo você demorar para queimar este caderno, menos a sua vida vai valer.

Ele pegou o caderno.

– Vou decorá-lo agora mesmo.

Mama K se recostou na cadeira.

– Ele está em uma posição vantajosa, Jarl. As pessoas morrem de medo dele.

– Então é só isso?

– Você vai me perdoar se eu não contar onde ficam guardados os meus tesouros. Uma mulher de idade precisa se proteger, só para o caso de sair viva dessa história. Além disso, se eu morrer, você vai ter tempo de sobra para achar tudo.

– Posso pedir um conselho? – indagou ele. Ela assentiu. – Eu segui os homens sobre os quais a senhora perguntou.

Mama K aquiesceu. Não instigou Jarl com perguntas. Os dois já trabalhavam juntos havia tempo suficiente para ela saber que ele contaria tudo.

– Eles eram bruxos. Tentaram emboscar Regnus Gyre com uma pequena comitiva ao norte da cidade. A maioria dos homens dele foi eliminada. Teriam sido todos, mas ele estava acompanhado por um mago.

Mama K arqueou uma sobrancelha.

– Eu estava observando a certa distância, mas depois Regnus e o mago discutiram e partiram a cavalo em direções opostas. Calculo que o duque Gyre não soubesse que o homem era um mago.

– Esse tal mago derrotou três bruxos?

– Todas as coisas espetaculares foram os bruxos quem fizeram, mas, quando a fumaça se dissipou, e digo isso no sentido literal, ele era o único a continuar em pé. Lutou com a inteligência. Atrapalhou dois dos bruxos até os soldados do duque conseguirem abatê-los e fez um cavalo pisotear o terceiro. Não entendo nada de magia, então talvez tenha acontecido algo mais que não vi, mas foi assim que me pareceu.

– Continue.

– Depois de brigar com o mago, o duque ficou só com um soldado. Eles pegaram um caminho tortuoso pela cidade e chegaram à propriedade dele depois da meia-noite. A senhora já soube o que havia lá?

– Vinte e oito mortos. Hu Gibbet recebeu o sinal verde.

– De Roth? – indagou Jarl.

Mama K aquiesceu.

– Infelizmente, o juramento dos derramadores tem algumas brechas.

– Era medonho. Mas, enfim, o duque Gyre convenceu os homens que chegaram para prendê-lo a se unir a ele, e todos estão agora escondidos na casa de um primo, tentando discretamente reunir o máximo de apoio possível. O mago é sethi e o primeiro nome dele é Solon. Ainda não consegui descobrir mais nada. Até meia hora atrás, ele estava hospedado no Grou Branco.

– Você nunca me decepciona, Jarl.

Ele estava prestes a perguntar alguma coisa quando alguém bateu à porta. Uma criada entrou e entregou um pedacinho de papel a Mama K, que o passou para Jarl.

– A chave do código está na capa do seu caderno.

Jarl demorou um minuto para decodificar a mensagem.

– Pon Dradin está morto. – Ele ergueu o rosto para Mama K. – O que faço agora?

– Isso, meu aprendiz, é problema seu.

* * *

– Kylar, quero falar sobre o seu futuro.

Então a conversa deve ser breve.

O conde Drake tirou o pincenê do bolso do colete, mas não o pôs diante dos olhos. Apenas gesticulou com ele enquanto falava.

– Tenho uma proposta. Venho pensando muito nisto, pois você não foi feito para ser derramador. Não, filho, me escute; eu vou proporcionar uma saída. Quero que você se case com Ilena.

– Como é que é?

– Sei que parece abrupto, mas desejo que você pense no assunto.

– Ela tem só 15 anos, conde.

– Ah, não estou dizendo agora. Minha proposta... bem, Kylar, minha proposta é que vocês fiquem noivos. Ilena é apaixonada por você há tempos. Proponho que esperemos um ou dois anos para ver se dá certo enquanto você estiver... bem, enquanto estiver aprendendo o meu ofício.

– Não sei se estou entendendo muito bem, conde.

O conde bateu com o pincenê na palma da mão.

– Kylar, eu quero que você... quero lhe dar uma chance de sair da vida que está levando. Quero que aprenda o meu ofício e o assuma um dia. Já falei com a rainha. Com a permissão dela, descobri que posso transferir o meu título para você. Você viraria conde, Kylar. Não é nada de mais, mas lhe daria legitimidade. Poderia virar o que tem fingido ser.

O queixo de Kylar caiu.

– Transferir seu título? Como assim, *transferir*?

– Ah, Kylar, o título não me trouxe nada de bom mesmo. Ora, não tenho nenhum filho homem para quem transmiti-lo. Você precisa dele; eu, não. Seja como for, quero fazer isso, mesmo que a história do noivado com Ilena não seja interessante. Você teria tempo para decidir o que quer fazer da

vida. Você ficaria livre. Livre *deles*.

Livre. Fora do Sa'kagé. Aquele era o gesto mais nobre que Kylar já tinha visto... mas, depois da noite anterior, havia chegado tarde demais.

Ele baixou os olhos para o chão e aquiesceu.

– Não vai dar certo, conde. Sinto muito. Acredite, eu estou... O senhor foi mais do que bondoso comigo, muito mais bondoso do que mereço. Mas eu não acho que... – Ele indicou com a cabeça o piquenique que Logan e Serah estavam saboreando. – Não acho que isso seja para mim.

– Kylar, sei que você está planejando ir embora.

O conde era assim, direto ao ponto.

– Estou, sim, conde.

– Em breve?

– Já pretendia ter ido.

– Então talvez tenha sido o Deus que me levou a falar com você agora.

Imagino que Durzo tenha dito para não se deixar converter.

Drake estava olhando pela janela, mas sua voz soou ressentida:

– Ele falou que, se eu acreditasse no senhor, acabaria morto.

– Uma afirmação razoavelmente justa, na minha opinião. – O conde se virou de frente para Kylar. – Ele trabalhava para mim, sabia?

– Como é que é? Durzo?

Drake esboçou um leve sorriso.

– Antes de virar derramador? – perguntou Kylar.

O rapaz não conseguia conceber uma época em que Durzo não fosse derramador, embora imaginasse que existira. O conde, entretanto, fez que não com a cabeça.

– Ele matava gente para mim. Foi assim que nos conhecemos. Foi assim que ele soube que podia me confiar você. Durzo não tem muita vida social fora do trabalho, entende?

– O senhor? O senhor mandava matar gente?

– Não fale tão alto. Minha mulher sabe, mas não há por que assustar as empregadas. Tentei não converter você com palavras, Kylar, mas deixar minha vida ser testemunha do que eu sei. Talvez tenha sido um erro. Um dia

um santo disse: “Pregue o tempo todo. Quando for preciso, use palavras.”
Posso tomar um minuto do seu tempo?

Parte de Kylar quis dizer não. O tempo dele estava se esgotando e era constrangedor ouvir alguém que se respeitava tentando vender algo que não seria comprado. Parecia que, a qualquer momento, chegaria alguma notícia acusando-o do roubo na noite anterior e todo aquele belo quadro estouraria como se fosse uma bolha. Logan descobriria seu verdadeiro caráter. Serah teria mais uma chance para repreendê-lo. O conde faria aquela cara desapontada que lhe feria tanto. Kylar sabia que Drake se decepcionaria com ele, que jamais saberia todo o bem que ele tinha feito na noite anterior e quanto isso havia lhe custado. O conde ficaria frustrado independentemente do que ele fizesse agora, mas Kylar não precisava presenciar isso.

– Claro – respondeu. Era a resposta correta.

Aquele homem o havia criado e dera uma vida invejável para um menino de guilda. Kylar lhe devia aquilo.

– Meu pai herdou uma grande fortuna do meu avô, o suficiente para conviver com Gordin Graesin, Brand Wesseros e Darvin Makell... Você não deve conhecer os Makell, eles foram dizimados na Guerra dos Oito Anos. Enfim, meu pai tentou impressionar esses filhos de duque gastando dinheiro feito um louco: festas suntuosas, jogatina, bordéis inteiros alugados. O fato de meu avô ter morrido quando ele ainda era jovem não contribuiu. Nossa família, é claro, ficou pobre. Meu pai se matou. Aos 19 anos, portanto, assumi uma casa à beira da falência. Tinha um bom tino para negócios, mas considerava isso indigno. No entanto, me orgulhava da minha persona. Algumas realidades são bem cruéis e o endividamento é uma delas. Um dos devedores do meu pai arrumou um jeito de eu ganhar um “dinheiro fácil”. Comecei a trabalhar para o Sa’kagé. O homem que me recrutou era Trematir. Se fosse mais talentoso, só teria feito eu me endividar cada vez mais com o Sa’kagé, mas logo descobri que entendia melhor do que ele a interação entre homens e o dinheiro. Por mais estranho que possa parecer, eu tinha ainda menos escrúpulos do que Trematir.

Ele fez uma pausa, então continuou:

- Investi o meu dinheiro em tudo o que pudesse dar lucro, principalmente em bordéis para saciar qualquer apetite, por mais depravado que fosse. Criei salas de jogatina e trouxe especialistas do mundo inteiro para me ajudar a tirar dinheiro dos meus clientes. Criei rotas de especiarias e subornei guardas para não investigarem as cargas. Quando um dos meus negócios era ameaçado, mandava capangas resolverem a questão. Na primeira vez em que eles passaram dos limites e mataram um homem, fiquei chocado, mas não gostava do sujeito, estava fazendo aquilo por causa da minha família e não precisei assistir, de modo que tudo foi mais palatável. Ao me desentender com Trematir, foi fácil tomar a decisão de contratar Durzo. Eu era ingênuo o suficiente para não saber que ele primeiro iria falar imediatamente com o Shinga, para pedir permissão. A permissão foi concedida e eu me tornei mestre das moedas do Sa'kagé.

Kylar escutava cada palavra, mas não conseguia acreditar. Aquele não podia ser o conde com o qual ele tinha sido criado. Ribold Drake fizera parte dos Nove?

- Eu viajava muito e abria negócios em outros países com relativo sucesso, quando tive uma horrível revelação. É claro que, na época, não me dei conta de quanto ela era horrível. Tudo o que conseguia ver era minha própria inteligência. Em quatro anos, tinha pagado todas as dívidas da minha família, mas então passei a pensar em um jeito de ganhar dinheiro de verdade. Vendi a ideia para o Sa'kagé. Demoramos dez anos, mas conseguimos pôr as pessoas certas nos lugares certos e legalizamos a escravidão. Ela foi introduzida em um formato limitado, claro, somente para os condenados e os indigentes completos. Pessoas incapazes de cuidar de si mesmas, segundo a nossa definição. Nossos bordéis ficaram lotados de escravas por cujo trabalho não precisávamos mais pagar. Criamos os Jogos da Morte, outra das minhas ideias brilhantes, e eles viraram uma sensação, uma obsessão. Construimos a arena, começamos a cobrar entrada, monopolizamos a venda da comida e do vinho, passamos a administrar as apostas, às vezes manipulávamos os páreos. Ganhamos muito dinheiro, e muito rápido. Passei a contratar Durzo com tanta frequência que nos

tornamos amigos. Nem ele aceitava todos os serviços que eu oferecia. Blint sempre teve o seu código pessoal. Aceitava matar pessoas que tentassem roubar meus negócios para si, mas, se eu quisesse matar alguém que só procurasse me deter, precisava contratar Anders Gurka, Scarred Wrable, Jonus Severing ou Hu Gibbet.

“Você precisa entender que, mesmo com tudo isso, eu nunca me considerei uma pessoa má. Não gostava dos Jogos da Morte; nunca assistia. Nunca visitava o porão das galés onde os escravos viviam e morriam acorrentados a seus remos, nem os locais onde ocorriam o tráfico de bebês e a prostituição infantil. Nunca chegava perto dos lugares onde Blint fazia seus serviços. Tudo o que eu fazia era dizer palavras e chovia dinheiro. O mais engraçado é que nem ambicioso eu era. Tinha mais dinheiro do que qualquer outra pessoa do reino, com exceção de alguns membros da grande nobreza, do Shinga e do rei, e estava à vontade com isso. A única coisa que não conseguia suportar era incompetência. Se não fosse isso, tenho certeza de que a Shinga teria me matado. Só que ela não precisou fazer isso porque eu não era uma ameaça. Durzo lhe disse isso.”

O conde balançou a cabeça.

– Desculpe, estou divagando. Não estou mais acostumado a contar essas histórias. Bem, meu erro foi quando me apaixonei pela mulher errada. Por algum motivo, fiquei atraído por Ulana. Atraído só, não. Obcecado. Precisei de muito tempo para entender por quê. Cheguei a evitá-la, tamanha a dor que sentia por estar na sua presença. Mas finalmente compreendi: ela era muito diferente de mim. Era pura, sabe? E, estranhamente, parecia me amar também. É claro que não tinha a menor ideia de quem eu era. Eu não conduzia nenhum dos meus negócios sob meu verdadeiro nome e poucos nobres tinham conhecimento da riqueza que eu acumulava. Quanto mais eu afundava na escuridão, mais amava Ulana, e mais minha vergonha crescia. Como se pode amar a luz e viver nas trevas?

A pergunta transpassou Kylar. Ele sentiu vergonha.

– Ela começou a trabalhar com escravidão, Kylar, e decidiu que iria visitar tudo: os locais de tráfico de bebês, galés de escravos e arenas de luta.

Eu não podia deixar que fosse sozinha, então vi meu próprio trabalho pela primeira vez. – O olhar do conde se tornou distante. – Ah, Kylar, o jeito como ela se movia entre aqueles miseráveis... Em meio a todo aquele fedor de dejetos humanos, desespero e maldade, ela era como uma brisa fresca e pura, um respiro de esperança. Era a luz nos lugares escuros que eu havia criado. Vi um campeão das lutas na arena, um homem que havia matado outros cinquenta, chorar quando ela o tocou. Fui rasgado ao meio. Decidi sair daquela vida, mas, como a maioria dos covardes morais, não queria pagar o preço por isso. Então viajei até Seth, onde a escravidão é diferente. Quando voltei, ajudei em segredo a aprovar uma lei que libertaria os escravos a cada sete anos. O Sa'kagé deixou-a ser aprovada, mas acrescentou uma cláusula que a tornava efetivamente nula. Então, um dia, Ulana, que àquela altura já era minha noiva, chegou à minha casa aos prantos. Os pais dela tinham ficado gravemente feridos em um acidente de carruagem. Ela achava que a mãe estivesse à beira da morte e precisava da minha ajuda. Ao mesmo tempo, os Nove estavam reunidos na minha sala íntima porque o rei Davin iria tornar a escravidão ilegal outra vez, algo que, é claro, nos custaria milhões. Sabe quem eu mandei embora, Kylar?

– Os Nove?

Kylar estava pasmo. Um insulto desses equivaleria à morte.

– Ulana.

– Eu sinto muito.

– Não, quem sentiu muito fui eu. Senti-me amaldiçoado. E foi assim que o Deus me encontrou, Kylar. Não consegui continuar fazendo o que fazia. Eu morri por dentro. Achei que romper meus laços com o Sa'kagé seria a morte, sobretudo quando percebi que não bastaria entregar meu império intacto a alguém que pudesse administrá-lo. Em vez disso, tive que usar toda a minha astúcia para entregá-lo a homens que o destruiriam. Então foi o que eu fiz. Usei o dinheiro que tinha para financiar os responsáveis por reconstruir o bem que eu havia destruído e destruir as obscenidades que eu havia construído. Quando terminei, não me sobrou um tostão, minha família estava arruinada e eu ganhara dezenas de inimigos poderosos.

Procurei Ulana, contei tudo a ela e rompi nosso noivado.

– O que ela fez? – indagou Kylar.

– Ficou com o coração partido quando soube quem eu realmente era e como mal me conhecia. Levou tempo, mas ela me perdoou. Não consegui acreditar nisso. Mas ela me perdoou. Eu demorei mais para perdoar a mim mesmo, porém um ano mais tarde, depois de a escravidão ser declarada ilegal outra vez, em parte graças aos meus próprios esforços, nós nos casamos. Tive que trabalhar duro nos últimos vinte anos. Muitas vezes minha antiga reputação me atrapalhou, e às vezes a nova também. Você sabe o que a maioria dos nobres pensa de quem *realmente trabalha*. Mas o meu dinheiro hoje é limpo. E o Deus tem sido bom. Minha família possui o suficiente. Minhas filhas são uma alegria para mim. Logan pediu Serah em casamento e ela aceitou. Terei Logan como filho. Como não me sentir abençoado? Enfim, deveria ter contado isso para você há muito tempo. Talvez você já soubesse alguma coisa pelo Sa'kagé.

– Não. Não tinha a menor ideia.

– Filho, espero que compreenda agora que eu entendo a sua situação. Sei as mentiras que o Sa'kagé conta, sei que pode ser custoso se afastar. O Deus foi generoso comigo. Não me fez pagar tudo o que eu devia, mas talvez eu precisasse estar disposto a pagar o preço integral. É essa a diferença entre se redimir e se arrepender. Eu lamentava o que a escravidão tinha se tornado, mas não queria assumir minha responsabilidade. Quando quis, o Deus pôde operar em mim.

– Mas como o senhor continua vivo, conde? Quero dizer, não foi só o fato de se afastar... O senhor também destruiu um negócio que rendia milhões ao Sa'kagé!

Drake sorriu.

– Foi o Deus, Kylar. O Deus e Durzo. Ele gosta de mim, apesar de me considerar um tolo. Ele me protegeu. Não é um homem a quem se possa desagradar de forma leviana.

Obrigado pelo lembrete.

– O que estou querendo dizer, Kylar, é que se você quiser se afastar,

também pode. Talvez sinta falta do seu trabalho. Imagino que seja excelente no que faz e a excelência traz alguma alegria. Você não pode pagar por tudo o que fez, mas se redimir não é impossível. Sempre existe uma saída. Se estiver disposto a fazer o sacrifício, o Deus lhe dará a chance de salvar algo inestimável. Mas eu estou aqui para dizer: milagres acontecem. Como esse daí... – Ele apontou pela janela e balançou a cabeça, incrédulo. – Minha filha se casando com um homem bom como Logan. Que o Deus os acompanhe.

Kylar estava piscando por causa das lágrimas, então quase não viu o conde se inclinar mais um pouco para olhar na direção do portão da propriedade. Seu olhar se desanuviou assim que viu os soldados passarem depois de empurrar o velho porteiro. Levantou-se em um instante, mas os guardas não se encaminharam para a porta da frente. Pararam junto a Logan e Serah. O conde abriu a janela a tempo de ouvir o capitão dizer enquanto desenrolava um pergaminho:

– Duque Logan Gyre, o senhor está preso por alta traição no assassinato do príncipe Aleine Gunder.



Em um segundo, o conde Drake saiu pela porta. Kylar o seguiu, mas hesitou no lugar exato em que esbarrara e brigara com Logan dez anos antes. Não deveria sair. Não havia tempo para descobrir quanto os soldados sabiam, mas se achavam que Logan estava envolvido na morte do príncipe, quem poderia saber o que mais pensavam? O rei devia estar inteiramente paranoico. Não importava o que estivesse acontecendo: atrair a atenção dos soldados para si nunca era uma boa ideia.

Mas ver a expressão atônita de Logan foi um golpe para ele. Seu amigo simplesmente ficou parado enquanto os outros homens, bem mais baixos que ele, o desarmavam. Parecia um cão de olhos arregalados que levara um chute sem motivo. Amaldiçoando a si mesmo pela própria estupidez, Kylar foi atrás de Drake.

– Exijo uma explicação – disse o conde.

Apesar do andar manco, de alguma forma ele se movia com autoridade. Todos os olhos se voltaram na sua direção.

– Nós... nós estamos efetuando uma prisão, conde. Infelizmente, é tudo o que posso informar – falou o capitão.

Era um homem parrudo de baixa estatura, de pele amarelada e olhos puxados, mas parecia recorrer a toda sua determinação só para ficar em pé diante do conde sem ser soprado para longe.

– Capitão Arturian, o senhor está tentando prender um duque e não tem autoridade para tanto. Pela terceira emenda da lei ordinária, feita no

oitavo ano do reinado de Hurol II, a prisão de duques do reino tem que ser justificada com um *habeas corpus*, duas testemunhas e um motivo. O encarceramento requer dois desses três itens.

Arturian engoliu em seco e só pareceu manter a espinha ereta às custas de uma tremenda força de vontade.

– Nós, hã... *habeas corpus* quer dizer mostrar o cadáver? Então eu preciso trazer duas testemunhas ou fornecer um motivo para o senhor me deixar prender o duque?

– Se o senhor tiver o cadáver – respondeu o conde Drake.

O capitão aquiesceu.

– Nós, hã... nós temos, senhor conde. O corpo do príncipe foi encontrado ontem à noite na propriedade dos Jadwin. E o motivo é uma questão de... Não vale a pena dizer, senhor.

– Se tentar prender o duque Gyre na minha casa contrariando as cláusulas da lei, como um nobre do reino eu tenho o direito e a obrigação de protegê-lo com a força das armas.

– Nós o massacraríamos! – exclamou um dos soldados, rindo.

– E, se o fizessem, deflagrariam uma guerra civil. É o que vocês querem?
– indagou o conde Drake.

O soldado que havia falado se calou. Vin Arturian ficou cinza.

– Mencionem um motivo que levaria um homem de notória excelência moral como o duque Gyre a matar um dos seus melhores amigos, ou sumam daqui.

– Milorde – disse o capitão com os olhos baixos. – Perdoe-me. O motivo foi o ciúme.

Por algum motivo, os olhos de Kylar relancearam na direção de Serah. Ela ainda parecia abalada com a notícia, mas, conforme o capitão ficava mais constrangido, pareceu se encolher, como se soubesse o que ele iria dizer em seguida.

– O duque Gyre descobriu que o príncipe estava mantendo... relações sexuais com a sua filha.

– Que absurdo! – exclamou Logan. – Essa é a coisa mais ridícula que eu

já escutei. Pelo amor do Deus, ela não foi para a cama nem comigo! Seu próprio noivo! Aleine se deita com qualquer uma, mas ele jamais...

Logan olhou para a noiva e não chegou a terminar a frase.

– Serah, você... Não, não me diga que fez isso.

Foi como se a sua alma houvesse sido despida e todos os dardos do mundo tivessem se cravado nela ao mesmo tempo. Serah soltou um lamento, um som de uma tristeza capaz de rasgar o coração, mas nenhum dos homens se mexeu. Ela saiu correndo e entrou na casa, mas todos os outros permaneceram fascinados pela dor de Logan.

O rapaz se virou para o conde.

– O senhor sabia?

Rimbald Drake fez que não com a cabeça.

– Não sabia quem era, mas ela disse que tinha contado a você. Que estava tudo perdoado.

Logan olhou para Kylar.

– Ela me disse a mesma coisa – sussurrou ele.

Logan absorveu essa informação como se fosse outro dardo. Esforçou-se para respirar.

– Capitão, eu vou com o senhor.

A um sinal de Arturian, o soldado que tinha se pronunciado antes avançou e começou a algemar Logan.

– Caramba, rapaz – disse ele em voz baixa, obviamente só para Logan escutar, mas no silêncio do pátio as suas palavras puderam ser ouvidas com clareza. – Você se fodeu sem nem ter fodido antes.

Foi só a segunda vez que Kylar viu o amigo perder a paciência, mas, na última, Logan era um menino e não tinha nem metade da força de agora. Um derramador talvez tivesse percebido os músculos dos ombros e do braço se tensionarem. Um derramador talvez tivesse se esquivado, mas aquele soldado não teve a menor chance.

Logan arrancou a mão antes de a segunda algema se fechar e o acertou bem na cara. Kylar nunca tinha visto ninguém bater com tanta força. Com seus músculos fortalecidos pelo Talento, mestre Blint decerto seria capaz de

um soco tão potente, mas não tinha a mesma massa corporal de Logan para projetar junto com o golpe.

O soldado voou para trás. Literalmente. Seus dois pés saíram do chão e ele derrubou os dois colegas que estavam mais atrás.

A espada ceurana de Kylar já estava na mão antes mesmo de os soldados caírem no chão, mas, antes de ele conseguir se meter na briga, sentiu os dedos do conde apertarem seu braço.

– Não, Kylar!

Os soldados se jogaram em cima de Logan, que rugiu.

– Não – repetiu o conde. – É melhor... É melhor suportar o mal do que fazer o mal. Você não vai matar inocentes na minha casa.

Sua expressão estava tão pesarosa quando a de Logan, dilacerada entre a tristeza e a convicção. Logan não resistiu. Os homens o derrubaram no chão, algemaram-no pelas costas, acorrentaram também seus tornozelos e, por fim, o fizeram levantar.

– O conde o chamou de Kylar? Você é Kylar Stern? – indagou o capitão Arturian.

Kylar assentiu.

– A Coroa o acusa de traição, de pertencer ao Sa'kagé, de aceitar pagamento por assassinato e de matar o príncipe Aleine Gunder. Nós temos uma testemunha, um cadáver e um motivo, conde Drake. Homens, prendam-no.

O capitão podia ser compreensivo, mas não era bobo. Kylar estava tão entretido com o que acontecia com Logan que não reparou nos soldados que se aproximaram por trás. Quando Arturian deu a ordem, ele sentiu dois homens o segurarem pelos braços.

Projetou os braços para a frente, torcendo para conseguir pelo menos desequilibrá-los e se jogar para trás entre os dois. Mais uma vez, porém, seu Talento apareceu de maneira inesperada e ele ficou mais forte do que nunca. Os homens saíram voando para a frente e trombaram um no outro, tocando-se rente à lâmina da espada de Kylar. Se ele tivesse virado a espada, poderia ter eviscerado qualquer um dos dois, mesmo através da túnica de

couro fervido. Em vez disso, porém, embainhou-a. Como conseguira fazer isso tão depressa? Mal havia terminado de cair para trás depois de ter empurrado os guardas com mais força do que pretendia.

Transformar a queda em um mortal para trás foi brincadeira de criança. Kylar se virou e saiu correndo em direção a um muro em uma das laterais do pequeno jardim do conde. Saltou para segurar na borda do muro de 4 metros e, quando deu por si, ele estava chegando na altura dos seus joelhos. O pulo o projetou por cima do muro rodopiando loucamente. Por pura sorte, conseguiu aterrissar do outro lado sem se matar.

Levantou-se e deixou o Talento ir embora. Ouviu gritos do outro lado, mas eles nunca conseguiriam pegá-lo. Kylar agora era um derramador no sentido pleno da palavra. Perguntou-se o que Blint diria se o visse. Havia alcançado seu sonho da vida inteira e não poderia estar mais infeliz.

– Como foi? – indagou Agon ao capitão Arturian enquanto eles percorriam os corredores do castelo em direção à Bocarra.

– Foi... foi horrível. Não poderia ter sido mais horrível, general. Eu diria que está entre as piores coisas que eu já fiz.

– Está arrependido, capitão? Dizem que ele matou um dos seus homens.

– Se me permite a franqueza, general, ele me livrou de um tolo que eu não podia mandar embora porque era irmão de uma baronesa. O idiota mereceu. Sei que não cabe a mim dizer isto, general, mas o senhor não viu a expressão de Logan. Ele não é culpado. Eu juro.

– Eu sei. Eu sei e farei tudo o que estiver ao meu alcance para salvá-lo.

Eles passaram pelos guardas que vigiavam o portão subterrâneo que separava os túneis debaixo do castelo dos túneis da Bocarra. As celas dos nobres ficavam no primeiro andar. Eram pequenas mas, relativamente falando, luxuosas. Embora o status de Elene não lhe desse esse direito, Agon a pusera em uma delas. Não podia suportar colocá-la em um lugar mais

reles. Se o rei perguntasse, diria que desejava mantê-la próxima para futuros interrogatórios.

O general parou em frente à cela de Logan.

– Vin, ele já sabe sobre a família?

O capitão fez que não com a cabeça.

– Eu já tinha perdido um homem, general. Não sei o que ele faria se eu contasse.

– É justo. Obrigado.

Não era a dispensa que Agon teria dado a um de seus subordinados, mas embora sua posição fosse inferior apenas à do rei, o capitão da guarda real tecnicamente não obedecia ao seu comando. Por sorte, embora os dois não fossem amigos, tinham uma relação boa o suficiente para o capitão Arturian entender a deixa e pedir licença.

Não seria divertido dizer a um homem preso injustamente que a sua família inteira tinha sido massacrada, mas era o dever de Agon. E ele sempre o cumpria.

Antes de destrancar a porta, Agon bateu, como se chegasse para uma visita. Como se eles estivessem em qualquer outro lugar que não a Bocarra. Não houve resposta.

Ele abriu a porta. As celas dos nobres tinham 3 metros quadrados e eram inteiramente revestidas com pedra lisa para impedir suicídios. Todas tinham um banco de pedra que servia de cama, e a palha fresca era trocada uma vez por semana. Só eram um luxo comparadas ao resto da Bocarra. Mesmo com a palha fresca, nada conseguia disfarçar o fedor de ovo podre ou o forte ranço de pessoas aglomeradas em um espaço fechado que emanava das outras celas. Logan parecia alheio a tudo isso. Estava um caco. Lágrimas escorriam por seu rosto coberto de hematomas. Ele ergueu a visita quando Agon entrou, mas seus olhos levaram muito tempo para entrar em foco. Parecia perdido, com os ombros maciços caídos, as mãozorras abertas no colo, os cabelos desgrenhados. Não estava sozinho: sentada ao seu lado, a rainha segurava uma das mãos flácidas como faria com uma criança.

Que o Deus a abençoasse. Ela dera a notícia.

O rei Aleine IX havia cometido um erro crasso com Nalia Wesseros. Ela poderia ter sido uma de suas grandes aliadas. *Que rainha ela teria sido para Regnus Gyre...* Em vez disso, aceitara ser exilada para os confins da Cenária de Aleine, chegara a ficar contente com isso e dera tudo de si para ser mãe dos quatro filhos, que agora eram três. Havia muito Agon desconfiava que os filhos eram a única coisa que a mantinha viva.

– Minha rainha. Milorde – disse Agon.

– Desculpe eu não me levantar – falou Logan.

– Não precisa se desculpar.

– Estão dizendo que o meu pai também morreu. Ou então que foi ele o responsável. Que o rei despachou homens para prendê-lo por ter matado a minha mãe. O que aconteceu?

– Até onde sei, seu pai está vivo. Chegou acompanhado apenas por um ou dois homens. Foi atacado ao entrar na cidade. Alguém estava tentando eliminar todos os Gyre, menos você. Homens foram despachados para prendê-lo, mas não a mando do rei. Não descobri quem deu a ordem. Ainda não. Ou esses homens fugiram da cidade, ou passaram para o lado do seu pai.

– General, eu não matei Aleine – afirmou Logan. – Ele era meu amigo. Mesmo que ele tenha... feito o que estão dizendo que fez.

– Nós sabemos. A rainha e eu não achamos que tenha sido você.

– Ele falou comigo ontem à noite. Sabia que eu ia pedir Serah em casamento. Tentou me convencer a não fazê-lo, me lembrando dos boatos de que ela era promíscua. Sugeri uma ideia maluca: que eu me casasse com Jenine. Achei estranho, mas pensei que ele estivesse sendo magnânimo. Mas era culpa. Maldito seja ele!

Logan olhou para a rainha.

– Desculpe. Eu não deveria falar assim, mas estou com tanta raiva... e com tanta culpa ao mesmo tempo! Eu os teria perdoado, majestade. Teria mesmo. Pelos deuses! Por que eles não me contaram e pronto?

Os dois choraram juntos em silêncio, e a rainha apenas apertou a mão de Logan. Um minuto se passou e o rapaz ergueu os olhos para Agon.

– Estão dizendo que foi Kylar. Na casa do conde Drake, eu vi como ele se moveu. Depressa. Depressa demais. Mas o senhor tem certeza?

Pelos deuses. O garoto acabara de ser traído pela noiva e pelo príncipe. Agora queria saber se fora traído também pelo melhor amigo. Agon não sabia se Logan iria suportar, mas o rapaz merecia a verdade. Não podia lhe dar menos do que isso.

– Tenho certeza de que Kylar estava no andar de cima da casa quando Aleine morreu. Tenho certeza de que ele é um derramador. Duvido que o nome verdadeiro dele seja Kylar ou que ele seja um Stern, mas só vou ter certeza daqui a quinze dias. Mandamos um mensageiro até a propriedade da família, mas a viagem leva uma semana. Não há outro jeito de encaixar as peças, filho, e olhe que estou tentando.

– É muita bondade sua ter vindo aqui – disse Logan e endireitou as costas. – Não quero apressá-lo, mas suponho que queira algo de mim, do contrário não estaria aqui. Não agora. Não tão cedo.

A rainha e o general se entreolharam. Algo foi dito entre os dois sem palavras. Agon então falou:

– Tem razão, Logan. A verdade é que o reino está correndo perigo. Gostaria que pudéssemos nos mostrar sensíveis com a sua dor. Você sabe que o seu pai é um dos meus amigos mais queridos e que o que aconteceu na sua casa foi mais do que uma tragédia. Foi uma monstruosidade. Mas preciso que ponha seus sentimentos de lado por um tempo. Não sabemos a gravidade da ameaça, mas acredito que seja severa. Quando o rei decidiu se livrar de Regnus dez anos atrás, fui eu que sugeri os Ventos Uivantes. Sabia que o seu pai transformaria aquela guarnição em uma verdadeira fortaleza e acreditava que Khalidor fosse nos invadir mais cedo ou mais tarde. Talvez por causa do seu excelente trabalho, essa invasão não ocorreu. A maioria das pessoas prefere pensar que não vai ocorrer porque sabe que, se a poderosa Khalidor quisesse vir para cima de nós, não teríamos a menor chance.

Ele pigarreou e prosseguiu:

– Acho que o príncipe, a sua mãe e os seus empregados foram as primeiras baixas de uma guerra. Um novo tipo de guerra, que usa assassinos

em vez de exércitos para conseguir o que quer. Exércitos nós podemos deter, temos nos preparado para isso. Mas assassinos são outros quinhentos.

– Com o perdão da rainha, por que eu deveria me importar que a cabeça do rei role? – perguntou Logan. – Ele nunca foi amigo dos Gyre.

– É uma pergunta justa – disse Nalia.

– Em um nível pessoal, deveria se importar. Se o rei morrer, você vai passar o resto da vida na prisão ou vai morrer – respondeu Agon. – Em um nível nacional, com a morte do rei, uma guerra civil irá estourar. Soldados serão convocados de volta às respectivas casas às quais são leais e os exércitos de Khalidor invadirão nossas fronteiras. Mesmo unido, nosso país não conseguiria resistir ao poderio khalidori. Nossa única estratégia foi tornar custoso nos invadir. Com nossos exércitos espalhados, estaríamos indefesos.

– O senhor acha então que vai haver uma tentativa de assassinato? – Logan quis saber.

– Em questão de dias. Mas, Logan, os planos de Khalidor repousam sobre determinadas suposições. Até agora, elas se revelaram válidas. Eles sabiam que você seria preso. Sem dúvida já devem ter plantado boatos para instigar as pessoas contra o rei, sugerindo que tudo o que aconteceu foi por sua culpa ou por algum plano seu. Precisamos fazer algo diferente de qualquer coisa que Khalidor tenha cogitado.

– E o que seria?

A rainha se pronunciou:

– Khalidor contratou Hu Gibbet, talvez o melhor derramador da cidade. Se ele quiser matar o rei, provavelmente vai conseguir. O melhor jeito de salvar a vida de Aleine é fazer com que a sua morte não beneficie Khalidor em nada. Talvez seja o único jeito. Precisamos garantir a linha sucessória. Se estivéssemos em época de paz e ela fosse mais velha, Jenine talvez pudesse ocupar o trono, ou talvez eu pudesse ocupá-lo, mas agora... Simplesmente não seria possível. Algumas das casas se recusariam a serem conduzidas na guerra por uma mulher.

– Bem, o que a senhora pode fazer? Ter outro filho?

Agon fez uma careta e respondeu:

– Mais ou menos isso.

– Precisamos de alguém com popularidade suficiente para reconquistar a confiança das pessoas no trono, cuja reivindicação em relação à coroa não possa ser contestada – disse a rainha.

Logan olhou para o general e, de repente, entendeu tudo. Seu rosto exibia emoções conflituosas.

– A senhora não sabe o que está pedindo.

– Sei, sim – retrucou a rainha em voz baixa. – Logan, seu pai algum dia falou de mim?

– Só nos termos mais elogiosos possíveis, majestade.

– Seu pai e eu fomos noivos. Por dez anos, sabíamos que iríamos nos casar. Nós nos apaixonamos. Escolhemos os nomes dos filhos que um dia teríamos. O rei estava morrendo sem herdeiros e o nosso casamento teria garantido o trono para a Casa dos Gyre. Aí meu pai traiu Regnus e quebrou a promessa feita ao seu avô me casando em segredo com Aleine Gunder. Houve testemunhas suficientes para garantir a legalidade do casamento. Eu nem pude mandar um recado para o seu pai antes. O rei ainda viveu mais catorze anos, o suficiente para eu ter filhos, o suficiente para seu pai se casar e ter você, o suficiente para seu pai assumir o controle da Casa dos Gyre. O suficiente para a Casa dos Gunder criar uma história ridícula que deu a Aleine o direito de ser chamado de Aleine IX, como se fosse um rei legítimo. Quando o rei Davin morreu, seu pai teria ido à guerra para tomar o trono. Poderia ter ganhado, mas não o fez por mim e pelos meus filhos. Eu fui vendida a um casamento que desprezava, Logan, com um homem que nunca amei e por quem nunca consegui fazer o amor brotar. Eu sei o que é ser vendida por política. Sei até meu preço literal, em terras e títulos que minha família obteve após a morte do rei.

Ela falava com grande firmeza, clareza e calma, uma rainha da cabeça aos pés.

– Eu ainda amo o seu pai, Logan. Faz 25 anos que nós mal nos falamos. Ele foi obrigado a desposar uma Graesin depois que me casei com um Gunder só para impedir a Casa dos Gyre de ficar isolada e ser eliminada

como os Makell. Aceitou um casamento que, segundo ouvi dizer, tinha pouco amor. Então, se acha que me agrada fazer com você o mesmo que fizeram comigo, não poderia estar mais enganado.

O pai de Logan nunca havia falado sobre essas coisas, mas a sua mãe – como ficou subitamente muito claro – passara anos lembrando Regnus disso. As indiretas. A desconfiança constante de que Regnus tinha amantes, embora Logan soubesse que não. O comentário zangado de seu pai, certa vez, de que só havia uma mulher que Catrinna tinha qualquer direito de invejar.

– Espero que o seu casamento não seja a agonia que o meu foi – disse a rainha.

– Majestade, palavras não bastam para expressar a ... fúria que sinto por Serah. Mas eu prometi ao pai dela que nos casaríamos.

– O rei pode desfazer esses vínculos legalmente, pelo bem do reino – replicou Agon.

– Mas a minha honra o rei não pode desfazer! – exclamou Logan. – Eu jurei! E maldição, eu ainda amo Serah, *ainda* a amo. É tudo uma encenação, não é? Qual é o plano? O rei me adotar? Eu ser o seu herdeiro até a senhora lhe dar outro filho?

– Essa *encenação* vai nos permitir atravessar uma crise, filho – disse Agon. – E, vai impedir a sua família de ser destruída. Você precisa continuar vivo. E, de quebra, isso também o salvará da desgraça e da prisão, mesmo que estejamos errados em relação ao complô.

– Logan – falou a rainha, com a voz baixa outra vez. – Não se trata de uma encenação, mas nós convencemos o rei de que sim. Ele é um homem desprezível e, se depender dele, jamais vai deixar o filho de Regnus assumir o trono.

– Majestade – interrompeu Agon. – Logan não precisa...

– Não, Brant. Uma pessoa precisa saber o que estão lhe pedindo para dar. – Ela o encarou e, após alguns instantes, o general baixou os olhos. Nalia se virou para o rapaz. – Logan, minha esperança foram meus filhos e culpo meu marido pela morte de Aleine. Se ele não tivesse se envolvido com

aquela puta Jadwin... – Ela pestanejou, recusando-se a deixar as lágrimas rolarem. – Já dei ao rei todos os filhos que ele terá de mim. Nunca mais vou me deitar com ele. Nunca. E ele será avisado que, se tentar me forçar ou me substituir, nós contrataremos os serviços de um derramador para garantir que ele vá mais cedo para a cova. O fato, Logan, é que, se você aceitar, um dia será rei.

O rapaz não disse nada.

– A maioria dos homens agarraria uma chance de ter tamanho poder – interveio Agon. – Esses homens, é claro, seriam péssimos reis. Nós sabemos que você nunca pediria tal coisa. Por isso mesmo, não é apenas o homem certo: é o único.

– Logan era o nome que Regnus e eu tínhamos escolhido para o nosso primeiro filho – disse a rainha. – Eu sei o que estou pedindo, Logan.



O jogo não estava correndo bem. As peças encontravam-se espalhadas diante de Dorian, como exércitos. Na verdade, até eram exércitos, embora poucos soldados usassem uniforme. Mesmo os que usavam, se moviam com relutância. O Rei Tolo envergonhava o Comandante. O Rei Relutante estava naquele instante ajoelhado em algum lugar. O segredo do Mago Disfarçado o havia separado do Rei que Poderia Ter Sido. A Sombra que Anda e a Cortesã não conseguiam decidir de que lado estavam. O Michê estava se movendo depressa, mas devagar demais, devagar demais. O Príncipe dos Ratos havia reunido seus animais daninhos, que iriam emergir das Tocas feito uma maré de imundície humana. Até mesmo o Príncipe Rebelde e o Ferreiro talvez desempenhassem um papel, se...

Droga! Já era difícil o suficiente visualizar as peças tal como eram. Dali, ele muitas vezes conseguia se concentrar em uma e ver as escolhas que se apresentavam para ela: o Comandante em frente a um bêbado Rei Tolo que gritava na sua cara, a Sombra que Anda encarando o Aprendiz em um quarto de núpcias. Enquanto visualizava as peças no espaço e estabelecia suas relativas posições, porém, começava a ver uma ou mais de uma em outro momento. Ver onde o Ferreiro estaria dali a dezessete anos, curvado acima de uma forja, instando o filho a voltar ao trabalho, de nada lhe adiantava para entender como manter Feir vivo até esse dia.

Voltou ao trabalho. Então, onde estava o Raptado?

Às vezes Dorian se sentia uma mera brisa no campo de batalha. Podia

ver tudo, mas o máximo que esperava fazer era desviar com um sopro a trajetória de uma ou duas flechas mortíferas. Onde está o tal Mago Disfarçado? Ah.

– Abra a porta, depressa – falou.

Feir ergueu os olhos da mesinha diante da qual estava sentado, esfregando uma pedra de afiar na lâmina da espada. Estavam os dois na casinha que haviam alugado, perto de Sidlin, onde Dorian tinha dito que os deixariam em paz. Feir se levantou e abriu a porta.

Um homem havia acabado de passar por ela e seguia pela rua com passos decididos. Seus cabelos e seu andar eram familiares. Ele notou a montanha loura, girou nos calcanhares e sua mão foi até a espada.

– Feir?

Feir ficou quase tão espantado quanto Solon, de modo que Dorian falou:

– Os dois podem entrar, por favor?

Eles obedeceram, Feir reclamando sobre como Dorian nunca lhe dizia nada. O profeta apenas sorria. *Tanta coisa para ver, tanta coisa para saber.* Era fácil deixar escapar o que estava bem debaixo do seu nariz.

– Dorian! – exclamou Solon e abraçou o velho amigo. – Eu deveria esganar você. Sabe quantos problemas me custou aquela sua historinha de “lorde Gyre”?

Dorian riu. Ele sabia.

– Ah, meu amigo – disse Feir. – Você estava gordo quando foi embora. Veja só como está agora. Uma década de serviço militar lhe fez bem.

Solon abriu um sorriso, que logo se dissipou.

– Sério, Dorian, eu preciso saber. Eu tinha que servir a Logan ou a Regnus? Pensei que tivesse dito “lorde Gyre”, não “duque Gyre”, mas quando cheguei aqui havia dois lordes Gyre. Eu fiz a coisa certa?

– Fez, sim. Ambos precisavam do seu auxílio e você salvou os dois várias vezes. Algumas coisas você sabe; outras, não. – Talvez o mais importante fosse algo cujo valor Solon nunca iria entender: incentivar a amizade de Logan com Kylar. – Mas não vou mentir: guardar seu segredo foi algo que

eu não previ. Pensei que você o teria compartilhado anos atrás. Pela maioria dos caminhos que vejo agora, Regnus Gyre vai perder a vida.

– Eu sou um covarde – disse Solon.

– Que bobagem – rebateu Feir. – Você é muitas coisas, Solon, mas não covarde.

Dorian não falou nada, deixando seus olhos comunicarem empatia. Sabia que não era bem assim. O silêncio de Solon fora uma covardia. Em dezenas de ocasiões ele havia tentado falar, mas nunca conseguira reunir coragem suficiente para arriscar a amizade com Regnus Gyre. O pior era que, caso soubesse pela boca do próprio Solon, o homem teria entendido e rido. Mas descobrir a mentira de um amigo era como uma traição para um homem cuja noiva fora vendida a outro bem debaixo do seu nariz.

– Seus poderes aumentaram – comentou Solon.

– Sim, ele agora está insuportável de verdade – falou Feir.

– Muito me espanta os irmãos de Shoçendi terem deixado vocês virem até aqui.

Dorian e Feir se entreolharam.

– Vocês saíram sem permissão? – indagou Solon.

Silêncio.

– Saíram contrariando ordens diretas?

– Pior – respondeu Dorian.

Feir deu uma risada que pareceu um latido, dando a entender a Solon que fora envolvido em mais um plano de Dorian em que não conseguia acreditar.

– O que vocês fizeram? – Solon quis saber.

– Bem, ela na verdade era nossa. Fomos nós quem a encontramos de novo. Eles não tinham direito algum – disse Dorian.

– Vocês não fizeram isso...

Dorian deu de ombros.

– Onde ela está? – perguntou Solon. Pela expressão vazia dos outros dois, entendeu. – Vocês trouxeram para cá?

Feir andou até a pequena cama e afastou as cobertas. Curoch estava

sobre a cama, numa bainha de couro branco cravejada com caracteres hirílicos em ouro.

– Essa daí com certeza não é a bainha original.

– É um trabalho como esse que me faz nunca querer fabricar espadas – disse Feir. – A bainha é original. Toda entremeada com uma magia tão delicada quando seda gandiana, e acho que é tudo só para preservar o couro. Não suja, não fica marcada. Os caracteres em ouro também são de verdade. Ouro puro. Endurecido a ponto de resistir ao ferro ou até mesmo ao aço. Se eu conseguisse entender nem que fosse essa única técnica, meus herdeiros ficariam ricos até a décima segunda geração.

– Nós mal nos atrevemos a desembainhar a espada, e é claro que não tentamos usá-la – falou Dorian.

– Ainda bem – comentou Solon. – Dorian, por que trazer Curoch para cá? Você viu alguma coisa?

O profeta fez que não com a cabeça.

– Artefatos potentes assim deformam a minha visão. A cobiça que despertam é tão intensa que nubla minhas premonições.

De repente, ele recomeçou a ver coisas, mas “ver” era uma palavra delicada demais. Sua visão se prendeu a Solon e imagens começaram a desfilar pela sua frente. Visões impossíveis. Solon enfrentando perigos terríveis. Solon de cabelos brancos, um velho, mas não velho, e sim... Que droga, a imagem sumiu antes de ele conseguir compreendê-la. Solon, Solon, Solon. Solon morrendo. Solon matando. Solon em um navio no meio de uma tormenta. Solon salvando Regnus de um derramador. Solon matando o rei. Solon condenando Cenária. Solon lançando Dorian na direção de Khalidor. Uma linda mulher em um recinto com centenas de retratos de lindas mulheres. Jenine. O coração de Dorian deu um pinote. Garoth Ursuul.

– Dorian? Dorian?

A voz soou distante, mas Dorian agarrou aquele som e puxou a si mesmo na sua direção.

Sacudiu-se e arquejou como quem emerge de um lago frio.

– Está piorando à medida que você fica mais forte, não é? – indagou Solon.

– Ele troca sua sanidade pelas visões – disse Feir. – Não escuta o que eu digo.

– Não preciso da minha sanidade para o trabalho que devo fazer – retrucou Dorian. – Mas das minhas visões, sim.

Os dados estavam nas suas mãos, não apenas dois, mas um punhado inteiro, cada qual com doze faces. *Quantos doze será que eu consigo tirar?* Teria que lançar às cegas: Solon já pensava em ir embora, alegando que, por melhor que fosse rever os velhos amigos, tentaria salvar Regnus Gyre. Mas Dorian estava com um pressentimento. O pior era isso. Às vezes, tudo era lógico como uma partida de *esch*. Outras vezes era apenas uma sensação.

– Mas onde nós estávamos? – indagou, bancando o vidente distraído. – Feir não tem Talento suficiente para usar Curoch. Se tentasse, pegaria fogo ou explodiria. Sem querer ofender, amigo, você tem mais controle do que qualquer um de nós dois. Eu poderia usá-la, mas de forma segura só como *meister*; meus poderes de mago provavelmente não são fortes o bastante. É claro que usar Curoch com o vir seria um desastre completo. Não sei nem o que eu faria. De nós três, Solon, você é o único mago do recinto, ou do país, que pode ter esperança de segurar essa espada sem morrer, mesmo que fosse por um triz. Morreria caso tentasse usar mais do que uma fração do poder dela. Hummm.

Ele fitou o espaço como se de repente houvesse sido atraído por outra visão. O circo estava armado.

– Vocês com certeza não a trouxeram até aqui por nada – falou Solon.

Armado e pronto.

– Não. Nós precisávamos afastá-la dos irmãos. Era a nossa única chance. Se tivéssemos esperado, eles descobririam que não somos confiáveis e manteriam Curoch bem longe das nossas mãos.

– Dorian, você ainda acredita naquele seu Deus único, não é? – indagou Solon.

– Acho que ele às vezes se confunde com Ele – interpôs Feir.

O comentário tinha uma amargura que não era do seu feitio e magoou Dorian profundamente. Magoou-o porque era merecido. Ele estava agindo assim naquele exato momento.

– Feir tem razão – falou Dorian. – Solon, eu o estava manipulando para fazê-lo pegar a espada. Não deveria tratá-lo assim. Peço desculpas.

– Que droga – disse Solon. – Você sabia que eu estava pensando em pegá-la?

Dorian aquiesceu.

– Não sei se é a coisa certa. Eu só soube que você iria entrar pela nossa porta um segundo antes de isso acontecer. Com Curoch, tudo fica deformado. Se você a usar, Khalidor pode muito bem tomá-la de nós. Isso seria uma tragédia muito maior do que perder nosso amigo Regnus, ou mesmo este país inteiro.

– O risco é inaceitável – afirmou Feir.

– De que adianta a espada para qualquer um se não a usarmos? – perguntou Solon.

– Assim ela fica longe dos vürdmeisters! – respondeu Feir. – Isso por si só já basta. Existem pouquíssimos magos no mundo capazes de segurar Curoch sem morrer, e você sabe disso. Sabemos também que existem dezenas de vürdmeisters capazes de fazê-lo. Com Curoch nas mãos, o que poderia detê-los?

– Estou com um pressentimento – disse Dorian. – Talvez o Deus esteja me dando um empurrãozinho. Só acho que é a coisa certa. Sinto que tem ligação com o Guardiã da Luz.

– Pensei que você tivesse desistido dessas velhas profecias – comentou Solon.

– Se você usar Curoch, o Guardiã vai nascer na nossa época. – No mesmo instante em que disse isso, Dorian soube que era verdade. – Vivi tanto tempo falando que tinha fé, mas na verdade não é fé se você simplesmente faz o que vê, certo? Acho que o Deus quer que corramos esse risco louco. Acho que vai tirar algum bem disso.

Feir ergueu as mãos para o alto.

– Dorian, o Deus é sempre a sua saída. Você se joga racionalmente contra uma parede e diz que está ouvindo o Deus falar. Que coisa mais ridícula. Se esse seu Deus único criou tudo, como você alega, também nos deu a razão, certo? Por que diabo ele nos levaria a fazer algo tão irracional?

– Eu estou certo.

– Dorian, eu posso mesmo usar Curoch? – perguntou Solon.

– Se fizer isso, todo mundo num raio de 80 quilômetros vai saber. Talvez até aqueles que não têm dom algum. Você vai correr todos os riscos normais de extrair poder excessivo, mas o seu limite superior é mais alto do que o limite inferior da espada. Está tudo acontecendo depressa demais para eu ver direito. A força de invasão estava indo na direção de Modai. – *Até Kylar não matar Durzo Blint.* – Então eles estavam preparados para outro tipo de guerra. Os navios chegam hoje à noite. Com sessenta meisters a bordo.

– Sessenta! É mais do que algumas das nossas escolas – disse Feir.

– Pelo menos três desses vürdmeisters são capazes de invocar vermes do abismo.

– Se eu vir algum homenzinho com asas, saio correndo – comentou Solon.

– Você enlouqueceu – falou Feir. – Dorian, temos que ir embora. Este reino está amaldiçoado. Eles vão pegar Curoch, vão pegar você, e aí que esperança o resto do mundo vai ter? Precisamos escolher uma batalha que possamos ganhar.

– Se o Deus não estiver conosco, Feir, não vamos ganhar batalha nenhuma.

– Não me venha com essa bobajada de Deus! Eu não vou deixar Solon pegar Curoch e levarei você de volta para Shoçendi. Sua loucura o está dominando.

– Tarde demais – disse Solon e pegou a espada de cima da cama.

– Ambos sabemos que eu posso tirar isso de você – retrucou Feir.

– Em uma luta de espadas, claro. Mas, se tentar tirá-la de mim, basta eu extrair poder da espada e detê-lo. Como Dorian falou, todos os meisters em um raio de 80 quilômetros sabem que este artefato é potente, e todos virão à

sua procura.

– Você não faria isso – disse Feir.

A expressão de Solon adquiriu uma intensidade que Dorian não via desde que saíra de *Sho'fasti* usando sua primeira túnica azul. Agora, assim como naquela ocasião, o homem de peito largo mais parecia um soldado do que um dos mais importantes magos de sua época.

– Vou fazer, sim. Dediquei dez anos da minha vida a este fim de mundo, e foram anos bons. Foi incrível defender algo em vez de ficar apenas observando de fora e criticando todo mundo que agisse. Você deveria experimentar. Antigamente você fazia isso, sabia? O que aconteceu com o Feir Cousat que pegou esta espada e a trouxe para cá? Eu agora vou fazer alguma coisa. Não estrague a minha chance de tornar isto útil. Ora, vamos, Feir, se nós *podemos* combater Khalidor, como poderíamos *não* combater?

– Quando você toma uma decisão, é quase tão irredutível quanto Dorian – comentou Feir.

– Obrigado – disse Solon.

– Não foi um elogio.



O homem que havia mandado os soldados prenderem Regnus não tivera muita utilidade. Fora pego saindo de uma estalagem depois do almoço. Seu interrogatório havia sido breve, mas nem um pouco suave. Ele revelara o nome do oficial a cujas ordens obedecia, um tal de Thaddeus Blat, que estava agora se divertindo no andar de cima de um prostíbulo chamado Vadia Vesga. O duque e seus homens aguardavam no térreo, sentados diante de várias mesas, sem conseguir muito bem passar despercebidos.

Aquilo tudo estava deixando Regnus nervoso. Ele não conhecia o tal oficial, mas soldados só tendiam a frequentar bordéis no meio da tarde quando sabiam que algo importante estava prestes a acontecer. Algo do qual talvez não retornassem. Também lhe desagradava ficar exposto daquele jeito. Havia alguns anos, não teria conseguido ir a lugar algum sem as pessoas reconhecerem seu rosto. Afinal de contas, supunha-se que ele se tornaria rei. Agora, poucos olhavam para ele duas vezes.

Por fim, o oficial desceu a escada. Tinha a pele bem morena, uma monocelha bem grossa e o rosto marcado por uma expressão de permanente desagrado. Depois que ele passou, Regnus se levantou e o seguiu até a estrebaria. Eles já haviam pagado o cavaliário para que abandonasse o posto. Quando o duque chegou, Thaddeus Blat sangrava pelo nariz e pelo canto da boca, desarmado e praguejando, enquanto quatro soldados o seguravam.

– Não é isso que eu quero ouvir sair da sua boca, tenente – falou Regnus. Ele fez um gesto e os homens chutaram as pernas de Blat para que ele se

ajoelhasse. Regnus o segurou pelos cabelos e enfiou sua cabeça dentro d'água.

– Amarrem as mãos dele. Pode ser que isso leve alguns minutos.

Blat emergiu engasgado e se debatendo, mas os soldados logo amarraram suas mãos. Ele cuspiu na direção do duque, errando, e o xingou.

– Você demora para aprender – comentou Regnus com um suspiro.

O tenente tornou a ser submergido e, dessa vez, o duque esperou ele parar de se debater.

– Quando eles param de lutar, é porque entenderam pela primeira vez que talvez morram mesmo, a menos que se concentrem – explicou aos seus homens. – Acho que desta vez ele vai ser um pouco mais educado.

O duque puxou Blat para fora d'água; o tenente agora tinha os cabelos escuros colados na testa até a monocelha. Por alguns instantes, usou todo o ar que conseguiu sorver apenas para respirar.

– Quem é você? – perguntou ele.

– Sou o duque Regnus Gyre e você vai me dizer tudo o que sabe sobre a morte de todos na minha casa.

Blat tornou a xingá-lo.

– Virem-no um pouco – ordenou Regnus.

Os homens obedeceram e ele deu um soco no plexo solar do tenente, que esvaziou todo o ar de seus pulmões. Blat só teve tempo de sugar meia inspiração antes de ter a cabeça enfiada dentro d'água outra vez.

Regnus o segurou até bolhas estourarem na superfície, então o puxou para cima, mas só por um instante. Em seguida tornou a empurrá-lo para baixo. Repetiu tudo quatro vezes. Quando puxou o tenente pela quinta vez, soltou sua cabeça.

– Meu tempo está se esgotando, Thaddeus Blat, e eu não tenho nada a perder se o matar. Já matei minha mulher e todos os meus criados, lembra? Então, se tiver que colocar sua cabeça naquela água mais uma vez, vou segurar até você morrer.

Um medo genuíno estava estampado no rosto do tenente.

– Eles não me disseram nada... Eu juro! Só vou receber as próximas

ordens hoje à noite. Mas essa vem lá de cima. Lá do alto do Kin, entende?

– Do Sa’kagé?

– Isso.

– Não é suficiente. Sinto muito.

Eles tornaram a mergulhar a cabeça do tenente na água e ele se debateu feito um demônio, mas de joelhos e com as mãos atadas não havia nada que pudesse fazer.

– Você estabelece um limite, depois o rompe – disse Regnus. – A maioria das pessoas consegue aguentar quando recebe um limite. Elas pensam: “Eu consigo aguentar esse tempo.” Puxem-no para cima.

O homem subiu engasgado, cuspidando a água que tinha aspirado pelo nariz e chiando.

– Lembrou-se de mais alguma coisa? – indagou Regnus, mas não deu tempo para Thaddeus responder.

Tornou a mergulhar sua cabeça na água.

– Duque – falou um dos soldados com ar de repulsa. – Se não se importa que eu pergunte, como o senhor sabe tudo isso?

Regnus sorriu.

– Fui capturado pelo Lae’knaught durante um ataque de fronteira quando era jovem. Mas nós não temos tempo de usar tudo o que aprendi com eles. Puxem de volta.

– Espere! – gritou Blat. – Eu os ouvi dizer que a próxima vítima de Hu Gibbet será a rainha. Ela e as filhas. Não sei mais nada. Pelos deuses, não sei mais nada. Ele vai matá-las hoje à noite depois do banquete. Por favor, não me matem. Eu juro que não sei mais nada.

Haviam prometido a Kaldrosa Wyn um navio de guerra, mas em vez disso tinham lhe dado uma barçaça. O pirata sethi não conseguira recusar o dinheiro. *Maldita a mãe que me pôs no mundo, por que não recusei?* Ela

olhou para bombordo, bradou uma ordem, e homens acorreram para ajeitar as velas de modo a fazê-las capturar mais um pouquinho de vento. *Velas? Mais parecem lençóis.* Elas eram muito pequenas. O “navio” e sua embarcação irmã eram desgraciosos demais para ultrapassar nem que fosse um barco a remo tripulado por um macaco maneta. Para resumir, os navios de guerra de Cenária os alcançariam em poucos minutos e não havia absolutamente nada que Kaldrosa Wyn pudesse fazer a respeito.

– Se vocês forem fazer alguma coisa, talvez agora seja um bom momento – falou para a roda de bruxos sentada no convés da barçaça.

– Sua vadia! – retrucou o líder dos bruxos. – Ninguém diz a um meister como trabalhar. Entendeu?

O homem só ergueu os olhos de seus seios nus na última palavra.

– Então vão para o inferno – respondeu Kaldrosa.

Sem trair a náusea causada pelo contato do olhar daquele bruxo, cuspiu por cima da amurada. Os malditos haviam passado a viagem inteira olhando para os seus peitos. Em geral, na presença de estrangeiros, ela se cobria, mas gostava de deixar os khalidori pouco à vontade. Já os bruxos eram outra história.

Kaldrosa recolheu as velas e mandou os homens sob o convés remarem, mas nem isso adiantou. Típica fabricação khalidori. Até os remos eram mal projetados: curtos demais. Mesmo com as centenas de homens que tinha a bordo, não podia transformar a força deles em velocidade porque não era possível manejarem os remos ao mesmo tempo, e tampouco havia espaço lá embaixo para um giro completo dos remos. Ela amaldiçoou a própria ganância e os bruxos, mas com discrição.

Em poucos minutos, os três navios de guerra cenários os alcançaram. Era uma vergonha. Em todo o oceano, Cenária não poderia ter mais de doze navios em sua marinha. Kaldrosa havia encontrado os três melhores. No seu *Pardal-falcão*, ou em qualquer navio sethi com tripulação sethi, estaria segura.

Os bruxos enfim se levantaram quando o primeiro navio cenário chegou a 100 passos de distância. A embarcação iria colidir com sua barçaça na

diagonal e arrancar os remos. Oitenta passos. Setenta. Cinquenta. Trinta.

Os bruxos tinham dado as mãos. Estavam entoando um cântico e o convés parecia mais escuro do que alguns segundos antes, mas nada acontecia. Os marinheiros e soldados da embarcação cenária gritavam uns com os outros e com Kaldrosa, preparando-se para a abordagem e para a batalha que viria em seguida.

– Façam alguma coisa, seus malditos! – berrou ela.

Pelo canto do olho, pensou ter visto algo imenso passar debaixo da barça. Virou-se para se preparar para o impacto, mas em vez disso só levou no rosto um banho de água do mar. Ouviu-se um ruído tremendo de algo rachando. Quando sua visão clareou, ela viu pedaços do navio cenário voando pelos ares. Mas não muitos. Não o suficiente para serem a embarcação inteira.

Então viu o resto do navio através das águas azuis rasas. De algum modo, ele fora sugado para baixo. Os pedaços que voavam eram apenas peças que haviam se soltado do convés e das velas quando a água submergiu o navio.

O mar enegreceu, como se uma densa nuvem houvesse passado em frente ao sol, e começou a ondular. Kaldrosa levou alguns instantes para perceber que algo enorme passava debaixo da sua embarcação. Algo absolutamente imenso. Viu os bruxos entoando o cântico, agora com mais do que as mãos entrelaçadas. Era como se as tatuagens pretas que todos tinham houvessem se destacado de suas mãos e se entremeadado umas às outras, pulsando de poder. Os bruxos suavam como se fizessem um esforço descomunal.

A água reagia como se uma imensa flecha estivesse passando logo abaixo da superfície do mar, em direção ao segundo navio de guerra cenário. Os homens no convés, a 50 passos de distância, gritavam, disparavam flechas na água e brandiam espadas enquanto o capitão tentava virar o navio.

Por cinco segundos, nada aconteceu. Então duas coisas cinzentas e descomuns se chocaram na lateral do convés do navio cenário. Eram grandes demais para Kaldrosa imaginar o que poderiam ser; cada uma

chegava a quase um quarto do tamanho do casco. Então o navio levantou até quase 10 passos acima do mar, e Kaldrosa viu que eram dedos de uma imensa mão cinza. A mão desceu e a embarcação inteira desapareceu sob as ondas, explodindo quando a água se fechou acima dela.

A forma negra então recomeçou a se mover. Era grande demais para ser real. Dessa vez, os homens a bordo do último navio cenário se esgoelavam. Kaldrosa ouviu ordens serem gritadas, mas o caos imperava. A embarcação estava à deriva, embora houvesse percorrido a distância que o separava da sua barça enquanto os outros eram destruídos.

O leviatã passou nadando por baixo do navio cenário a uma velocidade incrível, e subiu alto o bastante na água para os espinhos de suas costas se erguerem 10 metros acima da superfície e cortarem a embarcação ao meio. Dois golpes de uma cauda cinza esmagaram cada metade contra o mar. Os soldados khalidori aglomerados no convés, que Kaldrosa nem vira aparecer, deram vivas.

Ela estava prestes a mandá-los voltar para seus lugares quando as comemorações subitamente cessaram. Os soldados começaram a apontar. Ela acompanhou a direção de seu olhar e viu a água se mover de novo, dessa vez na direção deles. Os bruxos suavam muito e suas expressões eram de puro pânico.

– Não! – gritou um jovem bruxo. – Assim não vai dar certo. *Assim*.

Algo se afastou ondulando dos bruxos em direção ao leviatã. Alcançou o monstro em pleno ataque e nada aconteceu. Os soldados gritaram horrorizados.

Então a forma imensa se virou e se afastou mar afora.

Os soldados comemoraram e os bruxos desabaram no convés. Algo, porém, não havia terminado. Kaldrosa viu isso na hora. Enquanto ordenava que os remos fossem recolhidos e as velas, içadas outra vez, ficou de olho nos bruxos.

O líder estava se dirigindo ao jovem que, pelo que ela percebera, havia assumido o controle e salvado a vida de todos. Com os olhos pregados no convés, o rapaz balançava a cabeça.

– Obediência até a morte. – Ela o ouviu dizer.

O líder tornou a falar, baixo demais para Kaldrosa escutar, e os outros onze bruxos se reuniram em volta dos dois. Encostaram as mãos no rapaz que havia salvado a todos e Kaldrosa viu as tatuagens dele emergirem da pele. Elas incharam até seus braços ficarem pretos, então explodiram, mas não para fora, para longe do corpo do bruxo e, sim, para dentro, como se estivessem vazando pelo resto do corpo. As tatuagens rompidas sangraram sob a pele do rapaz, que desfaleceu no convés, tomado por violentas convulsões. Em poucos instantes, seu corpo inteiro ficou preto. Ele se debateu, sufocou e, em poucos segundos, estava morto.

Todas as outras pessoas presentes no convés ignoraram deliberadamente os bruxos. Kaldrosa viu que era a única observando o que acontecia. O líder disse alguma coisa e os outros jogaram o corpo do rapaz no mar. Ele então se virou e a encarou com olhos excessivamente azuis.

Nunca mais, jurou Kaldrosa para si mesma. *Nunca mais*.

– Sabe qual é o segredo de uma chantagem bem-sucedida, Durzo? – perguntou Roth.

Ele estava sentado diante de uma elegante mesa de carvalho, localizada de forma incongruente dentro de um típico antro das Tocas. Em pé na sua frente, Durzo parecia um cortesão contrito diante do rei. A cadeira de Roth chegava a estar elevada. Quanta presunção.

– Sei – respondeu Durzo, sem disposição para brincadeiras.

– Então refresque minha memória – pediu Roth, erguendo os olhos dos relatórios que estava lendo.

Não parecia estar achando graça.

Durzo praguejou contra si mesmo e contra o destino. Tinha feito todo o possível para evitar aquilo, pagado todos os preços em infortúnios, mas ainda assim a hora havia chegado.

- Usar a vantagem que se tem para obter uma vantagem maior.
- Você dificultou isso para mim, Durzo. Convenceu todo mundo de que

não liga a mínima para nada.

- Obrigado.

Durzo não sorriu. Não tinha temperamento para bancar o serviçal humilhado.

- O problema é que a minha inteligência é mais grande do que a sua.

- *Maior.*

Os olhos de Roth se estreitaram ao ouvir a voz indiferente e sem entonação de Blint. Era um rapaz magro, com um rosto anguloso escondido por uma barbicha preta besuntada de óleo e cabelos compridos. Não gostava de falar só por falar. Não gostava de pessoas. Estendeu a mão aberta. Aguardou.

Durzo lhe lançou o belo pedacinho de vidro prateado. Roth encarou o objeto por um breve instante e o lançou de volta para Blint, sem achar graça.

- Não brinque comigo, assassino. Eu sei que tinha um de verdade lá. Dois espões nossos viram alguém se vincular a ele.

- E eles também contaram que alguém chegou lá primeiro?

- Foi mesmo?

Roth estava imitando a tendência de Mama K de fazer afirmações em forma de pergunta. Devia pensar que isso lhe conferia um tom de autoridade. Se achava que imitar Mama K fosse bastar para manter o poder, estava redondamente enganado. Parte de Durzo queria revelar a ele que Mama K era o Shinga. Era óbvio que Roth não sabia, e Gwinvere havia traído Blint, mas ele não gostava de usar ratos para fazer o trabalho de um homem. Se a matasse, seria com as próprias mãos. *Se eu a matar? Estou ficando mole. Quando eu a matar. Ela me traiu. Precisa morrer.*

- Foi mesmo? - imitou ele, sem entonação.

- Então acho que está na hora de você conhecer outra das minhas cartas.

Não houve nenhum sinal que Durzo tenha conseguido identificar, mas na mesma hora um velho entrou no recinto. Era baixo e estava ainda mais

vergado por uma quantidade de anos maior do que um corpo de mortal deveria ter que suportar. Tinha olhos azuis penetrantes e cabelos prateados penteados sobre um crânio calvo.

O velho abriu um sorriso banguela.

– Sou o vürdmeister Neph Dada, conselheiro e vidente de sua majestade.

Não era um bruxo qualquer. Era um vürdmeister. Durzo Blint sentiu-se velho.

– Quanta magnanimidade. Pensei que vocês chamassem seus reis-cães de Sua Santidade.

– Sua majestade Roth Ursuul, nono aetheling do Deus-rei – corrigiu Neph Dada.

Pelos Anjos da Noite. Ele não estava brincando. Neph Dada segurou o queixo de Durzo com uma das mãos frágeis e o puxou para si até o derramador o encarar nos olhos.

– Ele sabe quem pegou o Globo dos Limites.

Não havia como negar. Não com um vürdmeister presente. Em teoria, eles eram telepatas. Não chegava a ser verdade, mas era próximo o suficiente. Durzo sabia que a maioria não tinha essa capacidade. Mesmo os que tinham não conseguiam ler pensamentos. O que haviam lhe explicado, muito mais tempo antes do que ele gostava de lembrar, era que esses vürdmeisters conseguiam ver pedaços das imagens que as pessoas tinham visto. Os melhores eram capazes de intuir muitos fatos verdadeiros de umas poucas imagens. Àquela altura, dava quase na mesma. *Como posso tirar vantagem das diferenças entre o que vi e o que sei?*

– Foi meu aprendiz – falou.

Roth Ursuul arqueou uma das sobrancelhas. *Ursuul? Pelos Anjos da Noite.*

– Ele não sabe o que é – continuou Durzo. – Não sei quem o mandou. Ele nunca faz nenhum serviço sem me dizer.

– Talvez não devesse ter tanta certeza disso – comentou Neph.

– Eu pego o ka'kari de volta para vocês. Só preciso de um pouco de tempo.

– Ka’kari? – indagou Roth.

O homem nunca havia usado essa palavra. Que erro idiota. Nada típico dele. Durzo estava perdendo o controle.

– O Globo dos Limites – corrigiu.

– Durzo, eu lhe ofereci uma chance de ser honesto comigo. Então o que vou fazer é culpa sua. – Roth fez um gesto para um dos guardas na entrada do antro. – A menina.

Vários instantes depois, uma menininha foi trazida. Estava drogada, fosse por química ou por magia, e o guarda teve alguma dificuldade para carregar seu corpo inerte. Devia ter uns 11 anos, era muito magra e suja, mas não como uma garota de rua; tinha uma magreza saudável, uma sujeira saudável. Seus cabelos eram compridos, pretos e encaracolados, e o rosto tinha o mesmo feitiço angélico e demoníaco da mãe. Um dia, ela seria até mais bonita do que Vonda. Herdara a altura de Durzo, mas, com a graça dos deuses, todo o restante da mãe. Uly era uma menina muito linda mesmo. Era a primeira vez que ele via a filha.

Isso lhe causou dor em um lugar que já estava dolorido.

– Você já decidiu não cooperar com entusiasmo, Durzo – falou Roth. – Em geral, eu transformaria você em exemplo. Ambos sabemos que não posso fazer isso. Preciso de você, pelo menos pelos próximos dias. Então talvez eu devesse, digamos, cortar fora a mão dela como alerta e deixar a menina saber que foi porque você não impediu. Que está optando por machucá-la. Talvez algo desse tipo ajudasse a obter a sua cooperação?

Petrificado, Durzo só conseguia olhar para a filha. *Sua filha! Como ele deixara que aquele homem colocasse as mãos nela?* Ela era o trunfo do rei e Roth a havia arrancado bem debaixo do seu nariz.

– Que tal o seguinte...? – começou Roth. – Nós cortamos uma das mãos dela ou você corta um dedo.

Havia uma saída. Mesmo agora, ainda havia. Uma de suas facas estava envenenada. Ele a besuntara com o veneno de víbora. Para Kylar. Seria indolor, sobretudo para alguém tão pequeno. Uly morreria em segundos. Talvez Roth ficasse surpreso o bastante para Durzo poder fugir. Talvez.

Ele podia matar a própria filha, provavelmente ser morto também, e Kylar seguiria vivendo. Ou então aquele Roth Ursuul exigiria que ele matasse o aprendiz e pegasse de volta o ka'kari. Isso teria sido bem fácil de forjar se Roth não tivesse consigo um vürdmeister.

Será que ele era capaz de matar a própria filha? Se não o fizesse, estaria permitindo que matassem Kylar.

– Ela não fez nada.

– Ah, Durzo, me poupe! – exclamou Roth. – Você tem sangue demais nas mãos para lamentar o sofrimento de inocentes.

– Não é preciso machucar a menina.

Roth sorriu.

– Se fosse qualquer outra pessoa falando, eu riria, sabe? Lembra o que aconteceu da última vez que você achou que um Ursuul estava blefando?

Durzo não conseguiu manter a expressão neutra; uma tristeza atravessou seu semblante.

– Quem diria! Meu pai mata a mãe e eu mato a filha. Aprendeu sua lição, Durzo Blint? Acho que sim. Meu pai vai ficar satisfeito por eu estar fechando o círculo. Ele chantageou você para conseguir um ka'kari falso, mas em vão. Estou chantageando você para conseguir um ka'kari verdadeiro e vou obtê-lo.

Os olhos de Neph brilharam quando Roth disse isso. Ficou claro que a presunção do príncipe não lhe agradava, mas Durzo ainda estava zozzo. Não conseguia pensar em nenhum jeito de tirar vantagem daquela minúscula brecha entre os dois homens.

– Vou explicar como a chantagem vai funcionar para você, Durzo Blint. Se eu achar que você está resistindo a mim, sua filha vai morrer. Antes disso, vai sofrer outras... *indignidades*. Deixo a cargo da sua imaginação pensar em quais serão... Quando terminarmos, ela não vai passar de uma casca. Vou me demorar muitos meses extraído da sua mente e do seu corpo cada gota de sofrimento antes de matá-la, e vou gostar de fazer isso. Sou um dos mais dedicados discípulos de Khali. Está me entendendo, Blint? Estou sendo claro?

– Perfeitamente. – O maxilar de Blint estava rígido.

Ele não conseguia matar a menina. Pelos Anjos da Noite. Simplesmente não conseguia. Pensaria em alguma coisa. Sempre pensava. Havia uma saída para aquela situação. Ele iria encontrá-la, e então mataria aqueles dois.

Roth sorriu.

– Agora me diga tudo o que sabe sobre esse seu aprendiz. Tudo mesmo.



Kylar saiu das sombras do escritório do Javali Azul, agarrou Jarl pelo pescoço com o braço e tapou sua boca com uma das mãos.

– Hummm! – protestou Jarl.

– Calma, sou eu – sussurrou Kylar no seu ouvido.

Com medo de ele gritar, soltou-o devagar.

Jarl esfregou o pescoço.

– Caramba, Kylar. Pegue leve. Como entrou aqui?

– Preciso da sua ajuda.

– Dá para ver. Eu ia procurar você.

– O quê?

– Olhe na gaveta de cima. Vai ser mais rápido ler.

Kylar obedeceu e leu o recado. Roth era um Ursuul, um príncipe khalidori. Ele acabara de ser eleito Shinga. Kylar era suspeito de ter assassinado o príncipe. Os homens do rei estavam à sua procura.

Ele jogou o recado de lado.

– Preciso da sua ajuda só mais uma vez, Jarl.

– Está me dizendo que já sabia tudo isso?

– Saber ou não saber não muda nada. Preciso da sua ajuda.

– Isso vai me fazer ser morto?

– Preciso saber onde Mama K está escondida.

Jarl estreitou os olhos.

– Preciso perguntar por quê.

– Vou matá-la.

– Depois de tudo o que ela fez por você? Está...

– Jarl, ela me traiu e você sabe. Ela me manipulou para eu tentar matar Durzo Blint. Ela é tão boa que achei que a ideia tivesse sido minha.

– Talvez você devesse ouvir a história dela antes de matá-la. Talvez o assassinato não devesse ser o seu primeiro recurso contra quem o ajudou.

– Ela me convenceu que, para salvar um amigo, eu precisava matar Hu Gibbet, só que não era Hu. Era Durzo. Ela nos traiu, me fez estragar a vida de um amigo e tirar tudo o que ele ama.

– Sinto muito, mas não posso ajudá-lo.

– Não estou *pedindo* para você me ajudar – retrucou Kylar.

– Vai me espancar para saber o que quer?

– Vou fazer o que for preciso.

– Ela está escondida – disse Jarl, sem um pingão de medo. – Teve uma briga horrível com Blint pouco tempo atrás. Não sei por qual motivo. Mas ela me ajudou e eu não vou traí-la.

– Jarl, você sabe que ela o entregaria em um segundo.

– Sei, sim. Eu posso vender meu corpo, Kylar, mas faço o que posso para manter o resto. Alguns fiapos de dignidade são tudo o que me resta. Se você me tirar isso, não é só Mama K que estará matando.

– Uma coisa é dizer que vai guardar um segredo até a morte. Outra bem diferente é cumprir essa promessa. Eu nunca torturei ninguém, Jarl, mas sei como fazer.

– Se fosse me torturar, amigo, já teria começado.

Os dois se encararam até Kylar desviar os olhos, derrotado.

– Se precisar de ajuda com qualquer outra coisa, Kylar, eu o ajudarei. Espero que saiba disso.

– Sei, sim. – Kylar suspirou. – Se prepare, Jarl, só isso. As coisas vão acontecer mais depressa do que qualquer um espera.

Alguém bateu à porta.

– Pois não? – disse Jarl.

Um guarda-costas enfiou a cabeça pelo vão.

– D-Durzo Blint está aqui para falar com o senhor. – O sujeito tinha um ar aterrorizado.

Kylar tentou usar seu Talento para se esconder nas sombras como tinha feito ao entrar no Javali Azul. Nada aconteceu. *Ai, cacete*. Ele praticamente mergulhou atrás da escrivaninha de Jarl.

– Senhor? – disse o guarda-costas, sem ver Kylar pela fresta da porta que tinha aberto.

– Hã, pode mandar entrar – respondeu Jarl.

A porta se fechou e logo tornou a se abrir. Kylar não se atreveu a olhar. Se expusesse o rosto o suficiente para conseguir ver Durzo, ele poderia vê-lo.

– Não vou gastar seu tempo nem o meu. – Kylar ouviu Durzo dizer. Passos escorregaram suavemente pelo chão e a escrivaninha gemeu quando alguém se sentou em cima dela. – Sei que você é amigo de Kylar – disse Durzo, poucos centímetros acima de onde ele estava.

Jarl emitiu um som de confirmação.

– Quero que lhe passe a mensagem o quanto antes. Já mandei o recado, mas preciso ter certeza de que ele vai receber. Diga que preciso falar com ele. No Rapariga Embriagada. Estarei lá nas próximas duas horas. Avise que é *arutayro*.

– Pode soletrar? – pediu Jarl, indo até a escrivaninha para pegar uma pena no tinteiro.

Durzo soletrou e Jarl emitiu um ruído de protesto quando ele o agarrou.

– Dê o recado logo, michê. É importante. Se Kylar não for avisado, vou responsabilizar *you*.

A escrivaninha gemeu quando Durzo se levantou e saiu do recinto. Depois que a porta se fechou, Kylar rastejou para fora do esconderijo.

Jarl arregalou os olhos.

– Você estava debaixo da escrivaninha?

– Nem sempre dá para ser elegante.

Jarl balançou a cabeça.

– Você não existe. – Enquanto ele embolava o papel no qual anotara o recado, continuou. – O que significa *arutayro*?

– Sem sangue. Significa que não vamos nos matar durante o encontro.
– E você confia nele? Depois de ter tentado matá-lo ontem à noite?
– Blint vai me matar, mas fará isso como um profissional. Ele acha que eu mereço. Você se importa se eu usar sua janela? Tenho muito a fazer antes de me encontrar com ele.

– Fique à vontade.

Kylar abriu a janela, então virou-se para o amigo.

– Sinto muito. Tive que tentar. Preciso matá-la e você era o caminho mais fácil para descobrir onde ela estava.

– Sinto muito não poder ajudar.

Kylar se esgueirou pela janela, saiu da linha de visão de Jarl e tentou de novo invocar as sombras. Dessa vez foi fácil. *Perfeito*. Não conseguiu entender o que tinha feito de diferente dentro do escritório.

Pelos Anjos da Noite. Aprender a controlar o próprio Talento já teria sido bem difícil com Durzo lhe explicando tudo. Aprender sozinho seria praticamente impossível.

Voltou para junto da janela. Dali a um minuto, Jarl deu uma olhada por ela, foi até a escrivaninha e rabiscou um recado rápido. Chamou um menino até o escritório e lhe entregou o papel.

Kylar deu a volta no prédio e seguiu o menino depois de ele sair por uma porta lateral. Já sabia que Jarl não lhe contaria... e torceu para o amigo jamais descobrir que, mesmo assim, o havia usado.

A qualidade dos meninos que serviam de mensageiros era bastante irregular. Alguns transmitiam seus recados tão bem que Kylar mal conseguia segui-los. Alguns simplesmente passavam o papel para outro.

Foi preciso meia hora para chegar a uma casinha no lado leste da cidade. Kylar reconheceu o guarda que pegou a mensagem do último menino. Era um ymmuri de olhos puxados e cabelos pretos escorridos. Já o tinha visto na casa de Mama K. Isso bastou. Mama K estava ali. Kylar poderia lidar com ela depois.

Tomou o rumo do Rapariga Embriagada.

Durzo Blint estava sentado de costas para uma parede; sobre a mesa à

sua frente havia um embrulho. Kylar foi se sentar com ele, tirou a faixa da cintura e dispôs em cima dela todas as suas armas: a adaga e a katana curta que estavam enfiadas na própria faixa, a espada ceurana de um palmo e meio que carregava nas costas, as duas adagas que trazia nas mangas, as facas de arremesso e os dardos que estavam no cóis da calça, e a faca tantô dentro de uma das botas.

– Só isso? – indagou Blint, irônico.

Kylar enrolou a faixa e a pôs ao lado da de Blint, igualmente volumosa.

– Pelo visto nós dois vamos trabalhar daqui a pouco.

Blint aquiesceu e pousou uma caneca de intragável cerveja ladeshi exatamente no centro de uma das tábuas da mesa, de modo que não tocasse nenhuma das frestas.

– Queria falar comigo? – indagou Kylar, perguntando-se por que Blint estava bebendo. Ele nunca bebia quando tinha que trabalhar.

– Eles pegaram minha filha. Fizeram ameaças. Ameaças críveis. Esse Roth é mesmo um perverso.

– Se você não entregar o ka'kari, eles vão matá-la – adivinhou Kylar.

A única resposta de Blint foi tomar um gole de cerveja.

– Então você precisa me matar – disse Kylar.

Blint o encarou nos olhos. Era um sim.

– É só por causa do serviço ou eu fracassei? – Kylar quis saber, sentindo calafrios na barriga.

– Fracassou? – Blint ergueu os olhos da caneca e soltou o ar pelo nariz. – Vários derramadores passam pelo que chamamos de Teste. Às vezes é um teste criado de propósito para um derramador de aluguel que tenha algum problema sério... qualquer coisa que impeça um aprendiz de talento de se tornar um derramador de talento. Às vezes acontece com um derramador depois que ele vira mestre. É só um dos motivos pelos quais é tão raro ver um derramador velho. O meu Teste foi Vonda, a irmã mais nova de Gwinvere. Nós pensamos que estávamos apaixonados. Pensamos que determinadas realidades não se aplicavam a nós. Eu virei um derramador com um ponto fraco evidente e Garoth Ursuul a raptou. Estava em busca de

um ka'kari, como continua até hoje. Eu também.

– Não sei de que porcaria adianta um ka'kari. Eu nem consigo usar o meu Talento o tempo todo. Consigo utilizar o ka'kari mesmo se ele não estiver comigo?

– Pare de me interromper. A história que estou contando tem um propósito e você deveria ser inteligente o bastante para não esperar que eu dê instruções no mesmo dia em que vou ter que matá-lo. Basta dizer que o poder de um ka'kari é imenso. Passei anos trabalhando para conseguir um. Garoth Ursuul também. Ele achou que fosse lhe conceder uma vantagem em relação aos príncipes e vürdmeisters para que pudesse virar Deus-rei. Então raptou Vonda e afirmou que iria matá-la se eu tentasse pegar o ka'kari.

– Você nunca lidou muito bem com ameaças – comentou Kylar.

– Acho que eu *sempre* lidei bem com ameaças. O fato é que haveria um tempo limitado para pegar o ka'kari. O homem que supostamente havia se vinculado a ele estava à beira da morte, então a hora de obtê-lo seria assim que ele morresse. Naturalmente, Garoth tinha levado Vonda para fora da cidade. Eu sabia que o Sa'kagé iria envenenar o homem naquela noite. Supus que Garoth também soubesse. Como não podia estar em dois lugares ao mesmo tempo, tive que tomar uma decisão. Eu conhecia Garoth Ursuul. Ele é o mestre das armadilhas. É mais inteligente do que eu. Mais dissimulado. Então calculei que, se tentasse pegar Vonda, alguma armadilha ou meister seu fosse me matar. Eu conhecia uma das armadilhas já usadas por ele: minha entrada seria o gatilho para matá-la. Era bem do seu feitio, transformar minha tentativa de salvar Vonda justamente naquilo que a mataria. Conseguir o ka'kari só faria tornar ainda melhor um desfecho já excelente para ele. Esse foi o meu Teste, Kylar. Eu deveria me jogar dentro de uma armadilha para tentar ser herói ou deveria usar a cabeça, desistir de Vonda e pegar o ka'kari?

– Você escolheu o ka'kari.

– O ka'kari era falso. – Durzo examinou o tampo da mesa e sua voz tremeu. – Depois saí correndo, roubei um cavalo, quase matei o bicho de tanto galopar, mas já havia amanhecido fazia meia hora quando cheguei à

casa em que Vonda se encontrava. Ela estava morta. Verifiquei todas as janelas, mas não vi nenhum sinal de armadilha. Jamais saberei se é porque ele mandou alguém tirá-las, porque eram de pura magia ou se as janelas nunca tiveram armadilha nenhuma. Maldito. Ele fez de propósito. – Blint tomou um grande gole de cerveja. – Eu sou um derramador e o amor é uma força. O único jeito de compensar minha escolha foi me tornar o melhor derramador que já existiu.

O menino sentiu um nó na garganta.

– É por isso que não podemos amar, Kylar. É por isso que fiz todo o possível para mantê-lo longe desta vida. Cometi um erro apenas, me permiti ser fraco uma vez só, e agora isso voltou para me assombrar. Você não vai morrer porque fracassou, Kylar. Vai morrer porque eu fracassei. É assim que funciona. Os outros sempre pagam pelas minhas derrotas. Eu fracassei, Kylar, porque pensei que só se passasse pelo Teste uma vez. Eu estava errado. O teste é a própria vida.

– Então meu Teste foi Elene. – O vazio que sentiu por dentro fez Kylar rir de nervoso. – Não há nenhum jeito de você lutar comigo contra eles?

– E deixar Roth torturar e matar minha filha? Eu tenho a seguinte escolha, garoto: ou você morre, ou minha filha morre. – Ele tirou de uma bolsinha um gunder de ouro. – Se der coroa, Roth sai ganhando; se der cara, eu saio perdendo.

Ele jogou a moeda, que quicou sobre a mesa e, por mais que fosse impossível, caiu em pé.

– Há sempre outra escolha – disse Kylar, liberando aos poucos seu Talento. *Caramba, deu certo mesmo.*

Blint centralizou sobre a mesa sua caneca vazia.

– Passei quase quinze anos trabalhando para conseguir o Globo dos Limites, Kylar. Não sabia onde ele estava, se estava vinculado a alguém, que tipo de defesa mágica o protegia. Sabia que pessoas como você eram supostamente capazes de atrair o ka'kari e que a necessidade que tinham dele tornaria essa atração mais forte. Por isso o levei comigo em serviços nos quatro cantos da cidade. Como poderia saber que o rei Gunder estava com o

ka'kari e pensava que fosse só uma joia? Ninguém falava a respeito porque não se sabia que aquele objeto era especial. Ninguém se importava. E eu pensei que estivesse errado, que você tivesse apenas um bloqueio. Que se eu o pressionasse o suficiente usaria seu Talento. Depois de quinze anos de trabalho, acha que seria fácil simplesmente entregar o ka'kari? Acha que é fácil abrir mão de quinze anos de vida?

– Mas você ia fazer isso. – Kylar estava estupefato.

– É claro que não. Quando eu o obtivesse, jamais abriria mão dele – falou Durzo, mas Kylar não conseguia acreditar: desde o início, Blint estava planejando dar o ka'kari a ele. Até Roth aparecer.

– Mestre, trabalhe comigo. Juntos podemos derrotar Roth.

Durzo passou vários instantes em silêncio.

– Eu já fui igualzinho a você, garoto, sabia? Por muito tempo. Você deveria ter me conhecido nessa época. Teria gostado de mim. Nós poderíamos ter sido amigos.

Eu gosto de você, mestre. Gostaria de ser seu amigo, disse Kylar, mas só mentalmente. Por algum motivo, as palavras não conseguiram sair da sua boca. Talvez não importasse. De toda forma, Durzo não acreditaria nele.

– Garoto, Roth é um príncipe khalidori. Ele tem um vürdmeister. Em breve terá mais bruxos do que as terras do sul têm magos, e um exército de quebra. Ele manda no Sa'kagé. Não há esperança. Não há como se opor a ele agora. Nem os próprios Anjos da Noite tentariam isso.

Kylar jogou as mãos para o alto, farto do fatalismo e das superstições de Blint.

– E eu pensando que eles fossem invencíveis.

– Eles são imortais. Não é a mesma coisa. – Blint partiu um dente de alho. – Pode pegar na minha casa o que precisar. Eu não iria querer que morresse só porque o meu equipamento é melhor.

– Mestre, eu não vou lutar contra você.

– Vai lutar. Vai morrer. E vou sentir saudades.

– Mestre Blint? – disse Kylar, recordando algo que Dorian tinha falado. – O que o meu nome significa?

– Kylar? Hum. Sabe a palavra “caro”? Ela é interessante porque significa ao mesmo tempo algo querido e algo com um preço alto.

Blint abriu um sorriso de ironia, mas a nuvem escura que o cobria não mudou de lugar.

– Dois significados diferentes. O seu nome é assim: significa ao mesmo tempo aquele que mata e aquele que é morto.

– Não entendi.

– Mas vai entender. Que os Anjos da Noite o protejam, garoto. Lembre-se: eles têm três rostos.

– O quê?

– Vingança, Justiça e Piedade. Sempre sabem qual deles mostrar. E lembre-se da diferença entre vingança e retribuição. Agora suma daqui.

Kylar se levantou e guardou as armas com destreza. Seu quadril roçou na mesa quando ele se levantou, e a moeda equilibrada balançou e caiu antes de ele conseguir usar seu Talento outra vez para detê-la. Ele ignorou-a, recusando-se a ver nela um mau presságio.

– *Kariamu lodoc*, mestre Blint – falou, encarando o mestre nos olhos e fazendo uma mesura. – Obrigado. Por tudo.

– Obrigado? – Mestre Blint deu um muxoxo. Pegou a moeda. Cara. *Se der cara, eu saio perdendo.* – Obrigado? Garoto, você nunca teve juízo mesmo.



Kylar tinha uma hora antes de Durzo ir atrás dele. Sabia disso porque o vira beber uma caneca inteira de cerveja, e Blint não trabalhava depois de ter ingerido álcool.

Era um intervalo perfeito para ir até o esconderijo do mestre. Talvez tivesse sorte e conseguisse descobrir como ele pretendia matá-lo pelas ferramentas que estivessem faltando.

Por cautela, passou pelos becos mais escondidos para chegar ao esconderijo. Em pouco tempo, desarmou a armadilha da fechadura, em seguida procurou a segunda. Se estivesse inteiramente visível, teria se sentido exposto, mas dessa vez seu Talento lhe obedeceu e o cobriu de sombras. Ele ainda não fazia ideia de como esse disfarce era eficaz, mas como a rua estava bem escura e era pouco frequentada, sentiu-se à vontade para levar o tempo que fosse preciso. A segunda armadilha estava encaixada no batente da porta, bem na altura do trinco. Kylar balançou a cabeça. E Blint dizia não ser bom com armadilhas. Montar uma acionada quando a pressão do próprio trinco da porta diminuía não era um feito dos mais fáceis.

Depois de desmontá-la, Kylar começou a arrombar a fechadura. Blint sempre lhe dissera que pôr mais de duas armadilhas em uma porta era perda de tempo. A primeira devia pegar o intruso, mas talvez fosse possível pegá-lo com uma segunda, perfeitamente posicionada, se a outra estivesse malfeita a ponto de exacerbar sua confiança. Depois disso, só um idiota não verificaria a porta com tanto cuidado a ponto de encontrar qualquer coisa escondida.

Kylar nem precisou manejar muito a haste. Havia treinado por tantos anos naquela porta que empurrou o cilindro para o lugar quase no mesmo instante. Então sentiu alguma coisa errada. Abriu os dedos e deixou cair a haste bem na hora em que a mola se soltou. Uma agulha preta surgiu entre seus dedos separados, roçou a articulação e quase rasgou a pele.

– Ufa.

A mistura negra que cobria a agulha era meimendro e kinderperil. Não matava, mas deixava a pessoa doente por dias, e ele não teria tempo de se afastar muito dali antes de o veneno começar a agir. Era um veneno bem tinoso... e sua presença queria dizer que mestre Blint ainda o estava testando. *“Só um idiota não examinaria a porta cuidadosamente depois de duas armadilhas.” Pelos deuses.*

Com cuidado, Kylar deu um passo para o lado. Aquele esconderijo não era tão espaçoso quanto aquele onde passara os primeiros meses com mestre Blint, e os animais o tornavam extraordinariamente ruidoso, fedorento e sujo.

Agora os animais haviam sumido. Kylar franziu o cenho. Uma rápida investigação lhe informou que naquela manhã mesmo eles ainda estavam lá.

Entrou mais no esconderijo e viu uma carta sobre a escrivaninha de Durzo. Segurou uma faca em cada mão e a abriu sem tocá-la. Duvidava que Blint fosse usar um veneno de contato no papel, mas tampouco pensara que o derramador fosse instalar uma terceira armadilha na porta.

“Kylar”, leu ele na caligrafia compacta e controlada de Durzo. “Relaxe. Matar você com um veneno de contato seria profundamente insatisfatório. Que bom que a terceira armadilha não o pegou, mas, se tivesse usado o que pensava saber sobre mim em vez de verificar, você teria merecido. Vou sentir saudades suas. Você é o mais próximo de um parente que eu já tive. Sinto muito ter levado você a entrar nesta vida. Mama K e eu fizemos todo o possível para transformá-lo em um derramador. Acho que você merece crédito por termos fracassado. Você significa mais para mim do que outra pessoa poderia significar.”

Kylar piscou para conter as lágrimas. Não havia hipótese de matar o

homem que escrevera aquilo. Durzo Blint era mais do que seu mestre; ele era seu pai.

“Hoje à noite tudo vai acabar”, prosseguia a carta. “Se quiser salvar seu amigo, é melhor me encontrar. Assinado: A Thorne.”

A Thorne? “Um espinho”? Blint com certeza era arrogante o suficiente para se autodenominar espinho, mas também era bom de ortografia, e thorn não se escrevia com “e”. Além do mais, que história era aquela de salvar seu amigo? Será que Durzo sabia onde Elene estava? Será que a estava ameaçando? Ou estaria se referindo a Jarl?

O sangue se esvaiu do rosto de Kylar.

Os animais tinham sumido. Tudo o mais que pertencia a Durzo continuava ali, de modo que ele não estava de mudança.

Qualquer cozinheiro não veria problema algum nos animais, e o provador que experimentasse a comida levaria horas para ser afetado... tempo suficiente para as iguarias serem servidas no jantar.

Blint só bebia depois que terminava um serviço.

Os animais tinham sumido. Todos. Não havia muitos lugares que comportassem todos eles.

– Ai, cacete.

Blint iria envenenar os nobres no banquete do solstício de verão. Elene não estaria presente, claro. Nem Jarl. Blint devia saber algo que ele não sabia. Logan estaria presente.

Roth iria tentar seu golpe. Naquela noite.

Kylar ficou tonto. Espalmou uma das mãos sobre a mesa para se equilibrar e fez os frascos de vidro tilintarem uns contra os outros. Seu olhar se ergueu para um deles, que passara anos encarando. O veneno de víbora estava ali. O nível do frasco estava baixo. Blint falara sério quando o ameaçara. Por algum tempo, depois de os dois conversarem no *arutayro* e de ver a carta, Kylar poderia ter pensado que o mestre não iria matá-lo. Mas iria, sim. Para Blint, aquilo tudo era uma questão profissional. Ele havia cruzado um limite anos antes, ao deixar Vonda morrer, e agora não tinha como voltar atrás.

Era típico de Durzo Blint. Ele estava concedendo uma chance a Kylar agora, dando-lhe informação suficiente para ele aparecer, motivação suficiente para ele lutar, mas, quando chegasse a hora do conflito em si, faria tudo que estivesse em seu poder para ganhar. Como sempre fizera.

Embora sua mente estivesse a léguas dali, o corpo de Kylar soube o que fazer. Ele passou um fio de algodão pelos diminutos furos de uma pequena faca de envenenar e o embebeu em veneno de víbora.

Como Logan não gostava de coelho, Kylar preparou antídotos para os venenos que eles haviam dado aos faisões e estorninhos, e torceu para o amigo não provar do porco. Sozinho, o veneno dele não seria fatal, mas não havia antídoto. Se Logan passasse mal mesmo, Kylar não teria como carregá-lo.

Passou sabão no corpo para deixar o mínimo de cheiro possível. Prendeu facas nos antebraços nus e uma faca tantô em um dos tornozelos. Vestiu a calça e a túnica, ambas justas, feitas de um algodão gandiano malhado de preto. Afixou o cinturão de armas. Verificou que os venenos e os ganchos de assalto estavam no cinto. Guardou a faca envenenada em sua bainha especial. Pôs no lugar as adagas e sua espada ceurana de um palmo e meio.

Foi então que viu Retribuição. Blint havia deixado a grande espada negra presa à parede. Deixara para Kylar sua espada favorita. Sem dúvida faria alguma piada sobre tirá-la do seu corpo depois de usá-la nele ou, se fosse o desfecho contrário, sobre não precisar mais dela.

Ele está falando sério. A questão é mesmo de vida ou morte. Kylar pegou a espada com reverência e a prendeu nas costas. Era mais pesada do que as outras armas que estava acostumado a usar, mas com o seu Talento seria perfeita.

Enfim pronto, andou até a porta, então parou. Apoiou a cabeça na madeira e apenas respirou algumas vezes. Como as coisas tinham chegado àquele ponto? Naquela noite, ou ele ou mestre Blint iria morrer. Nem sabia o que iria fazer quando chegasse ao castelo. Mas, se não fizesse algo, Logan morreria.



Envolto em sombras, Durzo se esgueirou pelas vigas que sustentavam o telhado do salão nobre do Castelo de Cenária. Não havia rotina em seu trabalho. Ele sempre gostara disso. Mas nunca imaginara que um dia limparia castelos.

Apesar disso, estava ali passando um trapo úmido na madeira, retirando a poeira de forma meticulosa, e avançando aos poucos após limpar cada centímetro. Por incrível que pareça, as vigas suspensas 15 metros acima do piso do salão não tinham sido espanadas recentemente. E Durzo detestava se sujar.

Por mais cuidado que tomasse, porém, não pôde evitar esbarrar em pequenos aglomerados de poeira de vez em quando, que iriam flutuar e cair lá embaixo, assinalando seu avanço.

Por sorte, os nobres lá embaixo não estavam propriamente olhando para o teto. As festividades seguiam a todo vapor. Os acontecimentos da noite anterior tinham feito todo mundo comparecer. Vozes emergiam até as vigas enquanto homens e mulheres celebravam o solstício e fofocavam sobre o que o rei poderia estar fazendo. Naturalmente, a maior das fofocas era sobre a presença de Logan na mesa real. Todos sabiam que o rapaz tinha sido preso e não conseguiam desgrudar os olhos dele. O que fazia ali?

Logan, por sua vez, estava sentado como um homem condenado e Durzo desconfiava que era exatamente isso que ele se tornaria. Conhecia Aleine. Se o rei convocara o rapaz, era para poder humilhá-lo em público.

Talvez fosse anunciar a sentença de morte de Logan. Talvez mandasse executá-lo ali mesmo.

Durzo tornou a se mover e tirou do lugar um pouco de poeira de muitas décadas. Impotente, observou-a cair em espiral. Parte dela se desfez na descida, mas outra acertou o braço de uma nobre que gesticulava. A mulher se limpou e continuou a contar sua história sem fazer uma pausa sequer.

Durzo limpou mais um pouco de poeira e continuou a avançar devagar, cerrando os dentes. Estava sendo descuidado. Sempre dizia isso a si mesmo, mas talvez fosse verdade dessa vez. Havia coisas demais acontecendo. Era tudo excessivamente pessoal.

Chegou a um entroncamento no qual várias vigas se encontravam para dar sustentação ao telhado. Não havia como continuar. Teria que dar a volta ou passar por baixo. Quem as havia projetado não pretendia facilitar a vida de um derramador.

Ele enrolou ganchos de escalar em volta de cada punho e posicionou dois dedos da mão esquerda no ponto em que duas vigas se encontravam. Pendurou-se no ar e sustentou o peso do corpo com as pontas dos dedos. Sentiu dor, mas um derramador aprendia a ignorá-la. Perguntou-se o que a nobre gorda lá embaixo iria pensar caso seu jantar fosse subitamente esmagado pela queda de uma sombra.

Balançou o corpo para segurar o outro lado do entroncamento. Só conseguiu graças ao comprimento dos braços. Cravou o gancho da mão direita na fenda do outro lado da viga, ao mesmo tempo que seus dedos da mão esquerda escorregaram, deixando parte da poeira da fresta cair. Se tivesse errado o tempo, com certeza despencaria.

Fez força e conseguiu segurar a borda da viga. Ficou pendurado por mais alguns segundos. O que ele pensara antes mesmo? Que sempre gostara do trabalho? Com uma graça que era fruto da experiência, balançou o corpo de lado e passou um pé por cima da borda. Ágil, tornou a subir na viga, ignorando o novo monte de poeira que o movimento fizera cair. Havia riscos que não se podia evitar.

E alguns que se pode. Não que eu tenha exatamente minimizado meus

riscos, certo? Durzo tentou não pensar no assunto, mas avançar pela viga enquanto se comportava como uma faxineira não exigia sua atenção integral. Tinha dado a Kylar todas as indiretas para que ele interrompesse o que Roth planejara fazer ali. E lhe dera um motivo, para garantir que fosse até lá em vez de fugir da cidade. *Isso é que é azar, rapaz.* Mas o que significava o azar para ele agora? Iria perder de qualquer maneira.

Na mesa principal, o rei se levantou. Cambaleando e de rosto corado, ele ergueu o copo.

– Amigos, súditos, hoje é a noite do solstício de verão. Temos muito a celebrar, e muito a lamentar. Eu... Faltam-me palavras para falar sobre o que aconteceu ontem. Nosso reino teve que suportar a terrível perda de Catrinna Gyre e de todos os seus criados e parentes por obra de seu traiçoeiro marido, e também a perda de nosso amado príncipe.

As palavras o fizeram engasgar e sua emoção foi tão óbvia que vários olhos ficaram marejados. Embora insensato, o finado príncipe era jovem e belo, e os Gyre tinham sido respeitados por gerações.

– Hoje estamos reunidos para celebrar a noite do solstício de verão. Alguns talvez se perguntem por que celebrar diante de atos tão vis. Vou dizer por quê. Nós desejamos celebrar a vida daqueles que amamos, não lamentar sua morte.

Do lado esquerdo do rei, o general Agon meneou a cabeça em uma aprovação soturna. Durzo se perguntou quanto daquele discurso era de sua autoria. A maior parte, desconfiou.

Esquecendo que estava no meio de um brinde, o rei tomou um gole do copo. Os nobres presentes no salão ficaram sem saber o que fazer. Será que deveriam beber ou será que o rei ainda não havia terminado? Metade fez uma coisa, metade outra, mas Aleine seguiu falando, mais alto ainda.

– Vou dizer por que estamos aqui: porque os *malditos que assassinaram meu menino não vão me deter*. Eles não vão me pegar. Não vão me impedir de fazer tudo aquilo que eu quiser!

O general Agon fez cara de alarmado. Aleine IX devia ter bebido mais do que dava para notar.

– E vou dizer qual é o nosso desejo soberano. Há maquinadores, conspiradores... traidores aqui hoje! Sim! E eu juro, traidores, vocês vão morrer! – Ele agora estava roxo de raiva. – Sei que estão aqui! Sei o que estão fazendo! Mas não vai funcionar, porra!

Vejam só quem aprendeu um palavrão novo.

– Não, Brant, sente-se! – gritou o rei quando o general se levantou.

Os nobres estavam mudos, atônitos.

– Alguns de vocês nos traíram para Khalidor. Vocês assassinaram nosso príncipe! Mataram o meu menino! Logan Gyre, levante-se!

Serah Drake, como condizia com seu status, estava sentada em uma das últimas fileiras, mas mesmo lá de cima Durzo pôde ver o terror no seu semblante. Ela achava que o rei fosse mandar executar Logan em público. Bem, ela não era a única.

Abalado, o rapaz se levantou. Era belo e, pelo que Durzo sabia, dono de grande força, além de muito popular tanto entre os nobres ali reunidos quanto entre o povo mais humilde da cidade.

– Logan! – gritou o rei. – Você foi acusado da morte do meu filho. Mas está aqui hoje, celebrando! Você matou meu menino?

Vários nobres, alarmados, gritaram que Logan jamais estaria envolvido em uma coisa dessas. Os soldados do rei fizeram cara de medo. Olharam para Arturian em busca de alguma orientação. O capitão aquiesceu e dois homens se aproximaram de Logan pelos lados.

Bem, pensou Durzo, chegando bem acima da mesa principal à qual estavam sentados. Se ameaças não fizeram Kylar querer me matar, isto fará. Os inocentes sempre perdem.

– Deixem ele falar! – rugiu o rei.

Ele soltou uma feira de palavrões e a multidão se aquietou. A tensão pairava densa acima dos convivas.

Logan com uma voz bem audível respondeu:

– Majestade, seu filho era meu amigo. Eu nego todas as acusações.

O rei passou vários instantes em silêncio, então disse:

– Eu acredito em você, duque Gyre. – Virou-se para os nobres. – Nós o

consideramos inocente. Logan Gyre, está disposto a servir ao seu país, custe o que custar?

Durzo estacou, tão pasmo quanto os nobres.

– Estou – Logan falou com clareza, mas seu rosto exibia uma tensão evidente.

Seus olhos se cravaram nos de Serah Drake.

Que merda está acontecendo? Aquilo parecia armação.

– Nesse caso, lorde Gyre, nós o proclamamos príncipe da Coroa de Cenária e anunciamos seu casamento hoje à tarde com nossa filha, Jenine. Logan Gyre, você será nosso herdeiro até a hora em que um herdeiro vier a nascer em nossa casa real. Aceita esse dever e essa honra?

– Aceito.

A apreensão no salão nobre se transformou em espanto, e logo em assombro.

Jenine Gunder avançou até junto de Logan, tão constrangida quanto uma menina de 15 anos é capaz de ficar. Durzo ouviu Serah Drake soltar um gritinho e a viu levar as mãos à boca. Ela então saiu correndo. Mas ninguém percebeu, exceto Logan e Durzo. Na mesma hora em que ela disparou para a saída, vivas irromperam no recinto e foram rapidamente replicados por todos os presentes.

O rei esvaziou seu copo de vinho e os nobres se juntaram ao seu brinde em saudação a Logan:

– Príncipe Gyre! Príncipe Gyre! Logan Gyre!

Aleine se sentou, mas os vivas prosseguiram. Todos os olhos estavam cravados em Logan e Jenine. O rei parecia irritado. O fato de os nobres estarem entoando “príncipe Gyre” em vez do tradicional “príncipe Logan” podia ser apenas porque era mais fácil de pronunciar, mas também deixava claro que Logan não era um Gunder... o que fazia todo mundo feliz.

De modo gracioso, embora um tanto rígido, Logan aceitou os aplausos, meneou a cabeça para os amigos e enrubesceu quando a esposa segurou sua mão. O rosto dela brilhou de constrangimento diante da própria ousadia e adoração pelo marido. Os nobres foram à loucura. No entanto, à medida

que os vivas aumentavam até virarem um rugido, o rei foi ficando com uma cara cada vez mais ofendida.

Mesmo assim, a comemoração prosseguiu. Os criados deram vivas. Os guardas deram vivas. Era como se os nobres sentissem que uma nuvem negra estava sendo afastada dos seus futuros. Muitos diziam: “Que rei Logan Gyre vai ser!” Urras ecoavam.

Aleine Gunder estava ficando roxo outra vez, mas ninguém prestava a menor atenção nele.

– Príncipe Gyre! Príncipe Gyre!

– Vida longa ao príncipe Gyre! Urra!

Furioso, o rei se levantou com um pulo.

– Agora vão! Vão consumir esse casamento! – berrou ele para Logan, que estava a menos de 5 passos de distância.

O general Agon se levantou, mas o rei o empurrou para longe com violência.

Chocado, Logan olhou para Aleine. Os nobres se calaram.

– Ficou surdo? – gritou o rei. – Vá trepar com a minha filha!

A princesa empalideceu. Logan também. Jenine ficou muito vermelha, morta de vergonha. Parecia querer afundar no chão e sumir. Ao mesmo tempo, uma raiva contida por pouco não dominou o semblante de Logan com uma onda escarlate. Os guardas de honra que o ladeavam pareciam perplexos. Durzo cogitou se o rei teria enlouquecido.

Os nobres não emitiram som algum. Ninguém sequer respirou.

– Fora! Fora daqui! Vão foder. VÃO FODER! – berrou o rei.

Trêmulo, pálido, Logan olhou para longe e conduziu a esposa para fora do salão. Os guardas foram atrás, nervosos.

– E vocês – disse o rei, dirigindo-se aos outros. – Amanhã vamos prantear a morte do meu filho. Juro que vou descobrir quem o matou, mesmo se tiver que enforcar todos vocês!

Aleine sentou-se abruptamente e começou a chorar feito criança. Durante toda sua fala, Durzo havia permanecido no mesmo lugar. Os nobres estavam perplexos, horrorizados. Sentaram-se devagar e ficaram

encarando o rei sem dizer nada.

O raciocínio de Durzo estava a mil. Roth não previra aquilo. Não poderia ter previsto. Mas Blint tinha certeza de que ele estava no castelo, talvez no próprio salão. Um guarda que acompanhava um dos nobres menos importantes era o responsável por lhes dar o sinal. Se ele tirasse o capacete, o golpe deveria ser abortado.

Aquilo deu a Durzo alguns instantes para digerir o que acabara de acontecer. Não a loucura do rei, mas o casamento de Logan. Era uma intriga das mais brilhantes. Agora, se Aleine morresse, o rapaz se tornaria rei de forma clara, em vez de apodrecer na Bocarra enquanto quatro casas reivindicavam o trono. Com a sua reputação, Logan conquistaria mais depressa a obediência das casas nobres do que o rei Gunder jamais fora capaz.

Era um golpe de mestre, mas vinha tarde demais. Roth tinha homens por todo o castelo. Decerto não podia se dar ao luxo de tentar de novo depois. Se o golpe estivesse planejado para o dia seguinte, o casamento de Logan mudaria tudo. Na atual situação, porém, Logan e Jenine seriam apenas somados à lista dos que precisavam morrer.

Enquanto Durzo esperava, Roth pareceu concordar com ele. Um criado se aproximou do guarda encarregado de dar o sinal e lhe disse alguma coisa. O sujeito assentiu e manteve as mãos longe do capacete. O golpe estava mantido.

As tarefas de Roth agora incluíam matar sem demora o príncipe Logan Gyre, que devia estar recolhido na torre norte. Roth sem dúvida iria querer confiar o serviço a Durzo, mas o derramador não tinha a menor intenção de dar essa chance ao khalidori. Faria o que tinha prometido, mas não mataria o amigo de Kylar.

Como primeiro prato do jantar, os nobres já tinham comido os coelhos preparados por Durzo. Ele vinha dando cicuta para os bichinhos havia um ano. A quantidade presente em uma porção representava uma dose pequena o suficiente para nada acontecer com os convivas, a menos que eles também tivessem comido as entradas de estorninho. Em menos de meia hora,

começariam a passar mal. O envenenamento por cicuta começava de forma bem branda. Provavelmente as pernas dos nobres já estavam ficando dormentes. Em breve, a sensação começaria a subir. Então eles começariam a vomitar. Qualquer pessoa azarada o bastante para ter repetido o prato teria convulsões.

O fator mais complicado agora era o tempo. O envenenamento não era uma ciência exata. A qualquer momento, alguém poderia perceber algo esquisito. Durzo precisava agir antes de isso acontecer.

Prendeu na viga uma das pontas da corda de seda preta, ridícula de tão cara, porém era a mais fina e a menos visível que ele tinha. Depois de fixar o arnês que havia fabricado especificamente para aquela missão, passou a corda por ele e desceu escorregando.

Controlando o balanço do próprio corpo preso à viga, olhou para baixo em direção ao seu alvo. O rei estava bem abaixo dele. Durzo encolheu os joelhos e dobrou o corpo. O arnês machucou seus ombros e ele soltou um pouco a corda, escorregando de cabeça para baixo em direção ao chão.

O tempo agora era tudo. Com uma das mãos, Durzo segurou a corda. Ajustando a posição e tensão dela em relação ao arnês, poderia mergulhar depressa em direção ao chão ou parar com facilidade. Quando se movesse, precisaria agir depressa: o fato de estar envolto em sombras o tornava quase invisível, mas ele não tinha como esconder a corda.

Em um cômodo tão amplo, uma corda pendurada acima do rei chamaria atenção. Os guardas eram bons – Vin Arturian se certificava disso.

Com a outra mão, Durzo pegou duas diminutas bolinhas. Eram ambas misturas feitas com vários cogumelos venenosos. Ele conseguira confeccioná-las bem pequenas, mas elas não dissolviam depressa, e para aquele serviço ele não podia usar um pó.

Os nobres continuavam em silêncio. O rei agora já mal chorava, mas reparou que os outros o encaravam.

– Estão olhando o quê? – gritou, então xingou todos com veemência. – Este é o banquete de casamento da minha filha! Bebam, seus malditos! Conversem!

Ele tornou a esvaziar o copo.

Os nobres fingiram conversar, e logo o fingimento se transformou em um frenesi de especulações. Durzo imaginou que estivessem pensando: será que o rei perdeu a razão? Ele próprio se perguntava a mesma coisa.

O que eles iriam pensar depois que Aleine tomasse o próximo copo? Um criado apareceu e encheu o copo do rei. O responsável por segurar a taça real provou o vinho primeiro e bochechou com o líquido. Então a entregou ao rei, que a pousou na mesa com um baque.

– Majestade – disse o general Agon à esquerda de Aleine. – Posso dar uma palavrinha?

O rei se virou e Durzo caiu feito um raio. A 3 metros acima da mesa, parou com um tranco. Quando retesou a corda, porém, ela enrolou e ele começou a girar devagar.

Pouco importava. Não havia tempo para tentar outra vez.

A primeira bolinha caiu bem no meio do copo do rei. A segunda bateu na borda e escapuliu. Saiu rolando por vários centímetros pela mesa junto ao prato de Aleine.

Calmo, Durzo pegou outra bolinha e a jogou lá dentro.

O rei pegou o copo. Quando estava prestes a beber, o general Agon falou:

– Majestade, talvez já tenha bebido o suficiente.

Ele estendeu uma das mãos para pegar o copo.

Durzo não perdeu tempo para ver o que o rei iria fazer. Sacou um tubo curto das costas e olhou para trás de Agon na direção de Fergund Sáfasti. Viu o mago, mas a corda o fez girar antes de conseguir lançar o dardo.

Estava tentando acertá-lo na perna. Torceu para a cicuta ter anestesiado suas pernas o suficiente para ele não sentir a picada. No giro seguinte da corda, não conseguiu ter uma linha de tiro desimpedida porque o rei e o general gesticulavam freneticamente.

Roupa maldita! As vestes do mago mal deixavam 15 centímetros de panturrilha expostos. Durzo deu outra volta e desistiu de acertar a panturrilha. O mago havia mudado a posição dos pés e Durzo só tinha um

dardo – fosse qual fosse a substância com a qual estava embebido, era um segredo khalidori supostamente capaz de neutralizar as habilidades mágicas do mago.

Durzo soprou a zarabatana. O dardo se cravou na coxa do homem.

Ele viu um breve lampejo de irritação atravessar o semblante de Sá'fasti. O mago levou a mão à coxa... e foi sacudido pelo criado do Sa'kagé.

– Com licença, senhor. Mais vinho? – indagou o homem ao mago, arrancando o dardo de sua coxa.

Ele era bom. Com mãos como aquelas, devia ser um dos melhores batedores de carteira da cidade. Mas é claro que Roth só usaria os melhores.

– Meu copo está cheio, idiota – retrucou o mago. – Você deve servir o vinho, não bebê-lo.

Durzo se virou e começou a subir pela corda, tarefa nada fácil em se tratando de seda. Descansou quando chegou à viga. Não fazia ideia se o rei tinha bebido o vinho ou não. Sua parte, porém, estava feita. Agora só restava esperar.



— **B**eba até cair, então – disse Agon.

Estava pouco ligando se o rei o havia escutado. Estava pouco ligando se o rei o matasse.

Bem quando achei que tivesse aprendido a lidar com esse filho da mãe, ele desgraça a própria filha e envergonha um homem que deu tudo o que ama para servir ao trono.

O general conseguira convencer o rei a apoiar o casamento de Logan Gyre com Jenine Gunder, mas Aleine havia detestado a ideia. Invejava a beleza e a inteligência do rapaz, invejava o quanto o povo aprovava sua escolha e tinha raiva por Jenine ter ficado animada com o casamento, em vez de se resignar a ele.

Mas se Agon fizera algo de valor nos dez anos que passara servindo aquele rei mimado dos infernos, fora convencê-lo a escolher Logan como príncipe.

Não que o rapaz algum dia fosse perdoá-lo por isso, mas era para o bem do reino. Às vezes o dever exigia de um homem fazer coisas que gostaria de evitar. Isso, e apenas isso, levou Agon a servir Aleine IX. Assim como o general, Logan não era homem de se furtar ao dever, mas isso não significava que estava feliz.

O rapaz decerto detestaria o general pelo resto da vida, mas Cenária teria um bom rei. Com a inteligência, popularidade e integridade de Logan, o país poderia até vir a se tornar algo mais do que um antro de ladrões e

assassinos. Agon estava disposto a pagar o preço por isso, mas a situação não o agradava. Tinha visto a si mesmo nos olhos de Logan: um homem que se percebe comprometido com um destino que jamais teria escolhido. Tinha visto a expressão de Serah Drake. Logan viveria com a culpa daquela traição para sempre. Foi uma punhalada para Agon. Ele mal conseguira tocar na comida.

O rei engoliu o resto do vinho. O burburinho dos nobres continuava. Não era o zumbido agradável habitual da noite do solstício de verão. O tom das conversas era cochichado; os olhares, furtivos. Todos davam sua opinião sobre o que o rei estava fazendo, por que havia escolhido um herdeiro e, em seguida, o insultara sem nem mesmo tomar fôlego.

Uma loucura.

Aos poucos, o rei emergiu de suas lágrimas e de seu silêncio. Correu os olhos cheios de ódio pelo salão nobre. Os lábios se moveram, mas Agon teve que chegar perto para ouvir o que estava dizendo. Não se espantou ao escutar Aleine murmurar palavras em cantilena, um depois do outro, desconexo de tão irado.

Então o rei começou a gargalhar. O salão se calou outra vez e Aleine riu mais alto ainda. Apontou para um dos nobres, um desprezioso conde chamado Burz. Todos acompanharam seu dedo e encararam o homem, que se retesou e ficou vermelho, mas o rei não disse nada. Sua atenção se distraiu e ele recomeçou a praguejar para si mesmo. Os nobres continuaram a olhar para o conde Burz por vários instantes, depois encararam Aleine.

Nesse momento, o chanceler Stiglor, sentado à mesa principal, levantou-se com um grito e exclamou:

– Tem alguma coisa na comida!

Então estrebuchou e desabou na cadeira; seus olhos se reviraram nas órbitas. Ao seu lado, um homem que o rei sempre havia odiado, lorde Ruel, caiu para a frente de supetão. Sua cara bateu no prato e ele não se mexeu mais.

O rei gargalhou. Agon virou-se para ele. Aleine nem estava olhando para lorde Ruel, mas a hora daquela gargalhada não poderia ter sido pior.

– Fomos envenenados! – berrou alguém.

O general se virou para ver quem tinha gritado, mas não conseguiu descobrir. Teria sido um criado? Com certeza nenhum deles se atreveria. Outra voz gritou em seguida:

– Foi o rei! O rei nos envenenou!

Às gargalhadas, Aleine IX se levantou com um pulo e cambaleou, embriagado. Enquanto o salão nobre irrompia em caos, pôs-se a gritar obscenidades. Cadeiras se arrastaram quando lordes e damas se levantaram. Alguns oscilaram e caíram. Um nobre mais velho começou a vomitar no prato. Uma jovem lady também vomitou e desmaiou.

Agon se levantou e começou a berrar ordens para os soldados.

A porta junto à mesa principal se abriu de repente e um homem vestido com o libré dos Gyre entrou, com as mãos erguidas para mostrar que estava desarmado. Sua roupa estava rasgada. Um corte sangrava junto a um olho, metade de seu rosto estava empapado de sangue.

Libré dos Gyre? Nenhum dos criados de Logan estava ali naquela noite.

– Traição! – gritou o criado. – Socorro! Soldados estão tentando matar o príncipe Logan! Estamos em desvantagem numérica. Por favor, ajudem!

Já sacando a espada, Agon virou-se para os guardas do rei.

– Deve ser algum erro. Você, você e você, venham comigo. – Virou-se para o mensageiro ensanguentado. – Pode nos levar até o...

– Não! – urrou o rei, cuja risada na mesma hora se transformou em ira.

– Mas, Majestade, precisamos proteger...

– Você não vai levar meus homens embora. Eles vão ficar aqui! E você também, Brant! Você é meu! Meu!

Para Agon, era como se ele estivesse vendo o rei pela primeira vez. Fazia tanto tempo que considerava Aleine IX uma criança desbocada e malvada que se esquecera do que era capaz uma criança do tipo com uma coroa.

Olhou para os guardas do rei, cujos rostos estampavam repulsa. Pôde ver que estavam loucos para defender Logan, seu príncipe, mas que o dever os impedia de desobedecer a Aleine.

Logan, seu príncipe.

De repente, tudo ficou muito simples. Pela primeira vez em anos, dever e desejo se fundiram em uma coisa só.

– Capitão Arturian! – bradou Agon com sua voz de comando de modo que todos os guardas reais o escutassem. – Capitão! Qual é o seu dever se o rei morrer?

O homem atarracado pestanejou.

– General, meu dever seria proteger o novo rei! O príncipe.

– Vida longa ao rei – disse Agon.

Aleine o encarava, sem entender. Seus olhos se arregalaram quando Agon levantou o braço. Estava no meio de um palavrão quando a espada do general lhe decepou a cabeça. O cadáver do rei Aleine Gunder IX bateu na mesa e derrubou várias cadeiras antes de parar no chão.

Antes de qualquer um dos guardas conseguir atacá-lo, Agon ergueu a espada acima da cabeça com as duas mãos.

– Vou responder por isso, juro. Matem-me se for preciso, mas agora o seu dever é com o príncipe. Vão salvá-lo!

Durante um segundo, nenhum deles se mexeu. O resto do pânico no salão parecia muito distante. Senhoras guinchavam, homens gritavam, criados armados apenas com facas de cortar carne tentavam defender seus senhores que botavam os bofes para fora, berros de “traição!” e “assassinato!” ecoavam pelo ar.

Então o capitão Arturian gritou:

– O rei está morto; vida longa ao rei! Vamos acudir o rei Gyre!

Juntos, Agon, os guardas do rei e uma dezena de nobres armados com facas saíram correndo do salão.

Antes de conseguir ver a ponte de West Kingsbridge, Kylar diminuiu o ritmo e passou a caminhar. Desejou se transformar em sombra e olhou para si mesmo. Parecia um pedaço de escuridão cortado de maneira irregular. Isso

era ótimo; Durzo tinha lhe dito que bordas irregulares ocultavam o formato humano e tornavam um derramador mais difícil de reconhecer. Kylar achava que o Talento também estava abafando o ruído de seus passos, mas não tinha a menor ideia se estava dando certo. Não podia se dar ao luxo de descobrir da maneira mais difícil.

Dobrou a esquina e viu os guardas. A ponte era de carvalho grosso, reforçada com ferro. Tinha 7 metros de altura e era encimada por estacas. Os guardas grandalhões de cotas de malha pareciam nervosos. Um deles não parava de se remexer e virar a cabeça para os lados. O outro, mais calmo, olhava atentamente em todas as direções, exceto para o rio. Kylar chegou mais perto. Apesar dos capacetes, reconheceu os dois, e não só porque os gêmeos tinham tatuagens idênticas de raios no rosto. Eram espancadores e dos bons: o do nariz torto era Canhoto, o outro se chamava Bernerd.

Kylar olhou na direção que o segundo não estava olhando. No escuro, uma volumosa barça estava parada sobre as águas do rio, feito um grande animal marinho encalhado. Tinha as portas abertas. Ninguém lá dentro segurava tochas, mas a escuridão já não afetava os olhos de Kylar. Se ele tivesse mais tempo, teria se maravilhado com isso: à medida que a noite caía, sua visão melhorava, pois as sombras ficavam mais uniformes.

Pelas portas abertas da barça, viu várias fileiras de soldados. Todos usavam o libré de Cenária, mas com lenços vermelhos amarrados em um dos braços. Soldados comuns os usavam no braço esquerdo; oficiais, no direito.

Eles não eram de Cenária. Embora estivessem ocultos pelas sombras da noite, Kylar viu os traços angulosos e frios de homens do norte: cabelos tão negros quando as asas de um corvo e olhos azuis como lagos congelados. Eram grandes, ossudos, castigados pelo tempo e endurecidos pela exposição aos elementos naturais e às batalhas. Eram montanheses khalidori, as mais ferozes e especiais tropas de elite do Deus-rei. Todos eles.

À luz do dia, isso ficaria evidente para qualquer cenário que estivesse no castelo. À noite, porém, levaria tempo para os soldados perceberem que

estavam sendo atacados por um inimigo estrangeiro. Acabariam reparando que as braçadeiras eram as que os khalidori usavam para se identificar, mas levaria tempo. Cada grupo novo que deparasse com os khalidori teria que entender isso.

Kylar viu outra barcaça chegar, a meros 100 passos de distância. Os montanhesees khalidori tinham tendência a ser mais largos que a maioria de seus conterrâneos. Embora algumas tribos livres ainda resistissem nas montanhas, aqueles que haviam sido absorvidos pelo império tinham se tornado seus mais temidos guerreiros.

Mais de quinhentos montanhesees. Kylar não soube calcular com exatidão, mas imaginava que a outra barcaça também estivesse lotada de tropas de elite. Se fosse isso mesmo, Khalidor pretendia invadir o castelo naquela mesma noite. O resto do país ruiria feito um corpo sem cabeça.

Vários bruxos conversavam enquanto subiam as curvas fechadas do rio até a ponte. Vasculhavam o céu acima do castelo, pelo visto à procura de algum sinal.

A indecisão fez Kylar se imobilizar. Tinha que entrar para salvar Logan... Com certeza Roth mandaria Hu ou Durzo matar todos os duques, sobretudo depois de Logan ter lutado tanto na fronteira khalidori. O assassinato também aconteceria em breve, se é que já não havia acontecido. Kylar poderia entrar no castelo e tentar impedir, ou então enfrentar os khalidori ali fora.

Sozinho? É loucura.

Mesmo assim, o simples fato de ver a barcaça se aproximar da ponte o deixou furioso. Sabia que não deveria sentir lealdade alguma para com Cenária, mas era leal a Logan e ao conde Drake. Se aquele exército entrasse no castelo, seria um massacre.

Ele teria que lutar do lado de dentro e do lado de fora. Que ótimo.

Olhou para os impostores do Sa'kagé de guarda em West Kingsbridge. Espancadores não teriam conhecimento nem prestariam atenção nas defesas da ponte, muito menos teriam disciplina para desmantelá-las. Tudo o que haviam feito até agora fora girar a manivela que levantava o imenso portão

de ferro do rio.

Então, no céu acima do castelo, Kylar viu um longo arco de chama azul-esverdeada. Os bruxos pareciam satisfeitos. Confabularam com um oficial, que começou a bradar ordens. Um dos khalidori ergueu uma tocha e acenou com ela duas vezes. Canhoto e Bernerd pegaram as suas próprias, encaminharam-se cada um para um lado da ponte e gesticularam duas vezes.

Caminho livre. Tudo certo.

Kylar sacou Retribuição. O barulho da espada ao ser desembainhada fez os espancadores se virarem. Canhoto piscou e se inclinou para a frente. Como as tochas que tinham nas mãos atrapalhavam sua visão noturna, tudo o que os dois viram foi uma fina nesga de metal escuro avançando e flutuando, então se movendo com uma velocidade terrível.

Em instantes, os dois caíram mortos. Kylar substituiu a tocha que pegara da mão de Bernerd e verificou os homens nas barcaças. Já em formação, subiam em fila indiana as curvas fechadas que conduziam à ponte.

Kylar pegou as chaves no cadáver de Bernerd, abriu um portão e se direcionou para onde ficava a manivela. O portão era de rastrilho, com um mecanismo simples de contrapeso, que o fazia subir para a passagem da embarcação. Ou, nesse caso, descer em cima de um navio.

Ele soltou a trava... mas não houve nenhum barulho de esmagamento. A ponte *retiniu*, caindo sobre dois calços mágicos que reluziam e cintilavam no escuro. Bruxos gritavam em pé no convés da primeira barcaça.

Merda! Ele correu até a estação dos guardas. Lá dentro havia um caldeirão cheio de ensopado, material de cozinha, um capacete, várias capas, baús para os pertences pessoais dos soldados e um jogo de peças de osso. Um armário continha vários tapetes velhos e largos.

Aquilo era muito estranho. Por que o rei deixaria sua ponte militar tão desprotegida? Além disso, os pilares que a sustentavam eram feitos de madeira revestida com ferro, resistentes ao fogo. *Mas não à água.* A madeira devia apodrecer de tantos em tantos anos e tinha que ser trocada.

Por que o rei tomava tantas precauções contra o fogo?

Então Kylar viu por quê. Ambos os lados da ponte eram margeados por compridas vigas de madeira. Preso a cada uma estava um imenso globo de argila de circunferência igual à altura de Kylar. Pelo menos parte da argila devia estar moldada sobre ferro, pois havia uma corda de atracar amarrada a uma argola no alto de cada um dos globos.

Kylar se aproximou de um deles e sentiu um forte cheiro de óleo. Precisou de vários segundos encarando a engenhoca para entendê-la. De alguma maneira, as vigas se abriam pelas laterais da ponte com os globos cheios de óleo, derramando-o sobre qualquer embarcação que estivesse passando lá embaixo... e com sorte a incendiando de modo espetacular.

Kylar correu de volta até o portão e pegou as tochas que os guardas seguravam. O grupo de khalidori em movimento estava quase na ponte.

O que estou fazendo?

A primeira barça começava a passar debaixo da ponte. Não havia tempo. Kylar chutou a trava de segurança que prendia a viga e a empurrou, mas ela não se mexeu.

Ocorreu-lhe usar seu Talento. Sentiu o poder fluir por seu corpo; seria capaz de levantar um carroto nas costas agora. Fez força contra a viga e sentiu que seu corpo cintilava e que a roupa preta irregular que usava descobria e tornava a cobrir sua pele conforme ele redirecionava seu Talento.

Se eu tiver sorte, eles nem vão saber que estou aqui até ser tarde demais.

Uma bola crepitante de fogo mágico verde passou voando por cima do globo, mas errou por um metro. Gritos ecoaram lá de baixo. Não sabia se os bruxos tinham visto Kylar ou apenas suas tochas, mas não pareciam contentes.

Uma bola de fogo mágico ricocheteou no globo e foi projetada em direção ao céu. Kylar a ignorou. Algo branco começou a brotar no convés da barça, bem debaixo dele. Uma pequena criatura tomou forma em frente a um bruxo de cabelos vermelhos e começou a voar para cima como um beija-flor. O bruxo entoou um cântico e as marcas de seu vir engrossaram de poder para redirecionar a criatura.

À medida que se aproximava de Kylar, o homúnculo foi tomando forma.

Era pequeno, mal chegava 30 centímetros, e tinha uma palidez de cera. A criatura aterrissou em cima do globo delicadamente, em seguida cravou garras de aço no ferro como se fosse manteiga. Virou-se para Kylar e sibilou, exibindo os dentes afiados.

Kylar recuou pelo chão e quase caiu da ponte.

Um estouro ecoou lá embaixo. O ar em frente ao bruxo ruivo se encrespou, como um lago que absorve o choque de uma pedra lançada por alguém. Algo se movia como se estivesse abaixo da superfície do *ar*. Algo imenso. A própria realidade parecia se esticar...

E se rasgar. Kylar viu o inferno e um clarão de pele à medida que a própria realidade se rompia ante a pressão da passagem do verme do abismo.

A criatura estava vindo pegá-lo.

A 7 metros de onde ele estava, a realidade se deformou e arrebentou. Kylar teve um lampejo de uma boca circular gigantesca, feito a de uma enguia. A criatura pareceu virar a boca do avesso até formar um cone cheio de espinhos. Então a fileira mais estreita de dentes acertou o homúnculo e os dentes se cravaram em direções opostas, rasgando a pálida criatura. Os sucessivos círculos de dentes arrancavam e rasgavam tudo que rodeava o homúnculo com uma força medonha, e o cone se inverteu, sugando tudo para dentro de si.

A última e mais larga fileira de dentes se fechou sobre o globo de ferro, e o verme do abismo entrou no seu buraco da mesma forma repentina que havia surgido. O ar tornou a se encrespar, em seguida se desfez como se nada tivesse acontecido.

O homúnculo tinha desaparecido. O mesmo acontecera com três quartos do globo: a argila e o ferro haviam sido arrancados como se fossem banha. Óleo escorria na água junto à barcaça. Os soldados deram vivas. A primeira embarcação conseguira passar pela ponte, e a segunda estava começando a passar.

Sentindo-se fraco, Kylar tropeçou em algumas cordas. Disse um palavrão bem alto. Então seus olhos seguiram as cordas. Elas se conectavam a um sistema de polias... que estava preso à viga.

– Mas que *idiota* eu sou!

Segurou uma das cordas e começou a puxá-la com força com as mãos o mais rápido que conseguiu. A viga que sustentava o segundo globo se abriu para a lateral da ponte com um movimento fluido e fácil. Kylar ouviu um grito e dois projéteis verdes passaram voando.

Por fim, o globo despencou. Por um instante, Kylar temeu ter lançado sua única arma dentro d'água, mas a corda de atracar moveu-a feito um pêndulo quando ela alcançou menos de meio metro da superfície do rio. O globo acertou a segunda barcaça junto à linha de flutuação.

Não houve explosão. A parte da esfera feita de ferro abriu um buraco na lateral da barcaça como se o casco fosse de uma madeira vagabunda, acertando as filas compactas de montanheses.

O restante do globo era de argila e se desintegrou. O óleo que ele continha se despejou violentamente sobre os homens e seu equipamento, encharcando o convés.

De cima da ponte, Kylar olhou para a barcaça. Um belo rombo estava agora aberto junto à linha de flutuação e os homens lá dentro gritavam, mas ele torceu para algo mais impressionante acontecer...

BUM!

A barcaça explodiu. Labaredas irromperam do buraco e o deixaram três vezes maior do que o tamanho original. Fogo jorrou das escotilhas. Os gritos redobrados dos homens lá dentro foram engolidos pelo súbito rugido das chamas.

Os guerreiros em pé no convés foram jogados para o alto, e muitos caíram na água. Sua armadura os fez afundar de modo inexorável nas ondas suaves do rio.

Tão rapidamente quanto havia surgido, o jorro de fogo sumiu. Fumaça continuou a sair pelas escotilhas, e homens começaram a aparecer no convés. A barcaça adernou com força. Um oficial com um corte fundo na cabeça berrava ordens, mas de nada adiantava. Soldados mergulhavam e tentavam nadar até a margem que parecia tão próxima... mas afundavam como pedras. O rio não era fundo, mas, para aquelas pesadas armaduras,

sim.

Depois de parar por vários segundos, o tempo necessário para deixar de se alimentar de óleo e passar a se alimentar de madeira, o fogo tornou a avançar feito uma fera insaciável. Chamas começaram a rugir em todos os conveses da embarcação e, apesar de ela continuar em frente, Kylar viu que não conseguiria chegar à margem. Alguns homens tiveram o bom senso de tirar a armadura antes de pular no rio. Outros se seguravam aos pilares da ponte, mas pelo menos duzentos montanhesees jamais lutariam em solo cenário.

O portão atrás de Kylar tremeu com o choque de alguma coisa. Ele praguejou contra si mesmo. Não deveria ter permanecido ali, não deveria ter assistido quando poderia correr.

Nenhum soldado de Cenária aparecera durante aquela batalha, e mesmo agora, dois minutos depois do primeiro sinal, ninguém havia chegado. Por pior que aquilo fosse, o que estava acontecendo no castelo naquele momento devia ser ainda mais terrível.

O portão explodiu e bruxos brilhando de poder atravessaram seus resquícios fumegantes.

Kylar saiu correndo em direção ao castelo.



Seguido de perto por Neph Dada e uma dúzia de soldados vestidos com o libré de Cenária, Roth atravessou a passarela. Chegou a um pequeno cômodo, virou à direita e subiu um estreito lance de escada.

Aquilo era um labirinto estonteante de corredores, passagens e escadas de serviço, mas levaria Roth e seus homens até a torre norte duas vezes mais depressa do que qualquer outro caminho. A rapidez era fundamental. Muitos planos que havia plantado, regado e esperado florescer ao longo dos últimos anos estavam dando frutos naquela noite. Como uma criança gulosa, queria provar cada um deles e deixar os sumos escorrerem por seu queixo.

Deu-se conta, com pesar, de que a rainha e suas duas filhas mais novas estavam morrendo naquele exato momento. Uma pena... ele não poder assistir. Torceu para ninguém retirar os corpos antes de poder inspecioná-los. Tinha dado ordens claras, mas, embora confiasse em Hu Gibbet para executá-las de forma meticulosa, aquilo era uma guerra. Era impossível prever o que iria acontecer.

Mas o que ele poderia fazer? De forma alguma teria perdido o espetáculo do rei morrendo. Que primor havia sido aquilo! Se não estivesse se esgueirando pelos cantos, Roth teria soltado uma gargalhada agora.

Passara a noite inteira planejando pôr uma flecha em sua balestra e apontá-la para a testa do rei. Planejava matar Aleine ele próprio, mas a segurança do capitão Arturian estava reforçada demais. Conseguira entrar

no salão nobre, mas não armado. Isso fora uma pequena tragédia. Se Durzo Blint não tivesse cumprido o prometido, o complô inteiro teria ido por água abaixo. Seu pai o mataria.

Só que não foi o que aconteceu. Que espetáculo de mestre! O envenenamento dos convivas tinha sido brilhante. Roth estava na cozinha quando os provadores haviam experimentado cada prato e nenhum deles tivera o menor mal-estar. A administração do veneno do rei tinha sido um feito de atletismo. A mistura de venenos em si funcionara ainda melhor do que Blint havia prometido. Roth encontraria mais trabalho para aquele homem. Tendo Durzo como ferramenta, poderia causar agonias mais primorosas do que jamais ousara imaginar. Ervas! Nunca sequer pensara no seu potencial. Durzo seria a pessoa perfeita para lhe mostrar todos os seus usos. Quem teria imaginado que as ervas administradas ao rei fossem ser a gota d'água para Agon?

Ele chegara a rir quando o general cortou fora a cabeça daquele rei imbecil. Fora melhor do que matá-lo com as próprias mãos. Jamais tinha sentido a emoção especial de ver um homem cometer o que ele mesmo devia considerar uma traição. Havia algo de excelente em ver um homem condenar a si próprio.

Roth e seus homens permaneceram no salão nobre apenas o suficiente para ver que Agon e seus homens haviam mordido a isca e estavam a caminho. Caso tivesse planejado bem tudo aquilo, naquela noite poderia provar frutos ainda mais doces do que a traição do general. Seu pai ficaria muitíssimo satisfeito.

Seiscentos montanheseiros do Deus-rei chegariam ao castelo em breve. Mil outros chegariam ao raiar do dia. O pai explicara a Roth que queria perder menos da metade desses homens antes de chegar no dia seguinte com um exército de ocupação.

Roth achava que iria perder menos de um quarto. Talvez bem menos. Seria aprovado com louvor em seu *uurdthan*. O Deus-rei o nomearia rei de Cenária e adotaria para si o título de Grande-rei. Com o tempo, transferiria o império inteiro para o filho.

Afastando as glórias futuras da mente, Roth parou no último corredor estreito e seus homens o alcançaram. A porta à sua frente o levaria à escadaria no pé da torre norte. Ele acenou para os homens.

Eles abriram a porta com um baque e irromperam no salão com as espadas a reluzir. Os dois guardas de honra postados ali não tiveram a menor chance. Mal se mostraram surpresos e já estavam mortos.

– Vamos controlar esta porta. Agon não vai subir – disse Roth. – O príncipe e a princesa são os próximos.

Ele verificou sua balestra.

* * *

Sentado na borda da cama, Logan esperava. Fechou os olhos e esfregou as têmporas. Por enquanto ainda estava sozinho no quarto no alto da torre norte. Jenine Gunder, ou melhor, Jenine Gyre, pedira licença para se preparar.

Para se preparar.

Logan se sentia mal. Tivera fantasias em relação ao sexo, claro, mas fizera o possível para limitar seus desejos a uma mulher só... e essa mulher não era Jenine.

Quando Serah havia aceitado seu pedido de casamento, pensara que as suas fantasias fossem virar realidade. Naquela manhã mesmo, os dois estavam planejando seu casamento.

E agora aquilo.

Ouviu o suave roçar de pés descalços sobre o tapete e ergueu os olhos. Jenine havia soltado os cabelos, que cascadeavam de forma luxuriante até a metade das suas costas. Usava uma camisola branca sedosa e translúcida e exibia um sorriso de ansiedade. Estava deslumbrante. Todas as sugestões que seu vestido de festa dera na noite anterior – pelos deuses, será que fazia mesmo só uma noite? – se confirmaram, cada promessa de sensualidade se superava. Logan devorou aquelas curvas com os olhos: o belo quadril, a

cintura fina, os seios perfeitos... Era de uma beleza capaz de servir de inspiração à arte. Deleitou-se com o tom dourado da pele à luz das velas, com os círculos mais escuros dos mamilos que transpareciam de leve através do tecido, com o pulsar da veia no pescoço, com a timidez da postura. Ele a desejava. Desejava possuí-la. A luxúria rugiu por suas veias, obscurecendo o resto do quarto, engolindo o mundo inteiro, exceto aquela beleza à sua frente e seus pensamentos sobre o que estava prestes a fazer.

Ele desviou os olhos. Estava envergonhado. Um incômodo subiu pela sua garganta e o impediu de respirar.

– Eu sou tão feia assim? – indagou Jenine.

Logan ergueu a vista e viu os braços dela cruzados em frente ao peito e as lágrimas que haviam brotado instantaneamente. Consternado, tornou a olhar para o lado.

– Não. Não, milady. Por favor, venha cá.

Jenine não se moveu. Aquilo não bastava. Logan a encarou.

– Por favor. Você é tão bonita que me deixa atarantado. Chega a me causar dor. Venha sentar aqui comigo. Por favor.

Jenine sentou-se ao seu lado na cama, perto, mas sem tocá-lo. Logan pouco sabia a seu respeito antes desse dia. Até seu pai a considerava uma noiva acima do nível do filho. Sabia apenas que as pessoas gostavam dela, que a consideravam “solar” e “tranquila” e que ainda não completara 16 anos.

Jenine estava radiante durante o jantar, pelo menos até o rei tomar a palavra. Aquele filho da mãe. Logan agora entendia um pouco como o próprio pai devia ter se sentido ao ver a mulher que amava se casar com *aquilo*.

“Tranquila” era um termo que já fora aplicado também ao irmão de Jenine. No caso do príncipe, significava que as pessoas pensavam que ele finalmente estava deixando para trás a putaria e começara a assumir algumas das responsabilidades do governo. Mas Logan imaginava que, para Jenine, “tranquila” decerto significava que ela não brincava mais de pique no castelo.

Ela era tão diferente de Serah... e era sua esposa.

– Eu... eu hoje de manhã estava noivo de outra mulher. Uma mulher que amei por muitos anos... que ainda amo, Jenine. Posso chamar você de Jenine?

– Pode me chamar do que quiser, senhor meu marido.

A voz dela soou fria. Ela estava magoada, e pelos motivos errados. Caramba, como ela era jovem. Mas, afinal de contas, ele não fora o único a ter muitas surpresas nas últimas 24 horas.

– Você já se apaixonou, Jenine?

Ela refletiu sobre a pergunta com mais gravidade do que ele teria esperado de uma menina de 15 anos.

– Eu já... gostei de alguns meninos.

– Não é a mesma coisa – disparou Logan. Arrependeu-se na hora do tom ríspido.

– Você vai me trair? – disparou ela sem pestanejar. – Com ela?

Aquilo acertou Logan bem entre os olhos. A situação tampouco devia ser fácil para Jenine. Como ela estaria se sentindo, gostando dele, casando-se com ele e sabendo que ele amava outra? Logan segurou seu rosto com as mãos.

– Eu prestei nosso juramento matrimonial porque o rei me pediu, porque a nação precisava disso. Mas eu jurei, Jenine. Serei fiel a você. Cumprirei o meu dever.

– E o seu dever de gerar um herdeiro? – Ela quis saber.

Seu tom continuava frio. Ele deveria ter desconfiado, mas respondeu:

– Também.

Ela se jogou na cama, ergueu o vestido com um gesto brusco e abriu as pernas.

– Seu dever o espera, meu senhor – falou, virando o rosto para o lado em direção à parede.

– Jenine... olhe para mim!

Ele cobriu sua nudez e, com a graça dos deuses, fitou apenas seu rosto ao falar, muito embora o corpo inteiro dela o chamasse, o fizesse se sentir

um animal.

– Jenine, eu vou ser o melhor marido possível. Mas não posso lhe dar meu coração. Não ainda. Eu a olho e sinto que estou errado por querer fazer amor com você. Mas você é a minha mulher! Caramba, seria mais fácil se você não fosse tão... tão linda, caramba! Se eu pudesse apenas olhar para você sem querer... fazer o que precisamos hoje à noite. Você me entende?

Era óbvio que ela não entendia, mas mesmo assim tornou a se sentar e dobrou as pernas debaixo do corpo. De repente, tornou-se outra vez uma garotinha, toda vermelha por causa do que acabara de fazer, mas com um olhar decidido.

Logan ergueu as mãos para o alto.

– Não a culpo. Eu mesmo não entendo. Está tudo tão confuso... Nada faz sentido desde que Aleine...

– Por favor, não fale sobre o meu irmão hoje. Por favor?

– Eu perdi tudo. Tudo... tudo saiu errado.

Como ele podia ser tão egoísta? Havia perdido um amigo, mas ela havia perdido o irmão mais velho. Também devia estar sofrendo.

– Sinto muito – completou.

– Não. Quem sente muito sou eu – disse Jenine com os olhos úmidos, mas a expressão firme. – Desde que eu me entendo por gente sabia que me casaria com quem quer que o país necessitasse. Tentei até não me interessar por ninguém, pois sabia que a qualquer momento meu pai poderia dizer que precisava de mim. Faz dois anos que venho tentando *não* gostar de você. Sei que acha que eu sou uma garota boba, mas sabe quem eram alguns dos meus maridos em potencial? Um príncipe ceurano que prefere garotos, outro de 60 anos, um alitaerano de 6 anos, um lodricari que não fala a nossa língua e já tem duas esposas, um khalidori que trata suas mulheres feito gado, e um modaini que enviuvou duas vezes em circunstâncias suspeitas. Aí apareceu você. Alguém de quem todo mundo gosta. Um bom rei teria promovido essa união para sanar a disputa entre as nossas famílias, mas o meu pai o odeia. Então tive que ficar olhando você, ouvir meu irmão e todas as outras meninas contarem histórias sobre você, ouvir como você era

valente, honrado, leal e inteligente. Meu irmão me disse que você era o único homem que ele conhecia que não ficaria intimidado com o meu intelecto. Sabe o que é ter que usar palavras simples e fingir não entender as coisas para não ficar com *má reputação*?

Logan não teve certeza se estava entendendo. Com certeza as mulheres nunca precisavam fingir que eram burras. Ou precisavam?

– Quando descobri que iria me casar com você, foi como se todos os meus sonhos de menina estivessem se realizando – continuou Jenine. – Até mesmo com meu pai se comportando feito um... E Serah... E Aleine... – Ela inspirou fundo. – Desculpe, senhor meu marido. Você foi honesto comigo. Sei que não pedi para isto acontecer. Sinto muito se precisou perdê-la para eu poder tê-lo para mim. Sei que teve muitas surpresas ruins recentemente. – Ela empinou o queixo e falou como uma princesa: – Mas farei tudo que puder para ser uma boa surpresa, milorde. Eu me esforçarei para ser digna do seu amor.

Pelos deuses, que mulher! Na noite anterior, Logan havia olhado para Jenine e visto um par de seios. Vira-a rir com as amigas, vira-a como uma criança. Que bobo ele era. Jenine Gunder, ou melhor, Jenine Gyre era uma princesa nascida para ser rainha. Sua postura, seu autossacrifício deliberado, sua *força* o deixaram assombrado. Antes, ele esperava que a esposa fosse acabar virando um bom partido para ele. Agora, sua esperança era conseguir crescer e se tornar um bom partido para aquela mulher.

– E eu farei tudo o que puder para nosso amor crescer, Jenine. Eu só...

Ela levou um dedo aos seus lábios.

– Pode me chamar de Jeni?

– Jeni? – Logan tocou a pele macia e lisinha da bochecha dela e deixou os olhos passearem por seu corpo. *Eu tenho permissão para fazer isso. Eu posso fazer isso. Eu devo fazer isso.* – Jeni, posso beijá-la?

De repente, ela tornou a virar uma menina hesitante, até seus lábios se tocarem. Então, mesmo com todas as hesitações, toda a incerteza e ingenuidade, para Logan ela virou tudo de cáldo, macio, lindo e amoroso que havia no mundo. Jenine era todas as mulheres do mundo, formosa da

cabeça aos pés. Ele a envolveu nos braços e a puxou para si.

Alguns minutos mais tarde, afastou-se dela na cama e virou a cabeça na direção da porta.

– Não pare – disse ela.

Botas com tachas na sola pisaram firme na escada do outro lado da porta. Vários pares. Sem nem mesmo parar para vestir a roupa no escuro, Logan rolou de cima de Jenine e pegou a espada.



Regnus Gyre se escondeu em um corredor enquanto Brant Agon corria acompanhado por uma dezena de guardas reais e, inexplicavelmente, alguns nobres gordos.

– Vida longa ao rei! Vamos acudir o príncipe! – gritou um deles.

O príncipe? Então os boatos deviam estar errados. Regnus ouvira dizer que Aleine Gunder tinha sido assassinado na noite anterior.

Se o general estivesse sozinho, ele teria chamado o velho amigo, mas não com Vin Arturian presente. O capitão tinha o dever de prender Regnus e o faria mesmo que isso não lhe agradasse.

Ao longe se ouviam gritos, na direção do centro do castelo, mas Gyre não conseguia distinguir palavra alguma. Isso o deixava apreensivo, mas ele não tinha como fazer nada. Só tinha seis homens consigo, nenhum de armadura. Já fora difícil o bastante entrarem armados e disfarçados de criados. Tudo o que ele podia esperar era encontrar Nalia e tirá-la dali.

Os aposentos da rainha ficavam no primeiro andar, na ala nordeste. Regnus e seus homens haviam percorrido o castelo de modo casual, em dois grupos de três, tentando não atrair a atenção dos criados, mas ele então gesticulou com veemência. Seus homens se reuniram à sua volta e ele começou a correr.

Chegaram aos aposentos da rainha sem depararem com nenhum criado ou guarda. Foi uma sorte inacreditável. Se tivessem que enfrentar nem que fossem dois guardas do rei, armados e de armaduras, Regnus e seus homens

poderiam ter morrido.

Ele bateu à grande porta com força e a abriu. Uma dama de companhia recuou, surpresa.

– O senhor! Corra, milady! Assassino!

Nalia Gunder estava sentada em uma cadeira de balanço; no colo tinha um bordado que mal havia tocado. Levantou-se na hora, mas acenou dispensando a criada.

– Deixe de ser boba. Pode sair.

Suas filhas mais novas, Alayna e Elise, estavam ambas com cara de choro. Ficaram paradas, sem saber o que fazer; nenhuma das duas tinha idade suficiente para reconhecer o duque Gyre.

– O que está fazendo aqui? – perguntou a rainha. – Como conseguiu entrar?

– Sua vida está correndo perigo. O homem que atacou a minha propriedade ontem à noite foi contratado para matá-la. Por favor, Nal... minha rainha, por favor.

Ele desviou o olhar.

– Milorde – falou ela.

Era como uma rainha cumprimentaria um vassalo de grande estima. Era também como uma esposa poderia se dirigir ao marido. Nessas palavras, Regnus a ouviu dizer: “Eu nunca amei ninguém a não ser você.”

– Milorde – repetiu ela. – Regnus, eu irei para onde quiser me levar, mas não posso ir sozinha. Não sou a única em perigo.

– Suas meninas podem vir também.

– Estou falando de Logan e Jenine. Eles se casaram hoje à tarde.

Vida longa ao rei! Vamos acudir o príncipe! Os gritos breves dos nobres de repente fizeram sentido. Eles haviam usado uma versão abreviada. O que queriam dizer era: vida longa ao novo rei. Ao príncipe. Logan.

Gunder estava morto. Logan era o novo rei.

Um homem melhor teria pensado outras coisas antes. Um marido melhor teria pensado outras coisas antes, Regnus sabia, mas a primeira coisa que lhe passou pela cabeça foi: o marido de Nalia está morto. Aquele

homenzinho detestável, causador de tanta infelicidade, não estava mais entre eles; sua própria mulher também tinha morrido. De repente, por milagre, tanto ele quanto Nalia estavam livres de 22 anos de escravidão.

Regnus havia se resignado às satisfações de um pai orgulhoso e de um comandante capaz, sem jamais acreditar que algo o esperasse em casa, exceto uma agonia matrimonial. Agora, a felicidade não era apenas uma possibilidade obscura: estava ali, a um passo de distância, olhando para ele com o rosto radiante e olhos cheios de amor. Que mundo melhor seria chegar em casa e encontrar Nalia, dividir com ela sua casa, suas conversas, sua vida, sua cama...

Se ela o aceitasse, poderiam se casar.

As outras implicações demoraram mais tempo para lhe ocorrer. Logan era o novo rei? Os genealogistas teriam pesadelos se Regnus e Nalia gerassem filhos. Bem, pouco lhe importava.

Seu coração estava tão leve que ele deu uma sonora risada. Então se calou. Agon, os guardas e todos os nobres estavam correndo em direção ao seu filho, armados com facas de mesa. Logan estava em perigo. Aqueles homens corriam para salvá-lo. Logan estava em perigo e Regnus tinha lhe virado as costas.

Não havia tempo para explicar tudo, para dizer a Nalia que ela estava livre, que Aleine estava morto. Regnus precisava agir. Não fazia ideia de quanto tempo lhes restava.

– Eles estão em apuros! Venham comigo! – gritou, erguendo a espada. – Nós...

Algo quente penetrou suas costas. Regnus se virou e esfregou o peito, irritado. Viu algo negro se mover nas sombras ao mesmo tempo que o sangue brotava de repente da garganta de um de seus homens. Como se fossem marionetes cujos fios houvessem sido cortados, eles foram caindo um após o outro, em rápida sucessão, mortos. A mão que Regnus levava ao peito voltou pegajosa.

Ele olhou para baixo. O sangue se espalhava pela frente de sua túnica, na altura do coração. Ergueu os olhos para Nalia. A sombra estava atrás dela,

segurando-a. Uma das mãos negras segurava seu queixo levantado, a outra segurava a fina e comprida espada que o havia matado, mas os olhos de Nalia estavam fixos nele e arregalados de terror.

– Nalia – disse Regnus.

Ele caiu de joelhos no chão. Sua visão estava ficando branca. Tentou manter os olhos abertos, mas então percebeu que eles *estavam* abertos e que isso não tinha mais importância.

O general Agon e seu grupo heterogêneo de nobres e guardas reais não eram rápidos o bastante. Ao longo dos séculos, o castelo havia passado por várias expansões e nenhuma simplificação. Os homens tinham sido parados duas vezes por uma porta trancada, discutido as vantagens relativas de derrubá-la ou dar a volta e decidido pegar outro caminho.

Agora desciam o último corredor em direção à torre norte; os guardas reais corriam, Agon ia um pouco mais devagar, e vários dos nobres avançavam ofegantes pelo corredor comprido. Fazia tempo que tinham desistido daqueles primeiros gritos entusiasmados de “vamos acudir o príncipe!” e “vida longa ao rei!”. Agora poupavam fôlego.

Ao entrar na antecâmara da torre, Agon ouviu homens praguejando e esmurrando a porta da escada. Um dos guardas reais, o coronel Gher, estava parado na entrada.

– Depressa, senhores! – falou, apressando os últimos dois nobres barrigudos.

O general correu os olhos pelo recinto e deixou os homens mais jovens e mais atléticos atacarem a grossa porta que conduzia à escada. O cômodo não era grande, não chegava a 7 metros quadrados, com pouca mobília, um pé-direito tão alto que o teto se perdia no escuro, e apenas duas portas: uma para a escada, outra para o corredor. Não havia como contornar aquela porta.

Algo não cheirava bem. O fato de ela estar trancada significava que os guardas que a vigiavam tinham sido mortos ou corrompidos.

O general Agon olhou por cima do ombro para onde o coronel Gher guiava os últimos nobres. Passou pelo primo de Logan, o gordo lorde Io-Gyre, e começou a gritar um alerta, mas, antes de conseguir dizer qualquer coisa, o punho revestido de cota de malha do coronel Gher o acertou no queixo.

Tudo o que pôde fazer foi ver o coronel fechar as portas e passar o trinco. Um segundo depois, o general ouviu uma barra sendo colocada do outro lado.

– Estamos encurralados – disse lorde Unwer, constatando o óbvio.

Por alguns instantes, todos no recinto pararam o que estavam fazendo. Quando Agon se levantou com a ajuda de um dos guardas reais, observou os homens se dando conta das implicações de sua situação.

Haviam acabado de ser traídos por um dos seus. Isso queria dizer que o atentado contra a vida do príncipe não fora algo isolado ou mal planejado. Tudo o que acontecera nos últimos dias tinha sido orquestrado: da morte do príncipe Aleine até a chegada àquele beco sem saída. Suas chances de sobreviver não eram boas.

– O que faremos, general? – indagou um dos guardas.

– Passem por essa porta – respondeu lorde Agon, indicando a que dava para a escada.

Provavelmente já era tarde demais. Talvez, subindo aquela escadas, fossem encontrar soldados inimigos, além de membros da família real mortos. No entanto, Agon tinha aprendido a não perder tempo no campo de batalha lamentando o que deveria ter sido feito ou visto. Recriminações poderiam ser ditas no futuro, caso houvesse um.

Os guardas recomeçaram seu ataque à porta quando o som de uma balestra ecoou.

Um deles caiu; a cota de malha que cobria seu peito foi perfurada como se fosse seda. Agon bradou um palavrão e examinou o recinto à procura de furos nas paredes. Não viu nenhum. Os homens olharam em volta,

atarantados, tentando se proteger de um inimigo que atacava de lugar nenhum.

Outro guarda cambaleou para cima dos colegas e caiu morto.

Agon e os outros ergueram os olhos para a escuridão. Um lustre baixo estragava suas chances de ver qualquer coisa. Uma risada ecoou baixinho da penumbra que o lustre ocultava.

Guardas e nobres correram em direção a qualquer proteção que pudessem encontrar, mas as alternativas eram bem poucas.

Um dos soldados rolou para trás de uma cadeira estofada de espaldar alto. Um nobre arrancou da parede um retrato de sir Robin e o segurou diante de si qual um escudo.

– A porta! – bradou Agon, embora seu coração já fosse tomado pelo desespero.

Não havia saída. O homem ou homens que os alvejavam não tinham apenas companheiros e traidores no castelo, mas também conheciam os segredos do lugar. O paranoico rei Hurlak havia apinhado sua área de expansão com quartos secretos e buracos para espionar. Como não sabia onde ficavam, não havia como impedir o assassino.

O soldado atrás da cadeira alta se retesou quando a flecha perfurou as costas da cadeira e se cravou nas suas. O inimigo lhes mostrava como a situação era irremediável.

– A porta! – gritou Agon.

Com o tipo de coragem que muitos comandantes exigiam, mas poucos conseguiam obter, o restante dos guardas começou a golpear a porta. Sabiam que alguns morreriam fazendo aquilo, mas era sua única saída, a única esperança de continuarem vivos.

Mais um guarda desabou no meio de um golpe. Lorde Ungert, que segurava debilmente o quadro diante de si, começou a se lamentar feito uma menininha.

Um soldado gritou quando uma flecha se cravou na sua orelha e o projetou contra o batente, todo ensanguentado.

Uma rachadura surgiu na porta. Um dos três guardas reais

remanescentes deu um grito de triunfo.

Uma flecha voou pela brecha da porta e se enterrou no seu ombro. O homem girou uma vez no próprio eixo antes de outra flecha, vinda de cima, lhe perfurar a coluna.

Seus dois colegas perderam o que ainda restava de ânimo. Um deles largou a espada e caiu ajoelhado no chão.

– Por favor – implorou. – Por favor, não. Por favor, não. Por favor...

O último era o capitão Arturian. Ele atacou a porta como um homem possuído. Ela estremeceu e balançou sob seus golpes; a rachadura aumentou até alcançar o trinco.

Ele se esquivou de duas flechas que passaram pelo buraco e, rente à sua cabeça, em seguida tornou a atacar a porta. Outra flecha passou zunindo por Vin Arturian e Agon viu sua cabeça dar um tranco para trás. A bochecha fora atingida de raspão e exibia um corte em linha reta, e a orelha tinha sido cortada ao meio.

Aos gritos, o capitão enfiou a espada no buraco como se fosse uma lança. Segurou o trinco e o arrancou da porta. Foi quando uma flecha penetrou seu braço e saiu pelo outro lado. Ignorando-a, Arturian segurou a porta e fez força até arrancá-la do batente.

Cinco arqueiros khalidori vestidos com libré de Cenária estavam em pé na escada, com as balestras armadas. Atrás deles havia seis espadachins e um bruxo. Um sexto arqueiro jazia caído aos seus pés, com uma espada a despontar do ventre. Os cinco arqueiros dispararam suas balestras na mesma hora.

Crivado de flechas, Vin Arturian caiu para trás. Seu corpo aterrissou junto ao guarda ajoelhado.

O grito agudo se encerrou com um gorgolejo e o rapaz caiu para trás, afogado no próprio sangue.

Iniciou-se então um daqueles instantes sinistros, comuns em meio ao caos da batalha, que lorde Agon já tinha visto muitas vezes, mas com os quais nunca conseguia se acostumar.

Um dos arqueiros entregou a balestra a um companheiro, entrou no

recinto e segurou a porta.

– Com licença – falou para o capitão que acabara de ajudar a matar.

Seu tom não foi sarcástico, apenas educado. Ele puxou a porta dos dedos retesados pela morte de Arturian, recuou de novo até a escada e encostou a porta no lugar enquanto o general e os nobres observavam.

Nesse curtíssimo intervalo de tempo, antes de a realidade voltar como uma enxurrada, lorde Agon e os nobres se entreolharam. Aqueles eram os homens dispostos a arriscar as próprias vidas para resgatar o príncipe. Homens de coragem, ainda que alguns fossem tolos. Ele os havia conduzido para a morte.

A armadilha fora astuta. O “criado dos Gyre” que tinha anunciado o ataque a Logan era sem dúvida um dos homens do usurpador. O estrategema não apenas dividira a guarda real, tirando a maioria do salão nobre, como também separara com cuidado o joio do trigo. Os lordes que haviam acompanhado Agon não eram exatamente os homens que ele próprio teria escolhido para defender o príncipe Logan, mas eram todos homens que demonstraram lealdade da única forma que importava: com seus atos.

Ao matá-los, Khalidor estaria eliminando justamente aqueles mais passíveis de causar oposição. Era brilhante. Junto com o som dos gorgolejos e da respiração rascante do soldado que agonizava, Agon escutou alguma outra coisa. Seus ouvidos identificaram o som na mesma hora. Era a carretilha de uma balestra sendo armada.

Clique-clique-claque. Clique-clique-claque.

– Para você saber quem amaldiçoar quando estiver morrendo – disse uma voz do esconderijo acima deles, com um tom sombrio de ironia. – Eu sou o príncipe Roth Ursuul.

– Ursuul! – exclamou lorde Braeton.

– Ah, nesse caso, é uma honra – disse lorde Io-Gyre.

A flecha acertou Io-Gyre na volumosa pança e se cravou com tanta força que saiu pelas costas levando junto boa parte das vísceras. O nobre foi projetado com violência sentado contra a parede.

Vários dos nobres presentes amaldiçoaram Ursuul, como ele havia previsto. Alguns se adiantaram para reconfortar lorde Io-Gyre, que chiava e tremia sentado no chão. O general Agon permaneceu firme. Morreria com os dois pés no chão.

Clique-clique-claque. Clique-clique-claque.

– Quero agradecer, general – disse Roth. – O senhor me prestou um bom serviço. Primeiro matou o rei para mim... aliás, bela traição. Depois, apesar disso, conseguiu conduzir esses homens para dentro da minha armadilha. O senhor será bem recompensado.

– Como assim? – indagou o velho lorde Braeton, olhando, alarmado, para o general. – Diga que não é verdade, Brant.

A flecha seguinte atravessou o coração de lorde Braeton.

– É mentira – disse Brant Agon, mas o nobre já estava morto.

Clique-clique-claque. Clique-clique-claque.

Aterrorizado, lorde Ungert olhou para Agon. O quadro tremeu em suas mãos.

– Por favor, diga para ele parar – implorou o nobre a Agon ao ver que era o último ainda vivo. – Eu nem queria vir com você. Foi a minha mulher quem me obrigou.

Um pequeno furo surgiu no escudo pintado de sir Robin, e lorde Ungert cambaleou para trás. Por vários instantes, ficou em pé apoiado na parede, fazendo careta, ainda com o quadro na mão. Exibia uma expressão de desagrado, como se culpasse a tela por não ter impedido a passagem da flecha. Então caiu por cima do quadro e despedaçou a moldura.

Clique-clique-claque. Clique-clique-claque.

– Seu filho da mãe – disse Io-Gyre entre dois arquejos, encarando o general. – Seu filho da mãe.

A flecha seguinte o acertou bem entre os olhos. Agon ergueu a espada, desafiador. Roth riu.

– Eu não estava mentindo, general. O senhor terá a sua recompensa.

– Não estou com medo.

Clique-clique-claque. Clique-clique-claque. A flecha acertou Agon no

joelho e ele sentiu os ossos se estilhaçarem. Cambaleou até a cadeira e caiu. Instantes depois, outra atravessou seu cotovelo. A sensação foi de que o braço havia sido arrancado. Mal conseguiu se manter sentado no chão. Agarrou-se ao braço da cadeira como se estivesse morrendo afogado.

– Meu derramador me afirmou que você cairia feito um ratinho nesta armadilha. Afinal de contas, foi burro o suficiente para confiar nele – disse Roth.

– Blint!

– Sim. Só que ele não me falou que você trairia o seu rei! Que delícia foi aquilo. E promover o casamento de lorde Gyre com uma integrante da família real? Ele é amigo seu, não é? Isso custou a vida de Logan. Sei que você não tem medo de morrer, general. A recompensa que lhe dou é a vida. Vá viver com sua vergonha. Pode ir, vá. Rasteje para fora daqui, seu inseto.

– Vou passar o resto da minha vida desgraçada caçando você – prometeu Agon entre os dentes cerrados.

– Não vai, não. Você é um cão que levou uma surra, Brant. Poderia ter me detido. Em vez disso, me ajudou a cada passo do caminho. Agora meus homens e eu vamos subir. O príncipe e a princesa vão morrer porque você não me deteve. Então por que matá-lo? Eu não poderia ter feito o que fiz sem você.

Roth deixou o general ali no chão, aos arquejos. Destruído.



O sargento Bamran Gamble retesou o arco alitaerano com os potentes músculos das costas. Ser forte como um touro de nada adiantava; não era possível esticar um arco alitaerano com os braços. A arma era feita de um teixo grosso, tinha mais de 2 metros de comprimento em repouso e era capaz de penetrar uma armadura a 2 passos de distância. Ele já ouvira falar em homens que haviam acertado um alvo de quase 1,5 a 500 metros de distância, mas graças ao Deus ele não precisava fazer isso.

Estava em pé no telhado da guarita dos guardas, no pátio do castelo. Eles haviam sido trancados lá dentro por um traidor, mas o covarde não tivera estômago ou uma tocha à mão para atear fogo no local com os soldados dentro. Os homens de Gamble haviam aberto um buraco no telhado e o puxado para fora.

O primeiro raio do bruxo passara zunindo por cima da cabeça do sargento antes mesmo de ele retesar o arco. O homem era o único meister no pátio, obviamente posicionado ali para ficar de olho em tudo o que acontecia. De onde Gamble estava, podia ver mais soldados ainda atravessando a ponte de East Kingsbridge, mas só tinha olhos para o bruxo. Uma bruxa, na realidade, com os cabelos ruivos e a pele pálida. Respirava pesadamente, como se o último raio houvesse lhe enfraquecido momentaneamente. Ela entoava um cântico e o vir negro em seus braços começava a inchar de novo.

Se ele errasse a flecha, não teria uma segunda chance. A bruxa iria

acertá-lo, o telhado da guarita se incendiaria e mais de quarenta homens do sargento Gamble morreriam.

Suas costas se flexionaram. Três dedos deslizaram em direção ao seu rosto; a corda feita de tripa tocou seus lábios. Ele nem mirou. Uma bola de fogo se acendeu entre as palmas das mãos da bruxa. A ponta da flecha disparada passou bem pelo meio da chama, e a potência que a teria feito atravessar uma armadura não teve qualquer dificuldade para penetrar a chama etérea ou o esterno da jovem. Ela foi arrancada do chão como se houvesse sido amarrada a um cavalo em pleno galope.

Sacou a segunda flecha por instinto. Se raciocinasse friamente, teria descido do telhado e livrado seus homens, mas a adrenalina da batalha corria por suas veias. Após dezessete anos como soldado, estava combatendo pela primeira vez.

A segunda flecha partiu com um salto. Acertou outro bruxo que conduzia uma fila de montanhesees pela ponte. Foi um disparo perfeito, um dos melhores de toda a sua vida. Passou entre as três fileiras de soldados que corriam e acertou uma bruxa na axila enquanto ela movia os braços ao correr. Jogou-a pela lateral da ponte. Ela despencou inerte nas águas do Plith.

Os montanhesees nem sequer diminuíram o passo. Foi nessa hora que o sargento Gamble entendeu que eles estavam em apuros. Dois arqueiros e um bruxo se separaram dos outros e começaram a procurá-lo, mas todos os outros continuaram a correr pela ponte. Quando os arqueiros retesaram os arcos, o bruxo tocou cada um deles e um fogo se acoplou à ponta de cada flecha.

Gamble escorregou para fora do telhado e pulou no pátio na mesma hora em que duas flechas acesas se cravaram no sapê. O fogo se espalhou com uma rapidez fora do normal. Quando ele conseguiu tirar a barra que trancava a porta, já havia fumaça saindo de dentro da caserna.

– O que devemos fazer, sargento? – indagou um dos homens quando eles se reuniram à sua volta.

– Como eles não podem nos pegar todos de uma vez, estão tentando nos

separar. Calculo que sejam uns duzentos, talvez trezentos. Precisamos chegar à caserna.

Lá haveria duzentos homens. A briga pelo menos estaria equilibrada, embora o sargento não acreditasse que a força dos números fosse adiantar alguma coisa, não contra montanheses e bruxos khalidori.

– Ah, que se foda! – disse um jovem guarda. – Não vou morrer pelo Nove. Ainda temos East Kingsbridge. Vou dar o fora daqui.

– Jules, se continuar a caminhar na direção dessa ponte, será a última coisa que fará na vida – retrucou Gamble. – É para isso que somos pagos. Você seria um traidor como Conyer, que nos trancou dentro da caserna para morrermos.

– Eles não nos pagam porra nenhuma.

– Nós sabíamos qual era o soldo quando nos alistamos.

– Faça o que precisa fazer, sargento.

Jules embainhou a própria espada e virou as costas, confiante. Começou a seguir na direção da ponte em trote acelerado. Cada um de seus 39 homens olhava para o sargento Gamble.

Ele esticou o arco, sussurrou uma prece para duas almas quando a corda tocou seus lábios e disparou uma flecha bem na nuca de Jules. *Estou me transformando em um verdadeiro herói de guerra, não é mesmo? Hável em matar mulheres e meus próprios homens.*

– Nós vamos lutar – falou. – Alguma pergunta?

Sem ser visto, Kylar atravessou correndo a ala dos criados. Nenhum soldado aparecera correndo ainda. As coisas precisavam estar bem ruins para os soldados não terem organizado qualquer resistência.

De uma hora para outra, deparou com um combate. Pelo menos uma guarnição de montanheses devia ter entrado por outro lugar, pois vinte deles estavam ocupados matando um número no mínimo duas vezes maior de

soldados.

Os cenários estavam a ponto de se render, embora seu sargento ainda berrasse ordens a plenos pulmões. A visão de seu rosto fez Kylar estacar. Conhecia aquele soldado. Era Gamble, o guarda que tinha entrado na torre norte na noite de seu primeiro assassinato.

Kylar entrou na briga e começou a matar guerreiros khalidori com a mesma facilidade de uma foice a ceifar o trigo. Foi uma tarefa simples. Não havia alegria alguma em assassinar homens que mal conseguiam vê-lo.

No início, ninguém reparou na sua presença. Ele era uma mancha de escuridão encravada nas entranhas de um castelo feito de pedra escura e iluminado por tochas tremeluzentes. Então salvou a vida de Gamble, decapitando um khalidori e eviscerando outro quando os dois encurralaram o oficial.

Kylar não diminuiu a velocidade. Parecia um tufão. Ele era a primeira face dos Anjos da Noite. Ele era a vingança. Matar já não era uma atividade, era uma condição do ser. Se cada gota de sangue culpado derramada por ele compensasse uma gota de sangue inocente, naquela noite ele talvez conseguisse ficar limpo.

A sensação de cotas de malha se rasgando, de couro se rasgando, de carne se rasgando sob o juízo gelado de Retribuição era a melhor do mundo. Kylar estava tomado por uma loucura, um tipo bizarro de meditação: girava, arremetia, esticava-se, fendia, perfurava, esmurrava, esmagava, deformava rostos, apagava futuros. Tudo passou depressa demais, pois, em um intervalo que não poderia ter sido superior a trinta segundos, todos os khalidori jaziam mortos. Nenhum sequer agonizava. A fúria mortífera tinha sido totalmente eficaz.

O efeito que isso teve nos cenários foi monumental. Aquelas ovelhas vestidas com armaduras ficaram paradas, boquiabertas, encarando a mancha irregular na escuridão que era Kylar. Nem tinham as armas erguidas. Não estavam em postura de prontidão. Estavam apenas embasbacados com a presença daquele avatar da Morte.

– O Anjo da Noite luta por vocês – falou Kylar.

Já tinha perdido tempo demais. Logan podia estar morrendo naquele exato instante. Saiu correndo mais para dentro do castelo. Todas as portas estavam fechadas e um silêncio sinistro dominava os corredores. A única conclusão que ele podia tirar era que os criados tinham fugido ou estavam encolhidos em seus quartos.

O som de muitos passos em cadência o fez parar. Ele se esgueirou até um vão de porta escuro junto a um canto. Podia estar protegido de olhos humanos, mas naquela noite havia coisas mais perigosas do que humanos no castelo.

– Devem ter pelo menos uns duzentos soldados deles encurralados lá embaixo – disse um dos oficiais a um homem cuja corpulência franzina o denunciava como bruxo, muito embora ele usasse armadura e carregasse uma espada. – Isso ainda vai durar uns quinze minutos, meister.

– E os nobres no jardim? – perguntou o bruxo.

A resposta se perdeu em meio ao barulho dos passos dos montanheses que passaram por Kylar e desapareceram ao longe.

Quer dizer que os nobres estavam presos no jardim. Kylar nunca estivera lá; na realidade, fizera o possível para evitar o castelo. No entanto, tinha visto quadros do local. Se os artistas foram fiéis à realidade ao pintá-lo, ele seria capaz de encontrá-lo. Imaginou que fosse um lugar tão bom quanto qualquer outro para procurar Logan e Durzo.

Conforme adentrava cada vez mais o castelo, seguindo em direção ao jardim, começou a topar com cadáveres que se amontoavam nos corredores, cujo sangue tornava o piso escorregadio. Kylar nem sequer diminuiu o ritmo. Quase todos os mortos eram guardas dos nobres.

Coitados. Não nutria grande simpatia por homens que abraçavam o ofício das armas e depois não treinavam, mas aqueles guardas tinham sido massacrados. Bem mais de quarenta homens jaziam mortos ou agonizantes, debatendo-se e espumando de dor. No caminho, viu apenas oito corpos de montanheses.

A trilha de sangue e cadáveres conduziu Kylar até uma porta dupla de nogueira travada por uma barra de ferro pelo lado de fora. Ele ergueu a

barra e abriu com cuidado uma frestinha.

– Que diabo é isso? – indagou uma voz áspera com sotaque khalidori.

Recuando para longe da fresta até ficar em pé atrás de mais um quadro de Nove se exibindo em pose heroica, Kylar viu vários montanhese vigiando um recinto cheio de nobres. O grupo incluía homens, mulheres e até mesmo algumas crianças. Estavam todos desalinados, com medo. Alguns choravam. Outros vomitavam por ter ingerido veneno.

Passos ecoaram pelo chão além do campo de visão de Kylar. Os montanhese que ele conseguia ver preparavam as armas. A ponta de uma alabarda se enganchou na porta e a abriu, revelando um oficial khalidori atarracado e com a largura quase igual à altura.

O homem puxou a porta com a alabarda, acenou e dois homens pularam para o corredor de costas um para o outro, com as espadas erguidas. Olharam em cheio para Kylar. Ou melhor, para a estátua atrás da qual ele havia se escondido.

– Nada, capitão – disse um dos homens.

No jardim, que não era tão grandioso quanto parecia nos quadros, havia dez guardas e quarenta ou cinquenta nobres, nenhum deles armado. Por sorte, os montanhese não estavam acompanhados por nenhum bruxo. Kylar imaginou que bruxos fossem valiosos demais para serem desperdiçados vigiando prisioneiros.

Entre os nobres havia algumas das figuras mais importantes do reino. Kylar reconheceu vários ministros. Roth acreditava que tomaria o castelo depressa e queria decidir pessoalmente quem matar e quem absolver no próprio governo.

Os homens e as mulheres pareciam aturdidos. Não acreditavam no que estava acontecendo. Não conseguiam entender como o mundo deles podia ter virado de cabeça para baixo de forma tão repentina. Muitos passavam mal. Alguns tinham as roupas rasgadas e sujas de sangue, mas outros estavam intactos. Senhoras com penteados ainda impecáveis choravam, enquanto outras, que exibiam cortes e saias rasgadas, pareciam contidas e calmas.

– Tenha dó, capitão! – disse um soldado atrás de Kylar. – A porta não levantou a barra sozinha.

– Estamos aqui para vigiar este recinto, e aqui vamos ficar.

– Mas nós não sabemos o que tem lá fora... capitão.

– Vamos ficar! – repetiu o homem atarracado com uma voz que não admitia discussão.

Kylar quase sentiu pena do jovem montanhês. Os instintos do rapaz estavam corretos. Ele teria dado um bom oficial um dia. Isso não impediu Kylar de emergir das sombras a um passo de distância do jovem. Tornou-se visível, mas não para ser justo. Precisaria de sua força para depois.

A espada do khalidori mal havia saído da bainha quando Kylar o eviscerou. Então passou na sua frente com um movimento gracioso e, manejando uma faca com a mão esquerda, partiu a armadura de couro endurecido e as costelas de outro soldado com um golpe de baixo para cima, enquanto cravava a espada no corpo de um terceiro com um único e fluido gesto. Deu uma violenta cabeçada bem na cara de um dos montanheses e efetuou um giro rápido junto com ele. As costas do soldado absorveram a alabarda do capitão com um ruído de carne sendo esmagada.

Kylar se jogou no chão para se esquivar de um golpe aberto e usou uma katana curta para desferi-la, de baixo para cima, na virilha de um montanhês. Deitado de costas, derrubou o homem com um chute e se levantou.

Seis homens estavam mortos ou fora de combate. Restavam quatro. O primeiro se mostrou impetuoso. Atacou aos gritos, dizendo alguma coisa sobre Kylar ter matado seu irmão. Bastou aparar um golpe e dar um contragolpe. Agora os dois irmãos estavam reunidos. Os últimos três soldados avançaram juntos.

Um corte rápido arrancou a espada e a mão de um. O segundo lutou com a espada por alguns segundos, mas tombou cego devido a um golpe no rosto. Kylar saltou por cima da alabarda e se virou de frente para o capitão. Trocou a espada de mão e empalou o soldado maneta.

O homem largou a alabarda e sacou uma rapieira. Kylar sorriu para as

escolhas de armas do oficial, em seguida olhou por cima do seu ombro. O capitão começou a se virar para trás, mas uma nobre bonita esmagou a parte de trás de sua cabeça com um vaso de planta. Flores e terra saíram voando para todos os lados, mas o vaso em si nem rachou.

– Obrigada por nos salvar – disse ela, ofegante.

Ela era uma das mulheres cujos cabelos e maquiagem não tinham sido nem um pouco afetados por qualquer que fosse a violência que a conduzira até ali. Depois de ter esmagado o crânio do capitão, não se mostrava nem um pouco alterada. Tudo o que fez foi espanar a terra do vestido. Kylar se espantou por seus peitos não terem escapulado daquele decote quando ela corra. Reconheceu a mulher.

Era Terah Graesin. Ficou grato pelo lenço de seda preto que lhe cobria o rosto. Pusera a máscara por hábito, mas alguns daqueles nobres o teriam reconhecido caso não o houvesse feito.

– Bem, eu nunca...

Alguém bateu à porta. Terah e todos os outros nobres ali presentes congelaram. Três batidas, depois duas, três, depois duas. Uma voz chamou:

– Novas ordens, capitão! Sua Majestade mandou matar todos eles. Precisamos dos seus soldados para ajudar a eliminar resistência lá no pátio.

– Vocês precisam sair daqui agora mesmo – disse Kylar com uma voz alta o suficiente para todos os nobres escutarem. – Mais de duzentos montanheses chegarão por West Kingsbridge. Devem ser os que estão lutando no pátio neste exato momento. Se quiserem viver, peguem todas as armas que conseguirem encontrar e libertem os soldados presos no andar de baixo. Outros soldados já estão se encaminhando para lá. Com a ajuda deles, talvez consigam sair do castelo. Podem começar uma resistência. O castelo vocês já perderam; a cidade também. Se não andarem depressa, vão perder a vida.

A notícia atingiu os nobres feito um banho de água fria. Alguns se retraíram ainda mais, porém uns poucos pareceram encontrar a própria coragem.

– Queremos e vamos lutar, senhor – disse Terah Graesin. – Mas alguns

de nós foram envenenados...

– Eu conheço esses venenos. Se ainda estão vivos, é por que consumiram uma dose pequena. Em meia hora estarão recuperados. Onde está Logan Gyre?

– Perdão, eu sou Terah Graesin, agora rainha Graesin. Se o senhor...
Kylar estreitou os olhos.

– Onde. Está. Logan. Gyre?

– Ele está morto. O rei está morto. A rainha também. As princesas também, todos eles.

O mundo deu uma cambalhota. Kylar pareceu ter levado uma bordoadada no estômago.

– Tem certeza? A senhora viu?

– Nós estávamos com o rei no salão nobre quando ele morreu. Eu encontrei a rainha em seus aposentos junto com as filhas mais novas antes de serem... Elas estavam... Foi horrível. – Terah balançou a cabeça. – Não vi Logan nem Jenine, mas devem ter sido os primeiros a morrer. O golpe começou dez minutos depois que o rei anunciou o casamento. Os dois tinham deixado o salão nobre. O general levou alguns homens para tentar salvá-los, mas foi tarde demais.

– Onde?

– Eu não sei, mas é muito...

– Alguém sabe para onde Logan foi? – gritou Kylar.

Pela expressão dos nobres, viu que alguns sabiam, mas não queriam dizer por medo de ele os deixar sozinhos. Covardes. Ouviu um gemido mais para o fundo do jardim e abriu caminho entre as pessoas até chegar a um homem deitado no chão, pálido e coberto de suor. Tinha a boca rodeada de espuma e, junto à sua cabeça, havia uma poça de vômito. Seu estado era tão grave que Kylar mal o reconheceu. Era o conde Drake.

Ajoelhou-se junto a ele, pegou algumas folhas em sua bolsinha de ervas e começou a enfiá-las em sua boca.

– Você tem um antídoto? – indagou um dos nobres em pé, mas que também estava passando mal. – Eu quero!

– Dê o antídoto! – exigiu outro.

Os dois começaram um empurra-empurra. Kylar sacou Retribuição da bainha e encostou a ponta da espada no pescoço de um dos nobres.

– Quem tocar em mim ou nele será um homem morto.

– Ele é só um conde! – berrou uma nobre gorda e toda trêmula. – Ele é pobre! Eu darei qualquer coisa pelo antídoto!

O lado duro e vingativo de Kylar quis lhes negar o antídoto só para retribuir aquele egoísmo, aquela mesquinhez. Em vez disso, pegou a bolsinha e a lançou para Terah Graesin.

– Dê àqueles que mais precisarem. O antídoto não vai salvar ninguém que já estiver desacordado. Quem ainda conseguir ficar em pé também não precisa tomar.

Receber uma ordem tão direta fez a nobre abrir a boca, mas ela obedeceu.

O tempo escorria por entre os dedos de Kylar. Estava dentro do castelo, mas não fazia ideia de onde precisava estar. Baixou os olhos para o conde, pensando se teria chegado tarde demais para salvá-lo.

Drake se mexeu. Suas pálpebras se abriram e, aos poucos, seus olhos entraram em foco. Ele iria sobreviver.

– Na torre norte – disse ele.

– É para lá que Logan foi?

O conde assentiu e então tornou a se deitar, exausto.

– É tarde demais para eles – falou Terah. – Lute conosco. Eu darei títulos, terras, um indulto...

Sem ligar para os arquejos dos nobres, porém, Kylar se envolveu em sombras e saiu correndo.

Os homens de Roth subiram a escada com passos ruidosos e abriram a porta do quarto aos chutes. Roth e Neph Dada entraram em seguida, enquanto os

soldados invadiam o cômodo em meio a grunhidos e gritos. Mesmo a porta dupla sendo larga o suficiente para permitir a passagem de três homens lado a lado, as quatro fileiras de soldados à sua frente não permitiram que Roth visse o que estava acontecendo. Só sabia que não era nada bom. Ouvia-se um barulho de corpos se chocando, o ruído de uma espada rasgando uma cota de malha, o som de um crânio estourando feito um melão.

Ao seu lado, Neph Dada havia estendido os braços marcados pelo vir. Ele murmurou algo e um quarto do vir se contorceu. Uma explosão sinistramente silenciosa fez homens saírem voando para todos os lados. Até os soldados de Roth foram arrancados do chão.

Os três que estavam bem à sua frente foram lançados para trás, mas, quando Roth se contraiu para o impacto, chocaram-se contra uma barreira invisível que Neph havia erguido para protegê-lo.

Neph disse alguma outra coisa e o quarto se encheu de luz. Roth entrou junto com o bruxo enquanto todos se recuperavam.

Logan tentou se levantar com um pulo, mas seus membros ficaram presos ao chão, como se lastreados por um peso enorme. Ele estava nu e furioso. Roth embainhou a espada ao mesmo tempo que oito dos homens recolhiam suas armas espalhadas. Seis jaziam caídos no chão, sangrando com ferimentos profundos. Três estavam mortos e os outros três não demorariam a morrer. Pelo visto, Logan Gyre não era nenhum incompetente com a espada.

Sobre a cama, vestida com uma camisola transparente levantada, estava deitada a princesa. Ela se debatia, aterrorizada, mas não conseguia se cobrir. Neph também a havia imobilizado.

Roth sentou-se na cama ao lado dela e correu os olhos por seu corpo núbil. Lambeu um dedo, encostou-o na base de seu pescoço e foi descendo.

– Espero não estar interrompendo nada.

Os olhos de Jenine Gunder chisparam. Aquele exame casual a deixara vermelha de vergonha, mas a garota estava uma fera também. Roth levou um dedo aos seus lábios para fazê-la calar antes de ela conseguir dizer qualquer coisa.

– Só vim lhe dar os parabéns pelo casamento recente, minha pombinha. Como andam as coisas? Está satisfeita com a pujança dos dotes do seu marido?

Ele olhou para Logan nu e fez uma careta.

– Bom, imagino que esteja. E você, meu caro duque Gyre... Levantem-no – ordenou Roth. – Ou será que eu deveria dizer príncipe Gyre? Não perca as esperanças. Eu vi a mãe dela nua. Com o tempo ela vai...

Logan avançou para cima dele, mas as amarras que o prendiam não se soltaram. Um dos homens lhe deu uma bofetada. Roth prosseguiu como se não tivesse havido interrupção. Estalou a língua.

– Com o tempo. É aí que está o problema. Com o tempo, a princesa talvez venha a fazer jus a esses seios e quadril admiráveis.

Ele sorriu para Jenine e beliscou uma de suas bochechas. A magia de Neph ergueu a moça da cama até colocá-la em pé, trêmula, ao lado do marido.

– Só que você não tem tempo. Espero que tenha aproveitado seu casamento. E, Logan, meu amigo, espero que não tenha perdido tempo com preliminares... porque o seu casamento acabou.

O instante se prolongou. Não havia nada que Roth amasse tanto quanto ver o espanto se transformar em medo e, depois, em desespero.

– Quem é você? – perguntou Logan; seus olhos não demonstravam medo algum.

– Meu nome é Roth. Eu mandei matar o seu irmão, Jenine. – Ignorando Logan, ele viu as palavras atingirem a moça como uma onda. Mas não parou de falar nem deixou que ela emitisse qualquer protesto. – Sou Roth, o Shinga do Sa'kagé. Também mandei assassinar seu pai, Jenine. Não faz nem dez minutos, vi a cabeça dele rolar pela mesa principal do salão nobre. Sou o príncipe Roth Ursuul de Khalidor. Também fui o responsável pela morte de suas irmãs e de sua mãe, Jenine. Se você apurar os ouvidos, talvez consiga ouvir os gritos delas.

Ele levou um dedo à orelha e imprimiu ao rosto uma expressão atenta e zombeteira.

– Vocês dois são tudo o que resta entre mim e a coroa de Cenária. E eu vou pegá-la para mim. Infelizmente, acho que vou precisar matá-los. Querem escolher qual dos dois vai morrer primeiro?

A cada revelação, ele observava os olhos de Jenine, sorvia com avidez sua esperança que morria, refestelava-se com seu desespero crescente. Sacou uma faca e a virou, deixando-a de frente para Logan.

O rapaz deu um grito mudo, mas Neph o havia amordaçado. Ele arqueou as costas e tentou se desvencilhar das amarras mágicas, contraindo os músculos até fazê-los inchar, imensos, mas escapar da magia do meister era impossível. Seria mais fácil arrancar estrelas do céu.

– Meu senhor – chamou um dos soldados do corredor. – Uma das barças foi destruída. Os meisters precisam da sua ajuda para conter a resistência.

Ver a esperança surgir no olhar da jovem princesa provocou em Roth um calafrio de animação.

– Resistência – repetiu ele. – Talvez eles os salvem! Mas, espere, seu herói já está aqui. Logan, vai ficar aí parado? Não vai salvá-la?

Os músculos dos braços e pernas de Logan incharam, e as amarras mágicas se moveram e ficaram mais finas até Neph tornar a falar, então redobram as forças. O príncipe não conseguia se mexer.

– Acho que não – disse Roth, virando-se outra vez para Jenine. – Mas você é a princesa! Com certeza os guardas do rei virão acudi-la. Ora, aposto que neste exato momento o general está conduzindo homens até aqui para salvá-la! – Ele ajeitou os cabelos para trás de uma orelha dilacerada. – Só que eu matei Agon e todos os guardas do rei. Os heróis acabaram. Ninguém pode salvar você, Jenine.

Roth se posicionou atrás dela e alisou sua barriga lisinha com a mão livre. Rasgou a camisola, arrancou-a, e segurou um seio com a mão. Enquanto uma lágrima escorria pela face de Jenine, curvou-se e beijou seu pescoço como um amante. Encarou Logan com um olhar zombeteiro.

Então, no mesmo lugar em que a havia beijado, cortou-lhe a garganta.

Roth lhe deu um empurrão e Jenine cambaleou para os braços de Logan;

o lado direito de seu pescoço era uma cascata de sangue. Neph soltou as amarras que prendiam o príncipe apenas o suficiente para ele poder segurar a moça, mas não para que levantasse o braço e tentasse estancar a hemorragia.

Os olhos de Logan eram dois poços de horror e pena. Um som que pareceu uma música magnífica aos ouvidos de Roth, de uma alma no limite mais extremo do sofrimento, escapou de sua boca. Logan segurou junto ao peito a pequena moça que arquejava. Roth devorou aquele horror, tentando decorar aquela lembrança, sabendo que precisaria dela nas longas noites escuras.

Mas então Logan se virou e encarou Jenine.

– Estou aqui, Jeni – falou, cravando os olhos nos seus. – Não vou abandonar você.

A delicadeza em sua voz deixou Roth enfurecido. Era como se ele não tivesse mais importância. Com aquele tom tranquilizador, Logan estava afastando a si próprio e Jenine daquele mundo de escuridão, isolando-os em um lugar aonde Roth não podia ir.

Enquanto Jenine encarava Logan, Roth pôde vê-la relaxar, não para se render à morte, mas para longe do desespero.

– Você teria mesmo me amado, não é? – perguntou ela.

Roth sabia que deveria ter cortado mais fundo, que deveria ter seccionado a traqueia, não só aquela única artéria. Deu um tabefe na cara de Logan, mas o golpe poderia muito bem ter sido o zumbido de um mosquito, pois de nada adiantou. O rapaz alto sequer tirou os olhos da princesa.

– Jeni. Jeni – falou, baixinho. – Eu já amo você. Em breve irei encontrá-la.

– Morra de uma vez! – gritou Roth, a menos de um passo de distância.

Os joelhos de Jenine tremeram e Logan tornou a puxá-la para um abraço, fechou os olhos e sussurrou no seu ouvido enquanto a vida dela se esvaía em sangue junto ao seu peito.

– Milorde, eles precisam do senhor agora – disse o mensageiro com mais urgência.

Logan nem olhou para Roth enquanto Jenine estremecia contra o seu peito; apenas seguiu murmurando palavras tranquilizadoras. Ela sorveu mais três inspirações custosas e deu o último suspiro nos braços do marido. Bem devagar, Neph soltou as amarras que a prendiam e ela desabou no chão.

– Não! Não! – esgoelou-se Roth. Ele tinha feito tudo certo e Jenine nem tivera medo de morrer. Quem não tinha medo de morrer? Aquilo não era certo. Não era justo.

Deu um tapa em Logan. Primeiro um, depois outro. E outro. E mais outro.

– Sua morte não vai ser tão fácil, Logan Gyre – rosnou. Virou-se para seus homens. O músculo de seu maxilar estremeceu. – Levem-no para a Bocarra e entreguem-no aos sodomitas.

– Milorde! – disse o mensageiro, tornando a entrar correndo no quarto. – O senhor precisa...?

Roth segurou um tufo de cabelos do sujeito. Esfaqueou seu rosto com fúria, descontrolado, inúmeras vezes. Jogou o homem para o lado e tentou cortar sua garganta, mas em vez disso o acertou acima da orelha. A faca virou e uma larga faixa de couro cabeludo se soltou na mão de Roth. O homem urrou de dor antes de Ursuul segurá-lo outra vez e cortar sua garganta.

Enquanto isso, Neph havia aberto a porta secreta que conduzia para fora do quarto. Ergueu o corpo da princesa com magia e o fez flutuar à sua frente.

– O que está fazendo, Neph?

– O Deus-rei quer exibir todas as cabeças da família real. Sejam quais forem seus planos, meu conselho é: se apresse.

O bruxo não se dirigiu a Roth pelo título. Tudo estava dando errado. Seu pai não demoraria a chegar. Ele se virou, ofegante, segurando no punho fechado a faixa sanguinolenta de pele e cabelos. Tremia de raiva, e os homens que seguravam Logan ficaram brancos feito giz.

– Tragam-me a cabeça dele quando eles terminarem. Mas, antes de

entregá-lo aos sodomitas, cortem fora o pau dele e me tragam as bolas para eu fazer um moedeiro. Quero que ele morra de tanto sangrar enquanto o estiverem arrombando.



A antecâmara na base da torre norte estava dominada por um fedor fortíssimo de sangue e fezes liberadas na hora da morte, ao qual se misturava um cheiro acre de urina. Kylar sentiu ânsia de vômito ao abrir a porta fechada por uma barra de ferro.

Um olhar rápido bastou para ele entender tudo. Os homens foram encurralados lá dentro e tinham sido emboscados por um balestreiro. Fez uma careta desaprovadora. Um balestreiro? Em um recinto pequeno como aquele?

Foi então que reparou na estreita plataforma junto ao telhado, visível em meio às sombras que agora acolhiam seus olhos. Pela maneira como os corpos estavam espalhados, o responsável tinha sido um homem só, que abatera os guardas do rei e os nobres como peixes dentro de um barril.

Então aquele fora o destino dos homens que bravamente tentaram salvar seu príncipe. Pelos rastros de sangue que saíam pela porta, parecia que um único sobrevivente conseguira se arrastar para fora dali.

Kylar subiu correndo a escada, enjoado. Encontrou seis khalidori mortos na entrada. O resto da história ficou bem claro. Surpreendido na cama com a esposa – suas roupas estavam espalhadas pelo quarto –, Logan tinha se levantado e lutado. Matara seis inimigos armados até os dentes, mas, pelas marcas de queimado no chão, fora ferido ou neutralizado com magia.

A julgar pela grande e pegajosa poça de sangue, Roth tinha matado Logan devagar, fazendo-o sangrar copiosamente, ou então o assassinara com

a esposa. Nenhum dos dois corpos se encontrava no quarto. Os khalidori deviam querer o cadáver de Logan junto com os dos outros membros da família real, para que o reino inteiro pudesse ver que estavam mortos e que a linha de sucessão havia sido riscada do mapa.

Uma camisola rasgada estava caída no chão. A princesa, jovem e linda como era, devia estar em algum outro cômodo sendo estuprada até a morte.

Kylar tentou interpretar o que via de outra forma. Sua mente analisou a cena, procurando manter afastado o choque do desespero. Seria possível a princesa ter sido morta e Logan ainda estar vivo?

Mas os soldados não iriam deixar Logan vivo e matar uma princesa que poderiam estuprar. Além de ser herdeiro do trono, ele era um guerreiro, um espadachim de renome. O assassinato do resto da família real fora conduzido com brutalidade, mas com grande precisão e cuidado. Se os khalidori quisessem abrir uma exceção e poupar uma vida por qualquer intervalo de tempo que fosse, não seria a de Logan.

A dor atingiu Kylar como um golpe físico. Logan estava morto. Seu melhor amigo estava morto. E a culpa só podia ser atribuída a Kylar.

Ele poderia ter impedido aquilo. Poderia ter matado Durzo na véspera. As costas do mestre estavam na sua frente, um alvo impossível de errar. Dorian o avisara.

Que dor ele não infligira a Logan? Permitira o assassinato do príncipe Aleine, escondera-lhe a verdade sobre o caso entre ele e Serah, fizera-o ser preso por assassinato e o forçara a romper seu noivado. Agora, Logan tinha sido forçado a se casar com uma menina que não conhecia, e depois assassinado, e a moça que desposara menos de uma hora antes provavelmente fora estuprada e morta.

Kylar desabou no chão e chorou.

– Logan, me perdoe. Foi tudo culpa minha.

Estendeu a mão para se equilibrar e, sem querer, encostou na poça de sangue. Olhou para a mão toda ensanguentada, como havia ficado anos antes, depois de concluir seu primeiro serviço. Era àquele lugar que o assassinato o conduzira. Fizera-o executar um círculo completo. Nos últimos

cinco anos, tornara-se cada vez mais parecido com Durzo Blint. Era um derramador. Tinha um sono agitado e leve. O sangue que cobrira sua mão pela primeira vez nunca fora lavado. Apenas se somara a mais sangue. Não era um erro se o sangue de Logan estava agora nas suas mãos.

Os Drake gostavam de falar em justiça divina: que o Deus transformava pranto em riso, tristeza em alegria. Um derramador era o príncipe mercador da justiça satânica. Assassinato gerava assassinato e, como Durzo tinha falado, outros sempre pagavam o preço.

Será que outros terão sempre que pagar pelos meus fracassos? Será que não há nenhum outro jeito? O sangue em suas mãos dizia que não. A realidade é esta: difícil, desconfortável, odiosa, mas verdadeira.

– Estou quebrando as minhas próprias regras – afirmou um borrão de sombra.

Kylar não ergueu os olhos. Estava pouco ligando se morresse. Mas o homem não disse mais nada. Após um longo intervalo, Kylar falou, amargurado:

– “Não jogue limpo. Um serviço é um serviço”?

Durzo saiu do meio das sombras.

– Kylar, eu tenho uma última regra a ensinar.

– E qual seria, mestre?

– Nunca lute quando não puder vencer.

– Certo. Você venceu.

Durzo ficou um parado por um longo tempo.

– Venha, aprendiz. Aqui está o seu Teste.

– Sua vida se resume a isso? – perguntou Kylar, erguendo os olhos por fim. – Testes e desafios?

– A minha vida? *Qualquer* vida se resume a isso.

– Para mim não basta. Essas pessoas não deveriam estar morrendo. Khalidor não deveria estar vencendo. Não é certo.

– Eu nunca disse que era certo. O meu mundo, Kylar, não se divide em preto e branco, certo e errado. O seu também não deveria. Nosso mundo só tem melhor e pior, sombras mais claras e mais escuras. Independentemente

do que acontecesse hoje, Cenária não poderia vencer Khalidor. Do modo como está sendo, alguns nobres vão morrer em vez de dezenas de milhares de camponeses. É melhor assim.

– Melhor? Meu melhor amigo está morto. Provavelmente estão estuprando a mulher dele! Como você pôde ficar parado sem fazer nada? Como pôde ajudá-los?

– Porque a vida é vazia – respondeu Durzo.

– Porra nenhuma! Se você acreditasse nisso, já teria morrido faz tempo!

– E eu morri mesmo, muito tempo atrás. Todo o bem e todo o mal passam, Kylar. Não podemos fazer absolutamente nada para mudar coisa alguma nem ninguém. Muito menos nós mesmos. Esta guerra vai acabar, haverá um vencedor e pessoas vão morrer por nada. Mas nós vamos continuar vivos. Como sempre. Pelo menos eu vou.

– Não é certo!

– O que você quer? Justiça? É um conto de fadas. Um mito de pelo macio e força reconfortante.

– Um mito no qual você um dia acreditou – disse Kylar, indicando com um gesto a palavra JUSTIÇA gravada na lâmina de Retribuição.

– Eu já acreditei em muitas coisas. Isso não as torna verdadeiras.

– Quem está melhor agora? Logan ou nós? Logan conseguia dormir à noite. Eu odeio a mim mesmo. Sonho com assassinatos e acordo suando frio. Você bebe até perder os sentidos e joga seu dinheiro fora com putas.

– Logan está morto – falou Durzo. – Talvez ele use uma coroa na outra vida, mas isso não lhe adianta muito, não é?

Kylar encarou Durzo com um olhar estranho.

– E é você quem diz que a vida é vazia, insignificante. Que não levamos nada de valor quando tiramos uma vida. Olhe só como se agarra à sua própria. Seu hipócrita filho da puta.

– Todo homem que vale alguma coisa é hipócrita. – Durzo levou a mão até um dos bolsos da frente da roupa e pegou um pedaço de papel dobrado.

– Se me matar, isto aqui é para você. Explica tudo. Considere que é a sua herança. Se eu matar você... bom, quando morrer, farei uma pausa na

descida para as profundezas mais fundas do inferno e me deterei para conversar.

Durzo guardou o papel e sacou uma espada imensa de cujo cabo pendia uma longa fita vermelha. Era mais comprida e mais pesada do que Retribuição, mas, com seu Talento, Durzo conseguia manejá-la com uma só mão.

– Não faça isso – disse Kylar. – Eu não quero lutar contra você.

O derramador chegou mais perto. O aprendiz ficou parado, sem fazer qualquer movimento para se defender.

– Já entregou o Globo dos Limites para ele? – indagou.

Blint parou. Levou a mão a uma bolsinha e sacou o globo prateado.

– Isto aqui? Isto não é nada. Outra falsificação.

Ele atirou-o pela janela. O vidro quebrou quando o objeto o atravessou e saiu voando pela escuridão.

– O que você fez? – indagou Kylar.

– Pelos Anjos da Noite! Você se vinculou ao meu ka'kari. Você se vinculou ao Devorador. Roubou-o de mim. Será que ainda não entendeu?

Era como se ele estivesse falando outra língua. *Vinculou? Devorador?* Kylar pensava ter se vinculado ao ka'kari... devia ter feito isso, pois agora seu Talento funcionava. E Durzo dizia que era só um vidro?

– Inacreditável – disse Blint, balançando a cabeça. – Saque sua espada e lute, garoto.

– A espada agora é minha?

– Não por muito tempo. Você não é digno de me suceder.

Durzo ergueu a própria espada.

– Eu não quero lutar contra você – repetiu Kylar, recusando-se a sacar Retribuição. – Não vou lutar contra você.

Durzo desferiu um golpe. No último segundo, Kylar sacou Retribuição e fez um bloqueio. Um golpe fortalecido pelo Talento se chocou com outro golpe fortalecido pelo Talento. As duas lâminas estremeceram com o impacto.

– Eu sabia que você conseguia – comentou Durzo e exibiu um sorriso

cruel.

Qualquer ilusão que Kylar acalentara de que o mestre pegaria leve porque ele não tivera tempo de aprender a usar seu Talento desapareceu na mesma hora. Durzo partiu para um ataque impressionante com uma rapidez que deveria ser impossível.

Kylar cambaleou para trás, bloqueando alguns golpes e pulando de modo a evitar outros. Durzo usou todas as armas de seu arsenal. Sua espada virou um borrão, tamanha a quantidade de movimentos, e a fita presa ao cabo se transformou em um rio vermelho cintilante. O objetivo dela era desviar os olhos do oponente do ponto de perigo. Qualquer um que fizesse isso receberia um lembrete de aço nas costelas.

Mas não foi só isso que confundiu Kylar. Durzo emendava um golpe da espada na sua cabeça com um chute em seu joelho, seguido por um tabefe em seu rosto com as costas da mão livre. Combinações de golpes se seguiram e se entremearam umas às outras, formando uma correnteza furiosa de movimentos letais.

Com bloqueios e esquivas, Kylar foi chegando cada vez mais para trás. Durzo não lhe deu tempo para pensar, mas o garoto conhecia o recinto, que ocupava todo o último andar da torre, formando um grande círculo que se achatava em uma das extremidades para formar a entrada.

Aos poucos, a própria familiaridade do ato de lutar com Durzo o acalmou. Ele sempre havia perdido, claro, mas dessa vez as coisas seriam diferentes. Tinham que ser.

A corrente de poder fluiu por seus braços com um frêmito que lhe deu a sensação de estar com todos os pelos do corpo arrepiados. Ele aparou um golpe e a espada de Durzo foi projetada de lado como se pesasse um quarto do peso. Blint se recuperou em um piscar de olhos, mas parou de avançar.

Kylar estava em pé a um metro da parede; ao seu lado havia uma escrivaninha de cerejeira. A espada de Blint se moveu na direção de seus olhos, mas foi uma finta. O verdadeiro golpe foi um chute no joelho que sustentava o peso de seu corpo. Kylar caiu para trás na direção da parede e projetou um dos pés, detendo o de Blint em sua trajetória. Imaginando que

sua espada fosse encontrar resistência, Durzo desferiu um golpe forte demais. A pesada lâmina se cravou fundo na escrivaninha.

A parede de pedra bateu nas costas de Kylar quando ele cambaleou e tornou a se endireitar. No entanto, em vez de tentar remover a espada da escrivaninha, Durzo levou as mãos aos ombros e pegou duas espadas de gancho idênticas.

– Detesto essas espadas – disse Kylar.

– Eu sei.

Ainda tentando se adaptar aos efeitos do Talento, Kylar atacou. Até onde podia constatar, o Talento fazia seus músculos se moverem mais depressa e com mais potência, porém até a velocidade com que dois lutadores Talentosos conseguiam lutar tinha limites. O Talento não ajudava a tomar decisões mais depressa, logo não era uma simples questão de acelerar um combate normal. Kylar tinha de ser mais cuidadoso. Se Blint conseguisse passar pelas suas defesas com um chute auxiliado pelo Talento, será que esmagaria suas costelas como se fossem gravetos ou suas costelas também estariam fortalecidas?

Não iria pagar para ver.

Usando as espadas de gancho de forma defensiva, Blint deixou Kylar avançar. Então, quando os dois chegaram perto da cama, começou a usá-las. Kylar desferiu um golpe e Durzo girou sua espada, empurrando Retribuição para longe. Em seguida, golpeou alto com a outra espada.

Obrigado a pular para trás, Kylar se viu empurrado na direção de uma das grandes janelas da torre. Durzo o seguiu e aparou um golpe lento, mas, em vez de desviá-lo, interceptou-o com o outro gancho, prendendo a espada de Kylar.

Quando o garoto projetou o corpo para a frente, Blint guiou a espada por cima de sua cabeça e a tirou da mão dele. Retribuição retiniu no chão atrás de Kylar. Durzo lhe deu um chute no peito e a velocidade de seus pés mal foi afetada pelos braços que Kylar ergueu para sacar as adagas.

O aprendiz foi projetado contra a janela e sentiu o vidro se quebrar, a madeira rachar e o trinco explodir. Teve a sensação nauseante de ser lançado

no vazio.

Tentando agarrar alguma coisa, qualquer coisa, girou o corpo com a mesma graça desesperada de um gato que despenca. Abandonadas à gravidade, suas adagas saíram rodopiando, reluzindo ao luar.

Sua mão quebrou o vidro e agarrou à madeira do batente. Seu rosto se chocou com a parede da torre. O vidro penetrou a carne dos dedos, em seguida encontrou o osso quando sua mão escorregou. Ele conseguiu se segurar.

Pendurado por uma só mão, pestanejou. O sangue escorria por seu braço. O sangue escorria por seu rosto. Ele estava suspenso 60 metros acima do basalto dos alicerces do castelo e da vasta superfície do rio. Vapor saía da única cratera vulcânica da Ilha de Vos, escondendo uma barcaça atracada junto à margem, brilhando sob o luar. Lá embaixo, junto à embarcação, Kylar viu homens conversando. Até mesmo daquela altura, pôde ouvir o tilintar do aço e perceber vislumbres de invasores khalidori subjugando soldados no pátio do castelo.

Então o sargento Gamble surgiu pelo portão da frente. Conduzia os nobres e mais de duzentos soldados cenários. Eles estavam tentando fugir do castelo, como Kylar tinha lhes dito para fazer. No entanto, no mesmo instante em que se aproximaram do portão leste, os khalidori foram reforçados por mais de cem montanhese vindos do lado oposto.

Em segundos, o pátio havia se transformado na linha de frente da batalha e da guerra por Cenária. O castelo e a cidade estavam perdidos. Se os nobres morressem, todo o resto de Cenária também morreria. Se conseguissem passar pelos montanhese reunidos e cruzar East Kingsbridge, poderiam iniciar uma resistência.

Era uma esperança frágil, mas a esperança em Cenária nunca tivera um brilho lá muito ofuscante. Alguma coisa estalou e Kylar caiu 10 centímetros. Escalou atabalhoadamente o batente ao mesmo tempo que ele se partia no peitoril. A última dobradiça protestou e cedeu.

Kylar se jogou sobre a veneziana reforçada. Seus dedos se arrastaram por cima das ripas e conseguiram se segurar. Três ripas quebraram, mas a

veneziana interrompeu sua queda.

A janela saiu voando tranquilamente abaixo dele, dando cambalhotas ao vento. Chocou-se contra as pedras a poucos passos do rio, no lugar exato em que Kylar teria aterrissado se caísse. Então explodiu em farpas e cacos de vidro.

Kylar olhou para cima. As dobradiças da veneziana estavam começando a ceder e a se soltar.

Ah, que ótimo.

Parado no meio da carnificina, Durzo Blint nada via. Vários corpos jaziam espalhados pelo quarto. Lírios recém-colhidos se abriam junto ao leito real: lírios brancos salpicados de sangue.

Uma delicada camisola que um dia já tinha sido branca se empapava em uma grande poça escarlate junto a seus pés. O mosaico do chão exibia um círculo negro chamuscado. O cheiro acre de fogo de bruxo mascarava o perfume que pairava no ar.

Mas tudo o que Durzo conseguia ver era a janela à sua frente. Seu rosto marcado parecia desgostoso. O vento uivava pela janela, fazendo as cortinas se balançarem, soprando seus cabelos grisalhos para dentro dos olhos.

Os dedos da mão direita não paravam de girar uma adaga. Um dedo, depois o outro, depois o outro, pausa. Um dedo, depois o outro, depois o outro, giro. Ele reparou no que estava fazendo e enfiou a arma em uma bainha. Sua expressão ficou neutra. Ele puxou a capa mesclada de cinza e preto em volta dos ombros até cobrir um cinto cheio de dardos, adagas e várias ferramentas e bolsos.

Não deveria ter acabado assim. Eu não deveria estar me sentindo tão vazio. Virou as costas para a janela, então parou. Sua cabeça se inclinou de lado quando ele ouviu alguma coisa em meio aos uivos do vento.

Kylar tentou soltar a veneziana com a mão direita ensanguentada. Seus dedos estavam anestesiados, lacerados, fracos. As dobradiças enferrujadas rangeram bem alto. Retesou-se, mas não havia como abafar o barulho. Sorveu duas inspirações curtas, então deu impulso e, com a força de seu Talento, se projetou em direção à janela aberta.

A veneziana se soltou em suas mãos e ele quase se esborrachou contra a parede de novo; em vez disso, deslizou pelo chão para dentro do quarto.

Seu corpo deu uma rasteira em Durzo, que caiu por cima de Kylar. Uma de suas espadas de gancho saiu voando pela janela. A veneziana ficou entre os dois, prendendo as mãos de Durzo em uma posição esquisita. Kylar aproveitou o momento e bateu com ela na cara do derramador.

– Eu não...

Usando toda a sua força e todo o seu Talento, tornou a bater com a veneziana na cara de Durzo, que saiu voando de cima dele. Kylar rolou para o lado e se levantou com um pulo.

Mas Blint já estava em pé outra vez. Chutou um banquinho para cima de Kylar, que o interceptou com um pé, mas foi pego desequilibrado e tropeçou. Ele aterrissou de cara no chão em cima de um tapete decorativo.

Blint correu feito um raio e ergueu a espada em gancho. Em vez de tentar se levantar ou rolar para o lado, Kylar agarrou o tapete e o puxou. Durzo se projetou para a frente mais depressa do que ele imaginava. Seus joelhos colidiram com o ombro do aprendiz.

A grande espada curva de Durzo continuava cravada na escrivaninha ao lado da janela, mas Retribuição estava mais perto. Kylar a segurou e se virou.

– ...não quero...

O derramador se esticou para pegar a espada de gancho no chão.

– ...lutar contra você!

Kylar pulou em cima dela.

Durzo puxou-a com toda a força de seu Talento. Por um instante,

pareceu que o ferro da espada fosse resistir, mas então ele se partiu a pouco mais de 2 centímetros do cabo.

– Você pode não querer, filho, mas tem alguma coisa em você que se recusa a morrer – falou Durzo.

Ele jogou a espada quebrada para o lado, mas não sacou nenhuma outra arma.

– Mestre, não me obrigue a lutar contra você – disse Kylar, apontando a espada para o pescoço de Durzo.

– Você tomou sua decisão quando me desobedeceu.

– Por que fez o que fez?

– Eu não o teria aceitado como aprendiz, mas pensei que você fosse algo que não é. Que os Anjos da Noite me perdoem.

– Não estou falando de mim! – A mão de Kylar que segurava a espada tremeu. – Por que me fez trair o meu melhor amigo?

– Porque você desrespeitou as regras. Porque a vida é vazia. Porque eu também desrespeitei as regras. – Durzo deu de ombros. – A conta sempre chega.

– Essa explicação não basta!

Durzo uniu as mãos e franziu os lábios.

– Logan morreu gritando, sabia? Patético.

Kylar brandiu a espada. Retribuição partiu na direção do pescoço de Durzo, mas ele nem se mexeu. A lâmina bateu na palma de sua mão e parou como se não estivesse sequer afiada.

Mas as mãos de Durzo continuavam unidas à sua frente. A que segurava a espada de Kylar era pura magia.

A mão mágica arrancou Retribuição de Kylar. Outras surgiram no ar e começaram a golpeá-lo. Ele bloqueou o ataque e cambaleou para trás enquanto Durzo avançava calmamente, inflado de Talento.

Não havia nada que Kylar pudesse fazer. Pôs-se a bloquear os golpes cada vez mais depressa, mas as mãos intensificaram a velocidade. Um poucas geradas por seu próprio Talento ganharam vida à sua frente, débeis, e apararam algumas das investidas, mas não bastaram. Durzo o obrigou a

recuar cada vez mais.

Por fim, mãos seguraram os braços e as pernas de Kylar e o prenderam à parede. Ele não conseguiu se mover nenhum centímetro.

– Ah, garoto – disse Durzo. – Se eu lhe tivesse ensinado a usar o Talento, você teria sido algo realmente especial.

Durzo sacou uma adaga de arremesso. Estava encarando Retribuição, que brilhava escura aos pés de Kylar, tão próxima quanto o luar e tão distante quanto a lua. A expressão em seu rosto cheio de cicatrizes era de angústia e arrependimento.

Kylar acompanhou aquele olhar, também encarou a espada negra que Durzo havia carregado durante tantos anos, e se lembrou...

Com uma cara feia, Durzo arrancou a bolsinha de sua mão e a virou de cabeça para baixo. O Globo dos Limites caiu na sua mão.

– Maldição. Bem como eu pensava – falou.

– O que foi? – indagou Kylar.

Era uma falsificação, mais um ka'kari falsificado.

Mas Durzo não estava com disposição para responder a perguntas.

– A moça viu sua cara?

O silêncio de Kylar bastou como resposta.

– Cuide disso. Não é um pedido, Kylar. É uma ordem. Mate a garota.

– Não – respondeu Kylar.

– O que foi que você disse?

Um sangue escuro escorria de Retribuição e empoçava no chão.

– Não vou matar a garota. Nem vou deixar você matar. Sinto muito, mestre.

– Quem é essa garota por quem vale a pena ser caçado pelo resto da sua curta... – Ele se interrompeu. – É a Menina-Boneca.

– Sim, mestre. Sinto muito.

– Pelos Anjos da Noite! Eu não quero desculpas! Quero obedi... – Durzo ergueu um dedo pedindo silêncio.

Os passos agora estavam próximos. Ele abriu a porta, desapareceu no corredor com uma velocidade sobre-humana e Retribuição cintilou prateada à luz mortiça.

Cintilou prateada? A lâmina de Retribuição é preta.

Ouviu-se o barulho de algo metálico rolando pelo mármore. Ele ergueu uma das mãos e sentiu o ka'kari bater em sua palma estendida.

– Não! Não, isso é meu! – berrou Blint.

Em um instante, o ka'kari empoçou feito um óleo negro.

Durzo dissera que o ka'kari prateado era mais uma falsificação. “Você se vinculou ao o *meu* ka'kari.” Não o prateado, nada disso, mas o que Durzo carregava havia muitos anos, escondido no revestimento da espada Retribuição.

Os ka'karis escolhiam seus próprios mestres. Por algum motivo, o negro escolhera Kylar. Talvez o tivesse escolhido anos antes, no dia em que Durzo lhe batera por ter tornado a ver a Menina-Boneca. Naquele dia em que uma luz azul surgira em volta da lâmina negra. Naquele dia em que Durzo havia gritado: “Não, isso não! Isso é meu!” enquanto um fogo azul incandescente queimava os dedos de Kylar.

Durzo tinha jogado a espada longe para o aprendiz não poder completar o vínculo, pois, se isso acontecesse, não poderia chamar o ka'kari prateado para o mestre. Agora ambos sabiam que ele não o atraía porque era falso. Nunca houvera outro ka'kari na cidade que não o de Durzo.

E Durzo sabia, desde esse dia, que o ka'kari negro estaria perdido para ele para todo o sempre se deixasse Kylar vivo. Chegara a deixá-lo para o aprendiz naquela noite, para ele ter uma chance.

Só que agora era tarde demais.

Durzo parecia querer dizer mais coisas a Kylar, parecia querer externar sua angústia de alguma forma. Mas ele nunca tinha sido um homem de palavras. Em vez disso, a poucos passos de distância, atirou a faca em

direção ao rosto do aprendiz.

O tempo não começou a andar mais devagar. O mundo não se contraiu até a ponta rodopiante da faca. Mas o desespero ferveu no coração de Kylar, aquecido pelo calor de uma esperança insana. Ele não reparou quando sua mão se ergueu, não percebeu como ela havia se soltado, não soube dizer como o ka'kari tinha passado da espada no chão para dentro da sua mão. Mas ele simplesmente passou.

Nessa fração de segundo em velocidade real, uma gosma preta jorrou de seus dedos e se esparramou sobre a faca que girava em direção ao seu peito como um cuspe na calçada.

Quando Kylar tornou a olhar, a faca tinha simplesmente *sumido*.

Ting.

Ele olhou para baixo para ver o que tinha feito o barulho. O ka'kari estava rolando pelo chão na sua direção. Estremeceu ao rolar e, quando subiu por sua bota e se dissolveu na sua pele, Kylar se sentiu invadido por uma onda de poder.

Com um dar de ombros mental, livrou-se das mãos fantasmagóricas que o prendiam à parede. Pôs-se em pé com um movimento fluido, estendeu uma das mãos em direção ao seu antigo mestre e liberou o poder que o atravessava.

Durzo foi arremessado longe como se toda a força de um furacão houvesse sido liberada na sua cara. Deu várias cambalhotas para trás, escorregando e rolando pelo quarto até bater na parede.

Usando o Talento, Kylar pegou Retribuição.

– Não lute quando não puder vencer. E não lute quando não quiser vencer. Certo?

Durzo se levantou com dificuldade e ficou em pé, desarmado. Assumiu uma postura de prontidão e abriu um sorriso de ironia.

– Às vezes lutar é preciso.

– Não desta vez – disse Kylar.

Erguendo a espada, ele avançou correndo. Durzo não se mexeu; apenas ficou encarando Kylar nos olhos, pronto. No último segundo, Kylar se

esquivou de lado e mergulhou pela janela para o ar enluarado que fustigava a torre norte.

Um dos homens que tinha visto na barça era Roth.



Logan não tinha a menor intenção de deixar *ninguém* usar suas bolas como moedeiro, muito menos Roth Ursuul. Na verdade, pretendia matar aquele filho da mãe. O fato de estar desarmado e ainda nu não o preocupava; Roth supunha que isso fosse privá-lo de dignidade, mas a raiva lhe conferia poder. Toda a crueldade, depravação e horror que Logan havia presenciado naquele último dia o transformara. Ele se tornaria um homem. Agora, porém, era apenas uma raiva dura, congelada e cristalina. Calculou que, mesmo com as mãos amarradas, poderia matar os dois guardas. Com a fúria que lhe varava o corpo, não achava que pudesse haver nada capaz de detê-lo.

A não ser a magia. Roth também sabia disso e mandara Neph Dada acompanhar Logan até a masmorra. Ficou claro que o bruxo havia decorado a planta do castelo, pois percorreu sem esforço os corredores de serviço, as escadas dos fundos e os subsolos.

A cidade de Cenária tinha apenas uma cadeia, ligada ao castelo por um único túnel – agora repleto de montanhesees khalidori – e separada do restante da cidade pelos dois braços do rio Plith. Os prisioneiros eram conduzidos até lá de barco. Poucos saíam. Era como se os condenados tivessem sido devorados pela própria terra.

Ou então – pensou o pedacinho de Logan que não havia se transformado em raiva enquanto um cheiro estranho ofendia suas narinas – talvez a prisão se chamasse Bocarra por motivos diferentes. Uma fumaça

emanava constantemente do lado norte da Ilha de Vos e enchia o ar da prisão com um cheiro de enxofre antes de sair para o exterior.

Neph Dada parou em frente a um portão de ferro enquanto um dos homens que escoltavam Logan procurava a chave. Olhou para o sujeito com raiva e acenou com uma das mãos; os filamentos pretos em seu braço mal chegaram a se mover. A fechadura emitiu um clique.

O guarda achou a chave certa e deu um sorriso débil.

– Tenho outros assuntos para resolver – disse Neph. – Vocês conseguem dar conta dele sozinhos daqui em diante?

– Sim, senhor – respondeu o homem, olhando para Logan com um ar nervoso.

O coração do príncipe sorriu. Lutar nu com dois homens armados não tinha uma probabilidade de vitória especialmente alta, mas, com as amarras mágicas de Neph imobilizando seus braços e mal dando às pernas folga suficiente para avançar, não antes havia *nada* que ele pudesse fazer.

– Ótimo. As amarras ainda vão durar dez minutos – disse Neph.

– Tempo de sobra, senhor.

Com um muxoxo, Neph se retirou. O guarda de nariz grande trancou o portão de ferro, dando tempo para Logan se adaptar à penumbra do recinto. À direita e à esquerda havia portas pesadas com janelas fechadas por barras de ferro.

– Caso você esteja com alguma dúvida, estas são as melhores suítes do castelo – disse Nariz. – Uma delícia de lugar. Para nobres. Mas não para você.

Ele deu uma risadinha. Logan o encarou, inexpressivo.

– Aquela rampa ali sobe até a superfície. Mas tampouco é para você.

O guarda com cara de fuinha olhou para Nariz.

– Você sempre provoca os homens que já estão mortos?

– Sempre – respondeu Nariz, enfiando um dedo no dito-cujo. – O que foi? – indagou quando Fuinha olhou para ele. – Estava coçando.

– Cale a boca. Vamos descer até o terceiro?

– Isso, até os Uivos. Vamos logo com isso. – Nariz deu uma batida na

quarta porta ao passar. – Já volto para falar com você, meu bem!

Um grito fraco soou dentro da cela, mas a mulher lá dentro não ergueu os olhos.

– Essa vadia me dá tesão – falou Nariz. – Já viu a cara dela?

Fuinha fez que não com a cabeça, então o homem continuou a falar:

– Ela tem mais cicatrizes na cara do que um montanhês tem pulgas, mas quem precisa olhar para a cara dela, não é mesmo?

– Se tocar nela, o príncipe arrancará sua garganta – falou Fuinha.

– Ah, e como ele vai saber?

– Ele vai descer aqui hoje à noite. Quer libertar nossos meninos do Sa'kagé e dar uma olhada nessa rameira e em uma criança que eles trouxeram.

– Hoje à noite? Bom, eu não levo nem cinco minutos com ela – disse Nariz e riu.

Eles foram descendo por dois níveis de túneis artificiais. O cheiro de pessoas aglomeradas foi ficando mais forte e se misturando a um forte odor de enxofre, esgoto e outras coisas que Logan não conseguiu identificar. De tanto em tanto, ele testava as amarras que o prendiam, mas nada havia mudado. Mal conseguia se mexer. Mesmo assim, manteve os olhos abertos à espreita de qualquer oportunidade. Uma simples fuga não seria suficiente. Precisava matar os dois guardas, pegar as chaves e se lembrar do caminho até a saída.

Os Uivos ficavam no terceiro subsolo, mas, quando eles entraram nas cavernas naturais que haviam apenas sido alargadas com ferramentas, Logan não ouviu ninguém uivar.

– Não queremos ir mais longe – disse Nariz, parando diante de uma porta reforçada por duas barras de ferro. – Aqueles filhos da mãe vão fazer de tudo. O Buraco é o inferno na terra. Não chego perto daqueles animais.

– Buraco? – indagou Logan.

Nariz o encarou com um olhar desagradável, mas pareceu ansioso para meter medo em Logan.

– O Cu do Inferno. É lá que ficam os estupradores, assassinos e

pervertidos tão ruins que até mesmo a força é boa demais para eles. Eles são jogados lá dentro e abandonados para devorar uns aos outros. Têm que beber a água que brota da pedra e os guardas nunca jogam pão suficiente. E às vezes mijam em cima do pão antes de jogar.

– Mas quem vai... você sabe? – perguntou Fuinha, sacando a faca com um gesto canhestro. – Essas amarras não vão durar para sempre.

– Quem vai o quê? – indagou Nariz.

– Você sabe. Cortá-las fora.

Logan testou as amarras, mas ainda estavam fortes. Seus braços continuavam presos junto às laterais do corpo, seu tronco estava muito ereto e seus pés só conseguiam se mover uns poucos centímetros de cada vez. Os guardas sabiam disso. *Ai, meus deuses*. Seu tempo estava se esgotando.

– Eu corto – disse Nariz com um rosnado. Pegou um bastão de imobilizar, passou a corda em volta do pescoço de Logan, em seguida entregou-o para Fuinha. – Segure. Não podemos correr nenhum risco.

Fuinha entregou a faca para Nariz. Era só uma peça comum, mas Logan cravou os olhos nela. O medo começou a se misturar à raiva. *Eles vão conseguir. Pelos deuses, não*. Debateu-se, agitando braços e pernas como um animal. Por mais que se sacudisse, girasse ou virasse, porém, mal conseguiu se mover um centímetro.

Nariz riu e Fuinha apertou a corda no pescoço de Logan até ele começar a ficar roxo. Estava pouco ligando. *Melhor me matarem agora. Ai, meus deuses!*

– Que pena você não ter trabalhado mais tempo comigo – falou Nariz.

– Por quê? – indagou Fuinha, nervoso, segurando o bastão com as duas mãos.

Nariz cravou a faca no olho do colega. O outro guarda ficou na ponta dos pés, se debateu com violência, então caiu no chão.

– Porque eu teria tentado incluir você no plano – respondeu Nariz.

Rindo consigo mesmo, cortou a corda que cingia Logan pelo pescoço. O príncipe o encarou, emudecido de estupefação. Sua raiva e seu medo começaram lentamente a perder força.

Nariz não lhe deu qualquer atenção.

– Quando conseguir se mexer, vista isso. Desculpe não terem mandado alguém mais do seu tamanho – falou, despindo o cadáver de Fuinha.

– Quem diabo é você? – Logan quis saber.

– Pouco importa – respondeu Nariz, atirando-lhe a calça de Fuinha. – O que importa é para quem eu trabalho. – Ele baixou a voz para que os prisioneiros não o escutassem: – Eu trabalho para Jarl. Amigo de um amigo seu.

– Para quem?

– Jarl me pediu para dizer que ele é amigo de um amigo. – Nariz cortou as roupas de baixo de Fuinha com a faca. – Só estou repetindo o que me mandaram di...

– O que você está fazendo? – interrompeu Logan.

– Cortando o saco dele.

– Ai, cacete!

Logan fechou os olhos. Teria virado as costas se as amarras mágicas permitissem.

Nariz o ignorou e seguiu cortando.

– Que droga! Bom, não são nada bonitas, mas vão servir. Que sorte os pelos serem da mesma cor dos seus, não é? – Levantando-se, ele sacudiu para Logan um pedaço de pele. – Olhe aqui, bonitão, a ideia não foi minha. Mas, se Roth encontrar estas bolas depois que você e eu tivermos sido, de modo bem conveniente, “mortos durante a rebelião”, talvez fiquemos os dois vivos. Entendeu?

– Não.

– Pior para você. Não temos tempo. Aquelas merdas que eu disse quando estávamos descendo são verdade. Tem uma mulher e uma menininha lá em cima, no primeiro conjunto de celas. Jarl quer que as soltemos. Ele está interessado em saber por que Roth as quer. Parece que as suas amarras estão enfraquecendo. Segure uma das pernas.

Logan constatou que conseguia mover os braços se empurrasse com força suficiente, e seus pés estavam quase soltos. Segurou uma das pernas de

Fuinha, evitando olhar para suas partes baixas, e começou a arrastá-lo junto com Nariz.

– Quer dizer que você disse aquilo tudo só para eu ficar sabendo?

Nariz fez uma careta para as barras de ferro compridas atravessadas acima de um vão escuro no chão. O Buraco era fundo o bastante para Logan não conseguir ver o fim à luz fraca da tocha. Nariz pegou uma chave e destrancou um pequeno portão do lado de cá das barras. Ruídos de coisas se arrastando e grunhidos que Logan mal podia chamar de humanos subiram de lá.

– E para ver se ele sabia alguma coisa que eu não sabia antes de matá-lo – falou Nariz. – Vamos jogá-lo lá dentro. Não se preocupe: é bem fundo e as paredes são íngremes.

Logan avançou com relutância para ajudar. Ainda não conseguia se mover o suficiente para se agachar e segurar o portão, de modo que Nariz o abriu e Logan jogou Fuinha dentro do buraco.

Gritos de alegria demoníacos encheram o ar e uma briga logo estourou lá embaixo. Com um calafrio, Logan se afastou do Buraco.

– E agora, qual é o plano?

– Plano? – Nariz olhou para a escuridão lá embaixo e balançou a cabeça.
– O plano é darmos o fora daqui. Se Roth sair vencedor hoje, irá atrás de você como um louco. Jarl vai mandar vários homens dizerem que viram o seu cadáver. Outra pessoa vai ter me visto morto. Por fim, vai confessar ter saqueado o meu corpo. E vai mostrar a Roth o seu “moedeiro”.

– Não é grande coisa como plano – comentou Logan. – Quer fechar essa droga de grade?

– Tem centenas de homens morrendo lá em cima. Tentar descobrir o que aconteceu com qualquer um deles vai ser impossível. Roth sabe disso. De qualquer forma, é o melhor que podemos fazer se quisermos manter nossas cabeças sobre os ombros. Jarl vai ter que resolver se a história do “moedeiro” é demais.

Nariz olhou mais uma vez para dentro do Buraco, do qual emanavam os ruídos inconfundíveis de criaturas se alimentando. Virou-se para Logan com

um sorriso debochado.

– Dá o que pensar, não é?

Logan balançou a cabeça, nauseado. Tornou a olhar para Nariz a tempo de ver um fino laço emergir voando de dentro do Buraco e cair exatamente sobre os seus ombros.

Em um piscar de olhos, viu que a corda era feita com tendões trançados, e teve um pensamento idiota: *Que animal lá embaixo é grande o suficiente para eles conseguirem fazer uma corda com seus tendões?*

Os olhos de Nariz se encheram de terror quando a corda se retesou e o puxou para o chão. Ele desabou em cima da grade aberta e abriu braços e pernas para tentar evitar cair lá dentro. No entanto, o ato de erguer os braços fez o laço deslizar de seus ombros até em volta do pescoço. Uma risada descontrolada que mais pareceu um cacarejo subiu de dentro do Buraco. Logan cambaleou para a frente, movendo-se mais depressa do que tinha feito na última meia hora, mas mesmo assim foi lento demais.

Os olhos de Nariz saltaram das órbitas à medida que a pressão na corda em volta de seu pescoço aumentava. Devia haver uns cinco homens puxando lá embaixo. Seus braços fraquejaram quando ele piscou para Logan os olhos grotescamente esbugalhados. Então seus braços se dobraram e ele escorregou para dentro do Buraco.

Logan tentou segurá-lo. Em vez disso, cambaleou, tropeçou nos últimos vestígios das amarras mágicas que o prendiam e pegou-se rolando na direção do Buraco.

Segurou as barras e olhou lá para baixo. Pôde discernir vagamente as silhuetas de homens amontoados, com os membros a subir e descer, guinchando e agarrando uns aos outros. Nariz se debatia aos gritos.

Logan passou um minuto inteiro grudado na grade, sem conseguir mover braços nem pernas o suficiente para se afastar. Aos poucos, Nariz parou de se esgoelar e as formas escuras se afastaram umas das outras para comer.

Até que um dos homens viu Logan e gritou.

Ele se jogou para o lado com o máximo de força de que foi capaz. Sentiu

a magia enfraquecida ceder. Caiu de costas sobre as pedras irregulares, em seguida sentou-se e empurrou o portão para fechá-lo.

A chave tinha caído da mão de Nariz quando a corda o jogara no chão, mas Logan tremia tanto que não conseguiu trancar o portão. Trôpego, levantou-se e começou a subir o corredor.

Vestiu as roupas de Fuinha, esticando-as sobre o próprio corpo mais alto e mais musculoso. Teve sorte de as roupas serem folgadas, ou não teriam servido. Depois de calçar as botas, levantou-se.

Tentou reunir forças para voltar e trancar a grade. Mesmo que nunca mais visse uma prisão, sabia que teria pesadelos com aquele dia para o resto da vida. A última coisa que ele queria era voltar a descer o corredor comprido em direção ao Buraco.

Mas não podia deixar animais como aqueles terem a mais ínfima chance de fugir.

Desceu o corredor com cuidado, devagar, muito embora soubesse que deveria andar depressa. A vários passos da grade, parou. Ela continuava no mesmo lugar, mas ainda podia ouvir os barulhos dos homens lá embaixo rasgando carne. Sentiu ânsia de vômito.

Um ruído de vozes se aproximando chegou a seus ouvidos. Os compridos corredores de pedra fizeram as palavras chegarem até ele.

– Ei, você! – gritou uma voz com sotaque khalidori.

Um dos homens na última sequência de celas antes do Buraco respondeu, mas Logan não conseguiu distinguir suas palavras.

– Dois soldados e um prisioneiro passaram por aqui?

Logan gelou enquanto o outro homem murmurava alguma coisa.

– Viu? – disse a voz. – Eles não vieram por aqui. E, acredite, você não vai querer descer no Buraco.

Em silêncio, Logan bendisse o prisioneiro que havia mentido, decerto mais pela força do hábito de enganar as autoridades do que para salvá-lo.

– E você acha que um prisioneiro vai lhe dizer a verdade? – indagou um homem com sotaque khalidori culto. – O príncipe exigiu confirmação de que Logan Gyre está morto. Todos os seus homens têm cooperado e

vasculhado o resto desta masmorra. Por acaso está tentando nos atrapalhar?

– Não, senhor!

Uma luz vermelha artificial e firme iluminou o longo corredor.

Um bruxo. Ai, merda, para onde eu posso ir?

À luz débil da tocha, Logan tornou a examinar o corredor. Mas não havia nenhum nicho, nenhum espaço dentro do qual se encolher. Aquilo era um beco sem saída.

Será que fui poupado tantas vezes da morte só para isso?

Cogitou partir para cima dos homens. Só com uma faca, a luta seria apertada, mas se conseguisse matar o bruxo primeiro...

– Este lugar é poderoso; me deixa até tonto – disse outra voz.

– É mesmo – retrucou o primeiro bruxo. – Eu não sentia tanta maldade em um único espaço desde... bom, desde que conheci o nosso suserano.

Por algum motivo, eles acharam isso engraçado. O coração de Logan se apertou quando ele escutou pelo menos seis risadas. Seis homens. Talvez cinco bruxos. Pelo menos dois. Ainda que fossem dois bruxos e quatro soldados, Logan estava perdido. E a luz vermelha ficava cada vez mais forte; eles estavam a poucos passos de distância.

Com grande apreensão, Logan olhou para a grade no chão. Era a única saída. O conde Drake tinha lhe dito que a vida era preciosa, que o suicídio era uma solução de covarde, um pecado contra o Deus – que era jogar o presente de volta na sua santa cara.

O que era mesmo que Kylar falara certa vez? Eles haviam recebido propostas de prostitutas do mercado negro, que trabalhavam sem o controle ou a proteção do Sa'kagé. As meninas, nenhuma delas com mais de 12 anos, haviam se oferecido especificamente para práticas degradantes das quais Logan nem ouvira falar. Kylar apenas comentara: “Você ficaria surpreso com o que seria capaz de fazer para ficar vivo.”

Você ficaria surpreso com o que seria capaz de fazer para ficar vivo.

Abriu a grade e escorregou lá para dentro. Pendurou-se nas barras de ferro com uma das mãos enquanto a trancava. Então tornou a guardar a chave em um dos bolsos, sacou a faca e se soltou para dentro do inferno.



Foi só quando estava voando pelos ares que Kylar percebeu como estava distante do rio. Já deveria ter sabido. Menos de cinco minutos antes, estava pendurado naquela mesma janela, olhando para aquela mesma vista. Só que agora a vista estava aumentando de tamanho. E rápido. Ele não cairia em cima das pedras. Isso era bom. Em compensação, bateria no rio a uma velocidade incrível, de cara. Talvez um mergulhador experiente pudesse fazer aquilo sem risco, mas não era o caso de Kylar.

O rio preencheu todo seu campo de visão e ele estendeu as mãos para a frente. Um fino triângulo de Talento envolveu seu corpo. Ele então mergulhou no rio. As mãos estendidas de nada adiantaram, mas o triângulo de Talento o protegeu. Ele penetrou na pele do rio como se fosse uma farpa.

O triângulo explodiu um segundo depois do impacto e a água o atingiu com brutalidade. Ele estava sonhando outra vez, se é que era mesmo um sonho quando... *Quando o quê?* Os pensamentos escorreram por entre seus dedos e ele os perdeu.

Era o sonho que ele tivera toda vez que vira a morte nos últimos dez anos. Como sempre, por um breve instante, soube que não era realidade. Mas não conseguiu sair dele. O sonho o dominou. Ele voltou a ter 11 anos.

A oficina de barcos é escura, abandonada e fria sob o luar prateado. O terror que Azoth sente ultrapassa qualquer limite, muito embora ele tenha planejado aquilo. Então ele se vira e Rato está bem atrás dele, nu.

Azoth vai chegando perto do buraco onde os barcos antes eram içados

das águas imundas do Plith, vai se aproximando da corda amarrada ao buraco e do laço que fez na ponta da corda.

– Me beije outra vez – diz Rato bem na frente de Azoth, estendendo as mãos com desejo para agarrá-lo.

Cadê o laço? Ele tinha deixado ali, não tinha? Vê a pedra que deveria arrastar Rato para uma morte aquática, mas onde está o...?

Rato o puxa para si, Azoth sente seu hálito quente no rosto e as mãos começam a puxar suas roupas...

Kylar bateu no fundo do rio com um baque. Seus olhos se abriram por uma fração de segundo e ele viu Retribuição a poucos centímetros do próprio rosto. Com o choque do impacto, a espada fora arrancada de sua mão. Tinha sorte de não ter se quebrado em pedacinhos. Tinha sorte de a espada prateada ainda estar por perto.

Consciente de súbito da ardência nos pulmões, Kylar pegou Retribuição e começou a nadar em direção à superfície.

Quanto tempo passei aqui embaixo? Não poderia ter sido mais de um instante, ou teria sido levado pela correnteza e se afogado. Segundos depois, espantou-se ao constatar que respirava ar outra vez, sem ferimento algum, pelo menos não provocado pela queda. Seu nariz e seus dedos ainda sangravam, porém, e tingiam um pouco a água ao seu redor. A correnteza o jogou contra uma rocha e ele se agarrou a ela.

Tinha ido parar nas pedras no lado da Ilha de Vos, debaixo de East Kingsbridge, bem na altura em que ficava a propriedade dos Jadwin na outra margem do rio. A margem em que estava servia também de base para o muro do castelo, de modo que, para subir a correnteza, ele precisava escalar um pouco e nadar outro tanto. Levou dez exaustivos minutos para chegar a um ponto no qual pudesse sair da água outra vez.

O cais onde tinha visto Roth ficava na ponta norte da ilha. Para chegar lá, precisaria seguir pela água e pelos rochedos que margeavam o rio, ou então passar pela construção atarracada e fedida que cobria a Fenda da Ilha de Vos.

Não achava que fosse conseguir continuar pelas pedras por mais dez ou

vinte minutos. Mesmo que Roth estivesse lá quando ele chegasse, estava fraco demais para ir por esse caminho. Seu nariz finalmente havia parado de sangrar e ele enfaixara a mão, mas a hemorragia iria recomeçar se tentasse nadar. Sua mão latejava e seu corpo inteiro estava enfraquecido pela perda de sangue.

Se aquela fosse qualquer outra noite, ele teria ido embora. Não estava em condições de tentar assassinar ninguém. Mas a lógica não significava muita coisa. Não naquela noite. Não depois do que Roth tinha feito.

O prédio que ficava na Fenda da Ilha de Vos era quadrado, feito de pedra, com 30 passos em cada lateral e um único andar acima do chão. Tratava-se, supostamente, de um prodígio de engenharia, mas Kylar pouco sabia a respeito. Imaginou que os nobres não se deixassem impressionar por um prodígio que cheirava a ovo podre.

Prosseguir era uma estupidez. De tão exausto, Kylar mal conseguia pensar em usar seu Talento. Para usá-lo, era preciso certo tipo de força própria. Apoiou-se na pesada porta e reuniu-a. Continuava segurando Retribuição. Baixou os olhos para a espada e encarou a palavra gravada na lâmina. JUSTIÇA. Só que agora não estava mais escrito isso. Pestanejou.

PIEDADE, dizia a mesma caligrafia prateada, no lugar exato em que antes se lia JUSTIÇA em preto. No cabo, na perpendicular, agora também em prata – antes era o mesmo negro do ka'kari – estava escrito VINGANÇA.

O ka'kari havia sumido. Kylar estava tão atordoado de cansaço que, por um instante, se desesperou. Então se lembrou para onde o ka'kari tinha ido. *Ele entrou na minha pele?* Com certeza devia ter sido o cansaço, a sua imaginação. Uma alucinação.

Virou a mão com a palma para cima e um suor negro de repente brotou da pele, como se fosse óleo: fluido durante um segundo, logo se coagulou até virar uma esfera morna de metal, que era agora tão negra quanto a meia-noite e não tinha nenhuma característica especial. Um ka'kari negro. As histórias de Logan só mencionavam seis: branco, verde, marrom, prateado, vermelho e azul. O imperador Jorsin Alkestes e seu arquimago Ezra os haviam entregado a seis guerreiros, desprezando um dos melhores amigos de

Jorsin, que então o traíra. Depois da guerra, os seis ka'kari tinham sido objeto de grande cobiça e quem os segurava não demorava a morrer.

Kylar tentou lembrar o nome do traidor. Acaelus Thorne. Jorsin não o tinha desprezado, afinal. Ao fingir desprezá-lo, dera ao melhor amigo uma possibilidade de escapar e, ao mesmo tempo, manter um dos artefatos longe das mãos inimigas. Como ninguém sabia da existência do ka'kari negro, Acaelus tinha sobrevivido.

Durzo havia assinado a carta como “A Thorne”.

– Pelos deuses – disse Kylar entre os dentes. Não podia pensar naquilo agora, não podia parar, do contrário não conseguiria recomeçar a avançar. Pediu ao ka'kari: – Por favor, me sirva.

Espremeu a esfera e o ka'kari se dissolveu e começou a correr por sua pele, por cima das roupas, pelo rosto, pelos olhos. Ele se encolheu, mas continuou a ver perfeitamente; ainda via no escuro como se fosse natural. Baixou os olhos para as próprias mãos, para sua espada negra, e as viu tremeluzir com magia e sumirem. Suas mãos não estavam apenas envoltas em sombras: elas haviam sumido. Kylar não era mais uma sombra como antes. Estava invisível.

Não houve tempo para ficar assombrado; ele tinha um trabalho a executar. Fazia pelo menos dez minutos que vira Roth no cais. Se era para ele morrer naquela noite, Kylar precisava agir. Arrombou a fechadura e entrou.

Fazia um calor sufocante no interior da construção. Passarelas de madeira cercavam uma chaminé central gigantesca, com 15 passos de diâmetro, feita com largas chapas de metal presas por rebites e sustentadas por uma moldura externa de madeira. A chaminé descia pelo menos quatro níveis abaixo do chão até chegar à fenda natural na crosta da terra.

Ao espiar as profundezas escuras da Fenda, Kylar entendeu por que as pessoas chamavam aquilo de prodígio. Os homens que trabalhavam ali não só utilizavam a força do ar quente que saía da própria terra, mas também impediam o Plith de se derramar para dentro da terra.

Se isso acontecesse, o rio ferveria, os peixes morreriam, os pescadores seriam dizimados e Cenária perderia sua principal fonte de alimento.

Mesmo agora, alheios ao caos a menos de meio quilômetro dali, havia homens trabalhando: fazendo manutenção em cordas, verificando polias, lubrificando engrenagens, substituindo chapas de metal.

Kylar percorreu uma longa passarela, fez algumas curvas e se viu em uma encruzilhada na qual podia escolher entre seguir até uma porta abaixo do nível do chão ou subir até uma porta de serviço junto ao escoamento da chaminé, no lado norte da construção – onde Roth devia estar.

Resolveu descer. A passagem ficava ao lado de uma porta dupla usada para trazer peças grandes de equipamento. Kylar abriu uma fresta. Em pé do lado de fora havia uma jovem bruxa, com os cabelos presos para trás e os braços cruzados marcados pelo vir. Estava olhando para cima, na direção de uma rampa de pedra comprida. Alguém dizia alguma coisa para ela, mas Kylar não conseguiu ver a outra pessoa. Depois dela havia mais uma dúzia de outros bruxos vestidos de modo semelhante.

Kylar fechou a porta com cuidado. Voltou até a outra seção da passarela e abriu a porta que ficava na porção horizontal da chaminé, que ali parecia um túnel de vapor. Tinha 15 passos de largura até se reduzir a 4 no último ventilador. O piso era feito de chapas metálicas reforçadas, de modo que os operários pudessem ficar em pé lá dentro, ou no imenso ventilador situado logo antes de a chaminé virar para baixo, ou no último e bem menor ventilador antes de o ar quente ser expelido para a atmosfera de Cenária. O ventilador mais ao norte girava devagar o bastante para Kylar conseguir ver Roth por entre as pás.

Entrou no túnel com cuidado, testando o piso para ver se iria ranger. Nenhum barulho. No entanto, antes mesmo de fechar a porta depois de passar, Kylar sentiu um vago incômodo.

Resfriada após a longa subida pela chaminé de metal, a fumaça de enxofre escorria preguiçosamente pelo túnel rumo ao ar noturno lá fora. Pesada, enroscava-se e se agitava, preenchendo todo o terço inferior do túnel. A única luz provinha da lua lá fora, mas era filtrada pelo ventilador que girava. Com a densa fumaça e as sombras em movimento, a visão de Kylar não era melhor do que a de qualquer outro homem.

Tem alguém aqui dentro.



O coração de Durzo acabara de pular pela maldita janela. Ele ficou olhando Kylar subir à superfície.

Espantoso. *Em todos os meus anos, nunca tentei algo tão estúpido. Ele vai e faz isso no seu primeiro dia... e dá certo.* Kylar subiu rastejando pela margem e começou a avançar para o norte. Durzo sabia para onde ele estava indo. Que idiota mais cabeça dura. Ele sempre tivera essa tendência, desde o dia em que se recusara a aceitar que havia fracassado no assassinato de Rato e voltara para matar o pervertido menos de três horas depois.

Kylar fazia o que achava certo, que se danassem as consequências e a opinião de qualquer um. Lembrava Jorsin Alkestes. O aprendiz havia escolhido ser leal a seu mestre, tinha se agarrado a essa lealdade mesmo contra a vontade de Durzo. Havia depositado sua fé em Durzo Blint da mesma forma que Jorsin tinha feito. Kylar não passava de um maldito garoto, mas também pusera sua fé em um homem bem pior do que Acaelus Thorne.

A dor fazia vibrar cada corda da vida de Durzo Blint. Ao longo dos anos, ele se fizera passar por milhares de pessoas, então quem houvesse acreditado nele durante essas personificações podia ser descartado. Mas Jorsin o havia conhecido. Kylar o havia conhecido. Não pela primeira vez em sete séculos, existir era o mesmo que sofrer. O mundo era todo feito de sal e Durzo Blint era uma ferida aberta. *Onde foi que eu errei?*

Moveu-se. Afinal, como todos os homens que Acaelus Thorne já tinha

sido, Durzo Blint era um homem de ação. Seu Talento se acumulou ao redor das mãos e dos pés – que engraçado ainda funcionar assim, mesmo ele tendo perdido o ka'kari – e ele pisou para fora da janela. Não caiu.

A magia em volta de seus pés aderiu à pedra e ele se inclinou para a frente e se apoiou nela com as mãos, pendurando-se de cabeça para baixo no muro do castelo feito um inseto. Kylar não tinha aprendido todos os truques de Durzo. Ora, ele nem tinha visto todos eles.

Como sabia para onde Kylar estava indo, e sabia como chegar lá mais rápido do que ele, não teve pressa. O ruído de armas se chocando no pátio chamou sua atenção. Ele se cobriu de sombras e engatinhou pelo muro até lá.

A luta estava empatada. Duzentos guardas cenários e os quarenta e tantos nobres inúteis que os acompanhavam não conseguiam demover os cem khalidori que impediam sua passagem pelo portão de East Kingsbridge. Os montanheses tinham consigo meia dúzia de meisters, mas, naquele estágio da batalha, estes não serviam de grande coisa a não ser para dar apoio psicológico. Já tinham usado quase toda a magia de que eram capazes.

Com olhos treinados por anos de batalhas e pelas artes do assassinato, Durzo identificou os pontos-chave do combate. Às vezes era simples assim. Os oficiais em geral eram importantes. Meisters também, mas às vezes havia soldados normais nas linhas de combate que davam força aos outros em volta. Se você matasse os pontos-chave, a batalha inteira mudava de curso. Do lado khalidori, eram dois oficiais, três dos meisters e um montanhês que mais parecia um gigante. Do lado cenário havia apenas dois: um sargento armado com um arco alitaerano e Terah Graesin.

O sargento era um soldado ordinário que, apesar da idade, devia estar travando sua primeira batalha. Durzo conhecia a expressão em seu rosto. Aquele era um homem que havia ingressado nas Forças Armadas para se encontrar, e que finalmente havia se encontrado em combate. Passara por seu próprio Teste e aprovara a si mesmo. Essa aprovação era algo muito potente e todos os homens em volta do sargento sentiam isso.

Terah Graesin, é claro, teria se destacado em qualquer grupo. Toda peitos

e arrogância, com seu vestido azul rasgado, ela era uma verdadeira aparição. Não acreditava que nenhum mal fosse ter a ousadia de se apresentar na sua frente. Achava que todos à sua volta iriam obedecer-lhe, e os homens também sentiam isso.

– Sargento Gamble – disse uma voz conhecida logo abaixo de Durzo.

O sargento disparou outra flecha e matou um meister, mas não foi um dos importantes.

O conde Drake entrou pelo portão da frente e segurou o sargento.

– Estão chegando mais cem montanhesees – falou e sua voz quase foi tragada pelo barulho das armas se chocando e pelos homens que passavam de um lado para outro do pátio.

Ver o conde pôs ainda mais sal na ferida que Kylar tinha aberto. Durzo pensava que Drake fosse ficar em casa, mas ali estava ele, ainda adoentado por causa do seu veneno, prestes a morrer como todos os outros.

– Que droga! – praguejou o sargento.

Durzo virou as costas. Os cenários seriam massacrados. Aquilo estava fora do seu controle. Ele tinha o próprio encontro com o juízo final.

– Anjo da Noite! – berrou o sargento. – Se for lutar conosco, lute agora! Anjo da Noite! Venha!

Durzo gelou. Só podia supor que Kylar já tivesse intervindo de alguma forma dentro do castelo. *Muito bem, Kylar. Farei isso por você, pelo conde, por Jorsin e por todos os tolos que acreditam que até mesmo um assassino pode fazer algo bom.*

– Pois me dê o seu arco então – falou Durzo.

Sua voz saiu dura, ameaçadora, matizada com Talento para ter mais alcance. O sargento Gamble virou a cabeça depressa. O conde Drake e ele olharam para a sombra do outro lado do portão. O sargento lhe lançou o arco e uma aljava com flechas novas.

Durzo segurou o arco com a mão e a aljava com o Talento. Enquanto preparava a primeira flecha, removeu outra da aljava com o Talento. Agachou-se junto ao muro vertical e, em um instante, cravou o olhar em suas vítimas.

O montanhês gigante foi o primeiro a cair, atingido por uma flecha entre os olhos. Depois foi a vez dos meisters, todos eles, seguidos pelos oficiais. Por fim, foi a vez do grupo de montanheses que estava logo em frente à ponte. Em menos de dez segundos, Durzo esvaziou a aljava. Vinte flechas. *Uma bela caçada*, pensou. Mas Gaelan Starfire, afinal de contas, era um ás no manejo do arco.

Durzo tornou a lançar o arco para o sargento Gamble, que ainda não parecia compreender o que havia acontecido. O conde Drake era outra história. Ele não olhou para o pátio quando a linha de soldados cenários avançou para a brecha aberta pelos inimigos caídos. Não se espantou com a súbita hesitação das fileiras khalidori, que começariam a debandar em poucos segundos. Olhava para Durzo.

O sargento Gamble resmungou um palavrão admirado, mas a boca do conde Drake se abriu para dizer uma bênção. Durzo não conseguiu suportar aquilo. Já tinha desaparecido.

Chega de bênçãos. Chega de piedade. Chega de sal. Chega de luz nos meus cantos escuros. Que tudo isso termine. Por favor.



O medo varou o corpo de Kylar e o rapaz se abaixou no meio da fumaça. Uma batida e um rangido metálico ecoaram acima dele. Ele rolou no chão e viu a ponta de uma faca despontar da porta e outra da chapa de metal da chaminé.

– Então você entendeu que ele o tornaria invisível? – perguntou Durzo Blint no escuro, perto do grande ventilador na extremidade sul do túnel.

– Que droga, Blint! Já disse que não quero lutar – falou Kylar, em seguida saiu de onde estava.

Vasculhou a escuridão. Mesmo que Durzo não estivesse totalmente invisível, com aquela fumaça e o jogo de luz e sombras, era como se estivesse.

– Belo mergulho, garoto. Está tentando virar uma lenda também? – indagou Blint, mas com uma voz estranhamente embargada, cheia de pesar.

Kylar cambaleou. Durzo estava agora perto do ventilador menor, na extremidade norte do túnel. Devia ter passado a um passo de distância dele para chegar lá.

– Quem é você? – perguntou Kylar. – É Acaelus Thorne, não é?

Quase se esqueceu de mudar de lugar. Uma faca passou a um palmo da sua barriga e ricocheteou na parede.

– Acaelus era um tolo. Ele bancou o Diabo, e agora eu vou cobrar o que ao Diabo é devido. – A voz de Durzo estava emocionada, rouca. Ele tinha chorado.

– Mestre Blint – disse Kylar, chamando-o pelo título honorífico pela primeira vez desde que havia pegado o ka'kari. – Por que não se junta a mim? Ajude-me a matar Roth. Ele está lá fora, não está?

– Está lá fora junto com um barco inteiro de meisters e vürdmeisters – respondeu Durzo. – Acabou, Kylar. Daqui a uma hora Khalidor vai tomar o castelo. Outros montanheses vão chegar quando o dia nascer, e um exército de soldados khalidori já está marchando em direção à cidade. Qualquer um capaz de liderar um exército contra eles está morto ou fugiu.

Um gongo distante soou e reverberou pela garganta metálica da chaminé. Um ar quente começou a subir das profundezas. Kylar se sentiu mal. Seu trabalho de nada adiantara. Alguns soldados mortos, alguns nobres salvos... nada havia mudado.

Andou sem fazer barulho até o pequeno ventilador norte, que agora girava mais depressa. Por entre as pás, pôde ver Roth confabulando com os bruxos.

Durzo tinha razão. Eram dezenas de bruxos. Alguns retornavam para as barcaças, mas pelo menos uns vinte acompanhavam Roth, que tinha também uma escolta composta por uma dúzia de gigantes montanheses.

– Roth matou o meu melhor amigo – disse Kylar. – Eu vou matá-lo. Esta noite.

– Então terá que passar por mim.

– Não vou lutar contra você.

– Você sempre se perguntou se conseguiria me derrotar quando chegasse a hora – falou Durzo. – Eu sei que pensou. E você agora tem o seu Talento e o ka'kari. Quando era menino, jurou que não deixaria ninguém bater em você. Nunca mais. Disse que queria ser um assassino. Eu transformei você em assassino ou não?

– Vá se foder! Eu não vou lutar contra você! Quem é Acaelus? – gritou Kylar.

A voz de Durzo aumentou de volume e começou a entoar um cântico mais alto do que o barulho dos ventiladores e do vento quente:

A mão dos maus se erguerá contra ele,

Mas não prevalecerá.

As facas deles serão devoradas

As espadas dos injustos o transpassarão

Mas ele não cairá

Saltará dos telhados do mundo

e derrotará príncipes...

Blint interrompeu o cântico.

– Eu nunca consegui – falou baixinho.

– Do que você está falando? O que é isso? Uma profecia?

– Esse não sou eu, assim como o Guardião da Luz não era Jorsin. É você, Kylar. Você é o espírito da retribuição, o Anjo da Noite. Você é a vingança que eu mereço.

A vingança vem de um amor pela justiça e de um desejo de reparar os erros. Mas a vingança é uma maldição. Três faces tem o Anjo da Noite, avatar da Retribuição: Vingança, Justiça, Piedade.

– Mas eu não tenho nada para vingar. Eu devo a minha vida a você – disse Kylar.

O semblante de Durzo ficou sombrio.

– Sim, esta vida de sangue. Kylar, eu passei quase setecentos anos servindo a esse ka'kari. Servi a um rei morto e a pessoas que não eram dignas dele. Vivi nas sombras e fiquei igual às criaturas das sombras. Dei tudo o que eu era em troca de um sonho que nunca cheguei a entender. O que acontece quando se tira todas as máscaras que um homem usa e se encontra debaixo delas não um rosto, mas nada? Eu falhei com o ka'kari uma vez. *Uma única vez*, em setecentos anos de serviço, e ele me abandonou. Eu não envelheci um só dia, Kylar, nenhum dia sequer em setecentos anos. Aí vieram Gwinvere e Vonda. Eu a amei, Kylar.

– Eu sei – disse Kylar com delicadeza. – Sinto muito por Vonda.

Durzo fez que não com a cabeça.

– Não. Eu não amei Vonda. Eu só queria... queria que Gwinvere conhecesse a sensação de alguém que você ama se deitar com outros. Comi as duas e paguei Gwinvere, mas foi Vonda quem transformei em puta. No

início, foi por isso que eu quis o ka'kari prateado, para dá-lo a Gwinvere, para que ela não morresse como todo mundo que eu já amei. Mas a pedra do rei Davin era falsa, então eu a deixei para os homens de Garoth Ursuul encontrarem. O único jeito de salvar Vonda teria sido lhes dar o meu ka'kari. Pesei a vida dela contra o meu poder e a minha vida eterna. Como eu não a amava, o preço era alto demais. Deixei-a morrer.

Ele jogou um dente de alho na boca.

– Foi nesse dia que o ka'kari parou de me servir. Comecei a envelhecer. O ka'kari virou nada mais do que uma tinta preta em uma espada que zombava de mim com a palavra JUSTIÇA. Justiça era eu envelhecer, perder a destreza, morrer. Você, Kylar, era minha única esperança. Eu sabia que você era um ka'karifeiro. Você chamaria o ka'kari para si. Havia boatos de que existia outro no reino. O negro havia me rejeitado, mas talvez o prateado não fosse fazer o mesmo. Era uma esperança tênue, mas, ainda, uma esperança de outra chance, de redenção, de vida. Mas você só atraiu o meu ka'kari. Começou a se vincular a ele naquele dia em que eu o derrotei, no dia em que arriscou a vida para salvar aquela menina. Foi uma loucura. Você estava me tirando a única coisa que me restava. Minha reputação estava destruída, minha honra estava destruída, minha excelência estava decaindo, meus amigos estavam mortos, a mulher que eu amava tinha ódio de mim, aí você tirou minha esperança. Eu quis acabar com você, mas não consegui. Sabia que você não estava comprometido com aquele primeiro assassinato. Nem mesmo com Rato, aquele degenerado. Sabia que seria incapaz de matar alguém pelo que essa pessoa *pudesse* fazer.

– O quê?

Kylar sentiu a pele formigar.

– As ruas o teriam devorado. Eu precisava salvá-lo. Mesmo sabendo que o dia de hoje chegaria.

– O que isso significa? – perguntou Kylar.

Não. Por favor, Deus, não. Não permita que as peças se encaixem assim.

– Não foi Rato quem mutilou a Menina-Boneca. Fui eu.

A fumaça agora enchia o túnel até a metade. O imenso ventilador girava

lentamente, e o menor girava tão depressa quanto o coração de Kylar batia. O luar picado em pedaços se espalhava a esmo pela fumaça em movimento.

Kylar não conseguia se mexer. Não conseguia protestar. Não conseguia respirar. Era mentira. Precisava ser mentira. Ele conhecia Rato. Tinha visto os olhos dele. Tinha visto o mal ali.

Mas nunca presenciara o mal de Durzo, não é? Kylar já vira o mestre matar inocentes, mas nunca se permitira ver o mal que havia ali.

O ventilador grande começou a girar depressa. O vum-vum-vum picotou o tempo em pedacinhos, marcando sua passagem como se ele significasse alguma coisa.

– Não. – Kylar mal conseguiu forçar a palavra pelo garrote da verdade que apertava sua garganta. Blint seria capaz daquilo.

A vida é vazia. A vida é vazia. Uma menina da rua vale exatamente o que consegue ganhar se prostituindo.

– Não! – gritou o aprendiz.

– Tudo acaba agora, Kylar.

Durzo tremeluziu e desapareceu, tragado pela escuridão. Kylar sentiu uma raiva intensa e quente varar seu corpo.

Com o barulho dos ventiladores que protestavam e do vento quente que soprava, mal escutou os passos. Girou nos calcanhares e deu um mergulho em direção ao chão.

A fumaça rodopiou quando o derramador envolto em sombras passou correndo por ele.

Ouviu uma espada sendo desembainhada e sacou Retribuição. Uma sombra surgiu, próxima demais, rápida demais. Os dois se chocaram e a espada de Kylar saiu voando. Ele deu um mergulho para trás.

Levantou-se devagar, em silêncio, aguçando os sentidos, e se agachou no meio da fumaça bem rente ao chão. A raiva superou o cansaço e ele a canalizou, forçando-a a lhe dar clareza.

Procurou qualquer ínfima brecha, mas pouco encontrou. Poderia ficar perto do imenso ventilador sul, que protegeria suas costas, mas seria fácil para Blint empurrá-lo para o meio das pás que giravam. Não eram tão

afiadas nem giravam tão depressa a ponto de lhe decepar um membro, mas com certeza o deixariam atordoado. Em uma luta contra Durzo, isso significaria a morte.

Havia alças embutidas a intervalos regulares nas paredes e no teto do túnel, para os operários poderem substituir seções distintas. Onde ele estava, porém, elas ficavam a 3 metros de altura.

Um breve choque de Talento percorreu seu corpo quando ele pulou. Conseguiu segurar uma das alças, mas quase caiu ao sentir uma pontada de dor. Tinha esquecido que se cortara na janela.

Balançou o corpo e passou o pé por trás de outra alça para ganhar estabilidade. Como a mão direita estava fraca demais para sustentar seu peso, sacou a faca tantô com ela. O gongo tornou a soar enquanto olhava para a arma. Era uma reta, com 20 centímetros de comprimento e a ponta oblíqua para perfurar armaduras. Com a mão fraca, ele não conseguiria manejá-la.

Embainhou-a, soltou o fecho de uma bainha especial e sacou outra faca curta e curva com metade do tamanho da tanto. Na lateral da lâmina havia quatro minúsculos buraquinhos recheados de algodão. A bainha estava molhada. Kylar não podia saber se o veneno de víbora-branca fora lavado ou não pela água do rio. Mas não tinha escolha.

O vento diminuiu a velocidade, em seguida parou de forma abrupta. Os grandes ventiladores seguiram girando, chacoalhando nos eixos lubrificados.

Kylar ficou parado e aguardou. A fumaça aos poucos foi baixando outra vez e já não enchia mais o túnel inteiro. Na próxima vez que Durzo se movesse por ela, ele a veria se agitar.

O chacoalhar dos ventiladores diminuiu até virar apenas um leve sussurro, e logo Kylar não conseguia escutar nenhum outro som a não ser o latejar da própria pulsação nos ouvidos. Estava tendo que se esforçar agora, não só para ver ou ouvir o derramador, mas simplesmente para se manter parado em silêncio.

Caso Durzo o escutasse, Kylar estaria totalmente exposto. Com os pés presos atrás da alça, não poderia se mover depressa. E formava um alvo

imenso. Sua única vantagem seria a surpresa. O mestre havia lhe ensinado que essa era a vantagem mais importante de todas.

Um minuto se passou.

Os ventiladores se calaram por completo. Até mesmo o leve murmúrio de vozes vindas de fora havia sumido. A fumaça, fria outra vez, tornou a se assentar em seu nicho junto ao fundo do túnel.

Com uma lentidão excruciante, Kylar virou a cabeça, tomando cuidado para que nem mesmo a gola da roupa farfalhasse. Com a fumaça tão baixa assim, movendo-se devagar para o norte, certamente ele conseguiria ver alguma coisa, algum redemoinho, alguma ondulação fora do lugar.

Respirava da mesma forma que se movia: lenta e cuidadosamente. Seu nariz, ensanguentado por causa do choque na parede da torre, só deixava o ar passar por uma narina. Seu braço esquerdo queimava e as pernas doíam, mas ele não fez movimento algum, não emitiu som.

Enquanto ficava imóvel, a apreensão crescia em seu coração. Como poderia lutar contra Durzo? Quantos homens seu mestre havia matado? Quantas vezes ele o derrotara em todos os testes, em todos os desafios? Como lutar agora, fraco do jeito que estava? Blint poderia esperar no fundo do túnel para sempre. Devia ter se posicionado junto ao ventilador menor, ao norte. Com a luz a iluminá-lo por trás, veria o aprendiz assim que ele descesse.

Quem era Kylar para matar uma lenda?

Tentou tranquilizar o coração disparado. Tinha a garganta contraída. As emoções quentes que o haviam impulsionado durante a noite arrefeceram. Ele estava com frio. Vazio. Durzo tinha razão: não havia lugar para a justiça naquele mundo. Logan estava morto. Elene fora espancada. Os homens que haviam cometido todo o mal que Kylar conseguia imaginar estavam ganhando. Iriam ganhar sempre.

Ele não conseguiria se segurar por muito mais tempo. Durzo escutaria seu coração, que lhe esmurrava o peito. Forçou-se a respirar devagar.

Paciência! Paciência.

Inspirou lentamente e parou. Um leve odor pairava no ar.

Alho! Tanto o mestre quanto o aprendiz haviam tido a mesma ideia. Durzo estava pendurado exatamente como Kylar, de forma espelhada, a poucos centímetros de distância, observando a fumaça para detectar o mais leve redemoinho.

Kylar deu um tranco para cima com a cabeça e desferiu um golpe com a pequena faca. Devia ter produzido algum som, porque a mancha escura que antes estava logo acima dele também começou a se mexer.

Sua faca cortou um tecido e ele bloqueou um golpe com a outra mão enquanto ambos pulavam do teto.

Kylar aterrissou no chão com força e espalhou a água da poça no chão do túnel; o choque com o metal foi tão intenso que sentiu uma pontada no pescoço. Rolou e se levantou com um pulo. Ouviu o silvo de uma espada sendo desembainhada.

Durzo voltou a ficar visível. Kylar também. Estava cansado demais para manter a invisibilidade nem que fosse apenas por um segundo. Sentia-se um trapo torcido. Encarou o aço de quase um metro na mão de Blint e os 20 centímetros que ele próprio segurava.

– Então é assim que termina – falou Durzo. – Não imagino que você tenha mais algum truque como aquele lá da torre.

– Não sei nem o que aconteceu lá. Não me sobrou mais nada.

– Nesse caso, que bom que não deixei você ir atrás de Roth, não é? – comentou Blint com aquele sorriso de ironia enfurecedor nos lábios.

Kylar não teve energia para se zangar. Parecia uma casca oca.

– Não vejo que importância isso tem. Mas preferiria que fosse ele a me matar, e não você.

Ele embainhou a faca.

– Você usou o veneno de víbora, não foi? – perguntou Durzo e riu. – É claro que usou.

Ele bateu uma continência para Kylar e também embainhou a espada.

Então seus joelhos cederam e ele teve que segurar uma das alças na parede para não cair.

– Sempre me perguntei qual era a sensação.

Ergueu a mão até o rasgo em sua túnica. Kylar pensara ter cortado apenas o pano da roupa, mas o peito de Durzo sangrava de um corte raso.

– Mestre!

Kylar correu até ele e o impediu de cair quando Blint tornou a desabar. O derramador deu uma risadinha; seu rosto exibia uma palidez de morte.

– Faz tempo que não me preocupo com a morte. Não é tão ruim assim. – Ele fez uma careta. – Nem tão bom. Kylar, me prometa uma coisa.

– Qualquer coisa.

– Cuide da minha filha. Salve-a. Mama K deve saber onde a puseram.

– Não posso – disse Kylar. – Eu faria isso, mas não posso.

Ele virou a cabeça e removeu do pescoço o dardo de Durzo. No início, pensara que a pontada que havia sentido no pescoço era por causa do impacto com o chão, mas assim que se mexeu soube que não era isso. Era um dardo envenenado. Kylar também estava morrendo.

Durzo riu.

– Foi pura sorte. Por favor, me tire deste túnel. Não vou demorar a sentir cheiro de enxofre mesmo.

Kylar puxou ambos pela porta do túnel. Ajudou Durzo a se sentar na passarela, então sentou-se de frente para ele. Estava exausto.

Talvez o veneno do dardo fosse peçonha de cobra-rei com cicuta.

– Você ama mesmo aquela Elene, não é?

– Sim – respondeu Kylar. – Amo de verdade.

Por estranho que fosse, esse era o seu único arrependimento. Ele deveria ter sido um homem diferente, melhor.

– Eu já deveria estar morto – comentou Durzo.

– A faca molhou.

Kylar sentiu uma leve tontura; seria por causa do veneno?

Durzo tentou rir, mas em vez disso seus olhos se encheram de tristeza.

– Jorsin me disse: “Seis ka’kari para seis anjos de luz, mas um fica de guarda à noite.” O ka’kari negro escolheu você, Kylar. O Anjo da Noite agora é você. Dê a essa gente mesquinha e ingrata algo melhor do que ela merece: esperança. Ouça o que seu mestre diz: mate Roth. Por esta cidade. Pela

minha filha. Por mim. – Seus dedos apertaram de forma dolorosa o braço de Kylar. – Desculpe, filho. Por tudo. Algum dia talvez você consiga perdoar...

Suas pálpebras baixaram, preguiçosas, e ele lutou para mantê-las abertas, para se manter focado. Durzo não estava dizendo coisa com coisa. Sabia que Kylar estava morrendo. Devia ser por causa do veneno.

– Eu perdoo você, sim – disse Kylar. – Que nossas mortes não pesem sobre nossas respectivas cabeças.

De repente, os olhos de Durzo se acenderam e ele pareceu resistir ao veneno em suas veias. Abriu um sorriso.

– Eu não envenenei... o dardo... A carta...

Durzo morreu no meio de uma inspiração, com o corpo percorrido por um leve tremor e os olhos ainda cravados em Kylar.

Ele fechou os olhos do mestre. Um buraco imenso e oco se abriu em seu ventre. Um grito engasgou em algum lugar dentro dele, perdido no vazio escuro de sua garganta. Levantou-se sem tomar o devido cuidado. O cadáver escorregou de seu colo e a cabeça bateu com força na passarela de metal. Os membros estavam inertes, desgraciosos, dispostos em uma posição desconfortável. Imóveis. Iguais aos de qualquer cadáver. Na vida, cada homem era único. Na morte, eram todos carne.

Anestesiado, Kylar pôs a mão no bolso da frente da roupa do cadáver e pegou a carta que o mestre afirmara ser a sua herança. Estava logo abaixo de onde ele havia cortado o peito do derramador.

A carta estava ensopada de sangue. Quaisquer palavras que houvessem sido rabiscadas no papel estavam ilegíveis. Aquilo de que Durzo quisera se desculpar, fosse o que fosse, aquilo que quisera explicar, qualquer presente que houvesse desejado dar ao aprendiz com suas últimas palavras havia morrido junto com ele. Kylar estava sozinho.

Caiu de joelhos, sem forças. Segurou o derramador morto nos braços e chorou. Ficou ali por muito tempo.



Quando a aurora despontou, Kylar cambaleava pelas ruas até um de seus esconderijos. Antes de finalmente ir embora, havia erguido um montinho de pedras sobre o corpo de Durzo na ponta norte da Ilha de Vos. Naquele horário, não havia ninguém por perto. Depois tinha roubado um barco a remo do cais e deixado a correnteza levá-lo até as Tocas, exausto demais para remar.

Havia atracado na mesma oficina de barcos em que matara Rato. O lugar continuava escuro e discreto, perfeito para aquele tipo de serviço. Pensou se Rato ainda estaria preso à lama e se o seu espírito inquieto observava o barquinho de Kylar com todo o ódio que antes existia em seu coração adolescente.

A manhã era perfeita para reflexões solitárias. Kylar desativou automaticamente as armadilhas da porta e entrou. Blint estava certo: teria sido suicídio ir atrás de Roth na noite anterior. Kylar estava tão exausto que atribuíra isso ao veneno fazendo efeito no seu organismo. Decerto não teria conseguido passar por um *meister sequer*.

Talvez valesse a pena dar a própria vida em troca de livrar o mundo de Roth Ursuul, mas ele não iria morrer a troco de nada. Trancou a porta, então parou e se virou. Trancou três vezes cada um dos três trincos. Trancou, destrancou, trancou. *Por você, mestre.*

Pegou a jarra d'água, encheu a bacia, pegou o sabão e começou a limpar o sangue das mãos. Seu rosto no espelho estava frio e calmo enquanto ele

removia os últimos vestígios da vida de seu mestre. O sangue marcou a alça da jarra, só um pouquinho. Uma pequena mancha escura do sangue que lhe sujava as mãos.

Kylar empunhou a jarra e a jogou em cima do espelho. Ambos se estilhaçaram, fazendo chover cacos, porcelana e água na parede, no recinto, em suas roupas e no seu rosto. Ele caiu de joelhos no chão e começou a chorar.

Por fim, dormiu. Quando acordou, sentia-se melhor do que tinha o direito de se sentir. Lavou-se e se sentiu revigorado. Ao se barbear, pegou-se sorrindo em um dos cacos do espelho. *Blint nunca teve a intenção de me matar, mas não pôde resistir a acertar um dardo em mim só para mostrar que podia. Que velho pilantra.* Kylar riu. Era um pilantra muito, muito, mas muito velho mesmo.

Era uma piada de humor negro, mas ele precisava de qualquer coisa que conseguisse animá-lo. Vestiu-se e se armou, pensando com pesar em todo o equipamento que havia perdido na noite anterior. Adagas, venenos, ganchos de assalto, facas de arremesso, a faca tantô, a de envenenar... perdera todas as suas armas favoritas exceto Retribuição. *Estou lamentando a perda do meu equipamento, mas não as de Logan, Durzo ou Elene.* A situação era tão ridícula que ele riu.

Estava um pouco fora do seu estado normal, concluiu. Talvez fosse natural. Nunca havia perdido ninguém de quem realmente gostasse. Agora acabara de perder três pessoas em uma noite só.

No fim da tarde, quando finalmente saiu do esconderijo, as ruas estavam lotadas. Boatos corriam sobre o que havia acontecido no castelo na véspera. Um exército surgira do nada. Um exército brotara da água fervente da Fenda da Ilha de Vos. Um exército de magos do sul chegara à cidade. Não, eram bruxos do norte. Guerreiros montanheses haviam matado todo mundo no castelo. Khalidor iria riscar a cidade inteira do mapa.

Poucos entre os que espalhavam os boatos pareciam preocupados. Kylar viu algumas pessoas com seus pertences em cima de carrinhos e carroças, saindo da cidade, mas não eram muitas. Ninguém mais parecia acreditar

que algo de ruim pudesse lhes acontecer.

O esconderijo de Mama K continuava vigiado por um musculoso cewano que fingia consertar a cerca. Kylar nem se deu o trabalho de ficar invisível. Chegou perto do homem sem pressa, inclinou-se para pedir indicações e pousou uma das mãos na espada curta que ele portava escondida. O homem tentou sacar a arma, tarde demais, e constatou que Kylar já a estava segurando. Ele quebrou o esterno do sujeito com um golpe da mão aberta e o deixou arquejante, abrindo e fechando a boca feito um peixe.

Pegou as chaves no seu cinto e abriu a porta. Trancou-a depois de passar e mergulhou nas sombras. Invisível, encontrou Mama K no escritório, conferindo relatórios enviados por seus bordéis. Leu-os em silêncio por cima do seu ombro. Ela estava tentando juntar as peças do que havia acontecido no castelo.

A agulha penetrou a carne já meio flácida na parte de trás de seu braço. Ela gritou e levou a mão até o local. Retirou a agulha, em seguida virou a cadeira devagar; sua cara parecia a de uma velha.

– Olá, Kylar. Estava esperando você ontem.

Ele surgiu na outra cadeira, uma jovem e reclinada personificação da Morte.

– Como sabia que era eu?

– Durzo teria usado um veneno que me causasse agonia.

– É tintura de raiz de ariamu e esporo de jacinto – disse Kylar. – A agonia vai chegar.

– Um veneno lento. Ou seja, você decidiu me dar tempo. Para quê, Kylar? Para pedir desculpas? Para chorar? Para implorar?

– Para pensar. Para recordar. Para se arrepender.

– Então é isso a retribuição. Um jovem assassino está à solta distribuindo o que as velhas putas merecem.

– Sim, e você merece perder exatamente aquilo que a fez trair Durzo.

– E o que seria, ó sábio?

Ela abriu um sorriso de cobra.

– Controle. – Seu tom de voz foi chapado, apático. – E nem adianta tentar puxar a corda da sineta. Estou com uma balestra de mão, mas o disparo não é exato. Posso acertar sua mão em vez da corda.

– Controle, você diz – falou Mama K, empertigada; não foi uma pergunta. – Sabia que os estupros não têm uma distribuição regular, nem mesmo entre as prostitutas? Algumas são violentadas várias vezes. Outras, nunca. As estupradas são as vítimas. De alguma forma, os filhos da mãe dos criminosos sabem disso. Não se trata de “controle”, Kylar. Trata-se de dignidade. Sabe quanta dignidade uma menina tem quando seu cafetão não quer protegê-la? Quando eu tinha 14 anos, fui levada à casa de um nobre e currada durante quinze horas por ele e dez de seus amigos mais próximos. Depois disso, tive que fazer uma escolha, Kylar, e escolhi a dignidade. Então, se você acha que me dar um veneno que vai fazer eu me cagar todinha até morrer me fará implorar, infelizmente está enganado.

Kylar não se comoveu.

– Por que você nos traiu?

O ar desafiador de Mama K sumiu aos poucos enquanto Kylar continuava sentado, com a paciência de um derramador. Ela passou um minuto sem responder, depois cinco. Ele seguiu sentado, com toda a paciência da Morte. Àquela altura, ele sabia, já devia estar começando a sentir náuseas.

– Eu amava Durzo – disse ela.

Kylar pestanejou.

– Você o quê?

– Durante a minha vida, fui para a cama com centenas de homens casados, Kylar, logo nunca tive uma impressão muito boa do casamento. Mas eu teria me casado com Durzo Blint. Durzo é... era? Suponho que você o matou? É, como eu pensei. À sua maneira, Durzo era um homem bom. Honesto. – Os lábios dela tremeram. – Eu não soube lidar com a honestidade. Ele me disse muitas verdades desagradáveis e esta coisa dura e escura que mora dentro de mim não conseguiu suportar a luz.

Ela riu. Foi um som amargo, feio.

– Além do mais, ele nunca deixou de amar Vonda, uma mulher totalmente indigna dele.

Kylar balançou a cabeça.

– Então você decidiu matá-lo? E se ele tivesse me matado?

– Ele amava você como a um filho. Depois de você se vincular ao ka'kari, ele me disse isso. Uma vida por uma vida, falou. Economia divina, como chamava. Ele soube então que morreria por você, Kylar. Ah, Durzo às vezes tinha dificuldades com isso, mas nunca foi tão desprovido de princípios quanto queria acreditar. Além do mais, mudou depois que Vonda morreu. Eu o avisei, Kylar. Ela era uma menina bonita e descuidada. O tipo de mulher que nasce sem coração, então não consegue conceber que vá quebrar o de outra pessoa. Para ela, Durzo era empolgante. Ele nada mais era do que o seu jeito de se rebelar, mas ela morreu antes de ser desmascarada, de modo que aos seus olhos sempre foi perfeita. Ela virou uma santa para sempre e eu sempre fui uma cerveja cuspidada.

– Ele não amava Vonda – afirmou Kylar.

– Ah, eu sei. Mas ele não sabia. Apesar de ser único sob muitos outros aspectos, Durzo achava que empolgação e sexo eram a mesma coisa que amor, igualzinho a qualquer outro homem.

Ela se curvou subitamente ao sentir um espasmo na barriga. Kylar fez que não com a cabeça.

– Durzo me disse que estava tentando deixar você com ciúmes, fazê-la se sentir como ele quando você estava com outros homens. Quando Vonda morreu, achou que você jamais conseguiria perdoá-lo. Ele a amava, Gwinvere.

Mama K deu um muxoxo incrédulo.

– Por que ele diria uma coisa dessas? Não, Kylar. Durzo ia deixar a filha morrer.

– Foi por isso que você o traiu?

– Eu não podia deixá-la morrer, Kylar. Será que você não entende? Uly é filha de Durzo, mas não é minha sobrinha.

– Então quem é a m... Não!

– Eu não podia ficar com ela. Sabia disso. Sempre detestei tomar chá de tanaceto, e daquela vez não consegui. Fiquei sentada até a xícara esfriar na minha mão, pensando que aquilo não podia acontecer... mas mesmo assim não consegui beber. Uma Shinga com uma filha, que alvo mais perfeito poderia haver? Todo mundo conheceria o meu ponto fraco. Pior: todo mundo me veria como qualquer outra mulher. Eu nunca poderia manter meu poder se isso acontecesse. Então saí da cidade, tive minha filha em segredo e a escondi. Mas como ele podia deixar Uly morrer, mesmo pensando que fosse filha de Vonda? Como podia fazer isso? Roth o ameaçou, mas Durzo não acreditou. Você não conhece Roth. Ele teria cumprido o que estava prometendo. O único jeito de eu salvar Uly era Durzo morrer primeiro. Com ele morto, Roth não precisaria executar sua ameaça. Eu tive que escolher entre o homem que amei durante quinze anos e minha filha, Kylar. Então escolhi minha filha. Durzo queria morrer e agora eu também quero. Você não pode tirar nada de mim que eu não vá dar de bom grado.

– Ele acreditou. Não achou que Roth estivesse blefando.

Mama K não pareceu entender.

– Hum... – articulou, balançando a cabeça.

Kylar pôde ver o castelo de suposições que ela havia construído ruir tijolo por tijolo. Um Durzo que se permitia ser chantageado era um Durzo que se importava com a filha que nunca vira. Um Durzo capaz de fazer isso era um Durzo capaz de amar. Ela havia endurecido o próprio coração porque pensava que ele não ligasse, que fosse incapaz de ligar.

Então, durante quinze anos, havia escondido seu amor de um homem que havia escondido seu amor por ela. Ou seja, traíra o homem que a amava. Ao instigar Kylar contra Durzo, tinha matado o homem que a amava.

– Hã... hum... não.

– O último desejo dele foi que eu salvasse sua filha. Disse que você sabe onde ela está.

– Pelos deuses, ai.

As palavras mal saíram da boca de Mama K. Um novo espasmo percorreu seu corpo e ela pareceu acolher a dor com alegria. A cortesã queria morrer.

– Eu vou salvá-la, Mama K, mas você precisa me dizer onde ela está.

– Na Bocarra. Junto com Elene.

– Elene? – Kylar se empertigou. – Preciso voltar lá.

Foi até a porta, então se virou e sacou Retribuição. Mama K o encarou com um olhar vazio; ainda estava absorvendo o que ele dissera.

– Eu sempre me perguntei por que Durzo chamava esta espada de “Retribuição”, e não de “Justiça”. – Ele removeu o ka’kari da espada e expôs a palavra PIEDADE no aço mais embaixo. – Ou então, se era isto que havia debaixo de JUSTIÇA, por que não chamá-la de PIEDADE? Mas agora eu sei. Você me mostrou, Mama K. Às vezes as pessoas não deviam receber o que merecem. Se não houver mais coisa no mundo além de justiça, é tudo em vão.

Ele levou a mão à bolsinha que carregava e pegou um diminuto frasco de antídoto. Pousou-o sobre a escrivaninha de Mama K.

– Isto aqui é piedade. Mas você vai precisar decidir se quer aceitá-la. Tem meia hora. – Ele abriu a porta. – Espero que beba, Mama K. Eu sentiria sua falta.

A boca dela estava inexpressiva, e seu olhar, duro, mas lágrimas escorriam por seu rosto. Era a única vez em que ele a vira chorar. Kylar meneou a cabeça com delicadeza e a deixou ali, com as costas curvadas, afundada nas almofadas de sua cadeira, com as faces molhadas e os olhos cravados com desânimo no frasco da vida.



Kylar seguiu até o castelo. Poderia já ser tarde demais. Os efeitos do golpe repercutiam por toda a cidade. Os espancadores do Sa'kagé foram os primeiros a sentir as consequências: sem ninguém a quem se reportar ou a pagá-los, os guardas da cidade não trabalhavam. Sem guardas não havia lei. Os corruptos, que prestaram serviço para o Sa'kagé durante anos, foram os primeiros a dar início aos saques. Depois disso, estes se espalharam feito a peste. Para confiná-los às Tocas, montanhesees khalidori e meisters foram posicionados na ponte Vanden e na margem leste do Plith. Pelo visto, os líderes da invasão queriam a cidade intacta, ou pelo menos desejavam praticar eles mesmos os saques mais lucrativos.

Kylar matou dois homens que estavam prestes a assassinar uma mulher, mas não deu qualquer atenção aos saqueadores. Cobriu-se de sombras e atravessou o rio sem ser visto, esquivando-se de meisters distraídos.

Chegando à margem leste, roubou um cavalo. Estava pensando nos Anjos da Noite. Blint fizera menção a eles ao longo dos anos, mas Kylar nunca prestara atenção. Sempre achou que fossem apenas mais uma superstição, algum último vestígio de velhos deuses mortos.

Perguntou-se o que Elene diria se ele conseguisse resgatá-la. Pensar nisso o fez se sentir mal. Ela estava na prisão por sua causa. Achava que Kylar tinha matado o príncipe. Sentia ódio dele.

Tentou planejar como iria matar Roth, um homem que devia estar protegido por meisters, montanhesees khalidori e talvez um ou outro

espancador do Sa'kagé. Pensar nisso não fazia ele se sentir melhor. Quanto mais pensava, pior se sentia.

Não sabia se os meisters conseguiam vê-lo quando estava nas sombras. O único jeito de testar isso tinha sérias desvantagens. Por fim, usou a cabeça e se olhou no espelho para ver se o ka'kari era tão eficiente quanto pensava. Ficou impressionado. Derramadores se gabavam de serem fantasmas, de serem invisíveis, mas era só isso: bravata. Ninguém era invisível.

O único outro derramador que Kylar vira tentar passar despercebido era Blint, que parecia uma grande massa disforme de algo indeterminado. Quando ficava parado, encolhia-se até se transformar na sombra de uma sombra.

Mas Kylar estava *invisível*. Todos os derramadores ficavam mais visíveis quando se moviam. Já com relação a Kylar, o ar nem se distorcia.

Ficou quase irritado por ter passado tanto tempo aprendendo a passar despercebido sem o Talento. Parecia-lhe um desperdício de energia. Então se lembrou de que teria que passar pelos bruxos sem ser visto. Talvez o esforço não tivesse sido em vão.

Subiu Sidlin Way até Horak Road, deu a volta no terreno dos Jadwin, largou o cavalo e se cobriu com o ka'kari. Enquanto o sol se punha, avaliou a situação de East Kingsbridge.

Como havia imaginado, a segurança na ponte fora reforçada. Dezenas de soldados khalidori montavam guarda em frente ao portão. Dois meisters andavam entre eles. Mais dois conversavam do outro lado. Pelo menos quatro embarcações patrulhavam a Ilha de Vos, contornando-a em círculos precisos.

Felizmente Kylar não planejava entrar no castelo. Felizmente trouxera um pequeno arsenal. Esgueirando-se de pedra em pedra, de árvore em arbusto, chegou até a ponte. Tirou da bolsa a balestra. Detestava essa arma. Era pesada, lenta e podia ser manejada por qualquer imbecil que soubesse apontar.

Encaixou a flecha-gancho especial, verificou a corda de seda e apoiou o corpo na lateral da ponte. O que era mesmo que Blint costumava dizer? Que

ele devia treinar mais com as armas de que não gostava?

Com uma careta, Kylar mirou. Seu alvo era minúsculo. Teria que acertar o último pilar logo acima do revestimento de ferro, onde a madeira ficava exposta, um alvo com 20 centímetros de largura, a 40 passos de distância e sob uma brisa leve. A precisão da balestra àquela distância tinha uma margem de erro de 5 centímetros.

Se errasse, precisava garantir que errasse direito. Se acertasse mais em cima ou mais embaixo, o barulho do gancho no metal chamaria a atenção. Para a esquerda, ela passaria voando pela ponte e acertaria as pedras do castelo, decerto ricocheteando e indo parar no rio.

Kylar detestava balestras.

Esperou o barco chegar exatamente debaixo da ponte. Se disparasse a flecha – *quando* disparasse a flecha –, tiraria vantagem do fato de os tripulantes terem acabado de sair da claridade do poente e adentrado a sombra do castelo. Soltou meia expiração e puxou com um gesto fluido, ultrapassando o ponto de soltura até liberar a trava.

A flecha saiu voando e a carretilha emitiu um leve chiado. O projétil desviou 20 centímetros para a direita do último pilar. Kylar segurou a corda que ainda se desenrolava na mesma hora em que ela se retesou. A flecha parou com um tranco a menos de um metro do muro do castelo.

Ela começou a cair. A corda passou por cima de uma das vigas à direita de onde tentara acertar, depois se balançou de volta em direção à pilastra. Ele a puxou o mais depressa que pôde e o gancho ricocheteou no revestimento de ferro ao ficar preso.

Kylar esticou a corda bem rente à parte inferior da ponte. Um meister foi até a borda e se segurou na balaustrada, nervoso. Olhou para baixo e viu o barco passando.

– Ei! – chamou. – Cuidado!

Um guarda armado olhou para cima, com as pálpebras semicerradas por causa da penumbra.

– O que foi, seu imbe...? – Ao perceber que estava falando com um meister, engoliu a palavra no meio.

O meister sumiu e o homem no barco se pôs a admoestar seus remadores. Tanto ele quanto o bruxo pensavam que o outro tivesse feito o barulho.

Sem parar para pensar na sorte que tivera, Kylar prendeu sua ponta da corda e escondeu a balestra. O barco seguinte ainda estava a uma boa distância. Passou uma perna por cima da corda, chegou perto da ribanceira que descia até o rio e caiu rumo ao vazio.

Por um longo tempo, pensou que fosse morrer enquanto a corda de seda se inclinava na direção do rio. *Ela soltou!* No entanto, finalmente sustentou seu peso. Kylar foi subindo pelo vazio quase de cabeça para baixo, içando o próprio corpo com o auxílio das mãos, com as pernas cruzadas por cima da corda.

Ao se aproximar da pilastra, examinou o revestimento de ferro. A superfície havia sido esburacada pela idade e pelas intempéries. Não exatamente a melhor superfície para se escalar.

Não havia alternativa. Ele tinha que largar a corda antes de o barco seguinte aparecer. Afinal, Kylar estava invisível, mas a corda, não.

Jogou-se da corda até a pilastra... e caiu. Agarrou-se como pôde no revestimento de ferro, mas o diâmetro da pilastra era tão colossal que seus braços quase não conseguiram dar a volta. A superfície de ferro irregular não proporcionou fricção suficiente para deter sua queda, mas bastou para esfolar a parte interna dos braços e das coxas.

Caiu na água devagar o suficiente para não fazer barulho. Voltou à superfície às pressas e se espremeu contra a pilastra enquanto o barco seguinte passava.

Com a quantidade de armas que estava portando, não podia nadar. Assim, mergulhou perto o suficiente da margem para conseguir caminhar pelo leito do rio e sair da água antes de se afogar. Por um triz.

Seguiu rumo ao norte, pelo mesmo caminho que havia usado na noite anterior. Sentiu-se grato por Blint estar morto. O derramador teria vergonha se o visse descer àquele nível. O disparo errado e as lacerações constrangedoras teriam lhe rendido piadas por uma década. Kylar podia até

escutar a voz de Durzo: “Lembra aquele dia em que você tentou trepar com a ponte?”

Encontrou um lugar seguro dentro da garagem de barcos e limpou as armas. Precisava partir do princípio de que a água levaria embora todos os seus venenos... pelo segundo dia consecutivo. Torceu as roupas, mas não se atreveu a deixá-las secar por completo. Agora que estava ali, queria entrar e sair rápido. Correu os olhos pela garagem. Ninguém por ali. Os khalidori pelo visto pensavam que suas patrulhas fossem suficientes.

Dois homens vigiavam a comprida rampa que conduzia à Bocarra. Estavam tensos, obviamente pouco à vontade com aquela missão. Kylar não os culpava: o fedor, os gritos periódicos e os ocasionais tremores de terra estavam longe de ser relaxantes.

Retribuição talhou à esquerda e à direita, e os homens morreram. Ele puxou seus corpos até a vegetação baixa e pegou as chaves da porta.

A entrada da Bocarra fora feita para aterrorizar as pessoas encarceradas ali. Ao abrir o portão, Kylar viu que a rampa que descia parecia de fato uma língua a conduzir para dentro de uma gigantesca garganta. Havia dentes pontiagudos esculpidos no vidro vulcânico preto à sua volta, e tochas posicionadas por trás de vidro vermelho para parecerem dois olhos tremeluzentes e demoníacos.

Que beleza. Kylar ignorou tudo, a não ser o barulho dos homens. Deslizou língua abaixo e virou em um corredor na direção das celas dos nobres. Graças aos amigos de Durzo, tinha uma ideia geral da planta da prisão, mas jamais tivera vontade de visitá-la.

Encontrou a cela que estava procurando, verificou a porta em busca de armadilhas e passou alguns segundos esperando no corredor, só escutando. Que loucura: estava com medo de abrir uma porta. Tinha mais receio de encarar Elene e Uly do que de enfrentar o Sa'kagé.

Pelos deuses! Fora até ali para salvar Elene e estava com medo de ouvir o que ela diria. Que ridículo. Ou talvez o que ela não diria, apenas o jeito como olharia para ele. Teria dado qualquer coisa por Elene! Mas ela não tinha conhecimento disso. Só sabia que ele não tinha feito nada, e agora ela

estava presa.

Bem, esperar não melhoraria nada.

Kylar arrombou a fechadura, desativou a invisibilidade provocada pelo ka'kari e tirou a máscara preta. A cela de 3 metros quadrados estava ocupada por um catre baixo e por uma bonita menininha sentada no colo de Elene. Kylar mal reparou na criança. Grudou os olhos na amada, que o encarou, atônita. Seu rosto lembrava uma máscara, pois os dois olhos estavam roxos onde ele lhe batera. Ela parecia um guaxinim cheio de cicatrizes.

Se aquilo não fosse sua culpa, mas de outra pessoa, Kylar teria rido.

– Papai! – exclamou a menina.

Contorceu-se para sair do colo de Elene. Ainda encarando Kylar, ela mal reparou quando a menina se levantou. Uly passou os braços em volta dele e o apertou.

– Mamãe disse que você viria! Jurou que você nos salvaria. Ela veio também?

Desviando a atenção de Elene, cujos olhos haviam se estreitado de repente, Kylar tentou fazer a menina soltá-lo.

– Hã, você deve ser Uly – falou.

Mamãe? Será que ela estava se referindo a Mama K? Ele resolveria aquela história de “papai” depois. O que poderia dizer? Envenenei sua mãe, mas mudei de ideia e lhe dei um antídoto, então não é culpa minha se ela estiver morta. Ah, sim! Eu também matei seu pai ontem à noite. Sou apenas um amigo dele. Bem, era. Sinto muito.

Abaixou-se para encará-la nos olhos.

– Sua mãe não está comigo, Uly. Mas eu vim salvar você. Consegue ficar bem quietinha?

– Quietinha feito um camundongo – disse a menina.

Ela era destemida. Ou não entendia o que estava acontecendo ou Elene fizera um belo trabalho para acalmar seus temores.

– Olá, Elene – falou Kylar, levantando-se.

– Olá, seja qual for o seu nome.

– O nome dele é Durzo, mas podemos chamá-lo de Zoey – disse Uly.

Grato pela interrupção, Kylar deu uma piscadela para a menina. Embora as crianças em geral fossem insuportáveis, aquela ali havia evitado uma conversa que ele não estava interessado em ter... sobretudo não naquele momento nem naquele lugar.

Elene relanceou os olhos para Uly, em seguida tornou a encará-lo; seus olhos indagaram: *Ela é sua filha?* Kylar fez que não com a cabeça.

– Você vem? – perguntou ele.

Elene fez cara feia. Ele interpretou aquilo como um sim.

– Venham comigo – falou para Uly – Quietinha feito um camundongo, certo?

Era melhor saírem dali, e depressa. As questões emocionais podiam ser resolvidas depois. Ou nunca. As duas o seguiram quando ele avançou até a rampa. Elene caminhava segurando a mão de Uly, mas parou enquanto Kylar continuou a avançar. Quando chegaram às esculturas de dentes, puxou a menina para perto de si e começou a falar com ela em tom tranquilizador.

Kylar subiu a rampa e abriu uma fresta da porta, que estremeceu quando três flechas se chocaram com a madeira.

– Merda! – praguejou ele.

Fora fácil demais. Kylar devia ter desconfiado. Estava contando com o caos para deixar todo mundo desnorteado. Trancou a porta outra vez e partiu a chave na fechadura. *Os malditos que a derrubem.*

– De volta para o túnel! – falou, puxando Elene para fazê-la apertar o passo. – Você não vai conseguir me ver, mas eu vou estar lá. Vou proteger vocês. É só escutar a minha voz – disse ele enquanto o fluido negro do ka'kari borbulhava de seus poros.

Se Elene ficou espantada ao vê-lo desaparecer diante de seus olhos, soube esconder. Apertou o passo e puxou Uly consigo.

– Preciso correr? – perguntou para o ar vazio.

– Basta andar depressa – respondeu Kylar.

O portão que conduzia ao túnel subterrâneo que ia até o castelo não

estava sendo vigiado. Graças aos deuses. Talvez o caos de tomar um país inteiro pudesse ajudá-lo. Kylar trancou o portão e partiu a outra chave. Subiu uma escada devagar e foi dar em um corredor de serviço já dentro do castelo.

Do corredor, chegaram a um cruzamento. Soldados khalidori em repouso contavam piadas encostados em uma parede. Kylar fez Elene parar, andou até os homens e ouviu um deles dizer alguma coisa para alguém dentro do cômodo aberto mais atrás.

Se os matasse, a pessoa dentro daquele quarto daria o alarme. Ele conseguiria escapar, mas Elene e Uly, não. Voltou para onde as duas estavam.

– Quando eu mandar, avance – falou. – Agora.

Elene cobriu a cabeça com o xale e avançou penosamente pelo corredor com as costas vergadas, a cabeça baixa e um dos pés torto e se arrastando pelo chão. Parecia uma velha. E conseguiu esconder Uly quase completamente dos homens.

Foi preciso mais tempo para ela chegar até a abertura, mas, quando um dos soldados a viu, não fez qualquer comentário com os outros.

– Belo truque – elogiou Kylar, alcançando-a ao mesmo tempo que ela retomava seu passo rápido normal.

– Onde eu fui criada, meninas burras não ficam virgens.

– Você foi criada no lado leste. Lá não é exatamente como nas Tocas.

– Acha que é mais fácil trabalhar com um monte de nobres tarados?

– Para onde estamos indo? – perguntou Uly.

– Shh – disse Kylar quando eles se aproximaram de outro cruzamento.

O corredor pelo qual estavam seguindo conduzia às cozinhas. Pelas vozes ruidosas que soavam lá dentro, não era o melhor caminho. A porta da direita estava trancada e a passagem da esquerda, livre.

Correndo o risco de alguém sair das cozinhas, Kylar pegou suas ferramentas de arrombar. Não gostava da ideia de seguir o caminho mais fácil.

A fechadura cedeu depressa, mas a porta estava calçada com algo pesado

pelo outro lado. Algum empregado devia ter feito o possível para bloqueá-la durante o golpe.

– Para onde estamos indo? – perguntou Uly de novo.

Kylar sabia que a fofura da menina iria irritá-lo; só havia torcido para demorar mais um pouco. Dessa vez, deixou Elene silenciá-la.

Com seu Talento, ele poderia arrombar a porta e quebrar o que estivesse atrás dela com um chute, mas o barulho atrairia os grupos nas cozinhas. Kylar estava com pressa. Não queria deixar as duas ali enquanto avaliava os arredores.

– Esquerda – sussurrou.

O corredor serpenteou e subiu vários lances de escada. Atrás deles, Kylar ouviu um tilintar de cota de malha e o som de botas.

– Andem logo!

Os homens que se aproximavam andavam em passo acelerado, mas não corriam, de modo que não perseguiam prisioneiros foragidos, mas cumpriam alguma ordem. Kylar tornou a descer até a escada e, de relance, viu pelo menos vinte soldados.

Correu para alcançar Elene e Uly. Eles passaram por várias portas e, sem ligar para quem pudesse escutar, Kylar começou a testar os trincos. Estavam todas trancadas.

– Por que estamos indo para a sala do trono? – perguntou Uly.

Elene encarou a menina; parecia tão surpresa quando ele.

– O quê? – indagou Kylar.

– Por que estamos indo para...?

– Como você sabe para onde estamos indo?

– Eu moro aqui. Mamãe é criada. Nosso quarto fica bem...

– Uly, você sabe onde tem uma saída? Um caminho que não passe pela sala do trono? Rápido!

– Eu não posso vir aqui em cima – disse a menina. – Levo bronca.

– Que droga! – disparou Kylar. – Sabe onde tem uma saída ou não?

Ela fez que não com a cabeça, assustada. *Teria sido fácil demais, não é?*

– Você leva jeito com crianças, hein? – comentou Elene. Tocou a face de

Uly e se acocorou para encarar a menina. – Você já veio aqui em cima, Uly?
– perguntou, com delicadeza. – Ele não vai ficar bravo se tiver vindo, eu prometo.

Mas Uly estava assustada demais para dizer qualquer coisa.

E os guardas se aproximavam.

– Vamos! – exclamou Kylar, segurando a mão de Elene para fazê-la correr e arrastar a pirralha consigo.

Não estava gostando daquilo. Era limpinho demais. Conveniente demais haver apenas um caminho. *Um caminho. É isso! Nunca existe só um caminho neste castelo.* Enquanto corria, examinou as paredes e o teto. Nem sequer tentou abrir as portas pelas quais passaram. Kylar parou com uma leve derrapada.

Cintilou e tornou a ficar visível.

– Elene, está vendo aquele painel? – Apontou para cima.

– Não, mas o que preciso fazer?

– Empurrar. Vou suspender você. O castelo é cheio de corredores secretos. Ache uma saída. Talvez Uly consiga ajudá-la.

Ela aquiesceu e Kylar se agachou junto à parede. Ela levantou as saias e pisou na coxa dele. Fez uma careta ao entender que subir nele faria as saias ficarem por cima da sua cabeça, mas não hesitou em trepar em seus ombros. Foi subindo as próprias mãos pela parede para se equilibrar. Kylar então se levantou, esticou os braços e a ergueu bem alto no ar.

Elene abriu o painel com um empurrão e entrou em um espaço diminuto. Enquanto isso, Kylar levantou Uly.

– Consegue pegá-la?

– É melhor eu conseguir.

Kylar lançou Uly no ar sem dificuldade. *Caramba, como o Talento é útil.* Elene pegou a menina e a puxou.

– Ah, eu já vim aqui – disse Uly.

Kylar pegou uma adaga e a lançou para Elene.

– O que faço com isto?

– Tirando o óbvio? – rebateu ele.

– Obrigada. Agora vamos. Tem espaço. Depressa.

Kylar não se moveu. *Dorian disse: “Se fizer a coisa certa duas vezes, custará sua vida.” O conde falou: “Você não pode pagar por tudo o que fez, mas se redimir não é impossível. Sempre existe uma saída. Se estiver disposto a fazer o sacrifício, o Deus lhe dará a chance de salvar algo inestimável.”*

Olhou para Elene. *Inestimável, de fato.* Sorriu. Ela o encarou como se ele fosse maluco.

– Kylar, depressa!

– É uma armadilha, Elene. Se eles perderem meu rastro aqui, vão vasculhar as passagens secretas. Eu não consigo proteger vocês aí dentro, é apertado demais. Saia do castelo. Procure Jarl no Javali Azul, ele vai ajudá-la.

– Eles vão matar você, Kylar. Se for uma armadilha, você não pode...

– E eu olhei, sim – interrompeu ele. Deu um sorriso travesso. – Suas pernas são incríveis.

Ele deu uma piscadela... e desapareceu.



O vürdmeister Neph Dada amaldiçoou Roth Ursuul pela centésima vez naquele dia. Servir a um aetheling do Deus-rei era supostamente uma honra. Como todas as honras dele, vinha acompanhada de riscos. Se um aetheling fracassasse no *uurdthan*, seu vürdmeister era punido junto com ele. E era preciso obediência. Obediência total, exceto em coisas que pudessem desagradar ao Deus-rei.

E era justamente por isso que Neph praguejava. Não estava exatamente desobedecendo a Roth. Apenas desfazendo algo que o príncipe havia começado. Algo, na verdade, que ele acreditava ter feito. Algo que Neph precisara usar todas as suas habilidades para impedir. Por sorte, Roth estava ocupado demais invadindo o castelo e a cidade para perguntar onde estava seu vürdmeister. Além disso, tinha agora sessenta meisters sob seu comando, três deles vürdmeisters quase tão poderosos quanto Neph. Se Roth mandasse homens atrás dele, o pequeno quarto que Neph havia escolhido era isolado o suficiente para que nunca conseguissem encontrá-lo.

Sua obra – seu pequeno engodo, sua rebelião e sua aposta para conquistar as boas graças do Deus-rei – estava esparramada sobre a cama. Era uma linda moça... não que Garoth precisasse de mais uma linda moça. Mas aquela ali tinha um temperamento forte. Era impetuosa, inteligente e o melhor de tudo: uma noiva viúva e virgem, ainda por cima princesa. Jenine Gyre era um prêmio e tanto. Um prêmio para coroar o harém do Deus-rei. Um prêmio que Neph havia arrancado das garras da própria morte.

Todo vürdmeister com idade avançada sabia muita coisa sobre como preservar a vida. À medida que envelheciam, isso era do seu próprio interesse. *Mas eu sou um gênio. Um gênio.*

Seu plano havia se cristalizado enquanto Roth vociferava e palavras sem significado jorravam de dentro dele feito uma diarreia. Como de hábito. Fora um corte feliz, aquele seu. De um lado só do pescoço e não tão fundo a ponto de romper a traqueia. Neph a deixara sangrar até ela começar a perder forças, então fizera um pequeno filamento de magia penetrar até seu diafragma para expelir o ar de seus pulmões, dois outros para baixarem suas pálpebras, um quarto para fechar o ferimento em seu pescoço, alguns movimentos rápidos para tirar a atenção do corpo dela de modo a ninguém reparar que ela ainda respirava, e pronto, a moça era sua.

Havia matado sete criadas em busca do tipo certo de sangue. *Trabalho desleixado.* Deveria ter se saído melhor, mas fora suficiente. Decidira deixar a cicatriz. Ela dava à princesa certo quê de especial. Como toque final, encontrara na cidade uma moça parecida com a princesa e mandara espetar sua cabeça no portão leste junto com o resto da família real. Com a cor certa de cabelo e o penteado correto, tudo que se precisava fazer era espancar suficientemente o rosto, e a cabeça poderia se parecer com a de qualquer uma. Mesmo assim, fora um trabalho brilhante, pensou, ainda que exaustivo.

No dia seguinte, o Deus-rei chegaria. Das duas, uma: ou elogiaria, ou puniria Roth Ursuul. Fosse como fosse, Neph iria prosperar.

Algo o fez parar antes de ir até a porta. Algo parecia estranho lá fora. Ele foi até a janela, abriu as venezianas de madeira – os quartos de criados não tinham vidraças – e espiou o medonho jardim de estátuas cenário.

Os meisters haviam montado acampamento ali, imaginando que fosse um centro de poder. O vürdmeister Goroel gostava de desdenhar os deuses e os reis mortos dos países conquistados. Não se acomodar dentro do castelo era pura encenação. Quando os meisters iam à guerra, Goroel gostava de mostrar ao Deus-rei que estavam passando por condições difíceis. *Insuportáveis.*

Um homem subiu em uma das estátuas. Neph não conseguiu ver seus traços com clareza, mas com certeza não era khalidori. *Seria sethi? Por que um sethi com uma espada está subindo em uma estátua no meio de uma guerra?* Um gigante ferreiro louro em pé abaixo dele olhava em volta, nervoso. Neph balançou a cabeça. O vürdmeister Goroel não deixaria passar uma ofensa daquelas.

– Bruxos do Deus-rei! – gritou o sujeito com uma voz portentosa e amplificada dez vezes pela magia. *Seria um mago?* – Bruxos do falso Deus-rei, escutem o que vou dizer! Venham a mim! Neste dia, nesta pedra, vocês serão estilhaçados! Venham e que a sua arrogância seja recompensada!

Se não fosse pelas heresias, os bruxos talvez tivessem deixado o vürdmeister Goroel lidar com ele, mas aquele imbecil precisava ser detido. Na mesma hora. Trinta meisters mobilizaram seus vir.

Os sentidos mágicos de Neph explodiram. Ele cambaleou em direção à parede e desabou. Foi como se mil demônios gritassem em uníssono em cada um de seus ouvidos. Como uma fogueira, como um segundo sol, a magia explodiu por todo o castelo. Neph sentiu seu vir formigar e arder à medida que ela vinha na sua direção. Não estava segurando seu vir e foi isso que o salvou. O poder que se derramou do castelo era mais magia reunida do que jamais pudera imaginar. Mais magia do que o próprio Deus-rei era capaz de gerar.

Faíscas saltaram. Eram os meisters, entendeu Neph. Foram como moscas tentando apagar uma fogueira com o vento de suas asas. A magia os buscou, envolveu-os e os queimou até transformá-los em colunas de cinzas. Neph sentiu os filamentos do poder de cada um se romperem e rebentarem.

A conflagração ocorreu no pátio, naquele estranho jardim de estátuas cenário. Será que Neph deveria ficar ali e viver? Será que se atreveria a enfrentar aquele fogo? O que aquele mago, que era um verdadeiro titã, faria se Neph ousasse enfrentá-lo? O que o Deus-rei faria com ele caso não o enfrentasse?

Um pensamento estranho e solto ocorreu a Kylar enquanto ele abria a última porta e caminhava em direção à sala do trono. *É por isso que aqueles guardas em frente à Bocarra estavam nervosos... Eles eram uma isca. E agora eu também sou.*

Seu pensamento seguinte foi sobre o credo de Durzo: a vida é vazia. Um credo que ele próprio traía. Um credo incapaz de salvar a vida ou torná-la melhor. Para um derramador, apenas tornava-a mais segura, pelo fato de tentar eliminar sua consciência. Durzo tentara viver segundo ele e se descobrira nobre demais para tanto.

Kylar se perguntou o que o tinha levado até ali. Estava pronto para morrer. Seria por orgulho, por pensar que podia derrotar qualquer probabilidade? Seria por dever, por se achar obrigado a retribuir a dívida de sua vida salvando Uly? Seria por vingança, por odiar tanto Roth que morreria para matá-lo? Seria por amor?

Amor? Eu sou um bobo. Sentia algo por Elene, sim. Algo intenso, embriagante, irracional. Talvez fosse amor, mas o que será que ele amava? Elene ou uma imagem de Elene, uma imagem vislumbrada de longe e construída com a cola da suposição?

Talvez fosse apenas um último vestígio de romantismo que o levara até ali, algum resquício das histórias de príncipes e heróis que ouvira Ulana Drake ler. Talvez tivesse passado tempo demais com pessoas que acreditavam em falsas virtudes, como valor e sacrifício, as quais Durzo fizera de tudo para que desprezasse.

Mas o porquê de estar ali na verdade não importava. Aquilo era o certo a fazer. Ele não valia nada. Se a sua vida vazia pudesse salvar a de Elene, pelo menos teria conseguido realizar algo bom. Seria a única coisa de que poderia se orgulhar. Se conseguisse dar uma chance a Uly também, melhor ainda.

Ele também teria a sua chance: de matar Roth. Já tinha entrado em outras brigas se sentindo confiante, mas dessa vez era diferente. Ao adentrar

o curto corredor que conduzia à sala do trono, sentiu-se em paz.

Um silvo agudo cortou o ar. Os homens no recinto que não estavam em pé olhando para a porta ajeitaram as armas nas mãos.

Um alarme mágico para avisar que cheguei.

Os homens, é claro, eram montanhese. Ele já esperava por isso. Mas não que fossem trinta. E havia bruxos. Ele também esperava por isso. Mas não que fossem cinco.

As portas no canto sem saída no qual ele havia erguido Elene e Uly se abriram com um baque, e mais dez montanhese entraram atrás dele.

Com alguns passos rápidos, Kylar saltou rente ao chão para dentro da sala, torcendo para escapar do primeiro ataque. O recinto era imenso, com um trono de marfim posicionado acima dos assentos da assembleia no alto de dois largos lances de sete degraus separados por um patamar plano. Sentado no trono, Roth estava ladeado por dois bruxos. Os demais se mantinham em pé no patamar. Os montanhese estavam espalhados pelo salão.

O salto o fez passar pelo zumbido das espadas de dois montanhese, que desferiam golpes às cegas em frente à porta na esperança de acertar o derramador invisível.

Ele sacou Retribuição da bainha nas costas, rolou e ficou em pé.

Uma profusão de mãozinhas surgiu no ar quando os bruxos começaram a entoar um cântico. Elas o buscavam, tentando pegá-lo. Rastejavam pelo chão, pulando e atacando umas às outras enquanto procurando agarrá-lo.

Ele pulou para longe e tentou cortar as mãos com a espada, mas ela as atravessava sem qualquer efeito; não havia nada ali para ser cortado.

As mãos o cercaram, engrossaram e se fortaleceram quando dois bruxos começaram a cantar em sincronia. Então, quando as mãos o seguraram em pé, Kylar sentiu alguma outra coisa agarrá-lo. Sentiu-se como um bebê entre os dedos de um gigante.

A coisa começou a puxá-lo e ele sentiu a proteção do ka'kari se rasgar. Deixou-a ir. Não lhe adiantaria muito ficar parcialmente invisível se não conseguisse se mexer.

Bem, isto não começou bem. Este deve ser o pior resultado de todos os tempos na história dos homens estúpidos que caíram em armadilhas montadas intencionalmente para eles.

Kylar torceu, ou pelo menos esperou, conseguir levar consigo pelo menos alguns guardas. Dois teria sido bom. Durzo estaria balançando a cabeça de desgosto.

– Eu sabia que você viria, Blint – cacarejou Roth do trono.

Levantou-se com um pulo e acenou para os bruxos. Kylar foi erguido e projetado para a frente, carregado por magia escada acima e depositado no patamar logo abaixo do trono.

Blint? Pelos deuses. Eu caí em uma armadilha que nem foi armada para mim.

Os dedos mágicos arrancaram sua máscara.

– Kylar? – disse Roth, espantado. Então soltou uma gargalhada.

– Cuidado, meu príncipe – falou um bruxo ruivo à direita de Roth. – Ele está com o ka’kari.

Roth bateu palmas e tornou a gargalhar, como se não conseguisse acreditar na própria sorte.

– E bem a tempo! Ah, Kylar, se eu fosse outro homem, quase deixaria você viver.

A resposta espirituosa secou na língua de Kylar quando ele viu a expressão nos olhos de Roth. Se a maioria de suas vítimas tinha na alma pelo menos uma gota de escuridão, ele tinha dentro de si um rio interminável e sombrio, uma escuridão ribombante cuja voz parecia um trovão. Ali estava um homem que odiava tudo o que havia de belo.

– Capitão – disse Roth –, onde estão a menina e a vadia das cicatrizes?

Um dos homens que havia entrado depois de Kylar respondeu:

– Nós as perdemos, majestade.

– Estou decepcionado, capitão – falou Roth, mas sua voz tinha um tom jubiloso. – Encontrem-nas.

– Sim, alteza.

Pegando seus dez montanheses, o soldado tornou a sair para o corredor.

Roth se virou outra vez para Kylar.

– E agora a sobremesa. Kylar, sabe há quanto tempo estou procurando você?

Kylar piscou e se afastou, fechando de alguma forma os próprios sentidos para o homem à sua frente. Forçou um tom de voz casual:

– Como eu sou o homem que vai matá-lo, imagino que... ah, desde a primeira vez que você se olhou no espelho e percebeu quanto é feio.

Roth bateu palmas mais uma vez.

– Que divertido. Sabe, Kylar, sinto que você tem sido a minha sombra há anos, que tem se oposto a tudo o que eu fiz. O fato de ter roubado o meu ka'kari me deixou muito irritado.

– Bem, meu objetivo é irritar.

Na realidade, não estava escutando. Se oposto a ele durante anos? Roth era mesmo maluco. Kylar nem o conhecia. Mas ele que vociferasse quanto quisesse. Discretamente, contraiu os músculos para testar as amarras mágicas.

Pareciam de aço. Aquilo não estava indo bem. Ele não tinha plano algum. Não tinha sequer um começo de plano. Mesmo que tivesse bolado alguma coisa antes, não haveria um plano capaz de dar certo. Os soldados khalidori o cercavam, os bruxos o observavam qual abutres, com o vir a se contorcer de leve, e Roth parecia exageradamente satisfeito consigo mesmo.

– E você o cumpre. Parece surgir nas horas mais inoportunas.

– Igualzinho àquela pereba que você pegou dos michês, não é?

– Ah, *personalidade*. Excelente. Não cometo um assassinato realmente satisfatório desde ontem.

– Se caísse em cima da própria espada, seria uma satisfação para todos nós.

– Você já teve sua chance de me matar, Kylar. – Roth deu de ombros. – E fracassou. Mas eu não sabia que você era um derramador. Só soube seu verdadeiro nome ontem, e sua morte teve que esperar enquanto eu conquistava um reino para o meu pai.

– Não guardarei rancor de você por isso. – *Já tive a minha chance?*

– Quanta elegância na derrota. Foi Durzo quem lhe ensinou?

Kylar não soube o que responder. Decerto àquela altura era burrice ficar irritado por ter aparentemente perdido um ponto naquela batalha de retórica, mas se ele tivesse sido mais esperto não estaria nem ali.

– Devo dizer que não fiquei impressionado com os derramadores da atual geração – comentou Roth. – A aprendiz de Hu foi uma decepção tão grande quanto você. *Sério*, por favor. Durzo no mínimo teria matado um dos meus homens antes de se deixar capturar, não acha? Temo que você seja uma sombra medíocre do seu mestre, Kylar. Falando nisso, onde ele está? Não é do seu feitio mandar um inferior fazer um serviço do seu interesse.

– Eu o matei ontem à noite. Por trabalhar para você.

O príncipe bateu palmas de alegria e deu uma risadinha.

– Acho que essa foi a coisa mais bonita que eu já escutei. Ele me traiu ao salvar você, e você o traiu por trabalhar para mim. Ah, Kylar... – Roth desceu os degraus e se postou na sua frente. – Se eu pudesse confiar em algum maldito derramador, iria contratá-lo sem pestanejar. Mas você é perigoso demais. E, não vamos esquecer, se vinculou ao meu ka'kari.

O bruxo de Roth mudou de posição, obviamente nervoso por ver o príncipe tão perto de Kylar. *Esse bruxo deve saber alguma coisa que eu não sei*. Não conseguia mover um músculo. Estava totalmente impotente.

Espere. É isso. É exatamente por isso que o bruxo está nervoso. Ele acha que o ka'kari é uma ameaça. E, se ele acha isso, é porque deve ser.

Roth sacou uma linda espada comprida de uma bainha no quadril.

– Estou decepcionado com você.

– Por quê? – indagou Kylar, vasculhando a mente à procura de um jeito de usar o ka'kari.

O que sabia sobre ele? Que possibilitava seu Talento. Que o tornava capaz de ver através das sombras. Que o tornava invisível. Que brotava da sua pele e que o escondia com mais perfeição do que qualquer derramador conseguia se esconder.

Mas como?

– Estava torcendo para isto ser divertido – disse Roth. – Eu diria quanto

você dificultou minha vida. Mas você é igual a Blint. Indiferente a viver ou morrer.

Roth ergueu a espada.

– É claro que não sou indiferente – retrucou Kylar, demonstrando medo.
 – Dificultei sua vida como?

– Sinto muito, mas não vou lhe dar essa satisfação.

Ah, tenha dó!

– Não para mim – insistiu Kylar. – Você sabe que os meisters e os soldados do seu pai vão contar a ele tudo o que tiverem visto e ouvido. Por que não revela a história toda?

Foi tosco, mas era difícil pensar depressa com a vida em jogo.

Roth parou para pensar.

Era inútil. O ka'kari simplesmente agia. Pelo amor do Deus, tinha devorado uma faca na noite anterior! Não havia como saber que lógica o regia... se é que havia alguma. Ele era apenas magia.

Absorve. Devora. É isso que ele faz! Kylar tinha sentido uma forte onda de poder depois que o ka'kari absorvera a faca. *O Devorador.* Blint o chamara de o Devorador. Talvez Kylar estivesse começando a entender.

– Desculpe – disse Roth. – Eu não faço espetáculo para ninguém. Nem mesmo para você. Isso é só entre nós dois, Azoth.

Ele entregou a espada para o bruxo à sua esquerda e ajeitou os cabelos compridos atrás das orelhas... Só que ele não tinha orelhas. A esquerda parecia ter derretido. E a direita fora cortada.

Azoth tinha sido empurrado de joelhos no meio da oficina de barcos. Fora difícil fazer Rato ir até aquela oficina escura, mas ele conseguira. Agora o pé de Rato estava bem no centro do laço que ele havia posicionado no chão, mas Azoth não conseguia se mexer. Não conseguia absorver uma inspiração completa. Rato estava a poucos centímetros de distância, aterrorizante em sua nudez, dando uma ordem. Deu um tabefe em Azoth, que sentiu gosto de sangue. Quando percebeu, estava se mexendo. Agarrou o laço e puxou o nó com força em volta do tornozelo de Rato, que gritou e desferiu uma potente joelhada bem na cara de Azoth.

O garoto foi parar em cima da pedra grande, ralou as costas e caiu entre ela e o buraco no chão onde os barcos antigamente costumavam ser baixados até as águas imundas do rio. Debateu-se, apoiou na pedra os braços finos e ergueu os olhos, imaginando que o outro já estivesse em cima dele.

Rato olhou para ele, para o buraco, para a pedra, para a corda, para o próprio tornozelo. Azoth jamais esqueceria a expressão de seus olhos. Terror. Então Rato se esticou para cima dele e Azoth empurrou a pedra para dentro do buraco.

A corda se retesou e Rato foi puxado para o lado no meio do salto. Debateu-se, tentou agarrar Azoth, não conseguiu. Seus dedos se esfolaram no chão de madeira podre quando ele escorregou e desapareceu dentro do buraco. Ouviu-se um barulho de água.

Instantes depois, porém, Azoth ouviu alguém chorando. Foi até a borda do buraco.

Segurando-se com a ponta dos dedos, Rato implorava. Aquilo era impossível. Azoth então viu que sua pedra tinha caído em cima de uma das finas vigas que sustentavam a oficina acima do rio. O equilíbrio era precário, mas, contanto que Rato mantivesse a tensão da corda, a pedra não o arrastaria para as profundezas.

Azoth foi até a pilha de roupas de Rato e encontrou sua adaga. O outro implorava. Lágrimas escorriam por suas bochechas cobertas de espinhas, mas tudo o que Azoth conseguia escutar era o ronco do sangue a latejar em seus ouvidos. Agachou-se ao lado de Rato, cuidadoso, mas destemido. Mesmo nessa hora, os braços do rival tremiam por sustentarem seu peso: ele era gordo demais para se aguentar por muito tempo, gordo demais para soltar uma das mãos e agarrá-lo.

Com um movimento rápido, Azoth segurou sua orelha e cortou-a. Rato deu um grito e largou a corda.

Seu corpo bateu na pedra e a soltou. A última coisa que Azoth viu foi seu rosto aterrorizado ao ser puxado para debaixo d'água. Até mesmo isso foi obscurecido pelas mãos que chapinhavam tentando segurar alguma coisa, qualquer coisa... mas sem encontrar nada.

Azoth esperou, esperou mais um pouco, então saiu de lá cambaleando.

As espinhas tinham sumido. Ele havia deixado crescer uma barba para cobrir as poucas cicatrizes que restavam. A corpulência era a mesma, embora tivesse perdido peso desde que saíra das Tocas, mas aquela orelha cortada de modo irregular e os olhos – *pelos deuses, como não reparei nesses olhos mortos?* – eram os mesmos.

– Rato – sussurrou Kylar.

Seu plano se estilhaçou em mil caquinhos. Seu coração parou de bater. Ele se sentiu outra vez uma criança, esperando na fila para que Rato lhe batesse, acovardado demais para fazer qualquer outra coisa que não chorar.

– Eu estou morto, não é? Engraçado, foi isso que me disseram sobre você. – Roth balançou a cabeça, mas sua voz saiu baixa. Ele estava falando apenas com Kylar. – Neph queimou minha outra orelha como punição pelo que você fez. Você me custou três anos, Azoth. Levei três anos para me tornar chefe de guilda outra vez. Fiquei prendendo a respiração por... pelos deuses, pareceu uma eternidade. Tentei desatar o nó que você tinha amarrado no meu tornozelo enquanto meu sangue todo se esvaía naquela água imunda até Neph finalmente me puxar para fora. Ele viu tudo, disse que estava pensando se me deixava morrer ou não. Neph teve que matar um dos meus grandes... você se lembra de Roth, não lembra? Ele o colocou no meu lugar antes de o seu mestre aparecer. Tive que me transferir para outra guilda de merda, do lado oposto das Tocas, e começar tudo outra vez. Você quase me fez fracassar diante do meu pai. – Ele tremia de tanta raiva. Tornou a mostrar a orelha derretida. – Isto foi a *menor* das minhas punições. Então, de modo muito conveniente, você “morreu”. Nunca acreditei nisso, Azoth. Sabia que você estava por aí, esperando por mim. Se tivesse tempo, torturaria você por anos, levaria você até o limite da resistência humana. Curaria você só para machucá-lo outra vez. – Ele fechou os olhos e tornou a baixar a voz: – Só que eu não tenho esse luxo. Se o deixar vivo, meu pai talvez apareça com outros planos para você. Talvez

faça outra coisa com o ka'kari. Eu paguei por esse ka'kari e pretendo me vincular a ele agora mesmo. – Roth deu um sorriso sombrio. – Alguma última coisa a dizer?

Kylar havia perdido o foco, ficara distraído. O medo e o terror tinham feito sua mente se afastar do quebra-cabeça, quando nada devia ter sido mais importante. Durzo havia lhe ensinado a fazer melhor. O medo devia ser reconhecido, em seguida ignorado. Onde ele estava mesmo? Devorador? Magia?

– Merda – deixou escapar, sem perceber que tinha falado em voz alta.

Roth arqueou uma sobrancelha.

– Hummm. Batido, mas bastante preciso.

Mudando a pegada na espada, ele ergueu o braço. A espada começou a subir. Ele iria cortar sua cabeça. Tudo em Kylar gritou por socorro. Um estouro soou em algum ponto abaixo da faixa de audição humana, mas Kylar o sentiu abalar seu estômago feito uma trovoadas. Sua visão ficou branco-azulada de magia. Pôde vê-la correr pelo ar, rápida como uma flecha, um muro de magia.

O próprio castelo tremeu e todos caíram no chão. Para todo lugar que olhava, Kylar via as mesmas expressões atônitas. Roth jazia esparramado na escada, ainda de espada na mão, com a boca escancarada.

De repente, Kylar sentiu uma das amarras mágicas que o prendiam se partir. Olhou na direção dos outros e viu que a magia – parecia um temporal branco-azulado a cair de viés, voando invisível através de paredes e de pessoas – estava chovendo sobre as amarras e se acumulando ao redor delas. As amarras eram tão negras quanto o vir dos bruxos, e a magia azul silvava e faiscava sempre que tocava o preto.

Então a magia azul se agarrou à dos bruxos e subiu rugindo pelos filamentos negros, como um fogo de mato morro acima, até os bruxos que os seguravam.

Três deles começaram a se esgoelar. As amarras que prendiam Kylar desapareceram ao mesmo tempo que três tochas vivas iluminavam o salão. Os olhos de Kylar, porém, foram atraídos para si mesmo. O ka'kari agora o

cobria feito uma pele negra e, em todos os pontos nos quais a magia azul o tocava, ela se agitava como uma poça debaixo da chuva, então desaparecia... e o ka'kari inchava com mais poder ainda.

O Devorador também se alimentava de magia.

Então a onda mágica de choque passou.

Houve um brevíssimo silêncio e Roth então gritou para os bruxos que não estavam usando o vir, os dois únicos ainda vivos no recinto:

– Peguem-no!

Ele tomou a espada caída sobre a escada e a brandiu na cara de Kylar.

Os bruxos obedeceram na hora. Amarras se enroscaram nos braços e nas pernas de Kylar. Em todos os lugares nos quais elas o tocavam, o ka'kari inflava em resposta ao seu comando, se entrelaçava a elas, movia-se, sugava e as devorava.

Kylar se jogou para trás, retesando as amarras antes mesmo de elas se dissolverem por completo. Estourou-as com toda a força de seu Talento ao mesmo tempo que Roth rasgava o ar com a espada a poucos centímetros de seu pescoço.

Ele rasgou as amarras já enfraquecidas e desviou do golpe, voando para trás desajeitadamente. Girando no ar, lançou uma faca com a mão esquerda. Um soldado grunhiu e caiu no chão.

Kylar aterrissou de costas no chão. O impacto tirou todo o ar de seus pulmões, mas não havia tempo. Montanhese vinham em sua direção dos dois lados. Sua espada reluziu duas vezes, talhando botas e tornozelos. Três montanhese haviam caído, mas outros se aproximavam.

Kylar ficou em pé, ofegante, mas pronto para lutar.



Solon tentou descer da estátua. Logan Verdroekan tinha sido um dos primeiros reis de Cenária, um verdadeiro mito, mas o mago não conseguia se lembrar de nenhum de seus feitos. Deviam ter sido heroicos a ponto de fazer Regnus Gyre batizar o filho em sua homenagem.

Com certeza fora especial para ganhar uma estátua daquele tamanho, com a espada em riste e uma postura desafiadora. Solon a havia escolhido não por seu significado metafórico, mas apenas por querer que todos os meisters do jardim o vissem. Todos os que tinham usado seu vir em um raio de 500 passos durante os poucos segundos em que ele conseguira segurar Curoch estavam mortos.

A espada estava caída nas pedras abaixo dele. Feir recolheu-a e a enrolou em um cobertor. Gritava com Solon, mas ele não conseguia distinguir suas palavras. Ainda tinha a sensação de pegar fogo. Todas as veias de seu corpo formigavam com tanta intensidade que era difícil até sentir a espada de Verdroekan sob os dedos. Solon havia trepado nos ombros do rei morto e se segurado na arma de pedra para se equilibrar, erguendo Curoch com o mesmo gesto ao liberar a magia. Mudou a posição da mão, sentiu as pernas tremerem e caiu.

Feir não chegou a pegá-lo, mas pelo menos aparou sua queda.

– Não consigo andar – comentou Solon. Seu cérebro ardia, sua visão explodia com todas as cores do arco-íris, seu couro cabeludo parecia em chamas. – Foi incrível, Feir. E é um pedaço tão pequeno do que ela é capaz

de fazer...

Feir o agarrou e o jogou por cima do ombro como um homem normal ergueria uma criança. Disse alguma coisa, mas Solon não conseguiu entender direito. Feir repetiu.

– Ah, eu matei uns cinquenta. Devem ter sobrado uns dez – respondeu Solon. – Um lá na ponte leste.

Estava tentando se lembrar do que Dorian lhe falara. Algo urgente. Algo que ele não deixara Feir escutar.

Não deixe Feir morrer. Ele é mais importante do que a espada.

– Vou colocá-lo no chão – disse Feir –, mas não se preocupe: não vou sair de perto.

Em clarões verdes e azuis extravagantes, soldados khalidori se moviam em frente ao portão leste. Solon não conseguia se lembrar de ter deixado o jardim. O que viu o fez rir. Feir estava usando Curoch como *espada*.

Vê-lo manejar uma espada era mais do que incrível: era um privilégio. O gigante sempre tivera um talento natural, uma rapidez enganadora, uma força inacreditável e movimentos precisos como os de um bailarino. Em clarões verdes, azuis e vermelhos, destruiu os soldados. Não houve muitos choques entre espadas. No máximo, cada soldado teve tempo de brandir a própria arma uma vez, errar ou levar um contragolpe, para logo depois morrer.

Feir praguejou. O caos de cores foi intenso demais quando Solon acompanhou o seu olhar. O homenzarrão o pegou no colo, tornou a jogá-lo por cima do ombro e começou a correr. Solon viu a madeira da ponte sob os pés de Feir.

– Segure firme – instruiu o gigante.

Bem na hora, Solon se agarrou ao cinto de Feir, que se esquivou de lado, e seus imensos ombros se sacudiram. Com os pés esticados na frente de Feir e a cabeça apenas balançando atrás dele, Solon só conseguiu ver um breve clarão de Curoch. Feir girou e a espada tornou a se erguer. Solon viu três corpos caídos na ponte atrás deles. O gigante havia matado três homens com o amigo em cima dos ombros. Espantoso.

– Dorian me disse que nossa esperança era a água, mas para não pular – falou Feir. – Procure uma corda!

Solon levantou a cabeça, como se isso fosse de muita ajuda enquanto sacolejava nas costas do amigo. Não viu corda nenhuma, mas viu um meister atrás deles formando uma bola de fogo. Tentou gritar, mas não conseguiu encher os pulmões de ar.

– Dorian, seu maldito! – gritava Feir. – Que corda, merda?

– Abaixе-se! – disse Solon.

Com seus reflexos de mestre espadachim, Feir se abaixou na mesma hora. O fogo de bruxo crepitou acima de suas cabeças e explodiu em cima de dez soldados khalidori que protegiam o portão na outra extremidade da ponte. Solon saiu voando e sua cabeça quase foi esmagada por um dos imensos recipientes acesos que iluminavam a ponte.

O velho bruxo atrás deles – pela grossura de seu vir, Solon calculou que fosse um vürdmeister – gerava magia outra vez. Feir agarrou Solon pela gola e o jogou atrás do recipiente com fogo. A manobra pôs o amigo em um lugar seguro, mas deixou o gigante exposto. Dessa vez não foi fogo de bruxo, mas outra coisa que Solon nunca tinha visto. Um raio vermelho riscou o ar na direção de Feir, que ergueu um escudo mágico e se abaixou.

O escudo alterou por um triz a trajetória do raio – desviando-o para cima de um soldado que corria para se juntar aos companheiros –, mas a força da magia o despedaçou e lançou Feir para o outro lado como se fosse um boneco de pano. Curoch escapuliu de sua mão.

Usando uma força que não sabia possuir, Solon agarrou Feir e o puxou junto consigo para a sombra do recipiente.

Dois outros meisters corriam para se juntar ao vürdmeister. Atrás deles vinham soldados. O portão localizado no lado mais afastado da ponte se abriu e soldados começaram a passar aos montes.

Feir sentou-se e olhou para Curoch, exposta a 6 metros de onde eles estavam.

– Eu consigo usá-la – falou. – Eu consigo pegá-la.

– Não! – exclamou Solon. – Você vai morrer.

Os soldados e meisters tinham parado para se reorganizar e agora avançavam devagar, com cautela e ordem.

– Eu não tenho importância, Solon. Não podemos deixar que eles a peguem.

– Você nem viveria o suficiente para usá-la, Feir. Nem se estivesse disposto a trocar sua vida por um segundo de poder.

– Ela está bem ali!

– Aquilo também – disse Solon, fazendo um gesto em direção à borda da ponte.

– Você só pode estar brincando.

Do outro lado da borda, uma corda de seda preta havia sido amarrada de uma extremidade a outra da ponte. Feir não estava incrédulo com ela, mas com a altura.

– Ora, é a profecia, não é? Tem que dar certo – argumentou Solon.

Se pelo menos o mundo pudesse parar de girar.

– As coisas nunca funcionam exatamente como Dorian diz!

– Se ele tivesse avisado que você iria fazer o que está prestes a fazer, você teria vindo?

– Que inferno... Não. E não fique meneando a cabeça para mim com essa cara de quem sabe das coisas. Dorian já faz isso comigo o suficiente. – Feir olhou para os soldados e meisters que se aproximavam. – Tudo bem. Você primeiro.

Ele vai atrás de Curoch. Idiota metido a herói.

– Não consigo – disse Solon. – Não tenho força suficiente para segurar a corda. Se eu for sozinho, vou morrer.

Feir se levantou.

– Vamos lá...

Ele estendeu seu Talento e pegou a espada. No mesmo instante, mãos de vir crepitaram invisíveis por cima da sua magia e começaram a subir na sua direção. Solon cortou a magia do vir com a sua.

Pontinhos explodiram na frente de seus olhos.

– Ah, não faça isso. Não faça isso, por favor.

– Vou montar em você, Feir.

Solon não teve tempo de explicar. Os meisters estavam próximos.

– Que bela dupla! Eu sou maluco e você é gordo – disse Feir.

Mesmo assim, pegou Solon e o pôs nas costas.

– Só que temos magia e um plano. E eu não sou gordo!

Por mais que contestasse os planos quando estavam todos em segurança, durante uma batalha Feir sabia obedecer. Solon usou seu Talento e se prendeu às costas do amigo com amarras mágicas. Então preparou depressa cinco magias.

– Agora. Pule!

Feir saltou pela borda da ponte. A corda estava no lugar perfeito. Quando o gigante a segurou, Solon ativou as magias. Quatro buracos se abriram nas laterais de cada um dos recipientes acesos, projetando o óleo para cima da ponte. A última magia caiu feito uma faísca no meio do óleo.

Ouviu-se o bem-vindo ruído de ar se deslocando. O rio de repente se acendeu, laranja e branco, e o calor cobriu os magos que caíam. Tudo acontecia rápido demais. Feir havia segurado a corda com as duas mãos e uma das pernas. Na mesma hora, com a explosão, virou de cabeça para baixo. A súbita mudança de direção prendeu o braço de Solon nos ombros de Feir e o quebrou. Se não fossem as amarras mágicas, ele teria despencado feito uma pedra. Ancorada de ambos os lados da ponte, a corda primeiro se esticou, fazendo uma curva no meio. Como Feir e Solon não tinham chegado ao meio da ponte, caíram de cabeça para baixo por 15 passos.

A corda então se soltou.

Enquanto via a luz explodir acima deles, Solon teve uma consciência distante de que estavam caindo na direção do rio a uma velocidade colossal. A ponte estava envolta em chamas, que subiam alegremente rumo ao céu noturno. Ou talvez aquilo fosse a dor explodindo dentro da sua cabeça. Eles bateram em algo frio e duro.

Solon inspirou. Foi no momento errado. O frio e duro havia se transformado em frio e molhado. Eles estavam debaixo d'água. Tossiu quando Feir voltou à superfície e pensou vagamente que das duas, uma: ou

seu amigo era um exímio nadador, ou algo os estava puxando.

Feir estava de joelhos na água rasa, com as mãos para o alto. Encarapitado em suas costas, Solon notou que as mãos dele haviam sido estraçalhadas pela corda. Dava para ver o osso.

– Ah, vocês estão melhor do que imaginei – disse a voz de Dorian enquanto sua magia os tirava do rio. – Parem de fazer corpo mole. Se quisermos chegar a Khalidor a tempo, temos que andar logo.

– Corpo mole? – disse Solon, satisfeito ao constatar que ainda tinha forças para se indignar.

– Khalidor? – Feir estranhou.

– Bem, é lá que minha noiva está esperando. Mal posso esperar para saber quem é. Acho que Curoch vai acabar chegando lá também.

Feir praguejou, mas Solon – apesar do braço quebrado, da visão roxa e de todo o resto – apenas riu.



À medida que eram alcançados pelo arco de sua espada, por seus pés que chutavam ou por seus punhos que socavam, os homens caíam feito grãos sob um temporal de verão. Para Kylar, que sempre tinha sido bom de luta, a batalha de repente fazia sentido. O caos foi se desdobrando em padrões lindamente intrincados, entrelaçados e lógicos.

Com um simples olhar, conseguia julgar o movimento do adversário: parar à esquerda, hesitar, esticar o corpo, afastar-se. Um homem morria e caía longe o suficiente para não impedir seus movimentos. Na sequência, golpe para a direita, rolamento, soco no nariz. Giro, panturrilha, garganta. Bloqueio, contragolpe. Punhalada.

A batalha tinha um ritmo, uma música. Não havia nenhum som fora de lugar. O tenor do aço a retinir se sobrepunha ao baixo dos punhos e pés esmurrando carne – suave e depois duro, suave e depois duro – e ao barítono dos xingamentos, tudo pontuado pela percussão em *staccato* da cota de malha se rasgando.

Com seu Talento a cantar, Kylar era virtuoso. Lutava com verdadeiro frenesi, um dançarino possuído. O tempo nunca diminuía a velocidade, mas ele observou que o corpo reagia de forma quase inconsciente: virava-se, esquivava-se de golpes que sua mente não chegava a registrar e golpeava com a mesma velocidade e graça assombrosas de um Anjo da Noite.

Os montanheses tentavam subjugar-lo pela força dos números. Suas espadas cortavam o ar a 2 centímetros de sua orelha, a um centímetro de seu

ventre, a meio centímetro da coxa. Ele se antecipava a cada tempo, diminuindo cada vez mais as margens até os corpos que estava matando começarem a ser empurrados para a frente em vez de caírem para trás, e a chegar mais perto dele.

Ele embainhou Retribuição, segurou a mão que empunhava uma faca mirada na sua barriga e puxou um montanhês magrelo até o outro lado do círculo, fazendo-o apunhalar um companheiro. Levou às costas a mão armada com faca e desviou um golpe de espada, enquanto com a outra faca encontrava a órbita de um olho.

Duas lanças vieram na sua direção e ele se jogou no chão, puxando ambas para a frente. Quando cada uma empalou um corpo, tornou a se levantar, destruindo com um chute o rosto de outro montanhês.

Mas aquela situação não tinha jeito. Dali a poucos instantes, ficaria encurralado dentro de uma jaula de armas emaranhadas e homens agonizantes a se debater.

Leve como um gato, pulou nas costas de um homem ajoelhado à beira da morte e saltou do ombro de um dos lanceiros empalados.

Enquanto rodopiava de lado pelo ar, uma bola de fogo de bruxo verde do tamanho de seu punho riscou o ar na sua direção. Acertou sua capa e se partiu em pedaços. Ele aterrissou em pé e se abaixou para evitar uma espada. Sua capa explodiu em chamas verdes e ele a arrancou, ao mesmo tempo que mergulhava entre duas lanças.

Segurando a ponta da capa, ficou em pé e enrolou a roupa em volta de outro guerreiro que o atacava. A chama verde correu na direção da pele do homem, transformando-se em uma viva labareda azul enquanto ele gritava.

Outra bola de fogo de bruxo chispou pelo ar e Kylar mergulhou atrás de uma das pilastras que sustentavam o pé-direito alto.

Houve dois tempos de descanso. Kylar havia matado ou incapacitado mais da metade dos khalidori, mas agora os outros estavam dando o melhor de si. Ponto, contraponto.

– Protejam o capitão! Não tirem os olhos de um meister! – gritou Roth.

Homens acorreram ao capitão para formar uma barreira entre Kylar e

Roth, que havia recuado até o trono para assistir. Mas Kylar, protegido pela pilastra, não iria perder tempo. Sabia que, se quisesse uma chance de matar Roth, tinha que assassinar os bruxos. Ambos estavam olhando para os espaços entre as pilastras pelos quais ele precisaria correr.

Ele fez o *ka'kari* empoçar na palma da mão e, concentrando-se na sensação daqueles dedos de magia, com a força do pensamento o fez descer até a ponta da espada. Parecendo perceber sua urgência, ele cobriu o metal na hora. Então tanto *ka'kari* quanto aço tremeluziram e desapareceram.

Kylar saiu de trás da pilastra e, na mesma hora, os dedos surgiram em cima dele. Desferiu um golpe rápido circular e os sentiu minguar e sumir. Correu na direção de uma pilastra, mas não antes de um fogo jorrar dos dedos de um bruxo.

Se tivesse raciocinado, Kylar não tentaria bloquear aquilo com a espada – isso era insano –, mas foi um ato reflexo. A espada bateu de lado no globo de fogo verde. Em vez de explodir, o fogo *penetrou* a lâmina da espada com um ruído de ar se deslocando.

Kylar se esquivou para trás de uma pilastra. A espada agora encontrava-se visível por causa da chama verde que a atravessava crepitando. Com toda a força de seu Talento, deu um salto. Saiu voando no meio da sala do trono e, ricocheteando em uma pilastra, mudou de trajetória abruptamente, projetando-se escada acima.

Ele caiu no patamar entre os dois lances de escada. Partiu para cima dos montanheses e desferiu a espada contra o bruxo que entoava um cântico a menos de 2 passos de distância.

O topo da cabeça do meister se abriu, deixando o cérebro à mostra. O homem girou, mas seus lábios concluíram o encantamento. Os grossos filamentos negros que se contorciam sob a pele de seus braços incharam de forma grotesca, como músculos a se contrair, e então se destacaram dos braços e explodiram pela pele.

O poder jorrava do bruxo agonizante, que cambaleou tentando encontrar Kylar. O rapaz pulou atrás dele. Chutou-o com tanta força que o homem se ergueu do chão e se esborrachou em cima dos montanheses.

Os filamentos negros revoltos rasgaram o corpo dos homens, sugando-os como mãos ávidas e mastigando-os com um ruído que parecia o de toras sendo serradas.

Na mesma hora, Kylar sentiu uma luz branca se formar atrás de si. Virou-se a tempo de ver o homúnculo se aproximar. Ele se esquivou de seu golpe desesperado com a espada e cravou as minúsculas garras no seu peito.

Kylar já estava pulando de lado quando sentiu a concussão e viu o ar se encrespar. Uma bolha de realidade veio na sua direção. O ar encrespado se curvou e o seguiu quando ele correu. Então o ar se rasgou. Ele saltou até a parede e quase levou outra bola de fogo de bruxo na cara.

O verme do abismo se projetou para a frente, entrou na realidade e não o pegou por um triz. Contorceu-se com fúria, rasgando mais o buraco e cravando garras de fogo em volta de duas das pilastras, a quase 2 metros de distância. Kylar arrancou o homúnculo do peito e o lançou na cara de um dos soldados.

Quando o verme atacou pela segunda vez, Kylar deu um pulo reto. A boca que parecia a de uma lampreia se projetou, capturando o soldado e o homúnculo e os sugando para dentro do abismo. Quando Kylar voltou para o chão, o verme tinha desaparecido.

Virou-se e deu um salto a fim de chegar ao alto da escada, mas foi lento demais. Na mesma hora em que saiu do chão, viu um borrão de luz vindo na sua direção. Não houve tempo para sacar uma faca de arremesso. Ele atirou a espada no último dos bruxos.

O raio mágico fez seu ombro esquerdo explodir. Enquanto seu movimento o impelia para cima e para a frente, a explosão o fez dar uma cambalhota para trás. Ele desabou no chão de mármore, a menos de meio metro do trono, e sentiu o joelho esquerdo se estilhaçar.

Por alguns instantes, sua visão se recusou a entrar em foco. Ele piscou duas vezes e finalmente conseguiu limpar o sangue. Viu Retribuição enterrada até o cabo no corpo de um bruxo a 10 passos dali, com a lâmina enegrecida por seu ka'kari.

Entendeu que estava vendo o homem morto por entre um par de pernas.

Subiu os olhos por elas até chegar ao rosto de Roth.

– Levante-se – disse o rival e cravou a espada comprida na base das costas de Kylar.

O derramador deu um arquejo quando Roth girou a lâmina. Então o metal quente se afastou. Algo puxou Kylar até colocá-lo em pé. A dor parecia uma nuvem que tornava tudo desfocado e indistinto. Atordoado, encarou os bruxos mortos. *Quem me levantou?*

– Todos os aethelings do Deus-rei Ursuul nascem bruxos – afirmou Roth. – Você não sabia?

Kylar o encarou com um ar abobalhado. Roth era Talentoso? As mãos invisíveis o soltaram e ele caiu ao tentar apoiar o peso na perna esquerda destruída.

– Levante-se! – repetiu Roth.

Chutou-o nas partes íntimas e o xingou. Kylar deixou a cabeça cair sobre o mármore à medida que os gritos de Roth se tornavam desarticulados. O som da voz do outro foi diminuindo de volume até se transformar em um murmúrio comparado ao rugido da dor.

A agonia o transpassou, dessa vez na barriga, quando Roth lhe deu outro chute. Cada parcela de seu corpo estava sendo queimada, embebida em álcool, esfregada com sal. Suas pálpebras estavam delineadas por vidro moído. Seus nervos, mastigados por pequenos dentes. Cada tecido, tendão, músculo e órgão seu mergulharam em uma salmoura de dor. Ele gritou a plenos pulmões.

Mas sua mente clareou.

Kylar piscou. Estava em pé diante de Roth, consciente. Consciente e consternado. Devia ter aterrissado em cima do joelho esquerdo ao desabar no piso de mármore, pois a articulação fora destruída. Ele sangrava por dentro: os ácidos do estômago corroíam os intestinos, que vazavam uma morte lenta para dentro das outras vísceras; um rim purgava sangue negro. Seu ombro esquerdo parecia ter beijado o martelo de um gigante.

– Você não vai ter uma morte fácil – disse Roth. – Eu não vou permitir. Não depois do que fez. Olhe só o que você fez! Meu pai vai ficar uma fera.

Pronto, era isso. Ele estava morrendo. Kylar conseguiu se apoiar de modo instável na perna que lhe restava, mas estava desarmado. Sua espada e o ka'kari estavam a 10 passos de distância, mas era como se estivessem do outro lado do oceano. Mesmo assim, Roth tomava cuidado para não chegar ao alcance das suas mãos. Kylar não tinha sequer uma faca de cinto.

– Está pronto para morrer? – indagou Roth, com os olhos brilhando de malevolência.

Kylar olhava para a própria mão direita. Em meio a todas as partes espancadas, cortadas e esmagadas de seu corpo, seus dedos estavam perfeitos e curados. Não era aquela mão que ele havia cortado na janela na noite anterior?

– Estou – respondeu, surpreendendo a si mesmo.

– Algum arrependimento?

Kylar olhou para dentro dele e o compreendeu. Sempre tivera escuridão suficiente na própria alma para entender os homens maus. Roth estava tentando lhe provocar angústia. Queria matá-lo enquanto ele pensava em todas as coisas que não tinha feito. Seu alimento era o desespero.

– Morrer bem é fácil. Basta um só instante de coragem. O que eu não consegui foi viver bem. O que é a morte em comparação com isso?

– Você está prestes a descobrir!

Roth cuspiu. Kylar deu um meio-sorriso, em seguida abriu um sorriso pleno enquanto o outro era tomado pela raiva.

– Matar Logan foi mais divertido – falou Roth e cravou a espada com violência no peito de Kylar.

Logan! O pensamento varou-o com mais crueldade do que a espada empunhada por Roth. Morrer daquele jeito não era inesperado nem injusto. Mas Logan nunca quisera machucar ninguém. Não era certo Roth tê-lo matado. Não era justo. Não era direito.

Kylar encarou o aço a lhe despontar do peito. Segurou a mão de Roth com a sua e puxou a si mesmo na direção da espada, cravando-a em si até o cabo. O outro arregalou os olhos.

– Eu sou o Anjo da Noite – disse Kylar com um arquejo quando o aço

penetrou seu pulmão. – Isto é justiça. Isto é por Logan.

Ouviu-se um *tlim* e um barulho de metal rolando pelo mármore. O ka'kari pulou em direção à mão de Kylar... e foi interceptado com precisão por Roth. Seus olhos se acenderam de triunfo. Ele riu.

Mas Kylar o segurou pelos ombros e cravou os olhos nos seus.

– Eu sou o Anjo da Noite – repetiu. – Isto é justiça. Isto é por Logan.

Kylar ergueu a mão direita. Roth não parecia entender. Então olhou para a própria mão esquerda. O ka'kari estava se liquefazendo e escorrendo por entre seus dedos. Suas mãos se agitaram como na oficina de barcos, mas nada encontraram. O ka'kari bateu na palma da mão de Kylar e se materializou em seu punho na forma de uma imensa faca.

Kylar arremeteu o punho contra o peito de Roth.

Roth olhou para baixo; sua incredulidade se transformou em horror quando Kylar retirou a adaga. Seu horror se transformou em medo quando seu coração começou a bombear sangue direto para dentro dos pulmões.

Roth gritou, uma aguda negação da própria mortalidade.

O derramador soltou-o e tentou se afastar, mas seus membros se recusaram a obedecer. Seu joelho fraquejou e ele desabou no chão junto com o príncipe khalidori.

Ficaram os dois caídos no mármore ao pé do trono, cara a cara, ambos à beira da morte. Os dois estremeceram quando espasmos incontrolláveis percorreram seus membros. Ambos sorveram terríveis e dificultosas inspirações no mesmo ritmo. Os olhos de Roth se encheram de medo, um pânico tão intenso que chegou a ser paralisante. Ele não parecia mais ver Kylar caído a poucos centímetros de distância. Seu olhar foi ficando mais distante e se encheu com um terror vindo lá do fundo da alma.

Kylar estava satisfeito. Aquele Anjo da Noite havia distribuído a morte. A morte, portanto, era o seu quinhão. Não era bom, mas era justo. Sua sentença merecida. Ao ver os olhos atormentados de Roth finalmente se embaçarem, desejou haver nela algo mais belo a encontrar do que justiça. Mas não teve forças para dar as costas àquela vida, àquela morte, àquela terrível justiça.

Então alguém o virou. Uma mulher. Sua imagem entrou em foco devagar. Era Elene. Puxou Kylar para o seu colo, acariciou os seus cabelos. Estava chorando. Ele não conseguia ver as suas cicatrizes. Ergueu uma das mãos e tocou o seu rosto. Ela era um anjo.

Então viu a própria mão. Estava inteira e, por incrível que fosse, sem sangue algum. Pela primeira vez na vida, suas mãos estavam limpas. *Limpas!*

A morte veio. Kylar se entregou.



Terah Graesin acabara de pagar uma fortuna a um dos homens mais bonitos que já tinha visto na vida. Jarl dizia estar falando em nome do Shinga, mas tinha uma atitude tão segura que ela se perguntou se ele próprio não seria o Shinga. Não gostara de dar tanto dinheiro assim para o Sa'kagé, mas não tivera escolha. O exército do Deus-rei chegaria na manhã seguinte e ela já havia permanecido tempo demais na cidade.

O golpe não corra conforme os planos de Garoth Ursuul. Os khalidori controlavam as pontes, o castelo e os portões da cidade, mas alguns tinham apenas um contingente reduzido. A situação iria mudar quando o restante do exército chegasse, e Terah Graesin e seus nobres precisavam estar bem longe quando isso acontecesse. Se ela não houvesse dado a Jarl metade da sua fortuna, teria sido obrigada a deixar o dinheiro inteiro para trás. Uma rainha era quem tomava as decisões difíceis e, com todos os outros mortos, esse agora era o seu papel.

Era meia-noite. As carroças estavam abarrotadas. Os homens aguardavam. Estava na hora.

Terah ficou parada em frente à sua mansão. A exemplo das residências das outras famílias ducais, era antiga, uma verdadeira fortaleza. Uma fortaleza saqueada que recendia aos muitos barris de óleo que haviam despejado em cada cômodo, por cima dos objetos valiosos pesados demais para serem carregados, nas fendas que haviam cavado em cada viga centenária. Estava na hora. O combinado era os derramadores de Jarl

eliminar os khalidori que vigiavam o portão leste da cidade à meia-noite. Todos os outros nobres estavam reunidos em frente às próprias casas. De sua varanda frontal elevada, ela podia ver alguns deles, esperando para ver se ela faria mesmo aquilo.

Em sua mente, fechou as portas da mansão. Para sempre. Quando voltasse, reconstruiria a casa de sua família duas vezes mais esplendorosa do que antes.

Terah Graesin foi até a rua e pegou a tocha da mão do sargento Gamble. Os arqueiros se reuniram à sua volta. Ela acendeu pessoalmente cada flecha. Quando meneou a cabeça, os arqueiros as dispararam.

A mansão se incendiou. O fogo se derramou pelas janelas e subiu em direção ao céu. A rainha não ficou para ver. Montou em seu cavalo e conduziu, em direção ao portão leste, seu patético exército de trezentos soldados e um número de criados e comerciantes que devia ser o dobro disso.

Por todo o lado leste, os grandes casarões começaram a pegar fogo, um após o outro. Eram as piras funerárias das grandes fortunas. Os nobres perderam tudo; o mesmo acontecia com todos aqueles cujos empregos dependiam deles. Mas os incêndios da destruição eram também símbolos de esperança. Vocês podem ter vencido, dizia Cenária, mas sua vitória não é um triunfo. Podem me expulsar da minha própria casa, mas não vão morar nela. Não lhes deixarei nada a não ser uma terra calcinada.

Em resposta a esses grandes incêndios, outros menores também foram surgindo por toda a cidade. Comerciantes atearam fogo em suas lojas. Ferreiros encheram tanto suas fornalhas de carvão que elas rebentaram. Padeiros destruíram seus fornos. Moendeiros afundaram seus moinhos no Plith. Donos de armazéns queimaram seus estoques. Donos de gado mataram seus rebanhos. Capitães confinados ao Plith pela magia dos bruxos afundaram as próprias embarcações.

Milhares de pessoas se juntaram ao êxodo. O filete de nobres com seus criados virou um dilúvio. O dilúvio virou multidão, um exército a marchar para fora da cidade. Alguns conduziam carroças, outros iam montados,

outros caminhavam descalços, de mãos e barrigas vazias. Alguns praguejavam; alguns oravam; outros olhavam por cima dos ombros com uma expressão desolada; outros choravam. Alguns deixaram para trás irmãos, irmãs, pais e filhos, mas cada um daqueles órfãos e órfãs de Cenária carregava no coração uma pequena e tênue esperança.

Eu vou voltar, jurava essa esperança. Eu vou voltar.

Neph se afastou o máximo possível entre os meisters, generais e soldados aguardando para receber o Deus-rei Garoth Ursuul, que atravessava West Kingsbridge a cavalo com sua comitiva. O Deus-rei usava uma volumosa capa de arminho que acentuava a palidez de sua pele setentrional. Tinha o peito nu a não ser pelas pesadas correntes de ouro do seu cargo. Era um homem robusto, corpulento porém musculoso, vigoroso para a idade. Fez seu garanhão parar em frente ao portão do pátio. Seis cabeças espetadas em estacas o acolheram. Uma sétima estava vazia.

– Comandante Gher.

– Sim, meu suserano... meu deus, Sua Santidade, senhor. – O ex-guarda do rei pigarreou.

A situação não estava nada boa. Embora os planos de Roth e Neph parecessem ter corrido sem problemas, os exércitos do Deus-rei por algum motivo haviam sofrido baixas bem mais pesadas do que o previsto. Uma embarcação inteira de montanheses mortos. Muitos dos nobres que deveriam estar mortos foragidos. Grandes trechos da cidade em chamas. O coração da indústria e da economia de Cenária reduzido a cinzas.

Por enquanto não havia resistência, mas com tantos nobres ainda vivos não demoraria a acontecer. Os meisters, que supostamente deveriam ter funcionado como uma devastadora frente de ataque ao coração de Modai, jaziam mortos. Mais de cinquenta assassinados de uma só vez, sem explicação alguma a não ser boatos sobre um mago com um Talento que não

se via desde Ezra, o Louco, e Jorsin Alkestes. A invasão ceurana terminada antes de começar. O filho do Deus-rei assassinado bem na hora em que completava seu *uurdthan*.

O Sa'kagé teria que ser controlado e incêndios, apagados, no sentido figurado e literal. Alguém precisaria responder por aquilo. Neph Dada se preparava para garantir que não fosse ele.

– Por que tem uma estaca vazia na minha ponte? – perguntou Ursuul. – Alguém sabe dizer?

O comandante Hurin Gher se remexeu na sela enquanto olhava para a estaca citada com um ar idiota.

– Ainda não encontramos o corpo do príncipe... quero dizer, do pretendente a... enfim, de Logan Gyre, senhor. Nós... nós sabemos que ele está morto. Temos três relatos que confirmam a sua morte, mas com todo o combate que houve... Estamos... estamos trabalhando nisso.

– Entendo. – O Deus-rei Ursuul não olhou para Hurin Gher. Estudava os rostos da família real acima dele. – E essa tal *Sombra* que matou o meu filho? Onde está a cabeça dela?

A ameaça velada na pergunta de Garoth fez Neph sentir um calafrio. Quando os khalidori entraram na sala do trono pela primeira vez, pensaram que uma unidade de elite tinha dizimado todos os seus homens lá dentro, mas o vürdmeister conseguira reviver um homem que tivera os pés cortados. O sujeito jurou ter visto a maior parte do combate antes de perder os sentidos. Havia sido um homem só. Uma sombra. O Anjo da Noite, segundo ele. A história já se espalhava entre os soldados.

Um homem que andava sem ser visto, capaz de matar trinta montanheses, cinco meisters e um dos aethelings do próprio Deus-rei. Um homem imune ao aço e à magia. Era uma bobagem, claro. Com todo o sangue que haviam encontrado, esse homem devia estar morto.

– Alguém levou o corpo dele embora, senhor. Nós seguimos o rastro de sangue pelos corredores secretos. Tinha muito sangue, senhor. Se era mesmo apenas um homem, com certeza não sobreviveu.

– Pelo visto temos muitos mortos sem cadáver, comandante. Encontre-

os. Enquanto isso, espetem outra cabeça na estaca. De preferência parecida com a de Logan Gyre.

Não era justo. Ferl Khalius tinha sido um dos primeiros montanhese a pisar sobre o solo de Cenária. Fora um dos poucos a escapar da barça em chamas antes do naufrágio, e só por ter tido o bom senso de tirar a armadura antes de pular na água, o que o impedira de se afogar como tantos companheiros. Havia se juntado a outra unidade e lutado com as próprias mãos até conseguir se rearmar com o equipamento dos montanhese mortos no primeiro ataque ao pátio. Matara pessoalmente seis soldados cenários e dois nobres – seis incluindo as crianças, mas ele não as contava.

E o que havia recebido em troca desse heroísmo, dessa astúcia? Merda. Algumas unidades estavam recebendo permissão para saquear: as boas no lado oeste da cidade, que os bárbaros chamavam de Tocas, e as melhores no que restava do lado leste junto com os oficiais. A unidade de Ferl fora inteiramente dizimada, de modo que ele fora encarregado de limpar a sujeira na ponte leste.

O trabalho não era só sujo; era também perigoso. Os bruxos haviam apagado o incêndio, mas muitas das tábuas da ponte estavam fracas. Algumas rachavam ou se partiam quando pisadas. As pilastras continuavam em bom estado: revestidas com ferro, eram imunes ao fogo, mas isso não adiantava muita coisa.

A pior parte do serviço eram os cadáveres. Alguns pareciam bifes bem-passados, carbonizados por fora, mas por dentro rachados e purgando líquidos. O fedor de carne e cabelo queimado! Ferl examinava os corpos, pegava o que parecesse de valor e os atirava pela lateral da ponte. Algumas unidades gostariam de receber de volta seus mortos para poderem enterrá-los, mas ele não iria carregar aquelas malditas coisas fétidas até o outro lado

da ponte. Elas que fossem para o abismo.

Foi então que viu uma espada. Devia estar debaixo de um dos corpos quando o incêndio havia começado, pois estava intacta. Nem mesmo a fumaça chegara a danificar o cabo. Era linda, com dragões esculpidos no cabo. O tipo de arma digna do líder de uma divisão de guerreiros. Ou de um comandante militar. Com uma espada assim, Ferl conquistaria a admiração do clã. Uma admiração merecida. Sua ordem era levar para um dos vürdmeisters qualquer coisa fora do comum que encontrasse. *Até parece, depois do jeito que eles me trataram.*

Olhou para os outros homens que trabalhavam na ponte, viu que ninguém estava prestando atenção, sacou a própria espada, pousou-a de lado e enfiou na bainha a preciosidade que acabara de encontrar. O encaixe não ficou perfeito, mas por ora bastava. O cabo era um problema, por causa dos dragões, mas em breve ele poria tiras de couro ao redor. Era jeitoso com as mãos. Dali a algumas horas, aquela espada ficaria igual a qualquer outra.

Ela melhorava consideravelmente o seu visual. Não chegava a ser suficiente para recompensar sua coragem, mas era um começo.

A meister desceu o último corredor até chegar ao que os bárbaros do sul chamavam de Cu do Inferno. Uma lufada nauseante e embriagante de tormento a engolfou. Ela pisou em falso e cambaleou na direção da parede. O soldado que a acompanhava se virou. Parecia assustado.

– Não foi nada – disse ela.

Andou até a grade que tapava o buraco. Enunciou algumas palavras e uma luz vermelha se acendeu na sua frente. As criaturas dentro do buraco estreitaram os olhos e se encolheram. A luz desceu e examinou cada prisioneiro. Dez homens, uma mulher e um retardado com os dentes lixados. Nenhum deles podia ser o usurpador. Virou-se, um pouco tonta, e saiu dali tentando não fugir.

Um minuto depois, um homem grande rolou para fora de uma saliência escavada na pedra. A mulher olhou para ele e balançou a cabeça.

– Você é um tolo. Nada que pudessem fazer com você seria pior do que ficar aqui. Olhe só para você. Treze, você é mole. O Buraco vai destruí-lo.

Logan encarou inexpressivo aquela mulher imunda, com grandes rombos no vestido e alguns dentes faltando. A expressão em seu rosto era a única coisa próxima da bondade humana que se podia encontrar naquele buraco.

– Embora todos os detritos da humanidade passem por este buraco e todas as chamas da perdição saiam por ele, eu não vou ser destruído.

– Ele usa cada palavra elegante, não é? – comentou o grandalhão chamado Fin.

Ele abriu um sorriso cheio de gengivas ensanguentadas, um dos primeiros sintomas do escorbuto, e tornou a enrolar no corpo sua corda feita de tendões.

– Esse filho da puta tem muita carne. Nós vamos comer bem.

Escorbuto significava carências alimentares, que por sua vez indicavam que ele tinha vivido tempo suficiente para adoecer por causa delas. Fin era um sobrevivente. Logan virou os olhos na sua direção e sacou a faca, sua única vantagem em relação àqueles animais.

– Vou falar de um jeito bem simples – disse, reprimindo o impulso de falar errado. – Vocês não vão me destruir. O buraco não vai me destruir. Eu não vou ser destruído. Não. Vou. Ser. Destruído.

– Como você se chama, meu bem? – indagou a mulher.

Logan se pegou sorrindo. Algo selvagem e primevo começou a nascer dentro dele. Algo dentro dele falou: “Onde outros fracassaram, onde outros titubearam e caíram, eu vencerei. Eu sou diferente, sou feito de outro material. Eu voltarei.”

– Podem me chamar de rei – falou, sorrindo um “foda-se” através de toda a ansiedade e de toda a dor, e sentiu-se forte.

Era isso. Aquilo era sobrevivência. Aquele era o segredo. Aquele era a chama oculta nas cinzas de seu coração queimado. Agora era só conseguir

sustentá-la.



Epílogo

Elene bateu na porta da oficina do tanoeiro; tinha os cabelos cobertos, as costas vergadas e o pé torcido de lado no chão de terra batida. O exército khalidori havia chegado na véspera e o rei Garoth Ursuul estava recompensando as tropas pela coragem demonstrada permitindo a alguns soldados pegar o que quisessem. Não era um bom dia para ser uma mulher bonita nas ruas de Cenária.

Ela levava dois penosos dias para encontrar aquele lugar. O tanoeiro destrancou a porta e acenou para ela entrar, apontando para os fundos da oficina. Jarl estava diante de uma mesa coberta de papéis, com volumosos sacos de dinheiro a seus pés.

– Achei um jeito de vocês saírem – falou. – Um mestre de caravana khalidori aceitou levá-los. Terão que ir deitadas dentro de um compartimento usado para contrabandear chá de barush e coisas piores até saírem pelos portões, mas há espaço suficiente para você e a menina. Vão partir quando anoitecer.

– Esse contrabandista é da sua confiança? – indagou Elene.

– Ninguém é da minha confiança – respondeu Jarl, exausto. – Ele é khalidori e você é linda. Mas como ele é khalidori tem mais chances de passar pelos portões. E trabalha conosco há vinte anos. Tomei providências para que transportá-las em segurança seja de grande interesse para ele.

– Deve ter custado uma fortuna.

– Meia fortuna – retrucou Jarl e uma sombra de sorriso surgiu em seus lábios. – A outra metade ele vai receber quando você mandar me avisar que

chegou bem.

– Obrigada.

– É o mínimo que posso fazer por Kylar. – Jarl baixou os olhos, envergonhado. – O mínimo e o máximo.

Elene o abraçou.

– É mais do que suficiente. Obrigada.

– A menina está lá embaixo. Não quer sair de perto do cor... Não quer sair de perto dele.

Estava reconhecendo aquele lugar. O calor branco e dourado o preencheu; seu corpo exultou com a luz. Ele avançou pelo túnel com passos seguros e sem esforço. Ansiedade sem pressa.

Dedos delicados fecharam seus olhos. Uma criança deu um grito agudo. Arrependimentos. Tristezas. Escuridão. Frio.

Ele piscou para afastar o pesadelo. Respirou. Deixou a luz branca e dourada abraçá-lo outra vez.

“Segure o braço dele, Uly. Me ajude.”

Pedras frias deslizaram sob suas costas. Desconforto. Dor. Impotência.

Então até mesmo o frio e os sacolejos cessaram. Sem firmeza, ele avançou pelo túnel. Começou a correr. Aquele agora era o seu lugar. Ali, sem dor.

Uma lágrima pingou em seu rosto. Uma mulher disse alguma coisa, mas ele não conseguiu distinguir as palavras.

Tropeçou e caiu. Ficou no chão, aterrorizado, mas o pesadelo não voltou. Ajoelhou-se, ficou em pé. Com o passo seguinte, bateu em... nada.

Estendeu as mãos e sentiu a barreira invisível. Era fria como ferro e lisa como vidro. Do outro lado, o calor aumentava e a luz branca e dourada o chamava. Quem eram aquelas pessoas lá na frente?

Algo o puxava para longe. Sentiu-se torcido. Aos poucos, o recinto entrou em foco – não o recinto onde estava, pois permaneceu indistinto;

parecia cheio de pessoas muito curiosas para vê-lo, mas que ele não conseguia distinguir. A única coisa que estava em foco de verdade eram duas portas e um homem sentado à sua frente em um trono baixo. A porta à sua direita era feita de ouro batido. Uma luz vazava por todas as suas bordas, o mesmo branco dourado e quente que acabara de cercá-lo. A porta à sua esquerda era de madeira, sem ornamentos, com um trinco de ferro simples. O rosto do homem era dominado por reluzentes e lupinos olhos amarelos. Apesar de não ser alto, ele exalava autoridade e potência.

– Que lugar é este? – perguntou Kylar.

Um sorriso cheio de dentes.

– Nem o céu, nem o inferno. Isto aqui é a Antecâmara do Mistério, se quiser chamá-la assim. É o meu reino.

– Quem é você?

– Acaelus achou por bem me chamar de Lobo.

– Acaelus? Durzo, você quer dizer?

– Você está diante de uma escolha. Pode seguir por uma porta ou pela outra. Se escolher a porta dourada, vou liberá-lo de volta para onde estava há pouco e lhe pedirei desculpas por ter interrompido a sua jornada.

– Minha jornada?

– Sua jornada rumo ao céu ou ao inferno, ao esquecimento ou à reencarnação, ou a seja lá o que a morte reserva.

– Você sabe o que a morte reserva? – indagou Kylar.

– Esta é a Antecâmara do Mistério, Azoth. Aqui você não vai encontrar respostas, apenas escolhas. – O Lobo abriu um sorriso sem alegria, predatório. – Pela porta de madeira você voltará para sua vida, para o seu corpo, para a sua época... ou quase. Seu corpo vai levar alguns dias para se curar. Você será de fato o Anjo da Noite, como Acaelus foi antes de você. Seu corpo será imune aos estragos do tempo, como era o de Acaelus... algo que talvez seja preciso envelhecer para saber valorizar. Você também vai passar a se curar a uma velocidade superior à dos mortais. O que chama de seu Talento vai aumentar. Você ainda poderá morrer; a diferença é que irá voltar. Você será uma lenda viva.

Aquilo soava maravilhoso. Bom demais, até. *Eu serei como Acaelus Thorne. Serei como Durzo.* Esse último pensamento o fez parar e refletir. O fardo da imortalidade havia transformado Acaelus Thorne, o príncipe, o herói, em Durzo Blint, o assassino pessimista e amargurado. Lembrou-se do comentário de ironia sobre os Anjos da Noite:

E eu pensando que eles fossem invencíveis.

Eles são imortais. Não é a mesma coisa.

– Por que você faria isso por mim? – indagou.

– Talvez eu não faça nada. Talvez seja tudo obra do ka’kari.

– E qual é o preço?

– Ah, Durzo ensinou direitinho, não foi? – O Lobo adotou uma expressão de quase pesar. – A verdade é que eu não sei. Só posso dizer o que ouvi de pessoas mais esclarecidas do que eu. Segundo elas, retornar da morte é uma violação da ordem natural das coisas e essa vida antinatural cobra como preço a vida após a morte. Que em troca dos setecentos anos que viveu, Acaelus perdeu toda a eternidade. Mas elas talvez estejam erradas. Isso talvez não tenha influência alguma na eternidade... ou talvez não haja eternidade para influenciar. Eu não sou o... homem certo para responder a essa pergunta, pois eu também escolhi essa vida.

Kylar caminhou em direção à porta dourada. Era lindo ali. Ele havia sentido tamanha paz. Que tolo trocaria a paz e a felicidade eternas daquela luz dourada por sangue, tripas, desonra, desespero e duplicidade da vida que tinha vivido?

Quando chegou mais perto, a porta mudou. O ouro derreteu, empoçou no chão em um instante e dele brotaram labaredas infernais ávidas para devorá-lo. Então o fogo sumiu e a porta dourada tornou a aparecer. Kylar lançou um olhar na direção do Lobo.

– A eternidade talvez não seja um lugar agradável para você.

– Foi você quem fez isso?

– Uma simples ilusão. Mas, se você estivesse julgando Kylar Stern, daria a ele o paraíso eterno?

– Minha escolha não é exatamente indiferente para você, é?

– Você agora faz parte do jogo, Anjo da Noite. Sua escolha não é indiferente para ninguém.

Kylar não saberia dizer quanto tempo passou ali. Tudo o que sabia era que, se fizesse a escolha errada, talvez tivesse muito, muito tempo para se arrepender. As fórmulas matemáticas de nada adiantavam; eram cheias de infinitos e zeros. Não havia como saber a que lado da equação iriam conduzir. Não havia aposta segura quando a eternidade estava em jogo. Evitar a eternidade no inferno? Aceitar uma existência terrena eterna, com todas as suas falhas, no lugar de um misericordioso esquecimento? Kylar não tinha a mesma fé do conde Drake em um Deus de amor, tampouco a convicção de Durzo de que tal Deus não existia. Sabia que, fossem quais fossem os critérios usados, tinha feito muita coisa ruim. Sabia que tinha feito algumas coisas boas. Dera a vida por Elene.

Elene. Ela enchia sua mente e seu coração de forma tão plena que chegava a causar dor. Se escolhesse viver, mesmo que ela o aceitasse, iria envelhecer e morrer em uma pequeníssima fração do que seria sua vida. Mas ela provavelmente não o aceitaria, jamais poderia fazê-lo.

Todos esses “se” e “talvez” surgiam e desapareciam em grandes torres de suposições sem fundamento, mas Elene permanecia. Kylar a amava. Sempre a havia amado.

Elene era o risco que ele se dispunha a correr todas as vezes.

Ele tomou sua decisão e correu em direção à porta de madeira. Deu um grito...

...e sentou-se com um pulo.

Elene gritou. Uly gritou. Com grandes inspirações arquejantes, Kylar abriu com um rasgão a túnica empapada de sangue.

Seu peito estava liso, a pele perfeita. Tocou o ombro destruído. Estava inteiro e tão saudável quanto os dedos de sua mão direita. O corpo não exibía uma cicatriz sequer.

Ficou ali sentado, piscando, sem olhar nem mesmo de relance para Uly

ou Elene. As duas o encaravam, petrificadas.

– Eu estou vivo. Estou vivo?

– Sim, Kylar – disse Mama K, entrando no recinto. Sua calma era surreal.

Kylar ficou parado por alguns instantes feito um bobo. Tudo tinha sido real.

– Inacreditável – comentou ele. – Kylar: aquele que mata e aquele que é morto. Durzo sabia desde o início.

Parecendo se inspirar na calma demonstrada por Kylar e Mama K, Uly pelo visto não estranhou o fato de Kylar se sentar e falar apesar de estar morto poucos segundos antes. Já para Elene não estava sendo tão fácil. Ela se levantou abruptamente e andou até a porta.

– Elene, espere – disse ele. – Espere. Só me diga uma coisa.

Ela parou e o encarou, confusa, aterrorizada e esperançosa ao mesmo tempo, com os olhos banhados em lágrimas.

– Quem foi que lhe deu essas cicatrizes? Não pode ter sido Durzo. Foi Rato, certo?

– Você voltou dos mortos para me perguntar isso? É claro que foi Rato!

Ela saiu correndo.

– Espere! Elene, me desculpe!

Ele tentou se mexer, mas parecia ter usado toda a força que tinha para se sentar. Ela havia sumido.

– Espere, por que estou me desculpando?

Uly o encarou com um olhar acusador.

– Você não vai deixar ela ir embora, vai?

Kylar se segurou na borda da cama como se fosse uma boia salva-vidas. Olhou para a menina e ergueu uma das mãos, fraco... mas rapidamente precisou baixá-la para não desabar.

– Como posso impedi-la?

Uly bateu com o pé no chão e se retirou, furiosa.

Mama K estava rindo, mas era uma risada diferente da que ele já havia escutado, mais grave, mais cheia, genuinamente feliz, como se o mesmo ato

de livre-arbítrio que a fizera optar pela vida a tivesse feito deixar de lado o cinismo.

– Eu sei o que está pensando, Kylar. Sim, Durzo mentiu quando disse que tinha machucado Elene. É claro que ele mentiu. Era o único jeito. Você tinha que matá-lo para sucedê-lo. O ka’kari não podia concluir o vínculo a menos que seu mestre anterior morresse.

Os dois ficaram sentados ali, em silêncio, e Kylar pensou em como a morte de Durzo havia transformado por completo a sua vida. Era desconcertante pensar no quanto havia se equivocado em relação ao mestre, considerando-o um homem tão cheio de ódio, chegando a acreditar que Durzo fosse capaz de mutilar a Menina-Boneca. Durzo Blint, a lenda, era Acaelus Thorne, o herói. Perguntou-se quantos outros nomes de herói seu mestre teria usado. Sentiu uma pontada de dor, um vazio na barriga, uma gana de chorar que reprimiu.

– Vou sentir saudades dele – falou, com a garganta contraída.

Os olhos de Mama K exibiam a mesma expressão.

– Eu também. Mas vai ficar tudo bem. Não sei por quê, mas acredito nisso de verdade.

Kylar aquiesceu.

– Então você decidiu viver – falou, piscando para conter as lágrimas. Não queria desabar na frente de Mama K.

– Você também. – Ela arqueou uma das sobrancelhas e, com um mesmo olhar, conseguiu de alguma forma transmitir tanto pesar quanto bom humor. – Ela ama você, Kylar. Arrastou você sozinha lá do castelo. Não quis sair do seu lado de jeito nenhum. Foram os homens de Jarl quem a encontraram. Só quando trouxeram você para cá foi que Uly viu que os seus ferimentos estavam sarando.

– Ela está uma fera comigo.

– É a reação de uma mulher apaixonada. Eu conheço essa raiva.

– Você contou para Uly quem é a mãe dela?

– Não. E não pretendo contar. Não vou criá-la para este mundo.

– Ela precisa de uma família.

– Eu estava torcendo para você e Elene se interessarem por esse serviço.

* * *

A noite caiu sobre a margem leste do rio Plith como uma nuvem sufocante. A cidade havia passado o dia inteiro ardendo em chamas e os ventos noturnos espalhavam o cheiro de queimado por toda parte. As labaredas se refletiam nas águas do rio e nuvens baixas prendiam o ar pesado de cinzas, como um travesseiro apertado contra o rosto de Cenária.

Uma carroça desceu a rua sacolejando; o condutor tinha as costas vergadas e o rosto protegido daquele ar nauseabundo. Ele ultrapassou uma aleijada corcunda com um dos pés torcidos de lado.

– Quer carona? – perguntou, com a voz rascante.

A mulher se virou, nervosa. Também estava com o rosto coberto, mas os olhos eram jovens, embora houvessem sido escurecidos com fuligem.

Ela imaginava que o condutor khalidori fosse gordo e de cabelos escuros. Aquele homem ali tinha os cabelos brancos, era magro feito um varapau, corcunda, e boiava dentro das próprias roupas. Fez que não com a cabeça e virou as costas para ele.

– Elene, por favor? – pediu Kylar com a própria voz.

Ela se encolheu.

– Eu deveria ter medo de você, não é?

– Eu nunca a machucaria.

Por cima dos olhos escurecidos, as sobrancelhas dela se arquearam de incredulidade.

– Bom, eu nunca a machucaria *de verdade*.

– O que está fazendo? – indagou ela, olhando em volta. Não havia mais ninguém na rua.

– Gostaria de levar você para longe daqui – respondeu Kylar, penteando para trás os cabelos descoloridos e sorrindo por baixo da maquiagem. – Você e Uly, as duas. Podemos ir para qualquer lugar. Vou pegá-la em seguida.

– Por que eu, Kylar?

Ele ficou pasmo.

– Sempre foi você. Eu a...

– Não venha dizer que me ama. Como poderia amar isto? – Ela puxou o lenço para baixo com violência e apontou para as cicatrizes. – Como poderia amar uma aberração?

Ele balançou a cabeça.

– Eu não amo suas cicatrizes, Elene. Eu as odeio...

– E nunca vai conseguir ver outra coisa.

– Ainda não acabei de falar – disse ele. – Elene, eu a observo desde que éramos crianças. Por muito tempo, tem razão, não conseguia ver nada a não ser as suas cicatrizes. Não vou enganá-la falando que são lindas. Suas cicatrizes são feias, Elene, mas você, não. A mulher que vejo é incrível. É inteligente, tem uma língua afiada e um coração tão grande que me faz acreditar que as pessoas podem ser boas, apesar de todas as provas em contrário que vi ao longo da vida.

Pôde ver que suas palavras a atingiram. *Ah, Mama K, me diga que aprendi alguma coisa com você.*

– Como pode dizer isso? Você não me conhece!

– Você não continua sendo a Menina-Boneca?

Ela baixou as mãos.

– Continuo, mas não acho que você continue sendo Azoth.

– Não – reconheceu ele. – Não mais. Eu não sei quem sou. Neste momento, só sei que não sou meu mestre nem vou viver como ele viveu.

Foi como se a esperança se esvaísse de dentro de Elene.

– Kylar... – disse ela, e ele percebeu que a escolha de nome tinha sido proposital. – Serei grata a você para sempre. Mas nós dois seríamos um desastre. Você me destruiria.

– Que história é essa?

– Mama K falou que o seu mestre interceptou todas as minhas cartas.

– Sim, mas eu passei uma tarde inteira recuperando o atraso.

Ela sorriu com tristeza.

– E ainda não entendeu?

Será que as mulheres alguma vez na vida dizem coisa com coisa? Ele fez que não com a cabeça.

– Quando éramos crianças, era você quem me protegia, quem cuidava de mim. Foi você quem me mandou morar com uma família de verdade. Eu queria ficar com você para sempre. Aí, quando fiquei mais velha, você virou meu benfeitor, alguém que me tornava especial. Era o meu jovem nobre secreto, a quem eu amava com tanto desespero e tolice. Você era o meu Kylar, meu nobre arruinado sobre o qual as moças da família Drake contavam histórias. Então você foi aquele que me salvou da prisão.

Ele ficou calado por muito tempo.

– Você diz isso como se fossem coisas ruins.

– Ah, Kylar... O que vai acontecer com a garota boba quando ficar claro que não sou boa o suficiente para o homem que amei durante a vida toda?

– Você não é boa o suficiente?

– Isso é um conto de fadas, Kylar. Eu não mereço algo assim. Alguma coisa vai acontecer. Você vai achar uma mulher mais bonita ou vai se cansar de mim, aí vai me abandonar e eu nunca vou me recuperar, porque o único tipo de amor que tenho para oferecer é burro, cego e tão profundo e potente que sinto que meu peito vai explodir só de carregá-lo. Eu não posso simplesmente me entregar e ir para a cama com você, porque você vai pular de lá rapidinho e tocar sua vida. Eu nunca vou conseguir fazer isso.

– Eu não estou pedindo para você ir para a cama comigo.

– Quer dizer que eu sou feia demais para...

Que droga, ele não conseguia acertar uma.

– Chega! – rugiu e a emoção transpareceu tão de repente na sua voz que ela se calou, chocada. – Elene, eu acho você a mulher mais linda que já vi. E a mais pura. E a melhor. Mas não estou pedindo para trepar!

A consternação transpareceu em seus traços, mas ficou claro que a moça não gostava que gritassem com ela.

– Elene – disse ele baixinho. – Sinto muito ter gritado. Sinto muito ter batido em você... mesmo que tenha sido para salvá-la. Nos últimos dias, por

duas vezes pensei que estivesse morrendo... e talvez tenha morrido mesmo, não sei. O que sei é que, quando pensava estar morrendo, meu arrependimento era você. Não por causa das cicatrizes. Eu me arrependia de não ter me tornado o tipo de homem com quem você pudesse ficar. Que não seria *justo* eu ficar com você, mesmo você me querendo. Elene, as nossas vidas começaram na mesma latrina, mas de alguma forma você virou você e eu virei isto. Não gosto do que fiz. Não gosto de quem me tornei. Você não merece um conto de fadas? Pois eu também não mereço outra chance, mas ainda assim estou pedindo uma. Você tem medo de o amor ser arriscado demais? Eu já vi o que acontece quando não se arrisca. Mama K e meu mestre se amavam, mas ficaram com medo de se arriscar e isso os destruiu. Seja qual for a opção que escolhermos, é sempre um risco. Estou disposto a ver o mundo pelos seus olhos. Quero conhecer você. Quero ser digno. Quero me olhar no espelho e gostar de quem vejo. Não sei o que vai acontecer agora, mas sei que quero enfrentar o que vier ao seu lado. Não estou pedindo para trepar com você. Mas talvez algum dia eu conquiste o direito de pedir algo mais permanente.

Ele se virou e encará-la foi mais difícil do que enfrentar trinta montanheses. Estendeu a mão.

– Elene, por favor. Você vem comigo?

Ela o encarou com uma careta zangada, então olhou para o outro lado. Tinha os olhos brilhantes de lágrimas, mas talvez fosse por causa das cinzas que pairavam no ar. Piscou rapidamente antes de erguê-los para ele outra vez. Passou vários instantes examinando o seu rosto. Kylar sustentou aquele olhar castanho. Tinha evitado-o tantas vezes, com medo de ela ver quem ele realmente era. Tinha virado as costas, com medo de Elene não suportar a visão da sua imundície. Mas nesse instante sustentou seu olhar. Abriu-se para o seu olhar. Não escondeu seu lado escuro. Não escondeu seu amor. Deixou que o olhar dela o penetrasse até a alma.

Para seu assombro, os olhos dela se encheram de algo mais suave do que a justiça, mais caloroso do que a piedade.

– Estou com tanto medo, Kylar...

- Eu também.
E ela lhe deu a mão.



Sobre o autor

© Travis Johnson



Nascido e criado em Montana, Brent Weeks escrevia suas ideias em guardanapos de bar e no seu caderno de professor. Muitos anos e milhares de páginas depois, embarcou na carreira de seus sonhos. *Caminho das sombras* é a sua estreia literária. Atualmente mora no Oregon com a esposa, Kristi, e a filha.

www.brentweeks.com

CONHEÇA OS PRÓXIMOS TÍTULOS DA SÉRIE

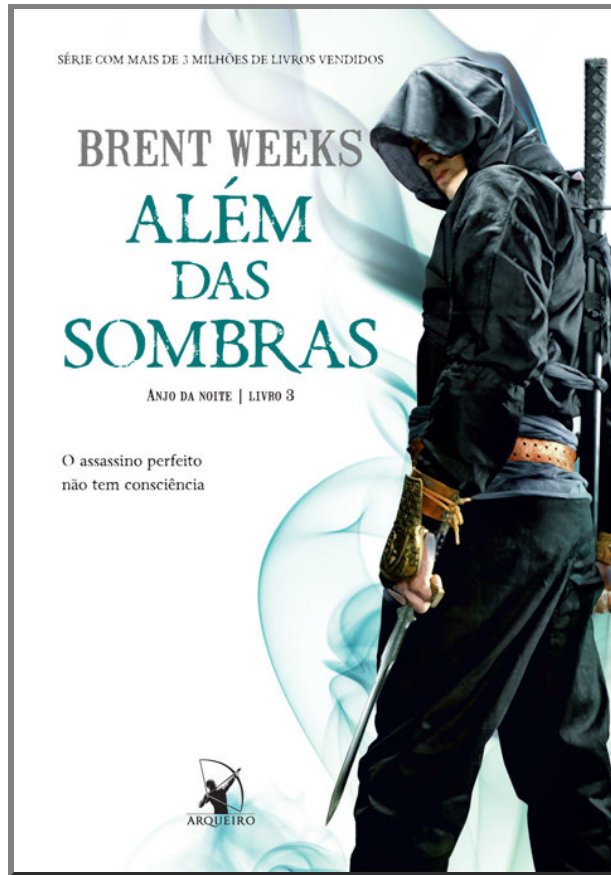


SÉRIE COM MAIS DE 3 MILHÕES DE LIVROS VENDIDOS

BRENT WEEKS
ALÉM
DAS
SOMBRAS

ANJO DA NOITE | LIVRO 3

O assassino perfeito
não tem consciência



INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro



skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro

Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia

04551-060 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818

E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

Sumário

Créditos

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

31

[32](#)

[33](#)

[34](#)

[35](#)

[36](#)

[37](#)

[38](#)

[39](#)

[40](#)

[41](#)

[42](#)

[43](#)

[44](#)

[45](#)

[46](#)

[47](#)

[48](#)

[49](#)

[50](#)

[51](#)

[52](#)

[53](#)

[54](#)

[55](#)

[56](#)

[57](#)

[58](#)

[59](#)

[60](#)

[61](#)

[62](#)

[63](#)

[64](#)

[65](#)

[66](#)

[Epílogo](#)

[Sobre o autor](#)

[Conheça os próximos títulos da série](#)

[Informações sobre a Arqueiro](#)